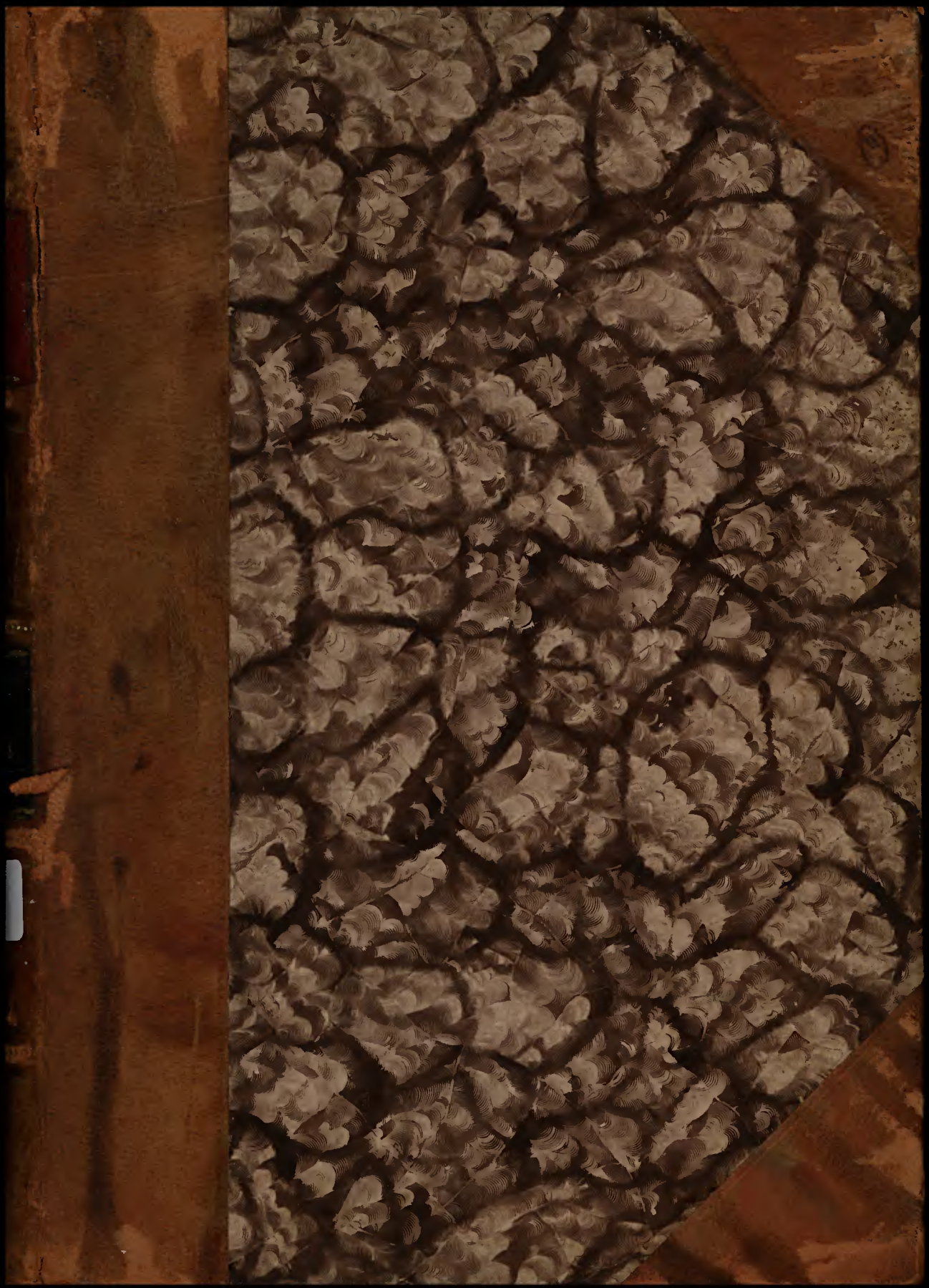
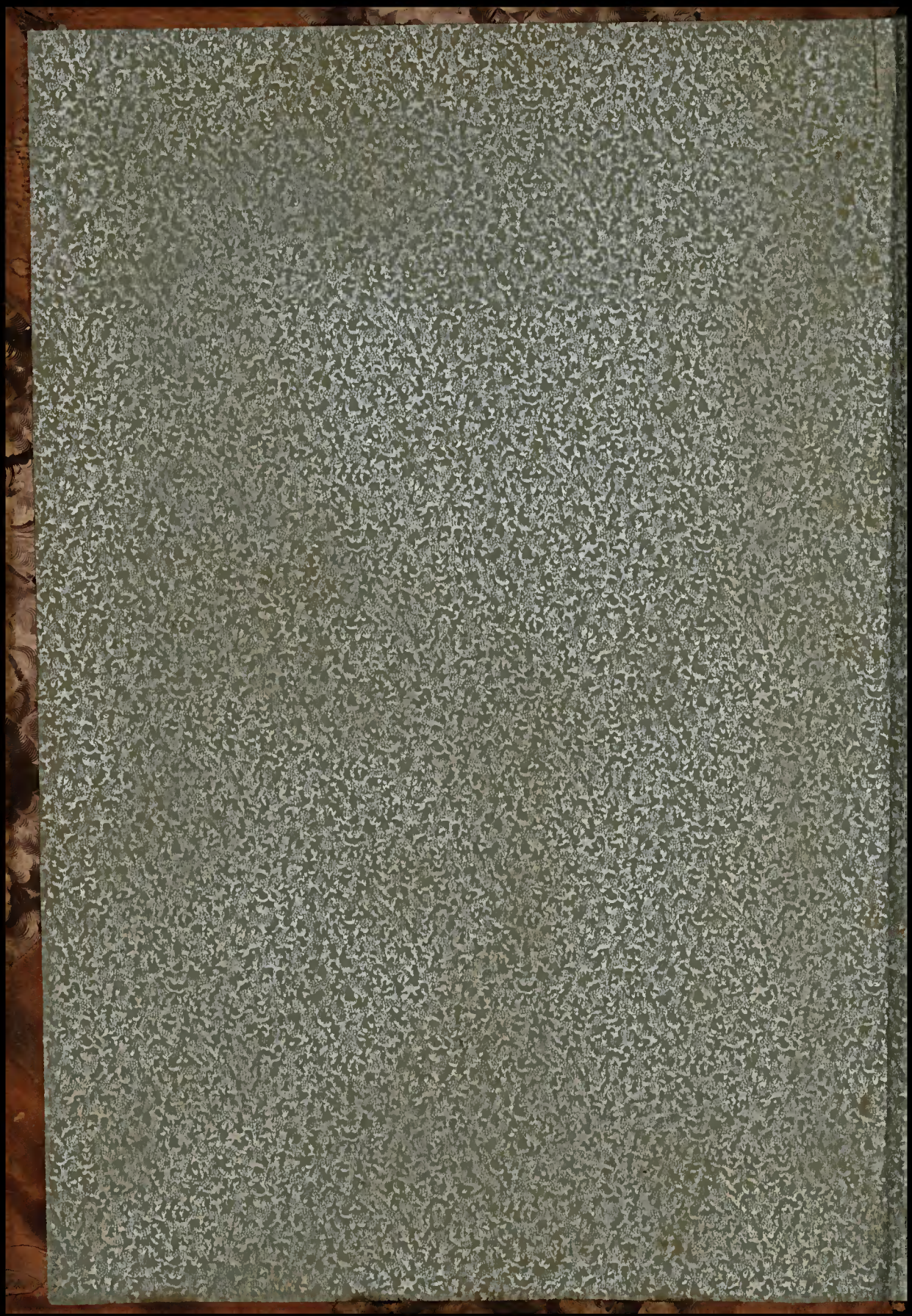
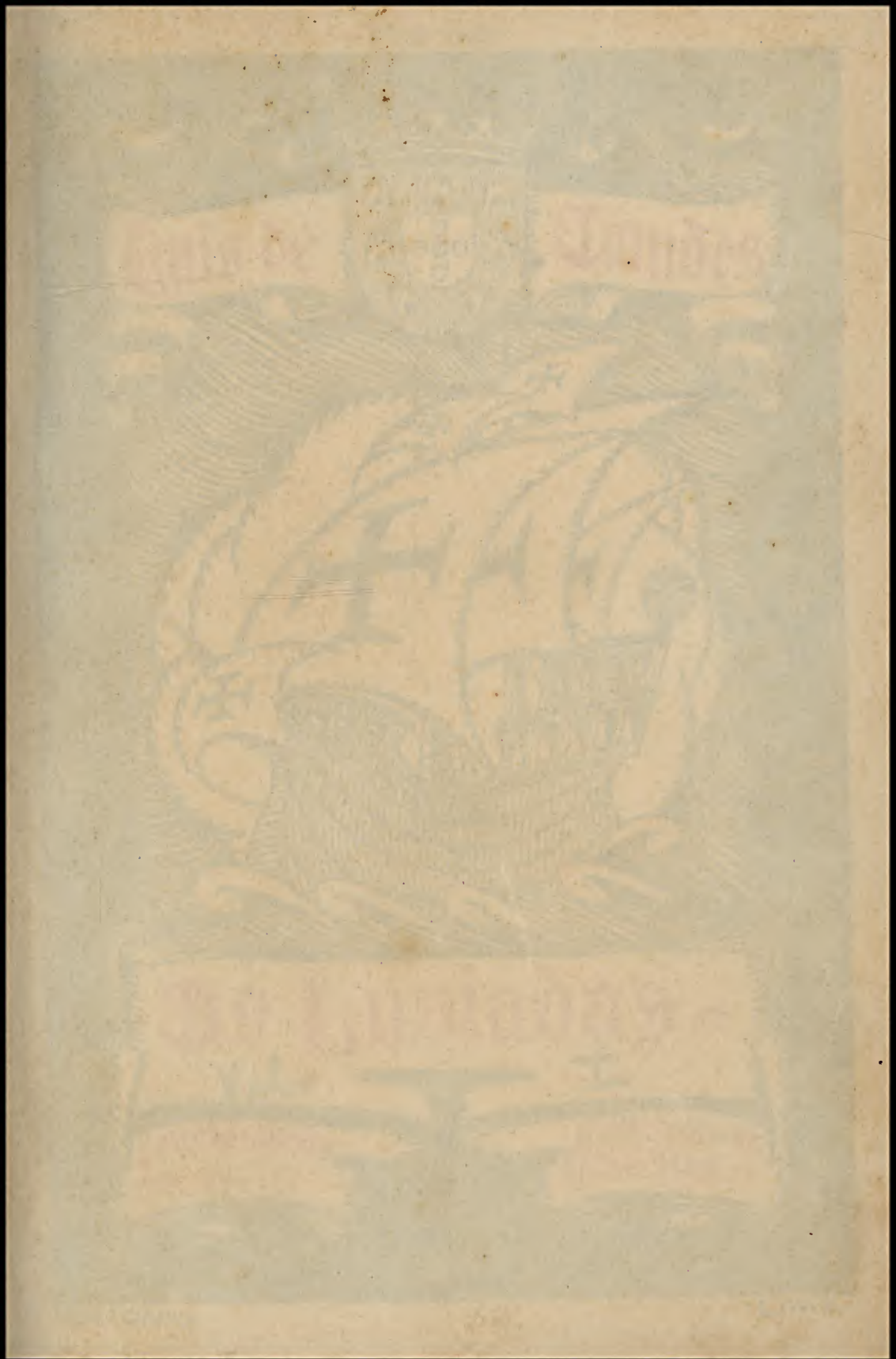
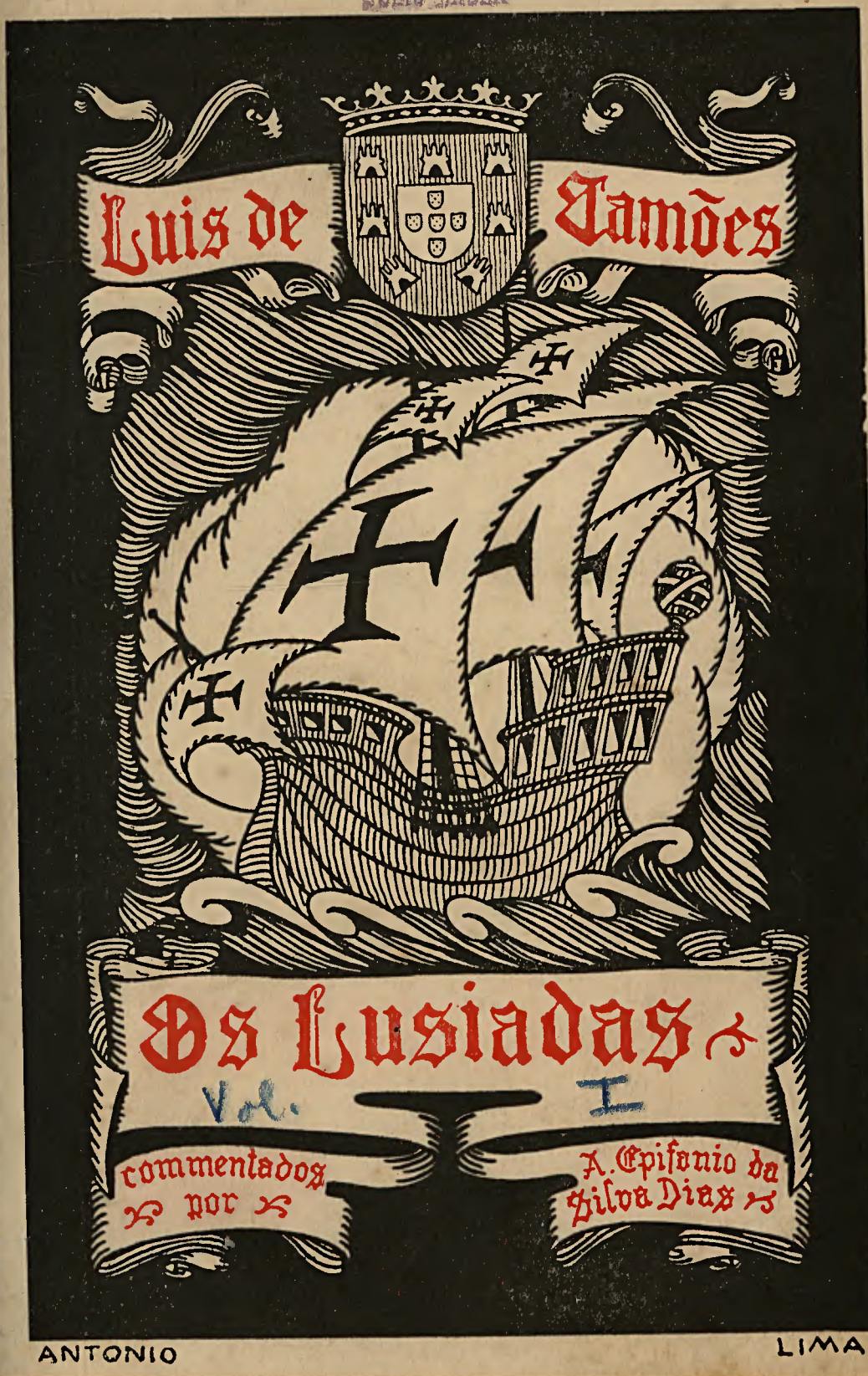






LUCIO BAUER


Luis de Camões
Os Lusiadas
Vol. I
commentados por
A. Epifanio da Silva Dias
ANTONIO
LIMA

AUGUSTO HAUSER

OS LUSIADAS

Composto e impresso na TYP. PROGRESSO
de Domingos Augusto da Silva
Rua Dr. Souza Viterbo, 91 — PORTO

OBRAS

DE

AUGUSTO EPIPHANIO DA SILVA DIAS

(Edição da COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA)

Cartas Selectas de Cicero, annotadas. 1 vol. 300

Exercicios gregos, 1 vol. 400

Grammatica Francesa, (de collaboração com J. E. von Hafe) 9.ª edição melhorada. 1 vol. 600

Trechos para versões de português para latim, 1 vol. . 200

Obras de Christovão Falcão (edição critica). 1 vol. 500

OS LUSIADAS

DE

LUIS DE CAMÕES

COMMENTADOS

POR

AUGUSTO EPIPHANIO DA SILVA DIAS

Segunda edição melhorada

TOMO I

JULIO HAUER

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

—

PORTO — 1916

Á MEMORIA

DO

Dr. Eduardo Alves de Sá

consagra este trabalho

Augusto Epiphanio da Silva Dias.

A' sombra da reforma da Instrucção secundaria, ordenada por decreto dictatorial de 27 de Dezembro de 1894, e do respectivo regulamento geral, deram-se factos estranhos, que foram assumpto de varios opusculos e de muitos artigos da imprensa periodica [1]. Entre estes artigos avulta um, que, baseado em informações minhas, publicou o *Paiz* em 8 de Novembro de 1896. Em consequencia da queixa apresentada em juizo pelo então Director geral da Instrucção publica, o conselheiro José de Azevedo Castello Branco, a quem o artigo se referia, fui chamado a responder em um processo

---

[1] Vid. em particular: *O Paiz*, n.os 352 a 362, 364 a 370, 382 a 384, 404, 405, 494; *A Lanterna*, n.º 97; *Os livros escolares* de M. Borges Grainha.

de policia correccional. Por sollicitação do, já fallecido, jornalista Antonio Alves Corrêa, encarregou-se da minha defesa o Dr. Eduardo Alves de Sá, que tambem já não pertence ao numero dos vivos. Havendo o Tribunal da Relação de Lisboa negado provimento no aggravo interposto [1], o illustre advogado no ultimo dia do julgamento proferiu um discurso tão extraordinario pelo rigor logico e pelo fulgor da eloquencia, que por fim a sentença que me condemnou, com suspensão da pena, no dizer do *Jornal do Commercio*—gazeta de modo algum desaffecta ao conselheiro—, nas circumstan-

---

[1] A *Petição do aggravante* foi publicada em 1897 na Typographia de Lucas na Rua do Diario de Noticias.

cias occorrentes, equivaleu moralmente a uma absolvição para o réo e a uma condemnação para a parte [1].

Para testemunhar publicamente a minha gratidão ao Dr. Alves de Sá, que demais não acceitou remuneração alguma, resolvi emprehender desde logo um trabalho litterario e dedicar-lh'o. Tal foi a origem da presente publicação.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1908.

Augusto Epiphanio da Silva Dias.

---

[1] Artigo de fundo do numero de 23 de Dezembro de 1897.

INTRODUCÇÃO

I

O descobrimento do caminho maritimo para a India pelo cabo de Boa Esperança, seguido da fundação do imperio português do Oriente, foi tão estrondoso feito, que desde logo, pela voz de poetas e prosadores, começou a ser manifestado o vivo desejo de que surgisse quem pudesse celebrá-lo condignamente em um poema heroico. Tomando sobre si satisfazer a estes votos, Luís de Camões concebeu plano bem mais vasto: propôs-se cantar não só o feito que assegurou aos Portugueses lugar preeminente na Historia Universal, senão tambem as glorias bellicas e maritimas de que se aureolaram no assombroso engrandecimento do tão exiguo Estado primordial, e conseguintemente na dilatação do Christianismo.

Pondo em effeito o intento de cantar

> O peito illustre Lusitano,
> A quem Neptuno e Marte obedecêrão,

Camões não quis deixar-nos uma serie chronologica de quadros historicos, qual é o poema de Silio Italico, senão uma epopeia, moldada na *Eneida*, em que houvesse unidade de

acção. E de facto tambem o poema de Vergilio, se olharmos á proposição contida nos sete primeiros versos, tem por assumpto a vinda de Eneas para a Italia a fim de lançar os alicerces do futuro imperio de Roma; na realidade porêm é um monumento erguido ás glorias do povo romano. Ora a magna empresa dos Portugueses, o descobrimento do novo caminho para a India, foi realizada por uma serie de expedições que occuparam quasi um secùlo. Tomou pois Camões muito naturalmente para acção do poema aquella expedição que levou emfim os Portugueses ao porto de Calecut [1]. Assentado este ponto era necessario descobrir artificio por meio do qual pudessem ser memorados os feitos portugueses anteriores e posteriores á expedição de Vasco da Gama. E aqui veiu a *Eneida* em auxilio do Poeta. Na epopeia vergiliana Eneas, arrojado por uma tempestade ás costas do norte de Africa, refere á rainha Dido os successos dos ultimos dias de Troia e as aventuras por que elle passou desde que sahiu da terra patria até chegar ás praias onde surgia Carthago (*En.* II e III); depois, descendo ao reino das Sombras trava conhecimento por meio de Anchises com os principaes heroes da historia romana (VI 752-888), e, já antes, Jupiter, *volvens fatorum arcana*, revelára a Venus os brilhantes destinos reservados ao povo querido da deosa (I 257-296). Nos *Lusiadas*, Vasco da Gama, aportando a Melinde, desenrola aos olhos do xeque o grande quadro da historia de Portugal (cantos III, IV e V), quadro ampliado por Paulo da Gama, quando explica ao Catual as pinturas historicas das bandeiras da náo almirante (VIII 1-38); depois, de volta para a patria, é levado a uma ilha phantastica, onde uma deosa propheticamente lhe dá noticia das grandes

---

[1] Negar que Vasco da Gama, «aquelle.. que para si de Eneas toma a fama» (I 12), é o heroe dos *Lusiadas*, e fallar de um «heroe collectivo», é fingir desconhecer o valor technico do termo «heroe» e cerrar os olhos á evidencia.

façanhas com que de futuro se haviam de illustrar os heroes portugueses (x); e tambem já anteriormente o rei dos deoses, «dos fados as entranhas revolvendo», revelára a Venus as glorias que aguardavam «a gente Lusitana» (II 44-55).

Na sequencia de viagens que, durante quasi um seculo, levaram ao cabo o descobrimento do novo caminho para a India, a penultima, a de Bartholomeu Dias, assignala o momento critico. As expedições até então realizadas, embora dirigidas methodicamente, haviam sido um tanto aventurosas. Não existia a plena certeza de que circumdando a Africa pelo sul se pudesse entrar no Oceano Indico. Segundo Ptolemeu, o mar das Indias era um mar interior, ao sul do qual o continente africano se continuava com o asiatico extendendo-se para o pólo austral com terras inteiramente desconhecidas. Volvendo ao nascente do cabo de Boa Esperança e chegando até o rio do Infante (um pouco alêm do moderno *Port Alfred*), Bartholomeu Dias reconheceu não só que a Africa não se prolongava mais para o sul, senão tambem que a costa virava ao nordeste. Assentava portanto desde já em base solida a esperança de que continuando a navegar-se na direcção tomada agora pela costa africana se entraria no mar que lança para o norte o golfo Arabico e o golfo Persico [1]. Como navegador, Vasco da Gama não é

---

1 «Nam sem muita razam se pôs nome a este promontorio "cabo de Boa Esperança", por que Bartholomeu Diaz, que o descobrio por mandado d'el-Rey Dom Joham que Deos tem, no anno de nosso senhor de mil quatrocentos e oitenta e oito annos, veendo que esta costa e ribeira do mar voltava d'aly em diante ao norte e ao nordeste, cuja roota fazia caminho da Ethiopia sob-Egypto e d'aly pera ho sino Harabico, onde se mostraua e se esperaua auer-se de descobrir ha India, por esta causa lhe pôs nome "cabo de Boa Esperança"» (*Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pereira, III 7, pag. 142 da minha edição). «..aquelle grande e notauel cabo, encuberto per tantas centenas de annos: como aquelle que quando se mostrasse não descobria somente assi [= a si], mas a outro novo mundo de terras» (Barros, *Asia* I 3, 4).

de modo algum mais de admirar que Bartholomeu Dias. Com melhores navios, do rio do Infante para alêm, ao longo da costa, não tinha razão para recear que a navegação encontrasse impedimentos [1]; «do rio dos Bons Sinaes, ou Quilimane, em diante a viagem foi-lhe tão facil e isenta de incertezas, como se navegasse no Mediterraneo» [2]; em Melinde obteve piloto que o levou directamente a Calecut. Mas, de feito, o almirante da frota que largou do porto de Lisboa em 1497, foi o feliz português que, rodeando a Africa, primeiro ferrou um porto da India, e não é só na guerra que «do fim tomão nome as empresas».

Tendo Vasco da Gama seguido mais uma vez toda a rota já percorrida pelos seus antecessores, a especie de illusão visual que concentra no ultimo navegador os esforços e canseiras de todos os que o precederam, foi habilmente aproveitada por Camões para, sem propriamente dar quebra na verdade, avultar as proporções do heroe do poema. A este fim toca muito de leve os feitos anteriores á ultima expedição, e comquanto perfeitamente conscio da importancia capital que teve o dobrar-se o cabo Tormentoso — pois que tal facto lhe inspirou a concepção mais grandiosa dos *Lusiadas*, a do gigante Adamastor —, deixa absolutamente por nomear aquelle que primeiro o vingou, Bartholomeu Dias. Assim que o Poeta, aliás tão amigo das cousas justas, sacrificou a justiça ás necessidades estheticas impostas pelo plano que delineara, e mercê do grande genio, a gloria do colossal emprehendimento ficou para sempre vinculada ao nome do heroe da expedição de 1497.

---

[1] V. Theal, *The Portuguese in South Africa*, pag. 9.

[2] From the Kilimane his voyage was as easy and as free from uncertainty as if he had been in the Mediterranean (Theal, obra citada, pag. 93).

*

* *

Querer determinar o momento em que na mentc de Camões surgiu a ideia de consagrar o seu genio á erecção do monumento que havia de eternizar a gloria de Portugal, é deixar-se levar de phantasias que ficam bem em um romance, mas destoam da gravidade da historia. Tambem não póde definir-se ao certo, quando foi que o Poeta deu principio á obra [1]. Depois, traçado o plano da epopeia, que é singello, Camões podia ir elaborando pela ordem que mais lhe conviesse, cada uma das partes maiores do Poema; assim comprehende-se, por exemplo, que de principio se occupasse com o quadro da historia portuguesa contido nas cantos III e IV. As affirmações principaes que relativamentc a datas da elaboração do Poema podem fazer-se com segurança, são as seguintes:

a) A dedicatoria a D. Sebastião (I 6-18) foi composta durante a minoridade d'este principc, minoridade quc durou até 20 de Janeiro de 1568, havendo D. João III fallecido em Junho de 1557 (v. em particular I 18, 1-2).

b) A narração da viagem de Vasco da Gama, no seu conjuncto (I 19—II, IV 66—IX 16), foi escripta depois da publicação da *Historia* de Castanheda, cujo primeiro livro é

---

[1] Do lugar da ecloga IV, dedicado a uma dama, «Podeis fazer que creça de hora em hora | O nome Lusitano e faça enveja | A Esmyrna que de Homero se engrandece», Storck pensa que pode inferir-se «que o grande trabalho ia crescendo e prosperando» (*Vida e obras de Luis de Camões*, § 170, trad. de D. Carolina M. de Vasconcellos). Semelhante interpretação é forçada. A expressão «crescer de hora em hora» é reminiscencia da phrase vergiliana *cujus amor.. mihi crescit in horas* (*Bucol.* x 73), e Camões quer dizer, que favorecido pela Dama poderá sahir com a sua obra, que ha-de propagar cada vez mais, com o dobar dos seculos, a gloria do nome lusitano.

de 1551, e da primeira decada da *Asia* de João de Barros, que é de 1552.

c) A descripção geographica de x 93-137 foi feita em parte depois da publicação, em 1553, da segunda decada da *Asia*, e em parte (v. em especial as est. 126 e 127) depois da publicação, em 1563, da terceira decada da *Asia*.

d) No inverno de 1569 para 1570 estava Camões em Moçambique limando o seu poema, segundo o testemunho de Diogo do Couto na oitava decada [1] (Camões chegou a Lisboa em 1570).

e) O alvará regio que permitte a impressão do Poema com privilegio, é datado de 24 de Setembro de 1571.

*

* *

Camões affirma nos *Lusiadas* com insistencia [2] que para assombrar o mundo com as glorias dos Portugueses só ha mister recorrer á verdade da historia. E de facto em todo o Poema, Camões, no que é essencial, segue fielmente a historia — é bem de ver, como ella era comprehendida no seu tempo e no seu país, passando ás vezes por factos authenticos o que eram puras lendas —. A disposição que dou ao Commentario, patenteará este proposito do Poeta. E' tambem este proposito o que nos explica algumas singularidades da grande epopeia. Comquanto haja de declarar-se

---

1 «Em Moçambique achamos aquelle Principe dos Poetas de seu tempo .. Luiz de Camoens, tão pobre que comia de amigos.. e aquelle inverno que esteve em Moçambique, acabou de aperfeiçoar as suas Luziadas pera as imprimir» (1 26). (Esta decada foi publicada postuma, em 1673).

2 V. I 11, v 89.

desmarcadamente exaggerado o asserto de Antonio Feliciano de Castilho, espirito amigo do paradoxo, de que «nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos» [1], é comtudo innegavel que os hendecasyllabos menos perfeitos são comparativamente em bem maior numero nos *Lusiadas* do que em outras poesias de Camões, e outrosim, que se de quando em quando na epopeia a oração vae empeçada, de maravilha se nota semelhante senão nas demais composições do Poeta. E' que na epopeia o estro de Camões, longe de voar livremente, se achava acorrentado pela necessidade de não se apartar, no substancial, das narrativas historicas.

O maravilhoso, que o Poeta vae buscar ás lendas do paganismo, como fazem os poetas da Renascença, até em obras de assumpto religioso, por exemplo Sannazzaro, não se entrança inconfundivelmente na ordidura do poema. Para citar um caso, Vasco da Gama nos perigos invoca o Deos dos christãos (VI 81-83), vindo porêm depois em seu soccorro uma divindade pagã. Muito propositadamente deixa ver que as ficções não passam de artificios poeticos «pera fazer versos deleitosos» (X 82), não querendo que ellas escureçam a verdade da historia.

Dominado por esta ideia, de que a ficção é apenas para satisfazer as exigencias da poetica, mais de uma vez o Poeta se esquece de que não é elle propriamente o que está fallando, e, em casos, de modo bem estranho, como quando no canto X (119) Tethys invectiva os membros do clero que não saem a prègar a palavra divina.

---

1 *Conversação preambular* do *D. Jayme* de Thomás Ribeiro, pag. XLVII da ed. de 1862.

*

* *

Camões, da mesma maneira que os espiritos mais cultos da Renascença, possuia vastissima instrucção humanistica. Era muito versado na litteratura latina antiga, nos seus differentes periodos [1], e da lingoa de Vergilio assenhoreou-se a tal ponto, que ás vezes a phrase portuguesa nos *Lusiadas*, por nimiamente conforme ao typo latino, perde um tanto a limpidez [2]. Da litteratura grega naturalmente ha-de entender-se que fosse bom conhecedor, pelo menos por meio de traducções; mas neste particular não ha indicios claros, senão quanto a Homero e porventura Plutarcho. Bastantes passos das suas obras dão testemunho de que tambem o cativava a leitura da Biblia; attente-se particularmente na formosissima paraphrase do psalmo *Super flumina Babylonis*, as redondilhas «Sobolos rios..» Das litteraturas modernas eram-lhe familiarissimas a castelhana e a italiana, e d'esta ultima conhecia não só os representantes mais illustres, mas até poetas de ordem inferior, taes como Antonio Minturno [3]. As leituras latinas do nosso Poeta abrangiam tambem escriptores

---

1 Storck põe tambem Aulo Gellio entre os escriptores lidos por Camões; attenta porêm a natureza das *Noites atticas*, não me parece provavel que o Poeta as lesse. Do texto d'esta obra, cujo conhecimento suppõe o que se diz na est. 87 do canto v dos *Lusiadas*, podia Camões ter noticia indirectamente (v. o commentario àquelle lugar). O Dr. José Maria Rodrigues (*O Instituto*, 1905) pensa não haver elementos para se julgar que o Poeta conhecesse directamente Pomponio Mela. E' para mim da maxima improbabilidade, que o pequeno volume *De situ orbis* só fosse conhecido por intermedio de citações alheias por um litterato apaixonado da geographia, e que, á semelhança de Apollonio de Rhodes, derrama a flux no seu poema as noticias geographicas.

2 V. nomeadamente II 54. Latinismos de syntaxe e de estilo, que são numerosissimos, encontram-se, por exemplo, em I 8, 5; 33, 7-8; VI 83, 3-4.

3 Um litterato nosso attribue gratuitamente a Camões o conhecimento do inglês (Edição dos *Lusiadas* do *Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*, pag. XL).

modernos, nomeadamente, d'entre os portuguescs André de Rèsende, d'entre os italianos Sannazzaro.

Este conhecimento da litteratura latina antiga e moderna, e ainda da litteratura grega, ajudado já pela leitura dos poetas estrangeiros, em particular de Petrarca, autor favorito de Camões e tão exuberante de erudição, já pelo manuseamento de livros auxiliares do estudo da litteratura classica — por exemplo, as *Genealogiae* de Boccaccio, o *Dictionarium poëticum* de Tormentino, a *Officina* de Ravisio Textor, os *Lectionum antiquarum libri triginta* de Celio Rhodigino — e de obras de historia geral, explica o amplo saber do autor dos *Lusiadas* em mythologia e historia antiga.

Para a historia geral dos tempos posteriores á queda do imperio romano occidental valeu-se Camões dos trabalhos de vulgarização que já no seu tempo existiam, taes como: a *Historia rerum ubique gestarum* de Eneas Silvio, o *Catalogus annorum et principum* de Valerio Ryd,. que chega até 1540, o *De vitis ac gestis summorum pontificum* de Plátina, as *Rhapsodiae* de Sabellico, os *Commentariorum libri* de Rafael Maffei de Volaterra, as *Historie del mondo* de Tarchagnota.

A historia patria estudou-a, em geral, já nas chronicas, que no seu tempo corriam manuscriptas, de Duarte Galvão, Rui de Pina e Fernão Lopes, já nas obras de Castanheda e João de Barros.

Da geographia, nas suas differentes partes, e das narrativas de viagens foi estudiosissimo. Os conhecimentos cosmographicos hauriu-os principalmente, creio eu, na encyclopedia que tem por titulo *Margarita philosophica*. Do que digo no commentario a x 86, parece-me que tem de concluir-se, que consultou o *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes. Das obras relativas a viagens ha-de citar-se a *Raccolta* de Ramusio.

A especulação metaphysica não parece ter attrahido o espirito de Camões; contentou-se com simplesmente acceitar as soluções ensinadas na Doutrina Christã [1].

---

1 Storck aventa a hypothese de que o Poeta assistisse em Coimbra

Ultrapassando os limites do bom senso, alguns homens de sciencia, desejosos de exaltar Camões pela universalidade do seu saber, tem tentado nos ultimos tempos fazer acreditar que são assombrosos os conhecimentos do Poeta em botanica e zoologia, como se fosse para elle pequena gloria ser não só o nosso primeiro epico, senão tambem o primeiro lyrico do seu tempo [1]. O meu commentario ha-de mostrar que, afóra alguma observação avulsa — que attesta a curiosidade de que o espirito de Camões era dotado com respeito ás cousas da Natureza [2] —, os seus conhecimentos naquelles ramos do saber são de origem litteraria.

ás aulas de theologia, julgando tal hypothese favorecida tambem pelos «intimos conhecimentos de dogmatica e moral christã», que elle mostra nas suas obras (*Vida e Obras de L. de Cam.*, pag. 228). Ha nesta parte grande exaggero no biographo allemão. O saber de Camões àquelle respeito não transcende o que no seu tempo era normal em um christão de grande cultura intellectual.

1 A cegueira originada por esta especie de monomania chega ao ponto de o autor do trabalho «*A fauna dos Lusiadas*» commentando os versos:

> Quaes pera a cova as próvidas formigas
> Levando o peso grande acommodado
> As forças exercitão, de inimigas
> Do inimigo inverno congelado (II 23),

escrever «Longe de crêr talvez n'um erro ainda hoje corrente entre pessoas medianamente instruidas, que teem como sciencia de lei que as formigas levam para as suas habitações os grãos dos cereaes para se alimentarem com elles durante o inverno, o Poeta parece ter o presentimento de que isto não é exacto, revelando um facto de presciencia tantas vezes assignalado em individuos geniaes. Como que fugindo á inexactidão, que só muito tarde o estudo biologico das formigas desfez, allude ao facto conhecido do transporte dos *pesos grandes*, e que parecem em desproporção com as forças de que devem dispôr estes animaes, mas sem que precise qual o fim a que ellas destinam o que transportam» (Separ. do *Jorn. de sc. math., phys. e nat.*, VII n.º 26 pag. 31). O snr. Balthazar Osorio não attenta em que o epitheto tradicional, «próvidas» (v. Otto, *Die Sprichwörter der Römer*), dado pelo Poeta ás formigas, implica precisamente aquella crença.

2 V. em particular a est. 21 do canto V e o commentario.

II

Não tem faltado quem pense que a propria edição dos *Lusiadas* publicada pelo autor padeceu suppressões e alterações devidas, superfluo será dizê-lo, á Inquisição [1]. Phantasias vãs! Para poder entrar no prelo, de conformidade com as instituições então vigentes, o poema tinha de ser submettido á censura do Santo Officio. O inquisidor encarregado de dar o parecer, Frei Bartholomeu Ferreira, foi absolutamente favoravel á obra, declarando não ter achado nella cousa alguma escandalosa nem contraria á fé e bons costumes, e só observou àcerca do maravilhoso do poema, que se ha-de entender «que todos os deoses dos gentios são demonios» (*omnes dii gentium daemonia* Ps. 95, 5). Pelo contrario o parecer dado pelo mesmo padre — que se viu forçado a fazer então penitencia publica pela sua anterior tolerancia — para ser permittida a impressão de 1584, em que o texto foi tão estranhamente amputado e alterado, declara que o «livro assi emmendado como agora vay, não contem cousa contra a fee, e bõs costumes e pode se imprimir». Não ha-de conseguintemente entrar em duvida, que, tirando os erros typographicos e divergencias nas graphias, que os com-

---

1 Gomes de Amorim (*Os Lusiadas*, I pag. 413) declara concordar «absolutamente» com J. M. da Costa e Silva, para quem os *Lusiadas* foram mutilados no fim do canto III, o qual «não acabava, como está, mas com um quadro do reinado d'el-rei D. Fernando, em que se referia como sua esposa o atraiçoou com o conde João Fernandes Andeiro, como estes amores, conhecidos de todos, escandalisaram a todos e tornando-se mais evidentes depois da morte d'el-rei, produziram o furor do povo, o odio dos fidalgos, que invejavam a fortuna, e valimento do conde, a sua morte, e as desordens que se seguiram» (*Ensaio biographico*, III pag. 108). O que tem graça, é que alguns criticos contemporaneos de Faria e Sousa «dizen que este poema merece ser quemado, porque.. procurando exaltar los Principes, Heroes, i actos Portugueses, haze patentes sus defectos; i texe al Rey Don Fernando una corona de cuernos, i otra de oprobios, a la Reyna sua muger» (commentario a IV 4).

positores criam — como ainda hoje pensam editores e compositores — depender do seu arbitrio, a obra sahiu á luz em 1572 conforme ao manuscripto original. Camões effectivamente não podia ter intenção de contrariar as crenças catholicas, e singularmente enganado andará quem suppuser que em materia religiosa será licito comparar o Poeta sequer a Damião de Goes. Camões tambem viajou, é verdade — e as suas viagens foram parte para elle descrever os phenomenos da Natureza com a exacção e colorido que todos admiramos —; mas os paises por elle visitados, o Oriente — desnecessario é fallar do norte de Africa — não podiam, nem religiosa nem politicamente, exercer no seu animo influencia alguma libertadora. O nosso epico era catholico sem restricção, e se longe de fazer coro com os seus contemporaneos, o medico Lopo Serrão e o legista Diogo de Teive, que exaltam D. João III por ter estabelecido a Inquisição em Portugal [1], guarda, neste particular, significativo silencio, é que, alma fundamentalmente terna e meiga [2], toda a crueldade lhe repugnava. Por outra parte, por isso mesmo que a sua piedade era de todo o ponto sincera, não podia ver com bons olhos, que, em detrimento dos verdadeiros interesses da religião, vivessem entregues a occupações mundanaes aquelles a quem mais cumpre não esquecer que o reino de Christo não é d'este mundo. Era tambem o que faziam os sacerdotes, verdadeiramente pios, seus contemporaneos. Com as suas crenças religiosas corria parelhas a sua dedicação á monarchia; mas prompto sempre a render preito aos dicta-

---

[1] Instituit sanctam rationem, inquirere vitam | Cunctorum, ut sancta vivere lege velint (L. Serrão, *De senectute*, fol. 1 38). (D. João III) impetravit, ut illa sancta inquisitio in Lusitania servaretur.. ut.. [os reos convictos e contumazes] meritis suppliciis afficerentur (Teive, *Opuscula aliquot*, ed. de 1558).

[2] Nos *Lusiadas*, IX 26, até chama «bruta» a alegria produzida pelo divertimento da caça. No entender de Storck, o Poeta «não era um *soldado* por officio» (*Vida e obras de L. de Cam.*, pag. 514).

mes do bom senso, não tem enjoos ao escrever, fallando dos Chins (x 130):

«Estes o Rei que tem, não foi naeido
Prineipe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavalleiro, sabio e virtuoso» [1],

e explica a deposição de D. Sancho II pela circumstancia de que (III 93):

«. .o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece nem consente,
Que não for mais que todos excellente»;

e tambem, se um Duarte Pacheco Pereira, que aliás não se cansa de balouçar o turibulo diante dos degraos do throno, chega a escrever na carta a D. Manoel «<não> qejra vosa alteza agora mostrar algũa maneyra de desagardeçimẽto na paga dos soldos desta Jente», não admira que o Poeta, dotado de soberana independencia de caracter, levante nobremente a voz contra a ingratidão dos reis:

«Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade» (x 23).

*

* *

Nos exemplares da 1.ª edição dos *Lusiadas* ha erros que são devidos ou, em parte, podem ser devidos aos typographos — estes carregam ás vezes com culpas dos proprios autores —, entre elles, fórmas que só representam a pro-

---

1 Se já fosse conhecido no seu tempo, dir-se-hia que elle tinha na mente o passo de Cicero: *Nostri illi etiam tum agrestes viderunt virtutem et sapientiam regalem non progeniem quaeri oportere* (*De re publ.* II § 24).

nuncia do compositor (v. g. «longico» em II 54), omissão de palavras monosyllabicas («de» em X 14, «com» em VII 50). Ha porêm alguns defeitos que não pode a boa critica incluir em nenhuma das categorias de erros typographicos, taes são, em VII 77 «venerando» na rima com «Mauritano» e em X 88 «turbulento» na rima com «horrendo». Tem pois de procurar-se outra explicação d'estas irregularidades. O poeta não conservou até o fim o gosto e enthusiasmo com que deu principio ao trabalho:

«Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo» (X 8),

«No'mais Musa, no'mais, que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida» (X 145).

exclama elle no ultimo canto. O estado de descontentamento e abatimento de espirito, que taes versos evidenciam, tenho para mim que explica sufficientemente que ao Poeta distrahido escapassem nos derradeiros cantos aquelles graves senões, tanto mais que, segundo todas as probabilidades, elle não corrigiu provas typographicas.

Relativamente ao texto dos *Lusiadas* devo ainda fazer uma observação.

O Licenciado Manoel Corrêa, que eu não creio que morresse de amores pela verdade, assegura-nos que o Poeta foi aconselhado pelos frades do convento de S. Domingos de Lisboa a modificar a estancia 71 e seguintes do canto IX [1].

---

1 «.. assi como aqui estão impressas as tinha emendadas, por conselho dos Religiosos de S. Domingos desta cidade, com que tinha grande familiaridade» (comment. àquellas estancias). Muito sensatamente diz Storck: não me é dado imaginar o que o excelso Poeta podia ter dito de «**peor**», na lição riscada, velada ou mutilada pelos Dominicanos (obra já citada, pag. 694).

Esta noticia do cura da frèguesia de S. Sebastião da Mouraria parece-me que foi a que fez brotar na mente do Doutor em theologia José Maria Rodrigues a ideia de que numerosissimos versos do Poema não apresentam a redacção primitiva, bem melhor no seu entender, e que a perspicacia do mesmo doutor logrou reconstituir — *attingit quoque poëticen* —, mas sim uma segunda redacção que o Poeta, infelizmente, acceitou de censores amigos. No tocante aos bons costumes e pontos de religião ainda se comprehende que o Poeta não cerrasse os ouvidos a conselhos de pessoas amigas; que porêm tratando-se de cousas puramente litterarias elle levasse a sua condescendencia ao extremo que o Dr. J. M. Rodrigues imagina, e chegasse a substituir uma redacção, não muito respeitadora da logica, mas em que não se offende a chronologia:

«E mais avante o estreito que se arrea
Co nome seu despois»

pela que vem no texto impresso:

«E mais avante o estreito que se arrea
Co nome d'elle agora» (x 141),

em que ha um anachronismo, é suppor o malaventurado Luís de Camões cahido em completa demencia. Mas o certo é que, na maioria dos casos, a crença de a redacção ser defeituosa ou menos aprimorada provêm unicamente de o Dr. J. M. Rodrigues não saber interpretar com acerto os respectivos passos do Poema [1].

---

[1] V. em particular o meu comment. a III 115, 119; IV 58; V 92; IX 21; X 12, 14.

III

Datadas do mesmo anno de 1572, sem nenhuma d'ellas declarar ser nova impressão, com os mesmos dizeres no frontispicio, existem duas edições. Designarei com a letra *A* a edição que nos desenhos do frontispicio tem o pelicano com o bico voltado para a esquerda do observador, e pela letra *B* a que o tem com o bico voltado para a direita [1]. Quanto ao texto, a differença que mais dá nos olhos, está em um ponto de orthographia: o ditongo *ão* é por via de regra representado em *A* por *ão*, em *B* por *am*—tanto nas syllabas atonas como nas tonicas—[2]. Esta differença de graphias provêm, segundo já disse, do arbitrio do compositor. Alguns erros evidentes de *A* [3] não existem em *B*, que por sua vez tem alguns de que *A* está livre [4]; os mais são communs a ambas as edições. Outras differenças de texto,

---

[1] As differenças que ha entre as duas edições, respeitantes á parte technica, foram accuradamente descriptas em 1880 por Tito de Noronha na sua obra: *A primeira edição dos Lusiadas*.

[2] pregam (subst.): I 10; razam: I 23, 97; II 25; VI 94, etc.; capitam: I 26; II 5, 6, 64, etc.; esqueceram (fut.): I 30; corrupçam: I 33; X 41; coraçam: I 44, 127; III 59, etc.; entam: I 57; II 60, etc.; geraçam: I 64; II 81, etc.; povoaçam: I 90; determinaçam: I 101; veram (verb.): II 50; estam: II 6; III 13, etc.; acharàm (fut.): II 70; gibam: II 98; admiraçam: II 101; regiam (subst.): II 109; maldiçam: III 69; naçam: III 95, etc.; multidam: III 109, etc.; negaram (fut.): IV 13; conversaçam: IV 70; inquietaçam: IV 96; invençam: V 25; teram: V 43; prisam: V 48; soltaram (fut.): V 48; navegaçam: VI 5; provaram (fut.): VI 44; daram: VI 45; adoraçam: VII 49; opiniam: VIII 45; perdam: VIII 60; embarcaçam: VIII 80; galardam: X 23; sentiram (fut.): X 36; esquadram: X 43; ambiçam: X 58; etc.

[3] Taes são: fortissimo: I 31; leuàrão: I 70; acomponhado: I 80; Inerte: I 90; das, agoas: II 29; Llhe: II 41; achàrão: II 70; áuidas: II 108; descuydodo: III 65; do rios: III 84, foturo: III 132; caminos: V 79; cimeras: VI 52; Aqueles: VI 53, martyrrs: VIII 18; leuão (por: leuauão): VIII 33.

[4] Taes são: Gantico: II 55; Maria (por: Maia): II 56; Doutro: VI 82; Hieroselima: VII 6; camum: VII 84; fingindas: VIII 8; seruos (por: ceruos): IX 67; alembrotc: X 45; formoda: X 112; inclinoção: X 155.

que não podem ser lançadas á conta de descuidos do compositor, são, por exemplo: (I 29, 8) «Tornarão» (*A*), «Começáram» (*B*); (I 38, 5) «queres» (*A*), «queiras» (*B*). Segundo é natural, para a segunda impressão serviu um exemplar da primeira, que não fôra revisto cuidadosamente, o que tem de inferir-se das erratas communs a ambas as impressões, taes como: «a vena» por «auena» (I 5, 2), «findo» por «fundo» (II 74, 6), «não» por «na» (IV 25, 5), «nos» por «naos» (V 77, 3), «repousou» por «repouso» (V 85, 5), «parti» por «por ti» (VIII 49, 5), «quem» por «que» (VIII 57, 1), «a vida» por «auida» (=havida) (IX 45, 7), «aste» por «este» (X 93, 5).

Qual das duas edições é a primeira? O que a este respeito se tem escripto, não resulta de comparação methodica e demorada, e de criterio inteiramente objectivo, e comtudo ha um facto que dirime de vez a questão.

Em VIII 32, a edição *A* tem «Portugues Cipião chamarse deue»; a *B* «Portugues Capitam chamarse deue». E' moralmente impossivel que um compositor, tendo diante dos olhos «Capitam» (ou «Capitão»), lesse «Cipião» (ou «Cipiam»); «capitão» é palavra corrente, o que não acontece a «Cipião», e, como é sabido, a gente inculta quando interpreta o que lhe fere os olhos ou os ouvidos, substitue o desconhecido pelo conhecido, e não ao revés. E' por conseguinte certo, que foi a edição que tem «Cipião», isto é *A*, a que serviu de original á que tem «Capitam», isto é a *B*. E a lição verdadeira é «Cipião». A' pergunta: Como se chama o heroe de Aljubarrota e Valverde? [1] ha-de responder-se naturalmente, não com um nome appellativo — Capitão Português —, que nada tem caracteristico, senão com um nome proprio — Cipião Português —. (Não faço força na falta do artigo definido antes de «Português Capitão», porque se pode acudir com o bem-parado das «necessidades

---

1 Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quiseres como se nomeia, . .

metricas»). A reposta dada pelo Gama é o mais possivel ajustada. Publio Cornelio Scipião e Nuno Alvares Pereira livraram a sua patria dos seus mais temerosos inimigos, aquelle salvando Roma dos Carthagineses, este salvando Portugal dos Castelhanos. Neste sentido Nuno Alvares é verdadeiramente o «Scipião Português» [1].

Em reforço da minha argumentação vem um indicio que se encontra no 7.º verso de IX 17. A lição de *A* neste verso é «Cada hum tem por gosto tam perfeito»; mas ao adverbio «tam» falta a parte superior da haste do *a*, de modo que o *a* parece um *o*, e effectivamente *B* traz «Cada hum tem por gosto tom perfeito».

Provada a prioridade de *A*, e com o favor de uma hypothese, que no fim não parecerá senão muito justificada, e é, que o exemplar por onde se fez a segunda edição, tinha algumas correcções (marginaes ou interlineares), devidas a quem na verdade não peccava por atilado [2], explicam-se facilmente algumas das que são, ou podem ser, consideradas variantes da edição *B*.

Em I 29, 8, *A* tem «Tornarão a seguir sua longa rata» [em vez de: «rota»]; *B* «Começáram a seguir sua longa rota». O autor da emenda viu pleonasmo em «Tornarão a seguir» (v. o meu commentario);

Em I 38, 5, *A* tem, como deve ser, «Não queres»; *B* «Nam quciras». O corrector suppôs ineptamente, que esta oração se coordenava á de «Não ouças», que vem depois;

Em II 1, 7, *A* tem «as infidas gentes»; *B* «as fingidas gentes». Se «fingidas» por «infidas» não é erro typographico da mesma especie que «Capitão» por «Scipião» (em

---

[1] Mablin, na sua *Lettre. . sur le texte des Lusiades*, diz a pag. 72, que a lição «Portugues Scipião» *n'a pas besoin d'être défendue.*

[2] A emenda dos erros typographicos mais evidentes da primeira edição, fosse ella *A* ou *B*, tambem pode ter provindo, sem comtudo em alguns casos ser verosimil, do revisor typographico, ou ainda do compositor.

VIII 32), a supposta emenda provêm de ser desconhecido do corrector o vocabulo «infido», sendo que até na lingoa latina o adjectivo *infidus* é palavra rara;

Em VIII 65, 3, *A* tem «niquicia» (em vez de «nequicia»); *B* «iniquicia». Desconhecendo o latinismo «nequicia», o corrector suppôs haver «iniquicia», derivado de «iniquo». (A'cerca de II 24, 7, veja-se o commentario respectivo).

Ainda uma observação. Em III 34, 5, *A* tem, como deve ser, «Em batalha cruel»; *B* «Em trabalho cruel». Sendo *A* a primeira edição, o «trabalho» de *B* explica-se perfeitamente como erro typographico, originado de estar esta palavra no verso anterior [1]. Reputando-se *B* a primeira edição, teria de ver-se em «batalha» uma excellente emenda, unica de tal genero, que haveria nesta edição [2].

IV

Os *Lusiadas* estão recheados de nomes proprios, já geographicos, já de personagens historicas e mythologicas, e de allusões a factos da historia universal e da mythologia. Foi consequentemente sentida desde logo a necessidade de notas elucidativas a tal respeito, e se Manoel Corrêa falla verdade, quando diz que o Poeta lhe pediu que fizesse um commentario ao Poema, era àquelle genero de notas que sem

---

[1] «A quem nenhum trabalho agraúa ou pesa».

[2] Está ainda por explicar satisfatoriamente o porque a segunda edição não se declara por tal. A hypothese de ser «reproducção que se pretende confundir com o original» (T. de Noronha, *A prim. ed. dos Lus.*, pag. 21), parece-me excluida pelo facto de ser difficil encontrar pagina em que as duas edições não divirjam na graphia do ditongo *ão*. T. de Noronha (na obra citada, a pag. 21) duvida — e não é só elle — que as duas edições sejam do mesmo anno e do mesmo impressor.

duvida Camões se referia [1]. A traducção castelhana de Tapia, de 1580, já traz, no fim de cada canto, notas geographicas, historicas e mythologicas. Manoel de Lyra acompanhou a sua edição de 1584—a que se seguiu ás datadas de 1572—de um commentario bem mais amplo que o de Tapia, havendo nelle tambem notas exegeticas e registando-se bastas vezes os lugares dos escriptores latinos imitados pelo Poeta [2]. O commentario de Manoel Corrêa, que enriquece a edição de 1613, vae um tanto alèm do das edições de Manoel de Lyra. Depois, Manoel de Faria e Sousa (1590-1649) dotou não só os *Lusiadas*, senão tambem as demais obras de Camões, de um commentario completo, escripto, ainda mal, em castelhano. De leitura verdadeiramente pasmosa, inflammado em sincero amor enthusiastico do Poeta, consumiu no seu trabalho longos annos, não deixando muito que respigar aos futuros commentadores dos *Lusiadas*. Tem, superfluo é dizê-lo, erros e defeitos, mas,

---

[1] Tambem Diogo do Couto, segundo Severim de Faria, em uma carta endereçada em 1611 a um amigo, diz que a pedido do Poeta compuscra um commentario até o canto v, trabalho manuscripto, cujo paradeiro é hoje totalmente ignorado (v. Storck *Vida e obras de L. de Cam.*, pag. 21).

[2] No frontispicio lê-se «com algũas annotações de diversos Autores». A expressão «diversos Autores», não se refere a quem redigiu as notas, mas sim ás obras que foram consultadas.

Nas annotações ha varios erros que movem a riso, sendo o que grangeou a esta edição triste celebridade, aquelle que se contêm na nota a «piscosa Cezimbra» (III 65), onde se lê «Chama piscosa porque em certo tempo se ajunta ali grande cantidade de piscos pera se passarem a Africa». (A nota foi supprimida nas edições subsequentes). Não deve porêm esquecer-se que o vocabulo «piscoso» é por ventura um dos empregados pela primeira vez por Camões, e havendo tanta severidade para quem confundiu «pisco» com «*piscis*», não sei porquê não ha-de haver alguma para quem pôs a seguinte nota á estancia 6.ª do canto v: «Camões denomina *Azenegues* os avestruzes, porque, em grandes bandos, pastão nas margens do rio Azenegue conhecido hoje pelo nome de Senegal» (a pag. 439 da edição dos *Lusiadas* feita pela casa de H. Garnier—Rio de Janeiro, Paris—, edição sem data, mas posterior á proclamação da Republica Brasileira).

geralmente fallando, ninguem melhor comprehendeu o sentido do Poeta, não raras vezes difficil de alcançar. O senão mais grave, que no entendimento do Poema se lhe pode notar, é pretender interpretar christãmente o apparato mythologico dos *Lusiadas*. Mas havemos de lembrar-nos de que Faria e Sousa, que demais era muito entendido em theologia e por tal habituado á interpretação allegorica da Biblia, escrevia em um tempo em que, por considerações principalmente religiosas, a censura havia posto mão sacrilega na obra do Poeta. Faria e Sousa desarmava d'aquelle modo o braço dos inquisidores. Outro defeito que nos descontenta sobremaneira ao percorrermos aquellas prolixas annotações, é que, não distinguindo entre verdadeiras reminiscencias litterarias e coincidencias fortuitas que naturalmente se dão nos que tratam dos mesmos ou de analogos assumptos, Faria e Sousa em tudo quer ver inspirações dos poetas antigos e dos modernos, até em passos em que cita as fontes historicas das narrativas do Poema. Mas nisto Faria e Sousa cria exaltar o seu poeta. De feito os corypheos da poesia latina estão cheios de reminiscencias, por vezes de traducções quasi litteraes, dos poetas gregos, e de igual maneira os litteratos da Renascença, poetas e prosadores, haviam, que engastar nas obras proprias as joias que se lhes deparavam nos seus predecessores, era um modo de render-lhes preito.

Edições do original dos *Lusiadas*, posteriores á de Faria e Sousa, acompanhadas de commentario perpetuo propriamente dicto, são as de Ignacio Garcês Ferreira e a do Dr. Mendes dos Remedios.

A primeira, publicada em 1731-1732, distingue-se pela abundancia de observações estilisticas, mas quanto ao que serve para a intelligencia do sentido, quasi nada adianta ao commentario de Faria e Sousa.

Na sua publicação, destinada ás escolas, era de esperar que o lente de theologia da nossa Universidade elucidasse os lugares obscuros do Poema, pelo menos até onde tinham

chegado os commentadores precedentes; mas tal esperança sahiu completamente frustrada. Limitando-se, no geral, a dar noticias àcerca dos nomes proprios, o Dr. Mendes dos Remedios deixa sem explicação alguma os passos do Poema que mais a haviam mister; porêm não se priva de nos dizer como se chama a capital de Madagascar e qual é a população de Quiloa, Mombaça e Sofala. Se alguma vez se mette a explicar o sentido, não deixa de acontecer-lhe não pôr a nota em consonancia com o texto; por exemplo, em VII 67, 1, imprime «com elle o Gama junto» (e não «os Gamas», como vem nas edições de 1572, por erro typographico, reconhecido por Barreto Feio), mas em nota escreve «Junto do Catual estam os dois Gamas, D. Vasco e seu irmão Paulo». A's vezes copia desattentadamente o que se lê no *Index dos nomes proprios* de João Franco Barreto; assim em nota a II 1, 6, diz que o deos nocturno «era Erebo.. porteiro do Sol» [1].

Devo neste lugar fazer menção de dois commentarios que não sahiram a lume, um, que se guarda na Bibliotheca do Paço da Ajuda, o outro, que pertence á casa dos duques de Cadaval. São, na parte que chegou até nós, inferiores, no geral, ao de Faria e Sousa.

O primeiro é obra de um cruzio, D. Marcos de S. Lourenço, fallecido em 1645. O manuscripto não vae alêm dos tres primeiros cantos. Sobre elle veja-se o visconde de Juromenha nas *Obras de Luiz de Camões*, I, pag. 323-328, onde

---

1 Na primeira edição, em uma nota a IV 53, havia um equivoco engraçado. Lia-se nella «o [exemplo] dos *Decios*, tres Romanos que se offereceram aos deuses infernaes para salvar a patria; o pae sacrificou-se a Veseris (340 a. C.); o filho a Sentino (295) e o neto a Aseulo (279)». O Dr. Mendes dos Remedios fizera de tres nomes geographicos outros tantos nomes de divindades gentilicas. Na segunda edição emendou na verdade a preposição «a» para «em», mas deixou fiear rasto do equivoco, pois que, não se vendo do contexto que se trata de batalhas, havia de dizer-se: na batalha de Veseris (ou «do Veseris» se se entende por «Veseris» o rio d'este nome), na de Sentino, na de Aseulo.

porêm ha o asserto menos exacto de que o commentario de cada estancia consta de paraphrase e da explicação dos versos. Muitas vezes o commentario reduz-se á paraphrase, por exemplo com respeito á estancia 82 do canto I [1].

O segundo, que pude examinar, mercê dos bons officios do administrador da casa de Cadaval, o Dr. Antonio Augusto da Silveira Almendro, é devido á penna de Manoel Peres de Almeida, àcerca de quem não me foi possivel obter noticias biographicas. O manuscripto não ficou prompto para entrar no prelo, e, ou o autor não levasse a obra ao cabo, ou se perdesse a segunda parte, termina com o canto V. A explicação do texto do Poema é, geralmente fallando, mais miuda do que nos outros commentadores, mas alonga-se frequentissimamente com puras superfluidades [2].

*
* *

Em conformidade com o que vae dicto sobre as duas impressões de 1572 comparadas uma com a outra, o texto da presente edição é o de *A* com as emendas — de erros

---

[1] «Tanto que Bacho q̃ em figura do experimentado velho falaua ao Xeque, acabou seu arrezoamento, agradeceu-lhe o Xeque m.to o conselho que lhe daua, e por isso lhe deitou os braços ao pescoço. E sem mais dilação, se ordenou p.a fazer aos nossos guerra, p.a que as claras agoas q̃ querião, da cor do roxo sangue se lhe tornassem».

[2] Sirva de amostra o principio do commentario a I 82: «em quanto etc., este modo de fallar usam os Poetas e historiadores para encaminharem a seu fim uarios successos, passando de hum a outro. Virgilio acabando de narrar a morte de Dido, torna a Eneas dizendo no principio do liuro quinto Interea mediũ etc. E Sallustio passando dos presos ao pouo, Interea coniuratione patefacta etc. E assi com esta voz, Interea, . ǀ . em quanto, se dá a commodidade de ligar e de unir as cousas presentes, que parecem futuras. E isto ensina Aristoteles, quando na poetica diz, que a Epopeia tem priuilegio, e poder de no mesmo tempo leuar ao cabo varias partes, por uia da liga, e uniam que se faz das mesmas. O que obram Virgilio, Salustio, e dá por documento Aristoteles, effectua aqui L. de C. atando a nauegaçam dos Portugueses ao concilio dos Deoses̃ tudo ao mesmo tempo».

typographicos ou considerados taes — que se me afiguraram certas. Em cada pagina, por baixo do texto do Poema, registam-se todas as differenças entre o texto d'esta minha edição e o das edições de 1572.

A orthographia de Camões é, como em geral a nossa orthographia, muito irregular. Se frequentemente se avizinha da orthographia phonetica (v. g. em «prometer», «cometer»), ás vezes o desejo de seguir a etymologia chega a passar das marcas (por exemplo, em «doctrina»). Demais não raro deixa de ter uniformidade na mesma dicção (v. g. em «Nimpha, Nimfa, Ninfa»).

Em uma edição de um poema longo, que não é destinada exclusivamente a glottologos, tive por acertado dar alguma coherencia á orthographia, preferindo, em regra, as graphias que hoje são mais usuaes; mas os nomes proprios de origem grega vão com a orthographia etymologica, ainda nos casos em que o original nunca a emprega. Entretanto deixo tambem sempre assignaladas as differenças que a tal respeito ha entre a presente edição e as de 1572, salvo que:

a) sendo o ditongo *ão* representado, por via de regra, em *A* por *ão* e em *B* por *am*, só vão registados os lugares em que cada uma d'aquellas duas edições se desvia da respectiva praxe;

b) estando nas edições de 1572 representado, conformemente ao uso antigo, o som do *v* no interior das dicções por *u* (v. g. «prouincia»), e o som do *u* inicial por *v* (v. g. «vltimo», «Vlisses») e o do *J* por *I* (v. g. «Iapão»), bastará mencionar aqui esta praxe;

c) não trazendo quasi nunca aquellas edições accento em «já» (em v 8 está escripto «jaa»), tambem tive por bastante assignalar o facto neste lugar [1].

---

1 A accentuação é muito irregular, e os accentos — (agudo, grave, e circumflexo) — são empregados indifferentemente, por exemplo: II 14, 4, *A* «sincêro», *B* «sincèro»; IV 49, 8, *A* «mâ», *B* «má»; IX 32, 7, *A* «dâ», *B* «dà»; III 44, 7, *A* «ajudârão», *B* «ajudâram».

Não tive duvida de conservar as graphias «hum», «hir», «he» (=é), por isso que chegaram ainda á segunda metade do seculo XIX (v. a *Gram. port.* de Reis Lobato, edição de 1852).

As edições de 1572 não fazem uso de apostropho nem de hyphen (entre as encliticas e a dicção a que se ajuntam) nem de aspas, signaes empregados na presente edição. Tambem não numeram as estancias; trazem porem «Fim» no cabo de cada um dos cantos.

A pontuação das mesmas edições é em extremo irregular e defeituosa [1]. Pontuei convenientemente; mas tive por desnecessario registar a pontuação original.

No commentario foi meu unico intento dizer quanto fosse de necessidade para a justa comprehensão do sentido e para o conhecimento da elaboração poetica de Camões.

A's erudições, mais ou menos ostentosas, absolutamente inuteis para o fito de um commentario, taes como, que «Suzanna» tem o mesmo etymo que «açucena» (Burton, nota a IX 62), fechei-lhes a porta sem misericordia.

Para não avolumar a obra, sem interesse para o geral dos leitores, deixei as mais das vezes de indicar o que me levou a pôr certas notas que á primeira vista se antolharão escusadas. Citarei só dois casos. Ao verso de II 34 «E tudo quanto a via, namorava» pús a nota «namorava=enamo-

---

1 Transcreverei, para exemplo, a est. 8.ª do canto I, em *A:*

«Vos poderoſo Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em naſcendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemiſpherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que eſperamos jugo & vituperio
Do torpe Iſmaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do ſancto Rio.»

*

rava». E' que Francisco Gomes de Amorim [1] havia alterado o verso escrevendo «E tudo quanto a via, a namorava». No commentario a III digo qual é a ordem grammatical do verso «Contra o tão raro em gente Lusitano». E' que Jeronymo Soares Barbosa, «jubilado na Cadeira de Eloquencia, e Poezia da Universidade de Coimbra», na sua pedantissima *Analyse dos Lusiadas*, a pag. 76, entende que «Lusitano» pertence para «gente», fazendo Camões reo de solecismo.

Outrosim as interpretações cerebrinas que se tem dado a alguns passos do poema, por via de regra não me dou cargo de refutá-las expressamente, por isso que para as pessoas de bom senso seria superfluo, para as outras — e *there are many persons beyond convincing* — seria perder tempo e trabalho.

---

1 «*Os Lusiadas* de Luiz de Camões, edição critica e annotada em todos os logares duvidosos, restituindo, quanto possivel, o texto primitivo pela correcção de erros que nunca se tinham expungido». Sobre esta deploravel publicação veja-se o opusculo do Dr. Leite de Vasconcellos «*O texto dos Lusiadas*, segundo as ideias do snr. F. Gomes de Amorim» (1890).

SIGLAS

A=a edição de 1572, que tem na portada o pelicano com o bico voltado para a esquerda do observador.

B=a edição de 1572, que tem na portada o pelicano com o bico voltado para a direita do observador.

Os exemplares de *A* e *B*, de que me servi, pertencem á Camoniana da Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde tem, respectivamente a marcação *2* (preto) e *1* (preto).

DESIGNAÇÕES ABREVIADAS

A. Coelho=Os Lusiadas, edição consagrada a commemorar o terceiro centenario do Poeta, pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Revisão do texto do Poema por Adolpho Coelho.

Alguns documentos=Alguns documentos do Archivo Nacional . . acerca das navegações e conquistas portuguezas . .

Aubertin=The Lusiads of Camoens translated into english verse by J. J. Aubertin (1878).

Barb. de Bettencourt=Subsidios para a leitura dos Lusiadas por J. Barbosa de Bettencourt.

B. Feio=Obras completas de Luis de Camões, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro (Hamburgo, 1834).

B. Caldera=Los Lusiadas traduzidos em octaua rima por Benito Caldera (1580).

Bluteau=Vocabulario Portuguez e Latino pelo Padre D. Raphael Bluteau.

Bonarctti=Lusiadi. . Traduzione com notc di Adriano Bonarctti (1880).

Burton=*a*) Os Lusiadas: englished by Richard Francis Burton; *b*) Camoens: His life and his Lusiads.

D. Car. M. de Vasconcellos=Os Lusiadas (edição da *Bibliotheca Romanica*).

Donner=Die Lusiaden. . Deutsch. . von J. J. C. Donner (3.ª ed., 1869).

Duff=The Lusiad of Camoens translated. . by Robert French Duff (1880).

FS=Lusiadas. . comentadas por Manuel de Faria i Sousa (1639).

Franco Barreto = Os Lusiadas de Luiz de Camões. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeck. . 1631 (Vem a declaração de que o texto foi revisto por João Franco Barreto).

Fr. de Carvalho = Os Lusiadas. . nova edição. . seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas por Francisco Freire de Carvalho (1843).

Garcês Ferreira = Lusiada, Poema epico de Luis de Camões. . Illustrado com Varias e Breves Notas. . por Ignacio Garcez Ferreira (1731-1732).

Garin = Les Lusiades de Louis de Camoens. Traduction en vers français par Hyacinthe Garin (1889).

G. de Amorim = Os Lusiadas de Luiz de Camões, edição critica e annotada em todos os logares duvidosos. . por Francisco Gomes de Amorim (1889).

H. Garcês = Los Lusiadas. . traduzidos de Portugues en Castellano por Henrique Garces (1591).

D. João de Castro, *Roteiro* = Roteiro de a India ate Socz. (Os dois outros *Roteiros* de D. João de Castro vão designados explicitamente).

Juromenha = Obras de Luiz de Camões. . pelo Visconde de Juromenha.

Leoni = Camões e os Lusiadas por Francisco Evaristo Leoni (1872).

Lamberto Gil = Los Lusíadas. . que tradujo al castellano Don Lamberto Gil (1818).

Macedo = A Lusiada de Luiz de Camões traduzida em versos latinos por Frei Francisco de St.º Agostinho Macedo. (Sobre esta traducção v. o artigo de Ramos Coelho no *Arquivo Historico Português*, I pag. 229-235).

Man. Corrêa = Os Lusiadas. . commentados pelo licenceado Manoel Correa.

Manoel de Lyra = Os Lusiadas de Luis de Camões. Agora de novo impresso, com algũas Annotações, de diversos Autores. . por Manoel de Lyra (1584).

Roteiro = Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497; 2.ª ed. de 1861.

R Ph = Registo Philologico (no fim do tomo II).

S. Lencastre = Os Lusiadas, edição annotada. . por F. de Salles de Lencastre. (Até hoje só sahiu a publico o primeiro canto).

Storck = Die Lusiaden, Deutsch von W. Storck.

Tapia = La Lusiada, traduzida en verso Castellano por el Maestro Luys Gomez de Tapia (1580).

Thomé de Faria = Lusiadum libri decem authore Domino fratre Thoma de Faria. . (ed. de 1622).

Trigoso = Memoria ou exame critico comparativo das primeiras cinco edições dos Lusiadas, por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso (nas «Memorias da Academia» VIII, parte 1.ª, pag. 1-69).

As obras de que mais importa declarar as edições de que me servi, são as seguintes:

Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, 3.ª ed.

Ariosto, *Orlando Furioso*, ed. da *Società editrice, Sonzogno.*

Barros, *Asia*, 2.ª ed. (de 1628) das tres primeiras decadas; 1.ª ed. (de 1615) da quarta decada.

Bembo, *Gli Assolani*, ed. de Veneza de 1540; *Rime*, ed. de Veneza de 1548.

Bernardo Tasso, *L'Amadigi*, ed. de Veneza de 1583.

Boccaccio, *Genealogiae*, ed. de Veneza de 1494; *De mulieribus claris*, ed. de Berna de 1539.

Castanheda, *Hist. do descobr. e conquista da India*, ed. da Typographia Rollandiana.

Catalogus annorum et principum, ed. de Berna de 1540.

Dante, *Divina Commedia*, ed. da Livraria de Firmin Didot, de 1875.

Eneas Silvio, *Opera quae extant omnia*, ed. de Basilea de 1571.

Fernão Lopes, da *Chronica de D. João I* (1ª. parte), a ed. do *Archivo Histor. Port.*

João de Mena, *Todas las obras..*, ed. de 1552.

L. C. Rhodigino, *Lectionum antiquarum libri triginta*, ed. de 1620.

Margarita philosophica, ed. de Basilea de 1535.

Petrarca, *Le Rime*, ed. da *Biblioteca classica popolare.*

Rafael de Volaterra, *Commentariorum libri*, ed. de Basilea de 1559.

Ravisio Textor, *Officina*, ed. de Basilea de 1552.

Sabellico, *Rhapsodiae historiarum..*, ed. de 1535.

Sannazzaro, *Arcadia*, ed. de Veneza de 1725; *De partu Virginis* ed. de 1580.

Vida, *Opera*, ed. de 1559.

A traducção portugueza da *Vulgata* é a do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, conforme a 1.ª edição (a 2.ª não merece confiança).

OS LUSIADAS

DE

LUIS DE CAMÕES

Lusiadas] equivale a «Lusitanos», isto é «Portuguezes». Os nossos litteratos da Renascença iniciaram o emprego do termo «lusitano» como synonymo de «português», e segundo Alex. Herculano (na Introducção da *Historia de Portugal*), o Bispo D. Garcia de Menezes foi o primeiro que, em uma oração em latim proferida perante Sixto IV em 1481, designou os Portugueses pelo vocabulo *Lusitani*. (Sobre o valor geographico do nome «Lusitania» v. o commentario a III 21). Uma lenda de que o Pocta dá relação em III 21, e VIII 2-3, dizia que Luso dera o nome á Lusitania. O nome latino *Lusitanus*, não era de mui facil accommodação aos versos dactylicos hexametros. André de Rèsende, querendo dispor de vocabulo que mais promptamente se ageitasse ás exigencias do verso heroico latino, a exemplo dos poetas romanos, que de *Aeneas* derivaram o nome *Aeneadae*, «o povo de Eneas, os Romanos» (Vergilio *En.* VIII 648), formou de *Lusus* o nome *Lusiadae*, quer dizer, o povo de Luso, «a gente de Luso» (como diz Camões em I 24). E' elle proprio quem no-lo declara, na nota 48 ao canto segundo e ultimo do seu poema *Vincentius Levita et Martyr*, por estas palavras: *A Luso, unde Lusitania dicta est, Lusiadas adpellavimus Lusitanos.., sicut ab Aenea Aeneadas dixit Virgilius* [1] Camões aportuguesando o vocabulo novo, empregou-o unicamente como titulo da sua epopeia.

Por uma errada comparação com «Eneida» *Aeneis* em latim, de *Aeneas*), alguns litteratos chamaram indevidamente «Lusiada» ao poema de Camões; taes foram, entre outros Luis G. de Tapia, na sua traducção castelhana dos *Lusiadas* publicada em 1580, Manoel de Faria e Sousa, e Thomás José de Aquino. Alguns foram mais longe e, sendo vulgar nas escolas dizer-se «as Eneidas» por «os cantos da Eneida» (até no *Vocabulario*, em «digno», Bluteau escreve «Virgilio.. no I das Eneidas») designaram a grande epopeia pela expressão «as Lusiadas»; é o que sempre faz José Agostinho de Macedo na sua *Censura*.

---

1 D. Carolina M. de Vasconcellos (no *Instituto*, anno de 1905) evidenciou que a este respeito não se ha-de duvidar da veracidade de André de Rèsende. O poema foi publicado em 1545.

CANTO PRIMEIRO

1. As armas e os barões assinalados
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passárão ainda alem da Taprobana,

1 2 .aya ‖ 4 .aram

1 1 Arma virumque cano, ..qui.. (Verg. *En.* 1 1) (FS).

1-3. Proposição do Poema

1 1. armas] latinismo por: feitos militares. barões] = varões, segundo a pronuncia antiga; v. *R Ph* em «barão».

3 Cf. I 27,1-3; V 4,1-2; 37,2-3; 41,6-8; VII 25,5-6; 30,7; X 10,2. Cam. refere-se á parte do Oceano Atlantico e do Mar das Indias, que banha a Africa pelo lado meridional. Herodoto (IV 42) diz que no tempo de Necu, rei do Egypto (610-595 a. Chr.) a Africa foi circumnavegada, de mandado d'este principe, por exploradores phenicios, mas tal emprehendimento, se effectivamente foi levado a cabo, o que poem em duvida muitos dos antigos e tambem dos modernos, não teve consequencias práticas (v. *Encycl. Britannica* em «Africa»). Tambem nos fins do seculo XV os negociantes arabes não conheciam a costa da Africa oriental para o sul do tropico de Capricornio (v. Theal. *Hist. of South Africa*, pag. 1).

4. Ovidio, querendo citar um ponto da terra muito remoto, nomeia a ilha de Taprobana (*Ex Ponto* I 5,79-80). Plinio (allegado por Merula em nota àquelle passo de Ovidio e citado por FS) põe em memoria, que por muito tempo se pensou que a Taprobaná era um outro mundo (*Taprobanam alterum orbem terrarum esse diu existimatum est* [*N. H.* VI § 81]; mais adiante no § 89, citado tambem por FS: *Sed ne Taprobane quidem, quamvis extra orbem a natura relegata, nostris vitiis caret*). Taes reminiscencias classicas serviram ao Poeta para exprimir a ideia de que os navegadores portugueses, partindo do ultimo Occidente (o *ab occasu ultimo* de Seneca, no *Hercules furens*, 233), ultrapassaram os extremos da terra conheci-

E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificárão
Novo Reino, que tanto sublimárão,

2. E tambem as memorias glorioſas
D'aquelles Reis que forão dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras vieioſas
De Africa e de Aſia andárão devaſtando,

‖ 5 Em (a corr. é de B. Fcio; FS pôs «Que em») ‖ 7 *A* E entre *A* .arão *B* .áram ‖ 8 *A* .arão *B* .áram

2 3 Fee (Fe: IV 15; X 109, 112, 118, 119) ‖ 4 *A* Affr. (v. *R Ph* em «Africa») andar. *B* .tão

dos da geographia antiga. A Taprobana dos antigos é a ilha de Ceilão, segundo o proprio Cam. diz expressamente em X 107 e indirectamente em X 51; mas havia quem a identificasse com a ilha de Sumatra (por exemplo Castanheda, II cap. III, D. João de Castro, *Rot. de Lisboa a Goa;* v. Forbiger *Handb. d. alten Geogr.* II § 79) e é possivel que o Poeta, ao compor esta estancia, ainda pensasse d'este modo. (Na ode estampada á frente dos *Colloquios* de Orta, publicados em 1563, ainda elle diz «co sanguinolento | Taprobanico Achem»), Sobre a accentuação de *Taprobana,* v. *R Ph* em «Taprobana».

5-8. «em guerras» ha-de referir-se, não ás viagens de descobrimento — «Passárão ainda alem da Taprobana» —, mas á fundação do imperio português na Asia — «Entre gente remota edificárão | Novo Reino» —; conseguintemente o lugar da conjuncção copulativa é no rosto do 5.º verso e não no do 7.º esforçados | Mais do que prometia a força humana] Cf.: Amostrarão esforço mais que humano (II 55). «prometia» (em lugar do que, algumas edições, como a do Porto de 1870, puseram «permittia») equivale a «deixava esperar de si». (Tambem na idade argentea o verbo latino *promitto* era empregado neste sentido, tendo por sujeito nomes de cousas; v. o Diccionario latino de Freund em *promitto*). Sobre «esforçados» ao lado de «força» v. *R Ph* em «Trocadilhos». O traductor castelhano Lamberto Gil (I pag. 299) censurou a phrase «edificar um reino», não se lembrando de que Cicero disse *ad aedificandam rem publicam* (*Ad fam.* IX 2, 5).

2 1. memorias] = feitos (de que ha recordação). Tambem *memoria* occorre na accepção de «acontecimento (de que ha lembrança)» v. g. em: *mihi repetenda est veteris cujusdam memoriae recordatio* (Cic. *De orat.* I § 4).

2-4. dilatando | A Fé, o Imperio] («o Imperio» = o senhorio politico) Cf. «Os cavalleiros.. | Estendem não sòmente a Lei de cima, | Mas inda vosso imperio preeminente» (X 151), e «Assi se davão as mãos na Asia a fé e o imperio

E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

‖ 6 vão . ey Mor. ‖ 7 . rey

nos dias de D. João de Castro» (J. Freire, *Vida de D. João de C.*, I § 72). A leitura proposta pelo allemão Reinhardstöttner «á fé o imperio» não póde pois admittir-se. A suppressão da conjuncção antes de «o Imperio» faz sobresahir a conjuncção que liga a oração de «andárão devastando» á de «forão dilatando». D. Carol. M. de Vasconcellos, na *Bibliotheca Romanica*, escreve «A fé e o imperio». Embora não se possa fazer grande fundamento na pontuação das edições de 1572, estando nellas «A Fee, o Imperio» («Fee» com *e* dobrado, como «pee» em I 36, para indicar que a vogal é aberta), não me parece provavel que o compositor transpusesse a virgula para depois dos *ee*, tanto mais que nestas edições a conjuncção «e» é sempre representada por «&». as terras viciosas] por estar nellas derramada a religião mahometana; cf. «o vicioso Mahoma» (VII 17), e no *Esmeraldo* de Duarte Pacheco «o qual [Mafoma] todolos vicios e desonestidades pera o corpo emsynou» (I 20). andárão devastando] Cf. «Sua alteza [o rei D. Manoel] manda fazer pera ella grandes armadas. . com que comquistou e cada dia comquista os Indicos mares e Asiaticas ribeiras, matando, destroyndo e queymando os Mouros do Cairo e d'Arabia e da Meca, e outros moradores na mesma India» (*Esmeraldo*, IV 3). Segundo todos sahem, nenhum dos reis de Portugal pisou terras de Asia; assim fallando de reis «que as terras. . de Asia andárão devastando», Cam. não faz senão empregar, com os chronistas e historiadores, uma fórmula provinda da tradição romana (*Tiberius.. nusquam ipse pugnavit, bellæ per legatos gessit suos*, Eutropio, VII 11). Sobre a graphia «Affrica» v. *R Ph* em «Africa».

5-6. A' phrase de Cam. corresponde est'outra de Plinio Junior: *Habe ante oculos mortalitatem, a qua asserere te hoc uno monumento potes* (*Epist.* II 10). A expressão «libertar-se da lei da morte» talvez seja reminiscencia de: *Nunc autem soluti sumus a lege mortis* (S. Paulo *ad Rom.* VII 6). obras valerosas]=«feitos valerosos» (I 9, 7). Sobre «valeroso» v. *R Ph.*

7. Nos *Lusiadas* encontra-se ora «toda a parte» (III 51; X 78, duas vezes), ora «toda parte» (I 2; IV 15, 25, 84; VIII 89; X 67). Como se funde, na pronuncia, o *a* final de «toda» com o artigo «a», é provavel que «toda parte» seja graphia inexacta, vulgar ainda no seculo XVI (por exemplo no *Esmeraldo*) e que verdadeiramente se deva escrever «todà parte».

8. engenho e arte] tambem na ecloga «A quem direi. .» (rimando igualmente com «em toda parte»). A contraposição de *ingenium* e *ars* é frequente na litteratura latina: *Ennius ingenio maximus, arte rudis* (Ov. *Trist.* I 424); [Callimacho] *quamvis ingenio non valet, arte valet* (id. *Am.* I 15, 14); *plerique plus ingenio quam arte valuerunt* (Quintil. I 8, 8).

3. Ceſſem do ſabio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizerão,
Calle-ſe de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias que tiverão,
Que eu canto o peito illuſtre Luſitano
A quem Neptuno e Marte obedecêrão;

3 1 Troy. ‖ 5 .cyto ‖ 6 *A* .deçerão *B* .decéram

3 1-2. As navegações de Ulisses («o sabio Grego») e as de Eneas («o Troiano») são celebradas, respectivamente, na *Odysseia* e na *Eneida*. De Ulisses, afamado pela sua intelligencia e ardileza, diz Cicero: *ille sapientissimus Graeciae*. . (*Tusc.* II § 48). A *Odysseia* logo no primeiro verso caracteriza-o por ἄνδρα πολύτροπον, palavras que Livio Andronico traduziu por *virum versutum*.

3-4. Alexandre Magno, na sua expedição militar á Asia chegou á parte do noroeste da India cisgangetica, onde venceu o rei Poro. Em Tito Livio lê-se: *quaerenti Africano, quem fuisse maximum imperatorem Hannibal crederet, respondisse, Alexandrum Macedonum regem, quod parva manu innumerabiles exercitus fudisset quodque ultimas oras, quas visere supra spem humanam esset, peragrasset* (XXXV 14). As victorias de Trajano no Oriente deram ao imperio romano a maior extensão que elle alcançou. D'este imperador, que ainda antes de subir ao throno militou na Germania e no Oriente, diz Plinio no *Panegyrico: cum*. . *Rhenumque et Euphratem admirationis tuae fama conjungeres*. . (XIV). Já antes de Cam., Duarte Pacheco havia escripto: «já muita parte dos famosos feytos d'Alexandre Maugno e dos Romanos ficam muito abaixo cm respeito d'esta santa e grande conquista» (*Esmeraldo* IV 3). (FS vê em «Calle-se» reminiscencia do passo de Mareial: *Barbara pyramidum sileat miracula Memphis* [*Epigr.* I 1], e d'est'outro de Dante: *Taccia Lucano omai, là dove tocca | Del misero Sabello e di Nassidio, | Ed attenda ad udir quel ch'or si scocca.* | *Taccia di Cadmo e d'Aretusa Ovidio;* | *Che*. . [*Inf.* XXV 94, segg.]; mas a correspondencia entre a expressão de Cam. e a do poeta latino e do italiano não é rigorosa). Sobre a fórma *Alexandro* v. *R Ph.*

5-6. o peito illustre Lusitano, etc.] designa os Portugueses (cf. II 50, 6), a cujos desejos deram favor o deos do mar e o deos da guerra, o primeiro, Neptuno, para que as navegações d'elles deixassem na sombra as mais preclaras da antiguidade (versos 1.º e 2.º); o segundo, Marte, para que as suas victorias cobrissem maior campo do que as mais amplas victorias do mundo greco-romano (versos 3.º e 4.º). Justamente na accepção lata de «fazer a vontade a alguem» emprega Cam. o verbo «obedecer» em VII 28, 4. Com o 6.º verso póde comparar-se o lugar de Cicero: *ejus* [Pompeio] *semper voluntatibus non modo cives adsenserint, socii obtemperarint, hostes oboedierint, sed etiam venti tempestatesque obsecundarint* (*De imp. Cn. Pomp.* § 48). (No intuito de achar mais precisão na proposição do Poema, FS suppõe inexactamente que «o

Ceſſe tudo o que a Muſa antiga canta,
Que outro valor mais alto ſe alevanta.

4. E vós, Tagides minhas, pois criado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se ſempre em verſo humilde celebrado

‖ 7 .tigua (v. *R Ph* em «antigo»)
4 1 vos ‖ 2 my

3 7-8. Cedite Romani scriptores, cedite Grai: | nescio quid majus nascitur Iliade (Propercio II 32, 65-66) (FS).

pcito Lusitano» designa Vasco da Gama).

7-8 Nesta amplificação do pensamento contido nos versos 1 a 6, Cam., que tinha na mente o lugar em que Propercio exalta a epopeia de Vergilio, emprega o verbo «ceſsar» (representante do verbo *ceſsare*, intensivo de *cedere*) na acceppção de «fazer retirada, deixar o campo». Coincidencia notavel é estar tambem *ceſsare* por *cedere* em uma inscripção da Arabia Petrea: *Ceſsent Syri ante Latinos Romanos* (Bœck *Corpus inscr. Graecarum*, no commentario ao n.º 4668). a Musa antiga] = a poesia dos Gregos e Romanos. Tambem em latim se diz v. g. *Musas elegosque sonantes*.. | *mittere* (Marcial VII 46, 5-6).

8. outro valor mais alto] o dos Portuguezes, como navegadores e guerreiros. O termo «valor» está em sentido lato.

4-5. Invocação

4 1-2. Tagides] «Nymphas do Tejo» (VII 78. ef. «as filhas do Tejo» em v 99). Uma crença, que ascende aos tempos mais antigos, attribue ás agoas de certas fontes e rios, entre outras virtudes sobrenaturaes, a de darem inspiração poetica aos que beberem d'ellas; estavam neste caso duas fontes da Beocia, que brotavam do monte Hélicon, a fonte Aganippe e a Hippocrene; as Musas foram originariamente nymphas de fontes criadoras de inspiração. FS teve a cerebrina ideia de que o Poeta se refere ás «damas de Lisboa». A palavra «Tágides» foi inventada por André de Rèsende e por elle empregada na poesia á morte de D. Beatriz, esposa de Carlos, duque de Saboia, segundo se vê da nota 25 ao canto II do *Vincentius*, onde diz: *Tagus.. à quo nos ausi sumus hace nomina derivare. Taganus.. Item patronymicum femininum Tagis,idis ut de obitu Beatricis Allobrogum reginae.* **Nymphae etiam Tagides, nymphae Oceanitides ommes.** *Et Cistaganus, Transtaganusque*.. («Tagides minhas» como «minha Calliope» em x 8). Sobre a fórma «mi» v. *R Ph*.

3-6. A relação entre o membro condicional e o condicionado é a

Foi de mi voſſo rio alegremente,
Dai-me agora hum ſom alto e ſublimado,
Hum eſtilo grandiloco e corrente,
Porque de voſſas agoas Phebo ordene
Que não tenhão enveja ás de Hippocrene.

5. Dai-me hũa furia grande e ſonoroſa,
E não de agreſte avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e bellicoſa,
Que o peito accende e a côr ao geſto muda;

‖ 4 .oy my ‖ 6 .tillo (. tilo: VII 61) ‖ 8 aas Hypoe.
5 2 a vena (erro conservado na ed. de 1609) ‖ 3 belie. (bellicosas; IV 26) ‖ 4 aeen. (aceendeo: IV 103) eor

mesma que em: *Si qua tuis umquam pro me pater Ilyrtacus aris | dona tulit ... | hunc sine me turbare globum et rege tela per auras* (Verg. *En.* IX 406-409). Nos versos 3 e 4 Cam. allude ás suas eclogas (v. nomeadamente as tres primeiras). «verso humilde» é dicto em respeito do estilo (tenue) proprio das composições bucolicas, em contraposição ao estilo proprio da epopeia («hum som alto e sublimado»); corresponde ao latim *humilis* em *neque humilem et abiectam orationem nec nimis altam et exaggeratam probat* (Cic. *Orat* § 192). Sobre a fórma «grandiloco» v *R Ph.*

7-8. Porque] = para que; v. *R Ph.* de vossas agoas] Quando a um verbo declarativo ou sensitivo se liga uma oração substantiva, é vulgar nos escriptores antigos pôr na oração subordinante, precedido da preposição «de» (na accepção de «a respeito de») o nome da pessoa ou cousa a que se refere a acção do verbo da subordinada, v. g.: De muitos santos lemos que o foram ainda no berço (Sousa, *Vida do Arceb.*, I 1). E' a continuação de uma syntaxe que se encontra tambem em latim (v. Madvig *Gr. lat.* § 395 *obs.* 7.ª). Com os verbos de «ordenar» é pratica pouco usada. Phebo] é um dos nomes greco-romanos dados a Apollo, deos da inspiração prophetica e poetica. Sobre a fórma «enveja» v. *R Ph.*

5 1. furia] = inspiração poetica. Applicado ao enthusiasmo prophetico ou poetico, é corrente em latim o termo *furor*, por exemplo: *ea [praesagitio] si exarsit acrius, furor adpellatur, cum a corpore animus abstractus divino instinctu concitatur* (Cic. *Divin.* I § 66).

3-4. A conjuncção «ou» entre «agreste avena» e «frauta ruda» apresenta o segundo membro como nova designação do mesmo objecto; cf. «do rio Chryssus ou Guadalete» (A. Here. *Eurico* pag. 4). Em latim avena, «aveia», emprega-se tambem por «canna de aveia», e d'ahi, na poesia, por «flauta pastoril» (Verg. *Buc.* I 2). A «avena»

Dai-me igual canto aos feitos da famoſa
Gente voſſa, que a Marte tanto ajuda,
Que ſe eſpalhe e ſe cante no univerſo,
Se tão ſublime preço cabe em verſo.

6. E vós, ó bem naſcida ſegurança
Da Luſitana antiga liberdade,
E não menos certiſſima eſperança

‖ 5 igoal (igual: I 13) ‖ 8 tam
6 1 vos ò ‖ 2 .tigua (v. *R Ph* em «antigo») ‖ 3 não

symboliza a poesia bucolica (v. I 4, 3-4), assim como a «tuba», ou trombeta, a poesia epica (I 4, 5-6). A mesma contraposição entre *avena* e *tuba* occorre em Marcial: *Angusta cantare licet videaris avena, | dum tua multorum vincat avena tubas* (VIII 3, 21-22). A fórma popular «rudo» (que sem duvida ascende ao tempo dos Romanos) é a empregada constantemente por Camões. «gesto», vocabulo favorito do Poeta, occorre nos *Lusiadas* 33 vezes, já na accepção do latim *vultus* já na de *habitus*.

5. igual] por «correspondente a» ou, como se diz modernamente, «á altura de», é latinismo, cf. *vir potestati par* (T. Liv. IV 17); *ingenium par materiae* (Juv. I, 151).

6. Se Cam. não escreveu «a que Marte tanto ajuda» (i. é, favorece), como entende M. Corrêa, e a lição «que a Marte tanto ajuda» é certa, ha-de entender-se «ajudar» no sentido de «glorificar» e poderá comparar-se-lhe o latim *adjuvare* em: *Possum dicere Flavium Claudium, unicum in terris principem, non columnis, non statuis, sed famae viribus adjuvari* (Treb. Poll. VII).

7. Que [=para que] se eſpalhe e ſe cante] tem por sujeito «a gente vossa». «a gente vossa se espalhe», por «a fama da gente vossa se espalhe», é brachylogia.

Se]=se é que. preço] equivale ao termo «valor» de I, 3, 8; conf. com este verso os dois ultimos de X 71.

6-18. Dedicatoria

A dedicatoria — em fórma de invocação, como a dos *Fastos* de Ovidio a Germanico (I 3-26) — é a D. Sebastião. A transição da invocação ás Tágides para a invocação a D. Sebastião é semelhante á que Vergilio fez, nas *Georgicas*, da invocação aos deoses á invocação a Cesar: *Tuque* etc. (I 24).

6 1-3. «bem nascido» equivale a «nobre». Sobre a graphia «naſcer», sendo a pronuncia «nacer», v. *R Ph* em «sc». segurança] equivale ao francês *garantie*. liberdade]=independencia (politica), em latim *libertas*. Com estes tres versos conf.: Assi vós, Rei, que fostes segurança | De nossa liberdade, e que nos dais |

De aumento da pequena Criſtandade,
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da noſſa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande
Pera do mundo a Deos dar parte grande;

7. Vós, tenro e novo ramo florescente
De hũa arvore de Chriſto mais amada
Que nenhũa naſcida no Occidente,

‖ 5 Vos *A* o *B* ò ‖ 7 *A* q̃
7 1 Vos tenrro (tenro: 1 16)

Dc grandes bens certissima esperança (Cam. Epist. «Mui alto Rei..»).

4. pequena] em relação á população total do globo.

5. Cf.: *Cacus, Aventinae timor.. silvae* (Ov. *Fast.* 1 551). O vocabulo mais usualmente empregado neste caso é «terror». «novo» em relação a D. João 1 c D. Affonso v, o Africano. «Mauro» e «Mouro» são os representantes, um litterario, o outro popular, de *Maurus*. De *Maurus* deriva *Mauretania* (é esta a boa graphia em latim). A Mauritania correspondia ao actual imperio de Marrocos e á Argelia quasi toda; ao nascente entestava çom a Numidia.

6. Maravilha fatal da nossa idade] cquivale a: que por vontade do destino haveis de ser a maravilha c assombro do nosso tempo; cf. «a fatal roda» (III 17)=a roda da fortuna. Na prosa classica *fatalis* quer dizer ordinariamente «determinado pelo destino, dependente do destino» etc., v. g. cm: *Scipio juvenis, fatalis dux hujusce belli* (T. Liv. XXII 53). FS pensa, menos acertadamente ao que me parece, que o apposto «Maravilha fatal da nossa idade, | Dada ao mundo por Deos» se refere a ter sido visto no nascimento de D. Sebastião, o Desejado, um milagre da Providencia, que d'este modo satisfez os votos da nação, conceito expresso em «Do gram Sebastião, Rey milagroso | Dado do Ceo por comũ bem e emparo» (Son. de P. A. Caminha a Diogo de Teive); *Nunc ille nobis Rex datus miraculo* (D. de Teive, pag. 52 da ed. de 1565); *Quantoque natus est Dei miraculo* (id., fol. 51 v.)

7-8. que todo o mande] é oração relativa final e por isso tem o verbo no conjunctivo *(totus cui serviat orbis* na versão de Santo Agostinho de Macedo). O antecedente do relativo é «maravilha» (e não «Deos» como suppôs J. A. de Macedo, e com elle Gomes de Amorim). O pensamento contido nos dois versos é «que Deos quer que D. Sebastião imperc em todas as partes do mundo, para assim dilatar o imperio da Fé christã, ainda tão resumido; cf. VII 2, 14-15.

7 2. A construcção é: De hũa arvore [i. é, de uma familia real] mais amada de Christo.

Ceſarea ou Chriſtianiſſima chamada
—Vêde-o no voſſo eſcudo, que preſente
Vos amoſtra a victoria ja paſſada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que elle pera ſi na Cruz tomou—;

8. Vós, poderoſo Rei, cujo alto Imperio
O Sol logo em naſcendo vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do Hemiſpherio,
E quando dece o deixa derradeiro;
Vós, que eſperamos jugo e vituperio

‖ 5 Ve. (sem parenth.)
8 1 Vos ‖ 2 ve ‖ 3 Ve *B* meyo ‖ 5 Vos

8 2 pulsi regnis, quae maxima quondam | extremo veniens Sol adspiciebat Olympo (Verg. *En.* VII 217-218) (F S).

4. «Cesarea» equivale a «imperial». No occidente da Europa o titulo de «imperador romano», extincto com a queda do imperio romano, foi renovado em 799 na pessoa de Carlos Magno, e desde Otto I († 973) pertencia aos reis da Allemanha coroados pelo Papa. Os reis de França tinham o titulo hereditario de «Christianissimos» desde os fins do sec. XIV (v. *Rev. archéol.* 1895 II pag. 253).

5-8. Vêde-o no vosso escudo] equivale a: vêde a prova no escudo das armas reaes. Conformemente á lenda a que o Poeta allude neste lugar, D. Affonso Henriques, depois da victoria de Ourique, esculpiu por concessão divina, como brasão, no campo branco do escudo real cinco escudetes representativos das cinco chagas de Christo («as que elle pera si na Cruz tomou»). presente] pertence para «victoria». A construcção do verso 7.º é: «Na qual vos deu e deixou por armas».

8 1-4. De commentario a este lugar serve a segunda metade de VII 14.

5. que esperamos jugo e vituperio] equivale a: que nós esperamos que sejaes jugo e vituperio; «jugo e vituperio» são nomes predicativos do complemento objectivo; é imitação da syntaxe que se vê em: *propitium hunc sperant, illum iratum putant* (Cic. *ad Att.* VIII 16, ed. de Wesenberg); *qui semper vacuam | semper amabilem* [sc. *te*] *sperat* (Hor. *Od* I 5, 10-11); *quem aequiorem sibi sperabat* (Tac. *Ann.* III 8); *nec te lectorem sperat* (Mart. VI 85,3). (A edição do Porto de 1870 põe «que esperamos» entre parentheses). vituperio]=humilhação vergonhosa.

D'estas esperanças ouvem-se echos frequentemente na litteratura d'aquelles tempos. D. de Teive, por exemplo, na *Institutio*, publicada com outras obras em 1565, diz, segundo a traducção de Francisco de Andrade: «..Quanto se deve ter por

Do torpe Iſmaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, e do Gentio
Que inda bebe o licor do ſancto Rio,

9. Inclinai por hum pouco a magestade
Que neſſe tenro geſto vos contemplo,
Que já ſe mostra qual na inteira idade
Quando ſubindo hircis ao eterno Templo;
Os olhos da real benignidade
Pondc no chão: vereis hum novo exemplo

9 1. ay || 2 *A* tenrro || 4 sob. (sub.: II 16; III 58; IV 69; V 35; VI 76, 80, 99; VII 84; VIII 19, 35; IX 15, 35, 40, 56, 90; X 2, 7) yr. (hi.: II 21, 34, 67, 80, 92; III 115; V 120) templo

mais ditoso, | Quem seu verso empregar nos grandes feytos | Que do gram Rey Sebastião s'esperão»; compôs tambem um hymno a Christo, cujo assumpto é «*Africa a Sebastiano rege superabitur, ut omnium spes fuit et vota, quod a Deo precatur*. V. outrosim as duas estancias finaes dos *Lusiadas*.

6. Ismael, filho de Abrahão e Agar (*Genesis* XVI 15), é o tronco lendario dos Arabes, que pelo tanto são chamados «Ismaelitas» e «Agarenos». O termo «Ismaelitas» designa aqui (e em IV 100) em particular os da Mauritania. torpe] por seguir «do Arabio a lei maldita» (IV 100). (O autor de *Lisboa edificada* applica o epitheto aos Lutheranos: «Vós, açoute do torpe Lutherano» [I 6]). cavalleiro] no sentido de «por armas esforçado» e não «*porque por la mayor parte son grandes hombres de cavallo*» como diz FS; a valentia do vencido redunda em gloria do vencedor; cf. «Não he elle [o Ismaelita] por armas esforçado, | Se queres por victorias ser louvado?» (IV 100).

7. Oriental] i. é, que está senhor do Imperio Romano do Oriente.

8. o sancto Rio] o Ganges; v. X 121.

9 A fórma da expressão («Inclinai..; Ponde..; vereis») é a mesma que a de Ovidio, nos *Fastos*, na invocação a Germanico: *Excipe pacato, Caesar Germanice, voltu | hoc opus..; | sacra recognosces annalibus cruta priscis* (I 3-7; FS).

3. qual na inteira idade] se. se mostrará; cf. III 133, 3. «a inteira idade» equivale a: a flor da idade, a força da vida; é latinismo, cf. *integer aevi* (Verg. *En.* IX 255; Ov. *Met.* IX 440), *integra aetate* (Suet. *Tib.* 10).

4. Quando] é aqui adverbio relativo (= em que], e por isso está «hireis» e não «fordes». (E' emprego cahido em desuso). subindo ao eterno Templo] = subindo ao Templo da Fama eterna, isto é, alcançando (com os feitos militares) fama eterna.

5-6. Os olhos.. | Ponde no

De amor dos patrios feitos valeroſos
Em verſos devulgado numeroſos;

10. Vereis amor da patria não movido
De premio vil, mas alto e quaſi eterno,
Que não he premio vil ſer conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
D'aquelles dc quem ſois ſenhor ſuperno,
E julgareis qual he mais excellente,
Se ſer do mundo Rei, ſe de tal gente.

11. Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Phantaſticas, fingidas, mentiroſas,
Louvar os voſſos, como nas eſtranhas
Muſas, de engrandecer-ſe deſejoſas.
As verdadeiras voſſas ſão tamanhas,
Que excedem as ſonhadas, fabuloſas,

10 3 nam ‖ 7 *A* .cclen.
11 2 Fan. ‖ 5 sam

---

chão» equivale a: baixae os olhos á minha humilde pessoa.

6-7. novo exemplo | De amor dos patrios feitos valerosos] é a composição d'esta epopeia.

8. «devulgar» por «divulgar» era fórma litteraria no tempo do Poeta. numerosos] no sentido classico do latim *numerosus* (cadente, melodioso).

10 1-4. Cam. quer dizer que compondo este Poema, monumento do seu amor da patria, não o move a perspectiva de recompensa ordinaria e transitoria que possa ter, mas a esperança de tornar para sempre conhecido o seu nome por haver celebrado o país que o viu nascer. (Man. Correia entende desacertadamente que o Poeta se refere ao amor patrio dos Portugueses). «vil» no sentido de *vilis*, «de pouco valor». «do ninho meu paterno» está em sentido objectivo com respeito a «pregão», cf. «estes humildes versos, que pregão | São d'estes vossos Reinos (Cam., epist. «Meu alto rei..»; cit. por FS).

6. senhor superno] Cf.: como [o rei] estê posto na superna | Cadeira (VIII 54).

11 1. vãs]=não reaes, como *vanus;* a ideia é desenvolvida no verso immediato por meio de tres epithetos.

4. Musas] V. com. a I 3, 7.

5. vossas] i. é, dos vossos vassallos.

Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

12. Por eſtes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal ſerviço,
Hum Egas e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara par'elles ſó cobiço;
Pois polos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o ſeu Magriço;
Dou-vos tambem aquelle illuſtre Gama
Que para ſi de Eneas toma a fama.

‖ 7 vão ‖ 8 ſo.
12 1 .ey ‖ 3 e hũ don q̃ ‖ 4 *B* Cite. *A* Cita. (eythara: IV 102) so ‖ 5 *A* pares

7-8. Rodamonte é personagem do *Orlando innamorato* de Boiardo († 1494). Rugeiro ou Rogeiro, em italiano «Ruggiero», é personagem do *Orlando furioso* de Ariosto († 1533). «Orlando» é a fórma italiana de «Rolando», nome do mais celebre dos heroes da lenda Carolingia. «excedem Rodamonte, etc.» equivale a «excedem as façanhas de Rodamonte, etc.»; é maneira abreviada de exprimir, corrente em latim, v. g. *supra Coclites Muciosque* [= *Coclitis Muciique facinora*] *id facinus esse* (T. Liv. II 13; v. Madvig, *Gr. lat* § 280 *obs.* 2.ª). vão] = fabuloso.

12 1-2. Nuno] é Nuno Alvares Pereira; v. IV 14-21, 23, 24, 34, 35, 45, 46. fero] aqui, e em outros lugares, é tomado á boa parte (como *ferox* e *ferocia*), referindo-se á bravura indomavel (significado que o *Dicc.* de Moraes não regista).

3-4. Sobre Egas Moniz v. III 35-41, VIII 13-15; sobre Fuas Roupinho v. VIII 16-17. que] é particula consecutiva correspondente á ideia de «taes» que se subentende.

«par'elle» era fórma ainda do tempo de Cam.: oulhava parcles (Cast. I 17), foyse el rey parela (id. ibd.).

5. Pois] serve de indicar emphaticamente transição para uma nova parte da exposição que se está fazendo. Os «doze Pares» são os conhecidos paladinos da lenda de Carlos Magno.

6. A historia dos Doze de Inglaterra, dos quaes o mais celebre foi o Magriço, vem em VI 43-69. Em latim a uma indicação geral junta-se ás vezes por meio de *et* e *atque* uma indicação particular para assim a fazer sobresahir, v. g. *pro Italia atque urbe Romana vos pugnare* (T. Liv. XXIII 29); *sed nec Romani, tametsi Poeni et Hannibal in cervicibus erant, soluti metu Macedonico videbantur* (Just. XXIX 3). Esta pratica imita Cam. dizendo «Os doze de Inglaterra e o seu Magriço».

7. Gama] é Vasco da Gama.

13. Pois ſe a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de Ceſar, quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonſo cuja lança
Eſcura faz qualquer eſtranha gloria,
E aquelle que a ſeu Reino a ſegurança
Deixou com a grande e proſpera victoria,
Outro Joanne, invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonſos e o terceiro.

14. Nem deixarão meus verſos eſquecidos
Aquelles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizerão por armas tão ſubidos,
Voſſa bandeira ſempre vencedora:
Hum Pacheco fortiſſimo, e os temidos
Almeidas por quem ſempre o Tejo chora,
Albuquerque terribil, Caſtro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

13 3 Vede Afon. (Affon. III 30, 42, 45, 46, 58 etc.) || 7 *A* .anc || 8 Afon.
14 1 .arão || 2 la || 3 tam || 8 não

13 1. Carlos] é Carlos Magno.
2. Cesar] é Julio Cesar.
4. Cam. emprega muito o verbo «fazer» com nome predicativo em vez do verbo factitivo correspondente, como neste lugar «escura faz» = escurece.
5-6. Falla-se de D. João I; «a grande e prospera victoria» é a de Aljubarrota; v. IV 27-44.
7. Outro Joanne] D. João II. Sobre a fórma «Joanne» v. a *Revista Lusitana* » IX pag. 164-166.

14 4. Subentende-se «fizerão», sendo «vencedora» nome predicativo de «bandeira».
5-6. Pacheco] é Duarte Pacheco Pereira, v. X 12-25. «forte» é empregado frequentemente por Cam. no sentido de «esforçado»; v. *R Ph* em «esforço». os temidos Almeidas] são D. Francisco de Almeida e seu filho D. Lourenço de Almeida, naturaes de Lisboa, v. X 26-38. por quem sempre o Tejo chora] é allusão ao fim lastimoso que tiveram.
7. Albuquerque. ., Castro] são Affonso de Albuquerque (v. X 39-44) e D. João de Castro (v. X 67-72). «terribil» por «que é o terror dos inimigos» corresponde a *terribilis* em: *cujus* (Pompeio) *virtute terribilior erat populus Romanus exteris gentibus* (Cic. *Phil.* II 26).

15. E em quanto eu eſtes canto, e a vós não poſſo,
Sublime Rei — que não me atrevo a tanto —,
Tomai as redeas vós do Reino voſſo:
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a ſentir o peſo groſſo
— Que polo mundo todo faça eſpanto —
De exercitos e feitos ſingulares
De Africa as terras e do Oriente os mares.

16. Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê ſeu exicio afigurado;
Só com vos ver o barbaro Gentio
Moſtra o peſcoço ao jugo já inclinado.
Tethys todo o ceruleo ſenhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que affeiçoada ao geſto bello e tenro
Deſeja de comprar-vos pera genro.

15 1 vos nam ‖ 2 (sem parenth.) nam ‖ 3 .ay vos ‖ 8 *A* Aff. (v. *R Ph*) *B* Oriẽ.
16 1 *A* vos *B* vòs ‖ 2 vè ‖ 3 So ‖ 5 Thetis ‖ 6 *A* vos *B* vòs

---

16 5-8 Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis (Verg. *Georg.* I 31) (FS).

15 5. grosso] = grande.

16 1-4. «o Mouro», «o Gentio» correspondem respectivamente a «De Africa as terras», «do Oriente os mares» (I 15). frio] de medo; cf.: *nec frigidus [miles] aspicit hostem* (Sil. It. IX 949); *exclamat stricto Aesonides stans frigidus ense* (Val Fl. VIII 530).

5-8. Cam. aproveita o pensamento de Vergilio, que nas *Georgicas* (I 29-31), invocando Augusto, lhe diz, que se entrando depois da morte no numero dos deoses, aquelle prineipe vier a ser divindade maritima, a deosa Tethys lhe offerecerá a mão de uma de suas filhas e em dote o imperio dos mares. Já Bernardo Tasso († 1569), como nota FS, havia imitado aquelle passo de Vergilio no *Amadigi: E lo vorrian per genero comprare | Thetide e l'Ocean con tutto il mare* (I, ed. de 1583). Em todo o poema o nome de Tethys, esposa do Oceano e mãe das Oceanitides, é escripto «Thetis», que é o nome de uma

17. Em vós ſe vem da Olympica morada
Dos dous avôs as almas cá famoſas,
Hũa na paz angelica dourada,
Outra polas batalhas ſanguinoſas;
Em vós eſperão ver-ſe renovada
Sua memoria e obras valeroſas,
E lá vos tem lugar, no fim da idade,
No Templo da suprema eternidade.

18. Mas em quanto eſte tempo paſſa lento
De regerdes os povos que o deſejão,

17 1 *A* vos *B* vôs Olim. ‖ 2 *B* .vòs ca ‖ 3 Ang. ‖ 5 *A* vos *B* vòs ‖ 7 la ‖ 8 tem.

filha de Nereo e de Doris, e igualmente divindade maritima. aparelhado] pertence para «o ceruleo senhorio». O adjectivo *caeruleus* ou *caerulus* occorre frequentemente nos poetas latinos applicado ao mar, aos rios e ás pessoas ou cousas pertencentes ao mar e aos rios. Que] é particula causal.

17 1-2 O sentido é, que da mansão celeste as almas dos dois avôs de D. Sebastião veem o seu transumpto na pessoa do neto. Os dois avôs são: o avô paterno, D. João III, pae do principe D. João († 1554); o avô materno, o imperador Carlos V, pae de D. Joanna, que foi esposa do seu primo o principe D. João. Sobre a fórma «vêm» de «ver», v. *R Ph.* a Olympica morada] = o Ceo»; v. o com. a 1 20.

3-4. O primeiro d'estes versos refere-se a D. João III, o segundo a Carlos V. Depois de «Hũa» e de «Outra» subentende-se «famosa» dourada] por «aurea» como tambem *auratus* está ás vezes por *aureus*. O epitheto de «aureo», que se applica translatamente ao que é muito precioso, allude provavelmente tambem á paz que reinava na idade de ouro, quando *sine militis usu | mollia securae peragebant otia gentes* (Ov. *Met.* 1 99-100).

6. obras valerosas] é tambem o 2.° hemistichio de 1 2, 5.

7-8. idade] por «vida», como *aetas* em *consumere aetatem* (Cic. *De or.* III 30). «o Templo da suprema eternidade» é variante da expressão «o eterno Templo» de 1 9.

FS compara este lugar com est'outro de Sá de Miranda na elegia á morte do principe D. João: Antes os dous avôs d'ambas as partes | lhe irão caminho abrindo em quanto erece (pag. 468 da ed. de D. Car. M. de Vasconcellos).

18 1. passa lento] equivale a: vem lentamente, tarda a chegar.

2. Os povos que o desejão] são todos os que fazem parte do imperio português.

Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que eſtes meus verſos voſſos ſejão,
E vereis hir cortando o ſalſo argento
Os voſſos Argonautas, porque vejão
Que ſão viſtos de vós no mar irado,
E coſtumai-vos já a ſer invocado.

19. Já no largo Oceano navegavão,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente reſpiravão,
Das naos as velas concavas inchando;
Da branca eſcuma os mares ſe moſtravão
Cubertos, onde as proas vão cortando

18 3 .ay vos ‖ 5 ir (v. 1 9) ‖ 7 sam vos yr. **19** 1 Ocee. (Oceano: VI 20; v. *R Ph*) ‖ 4 vellas (com um só *l*: V 75, VI 72, X 28 ‖ 5 .auão

18 8 Tuque . . audaeibus adnue eoeptis (Verg. *Georg.* I 24, 40). 7 iratum mare (Hor. *Epod* 2, 6) (FS). S. et votis jam nunc adsuesee vocari (Verg. *Georg.* I 42) (FS).

5. o salso argento] = o mar; esta periphrase foi suggerida a Cam. provavelmente pela expressão de Ovidio: *fons nitidis argenteus undis* (*Met.* III 407).

6. Na mythologia grega «Argonautas» é o nome dos heroes que embarcando na náo Argo foram na expedição á Cólchida (ao oriente do Mar Negro), emprehendida por Jasão para tomar o vello de ouro, que pendia de uma arvore, guardado por um dragão.

PRINCIPIA A NARRAÇÃO

19 Na epopeia Vergiliana, quando abre a narração da viagem de Eneas, o heroe troiano apresenta-se-nos já nas alturas da Sicilia (I 34-36), e a primeira parte da viagem é depois referida por elle á rainha Dido; tambem nos *Lusiadas* os nossos navegantes apparecem-nos já no canal de Moçambique (I 42), e o que se passou desde a sahida de Lisboa até o rio dos Bons Sinaes, é contado por Vasco da Gama ao rei de Melinde (v. 1-85). A respeito dos navios de que se compunha a frota, v. o com. a IV 84.

4. Cf.: Das naos as velas concavas rompendo (Cam., eleg. «O poeta Simonides. .»).

6 onde] i. é, pela parte onde.

As maritimas agoas conſagradas,
Que do gado de Proteo ſão cortadas;

20. Quando os Deoſes no Olympo luminoſo,
Onde o governo eſtá da humana gente,
Se ajuntão em conſilio glorioſo
Sobre as couſas futuras do Oriente.
Piſando o cryſtallino ceo fermoſo,

‖ 8 sam
20 1 Olim. ‖ 2 .tà ‖ 5 cristali. (.allino: v 29) Ceo ‖

20 5 Pisa el immenso cristalino cielo (Garcilaso, ecl. 1) (FS).

7. consagradas] está simplesmente por: sagradas. Ao mar, ás fontes, rios e lagos, como recebendo culto religioso (cf. Horacio *Od.* III 13), são dados na litteratura antiga os epithetos de «santo» e «sagrado», por ex.: *sacrum.. Tiberim* (Mart. IV 64).

8. Protêo guardava as manadas de animaes marinhos de Néptuno (v. Verg. *Georg* IV 394-395). Cam. disse neste lugar, conformemente á accentuação latina, «Próteo» em vez de «Protêo», que (como Orphêo, etc.) é a accentuação usual e a empregada por elle nos demais lugares (VI 20, 36; VII 85; X 7).

20 Compondo as estancias 20 a 23, Cam. lembrava-se das *Met.* de Ovidio, I 163-181.

A ligação de orações por meio de «já (não acabava, etc.)—quando» correspondente ao latim *jam (vix, etc.)—cum* (v. Madvig, *Gr. lat.* § 358 *obs.* 1.ª) é frequentissima nos *Lusiadas*.

1. Segundo a mythologia grega mais antiga, o Olympo (entre a Macedonia e a Thessalia) era, na parte superior á região das nuvens, a residencia dos deoses, e no mais alto da serra ficava o palacio do rei dos deoses, que para elle convocava a assembleia dos immortaes.

3-4. As edições de 1572 tem «consilio». Pode muito bem ser que o Poeta assim escrevesse; com effeito em latim ha *concilium* (assembleia) e *consilium* (assembleia deliberativa), e Ant. Minturno, em um passo que, segundo FS, Cam. tinha na mente ao compôr a estancia immediata, disse: *Ne' superni tetti | Chiamò tutto il celeste alto consiglio | E d'ogni spera i suoi ministri eletti, | Quanti n'han del Ponente i larghi Regni, | Quanti del bel Levante, e quanti d'Austro, | Quanti di Borea gl'indorati scettri* (*R. e prose*, pag. 210 da ed. de 1559) glorioso] = esplendido, cf. I 41, 5. A fórma syntactica d'estes dois versos corresponde á da periocha do livro III da *Iliada*, incluida nas obras de Ausonio: *Iuppiter interea cum dis genitalibus una | concilium cogit superum de rebus Achivis*.

5. fermoso] fórma antiga, resultante de dissimilação; sempre assim nos *Lusiadas*.

Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21. Deixão dos ſete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que ſó co penſamento
Governa o ceo, a terra e o mar irado.
Ali ſe achárão juntos num momento
Os que habitão o Arcturo congelado,
E os que o Auſtro tem e as partes onde
A Aurora naſce e o claro Sol ſe eſconde.

22. Eſtava o Padre ali ſublime e dino,

6 via || 7 de T. (M. Corrêa: do T.) || 8 Nc.
21 1 Cc. || 2 *B* .oy || 3 so || 4 Cc. Tc. Mar yr. || 5 *A* acha.

21 5-8 V. o passo de Minturno transcripto no com. á est. anterior.

7. Tonante] epitheto de Jupiter *(Iuppiter tonans)*, como deos das trovoadas. A poesia latina emprega *tonans*, por si só, para designar aquelle deos. («Tonante», como epitheto, deve regularmente ser precedido do artigo).

8. Mercurio, mensageiro divino, era por parte de Maia, sua mãe, neto de Atlante: *Mercuri, facunde nepos Atlantis* (Hor. *Od.* I 10; FS).

21 1. os sete ceos] os ceos dos sete planetas do systema exposto em X 77-91.

2. o poder mais alto] Deos. Sobre as ideias de Cam. ácerca dos deoses do paganismo, v. X 82-84.

lhe] como plural, ao lado de «lhes» é corrente no português antigo (e encontra-se ainda em escriptores dos principios do seculo XIX); é a unica fórma empregada por Camões.

4. . o mar irado] é o final tambem de I 18, 7; e, tanto aqui como lá, epitheto de ornato.

6. Arcturo] na litteratura greco-romana a constellação do Bootes ou Boiciro e o alpha d'esta constellação; em Cam. designa o norte.

7. Austro] *(Auster)* o sul, já na qualidade de ponto cardeal, já na de vento, já na de região da terra. tem] — habitam: *quique Rufras Batulumque tenent* (Verg. *En.* VII 739).

22 1-2. o Padre—] Jupiter. Nas forjas do deos do fogo era que se fabricavam os raios, v. Verg. *En.*

Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num aſſento de eſtrellas cryſtallino,
Com geſto alto, ſevero e ſoberano;
Do roſto reſpirava hum ar divino
Que divino tornára hum corpo humano;
Com hũa coroa e ſceptro rutilante
De outra pedra mais clara que diamante.

23. Em luzentes aſſentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo eſtavão
Os outros Deoſes todos aſſentados
Como a razão e a ordem concertavão:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores ſe aſſentavão;
Quando Jupiter alto aſſi dizendo
Cum tom de voz começa grave e horrendo:

22 2 ray. || 3 cristali. (v. 1 20) || 6 .àra || 7 ceptro
23 2 .auão || 4 Ra. Or. || 5 *A* .tiguos *A* .rrados (honrada: v 46) || 7 *A* .ssy || 8 *B* horen.

---

22 xxii 2. Vasti quoque rector Olympi, | qui fera terribili jaeulatur fulmina dextra (Ovid. *Met.* ii 60-61).

3. medius sesè arduus infert | ipse [Juppiter] deis, placido quatiens tamen omnia vultu,] stellantique locat solio (Estae. *Theb.* i 201-203) (FS).

23 1-6. Ut patuit stellata domus, considere jussi, | nec confusus honor; caelestibus ordine sedes | prima datur.. (Claudiano, *De raptu Pros.* iii 8-10) (FS).

viii 426-432. «Padre» representa, *pater*, titulo de respeito dado em particular aos deoses. Sobre «dino» v. *R Ph* cm «digno».

3. de estrellas] equivale a «que brilha como as estrellas», segundo se vê do lugar de Estacio acima transcripto, onde tambem se falla de uma assembleia convocada de ordem de Jupiter.

6. tornára] = tornaria.

23 2. perlas] fórma usada na propria prosa do seculo xvi (v. Barros iii 6, 4).

4. concertavão] = devidamente estabeleciam.

7-8. A oração «Quando Jupiter — começa» liga-se á de «estavão assentados» (formando as duas orações dos versos 5.º e 6.º uma especie de parenthese explicativo de «assentados como — concerta-

24. «Eternos moradores do luzente
Eſtellifero pólo e claro aſſento,
Se do grande valor da forte gente
De Luſo não perdeis o penſamento,
Deveis de ter ſabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella ſe eſqueção os humanos
De Aſſyrios, Perſas, Gregos e Romanos.

25. Já lhe foi — bem o viſtes — concedido
Cum poder tão ſingelo e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno;
Pois contra o Caſtelhano tão temido

24 2 Esteli. po. || 4 *B* Do || 7 sesq. (v. *R Ph* em «Elisão») || S Assi.
25 1 foy || 2 tam tam || 5 tam

---

24 2. te stellifero despiciens polo (Sen. *Hipp.* 785) (FS).

vão»). Nesta ligação de orações, «quando» equivale a «então».

8. horrendo] = que infunde temor respeitoso, sentido em que os poetas latinos empregam *horrendus: horrendae.. Sibyllae* (Verg. *En.* VI 10); *tectum.. | horrendum silvis et relligione parentum* (id. *En.* VII 170-172).

24 1. Eternos] não está meramente em referencia ao conceito de «moradores», mas allude á existencia eterna dos deoses e corresponde ao θεοὶ αἰὲν ἐόντες de Homero.

2. pólo] = ceo, como *polus*. claro assento] Cf. «assento [= séde, mansão] ethereo» (Cam., son. «Alma minha gentil..»). «claro» = brilhante, como *clarus*.

3-4. gente | De Luso] = povo lusitano, como «gente de Romulo (I 26) = povo romano. Sobre Luso, v. III 21.

6. grandes] = poderosos; cf. «destino tão grande» (VII 30).

7. humanos] por: homens, como *humani* por *homines* na poesia latina.

8. São os quatro grandes imperios do sonho de Nabuchodonosor no cap. II de Daniel. O primeiro imperio é o assyrio-babylonio; o terceiro é o greco-macedonio de Alexandre Magno. A quasi identidade d'este verso com est'outro de Panfilo Sassi «*Assiri, Persi, Greci, o ver Romani*» (ap. FS) é mera coincidencia.

25 1-4. A «poder singelo [não bem apercebido do que é necessario para a guerra] e pequeno»

Sempre alcançou favor do Ceo ſereno:
Aſſi que ſempre em fim com fama e gloria
Teve os tropheos pendentes da victoria.

26. Deixo, Deoſes, atrás a fama antiga,
Que co a gente de Romulo alcançárão,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto ſe afamárão;
Tambem deixo a memoria que os obriga
A grande nome, quando alevantárão
Hum por ſeu capitão, que peregrino
Fingio na cerva eſpirito divino.

27. Agora vêdes bem que cometendo
O duvidoſo mar num lenho leve
Por vias nunca uſadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais ſe atreve;

26 1 .tras *A* .tigua ‖ 2 *A* .ça. ‖ 3 Var. (Vir.: VIII 6, 36; a corr. do erro de pronuncia do typ. é já antiga) ‖ 4 affa. (afa.: X 129, 137) *A* .ama. ‖ 6 *A* .anta. ‖ 8 Cer.

27 1 ve. ‖ 2 divid. (a corr. é já antiga). ‖ 4 *A* Affr. satr. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖

contrapõe-se ehiasticamente «o Mouro forte e guarneeido», eomo bem notou FS. Sobre «guarneeido» ef. I 29, 7.

8. da victoria] pertence para «tropheos». O epitheto «pendentes» está dado poeticamente aos tropheos, d'onde pendem os despojos dos inimigos: «trofeos, que erão arvores, desgalhados os ramos, e penduradas d'elles as armas, e despojos dos inimigos» (Vieira, *Serm.* XI pag. 12).

26 1-4. Deixo.. atrás] = não fallo de *(praetereo)*.

Sobre Viriato, v. VIII 5-7.

5-6. «obrigar» na aceepção de *obligare* (ligar, vincular); assim «obriga a grande nome [= nomeada]» equivale a: faz que fiquem tendo eternamente grande nome.

6-8. Falla-se de Sertorio, v. VIII 7-8. peregrino] = estrangeiro; este nome foi transposto para a oração relativa (propriamente: hum peregrino .., que).; v. *R Ph* em «Transposição». espirito divino] = dom divinatorio; «fatidica eerva» diz-se em VIII 8.

27 1-4. Agora] pertence para «a mais se atreve»; colloeado neste lugar serve de contrapor o-

Que havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia he comprido e onde breve,
Inclinão ſeu propoſito e perfia
A ver os berços onde naſce o dia.

28. Prometido lhe eſtá do fado eterno,
Cuja alta lei não pode ſer quebrada,
Que tenhão longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas agoas tem paſſado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe ſeja
Moſtrada a nova terra que deſeja.

29. E porque, como viſtes, tem paſſados
Na viagem tão aſperos perigos,
Tantos climas e ceos exp'rimentados,

5 auen. (v. I 74)
28 1 està || 2 .ey nam || 4 *A* vé *B* vè || 5 In.
29 2 tam || 3 *A* Cl. *A* Ce. experi. (a corr. é já antiga)

conteudo d'esta estancia ao das duas precedentes. duvidoso] = perigoso, como tambem *dubius*.

«Africo» entre os Romanos o vento sudoeste; «Noto» nome grego dado na poesia latina ao vento sul: *creber . . procellis* | *Africus* (Verg. *En.* I 85-86); *procellosos . . Notos* (Ov. *Her.* II 12).

5-7. No 5.º verso ha contaminação anormal de duas construcções normaes: «havendo tanto já que vecm» e «vendo ha tanto já». A expressão «as partes onde o dia he comprido e onde breve» designa a costa africana ao sul do Equador, onde os dias grandes correspondem aos dias pequenos e os dias pequenos aos dias grandes das regiões que demoram ao norte do Equador. perfia] aqui e em I 34; «porfia» em I 36; V 66, 67; VI 44, 87.

8. Cf.: as partes onde | A Aurora nasce (I 21).

28 4. do Sol a roxa entrada] = o nascimento do Sol; cf. I 59, 3; o verso todo designa periphrasticamente os mares orientaes. «roxo» é usado pelos escriptores antigos no sentido de «vermelho» e de «ruivo»: a roxa Aurora (IV 60); o mar Roxo (II 49, X 97); O roxo Federico (III 87).

6. trabalhada] Cf. «os membros trabalhados» (VII 65).

29 1-4. No português antigo é vulgar concordar, nos tempos

Tanto furor de ventos inimigos,
Que ſejão, determino, agaſalhados,
Neſta coſta Africana como amigos,
E tendo guarnecida a laſſa frota
Tornarão a ſeguir ſua longa rota.»

30. Eſtas palavras Jupiter dizia,
Quando os Deoſes por ordem reſpondendo
Na ſentença hum do outro differia
Razões diverſas dando e recebendo.
O Padre Baccho ali não conſentia
No que Jupiter diſſe, conhecendo
Que eſquecerão ſeus feitos no Oriente,
Se lá paſſar a Luſitana gente.

|| 5 sejam || 6 *A* Affr. || 8 *B* Começáram (v. a *Introducção*) *A* rata

30 1 dez. (dizia: I 97; II 71, 85; III. 3, 38, 125; VI 40, 53, 90; VII 55; IX 82; X 39, 75) || 2 *B* per || 3 difir. (differente: I 67; II 54; X 126, 139; differença: VI 53) || 5 Baeo nam || 8 la

compostos com «ter» ou «haver», o partieipio passivo eom o eompl. objeetivo.

8. Tornarão a seguir] Cf.: Torna a segui-la (II 41); tornando a eontar-te (X 85).

30 1. («dezia» é graphia phonetiea vulgar nos eseriptores antigos. Estando em muitos lugares «dizia», é diffieil decidir se Cam. eserevia de um e de outro modo ou se a eseripta eom *e* provêm do typographo).

2-3. O verbo «differia» está eoneordando não eom o sujeito propriamente dieto («deoses»), senão com o apposto «hum»; é imitação, pouco vulgar, da syntaxe latina: *His oratoribus duae res maximae altera alteri defuit* (Cie. *Brut*, 55; v. Madvig *Gr. lat.* § 217 *obs.* 1.ª). Estes versos tinha na mente J. Franco Barreto quando eserevia: E os deoses eom diverso sentimento | No parecer hum do outro differia (*En. Port.* X 24).

5-8. «eonsentir» está no sentido de *consentire* (estar de aeordo); «eonsentir em —» eomo *in hoc consentio* (Quintil. XI 3, 11). Baeeho foi tambem divindade guerreira e era eelebrado eomo eonquistador da India, tendo ehegado ao Ganges nas suas expedições militares: *Hic* [*Dionysus*] *Indiam debellavit* (Fulgencio *Myth.* II 12) (feito registado tambem nos *Comment.* de Rafael de Volaterra, XXXIII).

31. Ouvido tinha aos fados que viria
Hũa gente fortiſſima de Heſpanha
Pelo mar alto, a qual ſujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha,
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou ſua ou foſſe eſttranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nyſa celebra inda a memoria.

32. Vê que já teve o Indo ſojugado,
E nunca lhe tirou fortuna ou caſo
Por vencedor da India ſer cantado
De quantos bebem a agoa de Parnaſo:
Teme agora que ſeja ſepultado
Seu tão celebre nome em negro vaſo

31 1 Fa. || 2 *A* .issimo || 3 ſoj. (sug.: III 11; VIII 59; X 125) || 8 Ni.
32 1 Ve || 2 Fort. || 6 tam

31 2. Entre os nossos maiores o vocabulo «Hespanha», de conformidade com a tradição romana, designa a peninsula pyrenaica: «em esta nossa Espanha» Zurara *Chr. Gu.* cap. 75); «nesta provincia de Hespanha» (*Esmeraldo* I 12); «segundo nossos costumes de Hespanha» (Barros II 4, 1); A. de Rèsende, no *De verborum conjug. comment.*, citando o philologo castelhano Ant. de Nebrixa, diz *Nebrissensis noster*.

4. Doris] filha do Oceano e de Tethys, e mulher de Nerêo; toma-se ás vezes na poesia latina pelo mar; v. Verg. *Buc.* X 5.

6. fosse] na prosa havia de estar ou só no primeiro membro da disjuncção ou em ambos. estranha]=alheia, de outrem (v. g. de Alexandre Magno, v. 1 3).

8. Nysa, onde Baccho foi criado, primitivamente existiu só na lenda; depois varios lugares pretenderam ser a verdadeira Nysa; em particular citava-se uma cidade da India no Pandjab; mas segundo uma tradição registada por Justino (XII 7) e Quinto Curcio (VIII 10) esta cidade foi fundação de Baccho.

32 2. FS cita passos de poetas italianos do seculo XVI, em que vem reunidos «fortuna» e «caso»; o de Tansillo é: *E dato in preda alla Fortuna, al Caso | che in ogni parte, e più nell'onde han regno.* (*Stanze a B. Martirano* II 5-7, ed. de Londres de 1782).

4. Do Parnaso, monte da Phócida, brotava a fonte Castalia consagrada ás Musas (v. o com. a 1 4). Do monte e da fonte falla Vergilio nas *Georg.* III 291-293. «de Parnaso» sem artigo como «de Pindo» (III 2), «de Etna» (VI 13).

5-7. Cf.: *Pigra per hunc fugies*

De agoa do eſquecimento, ſe lá chegão
Os fortes Portugueſes que navegão.

33. Suſtentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Luſitana
Por quantas qualidades via nella
Da antiga, tão amada ſua, Romana,
Nos fortes corações, na grande eſtrella
Que moſtrárão na terra Tingitana,
E na lingoa, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he a Latina.

‖ 7 Dag. (v. *R Ph* em «Elisão») · la
33 2 aa ‖ 4 tam ‖ 6 *A* mostrà. ‖ 8 ere

ingratae ſlumina Lethes (Marc. x 2, 7). (Não trazendo «vaso» artigo definido, ha-de dizer-se «de agoa», e não «da agoa» como alguns editores tem escripto).

33 1. Sustentave] está empregado absolutamente; em I 36, 1-2, vem a locução plena.

4. tão amada sua] = tão sua amada. Venus, mãe de Eneas, de quem descendeu o fundador de Roma, era chamada «progenitora dos Romanos», *Aencadum genetrix* (Luer. I 1).

5-8. As tres determinações: «nos fortes corações», «na grande estrella», «na lingoa» ligam-se a «qualidades»; o sentido é pois: qualidades do povo romano que se manifestavam no esforço, na felicidade, e na lingoa do povo português. estrella] = fortuna (cf. VI 47). Em seguida á conquista de Arzilla pelos Portugueses, os Mouros desampararam Tanger — a Tingis dos Gregos e Romanos (d'onde vem o nome ethnico *Tingitanus*) —, apoderando-se assim os nossos de esta cidade sem trabalho; v. IV 55. Os Romanos costumavam gloriar-se não menos da sua felicidade — manifestação do favor divino — do que do seu esforço. Ammiano Marcellino escreve: *Tempore, quo primis auſpiciis in mundanum fulgorem ſurgeret victura, dum erunt homines, Roma, ut augeretur ſublimibus incrementis, foedere pacis aeternae, Virtus convenit atque Fortuna, plerumque diſſidentes, quarum ſi altera defuiſſet, ad perfectam non venerat ſummitatem* (XIV 6). Frequentemente se referem os autores latinos á *fortuna populi Romani*, de que Roma fez uma divindade. (FS tomou «estrela» por «valor», no que foi seguido por alguns traductores, v. g. por Bonaretti que diz: *nel valor mostrato in Africa*. E' significação que «estrella» nunca teve). na qual quando imagina | Com pouca corrupção crê que he a Latina] quer dizer que Venus quando reflecte em qual seja a origem da lingoa portuguesa, reconhece que esta lingoa é a lingoa latina com leves alterações. O serem as lingoas romanicas transformações da lingoa latina, facto que a sciencia moderna põe fóra de toda a duvida, era já reconhecido pelos

34. Eſtas cauſas movião Cytherea,
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha-de ſer celebrada a clara Dea
Onde a gente belligera ſe eſtende.
Aſſi que, hum pela infamia que arrecea,
E o outro polas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem;
A qualquer ſeus amigos favorecem.

34 1 Cyte. ‖ 4 beli. (belli. III 50) ‖ 6 *B* pelas

eruditos da Renascença (*in nostra lingua, quae pene latina est,* diz A. de Rèsende nas notas do *Vincentius*), e alguns d'elles até lançaram os fundamentos da demonstração. A construcção «na qual quando imagina.. crê que he a latina» equivale a «a qual, quando nella imagina, Venus crê que he a Latina», e corresponde á construcção que se vê em *Is enim fueram cui cum liceret majores ex otio fructus capere quam ceteris,.. non dubitaverim..* (Cic. *De rep.* 1 4; v. Madvig *Gr. lat.* § 445). (Não deve conseguintemente pôr-se pausa entre «na qual» e «quando»). «imaginar» construido com «em» occorre igualmente em IX 27. «Com pouca corrupção» pertence para «que he a Latina»; v. *R Ph* em «Transposição».

34 1. A ilha de Cythera (ao sul do Peloponneso) e de Chypre *(Cyprus)* eram os centros principaes do culto de Venus (Aphrodite). Da primeira ilha houve a deosa o nome de «Cytherea» («a Deosa em Cythera celebrada» I 100); da segunda, onde havia a cidade phenicia de Paphos, o de «Cypria» e de «Paphia».

2-4. As Parcas eram entre os Romanos deosas do destino dos individuos; foram identificadas com as *Moirai* gregas—Clotho, Láchesis, A'tropos— que na qualidade de deosas do destino conheciam os segredos do futuro. Venus tinha entre outros predicados o de deosa protectora dos que andam sobre as agoas do mar (d'ahi o nome de «Porto de Venus» de algumas povoações maritimas, como Port-Vendres no Russilhão, Porto Venere na Liguria). Com toda a naturalidade, pois, nesta ordem de ficções poeticas, Cam. representa um povo de navegadores como propagador do culto d'esta divindade maritima. A ideia de «causas» levou Cam. a dizer «porque entende» em vez de «o entender», cf. «Se nom fosse porque nom quero luxar o meu fremoso demte na tua vil persoa, eu te adubaria como tu mereces.» *(O livro de Esopo,* II, publ. pelo Dr. Leite de Vasconcellos).

5-6. «hum» (Marte) «o outro» (Venus) estão empregados substantivamente, por isso, na coordenação com «hum» tem de dizer-se «o outro» e não «a outra».

8. Corresponde ao *cunctique fremebant | caelicolae adsensu vario* da *En.* (X 96-97; FS). qualquer] na accepção, hoje antiquada, de «cada um» (dos contendores, Baccho e Venus).

35. Qual Auſtro fero ou Boreas na eſpeſſura,
De ſilveſtre arvoredo abaſtecida,
Rompendo os ramos vão da mata eſcura
Com impeto e braveza deſmedida,
Brama toda a montanha, o ſom murmura,
Rompen-ſe as folhas, ferve a ſerra erguida:
Tal andava o tumulto levantado
Entre os Deoſes no Olympo conſagrado.

36. Mas Marte, que da Deoſa ſuſtentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,

35 3 vão ‖ 4 impi. (impe. IV 72 [*B*], VI 74; «impito» representa certamente a pronuncia popular do compositor) ‖ 5 toda mon. (a corr. é já antiga) ‖ 8 Olim.
36 3 *A* .tiguo

35 No lugar da *Eneida* precedentemente citado, Vergilio compara o sussurro da assembleia dos deoses, que mantinha sempre a gravidade devida, ao murmurio surdo do vento nas florestas, precursor da tempestade: *ceu flamina prima | cum deprensa fremunt silvis et caeca volutant | murmura venturos nautis prodentia ventos;* Cam., que representa a sessão do concilio celeste correndo tumultuosissima, lança mão naturalmente de simile diverso.

1-2. O português antigo emprega, nos similes, «qual» adverbialmente; neste lugar pode muito bem considerar-se «qual» adjectivo concordado só com o primeiro dos sujeitos, embora o verbo esteja no plural. «espessura abastecida de arvoredo» corresponde ao *nemus arboribus densum* de Ovidio (*Fast.* VI 9).

3. escura] Cf. *lucus . . | nigranti picea trabibusque obscurus acernis* (Verg. *En.* IX 86-87), e o nome geographico «Floresta Negra».

5. «Todo» seguido de substantivo appellativo sem o artigo definido só pode empregar-se no sentido de «todos»; Cam. disse pois necessariamente «toda a montanha»; a omissão do *a* é facil de explicar-se attendendo a que «toda a» se pronuncia «todà».

6. Rompen-se] Sobre esta forma v. *R Ph* em «-an,-en».

Um. dos similes analogos, na concepção geral, citados por FS é o de Ovidio nas *Met.* XV 603-606. Dos primeiros seis versos aproveitou-se J. F. Barreto (*En. Portug.* II 102) para traduzir Verg. *En.* II 416-418.

36 1-2. partes] por: partido, causa; é o latim *partes*, que tambem, neste sentido, se emprega as mais das vezes no plural. (Em VI 45, no singular).

3. Venus, esposa de Vulcano,

*

Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deoſes em pé ſe levantava:
Merencorio no geſto parecia;
O forte eſcudo ao collo pendurado
Deitando pera trás, medonho e irado,

37. A viſeira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui ſeguro,
Por dar ſeu parecer ſe pôs diante
De Jupiter, armado, forte e duro,
E dando hũa pancada penetrante
Co conto do baſtão no ſolio puro,
O ceo tremeo, e Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo como enfiado;

38. E diſſe aſſi: «Ó Padre, a cujo imperio

‖ 5 pee (pê: VII 77; pês: IV 70, V 47, etc.) ‖ 8 *A* tràs *B* tras *B* yr.
37 1 Dia. ‖ 2 muy ‖ 3 pos ‖ 6 .tão ‖ 7 .olo ‖ 8 inf. (enfia: VI 98)
38 1 *A* ò pa. B ò Pa.

teve amores com Marte (Ov. *Met.* IV 171-189). (Na *Odyss.* são o assumpto do canto de Demódoco em VIII 266-366).

5. antre] é pronuncia ainda corrente no povo em parte do país; nos *Lusiadas* só occorre, e precedido da preposição «de», aqui e em II 2, 33.

6. merencorio] está no sentido, correspondente á etymologia, de: muito enfadado.

37 1. de diamante] corresponde ao adjectivo *adamantinus* (de aço, rijo como aço), derivado de *adamas* que os nossos diccionarios (de Cardoso e Fonseca) traduzem unicamente por «diamante».

2. seguro]=seguro de si.

4. forte]=intrepido. duro] é epitheto favorito de Cam., empregado por elle em sentidos que ás vezes é difficil determinar com precisão (v. *R Ph*); aqui parece equivaler a «temeroso» cf. I 89, 2.

5. E] liga evidentemente á oração anterior a de «tremeo» e não (como pensa S. Lencastre) o participio «dando» a «alevantando».

6. o solio puro] é o «assento de estrellas crystallino» de I 22.

7. Apollo tambem foi considerado deos do sol; d'aqui «raio Apolineo» (I 84, X 25).

38 1-2. O principio do dis-

Tudo aquillo obedece que criaſte,
Se eſta gente que buſca outro Hemiſpherio,
Cuja valia e obras tanto amaſte,
Não queres que padeção vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaſte,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que he ſuſpeito.

39. Que ſe aqui a razão ſe não moſtraſſe
Vencida do temor demaſiado,
Bem fôra que aqui Baccho os ſuſtentaſſe,
Pois que de Luſo vem, ſeu tão privado;
Mas eſta tenção ſua agora paſſe,
Porque em fim vem de eſtamago danado,

‖ 3 Em. (Hemispherio: I 8) ‖ 5 *B* queiras (v. a *Introducção*) | 7 es *A* .yz ‖ 8 ſoſp. (suspeita: VIII 64, 5)
39. 3 fo. Baco ſoſt. (ſuſt. I 33, 36; III 34; V 21, 53; VI 45, 46, 48) ‖ 4 tam

curso de Venus é semelhante ao da falla de Venus na *En.* X 17 e I 229-230 (FS).

3. gente] como no 4.º verso da est. 36.

4. valia e obras] = obras valorosas; é hendiadys.

5. O emprego do verbo no plural referido ao collectivo «gente» occorre até na prosa: «auia gente branca que navegavão em naos como aquellas suas» (Barros I 4, 3).

8. Razões] = arrazoados. parece] não está no sentido de *videri*, senão no de *apparere*. suspeito] de não ter, quando dá o seu voto, a razão desassombrada de paixão.

39 A primeira metade da est. fundamenta o asserto «parece que he suspeito».

1. A particula causal «que», bem como a particula latina *nam* que lhe corresponde na significação e no emprego syntactico (e pela qual Macedo traduz neste lugar o «que» português), pode abrir um novo periodo grammatical. (S. Lencastre pensa erradamente que é a simples conjuncção sobordinativa, subentendendo-se antes d'ella «dizia». Só podia sê-lo, se o discurso fosse indirecto, como é, por exemplo, em VII 64, 65).

4. V. III 21.

5. tenção] = parecer (*sententia*, como vem na versão de Macedo), e não «intento» (como suppôs FS). Ainda hoje se usa na qualidade de termo forense.

passe] i. é, não se faça maior caso d'ella.

Que nũnca tirará alheia enveja
O bem que outrem merece e o Ceo deſeja.

40. E tu, Padre de grande fortaleza
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois he fraqueza
Deſiſtir-ſe da couſa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e á ſeta bem talhada,
Lhe vá moſtrar a terra onde ſe informe
Da India e onde a gente ſe reforme».

41. Como iſto diſſe, o Padre poderoſo
A cabeça inclinando conſentio
No que diſſe Mavorte valeroſo,

|| 7 .arà alhea (v. *R Ph* em «-cia») || 8 *A* .eçe ceo **40** 1 *A* pad. || 2 .naçam tẽs || 3 Nam .tras || 6 aa || 7 va

---

40 5-6 ventis.. ocior (Verg. *En.* v 319); ocior et jaculo et ventos aequante sagitta (id. ibd. x 248).

6. estamago] é fórma popular, corrente da litteratura antiga (Dam. de Goes *Cal. m.* pag. 64 da 2.ª ed; H. Pinto I fol. 10 v., 206 [duas vezes]; II 37, 320 v. da 1.ª ed.); equivale aqui a: estado do animo danado] = pervertido pela paixão (no caso presente, a inveja, como se vê do verso immediato).

40 1. fortaleza] no sentido que este vocabulo tem quando se nomeia a terceira das virtudes cardeaes; contrapõe-se-lhe «fraqueza» no 3.º verso.

3. «tornar por detrás» por «tornar atrás» está antiquado. A locução corresponde ao *sententia vobis | versa retro* de Verg. *En.* x 6-7.

8. «reformar-se» está no sentido de «refazer-se» (descansando e provendo-se de mantimentos).

41 1. Como] = depois que. disse] sc. Marte. o Padre poderoso] Cf. I 38, 1-2.

2. A cabeça inclinando] para dar segurança da determinação tomada; corresponde ao *adnuit* da *En.* (IX 106, que é imitação da *Iliada* I 528).

3. Mavorte] representa *Mavors*, fórma antiga e poetica de *Mars*.

E nectar ſobre todos eſparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioſo
Logo cada hum dos Deoſes ſe partio,
Fazendo ſeus reaes acatamentos,
Para os determinados apouſentos.

42. Em quanto iſto se paſſa na fermoſa
Caſa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicoſa
Já lá da banda do Auſtro e do Oriente
Entre a coſta Ethiopica e a famoſa
Ilha de São Lourenço, e o Sol ardente
Queimava então os Deoſes que Typheo
Co temor grande em peixes converteo.

41 4 Nect.
42 2 Eter. Olim. ‖ 3 beli. (v. 1 5) ‖ 4 la ‖ 6 sam ‖ 7 entam Tifeô ‖ 8 *A* pexes *A* .erteô

---

42 2 aetheria domo (Hor. *Od.* 1 3, 29); domus omnipotentis Olympi (Verg. *En.* x 1) (FS).

4. O nectar servia, entre os deoses, não só de bebida, senão tambem de perfume, v. Ov. *Met.* IV 249-252.

5-8. Cf. 1 20. caminho Lacteo] =via Lactea (de 1 20). glorioso] =esplendido (aqui em sentido material). acatamentos] no sentido, agora desusado, de «reverencias». Sobre a fórma «apousento» v. *R Ph* em «apousentar».

42 A narrativa torna ao momento indicado em 1 19.

2. O epitheto que propriamente pertence a Jupiter, é aplicado por Vergilio ao Olympo: *omnipotentis Olympi*. (S. Lencastre, seguindo Man. Corrêa, pensa erradamente que «Olympo» está por «Jupiter»). (Na *En.* [XII 791] Vergilio designa Jupiter pela periphrase *rex omnipotentis Olympi*).

4. da banda do Austro] = no hemispherio austral. o Oriente] aqui, em particular, a Africa oriental.

5. Na antiguidade classica o termo «Ethiopia» designa frequentemente o continente negro africano.

6. Ilha de São Lourenço] = Madagascar; v. x 137.

6-8. Em Hygino lê-se que, segundo um mythographo, estando Venus com Cupido nas margens do Euphrates, e apparecendo-lhe de repente o gigante Typhon, a deosa se arremesssou ao rio com o filho, e ahi as duas divindades se

43. Tão brandamente os ventos levavão,
Como quem o Ceo tinha por amigo;
Sereno o ar e os tempos ſe moſtravão,
Sem nuvens, ſem receio de perigo.
O promontorio Praſſo já paſſavão
Na coſta de Ethiopia, nome antigo,
Quando o mar deſcobrindo lhe moſtrava
Novas ilhas que em torno cerca e lava.

44. Vaſco da Gama, o forte Capitão
Que a tamanhas empreſas ſe offerece,
De ſoberbo e de altivo coração,
A quem fortuna ſempre favorece,

43 1 Tam ‖ 2 ceo ‖ 4 nuuẽs *B* . ceyo ‖ 5 prasso ‖ 6 *A* . iguo
44 1 *A* gama . itão

metamorphoscaram em peixes, salvando-se d'esta arte do perigo (*et ibi figuram piscium forma mutasse, quo facto periculo esse liberatos*). «o sol ardente queimava então os Deoses que Typheo eo temor grande em peixes converteo (=fez que se convertessem» quer, pois, dizer que o sol entrava no signo de Pisces. (Vaseo da Gama largara do rio dos Bons Sinaes aos 24 de Fevereiro de 1498; v. v 84). «Typheo» e «Typhon» designam a mesma personagem mythologica.

43 3. tempos] no plural, como ás vezes em latim *tempestates* (v. g. em Cic. *ad fam.* XVI 1).

5-6. Este «promontorio Prasso» é indubitavelmente uma das pontas que bojam da costa africana cerca da ilha de Moçambique (cf. I 77). D. João de Castro, no *Roteiro de Lisboa a Goa* identifica este promontorio com a «ponta de Mocango» (pag. 303), ao sul de Moçambique, «caminho de 5 legoas» (pag. 304). Na verdade o cabo Praso, onde, segundo a geographia de Ptolomeu, começava a «terra incognita» que juntava a costa oriental africana com a extremidade oriental da Asia, era o cabo Delgado (em 10°40′ de latitude austral) (Forbiger, *Handb. d. alt. Geogr.* II § 105); mas em um dos mappas adjuntos á traducção latina da geographia de Ptolomeu, na edição de 1525, vem o *prassũ prom.* arrumado em 15° de latitude austral, que é a latitude de Moçambique. Assim se explica a designação de Cam. A fórma «Prasso» é a que vem nas *Decadas* de Barros, (I 8, 4) e era corrente nos escriptos latinos d'aquèle tempo.

7. descobrindo] = deixando avistar.

44 V. o texto de Castanheda no com. á est. seguinte.

3. soberbo] em bom sentido, como em II 52, III 99, etc.

Pera ſe aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante paſſar determinava;
Mas não lhe ſuccedeo como cuidava.

45. Eis aparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem d'aquella
Que mais chegada a terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente ſe alvoroça, e de alegria
Não ſabe mais que olhar a cauſa d'ella:
«Que gente ſerá eſta?—em ſi dizião—
Que coſtumes, que lei, que Rei terião?»

46. As embarcações erão na maneira

‖ 5 ve ‖ 8 nam socee. (succe.: VII 33; VIII 72; X 67; successos: VIII 72; successor: X 67) *A* cuy.
45 2 Hũs ‖ 4 vella (v. I 19, 4) ‖ 7 .ra dez. (v. I 30) ‖ 8 ley

8. Este verso, repetido em II 70, FS pensa que é reminiscencia de *non factum est ei sicut cogitabat* (*Machab.* I 6, 8).

43 «.. ao domingo [25 de Fevereiro de 1498].. apareecerão tres ilhas ao mar, e todas pequenas.. e Vaseo da Gama não quis que as tomassem por não auer disso necessidade.. E hũa quinta feira a tarde que foy ho primeyro de Março vio quatro ilhas.. e indo ele [Nicolao Coelho] a sesta feira por dentro de hũa angra que se fazia antre a terra e hũa das ilhas, errou ho canal.. o que foy causa de virar atras.. e em virando vio que sahião daquela ilha sete ou oito bareos á vela.. e os nossos.. derão hũa grande grita com prazer de ver aqueles bareos (Cast. I 5).

2. d'aquella] sc. ilha.

3. a terra] Em expressões maritimas é corrente o emprego de «terra» sem artigo, v. g. saltar em terra, ir para terra. (A. Coelho escreveu indevidamente «á terra»).

5. A gente] são os Portuguezes.

8. lei] = lei religiosa, religião.

terião] em vez de «terão» por necessidade metrica. (Em discurso indirecto dir-se-hia correctamente: Perguntavam que rei teriam).

46 «.. e as velas erão desteiras de palma.. A gente que vinha dentro erã homens baços e de bons corpos, vestidos de panos dalgodão listrados e de muytas córes, huns cingidos ate ho giolho e outros sobraçados como capas: e nas cabeças fotas com viuos de seda laurada de fio douro, e trazião terçados mouriscos e adagas» (Cast. I 5).

1-2. maneira] = feitio, fórma

Mui veloces, eſtreitas e compridas;
As velas com que vem, erão de eſteira,
De hũas folhas de palma bem tecidas;
A gente da côr era verdadeira
Que Phaethon nas terras accendidas
Ao mundo deu, de ouſado e não prudente
—O Pado o ſabe, e Lampetuſa o ſente—.

47. De panos de algodão vinhão veſtidos,
De varias côres, brancos e liſtrados;
Huns trazem derredor de ſi cingidos,

46 2 Muy || 3 vellas (v. I 19) || 4 Dũ. (v. *R Pk* em «Elisão») Pal. || 5 cor || 6 .Phaeton acen. (accendeo: IV 103) || 8 (sem parenth.)
47 2 co. || 3 Hũs

---

46 6 Phaĕthon cunctis e partibus orbem | Adspicit adcensum (Ov. *Met.* II 227 sg.) (FS).

(é corrente no português antigo). «na maneira» pertence propriamente, quanto ao sentido, para o conjuncto «estreitas e compridas», que, como tal, se liga a «veloces» dando a razão d'este predicado, exactamente como na *Iliada:* αἰγὶδ' ἔχουσ' ἐρίτιμον, ἀγήραον ἀθανάτην τε (II 447).

5-8. Phaethonte, filho do Sol e de Clymene, alcançou do pae a permissão de guiar durante um dia o carro do sol, porêm não teve força para governar os cavallos, que se avizinharam demasiado á terra, abrasando-a; então Jupiter fulminou Phaethonte, que foi cahir no Erídano, rio mythico, identificado de Euripides em diante com o Pó, em latim *Padus (Phaethontei Padi*, diz Marcial, X 12). As tres irmãs de Phaethonte choraram por tanto tempo e tão amargamente a sorte do irmão, que por disposição divina foram metamorphoseadas em alamos (v. Ov. *Met.* I 750 a II 400). Das irmãs de Phaethonte, Ovidio nomeia *Phaĕthusa* e *Lampetie* (a Lampecca de V 91); Fulgencio (*Mit.* I 16), segundo alguns manuscriptos, nomeia duas, sendo uma Lampetusa, nome que na antiguidade classica occorre neste lugar de Fulgencio e nos comm. de Servio. (Boccaccio nas *Genealogiae,* VII 42, cita Lampetusa como encontrando-se em Ovidio, o que não é verdade). A gente que vinha nos bateis não pertencia á raça dos indigenas, negroides e pagãos; eram individuos de côr baça, mahometanos de religião e fallavam arabe (v. I 53). Cam. não quer dizer neste lugar que a gente fosse preta, como, com outros, pensa S. Lencastre, senão de côr muito tostada.

47 3-4. «Huns» e «Outros» são regidos de «trazem» e referem-se a «panos» segundo se vê

Outros em modo airoſo ſobraçados;
Das cintas pera cima vem deſpidos;
Por armas tem adagas e terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis ſonoroſos vão tocando.

48. Cos panos e cos braços acenavão
A's gentes Luſitanas, que eſperaſſem;
Mas já as proas ligeiras ſe inclinavão
Pera que junto ás ilhas amainaſſem.
A gente e marinheiros trabalhavão
Como ſe aqui os trabalhos ſe acabaſſem:
Tomão velas; amaina-ſe a verga alta;
Da ancora o mar ferido encima ſalta.

49. Não crão ancorados, quando a gente

‖ 4 ayr. ‖ 5 *B* Da cinta ‖ 6 tarç. ‖ 8 vão
48 1 *B* açe. ‖ 2 Aas ‖ 4 aas I. ‖ 6 sacab: (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 7 Tomão vellas (v. 1 19, 4),
49 1 erão

do texto de Cast. transcripto no com. á est. precedente.

6. Muitos editores (incluindo S. Lencastre e A. Coelho) tem supposto haver erro typographico em «adagas» (especie de punhal) em vez de «adargas» (especie de escudo). O texto de Cast. (citado tambem por FS) mostra o infundado de tal supposição. (Tendo Cast. «terçados» parece-me que a fórma popular «tarçados» é devida ao compositor).

7. toucas] (ou «fotas» como diz Cast.) são o que mais vulgarmente chamamos «turbantes».

8. V. o texto de Cast. no com. á est. seguinte.

48 «E com tudo os barcos os seguião sempre capeandolhes a gente deles que os esperassem. E nisto surgio Vasco da gama com os outros capitães: e tanto que forão surtos chegarão os barcos a eles: e quanto mais se chegauão soauão neles atabales como que hião de festa» (Cast. 1 5).

4. «amainar», intransitivamente, vem a equivaler a «surgir»; tambem em F. Lopes, *D. João I*, 11; pag. 11, Couto, *Sold. prat.*, pag. 9.

5. A gente e marinheiros] equivale a «a gente toda, e não só os marinheiros»; mais explicito é: «a gente maritima e a de Marte» em IV 84.

7. tomão] = colhem, ferram.

49 «Estes homens como chegarão aos nauios entrarã dentro muy seguramente como que conhe-

Eſtranha polas cordas já ſubia.
No geſto ledos vem, e humanamente
O Capitão ſublime os recebia:
As meſas manda pôr em continente;
Do licor que Lyeo prantado havia,
Enchem vaſos de vidro, e do que deitão,
Os de Phaethon queimados nada engeitão.

50. Comendo alegremente perguntavão
Pela Arabica lingoa, d'onde vinhão,
Quem erão, de que terra, que buſcavão,
Ou que partes do mar corrido tinhão.
Os fortes Luſitanos lhe tornavão
As diſcretas repoſtas que convinhão:
«Os Portugueſes ſomos do Occidente;
Himos buſcando as terras do Oriente.

‖ 2 *B* sobia ‖ 4 .itão ‖ 5 por ‖ 6 Li. aui. (v. 1 74)
‖ 7 .tão ‖ 8 *A* Phaeton *B* Phaetom
50 3 .cauão

49 6 laticemque Lyaeum (Verg. *En.* 1 686).

cerão os Portugueses, e assi conuersarão logo coeles, e falauão arauia: no que se conheceo que erão mouros. Vasco da gama lhes mandou logo dar de comer: e eles comerão e beberã» (Cast. 1 5).

3. humanamente] no sentido de *humaniter* (amavelmente, cortêsmente, etc.).

6. licor] na poesia applica-se, á imitação do latim *liquor*, ao vinho, ás agoas dos rios, etc. Lyeo] (*Lyaeus*) era epitheto de Bacchó, divindade a quem a lenda attribuia a plantação da vinha. Em Ov. *Met.* IV 11-17 vem os principaes epithetos d'este deos).

50 «Chegados estes barcos ao nauio de Vasco da Gama, levantouse hum daquelles homens bem vestidos: e começou per arauigo perguntar que gente era e o que buscauão. Ao que Vasco da Gamma mandou responder per Fernão Martinz., que erão Portugueses vassalos del Rey de Portugal: e quanto ao que buscauão depois que soubessem cuja aquella pouoação era, então responderião a isso». (Barros 1 4, 3).

8. do Occidente] pertence para «os Portugueses»; «Os Portugueses do Occidente» equivale a «Os Portugueses habitadores do Occidente» e tem por parallela a expressão «da occidental praia Lusitana» (1 1). Leoni e, com elle, outros editores poem pausa antes de «do Occidente», ligando esta determinação a «Himos buscando».

51. Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico e Calliſto,
Toda a coſta Africana rodeado,
Diverſos ceos e terras temos viſto.
De hum Rei potente ſomos, tão amado,
Tão querido de todos e bem quiſto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

52. E por mandado ſeu buſcando andamos
A terra Oriental que o Indo rega,
Por elle o mar remoto navegamos
Que ſó dos feios phocas ſe navega.

51 2 . artico Cali. || 3 *A* Affr. || 4 Ce. Ter. || 5 Dum (v. *R Ph* em «Elisão») tam || 6 tam || 7 nam Mar

52 3 Mar || 4 so feos (v. *R Ph* em «-eia») Fo.

---

51 2 Tra quanto è 'n mezzo Antartico e Calisto (*Orl. fur.* III 17.) (FS).

52 4 deformes. . phocae (Ov. *Met.* I 300).

---

51 1-2. Antarctico] sc. pólo. A nympha Callisto, que teve amores com o rei dos deoses, foi metamorphoseada em ursa (em grego: arctos) por Juno, e depois, juntamente com A'rcade (*Arcas*), fructo d'aquelles amores, collocada no ceo, onde Callisto é a constellação da Ursa Maior, e Arcade a da Ursa Menor (v. Ov. *Fast.* II 155-192; *Met.* II 409-531). («Callisto» é a graphia correcta; mas nas antigas edições de Hygino vem «Calisto»). «Do mar toda a parte do Antarctico e Callisto» equivale a: toda a parte septentrional e meridional do Oceano; cf. X 139.

4-8. V. o texto de Cast. no com. á est. seguinte. diversos] =apartados uns dos outros, como em *diversa per aequora vectos* (Verg. *En.* I 376). não — mas] = não só — mas até; não é maneira usual de dizer. Estyge, Acheronte, Pyriphlegethonte e Cocyto são os quatro rios mythologicos dos infernos; os dois primeiros são ás vezes chamados lagos.

52 «E disselhe [Vasco da Gama ao sultão quando este o foi visitar a bordo] que ya descobrir a India por mandado de hum grande rey cujo vassalo era» (Cast. I 6).

3. Por elle] equivale ao «por mandado seu» do 1.º verso.

4. No português moderno o emprego da conjugação reflexa como passiva só tem lugar quando não se declara o agente; o português

Mas já razão parece que ſaibamos,
— Se entre vós a verdade não ſe nega —
Quem ſois, que terra he eſta que habitais,
Ou ſe tendes da India alguns ſinais.»

53. «Somos» hum das ilhas lhe tornou
«Eſtrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios ſão aquelles que criou
A Natura, ſem lei e ſem razão;
Nós temos a lei certa que enſinou
O claro deſcendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o ſenhorio,
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

54. Eſta ilha pequena que habitamos,
He em toda eſta terra certa eſcala
De todos os que as ondas navegamos

|| 6 (sem parenth.) *A* vos *B* vòs || 7 *A* abi. || 8 .gũs
53 1 Ilh. || 2 Lei .ação || 3 sam̃ || 4 Lei Razão
|| 5 Nos Lei *A* ins. || 6 .ahão || 7 Mun. || 8 mãy pay
54 1 Ilh. || 3 On.

antigo não conhecia esta restricção.
«phoca» antigamente era dos dois generos; v. o *Dicc.* de Moraes.

53 2. nação] actualmente dizse: raça.

3-4. os proprios] = os indigenas. aquelles que criou | A natura] equivale a «aquelles que estão ainda no chamado estado natural» e é explicado pelas qualificações «sem lei» (= sem religião) e «sem razão» (= sem policia; v. VII 12, X 92).

5-8. «[o pae de Mahomet] auia nome Aedela Gentio, sua mãe Emina a qual era Hebrea» (Barros II 10, 6). Mahomet procedia, segundo a crença dos Mahometanos, de Abrahão e de Agar, escrava de Abrahão; era filho de 'Abdallah e de Amina.

54 «Os pouoadores da qual erão Mouros vindos de fora, os quaes fizerão aquella pouoação como escala da cidade Quilòa que estava diante, e da Mina Çofala que ficaua atras» (Barros I 4, 4). «. . e preguntados per hũ Fernão martinz que sabia arauia, que terra era aquela: disserão que era hũa ilha do senhorio dũ grande rey que estava adiante: e chamauase a ilha Moçambique, pouoada de mercadores que tratauão com mouros da India, que lhe trazião prata, panos crauo . .» (Cast. I 5).

2. certa escala] por: escala certa.

De Quiloa, de Mombaça e de Sofala;
E por ſer neceſſaria, procuramos
Como proprios da terra de habitá-la;
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-ſe a pequena ilha Moçambique.

55. E já que de tão longe navegais
Buſcando o Indo Hydaſpe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem ſejais
Guiados pelas ondas ſabiamente.
Tambem ſerá bem feito que tenhais
Da terra algum refreſco, e que o Regente
Que eſta terra governa, que vos veja
E do mais neceſſario vos proveja.»

56. Iſto dizendo, o Mouro ſe tornou

‖ 6 . tala ‖ 8 Ilh.
55 1 tam ‖ 2 Idas. ‖ 5 sera

55 2 Quanti dal Tago Ispano à l'Indo Idaspe . . (Minturno, *Son.* 1, pag. 5, ed. de 1559) (FS). Hunc . . | Gangesque Tigrisque tremunt atque Indus Hydaspes (Vida, *Bombyces* II 15).

7-8. A oração final do 7.º verso, pertence, quanto ao sentido, não para a oração do 8.º verso, mas para a ideia de «dir-vos-hei»; é brachylogia tambem corrente em latim (v. Madvig, *Gr. lat.* § 440 *obs.* 6.ª).

55 «Coestes mouros [de Moçambique] vinhão tratar mouros da India e do mar roxo, por amor do ouro que ali achauão» (Cast. 1 5). «. . e que se elle [V. da G.] quisesse entrar pera dentro do porto que eles ho meterião, e lá veria mais largamente o que lhe dezião» (id. ibd.).

2. O Hydaspes, hoje Jhelam (conforme a transcripção do *Imperial Atlas*), é affluente do Indo no Pandjab. Na poesia classica serve de designar a India: *hydaspeis gemmis* (Claudiano *De tert. cons. Honorii* 4). Cam. diz «Hydaspe» como «Gange» (a par de «Ganges»).

7. que vos veja] «que» é repetição da conjuncção que já está no verso antecedente; v. *R Ph* em «que».

56 1. o Mouro] Na litteratura portuguesa antiga, tanto erudita como popular, o vocabulo

A ſeus bateis com toda a companhia;
Do Capitão e gente ſe apartou
Com moſtras de devida corteſia.
Niſto Phebo nas agoas encerrou
Co carro de cryſtal o claro dia,
Dando cargo á Irmã, que alumiaſſe
O largo mundo, em quanto repouſaſſe.

57. A noite ſe paſſou na laſſa frota
Com eſtranha alegria e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo deſejada.
Qualquer então comſigo cuida e nota
Na gente e na maneira deſuſada,
E como os que na errada Seita crêrão,
Tanto por todo o mundo ſe eſtendêrão.

58. Da Lũa os claros raios rutilavão

56 3 . itão || 5 Feb. (Phebo: I 4) || 6 Chris. || 7 aa . mãa (v. IV 95) || 8 Mun. .
57 1 noy. || 2 não cuy. || 5 cons. (comtigo: IV 100; comvosco VI 55) cuy. || 7 *B* crèrão || 8 *B* . dèr.
58 1 ray. . auão

«Mouro» é empregado frequentemente não como nome ethnico, mas para designar aquelle que segue a religião mahometana, por ex.: hum Mouro Persiano (Lucena, x).

5-8. Phebo (Apollo; v. I 37) e Diana (deosa da lua) eram filhos de Jupiter e de Latona.

57 «Partido o Mouro.. começarão elles [os Portugueses] feſtejar a noua que deu: dando louuores a Deos pois ja tinha [leia-se: tinhão] visto gente que lhe falaua na India e sobre isso promettia piloto pera os leuar a ella» (Barros I 4, 4).

2. estranha alegria e não cuidada] Cf.: Grande e não cuidado pavor (L. de Sousa *Hist. de S. Dom*, II 2, 20).

3. da terra tão remota] i. é, da India.

4. de tanto tempo] = havia tanto tempo.

5-6. Qualquer] como em I 34, 8. Quando a duas partes da oração de regencia differente (v. g. cuidar em algo, notar algo) se liga, menos correctamente, uma mesma determinação, pela segunda palavra é que se costuma regular a construcção; neste passo Cam. regulou-a pelo primeiro verbo. maneira] sc. de trajar, trajo.

7. errada Scita] a religião mahometana.

Polas argenteas ondas Neptuninas,
As eſtrellas os Ceos acompanhavão
Qual campo reveſtido de boninas,
Os furioſos ventos repouſavão
Polas covas eſcuras peregrinas;
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo coſtumava.

59. Mas aſſi como a Aurora marchetada
Os fermoſos cabellos eſpalhou
No ceo ſereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou,
Começa a embandeirar-ſe toda a armada
E de toldos alegres ſe adornou,
Por receber com feſtas e alegria
O Regedor das ilhas, que partia.

60. Partia alegremente navegando,

‖ 3 Estr. ‖ 5 .auão
59 1 .sy ‖ 3 Ceo ‖ 4 Hip. ‖ 8 Ilh.

58 5-6 pater omnipotens speluncis abdidit atris [*ventos*] (Verg. *En.* 1 60).

58 2. Neptuninas]=do mar. (O adjectivo latino é *Neptunius;* todavia um codice de Catullo tem [64, 29] *Neptunine* como epitheto de Thetis).
3. «acompanhar»=fazer companhia a, i. é, não deixar estar só, equivale neste passo a «povoar»; póde em certo modo comparar-se-lhe *frequentare* em: *tum est quasi luminibus distinguenda et frequentanda omnis oratio sententiarum atque verborum* (Cic. *De or.* III §201).
6. peregrinas]=remotas; cf.: *Per spelunche deserte e pellegrine.* (Petr., canc. «Nel dolce tempo»).

59 «E.. [o sultão] foy ver Vaseo da gama, que sabendo que ele auia de ir, mandou embandeirar e toldar a frota» (Cast. 1 6).
1-2. assi como]=tanto que.
A aurora foi divinizada pelos Gregos, que lhe davam por marido Tithão (*Tithon*).
3. a roxa entrada] é tambem o final de 1 28, 4.
4. Hyperionio] é o deos do sol, como filho de Hyperião *(Hyperīon): Ex Hyperione et Acthra Sol . .* (Hyg.); *Sol Hyperionius* (Avieno *Arat.* 396; FS). que acordou] Cf.: 1 56, 5-8.

60 «E quando eles [os que

A ver as naos ligeiras Luſitanas,
Com refreſco da terra, em ſi cuidando
Que ſão aquellas gentes inhumanas,
Que os apouſentos Caſpios habitando,
A conquiſtar as terras Aſianas
Vierão, e por ordem do deſtino
O Imperio tomárão a Coſtantino.

61. Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda ſua companhia;
Dá-lhe de ricas peças hum preſente,
Que ſó pera eſte effeito já trazia;
Dá-lhe conſerva doce, e dá-lhe o ardente,

60 4 sam ‖ 7 .erão ‖ 8 *A* toma.
61 1 .itão ‖ 3 Da ‖ 4 so ‖ 5 Da .çe da

---

61 5-6 ardentis Falerni (Hor. *Od.* II 11, 19); laetitiae Bacchus dator (Verg. *En.* I 734) (FS).

---

vinham nos bateis; v. I 45] virão os nossos cuydarão que erão turcos por a noticia que tinhão de Turquia pelos mouros do mar roxo» (Cast. I 5).

4. são] por: eram; v. *R Ph* em «Tempos e modos». inhumanas] como *inhumanus*, no sentido de «não civilizadas».

5 «*Haec gens* [os Turcos] *teste Othone historico . . a Caspiis portis egressa . .* (En. Sil. pag. 395); «*Turcae in hac parte inter Sarmatas Asiaticos supra Caspias portas commemorantur*» (Raf. Vol. *Com.* VII, pag. 169). A séde dos Turcomanos é ainda hoje entre o mar Caspio e o lago Aral.

6. «*Asiam enim universam hodie immanissimus Turca occupat* (L. Fuchs *De hist. stirp.*, Basilea, 1542, pag. 824).

8. O ultimo sobèrano do imperio byzantino foi Constantino Dragades, que morreu no assalto geral dado pelos Turcos á capital do imperio em 29 de Maio de 1453. E' porêm muito possivel que o Poeta se refira antés a Constantino Magno, o que transferiu a séde do imperio romano de Roma para Constantinopla; cf. III 12,

61 «E estando assi chegou ho çoltão acompanhado de muyta gente e toda bem atauiada de panos de seda» (Cast. I 6); «após isto lhe [ao sultão] mandou dar muy bem de conseruas que leuaua; e do vinho: e ele comeo e bebeo de boa vontade: e assi hos que hião coele, que todos forão conuidados. . » (id. ibd.).

2. Cam. costuma dizer «todo o», antes de nomes appellativos, quando «todo» equivale a «in-

Não uſado licor que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

62. Eſtá a gente maritima de Luſo
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o eſtrangeiro modo e uſo,
E a lingoagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro aſtuto eſtá confuſo
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada,
E perguntando tudo, lhe dizia,
Se por ventura vinhão de Turquia.

63. E mais lhe diz tambem, que ver deſeja
Os livros de ſua lei, preceito ou fé,
Pera ver ſe conforme á ſua ſeja,
Ou ſe ſão dos de Chriſto, como crê.
E porque tudo note e tudo veja,

‖ 6 *A* dâ
62 1 .tà ‖ 2 exar. (enxar.: VI 84; v. *R Ph*) ‖ 4 tam
‖ 5 *A* .tà ‖ 6 cor ‖ 7 dez. (v. I 30)
63 2 ley *A* fê *B* fè ‖ 3 à ‖ 4 sam crè

teiro» (v. *R Ph*); assim que parece-me que, pelo menos, deve ler-se «todà».

6. Não usado] dos mahometanos, a quem a lei religiosa prohibe beber vinho.

62 «Ho çoltão preguntou a Vasco da gama se vinha de Turquia, porque ouuira dizer que erão brancos assi como os nossos» (Cast. I 6).

3. modo] como «maneira» em I 57, 6.

4. Cf.: a lingoa escura (I 64). Os epithetos dados aqui á lingoa arabica representam uma concepção popular que se manifesta claramente na expressão «aravia», que significando propriamente «lingoa arabica», era empregada frequentemente no sentido de «lingoagem ininteligivel».

63 «e dizia-lhe que lhe mostrasse os arcos de sua terra e os liuros de sua ley (Cast. I 6, cont. do texto transcr. anteriormente).

4. são] sc. elles (os Portugueses).

Ao Capitão pedia que lhe dê
Moſtra das fortes armas de que uſavão,
Quando cos inimigos pelejavão.

64. Reſponde o valeroſo Capitão
Por hum que a lingoa eſcura bem ſabia:
«Dar-te-hei, Senhor illuſtre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem ſou da terra nem da gèração
Das gentes enojoſas de Turquia;
Mas ſou da forte Europa bellicoſa;
Buſco as terras da India tão famoſa.

65. A lei tenho d'aquelle a cujo imperio
Obedece o viſibil e inviſibil,
Aquelle que criou todo o Hemiſpherio,
Tudo o que ſente, e todo o inſenſibil,
Que padeceu deſhonra e vituperio,
Soffrendo morte injuſta e inſoffribil,

‖ 6 *B* dè ‖ 7 .auão ‖ 8 .auão

64 1 *B* .deo .itão ‖ 3 teey (podeloha: x 33) .ação ‖ 4 my .ey ‖ 5 geraçam (gêr.: IV 50; gêrados: V 47) ‖ 7 beli. (v. 1 5) ‖ 8 tam

65 1 ley ‖ 3 Emis. (Hemisph.: 1 8) ‖ 6 Sofr. (soffrer: 1 75; VI 28, 35, 41, 51, 93, 96, 97; IX 81; X 91) insufr.

64 «Ele lhe disse que não era de Turquia se não dum grande reyno que confinaua coela» (Cast. 1 6).

2. Era Fernão Martins (nomeado em V 77); v. o texto de Cast. no com. a 1 54.

4. trazia] em vez de «trago», por necessidade metrica; cf. 1 45, 8.

6. enojosas] por serem mahometanas.

7. Ainda hoje na Grecia, do correio do centro e occidente da Europa diz-se «o correio da Europa».

65 todo o Hemispherio] com o sentido de «todos os hemispherios»; refere-se á esphera celeste e á terrestre; o verso todo corresponde ao *factorem caeli et terrae* do Symbolo dos Apóstolos, como tambem «o visibil e invisibil» representa o *visibilium omnium et invisibilium* do mesmo Symbolo.

E que do ceo á terra em fim deceo,
Por ſubir os mortais da terra ao ceo.

66. D'eſte Deos-homem, alto e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia,
Que bem poſſo eſcuſar trazer eſcripto
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido eſſe deſejo te feria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nuncá as queiras ver como inimigo.»

67. Iſto dizendo, manda os diligentes
Miniſtros amoſtrar as armaduras.
Vem arneſes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas ſeguras,

‖ 7 aa ‖ 8 *B* sob.
66 2 Liu. nam ‖ 5 tẽs ‖ 7 .ras

---

65 7-8 el hijo de Dios | para subirnos al cielo | descendio, | a nascer aca entre nos (J. Manrique, *Coplas*, est. 6, ed. de 1554) (FS).

66 «: e que os seus arcos e armas lhe mostraria, e os liuros de sua ley não os trazia, porque no mar não tinhão necessidade deles» (Cast. I 6, cont. do texto transcr. anteriormente).

2. trazia] em vez de «trago», como em I 64, 4; de igual modo adiante «devia» por «deve», e «seria» por «será».

7-8 «obrigar-se» e «ficar» x 25), seguidos de oração conjunctiva de «que» correspondem ao francês *garantir*. O pensamento contido nestes dois versos lembra o final da falla de Scipião ao celtibéro Allucceio em T. Liv. (XXVI 50): *nec ullum in terris hodie populum dici posse, quem minus tibi hostem tuisque esse velis aut amicum malis* (FS).

67. «, e mostroulhe algũas béstas com que mandou tirar. De que ho çoltão ficou espantado, e assi dalgũas couraças que lhe forão mostradas» (Cast. I 6, cont. do texto transcr. anteriormente).

2. ministros] no sentido geral de *minister* (pessoa que está ás ordens de outra).

3-4 «arnês» era termo geral (dizia-se, por ex.: arnês de pernas); mas designava em particular as

Eſcudos de pinturas differentes,
Pelouros, eſpingardas de aço puras,
Arcos e ſagittiferas aljavas,
Partaſanas agudas, chuças bravas.

68. As bombas vem de fogo e juntamente
As panellas ſulfureas, tão danoſas;
Porem aos de Vulcano não conſente
Que dem fogo ás bombardas temeroſas,
Porque o generoſo animo e valente
Entre gentes tão poucas e medroſas
Não moſtra quanto pode, e com razão,
Que he fraqueza entre ovelhas ſer lião.

67 6 Pil. (pelouros: x 35, 38; «pilouro» deve attribuir-se á pronuncia popular do compositor)

68 2 *B* .funeas tam || 3 nam || 4 aas || 6 tam || 7 Não .azão || 8 lião

---

67 7 sagittifera.. pharetra (Ov. *Met.* I 468).

armaduras do tronco (cf. VI 58). «malhas» é expressão abreviada, por «armaduras de malha», assim como «laminas» designa armaduras de chapas (*lamina*) metallicas.

5. pinturas] com referencia ás empresas e divisas.

6. espingardas de aço puras] Na poesia latina e ás vezes na prosa occorre o que se chama *trajectio epithetorum*, por ex. neste lugar de T. Liv.: *genere levi armaturae* por: *genere levis armaturae* (XXXV 27), e nest'outro de Tacito: *monumentorum arduum et operosum honorem* por: *monumentorum arduorum et operosorum honorem* (*Germ.* 27). Imitando esta pratica o Poeta concorda o adjectivo «puro», que pertence propriamente para «aço», com «espingardas».

7. Arcos] são ás béstas; cf. IX 67.

8. A partasana era a modo de alabarda, a chuça ou chuço tinha choupa.

68. 2. «Entre outros instrumentos offensiuos que faltauão, erão panelas para a polvora, de que se serue a milicia da India em màr e terra (J. Freire, *V. de D. João de C.* II, 108, ed. de 1651). sulfurcas] por o enxofre (*sulphur*) entrar na composição da polvora.

3. os de Vulcano]=os bombardeiros. Vulcano forjava os raios (I 22); as bombardas são assemelhadas pelo Poeta, nos effeitos, aos raios.

6. poucas] parece estar na accepção de «apoucadas de animo».

69. Porem d'iſto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade má de penſamento:
Nas moſtras e no geſto o não moſtrou;
Mas com riſonho e ledo fingimento
Tratá-los brandamente determina,
Até que moſtrar poſſa o que imagina.

70. Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podeſſe á India ſer levado;
Diz-lhe que o largo premio levarão
Do trabalho que niſſo for tomado.
Promete-lh'os o Mouro com tenção
De peito veneno ſo e tão danado,
Que a morte, ſe podeſſe, neſte dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

71. Tamanho o odio foi e a má vontade,
Que aos eſtrangeiros ſubito tomou,

69 4 *A* mà ‖ 5 ão ‖ 7 *A* .talos *B* .tallos ‖ 8 Ate
70 1 .itão ‖ 2 aa ‖ 3 *A* .vàrão *B* .varão ‖ 5 .ção ‖ 8 Pil.
71 1 .oy mà ‖ 2 supito (subit.: II 33, 64; V 16, 60; VI 35, 36, 37, 71, 72; IX 8, 51, 71, 72; X 4, 6, 31) ‖

69. V. o texto de Cast. no com. a I 71.

3. certo]=firme.

5. A repetição de palavras etymologicamente affins — «mostras» (=manifestações exteriores), «mostrou» — tem por fim assignalar bem a hypocrisia do xeque de Moçambique.

8. imagina]=traça na mente, planeia.

70. «.. e sabendo que tinha necessidade de piloto pedio ao çoltão que lhe desse dous..: e ele lhos prometeo, com condição que os contentasse» (Cast. I 6).

1-2. V. os textos de Cast. no com. a I 54.

5-6 «levar o premio» corresponde a *praemium* (*pretium, fructus*) *ferre*.

71. «.. auendo muyta communicação entre os nossos e os mouros vierão eles a entender que

Sabendo ſer ſequaces da verdade
Que o filho de David nos enſinou!
O' ſegredos d'aquella Eternidade
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
A'quelles de quem foſte tanto amigo!

72. Partiu-ſe niſto em fim, co a companhia,
Das naos o falſo Mouro deſpedido,
Com enganoſa e grande corteſia,
Com geſto ledo a todos e fingido.
Cortárão os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno, e recebido
Na terra do obſequente ajuntamento
Se foi o Mouro ao cognito apouſento.

5 Os (o compositor viu em «O» o artigo—cf. «a vena» I 5—, o que era tanto mais facil, porque então ainda no sul do país o *s* final de «os» e o inicial de «segredos» se fundiam em um só som; cf. III 8, 4. A correcção, que, apesar de certissima, nem todos os editores tem adoptado, é da ed. de 1584, onde se lê *Oo* [=O']; mas já B. Caldera na traducção castelhana, de 1580, tem «O secreto») ‖ 6 .yzo ‖ 8 Aaq.

72 5 *B* cortà. ‖ 8 .oy *B* apos.

os nossos crão christãos, pelo qual toda a amizade que tinhão coeles se lhe tornou em odio e desejo de os matarem e de lhes tomarem as naos (Cast. I 7).

3. ser sequaces] O emprego das fórmas impessoaes quando o infinitivo tem sujeito proprio está inteiramente antiquado. (Só por affectação de archaismo foi que A. F. de Castilho escreveu «ao beijar-se os padres»).

4. o filho de David] Christo: «Livro da geração de Jesu Christo, filho de David..» (S. Matth. I 1).

5-8. O movimento oratorio é como em I 105, 5-8. Eternidade] em sentido concreto, = Deos eterno. Nas exclamações ellipticas, que exprimem estranheza dolorosa, uma oração conjunctiva de «que» equivale a uma oração infinitiva. Tambem em latim em casos analogos se empregam expressões ellipticas com *ut* e conjunctivo (v. Madvig *Gr. lat.* § 353 *obs.*).

72. 7. obsequente] = cheio de acatamento. ajuntamento] designa aqui os mouros que na praia aguardavam o xeque.

73. No claro aſſento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi naſcido,
Olhando o ajuntamento Luſitano
Ao Mouro ſer moleſto e avorrecido,
No penſamento cuida hum falſo engano,
Com que ſeja de todo deſtruido;
E em quanto iſto ſó na alma imaginava,
Comſigo eſtas palavras praticava:

74. «Eſtá do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famoſas,
Hajão os Portugueſes alcançado
Das Indianas gentes bellicoſas,
E eu ſó, filho do Padre ſublimado,
Com tantas qualidades generoſas,
Hei-de ſoffrer que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome ſe eſcureça?

73 1 Eter. Tcb. (Thcb.: III 18; VI 25; VIII 3; IX 91) || 2 .oy || 5 cuy. || 6 .uydo || 7 so || 8 Cons. (v. 1 57)

74 1 .à || 2 tam || 3 Aj. (ha: II 44, 70; III 5; V 4, 41, 68; VI 41, etc.; has: V 42; hão: II 47) : *B* alcans. || 4 beli. (v. 1 5) || 5 so || 7 Ey sofr. (v. 1 65) Fa.

73 1-2. claro assento ethereo] V. I 24. Baccho, segundo a tradição mais vulgarizada, nasceu em Thebas (*Baccho Thebas.. insignes*, Hor. *Od.* I 7). Era filho de Jupiter e de Sémele, filha de Cadmo, rei de Thebas. Quando gravida de Baccho, Sémele por conselho perfido de Juno pediu ao rei dos deoses que se lhe mostrasse em todo o seu esplendor. Jupiter accedeu ao desejo da amante. Envolvida em chammas, Sémele, cheia de susto, deu á luz Baccho antes de tempo; porêm Jupiter recolheu-o em uma das coxas até que elle chegasse ao tempo normal do nascimento (Ov. *Met.* III 259-312). Por esta razão dá-se a Baccho o epitheto de *bimater* (Ov. *Met.* IV 12), «nascido de duas mais» (II 10).

4. avorrecido] v. *R Ph* em «barão».

5. «cuidar» está no sentido de: delinear no pensamento.

74 2-4. Na veemencia da paixão afiguram-se a Baccho já realizadas as victorias que ainda pertencem ao futuro.

6. generosas] = nobres (*generosus*).

75. Já quiſerão os Deoſes, que tiveſſe
O filho de Philippo neſta parte
Tanto poder, que tudo ſometeſſe
Debaixo do ſeu jugo o fero Marte;
Mas ha-ſe de soffrer que o fado déſſe
A tão poucos tamanho eſforço e arte,
Que eu co grão Macedonio e o Romano
Demos lugar ao nome Luſitano?

76. Não ſerá aſſi; porque antes que chegado
Seja eſte Capitão, aſtutamente
Lhe ſerá tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu decerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque ſempre por via hirá direita,
Quem do oportuno tempo ſe aproveita.»

77. Iſto dizendo, irado e quaſi inſano

75 1 .eram || 2 Filipo || 4 *B* de || 5 asse (v. I 74 e *R Ph* em *s*) Fa. dés. || 6 tam || 7 Queu (v. *R Ph* em «El são») gram (grão: VIII 75, 76; etc.) e Rom. (a ed. de 1613 escreveu «e co Rom.»)
76 1 .ra assy || 2 .itão || 3 .ra || 5 .ey aa || 6 .ey || 7 yra (v. I 9) der. (direito: I 38; VI 99; VII 49; VIII 77)
77 1 yr.

75 2. O filho de Philippo] Alexandre Magno. Fallando de personagem da historia moderna, Cam. diz «Philippe» (X 104). nesta parte] na India.

7. o grão Macedonio] Alexandre Magno. «o Romano» é Trajano; v. I 3, 3.

8. «dar lugar» quer aqui dizer: ceder o seu lugar a outrem.

76 3. Em Plauto ha *fallaciam fabricari*.

4. as partes do Oriente] é expressão perfeitamente latina; *Orientis partes* (Cic. *pro Caec.* § 89).

O movimento oratorio do discurso de Baccho é semelhante ao do discurso de Eneas em Verg. *En.* II 577-587; a transição da primeira parte para a segunda é identica: *Non ita; namque* . .

77 Isto dizendo] é tambem o principio de I 56.

Sobre a terra Africana deſcendeo,
Onde veſtindo a fórma e geſto humano
Pera o Praſſo ſabido ſe moveo;
E por milhor tecer o aſtuto engano,
No geſto natural ſe converteo
De hum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, ſabio, e co Xeque mui valido.

78. E entrando aſſi a fallar-lhe, a tempo e horas
A ſua falſidade acommodadas,
Lhe diz, como erão gentes roubadoras
Eſtas que ora de novo ſão chegadas;
Que das nações na coſta moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Forão por eſtes homens que paſſavão,
Que com pactos de paz ſempre ancoravão.

79. «E ſabe mais» lhe diz «como entendido

|| 2 Affr. (v. *R Ph* em «Africa») || 3 for. || 7 Dum (v. *R Ph* em «Elisão») || 8 muy

78 1 .sy falar (fallar: II 78, 85, 101, 107; III 106; V 40, VII 8, 46, 57, 59) || 2 acomo. (v. *R Ph* em «immigo») || 4 sam || 7 Forão homẽs

3-8 Também na *En.* Cupido toma a figura de Ascanio (*notos pueri puer indue voltus*, I, 684) para illudir Dido. sabido] = conhecido (já desde a antiguidade); cf.: Nomes de mil nações nunca sabidas (X 126). No gesto.. se converteo] corresponde ao *in voltus sese transformat* de Verg. *En.* VII 416 (FS). O que em I 55 é designado pelo nome de «Regente» e em I 59 pelo de «Regedor», é aqui designado pelo termo arabe «Xeque».

78 3. como] com o valor de «que», depois dos verbos de «dizer» e «saber» é frequentissimo no português antigo.

4. de novo] = recentemente. (Assim é que nas edições antigas a designação de «nova impressão» é applicada á propria primeira edição).

5. Em «das nações» a preposição parece estar no sentido de «a respeito de»; v. o com. a «de vossas agoas» em I 4.

79 Nesta estancia e nas seguintes o discurso passa de indirecto a directo como em T. Liv., XXIII 45, 5-10.

Tenho d'eſtes Chriſtãos ſanguinolentos,
Que quaſi todo o mar tem deſtruido
Com roubos, com incendios violentos,
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós, e que todos ſeus intentos
São pera nos matarem e roubarem,
E molheres e filhos captivarem.

80. E tambem ſei que tem determinado
De vir por agoa a terra muito cedo
O Capitão, dos ſeus acompanhado,
Que da tenção danada naſce o medo.
Tu deves de hir tambem cos teus armado
Eſperá-lo em cilada, occulto e quedo,
Porque, ſaindo a gente deſcuidada,
Cairão facilmente na cilada.

81. E ſe inda não ficarem deſte geito
Deſtruidos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito

79 6 *A* nos *B* nòs || 7 Sam
80 1 .ey || 3 .itãǫ *A* acompo. || 4 .çam || 5 yr (v. 1 9) || 6 .allo (habitala: I 54; comprala; I 90; reformala: II 3; desejala: II 3; dilatalo: III 94; etc.) *B* cilado || 7 .cuy. || 8 .irão
81 1 (M. Corr. tem «feito») || 2 .uyd. || 5 Pil. ||

2. d'estes Christãos] A preposição está como em I 4, 7.
8. molheres] é a forma constantemente empregada no português antigo.

80 2. muito cedo) = *muy de mañana* (FS).

7. saindo] sc. em terra.

81 3. conceito] por «mente, pensamento» está antiquado.
4. manha e ardil] = manha ardilosa, cf. I 38, 4. contente] V. com. a VII 85.

Seja aſtuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde ſejão deſtruidos,
Deſbaratados, mortos ou perdidos.»

82. Tanto que eſtas palavras acabou
O Mouro, nós tais caſos ſabio e velho,
Os braços pelo eollo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conſelho;
E logo neſſe inſtante eoncertou
Pera a guerra o belligero aparelho,
Pera que ao Portuguêſ ſe lhe tornaſſe
Em roxo ſangue a agoa que buſeaſſe.

83. E buſca mais pera o cuidado engano
Mouro que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, aſtuto, e ſabio em todo o damno.

‖ 6 tam ‖ 7 .uyd.
82 2 *B* taes ‖ 6 beli. (belli.: III 50) ‖ 7 .tugues
83 1 cuy. ‖ 2 Pil. aa ‖ 3 *B* todo d. (sem «o») .ano (v. I 93)

6. prudente]=sagaz, fino, como *prudens* em *virum.. ad consilia prudentem* (Cic. *pro Font.* 15).

82 1-4. «O Mouro nos tais casos sabio e velho» pareee não poder ser senão o «Mouro em Moçambique eonhecido, velho, sabio, e eo Xeque mui valido» da est. 77. (E' eomo entendem, entre outros, os traductores castelhanos Henr. Gareês e Lamberto Gil; o primeiro esereve: *Ja despues que de hablar huuo acabado | el moro en tales casos sabio e viejo, | los brazos el regente le ha echado | al cuello..*). Sendo assim «o Mouro» o sujeito de. «acabou», tem de subentender-se (eomo diz FS) «o xeque» para sujeito da oração principal que se segue. Semelhante mudança repentina de sujeito, dura sem duvida, não oeeorre só neste passo dos *Lusiadas* e não deixa de ter casos parallelos nos escriptores latinos, por ex: *jusso deinde eo ceterisque ejusdem noxae reis causam dicere, cum [rei] purgari nequissent, [censores] pronuntiarunt verba orationemque eos adversus rem publicam habuisse* (T. Liv. XXIV 18); *C. Popilius.. navigare Aegyptum pergit, ut prius occurrere Antiocho posset, quam [Antiochus] ad Alexandreae moenia accederet* (id. XLV. 10).

7. Em «ao Portuguêſ.. lhe» ha pleonasmo, corrente na lingoagem familiar.

83 1. cuidado] como em I 73, 5.

De quem fiar-ſe poſſa hum feito grande.
Diz-lhe, que acompanhando o Luſitano
Por tais coſtas e mares co elle ande,
Que ſe d'aqui eſcapar, que lá diante
Vá cair onde nunca ſe alevante.

84. Já o raio Apollineo viſitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama cos ſeus determinava
De vir por agoa a terra apercebido.
A gente nos bateis ſe concertava,
Como ſe foſſe o engano já ſabido;
Mas póde ſuſpeitar-ſe facilmente,
Que o coração preſago nunca mente.

85. E mais tambem mandado tinha a terra

|| 7 la || 8 Va

84 1 ray. .oli. || 2 Mon. acen. (v. 1 5, 4) || 3 Quando Gama (=Quand'o Gama; por falta de espaço; a ed. de 1663 já tem «Quando o G.») *B* .minau. || 7 po. sos. (v. 1 38) || 8 .ação

7. O segundo «que» é repetição anacoluthica; v. o com. a 1 55, 7.

84 V. o texto de Cast. no com. á est. seguinte.

1. o raio Apolineo] V. 1 37. «raio» em sentido collectivo; mas «raios» em x 25.

2. Os Nabatheos foram um povo da Arabia Petrêa; d'ahi *Nabathaeus* (ou *Nabataeus*) toma-se na poesia em sentido geral por «oriental» (v. Ov. *Met.* 1 61; FS).

4. a terra] Nas expressões maritimas é vulgar o emprego de «terra» sem artigo, v. g. soltar em terra, ir para terra, vir de terra. (Alguns editores tem posto indevidamente «á terra» aqui e na est. seguinte).

8. Vem já na ecl. «As doces cantilenas .. ». (FS).

85 «E sabendo ele [V. da Gama] isto [v. o texto de Cast. no com. a 1 71] não se quis mais deter, e partiose logo hum sabado dez de Março .. E partido foy surgir com toda a frota junto com hũa ilha que estaua em mar hũa legoa da de Moçambique .. E despois de surta a frota vendo Vasco da gama que a tinha segura de lha não queimarem os mouros: determinou de tornar a Moçambique a pedir ho piloto mouro que lhe ficara em terra: e deixando na frota

De antes pelo piloto neceſſario,
E foi-lhe reſpondido em ſom de guerra,
Caſo do que cuidava mui contrario.
Por iſto, e porque ſabe quanto erra
Quem ſe crê de ſeu perfido adverſario,
Apercebido vai como podia,
Em tres bateis ſòmente que trazia.

86. Mas os Mouros que andavão pela praia

85 2 Pil. || 4 *A* cuy. muy || 6 *A* cre *B* crè || 7 vay || 8 som.
86 1 .auão .aya

seu irmão.. partiose leuando Nicolao coelho no seu batel, e leuava tambem ho outro piloto mouro. E indo assi vio vir contrele seys barcos com muytos mouros armados.. que como virão os nossos começarão de lhes capear que se tornassem pera ho porto da vila. E.. [V. da Gama] mandou tirar com as bombardas que hião nos bateis aos dos barcos. E ouuindo Paulo da gama as bombardas na frota.. acodio logo no navio berrio.. e vendoo os mouros vir, como ja dantes fugião fugirão muyto mais e acolherãose a terra: e não os podendo Vasco da gama alcançar tornouse com seu irmão onde as naos estauão surtas» (Cast. I 7). Desesperando de haver o outro piloto, V. da Gama levantou ferro no domingo 11 de Março; mas houve calmaria e na manhã de 15 achou-se a ré de Moçambique 4 legoas, e de tarde foi novamente surgir junto da ilha onde já estivera, a uma legoa de Moçambique; «estcve ali esperando por vento oyto dias» (Cast. I 7). Determinou entrar no porto de Moçambique para fazer agoada; foi na 5.ª feira 22 á meia noite; mas não chegou a encontrar agoa; voltou na 6.ª feira com N. Coelho e «ho piloto mouro, que vendo que não podia fugir mostrou logo ho lugar onde estava a agoa, que era junto da praya:» (Cast. ibd.).

1-2. «Mandar a terra por» é a mesma syntaxe que «vir a terra por» na est. anterior. Sobre o facto v. o com. a I 94.

3. E] em sentido adversativo.

5-6. Burton compara: *Non credas inimico tuo in aeternum* (*Ecclesiastico* XII 10).

86 Certamente para lograr maior rapidez e viveza, Cam. condensou a narrativa dos acontecimentos, apresentando nas est. 86 a 93 como tendo-se dado em um mesmo dia o que se passou de 23 a 26 de Março segundo se vê da sequencia do texto de Cast. transcripto no com. da est. precedente: «na qual andauão obra de vinte mouros escaramuçando a pé com azagayas, e fazendo mostra de quererem defender a agoa: e Vasco da gama lhes mandou tirar tres bombardadas.. E espantados os mouros das bombardas se embrenharão logo no mato, e os nossos fizerão agoada pacificamente, e quasi sol

Por lhe defender a agoa deſejada,
Hum de eſcudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e ſeta ervada,
Eſperão que a guerreira gente ſaia,
Outros muitos já poſtos em cilada,
E porque o caſo leve ſe lhe faça,
Põe huns poucos diante por negaça.

87. Andão pela ribeira alva, arenoſa

‖ 3 .barçado (a corr. é já antiga) .aya ‖ 5 .erão .aya ‖ 6 muy. cilla. (eila., I 80; II 18; II 18; VIII 16, 21) ‖ 8 Poem (v. *R Ph* em «pôr») hũs

posto se recolherão á frota onde acharão que fugira pera os mouros hum negro.. E ao sabado [24 de Março].. logo pela manhãa apareceo hum mouro em terra bem defronte da frota: e disse em voz alta, que se os mouros quisessem agoa que fossem por ela: e isto com hum som que estava lá quem os faria tornar. E com a merencoria que Vaseo da gama ouue deste desprezo se lhe acreecentou a que tinha da fugida do negro: de maneira que determinou de esbombardear a povoação dos mouros por vingança. E dizendo a seus capitães se embarcarão todos nos bateys armados, e forão contra a pouoação, onde os mouros ao longo da praya tinhão feyta hũa paliçada de tauoado tão basto que se não podião ver os que estivessem detrás dela; e por fora desta paliçada antrela e ho mar andauão obra de cem mouros armados deseudos, agomias, azagayas, arcos, frechas, e fundas. E sendo os nossos bateis a tiro de funda lhe eomeçarão de tirar ás pedradas: e os nossos lhes responderão logo eom muytas bombardadas, eom cujo medo os ĩmigos deixarão a praya, e se recolherão pera dentro da paliçada, que eom as bombardadas foy toda desfeyta, fugindo os ĩmigos pera a pouoação.. Desfeyta a paliçada e despejada, Vaseo da gama se tornou com os seus, e.. os mouros fugião daquela pouoação com medo que auião dos nossos e se yão por mar pera outra que estaua da outra banda.. E.. ao outro dia fez agoada sem lha ninguem contrariar, e a segunda feyra seguinte tornou a esbombardear a pouoação dos mouros e destruyoha de maneira que eles se recolherão por dentro da ilha» (I 7).

2. defender a agoa] = impedir de fazer agoada.

3-4. Hum — Outro] equivale a: uns — outros (da mesma maneira que «qual — qual»).

6. No português antigo não existia a regra de não se colocar o sujeito antes do particípio nas construeções correspondentes aos ablativos absolutos latinos.

7. se lhe faça] = lhe pareça (a V. da Gama e á sua gente).

8. «põe» no português antigo é tanto singular eomo plural; v. *R Ph* em «pôr».

Os bellicoſos Mouros acenando
Com a adarga e co a aſtea perigoſa,
Os fortes Portugueſes incitando.
Não ſoffre muito a gente generoſa
Andar-lhe os cães os dentes amoſtrando:
Qualquer em terra falta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro:

88. Qual no corro ſanguino e ledo amante,
Vendo a fermoſa dama deſejada,
O touro buſca e, pondo-ſe diante,
Salta, corre, ſibila, acena e brada;
Mas o animal atroce, neſſe inſtante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata, e põe por terra.

89. Eis nos bateis o fogo ſe levanta

87 1 Andão ‖ 2 beli. (v. 1 5) ‖ 5 Nam ‖ 7 tam
88 3 Tou. ‖ 5 *A* .oçe ‖ 8 poem (v. 1 86)
89 1 *B* ſogo (sem artigo)

87 5. generosa] = de sentimentos nobres, briosa (*generosus*).
6. Sobre a syntaxe, v. com. a 1 71, 3.
7. Qualquer] como em 1 34.

88 7. duro] = temeroso (v. 1 89, 2), tanto póde pertencer para «bramando» como para «corre».
Sem a menor duvida o simile d'esta est. — simile esplendido, cuja belleza só póde ser bem sentida por quem assistiu a uma tourada na Peninsula — pertence para a est. 87 e não para a 89, sendo que nelle o namorado que cita o touro, corresponde aos Mouros, e o touro que arremette, corresponde aos Portugueses; e até ha uma expressão commum á primeira parte assim do semelhante como do assemelhado, e é o verbo «acenar». Assim entenderam, entre outros, Thomé de Faria na versão latina e FS no Commentario. Não tem faltado porêm editores e traductores que erradamente julgassem pertencer o simile para a est. 89, pondo assim ponto final no cabo da est. 87 e pausa menos forte no fim da 88. A este numero pertencem Juromenha, G. de Amorim, A. Coelho, e D. Car. M. de Vasconcellos. Alguns, mais commodamente, deixam o entendimento ambiguo pondo, sem mais declaração, com as ed. de 1572, ponto final no cabo das est. 87 e 88. E' o que fazem Macedo na versão latina e a ed. do Porto de 1870.

Na furioſa e dura artilharia;
A plumbea péla mata, o brado eſpanta,
Ferido o ar retumba e aſſovia;
O coração dos Mouros ſe quebranta,
O temor grande o ſangue lhe reſſria;
Já foge o eſcondido de medroſo,
E morre o deſcuberto aventuroſo.

90. Não ſe contentá a gente Portugueſa,
Mas ſeguindo a victoria eſtrue e mata;
A povoação ſem muro e ſem defeſa
Eſbombardeia, accende e deſbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peſa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blaſphema da guerra e maldizia
O velho inerte e a mãi que o filho cria.

91. Fugindo, a ſeta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apreſſado,

‖ 2 .lheria (a pronuncia e graphia d'aquelle tempo era com «a») ‖ 3 pela ‖ 5 .raçam
90 1 Não ‖ 4 .dea (v. *R Ph* em «-eia») acen. (v. 1 5) ‖ 6 compra. ‖ 7 blasf. ‖ 8 *B* In. .ãy
91 1 vay

89 2. G. de Amorim substitue indevidamente «Na» por «Da». Não é este o unico lugar em que o Poeta junta a preposição «em» a um verbo em vez de juntar a preposição «de» a um substantivo; v. II 13, 8; 25, 2.

7. o escondido] refere-se aos que estavam «postos em cilada» (I 86, 6) (FS).

90 5. lhe] como em I 82, 7, pleonastico.

9-10. da guerra] pertence para ambos os verbos entre que está interposto (v. *R Ph* em «Interposição»), sendo «o velho inerte (=imbelle) e a mãe que o filho cria» sujeito de «blasphema e maldizia», e não como pensa S. Lencastre complemento de «maldizia». FS compara: Alguns vão maldizendo e blasphemando | do primeiro que guerra fez no mundo (IV 44). O passo corresponde em parte ao *bella.. matribus detestata* de Horacio (*Od.* I 1, 24-25; FS).

91 1. tirando]=atirando.

2. apressado] derivado de

A pedra, o páo e o canto arremeſſando:
Dá-lhe armas o furor deſatinado.
Já a ilha e todo o mais deſemparando,
A' terra firme foge amedrontado;
Paſſa e corta do mar o eſtreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco eſpaço.

92. Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem ſe afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombão as meudas bombardadas
Os pangaios ſutis da bruta gente.
Deſta arte o Português em fim caſtiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

93. Tornão victorioſos pera a armada
Co deſpojo da guerra e rica preſa,

‖ 3 pao ‖ 4 Da ‖ 5 Ilh. (v. o com.) ‖ 6 Aa ‖ 8 Ilh.
92 1 Hũs vão *A* almá. *B* almà. ‖ 3 affo. ‖ 5 .bão ‖ 6 Pan. sot. (sut.: v 19, 82; viii 83, 89; ix 23, 33, 78; x 5) ‖ 7 gues

91 4 furor arma ministrat (Verg. *En.* i 150) (FS).

«pressa» no sentido que tem em ii 25, v 32; tambem occorre na *Vida de Josaphat.*

3. A mesma reunião de «pedra» e «canto» vem por ex. em D. do Couto: com os pès derribauão sobre os que hião sobindo grandes pedras e cantos, que estauão postos por alli pera o mesmo effeito (*Dec.* v 4, 2).

5. o mais] está substantivamente, e assim liga-se-lhe o adjectivo «todo» (se não ha, o que me parece mais provavel, erro typographico em vez de «tudo»; cf. i 3, 7; 97, 6; ii 102, 2).

8. em pouco espaço] = em pouco tempo, como em iii 56, 114; cf.: «No caminho gastando espaço breve» (vi 86). FS menos acertadamente pensa que se refere ao pequeno perimetro da ilha, e liga esta expressão a «cerca».

92 1. carregadas] sc. de gente.

2. diligente] liga-se appositivamente a «Hum».

5. meudas] = amiudadas.

6. Cf.: Os quaes erão barcos subtijs que com vela e remo se ajudauão quando era necessario (Barros, ii 3, 2); nauios mais sutiis (*Hist. de Vespasiano,* cap. 15).

E vão a ſeu prazer fazer agoada
Sem achar reſiſtencia nem defeſa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo mais que nunca acceſa,
E vendo ſem vingança tanto damno,
Sòmente eſtriba no ſegundo engano.

94. Pazes cometer manda arrependido
O Regedor d'aquella inica terra,
Sem ſer dos Luſitanos entendido
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falſo prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Pera os guiar á morte lhe mandava,
Como em final das pazes que tratava.

95. O Capitão, que já lhe então convinha

93 3 vão ‖ 6 ace. (v. 1 5) ‖ 7 dano (dãno: II 69). ‖ 8 So.
94 5 Pil. ‖ 6 *A* mà ‖ 7 aa
95 1 entam

93 4. defesa] Cf. I 86, 2.

94 «.. esteue ali esperando por vento oyto dias, e neles veo ter á frota hum mouro branco que era eaciz dos mouros.. e disse a Vaseo da gama que ho çoltão estaua muyto arrependido da paz que quebrara coeles, e que tornaria de muyto boa vontade a confirmala e ser seu amigo» (Cast. I 7). O xeque de Moçambique mandara em tempo a V. da Gama os dois pilotos promettidos. V. da Gama o tempo que esteve surto, nunca deixou ir a terra juntamente os dois pilotos, retendo sempre um a bordo. O ultimo que veiu a terra, nunca mais voltou; segundo Barros o ultimo que ficou a bordo, tambem fugiu a nado, e o xeque mandando propor novamente paz, enviou-lhe outro piloto em lugar d'aquelles dois, um dos quaes, dizia o xeque, morrêra e o outro «era ausentado». Cam. simplifica a narrativa, não fallando da vinda dos dous primeiros pilotos, e segue na parte final a versão de Barros. «[V. da Gama] partio leuando consigo maes verdadeiramente hum mortal inimigo que piloto» (Barros I 4, 5).

2. iniea] V. *R Ph* em «grandiloco».

95 «E a terça feyra vinte e sete de Março se partio do porto de Moçambique..» (Cast. I 7, cont. do texto transcripto no com. a I 86).

1. que—lhe] = a quem.

Tornar a ſeu caminho acoſtumado,
Que tempo concertado e ventos tinha,
Pera hir buſcar o Indo deſejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi d'elle alegremente agaſalhado,
E reſpondendo ao menſageiro a tento
As velas manda dar ao largo vento.

96. D'eſta arte deſpedida a forte armada
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nerêo acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoſo ardil que o Mouro urdia,

‖ 4 yr (v. 1 9) ‖ 5 Pil. ‖ 6 .oy ‖ 7 *B* atento ‖ 8 vellas (v. 1 19).

96 2 Anfi. ‖ 3 *B* .rèo ‖ 4 .çe

5-8. A gramatica exige que seja «O Capitão» sujeito de «foi agasalhado»; mas se for tomado no seu sentido usual (de: ser acolhido, ser recebido, como em VI 25), tem este verbo de referir-se ao piloto e não ao capitão, e por isso o morgado de Mattheus pôs entre parentheses o 6.º verso, sendo nesta parte seguido, entre outros, por S. Lencastre—já Macedo escrevêra *comiter excepto navisque viaeque magistro*—. Semelhante interpretação porêm torna desageitadissima a construcção do periodo e ociosa a observação contida naquelle verso. Creio, pois, que ha-de entender-se que o Poeta empregou o verbo «agasalhar» no sentido geral (de que todavia não conheço outro exemplo) de «encarar e tratar, de tal ou tal modo, a pessoa com quem nos avistamos». E cumpre notar que V. da Gama, tendo mandado pedir um piloto (I 85), não havia de recebê-lo com má sombra; ao passo que não é superfluo memorar o Poeta, que o piloto, que vinha com muito más tenções, se mostrou contente, para assim justificar a confiança que nelle teve V. da Gama (I 96, 5-8) e todas as mais pessoas que iam na armada (I 97, 7-8).

7. O mensageiro é o que veiu propor a renovação da paz da parte do xeque. a tento] parece-me dever pertencer para «respondendo», cf. «Os fortes Lusitanos lhe tornavão | As discretas repostas que convinhão» (I 50); v. *R Ph* em «tento».

96 2-4. Amphitrite] deosa do mar, mulher de Neptuno. As filhas de Nereo, divindade maritima, tem o nome de «Nereidas»; uma d'ellas é Amphitrite.

5-6. «cahir em uma cousa» é locução antiga no sentido de «dar

D'elle mui largamente ſe informava
Da India toda e coſtas que paſſava.

97. Mas o Mouro, inſtruido nos enganos
Que o malévolo Baccho lhe enſinára,
De morte ou captiveiro novos damnos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara
— Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente ſe temia —.

98. E diz-lhe mais, co falſo penſamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,

‖ 7 muy
97 2 Baco .àra ‖ 3 danos (v. 1 93) ‖ 4 aa ‖ 7 auen. (v. 1 74) (sem parenth.)
98 2 Sy. Phri.

---

97 1 Ille dolis instructus et arte Pelasga (Verg. *En.* II 152) (FS).

por o que uma cousa é, conhecer o que ella é»; v. *R Ph* em «cahir.»

97 5-6. «Dar razão» no sentido de «dar informações» é ainda corrente no português popular. tudo] equivale aqui a «tudo o mais» assim como *omnes, omnia* equivalem ás vezes a *omnes alii, omnia alia* (v. g. em Cic. *Tusc.* IV § 9). Na est. anterior V. da Gama pede informações não só da India, senão tambem da costa ao longo da qual ia passando.

7-8. A razão contida nestes dois versos pertence logicamente não para o verbo «declara», mas para o verbo da oração subordidada «pede».

98 «.. [o piloto] disse a Vasco da gama que.. ele ho leuaria a hũa grande ilha [Quiloa] que estaua dali cem legoas, que era pouoada a metade de mouros a metade de Christãos, que tinhão guerra huns com outros, e que ali tomaria pilotos que ho leuassem a Calieut: e ele lhe prometeo grandes mereês se ho leuasse onde dizia» (Cast. I 7).

2. Sinon foi o grego que no cereo de Troia, deixando-se aprisionar dos Troianos, os levou a metterem dentro da cidade o grande cavallo de madeira que estava diante dos muros cheio de guerreiros gregos, abrindo assim a cidade aos cercadores (Verg. *En.* II 57-267).

Que perto eſtá hũa ilha, cujo aſſento
Povo antigo Chriſtão ſempre habitou.
O Capitão, que a tudo eſtava a tento,
Tanto co eſtas novas ſe alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde eſta gente eſtava.

99. O meſmo o falſo Mouro determina,
Que o ſeguro Chriſtão lhe manda e pede,
Que a ilha he poſſuida da malina
Gente que ſegue o torpe Mahamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A' Moçambique eſta ilha que ſe chama
Quiloa, mui conhecida pola fama.

100. Pera lá ſe inclinava a leda frota;
Mas a deoſa em Cythera celebrada,
Vendo como deixava a certa rota

‖ 3 .tà Ilh. ‖ 4 .tão abi. (habi.: 1 52 *B*; 54. 1 e 6) ‖ 5 .itão ‖ 8 aa

99 1 Ho ‖ 2 .tão ‖ 3 Ilh. ‖ 7 Aa Ilh. ‖ 8 Quî. muy

100 1 *A* là ‖ 2 .there (Cythera: v 5; é erro typ. conservado em grande numero de edições)

Nos poetas latinos «Phrygio» equivale a «Troiano», sendo que Troia ficava na Phrygia.

99 1-2. determina] = determina fazer. O relativo «Que» pertence para «O mesmo». seguro] =descuidoso, que não se arreccia (*securus* na prosa classica).

3. malina] V. *R Ph* em «digno».

7. A' Moçambique] expressão abreviada por: á ilha Moçambique, á ilha de M.

8. *fama notus* é corrente em latim (v. g. em Verg. *En.* 1 379).

100 «E prosseguindo sua viagem muyto ledo porque achara que hum dos quatro mouros que Paulo da gama tomara era piloto que o saberia leuar a Calicut.. antes do meo dia [de 4 de Abril] ouue vista de hũa terra grossa, e de duas ilhas que estauão junto coela..: e chegado junto com esta terra que os pilotos mouros a reconhecerão, disserão que a ilha dos Christãos

Por hir buſcar a morte não cuidada,
Não conſente que em terra tão remota
Se perca a gente d'ella tanto amada,
E com ventos contrairos a deſvia
D'onde o piloto falſo a leva e guia.

101. Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em ſeu propoſito conſtante,
Lhe diz que, pois as agoas diſcorrendo
Os levárão por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Erão Chriſtãos com Mouros juntamente.

102. Tambem neſtas palavras lhe mentia,

‖ 4 yr (v. 1 9) não ‖ 8 Pil.
101 1 nam ‖ 2 *B* avan. ‖ 6 .àrão ‖ 7 Ilh.

(que era a de Quiloa) ficaua a ré tres legoas, de que Vasco da gama ficou muyto agastado.. E eles [pilotos] se desculpauão com ho vento ser muyto, e as correntes grandes, e que singrarão as naos mais do que eles cuidarão. E porem a eles pesou mais de a não tomarem que a ele, porque esperauão de se vingar ali delc e dos nossos, com morte dc todos: de que os nosso senhor liurou milagrosamente, .. e com ho pesar que tinha dc a [Quiloa] cscorrer quis tornar atras pera ver se a poderia tomar; no que trabalhou bem aquele dia [4 de Abril]; mas nunca poderão por lhe ser pera isso ho vento contrayro e as correntes serem grandes» (Cast. 1 8).

101 «E então ouue Vasco da gama conselho com os outros capitães que arribassem á ilha de Mombaça, que os pilotos mouros lhe dizião que era pouoada de mouros e de christãos em duas pouoações apartadas, o que dizião por enganarem os nossos, e os leuarem a matar, que a ilha era de mouros como ho era toda aquella costa» (Cast. 1 8, contin. do antecedente).

4. constante] liga-se a «o malvado Mouro».

5-8. Ha aqui brachylogia, e o seguimento logico das ideias é: visto que a força das correntes e do vento os tinha levado alêm da ilha de Quiloa, como estava perto outra ilha, onde havia christãos, podiam vantajosamente aportar a est'outra ilha. discorrendo] = correndo com força. por diante] i. é, para lá de Quiloa. Que] é repetição da conjuncção do 5.º verso; v. 1 55.

102 «hum sabado scte Dabril

Como por regimento em fim levava,
Que aqui gente de Chriſto não havia,
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas a ilha demandava;
Mas não querendo a deoſa guardadora,
Não entra pela barra e ſurge fóra.

103. Eſtava a ilha á terra tão chegada,
Que hum eſtreito pequeno a dividia;
Hũa cidade nella ſituada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe deſcobria,
Regida por hum Rei de antiga idade;
Mombaça he o nome da ilha e da cidade.

104. E ſendo a ella o Capitão chegado,
Eſtranhamente ledo, porque eſpera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falſo piloto lhe diſſera,

102 4 aui. (v. 1 74) ‖ 6 vell. (v. 1 19) Ilh. ‖ 7 nam ‖ 8 Nam fo.
103 1 Ilh. *A* aa *B* aà tam ‖ 6 fo. ‖ 7 tigua (v. *R Ph*) ‖ 8 Ilh. Ci.
104 4 Pil.

a horas do sol posto foy surgir de fóra da barra da ilha de Mombaça» (Cast. 1 9).

5. Actualmente não está em uso dizer «crêr alguem» a não ser com os pronomes pessoaes.

7. a deosa guardadora] (sc. dos Lusitanos), Venus; cf. 11 18, 5-6.

103 «He a mór parte desta cidade [Mombaça] de casas de pedra e cal, sobradadas e lauradas de mareenaria, e toda bem arruada» (Cast. 1 9).

3. Do 1.º verso subentende-se para este o verbo «estava»; é ellipse vulgar nas deseripções.

6. Como.. ao longe descobria] i. é, segundo já pareeia a quem a via de longe. «descobria» = deixava ver.

104 Os acontecimentos me-

Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já ſabia a gente que era,
Que Baccho muito de antes o aviſara
Na fórma de outro Mouro, que tomara.

105. O recado que trazem, he de amigos,
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os penſamentos erão de inimigos,
Segundo foi o engano deſcuberto.
O' grandes e graviſſimos perigos!
O' caminho da vida nunca certo,
Que aonde a gente põe ſua eſperança,
Tenha a vida tão pouca ſegurança!

106. No mar tanta tormenta e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,

‖ 7 Baco ‖ 8 for. dou. (v. *R Ph* em «Elisão») .màra
105 4 foy ‖ 5 O ‖ 6 O de (a corr. é da ed. de 1631) ‖ 7 poem (v. 1 86) ‖ 8 tam
106 1 dano (v. 1 93)

morados nesta est. c na seguinte vem mais circumstanciadamente nas primeiras est. do Canto seguinte.

8 outro Mouro] «outro» com respeito áquelle de que se falla em I 77, 5-8. «que» refere-se a «fórma».

105 4. O português antigo emprega «segundo» em orações que servem de fundamentar a oração subordinante, no sentido de «como pode reconhecer-se, como é de esperar, como é bem de ver, etc., olhando a esta circumstancia». Neste lugar «segundo foi o engano descuberto» equivale a «como pôde reconhecer-se com o descobrimento do engano». Cf. III 35, V 31, 67, IX 7, e «Se os mouros nos aferrão segundo sam muytos e nos poucos, não temos salvação» (Cast. I 43), «E porque esta coronica segundo as suas [meudezas] sem muytas nunca se acabaria se as meudezas della ouuessemos de relatar» (Barros *Clarim.* fol. 138 *v*). Corresponde ao ὡς dos Gregos, v. g. na *Iliada*, XI 687-688 (v. a nota de Faesi-Franke a este lugar).

5-8. Cf. I 71, 5-8.

106 2. apercebida] i. é, prompta a vir sobre nós.

Tanta neceſſidade avorrecida!
Onde pode acolher-ſe hum fraco humano,
Onde terá ſegura a curta vida,
Que não ſe arme e ſe indigne o Ceo ſereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

‖ 6 .rà ‖ 7 não *B* ceo ‖ 8 tam

4. necessidade] no sentido de *necessitas*, o imperio das circumstancias, a que temos de submetternos.

7-8. Cf. «.. potentes e indignados | Contra hum corpo terreno, | Bicho da terra vil e tão pequeno (Cam., canç. «Junto de hum seco..»); é reminiscencia de: *ego autem sum vermis et non homo* (*Ps.* XXI 7; FS). Sobre a pronuncia de «indigne» v. *R Ph* em «digno».

CANTO SEGUNDO

1. Já neſte tempo o lucido planeta
Que as horas vai do dia diſtinguindo,
Chegava á deſejada e lenta meta
A luz celeſte ás gentes encobrindo,
E da caſa maritima ſecreta
Lhe eſtava o Deos Nocturno a porta abrindo,

1 1 Pl. || 2 .ay || 3 aa Me. || 4 *A* Cel. *A* aas *B* aa || 6 *A* .ĩdo

1 1-2 Quando il piancta che distingue l'ore.. Petr., son. «Quando il pianeta..») (FS).

Nas primeiras doze estancias Cam. apresenta como passados dentro do dia 7 de Abril factos que em parte se deram durante o dia 8; cf. o com. a 1 86.

1 «.. E estando Vasco da gama aqui surto [7 de Abril], forão bem noyte obra de cem homens em hũa barca grande, e todos com terçados e escudos. E em chegando aa capitaina quiserão entrar todos com as armas: e Vasco da gama não quis, nem deyxou entrar mais de quatro, e estes sem armas (Cast. 1 8).

2. distinguindo] = delimitando.

3. á desejada e lenta meta] i. é, ao Oceano; «meta (= termo da carreira) desejada», para elle ir repousar do trabalho do dia (cf. 1 56, 6-8); «lenta», por tardar a apparecer, como bem interpreta Man. Corrêa. FS suppõe ser possivel que este epitheto esteja na accepção de «humido» (cf.: o humido elemento, v 42). Effectivamente J. F. Barreto traduziu *umida circum stagna* (*En.* XII 476-477) por «em derredor dos tanques lentos»; Verg. deu ao mar o epitheto de *lentus* (*En.* VII 28), mas no sentido de «immovel». A mim parece-me que a conjuncção «e» entre os dois epithetos exclue para o segundo a accepção de «humido».

6. Do deos Nocturno (a cha-

Quando as infidas gentes ſe chegárão
A's naos, que pouco havia que ancorárão.

2. De antre elles hum que traz encommendado
O mortifero engano, aſſi dizia:
«Capitão valeroſo, que cortado
Tens de Neptuno o reino e ſalſa via,
O Rei que manda eſta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deſeja mais que agaſalhar-te,
Ver-te e do neceſſario reformar-te.

3. E porque eſtá em eſtremo deſejoſo
De te ver, como couſa nomeada,
Te roga, que de nada receoſo
Entres a barra, tu com toda a armada;
E porque do caminho trabalhoſo
Trarás a gente debil e canſada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a deſejá-la;

‖ 7 *B* fingidas (v. a *Introducção*) .árão ‖ 8 Aas aui. (v. 1 74) .árão

2 1 Dant. (v. *R Ph* em «Elisão») encomen. (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 2 dez. (v. 1 30) ‖ 4 rey. ‖ 5 lih. *A* alvora. (alvoro.: 1 45, v 74, vi 51, vii 43) ‖ 7 nam

3 1 .tà ‖ 4 arm. (sem artigo; a corr. é já antiga; v. *R Ph* em «todo») ‖ 6 .aras ‖ 7 .ala ‖ 8 .ala

mada «estrella da tarde») falla Plauto no *Amphitryão* (1 1, 116), comedia imitada por Camões.

2 «.. e disseralhe.. que eles ho vinhão ver como a cousa nova naquella terra.. E disseranlhe que el rey de Mombaça.. folgaua muyto com sua vinda, e folgaria mais de ho ver: e lhe daria especiaria com que carregasse as naos. E disserã mais que apartado dos mouros auia muytos Christãos que morauam sobre si» (Gast. 1 8).

3 6. O futuro equivale ao presente acompanhado da ideia de simples possibilidade; v. a minha *Gram. port. elem.* § 209, *c*.

8. A expressão «desejar a terra» é reminiscencia de *magno telluris amore | egressi optata po-*

4. E ſe buſcando vas mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente eſpeciaria,
Ou droga ſalutifera e preſtante,
Ou ſe queres luzente pedraria,
O rubí fino, o rigido diamante,
D'aqui levarás tudo tão ſobejo
Com que faças o fim a teu deſejo.»

5. Ao menſageiro o Capitão reſponde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz que, porque o Sol no mar ſe eſconde,
Não entra pera dentro obedecendo;
Porem que, como a luz moſtrar por onde
Vá ſem perigo a frota, não temendo,
Comprirá ſem receio ſeu mandado,
Que a mais por tal senhor eſtá obrigado.

4 3 Cra. ‖ 4 Dro. ‖ 6 Ru. *B* .bî *A* Di. ‖ 7 .aras tam

5 6 Va ‖ 7 .irà ‖ 8 *B* .tà .

tiuntur Troes harena (Verg. *En.* I 171-172); cf. IX 66 (FS). «Que» é particula causal.

4 1. vas] como indicativo, está antiquado.

3. ardente eſpeciaria] (cf. v 28, 7) serve de generalizar o que foi indicado em particular por «canella, cravo», assim como «o rubí, o diamante» do 6.º verso servem de particularizar «luzente pedraria».

4. = ou droga medicinal: *nosse salutiferas.. herbas* (Estac. *Achil.* I 117); *praestans* é vulgar, nomeadamente em Plinio, fallando-se de drogas e remedios.

8. Com que] equivale a: que, com o que levares —.

5 «.. ele [V. da Gama] não deyxou de ter algũa sospeita que aqueles mouros vinhão ver se poderião tomar algum dos nauios. E assi era.. E com este fundamento [o rei de Mombaça] ao outro dia que foi dia de ramos [8 de Abril] lhe mandou dizer por dous mouros muyto aluos, que ele folgaua muyto com sua vinda, e se quisesse entrar pera o seu porto lhe daria tudo ho de que tcuesse necessidade.. E disse aos mouros que lhe dissessem que crão Christãos, e que os auía na ilha.. E Vasco da gama mandou agradecer a el rey ho offerecimento, dizendo que ao outro dia entraria para dentro» (Cast. I 9).

3. Cf. I 21, 8.

5. como] = quando; nesta accepção está antiquado.

6. Pergunta-lhe deſpois, ſe eſtão na terra
Chriſtãos, como o piloto lhe dizia.
O menſageiro aſtuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Chriſto cria.
D'eſta ſorte do peito lhe deſterra
Toda a ſuſpeita e cauta phantaſia;
Por onde o Capitão ſeguramente
Se fia da infiel e falſa gente.

7. E de alguns que trazia condenados
Por culpas e por feitos vergonhoſos,
Porque podeſſem ſer aventurados
Em caſos d'eſta ſorte duvidoſos,
Manda dous mais ſagazes, enſaiados,
Porque notem dos Mouros enganoſos
A cidade e poder, e porque vejão
Os Chriſtãos, que ſó tanto ver deſejão.

8. E por eſtes ao Rei preſentes manda,
Porque a boa vontade que moſtrava,
Tenha firme, ſegura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo eſtava.

6 2 Pil. dez. (v. 1 30) || 4 gẽ. || 6 sos. (v. 1 38) fant.

7 1 .gũs || 7 Cid. .ejão || 8 Os que Chris. (a corr. é já antiga) so .ejão

6 6. phantasia] na accepção de «ideia, pensamento», de modo que «cauta phantasia» equivale a «ideia de acautelar-se».

7. Por onde]=pelo que. seguramente]=sem cuidado, descansadamente; cf. «seguro» em 1 99.

7 «e mandoulhe hum ramal de coraes muyto finos. E pera mais confirmar a paz com el rey mandou coeles [os dois mouros].. dous degradados dalguns que trazia pera aucnturar coestes recados» (Cast. 1 9, contin. do texto do com. a 11 5).

8 1-3. O sujeito de «moſtrava» é «o Rei», c o de «Tenha» é «V. da Gama»; v. o com. a 1 82, 1-3. «brando» na accepção de: «favoravel» (quanto ás disposições do animo), «benigno»; cf. 11 39, 3.

Já a companhia perfida e nefanda
Das naos ſe deſpedia, e o mar cortava:
Forão com geſtos ledos e fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

9. E deſpois que ao Rei apreſentárão
Co recado os preſentes que trazião,
A cidade corrêrão, e notárão
Muito menos d'aquillo que querião,
Que os Mouros cauteloſos ſe guardárão
De lhe moſtrarem tudo o que pedião,
Que onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

10. Mas aquelle que ſempre a mocidade
Tem no roſto perpetua e foi naſcido
De dúas mãis, que urdia a falſidade
Por ver o navegante deſtruido,
Eſtava nũa caſa da cidade
Com roſto humano e habito fingido,

8 5 enefanda ‖ 7 .oram
9 1 .tà. ‖ 2 .zião ‖ 3 Cid. corre. .àrão ‖ 4 .ião ‖ 5 .dà. ‖ 6 .ião ‖ 7 .tà
10 2 .oy ‖ 4 .ydo ‖ 5 Cid.

9 «.. Chegados os nossos a terra cõ os dous mouros ajuntouse logo muyta gente a velos, e foy coeles até os paços del rey.. e el rey estaua com pouco estado, mas fez muyto gasalhado aos nossos e mandoulhes mostrar a cidade pelos mesmos mouros com que vierão» (Cast. 1 9).

10 «.. estes nossos forão leuados a casa de dous mercadores Indios, parece que Christãos de sam Thomé [Nestorianos da India]: que sabendo qua os nossos erão Christãos mostrarão coeles muyto prazer» (Cast. 1 9).

1-3. A arte classica representa Baccho em figura de mancebo: *Solis aeternast Phoebo Bacchoque juventa* (Tib. 1 4, 37); *candide Bacche,.. quod ipse puer semper juvenisque videris* (Ov. *Fast.* III 772-773). Sobre «nascido de duas mãis» v. o com. a 1 73.

6. habito] = aspecto exterior: *habitus* (*corporis*), segundo me parece.

Moſtrando-ſe Chriſtão, e fabricava
Hum altar ſumptuoſo que adorava.

11. Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e ſancto Spirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada
Sobre a unica Phenix, Virgem pura;
A companhia ſancta eſtá pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, ſó das lingoas que caírão
De fogo, varias lingoas referírão.

12. Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com eſte engano Baccho eſtava,
Põe em terra os giolhos, e os ſentidos

‖ 7 .istão
11 1 affig. (afig.: 1 16) ‖ 2 San. ‖ 4 Fen. *A* vir.
‖ 5 .tà ‖ 6 tam ‖ 7 so .yrão ‖ 8 .irão
12 2 Baco ‖ 3 Poem (v. 1 86)

11 «.. e mostrarãlhe pintada em hũa carta a figura do Spirito sancto a que adoravão. E perante eles fizerã sua adoração em giolhos com geito domens muyto sanctos, e que tinhã dentro o que mostrauão de fora» (Cast. 1 9).

4. Phenix] (avc fabulosa da Arabia, que depois de viver seculos, se abrasava no seu ninho, brotando das cinzas uma nova avè) applica-se ao que não tem par; cf. «.. Te fez Deos, sacra Phenix, Virgem pura» (Cam. son., «Pera se namorar..»; FS).

5-8. «E quando se completavão os dias de Pentecoste, estavão todos juntos num mesmo lugar: | e de repente veio do Ceo hum estrondo, como de vento que assoprava com impeto, e encheo toda a casa onde estavão assentados. | E lhes apparecêrão repartidas humas como linguas de fogo, que repousou sobre cada hum delles: | e forão todos cheios do Espirito Santo, e começárão a fallar em varias linguas, conforme o Espirito Santo lhes concedia que fallassem» (*Act. dos Ap.* II 1-4). Nos versos 7-8 declara-se a causa da torvação dos Apostolos; «como o que» («como aquelle que» em v 28) corresponde ás locuções latinas *utpote qui, ut qui, quippe qui* (v. Madvig, *Gr. lat.* § 366 *obs.* 2.ª). (Macedo não acertou com o sentido da particula «como» e traduziu: *stupor anxius occupat ora;* | *ceu quos ignitis adflarunt sidera linguis,* | *unde datum varias expromere voces*).

12 1. Aqui] é determinado pela oração do verso seguinte.

3-4. Parece-me que ao Poeta

Naquelle Deos que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneu, e aſſi por derradeiro
O falſo Deos adora o verdadeiro.

13. Aqui forão de noite agaſalhados
Com todo o bom e honeſto tratamento
Os dous Chriſtãos, não vendo que enganados
Os tinha o falſo e ſancto fingimento.
Mas aſſi como os raios eſpalhados
Do Sol forão no mundo e num momento
Apareceo no rubido horizonte
Na moça de Tithão a roxa fronte,

14. Tornão da terra os Mouros co recado

|| 7 *A* Thioneû *B* Thioneù
13 1 denoite || 3 nam .anado (a corr. é já antiga)
|| 5 ray. || 7 Oriz. || 8 Titão

---

13 8 e la faneiulla di Titone (Petr. *Tri. d'Amore*, I). (FS).

estava na mente o lugar de Orosio: *Theodosius . . Dominum Christum solus solum, qui posset omnia, corpore humi fusus, mente caelo fixus, orabat* (VII 35). Note-se o chiasmo «em terra os giolhos, e os sentidos naquelle Deos».

5-6. Panchaia] ilha fabulosa das costas occ. da Arabia, afamada pelo incenso: *totaque turiferis Panchaia pinguis harenis* (Verg. *Georg.* II 139; FS).

7. Thyoneu] i. é, o filho de Thyone (ou Sémele), era um dos epithetos de Baceho; v. o com. a I 49.

13 Cam. incluindo na primeira parte da noite de 7 para 8 de Abril factos que se deram durante o dia 8, faz passar aquella noite na cidade de Mombaça os dois portugueses enviados por V. da Gama.

4. sancto fingimento] = fingimento de santidade; cf.: eauta phantasia (II 6).

7-8. a moça de Tithão] i. é, Aurora (*Tithonia conjunx*, Ov. *Fast.* III 403; FS). Em «Na moça de Tithão» ha a mesma syntaxe que em I 89, 1-2.

14 «. . E vista a eidade pelos nossos, foram tornados a el rey: que lhe mandou mostrar pimenta, gingibre, crauo e trigo tremes e de tudo lhe deu mostra que lcuassem a Vasco da gama: a que mandou dizer por seu mensageiro que de tudo aquillo

Do Rei pera que entraſſem, e comſigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem ſe o Rei moſtrou ĩncero amigo.
E ſendo o Português certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Chriſto em terra havia,
Dentro do ſalſo rio entrar queria.

15. Dizem-lhe os que mandou, que em terra vírão
Sacras aras e ſacerdote ſancto,
Que ali ſe agaſalhárão e dormírão
Em quanto a luz cubrio o eſcuro manto,
E que no Rei e gentes não ſentírão
Senão contentamento e goſto tanto,
Que não podia certo haver ſuſpeita
Nũa moſtra tão clara e tão perfeita.

16. Co iſto o nobre Gama recebia

14 2 cons. (v. 1 73) || 4 *A* .cêro *B* .cèro || 5 .gues || 6 auer (v. 1 74) *B* .eyo || 7 auia
15 1 vîrão || 3 *A* .àrão *B* .árão .mirão || 5 .tirão || 7 auer (v. 1 74) sos. (v. 1 38)

tinha muyta abastança, e lhe daria carrega se a quisesse. E assi de ouro, prata, ambar, cera e marfim e outras riquezas em tanta abastança que sempre ai acharia de cada vez que quisesse por menos que em outra parte. E quando [V. da G.] vio a especiaria.. foy muyto ledo, e muyto mais da enformação que lhe os nossos derão da terra e dos dous Christãos que acharão: e ouue conselho com os outros capitães, e acordarão que entrassem no porto» (Cast. 1 9).

8. salso rio] é o canal que fica entre a ilha de Mombaça e o continente, (v. 1 103, 1-2). «Dentro em» = dentro de, é corrente no português antigo.

15 2. Cf.: *Dentro a Biserta i sacerdoti santi* (*Orl. fur.* XL 13). Neste verso está excepcionalmente substituido o accento da 4.ª syllaba por accento na 1.ª e na 3.ª

4. Esta metaphora era já da poesia latina: *terras caeco nox condit amictu* (Sil. It. XII 613).

8. mostra] manifestação dos sentimentos de que uma pessoa está animada.

16 «.. e assentarão dentrar ao outro dia. E neste tempo vinhão alguns mouros á capitaina e estauão com os nossos em tanto assesego e concordia que parecia que os conhecião de muyto tempo:» (Cast. 1 9).

*

Alegremente os Mouros que ſubião,
Que levemente hum animo ſe fia
De moſtras que tão certas parecião.
A nao da gente perfida ſe enchia,
Deixando a bordo os barcos que trazião;
Alegres vinhão todos porque crem
Que a preſa deſejada certa tem.

17. Na terra cautamente aparelhavão
Armas e munições, que, como viſſem
Que no rio os navios ancoravão,
Nelles ouſadamente ſe ſubiſſem;
E neſta treição determinavão
Que os de Luſo de todo deſtruiſſem,
E que incautos pagaſſem d'eſte geito
O mal que em Moçambique tinhão feito.

18. As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita coſtumada,

16 4 tão || 7 .inhão
17 2 moni. (muni.: II 88; a corr. é já antiga) || 3 Rio || 4 *B* sob.

18 2 Nautieus exoritur vario certamine clamor (Verg. *En.* III 128) (FS).

6. a bordo] da náo de V. da Gama; cf. II 26, 1-2.
7. Sobre a fórma «crem» v. *R Ph* em «ver».

17 1. cautamente] está á má parte (como acontecia no português antigo tambem com «cautela, cauteloso»)=ardilosamente; cf. o francês *cauteleux*.
2. que, como vissem]=para que, quando vissem.
6. Que.. destruissem] no português moderno: destruir.
7. Ao passo que o sujeito de «destruissem» é «os Mouros», o de «pagassem» é «os de Luso»: cf. II 8, 1-3.

18 «e vindo ho outro dia em começando a maré de repontar, mandou Vasco da gama leuar ancora pera entrar no porto» (Cast. I 9, contin. do texto do com. a II 16).
2. nautiea grita]=celeuma (II 25).

Da proa as velas fós ao vento dando
Inclinão pera a barra abalisada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como hũa seta.

19. Convoca as alvas filhas de Nerêo
Com toda a mais cerulea companhia
—Que, porque no salgado mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia—
E propondo-lhe a causa a que deceo,
Com todas juntamente se partia
Pera estorvar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

18 1 vão ‖ 3 vell. (v. 1 19) sos ‖ 5 Eric. ‖ 7 tam ‖ 8 Ceo *A* Mar

19 1 *B* .rèo ‖ 3 (scm parenth.) Mar ‖ 6 todos (a corr. é já antiga)

---

18 8 Illa volat celcrique ad tcrram turbine fertur | non secus ac nervo per nubem impulsa sagitta (id. ibd. XII 855-856)

3. Da proa] depende de «as velas».

4. abalisada]=assinalada com balisas, para os navios não encalharem.

5. No cimo do Eryx, monte da Sicilia occidental, havia um templo de Venus que por tal tinha o titulo de «Venus Erycina».

19 1. as.. filhas de Nerêo] V. 1 96.

3. Em Homero, Venus (Aphrodite) é filha de Jupiter e de Dione; mas em lendas posteriores brota da escuma do mar: *Fas omne est, Cytherea, meis te fidere regnis, | unde genus ducis* (diz Neptuno em Verg. *En.* v·800-801).

5. a causa] i. é, a causa final, o fim.

7. As orações complementares dos verbos de «impedir» e «prohibir» (quando affirmativos) eram postas frequentemente pelo português antigo em fórma negativa (assim «estorvar que não chegasse» equivale a «estorvar que chegasse»). Esta pratica, hoje antiquada, corresponde ao latim *impedire ne*—.

20. Já na agoa erguendo vão com grande preſſa
Com as argenteas caudas branca eſcuma;
Cloto co peito corta e atraveſſa
Com mais furor o mar do que coſtuma;
Salta Niſe, Nerine ſe arremeſſa
Por cima da agoa creſpa em força ſumma;
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apreſſadas.

21. Nos hombros de hum Tritão, com geſto acceſo,
Vai a linda Dione furioſa;
Não ſentc quem a leva, o docc peſo,
De ſoberbo com carga tão fermoſa.

20 1 vão ‖ 4 Mar ‖ 6 suma (v. *R Ph* em «immigo»)
21 1 .tão aee. (v. 1 5) ‖ 2 .ay ‖ 3 .çe ‖ 4 tam

20 3-4 qualis Nereia Doto | et Galatea secant spumantem peetore pontum (Verg. *En.* IX 102-103).
21 3-4 Martem.. | Bistonius portat sonipes magnoque superbit | pondere (Estac. *Sil.* I 1, 18-20) (FS)

20 3. «Cloto» por «Doto» disse o Poeta, enganado pelas edições de Verg. do seu tempo, que trazem *Nereia Cloto* por *Nereia Doto*. (Quem primeiro fez esta observação foi Trigoso no *Exame das c. pr. ed. dos Lusiadas*. A primeira ed. em que se esereveu «Doto» em vez de «Cloto», supposto erro typographieo, foi a de 1817; mas já antes, eomo nota G. de Amorim, Duperron de Castera na sua versão franeesa, de 1735, havia feito a substituição). Doto era effeetivamente uma das Nereidas. Nise e Nerine, emquanto nomes de Nereidas, são, ao que pareee, invenções do Poeta. («Nisa» é, em Verg., nome de mulher, e «Nerine» um patronymieo equivalente a «filha de Nereo»). Os nomes das filhas de Nereo, que segundo os poetas mais antigos, eram 50, vem em Hesiodo (*Theog.* 243-262).

6. ondas eneurvadas] é tambem o final de 1 92, 3.

21 1. «Tritão» alêm de ser o nome de um deos marinho subalterno, filho de Neptuno (VI 16-19), é tambem nome eommum de umas divindades analogas ao filho de Neptuno (*senior Glauci chorus.. | Tritonesque citi Phorcique exercitus omnis*; Verg. *En.* V 823-824). eom gesto aeeeso] deve, eomo entende Storek, ligar-se a «Dione».

2. Dione] é tambem nome

Já chegão perto d'onde o vento teſo
Enche as velas da frota bellicoſa;
Reparten-ſe e rodeião neſſe inſtante
As naos ligeiras, que hião por diante.

22. Põe-ſe a Deoſa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra eſtão de geito
Oue em vão aſſopra o vento a vela inchando;
Põe no madeiro duro o brando peito,
Pera detrás a forte nao forçando;
Outras em derredor levando-a eſtavão
E da barra inimiga a deſviavão.

23. Quaes pera a cova as próvidas formigas
Levando o peſo grande acommodado
As forças exercitão, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;

‖ 5 .gão ‖ 6 vell. (v. 1 19) beli. (v. 1 5) ‖ 7 .deão (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 8 .ião

22 1 Poem (v. 1 86) *A* der. ‖ 3 .tão ‖ 4 vão vell. (v. 1 19) .ãdo ‖ 5 Poem ‖ 6 .tras ‖ 7 .auão ‖ 8 .auão

23 1 prò. ‖ 2 acomo. (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 4 In.

---

23 Ac veluti ingentem formicae farris acervum | cum populant hiemis memores tectoque reponunt; | it magnum campis agmen praedamque per herbas | convectant calle angusto; pars grandia trudunt | obnixae frumenta umeris; pars agmina cogunt | castigantque moras; opere omnis semita fervet (Verg. *En.* IV 402-407) (FS).

dado a Venus (em Ovidio muitas vezes).

7. Reparten-se] V. *R Ph* em «-an, en»

22 1-2. em dircito | Da proa] =em frente da proa e voltadas para ella.

6. Pera detrás] =para trás; ef. 1 40, 3.

23 D'esta est. aproveitou-se

Ali ſão ſeus trabalhos e fadigas,
Ali moſtrão vigor nunca eſperado:
Tais andavão as Nymphas eſtorvando
A' gente Portugueſa o fim nefando.

24. Torna pera detrás a nao forçada
A peſar dos que leva, que gritando
Mareião velas; ferve a gente irada,
O leme a' hum bordo e a outro atraveſſando;
O meſtre aſtuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os eſtava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mete medo.

25. A celeuma medonha ſe alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;

‖ 5 sam ‖ 7 .auão Nim. ‖ 8 Aa
24 1 .tras Nao ‖ 3 .eão (v. *R Ph* em «-eia») vell. (v. 1 19) yr. ‖ 4 *B* hũ ‖ 5 Mes. vão ‖ 7 *B* O ‖ 8 Nao
25 2 Mar.

J. F. Barreto ao traduzir o passo da *Eneida* acima transcripto (*En. Port.* IV 91).

24 «E não querendo nosso senhor que os nossos ahi acabassem como os mouros tinhão ordenado desuiou ho per esta maneyra, que leuada a capitaina nunca quis fazer cabeça pera entrar dentro e ya sobre hum baixo que tinha por popa. O que visto per Vasco da gama por não se perder, mandou surgir muy depressa, o que tambem fizerão os outros capitães» (Cast. I 9, contin. do texto do com. a II 18).

3. «ferver» empregado quando se falla de trabalho afanoso, tem origem no uso poetico de *fervere* em *opere omnis semita fervet* (Verg. *En.* IV 407); *fervet opus* (id. *Georg.* IV 169), etc.

5. astuto] em bom sentido.

6. diante] i. é, pela pôpa (onde estava o mestre); v. o texto de Castanheda.

7. Os] representa os que iam na náo. (A lição «O», a não ser mero erro typographico, é devida naturalmente a emenda de quem suppôs que o pronome devia representar «o mestre» do 5.º verso).

hum maritimo penedo] corresponde ao baixo de que falla Castanheda.

25 V. o texto de Cast. no com. á est. seguinte.

1. celeuma] é o *nauticus clamor* da *En.* III 128 (*Nauticus exoritur . . clamor*).

2. No rudo marinheiro] é a mesma syntaxe que em I 89, 1-2.

O grande eſtrondo a Maura gente eſpanta,
Como ſe viſſem horrida batalha;
Não ſabem a razão de furia tanta;
Não ſabem neſta preſſa quem lhe valha;
Cuidão que ſeus enganos ſão ſabidos,
E que han-de ſer por iſſo aqui punidos.

26. Ei-los ſubitamente ſe lançavão
A ſeus bateis veloces que trazião;
Outros encima o mar alevantavão
Saltando na agoa, a nado ſe acolhião;
De hum bordo e de outro ſubito ſaltavão,
Que o medo os compellia do que vião,
Que antes querem ao mar aventurar-ſe
Que nas mãos inimigas entregar-ſe.

‖ 5 Nam ‖ 6 Nam ‖ 7 Cuydão sam. ‖ 8 ande (v. I 74)

26 1, 2, 3 .ão ‖ 4 nagoa (v. *R Ph* em «Crase») .ão ‖ 5 dout. (v. *R Ph* cm «Elisão») .ão ‖ 6 .pelia (impelle: VI 63) .ão

6. pressa] = apêrto (*discrimen*); cf. «apressado» I 91.

8. han-de] por «hão-de», v. *R Ph* em «-an, -en».

26 «E vendo alguns mouros que estauão na nao que surgia pareceolhes que não entraria aquele dia a frota no porto e acolherãse a hũa barca que tinhã a bordo pera se irem á cidade. E indo por sua popa, os pilotos de Moçambique lançarãse á agoa e os da barca os tomarão e forãse, posto que Vasco da gama bradou que lhe dessem os pilotos. E quando vio que lhos não dauão, disse aos seus que lhe parecia que nosso senhor permitira aquilo pera os goardar dalgũa treição que lhe estaua ordenada.. e eles [os mouros que V. da Gama de noite pôs a tratos] confessarão o que disse, e que os pilotos se lançarão no mar, parecendolhes que ele sabia a treição: e por isso não quisera entrar no porto. E querendo ele pingar outro mouro pera ver se conceitaua coestes, deitouse ao mar com as mãos atadas e outro se deitou ao quarto dalua» (Cast. I 9, contin. do texto do com. de II 24).

4. Saltando na agoa] pertence para «alevantavão», e não para «se acolhião» como tem pensado alguns editores (a cujo numero pertence D. Carol. M. de Vasconcellos). Cam. disse «encima o mar alevantavão saltando na agoa» em vez de «saltavão na agoa encima alevantando o mar» para fazer sobresahir pela pintura do effeito a força do salto. O asyndeton «alevanta-

27. Aſſi como em ſelvatica alagoa
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se ſentem por ventura vir peſſoa,
Eſtando fóra da agoa incautamente,
D'aqui e d'ali ſaltando, o charco ſoa,
Por fugir do perigo que ſe ſente,
E acolhendo-ſe ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agoa lhe aparecem:

28. Aſſi fogem os Mouros, e o piloto
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que ſeu engano eſtava noto,
Tambem foge ſaltando na agoa amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce e cara,
A ancora ſolta logo a capitaina;
Qualquer das outras junto d'ella amaina.

27 4 fo. ‖ 6 fog. (fug.: I 91; II 29; VI 23; IX 70, 78, 79, 81) ‖ 8 Sos
28 1 Pil. ‖ 2 *A* .âra *B* .àra ‖ 5 nam ‖ 6 .cão .ço ‖ 7 Cap.

vão, a nado se acolhião» é na verdade um tanto duro. Freire de Carvalho intercalou «e» antes de «a nado», guiado porventura pela tradução de Tapia; mas esta inserção, fazendo de *-goa e a* uma só syllaba metrica, torna o verso durissimo. «acolher-se» está no sentido de: buscar refugio.

27 A metamorphose de camponeses da Lycia em rãs é contada por Ovidio (*Met.* VI 317-381). FS nota que' neste simile ha reminiscencias de dois passos do *Inferno* de Dante: *Come le rane innanzi alla nimica | Biscia per l'acqua si dileguan tutte, | Fin ch' alla terra ciascuna s'abbica, | Vid' io più di mille anime distrutte | Fuggir così dinanzi ad un..* (IX 76-80); *E com'all'orlo dell'acqua d'un fosso | Stanno i ranocchi pur col muso fuori, | Sì che celano i piedi e l'altro grosso, | Sì stavan d'ogni parte i peccatori: | Ma come s'appressava Barbariccia, | Così si ritraean sotto i bollori* (XXII 25-30).

2. As rãs] é o sujeito do partic. absoluto «saltando»; v. o com. a I 86, 6.

28 5. darem] sc. os Portugueses.

8. qualquer] como em I 34, 8.

29. Vendo o Gama, atentado, a eſtranheza
Dos Mouros não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com preſteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo, ſem contraſte e ſem braveza
Dos ventos ou das agoas ſem corrente,
Que a nao paſſar avante não podia,
Havendo-o por milagre, aſſi dizia:

30. «O' caſo grande, eſtranho e não cuidado!
O' milagre clariſſimo e evidente!
O' deſcuberto engano inopinado!
O' perfida, inimiga e falſa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-ſe ſem perigo, ſabiamente
Se lá de cima a guarda ſoberana
Não acudir á fraca força humana?

29 2 não ‖ 3 Pil. *B* fog. ‖ 7 Nao não ‖ 8 Auen. (v. 1 74) dez. (v. 1 30)
30 1 O não cuy. ‖ 2 O ‖ 3 O ‖ 4 O ‖ 5 .crà ‖ 7 la ‖ 8 Não aa

29 «Sabido por Vasco da gama eſte segredo deu muytos louuores a nosso senhor por os livrar tã milagrosamente: e disserã todos a Salue na capitaina..» (Cast. 1 9, cont. do texto do com. a 11 26).

1-2. atentado] deriva de «a tento» (como «apear» de «a pé»); equivale a «que está com tento, que repara em tudo». O desconhecimento d'esta significação foi o que levou alguns editores, entre ellcs Amorim (que até escreveu «na estranheza»), a substituircm «Vendo» por «Tendo». «a estranheza dos Mouros» refere-se ao que vae dicto em 11 25, 5-8. não cuidada] v. 1 57, 2.

4. ordenava]=traçava, dispunha. «bruta gente» rimando tambem com «juntamente» em 1 92.

5-7. sem contraste—sem corrente] (=sem que houvessc contraste, etc.) pertence para «a nao passar avante—não podia» (v. *R Ph* em «Transposição»). Em «ou» ha anacoluthia, sendo que o Poeta pôs «ou» como se houvesse de dizer simplesmente «ou corrente das agoas»; mas depois repetiu a preposição «sem» e não substituiu «ou» por «e».

30 1. não cuidado] V. 1 57, 2.

6. sabiamente] parece-me que pertencc para a oração de «acudir»; v. *R Ph* em «Transposição».

31. Bem nos moſtra a divina providencia
D'eſtes portos a pouca ſegurança,
Bem claro temos viſto na aparencia
Que era enganada a noſſa confiança.
Mas pois ſaber humano nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
O' tu, guarda divina, tem cuidado
De quem ſem ti não póde ſer guardado.

32. E ſe te move tanto a piedade
D'eſta miſera gente peregrina,
Que ſó por tua altiſſima bondade
Da gente a ſalvas perfida e malina,
Nalgum porto ſeguro, de verdade,
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amoſtra a terra que buſcamos,
Pois ſó por teu ſerviço navegamos.»

33. Ouvio-lhe eſtas palavras piadoſas
A fermosa Dione, e commovida
De antre as Nymphas ſe vai, que ſaudoſas

31 6 *A* tam *B* tão *A* nam *B* não || 7 O || 8 não pò.
32 3 so || 8 so
33 2 como. (v. *R Ph* em «immigo») || 3 Dan. (v. *R Ph* em «Elisão») Nim. .ay

31 3-4. na aparencia] depende de «confiança»: *quanto se engaña nuestra confiança en aquella aparencia de amistad* (FS).
5-6. nem prudencia] No português moderno seria: o u prudencia.

32 2. d'esta gente] em sentido objectivo em relação a «piedade» (= compaixão). peregrina] = que anda por longinquas regiões.
5-6. Nalgum porto.. | Conduzir-nos] O português antigo empregava a miude «em» na designação do termo do movimento em casos em que o português moderno emprega exclusivamente «a» ou «para». de verdade] = onde haja verdade; cf. «outra terra acharás de mais verdade» (II 63, 2).

33 1. «piadoso» = que move á compaixão, lastimoso; cf. «donzella mais piedosa que hũa lamentação» (Cam. *El Rei Sel.*, prol.).
3. Em «saudade, saudoso»

Ficárão d'eſta ſubita partida.
Já penetra as eſtrellas luminoſas,
Já na terceira Eſphera recebida
Avante paſſa, e lá no ſexto ceo
Pera onde eſtava o Padre, ſe moveo.

34. E como hia afrontada do caminho,
Tão fermoſa no geſto ſe moſtrava,
Que as eſtrellas e o ceo e o ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz ſeu filho o ninho,
Huns eſpiritos vivos inſpirava,
Com que os pólos gelados accendia,
E tornava do fogo a eſphera fria.

‖ 4 .arão ‖ 5 Est. ‖ 6 .eyra ‖ 7 la *A* Ceo
34 3 Est. Cco Ar ‖ 6 Hũs ‖ 7 Polos accn. (v, 1 5) ‖ 8 Fo.

---

34 5 Occhi leggiadri dove Amor fa' nido (Petr., canc. «Per che la vita..») (FS)

o português antigo pronunciava *au* sem fazer ditongo, e por isso no verso estas palavras são normalmente de quatro syllabas.

5. Aos planetas chamavam os antigos «estrellas errantes» (.. *motus earum quinque stellarum quae falso vocantur errantes,* Cic. *De nat. d.* II 20), e ás estrellas propriamente dictas «estrellas fixas» (*stellae eae quae inerrantes vocantur,* id. ibd. 21). Dizendo «estrellas luminosas» Cam. refere-se indubitavelmente aos planetas, pois que Venus subindo do mar (II 21-22) atravessou unicámente os ceos dos planetas, sem comtudo chegar ao setimo ceo ou ceo de Saturno, nem, por maioria de razão, ao das estrellas fixas (V. x 77-90).

6-8. Cam. menciona em particular a terceira esphera ou terceiro ceo, por ser este o ceo de Venus. O sexto ceo é o de Jupiter.

34 1. afrontada] = encendida.
4. namorava] = enamorava.
7-8. Nestes dois versos Cam. pinta a revolução que a passagem da deosa produzia em toda a Natureza. No systema Ptolemaico o ar que cerca o globo terraqueo («o ar vizinho»), era rodeado pela região do fogo ou, como diz o Poeta, pela esphera do fogo. A pretensa emenda «E tornava de fogo a esphera fria» (em que «fria» é attributo de «esphera», e «de fogo» equivale a nome predicativo), emenda apresentada pela primeira

35. E por mais namorar o ſoberano
Padre, de quem foi ſempre amada e cara,
Se lhe apreſenta aſſi, como ao Troiano
Na ſelva Idea ja ſe apreſentara.
Se a vira o caçador que o vulto humano
Perdeo vendo Diana na agoa clara,
Nunca os famintos galgos o matárão,
Que primeiro deſejos o acabárão.

36. Os creſpos fios de ouro ſe eſparzião
Pelo collo que a neve eſcurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem Amor brincava e não ſe via;

35 2 .oy || 3 lhap. (v. *R Ph* cm «Elisão») Troy. || 7 .àrão || 8 *B* .àrão
36 1 dou. (v. *R Ph* em «Elisão») || 2 colo (collo: I 36, 82; III 108)

vez na ed. de 1663, e acceita por G. de Amorim, tem de ser immediatamente regeitada pela simples razão de não existir uma «esphera fria».

35 1. namorar] como na est. precedente.

2. de quem foi.. amada e cara] por: de quem foi amada e a quem foi eara; cf. I 57, 5-6.

3-4. o Troiano] é Paris, filho de Priamo, rei de Troia, que foi criado entre os pastorês do monte Ida na Tróada. Incumbido de senteneiar no pleito havido entre Venus, Juno e Minerva, sohre qual d'ellas era a mais formosa, as tres deosas apresentaram-se-lhe procurando eada uma da sua parte com offerecimentos pô-lo do seu lado. Estes dois versos querem dizer que se lhe apresentou como quando brotara da espuma do mar: [Venus] *postquam in pastoris examen deducta est lis dearum, qualis emerserat mari.., et consternavit arbitrum et contendentium certamen oppressit.* (Ausonio, *Epist.* 7).

5-8. O caçador é Acteon. Tendo visto easualmente Diana a tomar banho, a deosa, de irritada, converteu-o em veado, e assim a sua propria matilha o dilacerou (Ov. *Met.* III 138-250). «galgo» que representa o latim (*canis*) *Gallicus* (Ov. *Met.* I 533), toma-se na poesia por «cão de caça» em geral. «matárão» e «acabárão» tem o valor de condicionaes. «acabar» por «acabar com a existencia a alguem, matar», á semelhança de *conficere*, é expressão litteraria.

36 4. No português antigo «quem» applicava-se indifferentemente a pessoas e cousas. A oração «e não se via» (equivalente a: sem ser visto) está coordenada á

Da alva petrina flammas lhe ſaião,
Onde o Minino as almas accendia;
Polas liſas columnas lhe trepavão
Deſejos, que como hera ſe enrolavão.

37. Cum delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha he natural reparo;
Porem nem tudo eſconde nem deſcobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro;
Mas pera que o deſejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já ſe ſentem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

38. E moſtrando no angelico ſembrante
Co riſo hũa triſteza miſturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amoroſos mal tratada,

‖ 5 flamas (flamma: VIII 72) sai. ‖ 6 *A* min. acen. v. 1 5) ‖ 7 .ũnas .auão ‖ 8 Era .auão
37 5 acen. (v. 1 5) ‖ 6 poem (v. 1 86) ‖ 7 *A* Ceo ‖ 8 Am.

relativa, sem que o pronome relativo pertença tambem para ella; cf. III 60; semelhantemente: Que eu nestes braços tenho e não o creio (Cam., ecl. «Ao longo do sereno..»).

6. No portuguêſ antigo usava-se a fórma «minino» a par de «menino».

7. Cf.: *Crura illius columnae marmoreae quae fundatae sunt super bases aureas* (*Cant. Cantic.* v 15; FS).

37 1-2. as partes.. | De quem vergonha he natural reparo] por isso que a vergonha faz que as pessoas pudícas desviem d'alli os olhos. reparo] como em III 19, = *munimentum*.

4. Cf.: *Venter tuus sicut acervus tritici vallatus liliis* (*Cant. Cantic.* VII 2; FS).

6. objecto] no sentido de *res objecta* (cousa posta diante para servir de defesa, etc.), cf. *pro vallo carros objecerant* (Ces., *b. G.* I 26); v. tambem T. Liv. XXV 36. raro] = ralo, pouco denso (*rarus*).

8. Vulcano era o marido legitimo de Venus.

38 1. sembrante] V. *R Ph* em «r».

Que ſe aqueixa e ſe ri num meſmo inſtante
E ſe torna entre alegre magoada,
D'eſta arte a deoſa a quem nenhũa iguala,
Mais mimoſa que triſte ao Padre falla:

39. «Sempre eu cuidei, ó Padre poderoſo,
Que pera as couſas que eu do peito amaſſe,
Te achaſſe brando, affabil e amoroſo,
Poſto que a algum contrairo lhe peſaſſe;
Mas, pois que contra mi te vejo iroſo,
Sem que t'o mereceſſe nem te erraſſe,
Faça-ſe como Baccho determina;
Aſſentarei em fim, que fui mofina.

40. Eſte povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão caidas vejo
—Que aſſaz de mal lhe quero, pois que o amo
Sendo tu tanto contra meu deſejo—
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.

38 1 *B* sembante ‖ 5 *B* nũ .ãte ‖ 8 .ala (v. 1 78)
39 1 .cy *A* ô *B* ò ‖ 5 my yr. ‖ 7 Baco ‖ 8 .cy .uy
40 2 vão ‖ 3 (sem parenth.)

6. entre alegre magoada]= magoada no meio da alegria que mostra.

8. mimosa] como em II 41, 2.

39 1. Padre poderoso] Cf. I 38, 1-2.

4. Sobre o pleonasmo cf. I 82, 7.

6. «errar (alguem)» por «offender» é corrente no português antigo; v. o *Dicc.* de Moraes.

8. «mofino»=que naseeu com má estrella; «fui mofina» corresponde ao *natus est infelix* de Phedro (IV 1).

40 1-4. Em «Este povo», Por elle a ti rogando..» ha anacoluthia semelhante á que se vê neste passo do *Eurico* de A. Herculano «E quando se lembrava de que essa mulher que ahi jazia a poucos passos d'elle;.. quando se lembrava de que sobre isso tudo elle deixara eahir a campa de bronze do sacerdocio..» (pag. 284). Que..lhe]=a quem; cf. I 95, II.43.

Ora pois, porque o amo, he mal tratado;
Quero-lhe querer mal, ſerá guardado.

41. Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui...» E niſto de mimoſa
O roſto banha em lagrimas ardentes,
Como co orvalho fica a freſca roſa.
Callada hum pouco, como ſe entre os dentes
Lhe impedira a falla piedoſa,

‖ 8 .ra.
41 2 .uy :e ‖ 5 Cala. (Calle. 1 3) ‖ 6 .dira *B* piad.

41 1. moura] V. *R Ph* em «morrer».

2. que pois] tem quasi o mesmo valor que «pois» no scntido de «pois que». A eombinação, inteiramente antiquada, de «que» com a particula causal «pois» correspondia primitivamente, segundo me parece, ao *quod quia, quod quoniam* dos latinos (v. Madvig *Gr. lat.* § 449) e equivalia a «e, pois» ou «ora pois» (cstando «pois» no sentido de «porque»), da mesma maneira que a locução «que se» corresponde a *quod si* e equivale a «ora se» (assim B. Feio traduz o *Quod si hominibus bonarum artium tanta cura esset* de Sallustio [*Jug.* 1 5]: Que se os homens sc dessem ás cousas uteis com o mesmo fervor). Com este sentido occorre «que pois» em «Faz isto tamanha magoa ver ficar o parente, e o amigo sem lhe poder valer..; que pois faz tanta magoa a quem o ouve, quanta mais fará a quem o vio e passou» *Hist. trag.-mar.* 1 pag. 20), em «çesse vossa crueldade, | mude-sse mynha ventura; | que poys tendes fermosura, | tende tãbem piadade» (*Canc.* de Rès., fol. 88), c em «O' fugitivas ondas, esperai; | Que pois me não levais em companhia, | Ao menos estas lagrimas levai» (Cam., eleg. «O Sulmonense..»). Depois passou «que pois» a empregar-se como synonymo de «pois» (=pois que, já que) com a ideia accessoria de que o facto causa estranheza ou descontentamento.

5-6. «como» pareceu-me estar em sentido causal, sendo «se» o pronome reflexo (separado do verbo da mesma maneira que em «A quem se o Rei mostrou sincero amigo» 11 14). Tem-se entendido —e agora tambem eu entendo— «como se» no sentido do latim *quasi*. (E a rasão que me determinou a mudar de parecer foi que se a particula «como» fosse causal, a oração de «como» havia de estar normalmente antes de «callada hum pouco»). Sendo assim, «lhe impedira» corresponde ao moderno «a impedira» (ef. adiante «Lhe atalha» =«a atalha»), e o sentido é «como se a falla piedosa atravessando-se entre os dentes não deixasse Venus continuar». (B. Caldera traduziu: *Callada vn poco, como si entre dientes la impidiera la habla piadosa*). A ed. de 1613, seguida pela maioria dos editores, escreveu «Se lhe impedira». A falta de elisão metrica em «Lhe impedira» é como em «Já sobre os Idalios montes pende» (IX 25).

Torna a seguì-la, e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

42. E d'estas brandas mostras commovido,
Que movêrão de hum tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual do ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija e abraça o collo puro,
De modo que d'ali, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

43. E co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lagrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe pôr em sossego o peito irado

‖ 8 *A* Lhe

42 1 como. (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 2 moue. um Ti. ‖ 3 Ceo *B* sob. ‖ 5 acen. (v. 1 5) ‖ 6 .çe colo (v. 11 36) ‖ 7 so .ára ‖ 8 geràra (v. 1 64)

43 4 affa. (afagos: IX 83) ‖ 5 por yr.

---

42 3-4 voltu quo caelum tempestatesque serenat (Verg. *En.* 1 255) (FS).

7. «tornar a seguir» = proseguir; cf. 1 29, 8.

42 2. movêrão] tem valor de condicional, como tambem «gèrára» no ultimo verso.

3. qual] está adverbialmente; cf.: Qual dous leões famintos sobre a presa | .. se abração (Castro, *Lisb. edif.* VI 77). (A ed. de Biel, seguida por G. de Amorim, escreveu indevidamente «o qual»). O sujeito de «torna» é o mesmo que o de «alimpa».

8. A tradição grega variava acerca da filiação de Cupido (Eros), e Euripides (*Hipp.* 534) dá-o effectivamente por filho de Jupiter (Zeus).

43 2. Que] refere-se ao sentido do verso precedente (FS); equivale a «o que»; cf. VIII 15, 8. saluços] era fórma litteraria no tempo do Poeta; v. *R Ph.*

4. Que.. lhe] = a quem; v. 1 95.

Muitos caſos futuros lhe apreſenta;
Dos fados as entranhas revolvendo
D'eſta maneira em fim lhe eſtá dizendo:

44. «Fermoſa filha minha, não temais
Perigo algum nos voſſos Luſitanos,
Nem que ninguem comigo poſſa mais
Que eſſes choroſos olhos ſoberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Eſqueceren-ſe Gregos e Romanos
Pelos illuſtres feitos que eſta gente
Ha-de fazer nas partes do Oriente.

45. Que ſe o facundo Uliſſes eſcapou
De ſer na Ogygia ilha eterno eſcravo,
E ſe Antenor os ſeios penetrou

‖ 8 *A* .tà
45 1 *B* .ly. ‖ 2 Ogi.

---

43 6 longius et volvens fatorum arcana movebo (Verg. *En.* I 262) (FS).

45 3-4 Antenor potuit.. | Illyricos penetrare sinus.. | ..et fontem superare Timavi (Verg. *En.* I 242-244) (FS).

44 Sobre as est. 44-55, v. a *Introducção*.

1. filha minha] é expressão de carinho; para Cam., Venus brotou da espuma do mar, v. II 19, 3.

3. Depois dos verbos de «temer», o português antigo dava frequentemente á oração complementar a fórma negativa; cf. o com. a II 19.

5. Depois dos verbos de «prometter» e «afiançar» o português moderno só emprega o conjunctivo quando a oração subordinante é negativa.

6. Esqueceren-se]=serem esquecidos; cf. I 3. Sobre a fórma do verbo, v. *R Ph* em «-an, -en».

7-8. Em «fazer feitos» ha o que se chama «figura etymologica».

45 1-2. Quando Ulisses voltava da guerra de Troia, foi arrojado por uma tempestade á lendaria ilha Ogygia, onde residia a nympha Calypso, que enamorada d'elle o reteve sete annos na sua companhia e só o deixou partir em virtude da ordem formal do rei dos deoses (*Od.* VII 244-266; Hyg. 125). A antiguidade celebrava a eloquencia de Ulisses: *facundus Ulixes* (Ov. *Met.* XIII 92). «Que» é particula causal.

3-4. Segundo uma lenda, o

*

Illyricos e a fonte do Timavo,
E ſe o piadoſo Eneas navegou
De Scylla e Charybdis o mar bravo,
Os voſſos, móres couſas atentando,
Novos mundos ao mundo hirão moſtrando.

46. Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellaciſſimos e duros
D'elles ſempre vereis deſbaratados;
Os Reis da India, livres e ſeguros,
Vereis ao Rei potente ſojugados;
E por elles, de tudo em fim ſenhores,
Serão dadas na terra leis milhores.

‖ 4 Ili. ‖ 6 Scila Carib. Mar ‖ 7 *A* môr. *B* mòr. ‖ 8 yrão (v. 1 9)

46 *A* Cid. ‖ 3 bela. (bellico: III 95, V 99, VI 62, etc.)

troiano Antenor, depois da tomada de Troia, atravessando a Thracia e a Illyria chegou ao mar Adriatico e d'ahi ao nordeste da Italia, onde fundou *Patavium* (a moderna Padua). A expressão de Verg. *Illyricos sinus* não é muito clara e pode designar «ou o Adriatico que banha a Illyria, ou as sinuosidades da costa illyrica» (v. a ed. de Verg. annotada por Julio Moreira). O Timavo é um rio da Istria no districto que os Italianos denominam «Carso» e os Allemães «Karst».

5-6. Falla-se do mar que banha as costas orientaes da Sicilia. Os versos alludem ao pásso da *En.*: *Tollimur in caelum curvato gurgite et idem | subducta ad manes imos desidimus unda. | Ter scopuli clamorem inter cava saxa dedere; | ter spumam elisam et rorantia vidimus astra* (III 564-567). Scylla era um cachopo no estreito de Messina da parte da Italia; Charybdis um sorvedouro da parte da Sicilia, defronte d'aquelle cachopo. (Em Homero, Scylla e Charybdis são dois monstros do sexo feminino). A passagem do estreito de Messina tinha na antiguidade a fama de perigosissima (*In eo freto est scopulus Scylla, item Charybdis, mare vorticosum, ambo clara saevitia,* Plin. *N. H.* III § 87), e Eneas foi aconselhado por Heleno a que, chegando ás agoas da Sicilia, fugisse de atravessar o estreito e rodeasse a ilha (*En.* III 410-432).

8. atentando] = tentando.

46 3. duros] V. com. a I 37-4.

5. seguros] como em I 99.

47. Vereis eſte, que agora preſſuroſo
Por tantos medos o Indo vai buſcando,
Tremer d'elle Neptuno de medroſo
Sem vento ſuas agoas encreſpando.
O' caſo nunca viſto e milagroſo!
Que trema e ferva o mar em calma eſtando!
O' gente forte e de altos penſamentos,
Que tambem d'ella hão medo os Elementos!

48. Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
Que inda ha-de ſer hum porto mui decente,

47 1 presu. (a corr. é já antiga; «s» por «ss» tambem em: asoprando III 49, asinalado X 59, asombrado III 67, masias IX 71, Abasia X 50, sosegado VIII 48, sosego III 80 [*A*], 120) ‖ 2 .ay ‖ 5 O ‖ 6 Mar .ãdo ‖ 7 O ‖ 8 hão
48 2 .uy

47 «.. e perto da costa dela [India] hũa noite dos seys dias de Setembro [de 1524, indo V. da Gama como vice-rei para a India] ao quarto da alua tremeo ho mar muyto rijo, e por bom espaço e pola primeyra se cuydou na frota que dava em alguns baixos de penedia, ate que cayrão no que era» (Cast. VI 71). Barros accrescenta que o almirante disse então: «Amigos, prazer e alegria, o mar treme de nós, não ajaes medo, que isto he tremor de terra (III 9, 1).

1-3. Em «Vereis este.. | Tremer d'elle Neptuno» ha anacoluthia. pressuroso] = no meio de trabalhos, e não = apressado, como geralmente se entende (*veloci rate*, Macedo; *in hurrièd flight*, Burton). medos] = casos temerosos. Tambem *terror* e (na poesia) *metus* se dizem do que é causa de temor. FS compara accrtadamente VI 82, 1-2. G. de Amorim, escrevendo indevidamente «mares», desconheceu o contraste que o Poeta quer assignalar entre o tempo presente em que V. da Gama passa no mar por casos de fazer tremer, e o futuro em que o proprio mar ha-de tremer de V. da Gama.

5-6. A construcção da phrase é a mesma que em I 71, 5-8.

8. Que] é particula consecutiva. Elementos] V. X 80.

48 1-2. a terra que a agoa lhe tolhia] é Moçambique, v. I 86.

Em «que inda ha-de ser» ha uma oração relativa que substitue um infinitivo (assim como se diz em francês: *je la vois qui chancelle*, vejo-a vacillar; v. a *Gram. franc.* de von Hafe e Epiphanio Dias, § 385, b). A mesma syntaxe occorre em II 50, 1-2 (onde «Vereis.. Dio forte, que dous cercos terá» corresponde a «E vereis o mar Roxo.. tornar-se-lhe amarello»), em VI 47, 7-8, e em VIII 28, 5-6.

2. decente] = bello (*decens*).

Em que vão deſcanſar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda eſta coſta em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder reſiſtir ao Luſo horrendo.

49. E vereis o mar Roxo, tão famoſo,
Tornar-ſe-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoſo
Duas vezes tomado e ſojugado;
Ali vereis o Mouro furioſo
De ſuas meſmas ſetas traſpaſſado,
Que quem vai contra os voſſos, claro veja,
Que ſe reſiſte, contra ſi peleja.

50. Vereis a inexpugnabil Dio forte
Que dous cercos terá, dos voſſos ſendo;
Ali ſe moſtrará ſeu preço e ſorte
Feitos de armas grandiſſimos fazendo;

‖ 3 vão ‖ 7 .arà
49 1 Mar ro. tam ‖ 2 inf. (v. 1 37, 8) ‖ 7 .ay
50 2 .rà ‖ 3 .rà

3. descansar] fazendo escala nas viagens á India.

8. horrendo]=muito de temer, de fazer estremecer; cf.: *Horrenda* [Roma] *late nomen in ultimas | extendat oras* (Hor. *Od.* III 3, 45-46).

49 1. tão famoso] em particular pela passagem dos Israelitas; v. IV 63.

2. Cf. I 37, 7-8. lhe] representa «o Luso horrendo». Sobre o trocadilho, v. *R Ph* em «Trocadilhos».

5-6. V. X 40, onde o caso é referido mais explicitamente.

7. Que] é conjuncção final.

50 1-2. V. X 35.

3-4. seu preço e sorte] «seu»=d'elles (Portugueses, representados no pronome «vossos» do verso precedente). «sorte»=felicidade; v. o com. a I 33. «fazendo» refere-se a «elles» ideia incluida em «seu»; é synese semelhante á que se vê em «Opulenta outr'ora, os seus estaleiros tinham sido famosos antes da conquista romana» (A. Herc. *Eur.* pag. 7).

Envejoſo vereis o grão Mavorte
Do peito Luſitano fero e horrendo;
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falſo Mahamede ao Ceo blaſphema.

51. Goa vereis aos Mouros ſer tomada,
A qual virá deſpois a ſer senhora
De todo o Orientc, e ſublimada
Cos triumphos da gente vencedora;
Ali ſoberba, altiva e exalçada
Ao Gentio que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos voſſos guerra.

52. Vereis a fortaleza ſuſtentar-ſe
De Cananor com pouca força e gente;
E vereis Calecu deſbaratar-ſe,
Cidadc populoſa e tão potentc;
E vereis em Cochim aſſinalar-ſe
Tanto um peito ſoberbo e inſolente,

|| 8 blasfe.
51 2 virà || 6 Id. || 7 freo (v. *R Ph* em «-eia, -eio») .orà
52 1 *B* sos. || 4 tam

6. horrendo] como em II 48, 8.
7. Do Mouro] depende de «a voz extrema».
8. do falso Mahamede] pertence para «blasphema».

51 1. V. x 42.
2-4. Goa foi a capital do imperio português no Oriente; o arcebispo de Goa ainda tem o titulo de «Primaz do Oriente».

52 1-2 Em 1507 o rei de Cananor (na costa do Malabar) pôs cerco á fortaleza que os Portugueses tinham nesta cidade e de que era capitão naquelle tempo Lourenço de Brito. O cerco só teve fim com a chegada, em Agosto, de Tristão da Cunha, fazendo então o rei propostas de paz (Cast. II 43, 45-52).
3. Cam. escreveu sempre «Caleeu»; mas Du. Pacheco Pereira, Castanheda, Barros, Dam. de Goes escrevem com *t* final.
5-8. Falla-se de Du. Pacheco Pereira; v. x 13. soberbo e inso-

Que cíthara jamais cantou victoria
Que aſſi mereça eterno nome e gloria.

53. Nunca com Marte inſtructo e furioſo
Se vio ferver Leucate, quando Auguſto
Nas civis Actias guerras animoſo
O capitão venceo Romano injuſto,
Que dos povos da Aurora e do famoſo

‖ 7 Cîta. ja mais
53 3 civîs ‖ 4 Cap. ‖ 5 de Aur. («da» é corr. já antiga; cf. I 14, X 44)

---

53 In medio classes aeratas, Actia bella | cernere erat, totumque instructo Marte videres | fervere Leucaten auroque effulgere fluctus. | Hinc Augustus agens Italos in proelia Caesar | . . Hinc ope barbarica variisque Antonius armis, | victor ab aurorae populis et litore rubro, | Aegyptum viresque Orientis et ultima secum | Bactra vehit, sequiturque, nefas! Aegyptia conjunx. (Verg. *En.* VIII 675-678, 685-688) (FS).

---

lente] Cam. empregou «insolente», fóra do usual, na qualidade de synonymo de «soberbo» (tomado á boa parte, assim como tambem empregou «arrogante» em bom sentido em V 31). A juncção dos dois termos, bem que tomados á má parte, tambem occorre na litteratura latina (*insolens et superbus*), e de igual modo, á má parte, vem nos *Lusiadas* «soberbas e insolencias» (VI 29). (O lugar de Hor. [*Od.* II 4] *insolentem Achilem*. ., allegado por FS, não vem aqui a proposito, porque alli *insolens* é tomado á má parte).

53 A est. refere-se á batalha naval dada entre Marco Antonio e Octaviano Augusto, aos 2 de Setembro do anno de 31 a. Chr., nas agoas que banham o promontorio *Actium* nas costas occidentaes da Acarnania. Ao sudoeste d'aquelle promontorio fica a ilha de Leucadia, onde ha o cabo Leucate (no latim classico *Leucates* ou *Leucatas*, mas em muitos livros, incxactamente, *Leucate*).

1-2. com Marte instructo. . ferver Leucate] é aportuguesamento da phrase Vergiliana *instructo Marte fervĕre Leucaten*, onde *Marte instructo* designa as armadas dos dois rivaes postas em ordem de batalha, e *fervere* está no mesmo sentido com que nos *Lus.* se diz «Vião-se. . ferver as praias | Da gente que. .» (II 93) mas Cam. parece tomá-lo noutra accepção, como se deprehende da est. seguinte).

Nilo e do Bactra Scythico e robuſto
A victoria trazia e preſa rica,
Preſo da Egypcia linda e não pudica,

54. Como vereis o mar fervendo acceſo

|| 6 Scitico || 8 Egip.
54 1 ace. (v. 1 5)

6. Em latim *Bactra-orum* é a capital da Bactriana (no Afganistão septentrional) e *Bactrus* o nome do rio que banhava aquella cidade. Os Bactrianos dizem-se *Bactri* e *Bactriani;* Cam., em vez de «Bactro» (como vem em algumas edições) ou «Bactriano» disse «Bactra» segundo a analogia de «Scytha».
O termo «Scythia» na antiguidade teve tanta amplitude, que o Poeta podia facilmente incluir a Bactriana na Scythia. Dos Bactrianos, que tem neste passo o epitheto de «robustos», diz Quinto Curcio: *Sunt autem Bactriani inter illas gentes promptissimi, horridis ingeniis multumque a Persarum luxu abhorrentibus: siti haud procul Scytharum bellicosissima gente et rapto vivere adsueta semper in armis erant* (IV 6).

8. a Egypcia] Cleópatra, rainha do Egypto. Aos amores escandalosos de Marco Antonio com esta rainha refere-se Cam. ainda em III 141. Note-se o equivoco de «presa» e «preso», analogo ao das celebres endechas «Aquella cativa | Que me tem cativo».

54 A estructura syntactica e a ligação das ideias d'esta oitava, enigmatica para J. Agostinho de Macedo (*Censura dos Lus.*), não tem sido comprehendida. FS não esclarece as duvidas e traduz: *Como vereis herviendo el encendido mar con las armas al pelear de los vuestros, que llevarán preso el Idolatra, e el Moro, triumfando de tan diversas naciones.* J. G. Monteiro, na ed. de Biel, chegou a mudar «dos vossos» para «os vossos» (no que já tinha sido antecedido por H. Garcês, que na sua traducção, de 1591, põe: *..con incendios, los vuestros peleando..*) A maioria dos editores liga «Cos incendios» a «pelejando» e não põe pausa (o que tambem faz A. Coelho e até D. Car. M. de Vasconcellos) antes de «pelejando»; alguns, entre elles A. Coelho, poem ponto final depois de «triumphando»; outros como D. Car. M. de Vasconcellos, ponto e virgula. Pondo-se pausa forte depois de «vossos» e virgula depois de «triumphando», desapparecem as difficuldades. Os quatro participios «pelejando, levando, triumphando, navegando» (este ultimo ligado regularmente aos tres primeiros pela conjuncção que está no rosto do 5.º verso) designam circumstancias pertencentes para «Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente» e ligam-se appositivamente ao pronome «lhe» (=aos vossos, aos Portuguezes; de modo que «ser-lhe-ha» equivale neste caso a «terão»). Ao ultimo d'estes participios está subordinado o, como se diz na grammatica latina, ablativo absoluto «sugeita a rica Aurea Chersoneso» (da mesma maneira que em: *salute data in vicem redditaque rogatus, ut .. audiret,*

Cos incendios dos voſſos; pelejando,
Levando o Idololatra e o Mouro preſo,
De nações differentes triumphando,
E ſugeita a rica Aurea Cherſoneſo
Até o longinco China navegando
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

55. De modo, filha minha, que de geito
Amoſtrarão eſforço mais que humano,
Que nunca ſe verá tão forte peito
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas ao eſtreito

‖ 5 sog. (v. 1 31) *B* Aurco ‖ 6 Ate .gico (longico: VII 30; «longico» é certamente devido á pronuncia do compositor, cf. o *R Ph* em «Costantino») ‖ 7 Ilh. ‖ 8 lhe a (podeloha: X 33) Occe.

55 2 .arão ‖ 3 .ra tam ‖ 4 *B* Gantico ‖ 5 Est.

jubet [T. Liv. III 26]). Entre os dois membros coordenados «Até o longinco China» e «E as ilhas mais remotas do Oriente» está o termo regente, commum a ambos, «navegando» (como em: «começo os olhos bellos | A lhe beijar, as faces e os cabellos» (v 55); v. *R Ph* em «Interposição».

2. os incendios] i. é, o fogo da artilharia; Plinio diz: *mons Aetna nocturnis mirus incendiis* (*N. H.* III § 88).

3. idololatra] representa o latim *idololatres*. (A fórma usual «idolatra» que é a das outras lingoas romanicas—e já em Salviano se encontra *idolatria* por *idololatria*—é devida a haplologia semelhante áquella pela qual se diz «seminima» ao passo que os italianos dizem «semiminima»).

5. Aurea Chersoneso] é a peninsula de Malaca; v. X 124.

6-7. Sobre a fórma «longineo» v. *R Ph* em «grandiloco». as ilhas mais remotas do Oriente] são o archipelago do Japão. (B. Feio escreveu indevidamente «Até ao.. | E ás ilhas»; v. *R Ph* em «até»).

55 1. «de modo que» é locução conclusiva (como tambem «de maneira que», v. g. em «De maneira que [em latim *ergo*] vejo dous prelados.. convertidos hoje em Platões e Tullios» [Sousa *V. do Arc.* I 23]); «de geito» é locução modal (de uso frequente no tempo do Poeta), correspondente ao latim *sic* (cf. II 71, 6).

4. Equivale a «do Oceano Indico ao occano Atlantico». Em Plinio: *in Gaditano* [de *Gades*, hoje «Cadiz»] *oceano* (*N. H.* II 227).

5-6. o estreito | Que mostrou o aggravado Lusitano] é o estreito

Que moſtrou o aggravado Luſitano,
Poſto que em todo o mundo, de afrontados,
Reſucitaſſem todos os paſſados.»

56. Como iſto diſſe, manda o conſagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto e ſoſſegado,
Pera onde ſem receio a frota venha;
E pera que em Mombaça aventurado
O forte Capitão ſe não detenha,
Lhe manda mais, que em ſonhos lhe moſtraſſe
A terra onde quieto repouſaſſe.

57. Já pelo ar o Cyllenêo voava;

‖ 6 agr. ‖ 7 affr. (afr.: II 34, III 109)
56 2 *B* Maria aa ‖ 4 .eyo ‖ 7 mãda *B* q̃
57 1 *A* .ylenêo *B* .ylenèo

---

56 1-2 Haec ait et Maia genitum demittit ab alto (Verg. *En.* I 297) (FS).

57 1 Volat ille per aëra magnum | remigio alarum (Verg. *En.* I 300-301) (FS).

de Magalhães; v. x 138. O descobrimento d'este estreito foi posterior á expedição de V. da Gama; houve pois lapso de memoria em Cam., quando representou Jupiter empregando neste momento o verbo «mostrar» no preterito. Outro tanto aconteceu a T. Liv., que depois de dizer, com respeito ao anno de Roma de 544, que a tomada de Agrigento pelo consul Levino se deu *jam magna parte anni circumacta* (XXVI 40), ao historiar os acontecimentos militares da Hespanha no mesmo anno, representa Publio Scipião referindo-se, em uma allocução proferida no principio da primavera (*principio veris*), á tomada d'aquella cidade da Sicilia como a facto já realizado: *in Sicilia Syracusae, Agrigentum captum* (XXVI 41). (A ed. de Hamburgo de 1834 escreveu «mostrará»).

8. «resucitar» é fórma ainda corrente na boca do povo.

56 Tambem na *Eneida* (I) Jupiter manda baixar do ceo o filho de Maia, Mercurio, a prover a que Dido e os Carthaginezes acolham os Troianos de bom grado.

1. consagrado] como em I 19.

2. tenha] equivale a: tenha disposto.

5. aventurado] equivale a: expondo-se a perigo.

57 1. Cylleneo] é epitheto de

Com as aſas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos canſados adormece
—Com eſta as triſtes almas revocava
Do Inferno—e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galéro coſtumado;
E d'eſta arte a Melinde foi chegado.

58. Comſigo a Fama leva, porque diga
Do Luſitano o preço grande e raro,
Que o nome illuſtre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro.
D'eſta arte vai fazendo a gente amiga
Co rumor famoſiſſimo e perclaro.

|| 2 *A* pês *B* pès aa deçe || 3 mão || 5 (sem parenth.) || 6 *A* .cçe || 7 *A* .êro *B* .èro || 8 .oy
58 1 Cons. (v. 1 73) || 3 hũ || 5 .ay

---

57 2-6 primum pedibus talaria neetit | aurea, quae sublimem alis sive aequora supra | seu terram rapido pariter cum flamine portant; | tum virgam capit; hae animas ille evocat Oreo | pallentes, alias sub Tartara tristia mittit, | dat somnos adimitque et lumina morte resignat; | illa fretus agit ventos et turbida tranat nubila (Verg. *En.* IV 239-246) (FS); (Atlantiades) Summa pedum propere plantaribus inligat alis, | obnubitque comas et temperat astra galero (Est. *Theb.* I 304-305) (FS); Cyllenius adstitit ales | somniferam quatiens virgam teetusque galero (Claud. *Rap. Pros.* I 77-78) (FS).

Mercurio (Hermes), por ter nascido no monte Cyllene, na Arcadia.

2. Mercurio (e tambem Minerva e Persêo) representava-se com sandalias aladas (*talaria*).

6. Para destruir os hiatos da primeira metade d'este verso, a ed. de 1669 escreveu «Dos infernos»; mas porventura Cam. preferia o plural para o Inferno do Christianismo. (Nos «Artigos da Fé» e no «Credo» diz-se «Deseeu aos Infernos»).

58 5. amiga]=bem acccita. «a gente» designa os Portugueses, da mesma maneira que na est. seguinte.

6. perclaro] Em latim diz-se *praeclarus;* mas «perclaro» tam-

Já Melinde em deſejos arde todo
De ver da gente forte o geſto e modo.

59. D'ali pera Mombaça logo parte
Aonde as naos eſtavão temeroſas,
Pera que á gente mande que ſe aparte
Da barra immiga e terras ſuſpeitoſas;
Porque mui pouco val eſforço e arte
Contra infernais vontades enganoſas,
Pouco val coração, aſtucia e ſiſo,
Se lá dos Ceos não vem celeſte aviſo.

60. Meio caminho a noite tinha andado,
E as eſtrellas no ceo co a luz alheia
Tinhão o largo mundo alumiado,
E ſó co ſomno a gente ſe recreia.
O Capitão illuſtre já canſado
De vigiar a noite, que arreceia,

59 2 .auão ‖ 3 aa ‖ 4 imiga (v, *R Ph*) sos. (v. 1 38) ‖ 5 .uy ‖ 8 la nam
60 1 .cyo ‖ 2 Est. Cco ‖ 3 Mun. ‖ 4 so sono (somnolento: IV 75; sonno: VI 39)

---

60 lucc lucebat alicna (a lua) (Cic. *Somn. Scip.* § 8) (FS).

bem occorre em v 47; parece pois, que o Poeta formou a palavra á semelhança de *perdoctus, perutilis*, tanto mais que em latim tambem ha *perclaresco*.

8. modo] como em I 62, 3.

60 A hora em que Mercurio apparece em sonhos a V. da Gama, é depois da meia noite, porque os sonhos a este tempo da noite passavam por verdadeiros; v. o com. a IV 67.

2-3. Cam. considera aqui o sol como emprestando a luz a todos os demais astros: *Nil per se in caelo lucet nisi Phoebus: ab illo | accipiunt lucem stellae omnes ipsaque Luna* (Marcello Paling. *Zodiacus vitae* XI 670-671). «alumiado» é nome predicativo de «mundo», de modo que «tinhão alumiado» equivale a «alumiavam».

6. vigiar a noite] cf. *noctes vigilantur amarae* (Ov. *Her.* XII 169).

Breve repouſo então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava;

61. Quando Mercurio em ſonhos lhe aparece,
Dizendo: «Fuge, fuge, Luſitano,
Da cilada que o Rei malvado tece
Por te trazer ao fim e extremo damno;
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece,
Sereno o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo noutra parte,
Onde podes ſeguro agaſalhar-te.

62. Não tens aqui ſenão aparelhado
O hoſpicio que o cru Diomedes dava,
Fazendo ſer manjar acoſtumado
De cavallos a gente que hoſpedava;
As aras de Buſiris infamado,
Onde os hoſpedes triſtes immolava,

‖ 7 *A* antam (ent.: I 57; «ant.» é devido á pronuncia do compositor)

61. 1 *A* .eçe ‖ 2 fuge ‖ 3 .eçe ‖ 4 dano (v. I 93 ‖ 5 *A* Ven. *A* .eçe ‖ 6 tẽs Oeee. (v. *R Ph*).

62 1 Não *A* se não *B* senão ‖ 6 imol. (v. *R Ph* em «immigo»)

---

62 1-6 Non tibi succurrit crudi Diomedis imago, | efferus humana qui dape pavit equas? (Ov. *Her.* IX 67-68) (FS); Quis aut Eurysthea durum | aut illaudati nescit Busiridis aras? (Verg. *Georg.* III 4-5) (FS).

8. a quartos] pertence evidentemente para «vigiava».

61 2. Fuge] é fórma do imperativo usada na litteratura antiga.

6. Sereno] fallando do mar, tambem em latim: *O nimium caelo et pelago confise sereno* (Verg. *En.* V 870).

62 2-4. Este Diomedes não era o filho de Tydeu, mas sim um rei dos Bístones na Thracia; d'elle falla Pomp. Mela em II § 29.

5-6. Busiris era rei do Egypto.

Terás certas aqui, ſe muito esperas:
Fuge das gentes perfidas e feras.

63. Vai-te ao longo da coſta diſcorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quaſi junto d'onde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade.
Ali tua frota alegre recebendo,
Hum rei, com muitas obras de amizade,
Gaſalhado ſeguro te daria
E pera a India certa e ſabia guia.»

64. Iſto Mercurio diſſe, e o ſomno leva
Ao Capitão, que com mui grande eſpanto
Acorda e vê ferida a eſcura treva
De hũa ſubita luz e raio ſancto;
E vendo claro quanto lhe releva
Não ſe deter na terra iniqua tanto,
Com novo ſprito ao meſtre ſeu mandava
Que as velas déſſe ao vento que aſſoprava.

7 *A* .ràs *B* .ras
63 2 *A* .aràs *B* .aras || 3 La
64 1 sono (v. II 60) || 2 .uy || 3 ve || 4 .ayo ||
7 Mes. || 8 vellas (v. I 19) de.

A esta lenda de Busiris refere-se Ovidio na *Ars am.* I 647-652.

63 2-4. Os versos referem-se a Melinde, que fica effectivamente em 3°, 17′ de latitude austral.

7. daria] em vez de «dará» por causa da rima; cf. I 45, 8.

8. guia] ainda quando applicado a pessoas, no português classico é do genero feminino (igualmente em italiano: *la guida*).

64 1. leva] = levanta, tira (cf. *levare* em T. Liv. I 34, Verg. *En.* II 146-147).

6. iniqua] Sobre a pronuncia v. *R Ph* em «grandiloco».

7. Com novo sprito] = cheio agora de animoso alento (cf. II 30-33), como bem interpreta FS. «(c) sprito» é forma ainda hoje popular, que o Poeta só por neeessidade metrica emprega. Segundo G. Paris (*J. des Sav.* 1900, pag. 363) na versificação rhythmica latina ha vestigios de *spíritus* com accento na penultima syllaba.

65. «Dai velas» diſſe «dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece e Deos o manda,
Que hum menſageiro vi do claro aſſento,
Que ſó em favor de noſſos paſſos anda.»
Alevanta-ſe niſto o movimento
Dos marinheiros de hũa e de outra banda:
Levão gritando as ancoras acima,
Moſtrando a ruda força, que ſe eſtima.

66. Neſte tempo que as ancoras levavão,
Na ſombra eſcura os Mouros eſcondidos
Manſamente as amarras lhe cortavão
Por ſerem, dando á coſta, deſtruidos;
Mas com viſta de linces vigiavão
Os Portugueſes ſempre apercebidos.
Elles, como acordados os ſentírão,
Voando, e não remando, lhe fugírão.

67. Mas já as agudas proas apartando
Hião as vias humidas de argento;

65 1 Day vellas (v. 1 19) day || 2 *A* .cçe || 4 so
66 4 aa .uydos || 5 Lin. || 7 senti. || 8 fogi. (v. 11 27)
67 2 Hião

65 3. claro assento] é tambem o final de 1 24, 2.

66 «E nesta mesma noyte á mea noyte [de 10 para 11 de Abril] sentirão os que vigiauão no nauio Berrio bolir ho cabre de hũa ancora que estaua surta.. se não quando atentando bem virão que erão os ĩmigos, que a nado estauão picando o cabre com terçados, pera que cortado desse ho navio á costa e se perdesse.. E logo os nossos bradarã aos outros nauios, dizendo lhes o que passava pera que se goardassem. E nisto os do nauio sam Rafael acordarão, e acharão que alguns dos ĩmigos estauão pegados nas cadeas da enxarcia do seu traquete. E vendo eles que erão sentidos calaranse abaixo e com os outros que picauão ho cabre do Berrio fugirão a nado pera duas almadias.. e remandoas com muyta pressa se tornarão aa cidade» (Cast. 1 9).

67 V. o texto de Cast. no com. á est. seguinte.
2. as vias humidas]=as agoas

Aſſopra-lhe galerno o vento e brando
Com ſuave e ſeguro movimento.
Nos perigos paſſados vão fallando,
Que mal ſe perderão do penſamento
Os caſos grandes d'onde em tanto aperto
A vida em ſalvo eſcapa por acerto.

68. Tinha hũa volta dado o Sol ardente
E noutra começava, quando vírão
Ao longe dous navios brandamente
Cos ventos navegando, que reſpirão.
Porque havião de ſer da Maura gente,
Pera elles arribando as velas vírão.
Hum de temor do mal que arreceava,
Por ſe ſalvar a gente, á coſta dava.

69. Não he o outro que fica, tão manhoſo,
Mas nas mãos vai cair do Luſitano
Sem o rigor de Marte furioſo
E ſem a furia horrenda de Vulcano;

‖ 5 *A* falan. ‖ 6 *B* .derám
68 2 vi. ‖ 5 aui. (v. 1 74) ‖ 6 vellas (v. 1 19) vi. ‖ 8 aa
69 1 Não ‖ 2 .ay

do mar; corresponde ao ὑγρὰ κέλευθα da *Od.* (III 71) (FS). de argento] = argenteas, prateadas.

8. por acerto = por acaso.

68 «.. partiose [V. da Gama] aa sesta feyra de endoenças [13 de Abril] pela menhãa e sendo auante dela [Mombaça] oyto legoas surgio hũa noyte junto com terra.. e em amanhecendo aparecêrão dous zambucos (que sam nauios pequenos) a julauento da frota.. E como Vasco da gama descjaua dauer pilotos pera que o leuassem a Calicut, parecendolhe que os tomaria nos zambucos em auendo vista deles se leuou e arribou sobreles com os outros capitães, e seguioos ate oras de vespera que tomou hum deles, e ho outro se acolheo a terra onde foy varar e nestoutro se tomarão bem dezascte mouros..» (Cast. I 10).

3-4. brandamente.. navegando] Cf: vem com passo brando (VII 58).

69 1. manhoso] = habil.

4. Cf. I 68, 3-4.

Que como foſſe debil e medroſo
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve reſiſtencia, e ſe a tivera,
Mais damno reſiſtindo recebera.

70. E como o Gama muito deſejaſſe
Piloto pera a India que buſcava,
Cuidou que entre eſtes Mouros o tomaſſe,
Mas não lhe ſuccedeo como cuidava;
Que nenhum d'elles ha que lhe enſinaſſe
A que parte dos ceos a India eſtava,
Porem dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

71. Louvão do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, ſincero peito,
Magnificencia grande e humanidade
Com partes de grandiſſimo reſpeito.
O Capitão o aſſella por verdade,
Porque já lh'o diſſera d'eſte geito
O Cyllenêo em ſonhos; e partia
Pera onde o ſonho e o Mouro lhe dizia.

‖ 7 *A* .uêra ‖ 8 dãno *A* .bêra
70 4 socce. (v. I 44) ‖ 5 insìn. (ensin.: I 71, 97; II 78; III 1) ‖ 6 Ceos ‖ 8 *A* achàrão *B* acharàm Pil.
71 1 . uuão ‖ 2 . içam ‖ 7 *A* .ylenêo *B* .ylenèo

5-6. FS liga inexactamente, embora com subtileza, «da pouca gente» a «medroso».

70 «.. em todos aquelles treze Mouros [do zambuco] não auia algum que se atreuesse de o levar á India» (Barros) I 4, 5); «e delles soube como adiante estaua hũa villa chamada Melinde, cujo Rey era homem humano per meio do qual podia auer piloto pera a India. Vendo elle que perguntado quada hum destes a parte, todos concorrião na bondade del Rey de Melinde..» (id. ibd.)

4. E' repetição de I 44, 8.

6. =qual era a situação geographica da India.

71 5. assella]=confirma.

72. Era no tempo alegre quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea,
Quando hum e o outro corno lhe aquentava
E Flora derramava o de Amalthea,
A memoria do dia renovava
O preſſuroſo Sol que o ceo rodea,
Em que aquelle a quem tudo eſtá ſugeito,
O ſello pôs a quanto tinha feito,

72 2 Feb. || 3 *B* aquẽt. || 4 *B* Almathea || 6 presu. (v. II 47) Ceo || 7 .tà sog. (v. I 31) || 8 pos

72 3-4 Scaldava il Sol già l'uno e l'altro corno | Del Tauro (Petr. *Tri d'Am.* 1).

72 «.. ao outro dia [15 de Abril] que era de Pascoa da Resurreição, indo com todolos nauios embandeirados e a companha delles com grandes folias por solemnidade da festa chegou a Melinde. Aonde logo per hum degredado em companhia de hum dos Mouros mandou dizer a el Rey quem era, e o caminho que fazia e a necessidade que tinhà de piloto..» (Barros I 4, 6); «.. veo de terra hũa almadia e levou o mouro a el rey: a quem deu ho recado de Vasco da gama» (Cast. I 11).

1-4. Em «quando entrava» e «quando aquentava.. e derramava», «quando» é adverbio relativo, equivalente a «em que» (como em I 9). «o roubador de Europa» é neste lugar o Touro (ou, com fórma latina, Tauro). Jupiter, tomando a figura de touro, raptou Europa, filha de Agenor, rei da Phenicia (Ov. *Met.* II 833—III 2). A periphrase dos versos 1 a 3 quer pois dizer, que entrava o Sol no signo de Tauro. (Não se ha-de esquecer que naquelle tempo o calendario tinha um atraso de quasi 10 dias em relação á realidade dos factos astronomicos, defeito a que deu remedio a correcção gregoriana em 1582). Flora era uma deosa italica da vegetação e da primavera (Ov. *Fast.* v 195-272). Amalthea era a nympha possuidora da cabra que amamentou Jupiter (Ov. *Fast.* v 115 sgg.) ou, segundo uma tradição de Creta, a propria cabra. O corno, que teve o nome de «corno da abundancia»—em latim *cornu copiae*, etymo do vocabulo português e italiano «cornucopia»—tinha sido d'esta cabra, e por tal razão chamou-se «corno de Amalthea»; mas uma tradição differente queria que tivesse sido do touro em que Acheloo se transformou (Ov. *Met.* IX 1-88). Com a primeira metade d'esta est. cf. «No Touro entrava Phebo e Progne vinha, | O corno de Acheloo Flora entornava (Cam., canc. «Manda-me Amor..»; (FS).

4-8. Cam., entendendo que Christo resurgindo deu o remate á obra da redempção, designa por estes versos o dia de Paschoa. pressuroso] Cf. «apressada» em v 24.

73. Quando chegava a frota àquella parte
Onde o Reino Melinde já ſe via,
De toldos adornada e leda, de arte
Que bem moſtra eſtimar o ſancto dia.
Treme a bandeira, voa o eſtandarte,
A côr purpurea ao longe aparecia,
Soão os atambores e pandeiros;
E aſſi entravão ledos e guerreiros.

74. Enche-ſe toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a de outra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Luſitana,
Pega no fundo a ancora peſada;
Mandão fóra hum dos Mouros que tomárão,
Por quem ſua vinda ao Rei manifeſtárão.

75. O Rei, que já ſabia da nobreza
Que tanto os Portugueſes engrandece,

73 1 aaqu. ‖ 4 San. ‖ 5 Ban. Est. ‖ 6 cor porp. (purp.: II 77) ‖ 7 Soão

74 1 .aya ‖ 2 *B* De ‖ 4 dout. (v. *R Ph* em «Elisão») .tras ‖ 6 findo (a corr. é já antiga) ‖ 7 .dão fo. *B* hũ *A* q̃ tomà. ‖ 8 manifestà.

75 2 que

73 2. Reino Melinde] como em latim *terra Hespania* (T. Liv. XXXVIII 58); v. *R Ph* em «Apposição».

3. de arte] = de modo.

7. atambores] era fórma corrente ainda no sec. XVII, v. o *Dicc.* de Moraes.

74 1-2. Cf.: Vião-se em derredor ferver as praias | Da gente que a ver só concorre leda (II 93).

7. V. est. 68 e 69.

75 «El Rey.. logo per elle e pelo degredado mandou dous homens ao capitão mostrando em palavras o contentamento que tinha de sua vinda.. que.. lhe pedia ouuesse por bem de sair em terra pera se ver com elle.» (Barros I 4, 6).

1-2 V. II 58.

Tomarem o ſeu porto tanto preza,
Quanto a gente fortiſſima merece;
E com verdadeiro animo e pureza
Que os peitos generoſos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que ſaiſſem
Pera que de ſeus reinos ſe ſerviſſem.

76. São offerecimentos verdadeiros
E palavras ſinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem paſſadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros
E galinhas domeſticas cevadas,
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

77. Recebe o Capitão alegremente
O menſageiro ledo e ſeu recado,
E logo manda ao Rei outro preſente,
Que de longe trazia aparelhado:
Eſcarlata purpurea, côr ardente,
O ramoſo coral, fino e prezado,

4 *B* quanto ‖ 7 muy. ‖ 4,6 *B* que | Rei.
76 1 Sam ‖ 4 *B* que ‖ 6 *A* çe. ‖ 7 *A* antam (v. 11 60) aui. (v. 1 74) ‖ 8 aa
77 4 *B* que ‖ 5 cor

5. verdadeiro animo] por: animo verdadeiro. purcza] = sinceridade.

76 «.. e coisto mandou tres carneyros e laranjas e canas daçucar» (Cast. 1 11).

77 «Vasco da gama respondeo a el rey pelo mesmo messejeiro, agradecendo-lhe a paz que queria que ouuesse antreles, e pera se assentar entraria ao outro dia pera dentro do porto, .. E mandoulhe de presente hum balandrão vermelho.. e hum chapeo e dous ramães de corais e..» (Cast. 1 11, cont. do texto do com. á est. precedente).

Que debaxo das agoas molle crece,
E como he fóra dellas ſe endurece.

78. Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rei nobre as pazes concertaſſe,
E que de não ſair naquelle inſtante
De ſuas naos em terra o deſculpaſſe.
Partido aſſi o embaixador preſtante
Como na terra ao Rei ſe apreſentaſſe,
Com eſtilo que Pallas lhe enſinava,
Eſtas palavras tais fallando orava:

79. «Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da ſumma Juſtiça concedido
Refrear o ſoberbo povo duro,
Não menos d'elle amado que temido,

‖ 7 *B* que mole (molle: III 72, 139 VI 96) *A* .çe ‖ 8 fo. *A* .çe

78 2 *B* qu. ‖ 7 .illo , .alas

79 1 Olim. ‖ 2 .oy .uma (v. *R Ph* em «immigo»)

---

77 7-8 Sic et curalium, quo primum contigit auras | tempore, durescit; mollis fuit herba sub undis (Ov. *Met.* XV 416-417) (FS).

79 1-3 O regina, novam cui condere Juppiter urbem | justitiaque dedit gentes frenare superbas.. (Verg. *En.* I 522-523) (FS).

8. como]=depois que.

78 A mensagem, tal como a representam as est. 78 a 84, é ficção poetica; todavia Gaspar Corrcia diz que a pedido de V. da Gama o mouro Danane «se foy a terra no barco que trouxera o refresco, e da parte do Capitão mór lhe deu muitos agradecimentos do refresco.. O Rey folgou muito com o mouro e se apartou com ele fazendo-lhe muitas perguntas, de que o mouro lhe deu muita conta..» (XIV).

1. hum na pratica elegante]=um, elegante na pratica (no discursar).

7. Pallas] é epitheto grego de Minerva (Athena).

79 1. puro] como «claro» em I 73.

Como porto mui forte e mui ſeguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buſcar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

80. Não ſomos roubadores, que paſſando
Pelas fracas cidades deſcuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas;
Mas da ſoberba Europa navegando
Himos buſcando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e ſublimado.

81. Que gèração tão dura ha hi de gente,

‖ 5 .uy .uy
80 3 vão
81 1 geraç. (v. 1 64) tam ahi (a corr. é já antiga)

---

80 1 Non nos aut ferro Libyeos populare penates | venimus, aut raptas ad litora vertere praedas (Verg. *En.* 1 527 sg.) (FS).

81 1-4 Quod genus hoc homínum? quaeve hunc tam barbara morem | permittit patria? Hospitio prohibemur harenae (Verg. *En.* 1 539 sg.) (FS).

5-7. «porto» é grammaticalmente apposto a «Te»; conseguintemente parece que está em sentido translato (cf. *Regum, populorum, nationum portus erat et refugium senatus,* Cic. *Off.* II 8); mas o verso «A teu porto seguros navegamos» (II 82) leva antes a crer que ha abreviamento de expressão, equivalendo «como porto mui forte e mui seguro» a «como senhor de porto mui forte e mui seguro».

conhecido] pertence para «porto».

8. o remedio] V. II 89, 6-7.

80 5. soberba Europa] tambem em III 6; cf. «soberba Veneza» (III 14).

6. Himos buscando as terras] é tambem a primeira parte de I 50, 8.

8. alto e sublimado] é tambem (mas em sentido differente) o final de I, 4, 5.

81 A est. refere-se ao que tinha acontecido aos Portugueses em Moçambique e Mombaça.

1. hi] é adverbio que já no tempo de Cam. se empregava quasi

Que barbaro coſtume e uſança feia,
Que não vedem os portos tão sòmente
Mas inda o hoſpicio da deſerta areia!
Que má tenção, que peito em nós ſe ſente?
Que de tão pouca gente ſe arreceia,
Que com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenaſſem ver-nos deſtruidos?

82. Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-ſe mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti eſperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino,
A teu porto ſeguros navegamos
Conduzidos do interprete divino,
Que pois a ti nos manda, eſtá mui claro,
Que és de peito ſincero, humano e raro.

|| 2 fea (v. *R Ph* em «-eia») || 3 não tam som. || 4 .rea || 5 ma .çam *A* nos *B* nòs || 6 tam .cea || 7 tam || 8 .uydos

82 1 .uy || 2 *B* ò .nigno || 4 Ita. || 6 *B* Int. || 7 està .uy || 8 es *A* .cêro *B* .céro

exclusivamente junto do verbo «haver».

5-8. O «Que» do 6.º verso é pronome interrogativo (=que cousa?); o do 7.º verso é conjuncção final (e no português moderno dir-se-hia «para que»). ordenassem] como em II 29.

82 1. em quem] pertence para «achar-se».

3. em ti] está como se o «em quem» do primeiro verso não pertencesse tambem para a oração de «esperamos».

4. o.. Ithaco] (*Hoc Ithacus velit*, Verg. *En.* II 104) é Ulysses, natural da ilha de I'thaca. Na volta de Troia, depois de deixar a ilha de Calypso (II 45), naufragou junto da ilha dos Pheaces, onde foi acolhido pelo rei Alcinoo (*Od.* IV sgg.). Sobre a fórma «Alcino», v. *R Ph.*

5. Em «Mas tu,—A teu porto» ha anacoluthia. seguros] como em I 99.

6. interprete] no sentido de «medianeiro» e neste caso «mensageiro»; Verg. chama a Mercurio *interpres divum* (*En.* IV 356). V. II 61-65.

7. Que] ou é pronome, referido a «interprete divino» (como em latim: *Quibus quoniam.. satisfèci*, Corn. Nep. *Att.* 21); ou é particula causal, servindo a oração «que está mui claro» de justificar o asserto contido em «seguros» (e neste caso ha-de pôr-se virgula depois de «Que»); ou se liga a «pois» da mesma maneira que em II 41, 2.

83. E não cuides, ó Rei, que não ſaiſſe
O noſſo Capitão eſclarecido
A ver-te ou a ſervir-te, porque viſſe
Ou ſuſpeitaſſe em ti peito fingido;
Mas ſaberás que o fez, porque compriſſe
O regimento, em tudo obedecido,
De ſeu Rei, que lhe manda que não ſaia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

84. E porque he de vaſſallos o exercicio
Que os membros tem, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a ſeu Rei deſobedeça;
Mas as mercês e o grande beneficio
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquillo que elle e os ſeus poderem,
Em quanto os rios pera o mar correrem.»

85. Aſſi dizia; e todos juntamente,

83 1 cuy. *A* ô ‖ 4 sosp. (v. 1 38) ‖ 5 .eras ‖ 7 nam ‖ 8 .hũ
84 1 .alos (vassallo: III. 36, 41; VI 30; X 146) ‖ 3 .eras tẽs ‖ 5 *B* .ces *A* .ções ‖ 7 *B* .érem

84 8 In freta dum fluvii currcnt (Verg. *En.* 1 607) (F S).

83 V. II 75, 7-8. «Ao que Vasco da Gamma respondeo conforme á vontade del Rey, però quanto ao sair em terra a se ver com elle, ao presente não o podia fazer: por el Rey seu senhor lho defender» (Barros 1 4, 6; cont. do texto do com. á est. 75).

84 1-2. Quer dizer, como bem interpreta F S: E porque a vassallos compete a mesma funcção que aos membros do corpo, os quaes não fazem senão obedecer á cabeça, que os governa.

6. «conhecer» = reconhecer, mostrar-se reconhecido.

85 Na terça-feira, 18 de Abril, o rei «tornou a mandar visitar Vasco da gama com mor aparato: porque ouuindo de quão longe era, e o que buscaua, teue a el Rey de Portugal por grande animo em ho mandar, e Vasco da gama em lhe obedecer: e estimouho muyto, e

Huns com outros em pratica fallando,
Louvavão muito o eſtamago da gente
Que tantos ceos e mares vai paſſando;
E o Rei illuſtre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui ſubido
O do Rei que he tão longe obedecido.

86. E com riſonha viſta e ledo aſpeito
Reſponde ao embaixador que tanto eſtima:
«Toda a ſuſpeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós ſe imprima,
Que voſſo preço e obras ſão de geito
Pera vos ter o mundo em muita eſtima,
E quem vos fez moleſto tratamento,
Não pode ter ſubido penſamento.

87. De não ſair em terra toda a gente
Por obſervar a uſada preminencia,

85 2 Hũs ‖ 4 *A* Ceos ‖ 7 .uy ‖ 8 tam
86 2 Emb. *B* tãto ‖ 3 sosp. (v. 1 38) mà .ray ‖ 4 vos ‖ 5 sam ‖ 6 .uy. ‖ 7 *A* moll. ‖ 8 sob. (v. 1 9)
87 2 *B* usuda

veólhe grande desejo de ver homens que auia tanto tempo que andauão no mar, e assi lho mandou dizer, e que se queria ver coele ao outro dia [o *Roteiro* diz expressamente «ha quarta feira»]: e a vista seria no mar.» (Cast. 1 11).

2. pratica]=conversação.

3. estamago]=ânimo, ousadia.

7. valor]=poder; ef. VIII 46.

86 A primeira parte do discurso do rei de Melinde corresponde ao modo eomo Dido entra a responder a Ilionêo na *Eη.: Solvite corde metum, Teucri, secludite curas* (1 562; FS).

5-6. «ser de geito [=*ejusmodi*] para (com infinito)» equivale a: ser tal que uma cousa deva de aconteeer.

8. pensamento] (alto, baixo) na accepção de «sentimentos» é corrente nos eseriptores antigos.

87 «[Na entrevista no batel o rei disse a V. da Gama] que lhe pesaria muito de não querer [V. da G.] ir ver a sua eidade» (Cast. 1 12).

1-2. O 2.º verso tem sido in-

Ainda que me peſe eſtranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia;
Mas ſe lh'o o regimento não conſente,
Nem eu conſentirei que a excellencia
De peitos tão leais em ſi deſfaça,
Só porque a meu deſejo ſatiſfaça.

88. Porem como a luz craſtina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu hirei viſitar a forte armada,
Que ver tanto deſejo ha tantos dias;
E ſe vier do mar deſbaratada,
Do furioſo vento e longas vias,
Aqui terá de limpos penſamentos
Piloto, munições e mantimentos.»

89. Iſto diſſe, e nas agoas ſe eſcondia

‖ 6 .rey *A* .celen. ‖ 8 So
88 2 *A* .màdîas *B* .màdias ‖ 3 irey (v. 1 9) ‖ 7 .ra

88 1 Crastina lux (Verg. *En.* x 244) (FS).

terpretado diversamente. Segundo uns (por exemplo Moraes, no *Dicc.*) «preminencia» neste lugar quer dizer «respeito devido á suprema autoridade» (conseguintemente, ás ordens do rei português), e assim este verso liga-se a «não sair». Segundo outros (v. g. o traductor Donner, que põe: *statt den gewohnten Ehren | hier nachzukommen*) este vocabulo tem aqui a significação de «honras devidas á autoridade» (conseguintemente as honras que deviam prestar-se ao rei a cujos Estados tinha aportado a frota portuguesa), e neste caso o segundo verso pertence para «sair». A segunda interpretação, que attribue a «preminencia» um sentido em que a translação é menos violenta, e de mais justifica melhor o epitheto «usada», parece-me mais provavel. (FS na traducção conserva as palavras do original—*por observar la usada preeminencia*—e não dá explicação).

6. nem eu] = tambem eu não.

7. em si desfaça] = padeça quebra. A ligação das ideias nos versos 4 a 6 não está expressa com muita exacção logica. Em rigor devia ser: comtudo, como tenho em muito a muita obediencia, se o regimento lh'o não consente, tambem eu não consentirei —.

88 4. V. II 58.

O filho de Latona; e o menſageiro
Co a embaixada álegre ſe partia
Pera a frota no ſeu batel ligeiro.
Enchem-ſe os peitos todos de alegria
Por terem o remedio verdadeiro
Pera acharem a terra que buſcavão,
E aſſi ledos a noite feſtejavão.

90. Não faltão ali os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros ſeu officio,
O ceo, a terra e as ondas atroando;
Moſtra-ſe dos Cyclopas o exercicio
Nas bombas que de fogo eſtão queimando;
Outros, com vozes com que o ceo ferião,
Inſtrumentos altiſonos tangião.

89 3 *B* embax.

90 1 Não *A* .ayos arte. (deve ser graphia phonetica do compositor, como: relegiosa: IX 2; retenião: III 113; adqucrir: VIII 8; deligencia: IX 15) ‖ 2 Co. ‖ 3 Bom. ‖ 7 Cco .ião ‖ 8 altisso. (altiso.: V 87)

89 2. O filho de Latona] Apollo; v. I 37, 7.

6. remedio] = recurso, meio de conseguir um fim (v. o *Dicc.* de Moraes); refere-se ao piloto de que se falla na est. precedente.

8. Cam., que tinha de tomar os cantos 3.º, 4.º e 5.º com a «longa narração» que V. da Gama havia de fazer ao rei de Melinde quando este foi visitá-lo a bordo, transportou para esta noite os festejos que posteriormente se fizeram.

«[quando o rei voltando ao batel de V. da Gama insistiu novamente para que o capitão português desembarcasse] ele se escusou de ir a terra, e espedindose del rey andou hum pedaço ao longo dela. E das naos dos Indios tirauão muytas bombardadas.. E com licença del Rey, lhe fizerão aquela noyte grande festa de foguctes e tiros: e dauão grandes gritas.» (Cast. I 12).

90 5-6. Quer dizer, como interpreta FS, que eram tantas as centelhas, que parecia estarem alli as forjas de Vulcano. Segundo uma tradição posterior a Homero e a Hesiodo, os Cyclopes eram os ferreiros de Vulcano; v. Verg. *En.* VIII, 416-453. Sobre a forma «Cyclopa» v. *R Ph.* de fogo] pertence para «bombas»; foi transposto da oração subordinante para a subordinada; v. *R Ph* em «Transposição».

8. (Em «altissono» o *s* dobrado

91. Reſpondem-lhe da terra juntamente
Co raio volteando com zonido;
Anda em giros no ar a roda ardente,
Eſtoura o pó ſulfureo eſcondido;
A grita ſe alevanta ao ceo da gente;
O mar ſe via em fogos accendido,
E não menos a terra; e aſſi feſteja
Hum ao outro, a maneira de peleja.

92. Mas já o ceo inquieto, revolvendo,
As gentes incitava a ſeu trabalho,
E já a mãi de Memnon a luz trazendo
Ao ſomno longo punha certo atalho,
Hião-ſe as ſombras lentas deſfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano ſe embarcava
A ver a frota que no mar eſtava.

93. Vião-ſe em derredor ferver as praias
Da gente que a ver ſó concorre leda;

91 1 *B* .den (v. *R Ph* em «-an, -en») ‖ 2 .ayo ‖ 4 po ‖ 5 Ceo ‖ 6 Mar acen. (v. 1 5) ‖ 7 não
92 1 Ceo ‖ 3 mãy Menon ‖ 4 sono (v. 11 60) ‖ 5 Hião ‖ 7 Mil. (Mel.: 11 74, 111; VI 2, 92)
93 1 Vião .ayas ‖ 2 so

é para indicar o som forte do *s*; como a dicção é poetica, tal graphia não póde ser do compositor e deve provir do Poeta).

91 4. o pó sulfureo escondido] a polvora encerrada nos tubos dos fogos de artificio.

8. a maneira de] como ainda hoje se diz «a modo de», sem artigo definido; v. *R Ph* em «a».

92 1. inquieto]=que nunca tem repouso, que se move incessantemente; não é significação corrente. revolvendo] está em sentido intransitivo.

3. Memnon, rei da Ethiopia, era filho de Tithão e da Aurora (Ov. *Met.* XIII, 575-622).

4. certo] por ser de todos os dias; está anteposto ao substantivo como em 1 54, 2.

93 2. só] pertence para «ver».

Luzem da fina purpura as cabaias,
Luſtrão os panos da tecida ſeda;
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

94. Hum batel grande e largo, que toldado
Vinha de ſedas de diverſas cores
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de ſeu Reino e de ſenhores.
Vem de ricos veſtidos adornado,
Segundo ſeus coſtumes e primores:
Na cabeça hũa fota guarnecida
De ouro, e de ſeda e de algodão tecida;

95. Cabaia de damaſco rico e dino,
Da Tyria côr entre elles eſtimada;

‖ 7 Pal.
94 3 *B* Tras
95 1 .aya Dam. ‖ 2 Ti. cor

95 2 Tyrios.. colores (Hor. *Ep.* 1 6, 18; Ov. *Met.* IX 340).

3. «hũa cabaya.., que he hũa roupa apertada no corpo: e comprida ate o artelho» (Cast. 1 6).

4. Lustrão] está intransitivamente.

7-8. *Eodem anno* [293 a. Chr.] *coronati primum ob res bello bene gestas ludos Romanos spectarunt palmaeque tum primum translato e Graecia more victoribus datae* (T. Liv. x 47).

94 «A derradeyra oytava da Pascoa [18 de Abril] ..foy el rey de Melinde em hũa almadia grande de junto da nossa frota, e leuaua vestida hũa cabaya de damasco carmesim, forrada de cetim verde: e na cabeça hũa touca muyto rica» (Cast. 1 12). V. tambem o texto transcripto no com. a II 96.

7-8. fota] (ou «touca») é o que modernamente se chama «turbante». Para «guarnecida» pertence só «de ouro», como bem nota FS; algumas edições ligam «de seda» a «de ouro», quando «de algodão» é que ha-de ligar-se a «de seda».

95 1. dino]=de grande valor.

2. Tyria côr]=côr de purpura. A purpura de Tyro era muito celebre na antiguidade.

Hum collar ao peſcoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he ſuperada,
Cum reſplandor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

96. Com hum redondo emparo alto de ſeda,
Nũa alta e dourada áſtea enxerido,
Hum miniſtro á ſolar quentura veda
Que não offenda e queime o Rei ſubido.
Muſica traz na proa, eſtranha e leda,
De aſpero ſom, horriſono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

97. Não menos guarnecido o Luſitano

‖ 3 colar (collo: I 36, 82; III 108) ‖ 5 Ad. ‖ 7 *A* pês *B* pès

96 2 ast. ‖ 3 aa ‖ 4 *B* sob. ‖ 5 *B* tras ‖ 6 horrissimo (o compositor tomou *on* por *im*, vendo naturalmente na palavra um superlativo cm *-issimo;* o erro foi conservado por A. Coelho; a corr. é já antiga; sobre o *s* dobrado, v. o com. a II 90)

97 1 Não

---

95 4 Materiem superabat opus (Ov. *Met.* II 5) (FS).

96 «.. [o rei] cobriase com hum sombreiro de pé de cetim carmesim, e ya junto coele como pajem hum homem velho que lhe leuaua hum terçado rico com a bainha de prata. Trazia muytos anafis, e duas bozinas de marfim.. e concertauão com os anafis. Vinhão co el rey obra de vinte mouros fidalgos atauiados todos ricamente» (Cast. I 12).

1. emparo] é ainda pronuncia popular.

3-4. ministro] como em I 67.. não offenda] V. o com. a II 19.

97 «E em el rey querendo chegar aos nauios sayo Vasco da gama no seu batel embandeirado e toldado, e elc vestido de festa com doze homens dos mais honrados

Nos ſeus bateis da frota ſe partia
A receber no mar o Melindano
Com luſtroſa e honrada companhia.
Veſtido o Gama vem ao modo Hiſpano,
Mas Franceſa era a roupa que veſtia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmeſi, côr que a gente tanto preza;

98. De botões de ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a viſta cega;
As calças ſoldadeſcas recamadas
Do metal que a Fortuna a tantos nega,
E com pontas do meſmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea eſpada,
Pruma na gorra hum pouco declinada.

|| 3 *B* Mil. || 8 cor
98 1 dour. (v. *R Ph* em «Elisão») || 8 dicl.

da frota, onde deixava seu irmão» (Cast. 1 12; cont. do texto do com. á est. anterior).

5. Hispano] = da Peninsula; v. o com. a 1 31.

6. roupa] está no sentido particular em que d'esta palavra se formou o augmentativo «roupão»; correspondia ao francês *robe* (v. Racinet, *Le costume historique*, vol. VI).

7. cetim] é a graphia do tempo em que o som do *ç* era differente do do *s* em todo o país. Antes do descobrimento do novo caminho da India, era de Veneza que os productos do Oriente se espalhavam pela Europa.

8. carmesi] V. *R Ph.*

98 4. E' periphrase de «de ouro». «Fortuna» está personificada e por isso não tem artigo.

6. O «gibão» (ou «jubão» em francês *gipon* ou *jupon*) era a modo de collete comprido; correspondia ao *pourpoint* francês; ficava por baixo da «roupa».

7. ao Italico modo] quer dizer: segura a talabarte (FS).

8. pruma] V. *R Ph* em «r».

Compare-se a descripção que Miguel de Castanhoso faz do trajo de D. Christovão da Gama, quando na Ethiopia recebeu a visita da rainha Sabla Vangel: «e o capitão mor muito gentil homem, vestido de calças e jubão de cetim roxo e tella de ouro com muitos recamos, e hũa roupa francesa de pano preto fino toda recamada de ouro, e hũa gorra preta com hũa medalha muito rica» (*Tratado..*, cap. v; v. o com. de x 96).

99. Nos de ſua companhia ſe moſtrava
Da tinta que dá o múrice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o fermoſo eſmalte ſe notava
Dos veſtidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bella Nympha filha de Thaumante.

100. Sonoroſas trombetas incitavão
Os animos alegres reſonando;
Dos Mouros os bateis o mar coalhavão
Os toldos pelas agoas arrojando;
As bombardas horriſonas bramavão
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Ameudão-ſe os brados accendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

99 2 dà *A* Mûr. *B* Mùr. excelen. (excell. III 39, 93, 98; IV 8; VII 36, etc.) || 3 cor || 4 diſe. (diff.: I 67; II 54; X 126, 139 || 8 Nim.

100 2 *A* resoando (cf. resonantes VII 20) || 3 Mar || 5 .isso. (v. II 96) bramando (erro devido a influencia do final do verso antecedente e do seguinte; a corr. é já antiga) || 6 .uuẽs || 7 .udam acen. (v. I 5) || 8 .apão

99 2. múrice] é o nome latino dos molluscos (*Murex brandaris* e *M. trunculus*) que segregam a purpura; *murex*, fallando-se da tinta e da côr é frequente nos poetas latinos (em Marcial occorre 7 vezes).

4. differente] pertence para «maneira».

7-8. Iris, como filha de Thaumante (*Thaumas-antis*) é chamada *Thaumantias* pelos poetas (Verg. *En.* IX 5).

100 «Entrado el Rey no zambuco.. toda a maes gente que podia se embarcou per outros barcos cercando el Rey per todalas partes: somente leixarão hũa aberta que tinha vista pera os nossos, em modo de cortesia.. A qual trouoada [dos tiros] como era cousa noua nas orelhas daquella gente: foi pera elles tão grande espanto que ouue entre todos rumor de se acolher a terra» (Barros I 4, 6).

4. arrojando] No português moderno diz-se neste sentido «rojar».

7. os brados] são o estampido dos tiros da artilharia (F.S).

101. Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos ſeus braços o levava;
Elle co a corteſia que a razão —
Por ſer Rei — requeria, lhe fallava.
Cũas moſtras de eſpanto e admiração
O Mouro o geſto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande eſtima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.

102. E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de ſeus Reinos lhe compriſſe,
E que ſe mantimento lhe fallece,
Como ſe proprio foſſe, lh'o pediſſe.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Luſitana ſem que a viſſe,
Que já ouvio dizer que noutra terra
Com gente de ſua lei tiveſſe guerra.

103. E como por toda Africa ſe ſoa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizerão

101 7 muy || 8 tam à
102 1, 3, 5 *A* eçe || 8 ey *B* guerrà
103 1 *A* Aff. (v. *R Ph*)

101 «... e logo se meteo no batel [de V. da Gama], e fezlhe tamanha cortesia como se fora rey como ele, e oulhaua pera ele e pera os outros como pera cousa estranha (Cast. I 12).

2. «levar alguem nos braços» = abraçar; tambem em VII 44.

102 1. grandes palavras] «grande» no sentido do latim *magnificus*.

2. «comprir» por «ser necessario» é corrente no português antigo.

7-8. O sentido é explicado na primeira parte da est. seguinte. tivesse] por: tivera.

103 1-2. como] V. I 78. «ser soada, soar-se uma cousa» por «ser celebrada, ter fama» é do português antigo. Em «se soa.. os grandes feitos» por «se soão» (cf.: a justa gloria | Dos proprios feitos, quando são soados [V. 92]; Vossos feitos.. | São no mundo tão soados [Cam., redond. «Conde, cujo illustre peito»]) ha rigorosamente incorrecção de concordancia; mas

Quando nella ganhárão a coroa
Do reino onde as Heſperidas vivêrão.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luſo merecêrão,
E o mais que pela fama o Rei ſabia;
Mas d'eſta ſorte o Gama reſpondia:

104. «O' tu, que ſó tiveſte piedade,
Rei benigno, da gente Luſitana,
Que com tanta miſeria e adverſidade
Dos mares exp'rimenta a furia inſana,
Aquella alta e divina Eternidade
Que o ceo revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

‖ 3 *A* ganhà. ‖ 4 viue. ‖ 6 *B* sem «os» mcrece. **104** 1 O so ‖ 4 exper. (já assim algumas ed.) ‖ 5 et. ‖ 6 Ceo ‖ 7 *A* reçe. ‖ 8 nos

104 1. O sola infandos Trojae miserata labores (Verg. *En.* I 597) (FS).

4. insani feriant sine litora fluctus (id. *Buc.* IX 43) (FS).

5-8. grates persolvere dignas | non opis est nostrae.. | Di tibi.. | praemia digna ferant (id. *En.* I 600-605) (FS).

Cam. pensou que poderia dizer assim, como se em vez de «os grandes feitos que fizerão», estivesse «o terem feito grandes feitos». Irregularidade semelhante ha em «Nom te abastava trinta mil mouros que me, per força de baptismo, tiraste..» (*Vida de Santa Pelagia*, na *Rev. Lusitana*, X pag. 186), onde está «abastava» como se depois viesse «teres-me tirado.. trinta mil mouros». B. Fcio, a ed. de Biel e G. de Amorim trazem «dos grandes feitos», o que não é syntaxe corrente. D. Car. M. de Vasconcellos, tambem para salvar a grammatica, supprimiu a virgula depois de «diz», dando a «como» significação causal; mas é evidente que o rei não disse a V. da Gama os feitos dos Portugueses, senão que de taes feitos corria a fama por toda a Africa.

3-4. As lendas gregas (porêm não as mais antigas) punham a residencia das Hesperidas (v. v 8 e x 3) na região onde agora é o imperio de Marrocos. Allude-se ao que se diz em IV 49, 54-56.

104 2. Sobre a pronuncia de «benigno» v. *R Ph* em «digno».

*

105. Tu ſó de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos, bom, fido e jocundo.
Em quanto apacentar o largo Polo
As eſtrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.»

106. Iſto dizendo os barcos vão remando
Pera a frota, que o Mouro ver deſeja;
Vão as naos hũa e hũa rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas pera o ceo Vulcano fuzilando
A frota co as bombardas o feſteja,
E as trombetas canoras lhe tangião;
Cos anafis os Mouros reſpondião.

105 1 so .olo || 2 Mar || 6 Est. Mun. || 8 Viuirão (deve ser pronuncia do compositor).

---

105 5-8 ..polus dum sidera pascet, | semper honos nomenque tuum laudesque manebunt, | quae me cunque vocant terrae (Verg. *En.* 1 608-610) (FS).

106 5 Ceo

105 1. todos quantos queima Apollo] i. é, todos os Africanos (da costa oriental).

3. Eolo] (*Aeŏlus*) rei dos ventos e das tempestades. Sobre a accentuação, v. *R Ph* em «Taprobana».

5-6. Polo] por: ceo (como *polus* na poesia latina). Era crença da antiguidade, que o céo se sustentava das exhalações subidas da terra e do mar.

106 «E despois de acabarem de falar e confirmar amizade antreles, andou el rey folgando por antre a nossa frota, donde tirauão muytas bombardadas, que ele folgaua muyto de ouuir tirar» (Cast. 1 12).

1. os barcos] deve considerar-se compl. objectivo de «remando», cf. «não tendo quem lhe remasse os nauios» (Barros III 10, 2).

5. Vulcano] por: a artilharia. Sobre a collocação, v. o com. a 1 86, 6.

107. Mas deſpois de ſer tudo já notado
Do generoſo Mouro, que paſmava
Ouvindo o inſtrumento inuſitado
Que tamanho terror em ſi moſtrava,
Mandava eſtar quieto e ancorado
Na agoa o batel ligeiro que os levava,
Por fallar de vagar co forte Gama
Nas couſas de que tem noticia e fama.

108. Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famoſas e excellentes
Co povo havidas que a Mafoma adora,
Agora lhe pergunta pelas gentes

107. 6 Nag. (v. *R Ph* em «Crase») as (a corr. appareceu pela primeira vez na ed. de 1613; mas já antes B. Caldera traduzira: *los lleuaua*).

108 1 *A* difc. || 3 *A* .celen. || 4 *A* àui. *B* aui. (v. 1 74)

---

108 multa super Priamo rogitans, super Hectore multa, | nunc quibus Aurorae venisset filius armis, | nunc quales Diomedis equi, nunc quantus Achilles. (Verg. *En.* 1 750-752) (FS).

---

107 A ficção, segundo a qual, cedendo ás instancias do rei de Melinde, V. da Gama lhe conta a historia de Portugal e lhe narra o que elle passou até chegar a Melinde, tem por base historica este passo de Castanheda: «E disse lhe que lhe dissesse o nome de seu rey.. e preguntoulhe muyto meudamente por ele e por seu poder» (1 12).

2-4. V. o texto de Barros no com. a II 100. instrumento] está em sentido collectivo (como *instrumentum* em: *omni militari instrumento* [Ces., *b. G.* VI 30]) e designa, segundo nota FS, a artilharia. que tamanho terror em si mostrava] «mostrar em si terror» equivale a «dar mostras de ser terrivel». (Este verso, que FS deixou por commentar, não foi bem entendido por, entre outros, o traductor allemão Donner, que refere esta oração a «Mouro»).

6. «os» representa V. da Gama e o rei de Melinde.

108 5. Em «agora lhe pergunta» por «agora perguntandolhe» ha anacoluthia.

De toda a Heſperia ultima, onde mora,
Agora pelos povos ſeus vizinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

109. «Mas antes, valeroſo Capitão,
Nos conta» lhe dizia «diligente
Da terra tua o clima e região
Do mundo, onde morais, diſtintamente,
E aſſi de voſſa antiga gèração,
E o principio do Reino tão potente,
Cos ſucceſſos das guerras, do começo,
Que ſem ſabê-las, ſei que ſão de preço.

110. E aſſi tambem nos conta dos rodeios
Longos em que te traz o mar irado,
Vendo os coſtumes barbaros alheios,
Que a noſſa Africa ruda tem criado;
Conta, que agora vem cos aureos freios
Os cavallos que o carro marchetado

‖ 6 Hisph. (a corr. é já antiga) ‖ 7 vez. (viz.: VI 43; VII 30, 67; X 94)
109 2 dez. (v. I 30) ‖ 4 *A* Mun. ‖ 5 ger. (v. I 64) ‖ 6 tam ‖ 8 .bellas (v. I 80) .ey sam
110 2 *B* tras Mar yr. ‖ 4 Affr.

---

109 Imo age, et a prima dic, hospes, origine nobis | insidias, inquit, Danaum, casusque tuorum, | erroresque tuos (Verg. *En.* I 753-755) (FS).

6. Hesperia (=a terra occidental) nos poetas romanos designa já a Italia, já a Hispania; mas «Hesperia ultima» (Hor. *Od.* I 36, FS) é a Hispania.

8. humidos caminhos] aqui designa as navegações; cf. o com. a II 67, 2.

109 3. clima] é o que se chama «clima astronomico».

4. distintamente] = com clareza e precisão (em latim: *distincte dicere, scribere, designare*).

7. do começo] = desde o principio.

8. O primeiro «que» é particula causal.

110 2. mar irado] é tambem o final de I 18, 7.

Do novo Sol da fria Aurora trazem,
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

111. E não menos co tempo ſe parece
O deſejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha que por fama não conhece
As obras Portugueſas ſingulares?
Não tanto deſviado reſplandece
De nós o claro Sol, pera julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não eſtimem muito hum grande feito.

112. Cometêrão ſoberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro;
Tentou Peritho e Theſeu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo e eſcuro.

‖ 8 Ven. Mar

111 1 não .eçe ‖ 3 *A* .eçe ‖ 5 *A* .cçe ‖ 6 nos ‖ 7 Mil. tam

112 1 .mete. ‖ 2 vão (a corr. «vãa» [v. IV 95] é já antiga) olim. ‖ 3 Peritho ‖ 4 *B* rei.

---

111 3-6 Quis genus Aeneadum, quis Trojae nesciat urbem | virtutesque virosque aut tanti incendia belli? | Non obtusa adeo gestamus pectora Poeni, | nec tam aversus equos Tyria sol jungit ab urbe (Verg. *En.* I 565-568) (FS).

7. O novo Sol]=o sol nascente; cf. *vere novo* (Verg. *Georg.* I 43). da fria Aurora] (cf. II 92, 6; «*con la gelata Aurora*» B. Tasso, *L'Amadigi* III 17) pertence para «trazem».

111 3. conhece] em vez de «conheça» por causa da rima.

6. pera julgares] equivale a uma oração consecutiva: que hajas de julgar. E' construcção analoga á de II 86: são de geito pera—.

112 1-2. A tentativa dos Gigantes, filhos da Terra (*terrigenum... Gigantum*, Val. Fl. II 18), de escalarem o ceo pondo serras sobre serras é memorada por Vergilio (*Georg.* I 280-283), por Ovidio (*Met.* I 151-155; *Fast.* V 35-42), por Claudiano (*Gigantomachia*), etc.

3-4. Pirithoo (em latim tambem occorre *Perithous*) tentou, acompanhado do seu fiel amigo Theseu, arrebatar dos infernos Proserpina, mulher de Plutão (Verg. *En.* VI 397, cit. por Man. Correia; Hor. *Od.* III 4). Sobre a fórma «Peritho» v. *R Ph* em «Alcino» e sobre a

Se houve feitos no mundo tão poſſantes,
Não menos he trabalho illuſtre e duro,
Quanto foi cometer inferno e ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.

113. Queimou o ſagrado templo de Diana,
Do ſutil Cteſiphonio fabricado,
Heroſtrato, por ſer da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado;
Se tambem com taes obras nos engana
O deſejo de hum nome aventajado,
Mais razão he que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.»

‖ 5 ou, tam. ‖ 6 Não ‖ 7 Inf. Ceo

113 2 *B* sot. Tesifonio ‖ 3 Hor. (a corr. é já antiga) ‖ 7 ha (a corr. é já antiga, mas nem todos a acceitam) ‖ 8 tam

accentuação «Théseu» v. *R Ph* em «Taprobana». Ligando um apposto do plural («de ignorantes») a dois sujeitos do singular que têm o verbo no singular, syntaxe tão estranha presentemente, Cam. teve exemplos nos escriptores latinos, v. g.: *dixit hoc apud vos Zosippus et Ismenias, homines nobilissimi* (Cic. *Verr.* IV 42).

7. Quanto] está por: do que.

8. Nereo] está por «o oceano», como *Nereus* em: *vexit et Aeolios placidum per Nerea ventos* (Tibul. IV 1, 58).

113 1-4. O templo de Diana em Epheso, uma das «sete maravilhas do mundo» (v. v 40), foi obra do architecto Chersiphron. Rav. Textor diz: *Ctesiphon templum Dianae Ephesiae... Plinius: Operi, inquit, praefuit Ctesiphon architectus* (*Off.* debaixo da rubrica *Architecti nobiles*). Effectivamente neste passo de Plinio (XXXVI § 95) e em outro do mesmo polygrapho as edições antigas tem *Ctesiphon*. Em todo o caso a fórma «Ctesiphonio» por «Ctesiphon» é menos correcta e devida unicamente a licença poetica, da mesma maneira que «Colophonia» (V 87) por «Colophon» (ou «Colophona») «Memnonio» (IX 51) por «Memnon», «Emodio» (VII 17) por «Emodo», «Cinyphio (VII 7) por «Cinyphe».

sutil] = engenhoso. *Herostratus, ut nomen memoria sceleris extenderet, incendium nobili fabricae manu sua struxit, sicut ipse fassus est, voto adipiscendae famae latioris* (Solino XL, cit. por Man. Corr.).

gente humana] é tambem o final de II 104, 6.

5. tambem] = até.

7. «ser razão que uma cousa se faça» (e não: haver razão) é locução classica; v. *R Ph* em «razão».

8. E' verso tambem da epist. «Como nos vossos hombros» (F S).

CANTO TERCEIRO

1. Agora tu, Calliope, me enſina
O que contou ao Rei o illuſtre Gama,
Inſpira immortal canto e voz divina
Neſte peito mortal que tanto te ama;
Aſſi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariſte, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

2. Põe tu, Nympha, em effeito meu deſejo,

1 1 Cali. ‖ 6 o *A* Da. ‖ 7 Cli. *A* .thõe *B* .thòc ‖ 8 *A* Amor *B* Amar div. (deui.: 1 56).
2 1 Poem (v. 1 86) Nimf.

---

1 5 inventum medicina meum est [diz Apollo] (Ov. *Met.* 1 521) (FS).

1 Cam. invoca neste passo Calliope (musa da poesia epica em particular) á semelhança de Verg. que no principio do livro VII invoca E'rato: *Nunc age, qui reges, Erato, quae tempora rerum, | quis Latio antiquo fuerit status.. | expediam..; | Tu vatem, tu, diva, mone* (37-41), e no livro IX Calliope (525-528) (FS).

5-6. Orpheu, que os Gregos tinham pelo maior dos aedos, era filho de Calliope, e, segundo a tradição vulgar, de Eagro (*Oeagrus*); mas Pindaro (*Pyth.* III 176-177) dá-lhe Apollo por pae. De Daphne, filha do deos fluvial Peneo, diz Ov.: *Primus amor Phoebi Daphne Peneïa* (*Met.* 1 452). As nymphas Clycie (*Clytie*) e Leucóthoe foram tambem amadas de Apollo (Ov. *Met.* IV 194-270; FS). Sobre a accentuação de «Leucothoe» v. *R Ph* em «Taprobana».

8. soc] de «soer» (*solere*).

Como merece a gente Luſitana,
Que veja e ſaiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agoa ſoberana;
Senão direi que tens algum receio,
Que ſe eſcureça o teu querido Orpheio.

3. Promptos eſtavão todas eſcuitando
O que o ſublime Gama contaria,
Quando deſpois de hum pouco eſtar cuidando,
Alevantando o roſto aſſi dizia:
«Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar eſtranha hiſtoria,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

4. Que outrem poſſa louvar eſforço alheio,
Couſa he que ſe coſtuma e ſe deſeja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão ſuſpeito mal me eſteja;

‖ 2 *A* .eçe ‖ 4 .ipe ‖ 6 .olo ‖ 7 .ey tẽs

3 3 .dãdo ‖ 5. o ‖ 6 geanalosia (a corr. do erro typ. é já antiga; mas a pronuncia *-losia*, registada em Moraes, não é de todo certo que não fosse a de Cam.) ‖ 7 Não me manda (a corr. é já antiga) *B* cantar

4 4 sosp. (v. 1 38)

2 3. Que] é conjuncção consecutiva ou final.

4. Aganippe] V. o com. a 1 4.

5. O Pindo, serra entre a Theſsalia e o Epiro, era consagrado ás Musas. Sobre a suppressão do artigo cf. 1 32, 4.

8. Orpheio] por «Orpheo» por causa da rima.

3 O principio do discurso lembra o de Eneas na *Eneida: Infandum, regina, jubes renovare dolorem* (II 3; FS).

1. promptos] = dispostos a prestar attenção, attentos.

4 3-4. Em «louvor tão suspeito» depois de «louvar os meus proprios» ha anacoluthia muito natural na conversação.

E pera dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto ſeja;
Mas pois o mandas, — tudo ſe te deve —
Hirei contra o que devo e ſerei breve.

5. Alem d'iſſo, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que diſſer;
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha-de ficar inda por dizer.
Mas porque niſto a ordem leve e ſiga,
Segundo o que deſejas de ſaber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Deſpois direi da ſanguinoſa guerra.

6. Entre a Zona que o Cranco ſenhoreia,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria ſe arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a ſoberba Europa, a quem rodeia
Pela parte do Arcturo e do Occidente
Com ſuas ſalſas onde o Oceano,
E pela Auſtral o mar Mediterrano.

7. Da parte donde o dia vem naſcendo,

‖ 7 (sem parenth.) ‖ 8 Irey (v. 1 9) .erey
5 7 .ey ‖ 8 .ey
6 1 .rea (v. *R Ph* em «-eia» ‖ 3 .cea ‖ 4 .eyo ‖ 5 .dea ‖ 7 Occe. (v. *R Ph*) ‖ 8 Mar

---

6 1-2 dum.. solis fervor.. cancri atque leonis tetigerit metas (Fulg. *Mith.* 16).

6 1-4. Quer dizer: Entre a zona torrida, terminada da parte do norte pelo tropico de Cancer (como hoje se diz, com a fórma latina), e a zona glacial do norte.

6. Arcturo] V. o com. a 1 21.

8. Sobre «Mediterrano» v. *R Ph* em «Alcino».

Com Aſia ſe avizinha; mas o rio
Que dos montes Ripheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide e o mar que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado ſenhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

8. Lá onde mais debaxo eſtá do Polo,

7 2 *B* Az. Ri. ‖ 3 Rif. .ay ‖ 5 Mar ‖ 6 yr. ‖ 7 .fante (.phante: x 72, 73) ‖ 8 *B* vè
8 1 La .tà

7 2-8. se avizinha]=confina. o rio..] é o Tanais (III 11) ou Don. A expressão greco-romana «montes Ripheos» (ou: Ripeos) não era designação orographica precisa. Os geographos mais modernos punham a nascente do Tanais nestes montes: *Lacus ipse Maeotis. Tanain amnem ex Ripaeis montibus defluentem accipiens, nouissimum inter Europam Asiamque finem..* (Plin. *N. H.* IV § 78). «Lagoa Meotis» é o nome greco-romano do mar de Azof. vai correndo | Na alagoa Meotis]=vai correndo para a alagoa Meotis, onde se mette (v. *R Ph* em «em»). O epitheto «curvo» dado ao Tanais talvez fosse suggerido pelo passo de Lucano ..[*Tanais*] *Nunc huc, nunc illuc, qua flectitur, ampliat orbem* (III 276). O verbo «divide» está intercalado entre os dois sujeitos «o rio» e «o mar» (v. *R Ph* em «Interposição»). Este mar é a parte do Mediterraneo, chamada mar Egeo, o qual, segundo a geographia antiga, formando o estreito dos Dardanellos, o mar de Marmara, o mar Negro e o mar de Azof, separa a Europa da Asia: *Nostrum mare* [o Mediterraneo], *ubi primum se artat Hellespontus vocatur, Propontis ubi expandit, ubi iterum pressit Thracius Bosphorus, ubi iterum effudit Pontus Euxinus, qua paludi commititur Cimmerius Bosphorus, palus ipsa Maeotis* (Pomp. Mela I § 7; cf. § 15). O Egeo tem os epithetos de «fero e horrendo» por ser de navegação perigosa em razão dos escolhos e tempestades (*Otium divos rogat in patenti | prensus Aegaeo* [Hor. *Od.* II 16]; *me biremis praesidio scapluae | tutum per Aegaeos tumultus | aura feret geminusque Pollux* [id. ibd. III 29]). o mar, que fero e horrendo]=o mar fero e horrendo, que (v. *R Ph* em «Transposição»). dos Gregos] que foram vingar o rapto de Helena (v. o com. a III .140); para «Gregos» pertence propriamente o conceito de «irado»; cf. com. a I 67, 6.
Os dois ultimos versos encerram uma reminiscencia do *campos ubi Troja fuit* da *Eneida* (III 11; FS).
Troia triumphante] lembra o *superbum Ilium* da *Eneida* (III 2-3).

8 Indicados os limites da Europa nas est. 6.ª e 7.ª, V. da Gama entra a dar noticia dos principaes povos d'ella, começando pelo norte.
1. «onde [a Europa] mais de-

Os montes Hyperboreos aparecem,
E aquelles onde ſempre ſopra Eolo
E co nome dos ſopros ſe ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo reſplandecem,
Que a neve eſtá contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas ſempre as fontes.

9. Aqui dos Schytas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiverão ſobre a humana antiguidade
Cos que tinhão então a Egypcia terra;
Mas quem tão fóra eſtava da verdade

‖ 2 *B* Dos ‖ 4 do (a corr. e já antiga; o erro é devido a fundirem-se naquelle tempo, na pronuncia de todo o país, o *s* final de «dos» e o inicial de «sopros») ‖ 5 tam .olo ‖ 6 ray. ‖ 7 .tà ‖ 8 *B* Gele.

9 1 Cytas ‖ 4 *A* ant. (v. II 60) Egip. ‖ 5 fo.

baxo está do Polo [celeste]» equivale a: no extremo norte.

2. A expressão «montes Hyperboreos» designava primitivamente uma supposta cordilheira da parte septentrional da terra; depois foi applicada pelos geographos a diversas cordilheiras. Ptolemeo colloca-os ao norte da Sarmacia asiatica (v. o mappa mundi de Ptolemeo, por exemplo, no *Atlas antiquus* de J. Perthes).

3-4. Falla-se dos montes Ripheos. Este nome grego deriva de ῥιπή (na *Iliada* [XV 171]: ῥιπὴ Βορέαο, o sopro impetuoso do Boreas) e quer dizer «os montes d'onde vem o sopro impetuoso dos ventos». Em Servio lê-se: *Riphaei autem montes sunt Scythiae.. a perpetuo ventorum flatu nominati. Nam* ῥῖψις *graece impetus...* (com. das *Georg.* III 382, ed. de Vergilio de Leão de França, de 1529). No 4.° verso havia propriamente de estar «E que co nome..». Irregularidade semelhante occorre tambem em latim (v. Madvig, *Gr. lat.* § 323).

5-8. Cam. tinha sem duvida na lembrança a pintura do clima da Scythia em Verg. (*Georg.* III 349-383).

9 2-4. «*Trogus Pompeius* [Justino II 1] *Scythas cum Aegyptiis de generis vetustate contendisse dixit*» (En. Silv. *Hist. rerum..*, pag. 306). D'esta contenda («guerra») tambem falla Am. Marcellino (XXII 15).

5-6. Os Scythas e os Egypcios estavam fóra da verdade, como desconhecedores da Biblia, que diz que todos os homens descendem de Adão e por isso vem

—Já que o juizo humano tanto erra,—
Pera que do mais certo ſe informára,
Ao campo Damaſceno o perguntára.

10. Agora neſtas partes ſe nomeia
A Lappia fria, a inculta Noruega,
Eſcandinavia ilha, que ſe arreia
Das victorias que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as agoas não refreia
O congelado inverno, ſe navega

‖ 6 juy. ‖ 7 .ára ‖ 8 *A* .ára *B* .ára
10 1 .ea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 2 Lapi. *B* .oega
‖ 3 Ilh. .ea ‖ 5 .ea ‖ 6 In.

---

9 6 Ecco il giudicio uman come spesso erra! (*Orl. fur.* 1 7) (FS).

por fim a ter todos a mesma antiguidade.

7-8. A noticia de Adão ter sido criado no campo onde posteriormente se fundou a cidade de Damasco («opinião comũamente recebida entre Padres e Rabynos» [*Monarch. Lus.* 1 1]), podia Cam. achá-la no *De cl. mulieribus* de Boccaccio (cap. 1.º), na *Marg. philos.* (pag. 608), na *Christiada* de J. Vida († 1566) (348-350), etc. informara] por «informasse»; v. *R Ph* em «Tempos». perguntara] =perguntasse, é jussivo do passado e corresponde ao imperfeito e m. q. perfeito do conjunctivo latino (v. Madvig, *Gr. lat.* § 351, *b, obs.* 4.ª).

10 2. *Lappia* e *Lapponia* são os nomes dados no latim moderno á Laponia.

3-4. Segundo Ptolemeo (III) ha no Oceano Sarmatico (mar Baltico) quatro «ilhas Scandias», a maior das quaes se chama por excellencia «Scandia» (a Suecia e Noruega) (em Plinio [IV § 96], no codice Riccardiano, *Scandinauia*); v. Forbiger, *Handb. d. alt. Geogr.* 1 pag. 232. Depois o vocabulo «Scandia» ou «Scandinavia» designou em particular a Succia meridional, considerada ilha: *Suetia cincta undique mari plurimas insulas habet, in quis Scandinauia est.*. (En. Silv. *Hist.*, pag. 425-426), e é neste sentido que o Poeta falla da «Escandinavia ilha». Foram os Godos os que repelliram do sul da Suecia os habitantes primitivos. Os Godos orientaes ou Ostrogodos, debaixo do mando de Theodorico († 526) fundaram o imperio ostrogotico, imperio que abrangia a Italia com a Sicilia, a Dalmacia, parte da Recia, e posteriormente tambem a Provença.

5-8. O «braço do Sarmatico Oceano» é evidentemente o mar Baltico (juntamente com o Sunda

Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Bruſio, Suecio e frio Dano.

11. Entre eſte mar e o Tanais vive eſtranha
Gente: Ruthenos, Moſcos e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercynia os Marcomanos ſão Polonios.
Sugeitos ao Imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações que o Rheno frio
Lava e o Danubio, Amaſis e Albis rio.

‖ 7 *A* Occeóa. *B* Occca.
11 1 Mar ‖ 4 Hirci. sam ‖ 6 Sam Boe. Pano
‖ 7 Re. ‖ 8 Rio

e os Beltas). Brusio] é aportuguesamento da palavra *Borussi* com que o latim moderno designa os Prussianos. (Ant. Galvão chama á Prussia «Brusia»). «Suecio» cahiu em desuso. *Dani* é o nome latino dos Dinamarqueses. Sobre a syntaxe «se navega.. pelo Brusio» v. o com. a I 52.

11 1. este mar] o «Sarmatico Oceano» da est. antecedente. Tanais] V. o com. a III 7.

2. Ruthenos] são um povo eslavo da Galicia e da Ungria septentrional: *Rutheni.. Lituanis contermini sunt* (En. Silv. *Hist.*, pag. 419). Moscos] = Moscovitas, como hoje se diz. A Livonia é um dos districtos da Russia banhados pelo Baltico.

3. A Sarmacia ficava entre a Germania e a Scythia; mas os Sármatas occupavam uma bem pequena parte da região que d'elles tomou o nome.

4. Com a expressão *Hercynia silva* designa Cesar o conjuncto das montanhas da moderna Allemanha central e meridional e ainda da Austria até os Carpatos. «Os Marcomanos são Polonios» quer dizer, que aos Marcomanos antigos correspondem os modernos Polonios, no que ha inexactidão. Os Marcomanos (ou, como posteriormente se disse, Marcomannos) demoravam primeiro junto do Rheno, depois estabeleceram-se na moderna Bohemia e Moravia e não occuparam nunca o territorio do antigo reino de Polonia.

6. Em vez de «Saxones» diz-se modernamente «Saxonios». A Pannonia dos Romanos ficava ao sul do Danubio, entre a Dacia, o Norico e a Illyria, e abrangia parte da Austria e da Ungria, da Esclavonia e da Bosnia.

8. «Amasis» (em Estrabão Ἀμασίας) ou antes «Amisia» é o nome latino do rio Ems, e «Albis» o do Elba. Os escriptores antigos empregavam muito frequentemente nas designações geographicas, não

12. Entre o remoto Iſtro e o claro eſtreito
Aonde Helle deixou co nome a vida,
Eſtão os Thraces de robuſto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co Hemo o Rhodope ſugeito
Ao Ottomano eſtá, que ſometida
Byzancio tem a ſeu ſerviço indino
—Boa injuria do grande Coſtantino!—

13. Logo de Macedonia eſtão as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria;

12 2 Hele ‖ 3 Tra. ‖ 4 tam ‖ 5 Ro. og. ‖ 6 Oto. (Otto.: VII 4) .tà ‖ 7 Bi. ‖ 8 (sem parenth.)

pertencentes á Peninsula ou á Italia, os nomes latinos (antigos e modernos), mormente quando não eram das mais conhecidas; Ant. Galvão, por ex., designa Worms por *Vormatia*, Champagne por *Campania*, Baviera por *Bavaria*; Soares Toscano (*Paral.* cap. 21) York por *Eboraco*.

12 1-2. *Ister* (e melhor *Hister*) era o nome latino do Danubio (principalmente do baixo Danubio; o alto Danubio, até Orsova, era em particular chamado *Danuvius*). Helle, filha de Athamante, indo pelos ares com seu irmão Phrixo, montada em um carneiro de vello de ouro, cahiu ao mar e afogou-se no estreito que se ficou chamando «o mar de Helle» ou Hellesponto; v. Ov. *Fast.* III 849-876.

3-4. A Thracia correspondia nos tempos mais antigos á Rumelia e á Bulgaria dos tempos modernos. Era a residencia habitual de Marte, sua divindade proteètora: *Terra procul vastis colitur Mavortia campis* | — *Thraces arant*—(Verg. *En.* III 13-14). de robusto peito equivale a «selvaticos»; cf. V 95, 4 e Hor. *Od.* I 27, 1-3; *robustus* no sentido etymologico é: rijo como o roble.

5. Hemo (*Haemus*) é o nome greco-latino dos Balkans. O Rhódope fica na parte occidental da Thracia (da Rumelia).

6-8. Byzancio (*Byzantium*) é a cidade que de Constantino Magno foi chamada *Constantinopolis*. Cam. diz que ser Constantinopla a capital do imperio Ottomano é grave injuria feita á memoria de Constantino Magno, porque este imperador que transportou a séde do imperio para esta cidade, foi quem fez do Christianismo religião do Estado.

13 1. Logo] aqui, e no principio da est. seguinte, está em sentido local, = em seguida; corresponde ao *tum* de Pomp. Mela em: *Tum Macedonum populi aliquot urbes habitant* (II § 34).

2. Axio] (*Axius*) é o nome greco-latino do rio Vardar, que desagoa no golfo de Salonica.

E vós tambem, ó terras excellentes
Nos coſtumes, engenhos e ouſadia,
Que criaſtes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantaſia,
Com quem, tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas que por letras.

14. Logo os Dalmatas vivem; e no ſeio
Onde Antenor já muros levantou,
A ſoberba Veneza eſtá no meio
Das agoas — que tão baxa começou! —
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De eſforço nações varias ſugeitou,
Braço forte, de gente ſublimada
Não menos nos engenhos que na eſpada.

15. Em torno o cerca o Reino Neptunino,

13 3 vos o *A* . celen. ‖ 6 fant. ‖ 7 Ceo ‖ 8 não
14 3 *A* . tâ *B* . tà ‖ 4 tam (sem parenth.) ‖ 6 sog. (v. 1 31 ‖ 8 Não

---

13 3-8 Antiquae Graiorum urbes, gens optima, morum | formatrix, elara ingeniis et fortibus ausis (Sannazz. *De p. Virg.* II) (FS).

15 1-3. ..nella terra | eh' Apennin parte, e il mare e l'Alpe serra (*Orl. fur.* XXXIII 9) (FS); ..mediamque pater

3-8. Cam. não faz menção particular da Thessalia, porque esta região faz parte da Grecia, tomado este nome em sentido lato (v. Pomp. Mela, II § 37-39). o ceo penetras] corresponde á expressão vergiliana: *fama super aethera notus.*

14 1-4. A provincia romana da Dalmacia extendia-se, do lado do mar, das fronteiras da Istria moderna ás da Albania. Sobre Antenor, v. o com. a II 45. Veneza deveu os seus principios a familias que se refugiaram nas ilhas das lagunas quando *Aquileja* foi destruida por Attila em 452 p. Chr.

O epitheto «soberba» está em bom sentido como em «a soberba Europa» (II 80, III 6).

5. O braço que da terra «vem ao mar» é a peninsula dos Appenninos, a Italia.

Cos muros naturais por outra parte;
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illuſtre fez o patrio Marte;
Mas deſpois que o porteiro tem divino,
Perdendo o eſforço veio e bellica arte;
Pobre eſtá já da antiga poteſtade:
Tanto Deos ſe contenta de humildade!

16. Gallia alli ſe verá, que nomeada
Cos Ceſareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana e Rhodano he regada
E do Garunna frio e Rheno fundo.
Logo os montes da Nympha ſepultada

15 1 *B* Nepton. || 3 mey. Apini. || 4 tam || 7 .tà de (a corr.ª é já antiga)

16 1 Gali. .rà || 2 *B* .arios Triumf. (v. III 7) .oy || 3 .àna *A* Rô. *B* Rò. || 4 .una Re. || 5 Nim.

---

secat Apenninus, | et geminum rapido fluctu circumtonat aequor (Sannazz. *De p. Virg.* II).

8. tanto sovr'ogni stato | Umiltade esaltar sempre gli piacque (Petr., son. «Quel ch'..») (F S).

16 1-2 Gallia Caesareis Latio dignata triumphis.. (Sannazz. *De p. Virg.* II) (F S).

15 2. =tendo por outra parte (pelo norte) muros naturaes (os Alpes); cf.: *vicina illa caelo Alpium juga, quibus Italiam natura vallavit* (Mamertino, *Genethl.* 2).

3. Diz-se geralmente «os Appenninos», mas em latim emprega-se o singular *Appenninus*.

4. Que] é complemento objectivo. patrio] por ser o fundador de Roma, Romulo, filho de Marte.

5. o porteiro.. divino] o summo Pontifice, como successor de S. Pedro, a quem foram dadas «as chaves do reino dos Ceos».

7. Dir-se-ha «pobre de potestade»; mas ha-de dizer-se «pobre da antiga potestade».

8. «contentar-se de» por «gostar de» está antiquado; cf. VIII 3.

16 2. Cos Cesareos triumphos] =com as victorias de Julio Cesar (entre 58 e 50 a. Chr.); cf. V 96.

3-4. *Sequăna* é o nome latino do Sena, e *Garunna* o do Garonna.

5-6. Segundo uma fabula que

Pyrene ſe alevantão, que, ſegundo
Antiguidades contão, quando ardêrão,
Rios de ouro e de prata então corrêrão.

17. Eis aqui ſe deſcobre a nobre Heſpanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo ſenhorio e gloria eſtranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá com força ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lh'a não tire o eſforço e ouſadia
Dos bellicoſos peitos que em ſi cria.

‖ 7 *A* arde. *B* ardè. ‖ 8 ant. (v. II 60) èrão
17 1 Esp. (Hesp.: I 31; VII 68) ‖ 5 .erà ‖ 6 por
‖ 8 beli (v. I 5)

vem em Silio Italico (III 420-441), os Pyreneos devem o nome a Pyrene, filha de Bebryx, que foi alli sepultada.

6-8. A lenda a que o Poeta allude, acha-se em Diodoro Siculo (v 35 § 2), ao qual se refere P. Mario no commentario ao lugar de Sil. Italico acima citado. Nic. C. do Amaral, na *Cronologia* (publicada em 1554), tambem diz, com o autor grego: ..*Quum enim pastores forte fortuna ignem in vastam montis syluam inijcerent, ita continuis diebus exarsit incendium ut puri argenti riuuli vi magni caloris effluxerint* (pag. 94). Diodoro não falla de rios dc ouro; mas, segundo observa o Dr. José Maria Rodrigues, já João de Gerona nos seus *Paralipomenon Hispaniae libri x*, publicados em 1545, registando esta lenda, falla tambem de oiro. «que.. quando ardêrão», construcção já antiquada, c como a que se vê em: *Noli.. adversum eos me velle ducere, cum quibus ne contra te arma ferrem, Italiam reliqui* (Corn. Nep. *Att.* 4; v. Madvig, *Gr. lat.* § 445).

17 1. Hespanha] V. I 31.

2. Cf.: *los quales montes* [os Pyreneos] *son asi como cuello entre la cabeça que es España; y el cuerpo que son las otras partes del mundo* (Ped. de Medina, *Libro de grandezas.. de España*, de 1548); «seguiremos o costume dos gcographos, que usão da comparação de alguns membros do corpo humano pera se declararem na significação de outros do grande corpo da terra» (L. de Sousa, *Hist. de S. Dom.* I 2, 4).

4. a fatal roda]=a roda do destino; v. o com. a I 6, 6.

6. noda] que representa *nota* (como «nodoa» *notula*) era vocabulo corrente no tempo de Cam.; vem, por ex., em H. Pinto, II 98, 336 v. da 1.ª edição.

8. «[*Hispani*] *bellum quam otium malunt; si extraneus deest, domi hostem quaerunt* (Just. XLIV 2).

18. Com Tingitania enteſta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o ſabido eſtreito ſe ennobrece
Co extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes ſe engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer d'ellas cuida que he milhor.

19. Tem o Tarragonês, que ſe fez claro
Sujeitando Parthénope inquieta,
O Navarro, as Aſturias, que reparo

18 6 Occe. (v. 1 19)
19 1 .nes || 2 *B* Soj. *A* Partê. *B* Partè. || 3 *B* Austrias

18 1. Tingitania] é nome derivado do adjectivo *Tingitanus* para designar a *Mauretania Tingitana* (Marrocos) dos Romanos.

2. o mar Mediterrano] é tambem a segunda metade de III 6, 8.

3-4. Cf.: Subo-me ao monte que Hereules Thebano | Do altissimo Calpe [o promontorio em que está situada Gibraltar] dividio, | Dando caminho ao mar Mediterrano (Cam., eleg. «Aquelle que de amor..»). «*Proximis autem faucibus* [o estreito de Gibraltar] *utrimque impositi montes coërcent claustra, Abyla Africae, Europae Calpe, laborum Herculis metae, quam ob causam indigenae columnas ejus dei vocant, creduntque perfossas exclusa antea admisisse maria et rerum naturae mutasse faciem* (Plin. *N. H.* III § 4, cit. por A. de Rèsende no *Vincentius* na nota 9.ª de II) sabido] v. 1 77. «O Thebano» é, por antonomasia, Hercules, que nasceu em Thebas da Beocia: *des.. Thebano* (Prop. III 18, 4).

8. qualquer] como em 1 34.
milhor] menos regularmente, por: a milhor.

19 1-2. Cam., dizendo «Tarragonês» no sentido de Aragonês», seguiu a opinião de Ant. de Nebrixa, que entendia ser o vocabulo «Aragonês» corrupção de «Tarraconês»: *Eadem praeterea ratione, qui nomine corrupto nuncupatur Aragoniae Rex, Tarraconensium Regem semper in historia diximus* (*Descrip. totius Hispaniae*, ed. de 1545). Este parecer de Nebrixa tambem Fern. de Herrera lembra nos commentarios a Garcilaso (pag. 626 da ed. de 1580). Man. Corrêa e F S dão como explicação que o reino de Aragão — a que desde 1137 pertencia tambem a Catalunha — estava incluido na antiga provincia Tarraconense dos Romanos.

Affonso V de Aragão apoderou-se da cidade de Napoles em Agosto de 1442. O nome antigo d'esta cidade era, segundo os poetas, Parthénope, nome tomado da sereia Parthenope; v. Sil. Ital. XII 33-34.

3-7. Quando os Arabes invadiram a Hespanha, foi nas Asturias que se refugiaram os Godos que

Já forão contra a gente Mahometa;
Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Caſtelhano, a quem fez o ſeu planeta
Reſtituidor de Heſpanha e ſenhor d'ella,
Betis, Lião, Granada com Caſtella.

20. Eis aqui, quaſi cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Luſitano,
Onde a terra ſe acaba e o mar começa
E onde Phebo repouſa no Oceano.
Eſte quis O Ceo juſto que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de ſi fóra, e lá na ardente
Africa eſtar quieto o não conſente.

21. Eſta he a ditoſa patria minha amada,

‖ 6 Pl. ‖ 7 Esp. (v. III 17) ‖ 8 Bethis
20 3 Ter. Mar ‖ 4 Feb. Occe. (v. I 19) ‖ 7 fo. la
‖ 8 *A* Aff. nam

não se submetteram ao jugo muçulmano, e d'alli deram principio á lucta da reconquista, facto registado até no *Catalogus annorum*. Esta lucta só terminou nos fins do seculo XV, quando Granada cahiu no poder de Fernando V de Castella, que ficou d'este modo senhor da Peninsula com excepção de Portugal. planeta] por: destino. Neste sentido diz-se mais frequentemente «estrella». restituidor] = restaurador; é latinismo (*restitutor*).

8. Betis] (*Baetis*) é o nome greco-romano do Guadalquivir; está por «a Betica», isto é, a moderna Andaluzia. Tendo Cam. mencionado já os Castelhanos, se falla agora novamente de Castella, é que sem duvida se refere numa parte á Castella a Velha e na outra á Castella a Nova (F S).

20 1-2. V. o com. a III 17. quasi] está em sentido comparativo (da mesma maneira que «como» em III 17, 2), equivalendo a «por assim dizer» á semelhança do latim *quasi*. cume] por «alto» póde ser reminiscencia de: *circa summum culmen hominis* (T. Liv. I 34).

6. o torpe Mauritano] como «o torpe Ismaelita» (I 8).

7-8. e lá na ardente..] é referencia ás conquistas portuguesas em Marrocos.

21 1. ditosa patria minha] tambem no son. «No mundo poucos annos..».

A' qual ſe o Ceo me dá que eu ſem perigo
Torne com eſta empreſa já acabada,
Acabe-ſe eſta luz ali comigo.
Eſta foi Luſitania, derivada
De Luſo ou Lyſa, que de Baccho antigo

21 2 Aa da ‖ 5 .oy dir. (der.: x 99) ‖ 6 *A* Bacho *B* Baco

2-4. Estes versos não tem sido bem entendidos do geral dos annotadores e traductores. (Duff, por ex., traduz o 4.º verso: *May I there close in peace my dying eyes;* Storck traduz os versos 2-4: *Dort —wenn ich fahrlos durch des Himmels Macht | Heimkomm' und darf mein Werk vollendet schauen, | Versinke dieses Licht für mich in Nacht).* V. da Gama não quer dizer, que se tiver a dita de tornar incolume á patria, dando conta cabal da empresa para que foi escolhido, desejará acabar os seus dias na terra que o viu nascer—o que seria pensamento, pelo menos, insulso—; mas sim, que julgará ter vivido bastante, do mesmo modo que Epaminondas na batalha de Mantinea exclamou: *Satis vixi: invictus enim morior* (Corn. Nep. *Epam.* IX). Conseguintemente o conjunctivo «acabe-se» ha-de entender-se não como optativo, senão em sentido permissivo (equivalendo a «acabe-se embora»), e «ali» ha-de considerar-se adverbio não de lugar, mas temporal (da mesma maneira que em latim *illico* e em francês *sur-le-champ*) equivalendo a «logo», assim como em «Acabe-se aqui a vida | Por não ver prazer maior» (Cam. *Amphitr.* act. II sc. II) «aqui» equivale a «agora já». esta luz] a luz da vida, a vida. comigo] = com respeito a mim. (Semelhantemente diz-se em inglês: *Cruelty became with him* [= nelle] *first a habit;* Macaulay).

Na ligação das orações ha a mesma particularidade que em III 16, 6-8.

5-8. Plinio (*N. H.* III § 8), communicando-nos uma noticia de Varrão, tem um periodo obscuro, em que ha variedade de lições e que é interpretado diversamente. A edição de Paris de 1532, entre outras (v. g. a de Basilea de 1545), traz: *Lusum enim Liberi patris ac Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniae,* e no Indice põe: *Lysa* [devêra ser *Lysas*] *Bacchi comes.. Lusus Bacchi comes.* Cam. neste lugar, dizendo «filhos ou companheiros», junta a interpretação, que mais promptamente occorre, d'aquelle passo de Plinio, a de «filhos», com a que vem naquelle Indice, a de «companheiros», mostrando, com «parece», reconhecer a obscuridade do texto, e diz «Luso ou Lysa», porque a «Luso» é que propriamente corresponde a fórma «Lusitania» ao passo que a «Lysa» havia de corresponder «Lysitania». Em VIII 3, fallando novamente de Luso, diz «filho e companheiro». E' que, segundo me pareçe, no intervallo da composição d'estes dois Cantos lêra o *Vincentius* de A. de Rèsende. Ora este nosso antiquario, transcrevendo (na nota 48 de II) o texto de Plinio exactamente como vem nas duas edições acima citadas, accrescenta: *Quorum verborum hic*

Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

22. D'eſta o Paſtor naſceo que no ſeu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não ſe atreve.
Eſta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo ligeiro e leve
Veio a fazer no mundo tanta parte
Criando-a Reino illuſtre; e foi d'eſta arte.

‖ 7 *A* .eçe ‖ 8 *A* antam *B* entam In.
22 2 *A* ve *B* vè ‖ 3 *A* .irà ‖ 7 Veo (v. *R Ph* em «-eia»)

est sensus. Lusum Liberi patris filium non autem socium, ut quidam contra loquendi usum interpretantur, una cum Lysa, nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse. Conformando-se pois com o parecer de Rèsende, o Poeta chamou então a Luso decididamente filho de Baccho. (Detlefsen lê, exactamente como a ed. de Basilea de 1554: *Lusum enim Liberi patris aut lyssam cum eo bacchantium nomen dedisse Lusitaniae.* Detlefsen, com muitos, vê em *Lusus* um nome proprio, e põe no Indice I: *Lusus, Liberi patris filius;* outros, entre elles Littré, consideram aquella palavra nome appellativo [*le jeu*], assim como o é *lyssa,* transcripção de λύσσα) (Sobre a etymologia de *Lusitani* e a varia amplitude geographica do nome «Lusitania» v. Dr. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania* vol. I, pag. XXI-XXIII e XXVIII-XXX).

22 1-2. D'esta.. nasceo] = D'esta (Lusitania) foi oriundo. O pastor é Viriato (v. VIII 6), nome que o Poeta suppõe derivar de *vir*, mas que é realmente um derivado de *viria* (bracelete); v. o *Archeologo Português*, II 23. Isto de achar relação entre o nome de uma pessoa e o caracter e circumstancias da sua vida ascende á antiguidade classica, v., por exemplo, Euripides, *Phenic.* 636-637; nas litteraturas modernas pode citar-se, entre outros, Dante no Canto XII do *Par.*, onde, fallando do pae de S. Domingos, diz: *O padre suo veramente Felice!*

3. dome] = vença, ou, com outra metaphora, eclipse.

5-8. o velho que os filhos proprios come] é Saturno, identificado pelos Romanos com o Cronos grego, de quem um mytho dizia que devorava os filhos mal nasciam. Cronos veio a ser considerado deos do tempo (em grego «chronos»), e é ao Tempo que o Poeta se quer referir. (De Saturno falla Fulgencio em varios lugares). Os epithetos «ligeiro e leve» pertencem ao ceo tomado em sentido cosmographico (v. X 85); ha, pois, aqui uma fusão

23. Hum Rei, por nome Affonſo, foi na Heſpanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas ſanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando d'eſte Rei a fama eſtranha
Do Herculano Calpe á Caſpia ſerra,
Muitos, pera na guerra eſclarecer-ſe,
Vinhão a elle e á morte offerecer-ſe.

24. E com hum amor intrinſeco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Deſpois que em feitos altos e ſubidos
Se moſtrárão nas armas ſingulares,
Quis o famoſo Affonſo que obras tais
Levaſſem premio digno e dões iguais.

23 1 .oy Esp. (v. III 17) || 4 *B* muy. || 6 aa || 8 aa
24 1 acen. (v. I 5) || 2 Fè || 3 Erão || 6 .arão || 7 *B* taes || 8 igo. (v. I 5) *B* .aes

de noções analoga á que existe no verso anterior. Evidentemente se ha-de entender «Veio a fazer» e não «Veio-a fazer», sendo «Esta» compl. objectivo de «fazer». (E' porêm possivel que o Poeta escrevesse «Veio-a a fazer» com o pleonasmo usual). «Esta [Lusitania] veio a fazer no mundo tanta parte» equivale a «veio a dar-lhe no mundo tão vasto senhorio»: *imperii tantum concessit in orbe,* na traducção de Macedo.

23 1. Affonso] é Affonso VI, rei de Leão e Castella († 1109).
foi] = houve (significação antiquada).
6. Herculano] = de Hercules, allude á lenda de que se falla em III 18. Caspia serra] designa de modo vago os montes vizinhos do mar Caspio.

24 1. A synerese *com hum* ou *hum a*—é como em «Temperado com hum arduo soffrimento» (VI 97) ou «Nao vês hum ajuntamento de estrangeiro» (VIII 18).
2. Da Fé] pertence para «amor».
6. singulares] é nome predicativo.
8. levassem] como em I 70, 3.
dões] é ainda no seculo XVII o plural usual de «dom». iguaes] = proporcionados; é latinismo: *Regula, peccatis quae poenas irroget aequas* (Hor. *Sat.* I 3, 118).

25. D'eſtes Anrique, dizem que ſegundo
Filho de hum Rei de Ungria exp'rimentado,
Portugal houve em ſorte, que no mundo
Então não era illuſtre nem prezado.
E pera mais ſinal de amor profundo,
Quis o Rei Caſtelhano, que caſado
Com Tereſa, ſua filha, o Conde foſſe,
E com ella das terras tomou poſſe.

26. Eſte deſpois que contra os deſcendentes
Da eſcrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a ſeu forte peito deve,
Em premio d'eſtes feitos excellentes
Deu-lhe o ſupremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illuſtraſſe o nome ufano
Do bellicoſo Reino Luſitano.

27. Já tinha vindo Anrique da Conquiſta
Da cidade Hieroſolyma ſagrada

25 3 ou. (v. 1 74) *A* Mun. ‖ 4 Entam não ‖ 5 dam. (v. *R Ph* em «Elisão»)
26 8 beli. (v. 1 5)
27 2 Hyerosoli.

25 1-2. V. VIII 9. D'estes Anrique] é construcção como: *Ad ipsas venio provincias, quarum Macedonia . .vexatur* (Cic. *De prov. cons.* 2). «Anrique» é forma popular de «Henrique» empregada por Cam. por influencia da leitura das Chronicas. Em outros lugares diz «Henrique».

8. E]=e assim.

26 1-2. V. o com. a 1 8, 6.

1-6. Em «Este.. Deu-lhe» ha anacoluthia.

7. Hum filho] D. Affonso Henriques.

27 «Em este tempo andando ha era de Nosso Senhor de mil cento e trez, foy este Conde D. Anrique ha ultramar à Caza Santa de Jerusalem» (Du. Galv. 4).

1-2. São inteiramente desconhecidos os actos do conde D. Henrique na Palestina; não teve parte na tomada de Jerusalem, que foi aos 15 de Julho de 1099; estava de volta em 1105 (A. Herc. *H. de*

E do Jordão a areia tinha viſta
Que vio de Deos a carne em ſi lavada,
—Que não tendo Gotfredo a quem reſiſta
Deſpois de ter Judea ſojugada,
Muitos que neſtas guerras o ajudárão,
Pera ſeus ſenhorios ſe tornárão—,

28. Quando chegado ao fim de ſua idade
O forte e famoſo Ungaro eſtremado,
Forçado da fatal neceſſidade
O ſprito deu a quem lh'o tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava ſeu traſlado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho ſe eſperava.

29. Mas o velho rumor—não ſei ſe errado,

‖ 3 Iordão area (v. *R Ph* em «-cia») ‖ 5 (sem parenth.) ‖ 6 Dep. ‖ 8 *A* tornà.
28 4 spirito (a corr. é já antiga) ‖ 6 .ay ‖ 7 Mun. ‖ 8 .ay
29 1 (sem parenth.) .ey

Port. 1 202). cidade Hierosolyma] como *urbs Roma;* é syntaxe usada antigamente na propria prosa. «Hierosolyma» é o nome greco-romano de Jerusalem.

O verso 4.º refere-se ao baptismo de Christo por S. João (S. Matth. III 13-16). O antecedente de «Que» é evidentemente «o Jordão». (G. de Amorim, não entendendo a grammatica, substituiu «areia» por «agoa».

5-6. Cotfredo] (em allemão: Gottfried) é Godofredo de Bulhão, o principal capitão da primeira Cruzada, e que pela victoria de Ascalona (aos 12 de Agosto de 1099) ficou senhor de toda a Palestina.

28 Com Galvão (v. o com. a III 30) Cam. suppõe D. Aff. Henriques já adolescente no tempo do fallecimento do pae; mas o conde D. Henrique, que morreu no 1.º de Maio de 1114, deixou o filho com 2 ou 3 annos de idade (A. Herc. *H. de Port.* 1 230, 236).

29 «..toda ha terra se alçara com sua mãy ha qual cazou com D. Vermuy Paes de Trava, e depois D. Fernando Conde de Trastamara seu irmão delle lha tomou e cazou com ella (Du. Galv. 5) ..E hacodio ha Rainha sua mãy dizendo: *Minha he ha terra, e serra* [leia-se: será] *que meu pay ma deu e ma leixou*» (id. 6).

1-4. O casamento da viuva do

Que em tanta antiguidade não ha certeza—
Conta que a mãi, tomando todo o eſtado,
Do ſegundo hymeneo não ſe deſpreza.
O filho orfão deixava deſherdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do ſenhorio toda ſó ſua era,
Porque pera caſar ſeu pai lh'as dera.

30. Mas o principe Affonſo—que d'eſta arte
Se chamava, do avô tomando o nome—,
Vendo-ſe em ſuas terras não ter parte
—Que a mãi com ſeu marido as manda e come—,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comſigo como as tome:
Revolvidas as cauſas no conceito,
Ao propoſito firme ſegue o effeito.

31. De Guimarães o campo ſe tingia
Co ſangue proprio da inteſtina guerra,

‖ 3 .ãy ‖ 4 Hy. ‖ 5 .fão deser. (herdeir. IV 6, 54) ‖ 7 so ‖ 8 .ay

30 1 (sem parenth.) ‖ 2 *A* Avô *B* Avò ‖ 4 (sem parenth.) .ãy *B* cõ mãd. ‖ 6 .cons. (v. 1 57)

conde D. Henrique com o conde de Trava, Fernando Peres, não tem fundamento historico (A. Herc. *H. de Port.* I 289). O conde foi só amante de D. Teresa. (O primeiro que duvidou da realidade d'este casamento foi João de Barros na III Decada [1, 4]).

8. No tempo de Cam. era geral a crença, infundada, de que Portugal fora dado em dote a D. Teresa por D. Affonso VI; (v. o texto transcripto no com. a VIII 9).

30 «Seu filho D. Affonso Anriques fiquando em idade de dezoito annos se fez chamar Principe» (Du. Galv. 5).

7. «causa» no sentido que tem neste lugar, é latinismo. conccito] como em I 81, 3, onde tambem é o final do verso.

O verso 8.º parece-me ser reminiscencia de: *priusquam incipias, consulto et, ubi consulueris, mature facto opus est* (Sallust. *Cat.* 1).

31 «Sobre esto se dezafiarão [o conde e D. Aff. Henriques] para hum dia certo, e vieram-se ajuntar

Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A ſeu filho negava o amor e a terra.
Co elle poſta em campo já ſe via,
E não vê a ſoberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o ſenſual era maior.

32. O' Progne crua, ó magica Medea,
Se em voſſos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Tereſa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça feia
São as cauſas d'eſte erro principais:
Scylla por hũa mata o velho pai,
Eſta por ambas contra o filho vai.

31 3 .ãy tam ‖ 6 ve ‖ 8 *B* o maior
32 1 O o ‖ 4 .ay peca (peccou: IV 70; peccado: III 39, 140; IV 17, 98) ‖ 5 ma cub. (cob.: IX 93) fea ‖ 7 Sci. .ay ‖ 8 .ay

---

32 1 D'una Progne crudel, d'una Medea (Ar. *Orl. fur.* XXI 56, 4) (FS).

---

em Guimarães» (Du. Galv. 6; v. tambem o texto transcripto no com. a VIII 13). O recontro das hostes de D. Teresa com as de D. Aff. Henriques, no campo de S. Mamede, junto de Guimarães, foi em 1128 (A. Herc. *H. de Port.* I 287).

32 1-4. Progne (*Procne*), filha de Pandion, rei de Athenas, era casada com Terêo, de quem teve um filho, por nome Itys. Para vingar-se do marido que havia abusado de Philomela, irmã de Progne, matou Itys e deu a comer a Terêo as carnes do filho (Ov. *Met.* VI 411-676). Medea, filha de Eetes, rei da Cólchida, vendo que Jasão a deixava para casar com a filha de Creonte, rei de Corintho, matou os dois filhos que tinha tido de Jasão (Hor. *Epist.* II 3, 185; Hyg. *Fab.* 25).

7. Scylla] é a filha de Niso, rei de Mégara. Querendo favorecer Minos, que estava cercando Mégara, e de quem ella se havia enamorado, arrancou da cabeça do pai um cabello de que dependia a vida de Niso (Ov. *Met.* VIII 6-151).

33. Mas já o Principe claro o vencimento
Do padraſto e da inica mãe levava;
Já lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porem vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros aſperos atava;
Mas de Deos foi vingada em tempo breve;
Tanta veneração aos pais ſe deve!

34. Eis ſe ajunta o ſoberbo Caſtelhano
Pera vingar a injuria de Tereſa
Contra o tão raro em gente Luſitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou peſa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defeſa,
Não ſó contra tal furia ſe ſuſtenta,
Mas o inimigo aſperrimo afugenta.

33 2 .ãy || 5 Ira || 6 .ãy
34 3 tam || 4 agr. || 5 *B* Em trabalho (engano occasionado pela palavra que está no verso anterior) || 7 so || 8 affu.

33 «..Tornàrão entam ha batalha, e vencerão-no, e ho Princepe prendeo ho seu padrasto e sua mãy.. D. Affonso poz entam sua mãy em ferros» (Du. Galv. 6). Esta tradição não tem fundamento historico (A. Herc. *H. de Port.* I 287-288); D. Affonso contentou-se com expulsar de Portugal a mãe e o conde.

1. Mas] serve de reatar o fio do discurso depois das reflexões contidas na estancia precedente.

7. V. III 69-70.

34 «Quando El Rey de Castella vio ho recado de sua tia [D. Teresa, que lhe pedia que viesse livrá-la da prisão], aprouvelhe muito com elle.., e abalou com muy grande poder contra Portugal.. e dambas as partes foy grande a peleja, e tam grande vencimento por parte do Princepe D. Affonso, que El Rey de Castella.. salvou-se da batalha em hum cavallo fogindo, acolhendose ho mais que pode a Toledo» (Du. Galv. 7). Depois da batalha do campo de S. Mamede, o rei de Castella não invadiu Portugal, mas foi D. Aff. Henriques quem invadiu a Galliza, em 1130 (A. Herc. *H. de Port.* I 295-296).

3. A ordem é: Contra o Lusitano tão raro em gente. raro em gente] i. é, que dispõe de pouca gente de guerra; cf. «em força e gente tão pequeno» (III 42). (Man. Corr. escreveu «raro e ingente»).

35. Não paſſa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães eſtá cercado
De infinito poder, que d'eſta ſorte
Foi refazer-ſe o immigo magoado;
Mas com ſe offerecer á dura morte,
O fiel Egas amo, foi livrado,
Que de outra arte podéra ſer perdido,
Segundo eſtava mal apercebido.

36. Mas o leal vaſſallo, conhecendo
Que ſeu ſenhor não tinha reſiſtencia,
Se vai ao Caſtelhano prometendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promeſſa e conſciencia
De Egas Moniz. Mas não conſente o peito
Do moço illuſtre a outrem ſer ſugeito.

35 1 Não ‖ 2 .tà ‖ 4 .oy ‖ 5 aa ‖ 6 .oy ‖ 7 *A* .dêra ‖ 8 *A* .çeb.
36 3 .ay ‖ 7 mon. ‖ 8 sog. (v. II 54)

35 «D. Affonso de Castella.. sentindo muito seu desbarato.. chegou de supito a Guimarães onde cerquou ho Princepe D. Affonso, que dentro estava despercebido.. e.. vendo D. Eguas Moniz Ayo do Princepe ho grande perigo em que seu Senhor estava.. foyse aho arrayal dos imiguos», (fallou a D. Affonso VII e rematou dizendolhe:) «*eu acabarey com elle que va ha vossas Cortes onde vós quizerdes, e desto Senhor vos farei preyto e omenagem*» (Du. Galv. 8).

Foi na invasão de 1127, quando ainda governava D. Teresa, que D. Affonso VII pôs cerco a Guimarães, e se deu a devoção heroica de Egas Moniz, segundo A. Herc. (*Hist. de Port.* I 284).

6. amo]=aio; v. *Rev. Lusitana* III 372, onde se citam varios lugares em que «amo» tem esta significação.

7. Que] é particula causal. de outra arte]=a não ser assim (*alioquin*).

8. V. o com. a I 105.

36 «Quando El Rey de Castella esto ouvio, prouvelhe muyto de receber ha omenagem de D. Eguas Moniz hacerqua dello ficandolhe de se partir aho outro dia..» (Du., Galv. 8, cont. do texto do com. á est. precedente). «Ao dia seguinte levantou El Rey de Castella ho cerquo» (id. 9).

2. não tinha resistencia]=não podia resistir.

37. Chegado tinha o prazo prometido
Em que o Rei Caſtelhano já aguardava
Que o Principe, a ſeu mando ſometido,
Lhe déſſe a obediencia que eſperava.
Vendo Egas que ficava fementido,
O que d'elle Caſtella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal comprida.

38. E com ſeus filhos e molher ſe parte
A alevantar co elles a fiança;
Deſcalços e deſpidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
"Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança"
Dizia "eis aqui venho offerecido
A te pagar co a vida o prometido.

39. Vês, aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos ſem peccado e da conſorte;

37 2 *A* agoar. aguar. VI 14 ‖ 4 dcs. ‖ 6 *A* cuy. ‖ 7 .çe
39 1 Ves ino. (v. *R Ph* em «immigo»)

37 V. o texto de Galvão no com. á est. seguinte. O que o Poeta conta neste lugar e nas tres est. seguintes, deu-se em 1128 (A. Herc. *H. de Port.* I 284-285).

5. fementido] pertence para «Egas».

6. O que]=cousa que.

38 «Vindo ho tempo do prazo em que ho Princepe D. Affonso Anriques avia de hir ás Cortes que se faziam em Toledo.. Ordenouse D. Eguas de todo, e partio com sua molher, e filhos, e cheguàrão a Toledo.. e.. se despirão de todolos panos senom hos de linho,.. descalçarãosc todos, e pozerão senhos baraços nos pescoços.., e cheguando ha el Rey.. falou entam D. Eguas Moniz e dice..» [Cam. dá a substancia do discurso] (Du. Galv. 10).

1. E]=e assim; cf. III 25, 8.

3. despidos] Tambem *nudus* muitas vezes quer dizer: simplesmente com tunica.

4. «a» antes de «piedade» e «vingança» é preposição.

39 «..Por causa desto Senhor me venho presentar ante vós, eys-aqui estas mãos com que vos fiz menagem, e ha linguoa com que

Se a peitos generoſos e excellentes
Dos fracos ſatiſfaz a fera morte,
Vês aqui as mãos e a lingoa delinquentes:
Nellas ſós exp'rimenta toda ſorte
De tormentos, de mortes, pelo eſtilo
De Scinis e do touro de Perillo."

40. Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indinado
Egas eſtava, a tudo offerecido;
Mas o Rei vendo a eſtranha lealdade,
Mais pode em fim, que a ira, a piedade.

‖ 5 Ves ‖ 6 sos ‖ 7 .tillo
40 3 Poem (v. 1 86) *A* çe. ‖ 4 tam ‖ 8 Ir. *A* Pi.

vo la dice.. e demais vos trâguo aqui minha molher, e estes moços meus filhos para se vossa ira ouver por mayor minha eulpa que ha vingança do meu corpo sóo, por esta molher e por estes moços ha cuja fraqueza, e idade, ha ira dos imiguos soe apiedarse, seja vossa indinação satisfeyta» (Du. Galv. 10).

8. Sinis (e não «Scinis») era um salteador de forças prodigiosas que matava os viandantes atando-os a ramos de arvores, que previamente encurvava. D'elle fallam, entre outros, Ovidio (*Met.* VII 440-442), Estacio e Claudiano, este ultimo em *In Rufinum,* onde está: *..vel Sinis Isthmiaca pinu vel rupe profunda | Sciron vel Phalaris tauro..* (252-253). (A fórma *Scinis* vem, por ex., na ed. de Seneca de Raphelengio, em *Hippol.* 1167).

Perillo inventou um instrumento de supplicio, que consistia em um touro de bronze, *quem crudelissimus omnium tyrannorum Phalaris habuisse dicitur, quo vivos supplicii causa demittere homines et subicere flammam solebat* (Cic. *Verr.* IV 33). Tambem d'elle fallam Ovidio (*Ars am.* I 653-654) e Sil. Italico (XIV 211-217).

40 «Desque D. Eguas acabou de falar ficou El Rey mui irado, e quizera mandalo matar.. mas hos Fidalgos, e nobres que ahi estavão lhe dieerão, que tal nom fizesse.. El Rey assoeeguado de sua sanha pelo que lhe diziam.. perdeo todo o despeyto de D. Eguas, e quitoulhe ha omenagem que lhe feyto tinha» (Du. Galv. 10).

7. Sobre a eolloeação de «o Rei» v. o com. a 1 86, 6. (A. Coelho, não entendendo a syntaxe, pôs virgula depois de «Rei»).

8. pode] sc. nelle.

41. O' grão fidelidade Portugueſa
De vaſſallo que a tanto ſe obrigava!
Que mais o Perſa fez naquella empreſa
Onde roſto e narizes ſe cortava?
Do que ao grande Dario tanto peſa,
Que mil vezes dizendo ſuſpirava,
Que mais o ſeu Zopyro ſão prezara
Que vinte Babylonias que tomara.

42. Mas já o Principe Affonso aparelhava
O Luſitano exercito ditoſo
Contra o Mouro que as terras habitava
De alem do claro Tejo deleitoſo;
Já no campo de Ourique ſe aſſentava
O arraial ſoberbo e bellicoſo
Defronte do inimigo Sarraceno,
Poſto que em força e gente tão pequeno,

43. Em nenhũa outra couſa confiado

41 1 O grão ‖ 7 Zopi. são *A* .zâra *B* .zàra ‖ 8 Babil. .àra
42 4 Dal. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 6 beli. (v. 1 5) ‖ 8 tam

41 3-4. Zópyro, subdito de Dario (521-485 a. Chr.), vendo que este principe não lograva assenhorear-se de Babylonia apesar de um cerco de já vinte meses, mutilou-se horrivelmente e neste estado fugiu para a cidade inimiga, fingindo-se victima das crueldades de Dario. Os Babylonios, illudidos por este estratagema, deram ao fingido transfuga o mando das suas forças militares, e elle não tardou a ter azo de entregar a cidade ao rei persa (Just. 1 10). Em «se cortava» «se» é compl. indirecto.

5-8. «*Celebris inde fuit Darii vox saepius ex eo audita maluisse Zopyrum sibi in integrum restitui quam viginti Babylones bello quaesitas*» (Sabellico II 7). Sobre a accentuação de «Dario» v. o com. a x 21; e sobre a de «Zopyro», v. *R Ph* em «Taprobana». prezara] = prezaria. tomara] = tomasse.

42 V. o texto de Du. Galv. no com. a III 44.

2. Mas] V. o com. a III 33.

43 V. o texto de Du. Galv. no com. a III 44. O cap. XIV de Galvão trata de «Como hos Portugueses vista ha multidão dos Mouros requererão aho Principe D. Affonso que escuzasse ha batalha..».

Senão no ſummo Deos que o Ceo regia,
Que tão pouco era o povo baptizado
Que pera hum ſó cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo ſoſſegado
Por mais temeridade que ouſadia
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que pera hum cavalleiro houveſſe cento.

44. Cinco Reis Mouros ſão os inimigos,
Dos quaes o principal Iſmar ſe chama,
Todos exp'rimentados nos perigos
Da guerra, onde ſe alcança a illuſtre fama.
Seguem guerreiras damas ſeus amigos,
Imitando a fermoſa e forte dama
De quem tanto os Troianos ſe ajudárão,
E as que o Thermodonte já goſtárão.

43 3 tam baut. (bapt.: I 104) || 4 so aue. (v. I 74) || 5 juy. || 8 ouue.
44 1 sam || 5 Da. || 6 Da. || 7 Troy. *A* .udâ. *B* .udà. || 8 Ter. *A* gostâ. *B* gostà.

2. regia] O tempo como em II 12, 4.

5-7. sossegado] = que está em calma, desapaixonado. Por] V. *R Ph.* Cometer] = acommetter. ajuntamento] de forças (inimigas), = *copiae.*

8. houvesse] equivale ao condicional «haveria» do 4.º verso; é pratica inteiramente antiquada.

44 «[D. Affonso passando ao Alemtejo] começou ha fazer grande guerra ahos Mouros .. do que tanto que El Rey Ismar ouve nova, mandou requerer toda ha mourama dos luguares, e outras partes do redor .., pelo qual ouve El Rey muita em sua ajuda de Mouros .. que era infinda ha multidão d'elles em tanta desigualança dos Christãos, que se à por certo, serem pouco menos de cento para hum .. entre hos quaes vierão quatro Reys outros .. e vierão com estas gentes molheres vezadas ha peleyjar como has Amazonas .. e ho Principe D. Affonso, e El Rey Ismar sentaram seus arrayaes hum à vista do outro» (Du. Galv. 13).

4-8. O facto é historico: *feminae saracenae in hoc proelio amazonico ritu ac modo pugnarunt* (*Chr. Got.*, cit. por A. Herc. *H. de Port.* I 324).

6-7. Falla-se de Penthesiléa, rainha das Amazonas, notavel pela formosura e valentia, e que depois da morte de Heitor veiu em auxilio dos Troianos (Verg. *En.* I 490-493; Bocc. *De cl. mulieribus*, 30).

8. E' periphrase, por: Amazo-

45. A matutina luz, ſerena e fria,
As eſtrellas do Polo já apartava,
Quando na cruz o filho de Maria
Amoſtrando-ſe a Affonſo o animava.
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na fé todo inflammado, aſſi gritava:
"Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis."

46. Com tal milagre os animos da gente
Portugueſa inflammados levantavão
Por ſeu Rei natural eſte excellente
Principe, que do peito tanto amavão;
E diante do exercito potente
Dos immigos gritando o ceo tocavão,
Dizendo em alta voz: "real, real,
Por Affonſo, alto Rei de Portugal."

45 2 *A* Est. *A* Pollo || 3 Cr. *A* Fi. || 6 *A* Fê *B* Fè .ama. (v. *R Ph* em «immigo») || 8 my
46 2 .ama. (v. *R Ph* em «immigo») || 3 *A* .celen. || 6 imi. (v. *R Ph* em «immigo»)

nas. O Thermodonte (*Thermodon*) é um rio do Ponto, na Asia menor, na região onde habitaram as Amazonas (Verg. *En.* XI 659-660; F S).

já]=outrora (como em italiano *già*). «gostar», por «beber de», «provar de», é usual no português antigo, v. o *Dicc.* de Moraes.

45 «..quando foy huma ora, ante menhãa.. ho Principe ..vio Nosso Senhor em ha Cruz .., e adorou-o muy devotamente.. confortando-se e.. dizendo: *Senhor ahos Ereges, aos Ereges faz mister appareceres, que eu sem nhuma duvida creyo, e espero em ty fortemente.*» (Du. Galv. 15). Esta fabula começa a apparecer no ultimo quartel do seculo XV (v. A. Herc., *Opusc.* III 106).

2. Polo] como em II 105.
apartava] sumindo-as da vista.

46 «..Entam todos ho levantarão por Rey, bradando com grande prazer e alegria: *Real, Real, por El Rey D. Affonso Anriques de Portugal*» (Du. Galv., 16). A lenda da acclamação de D. Affonso por occasião da batalha de Ourique «póde fixar-se no principio do seculo XIV» (A. Herc. *Opusc.* III 132).

3. natural] contrapõe-se aqui a: estrangeiro.

7-8. O brado «real, real» usado na acclamação dos reis portugueses é geralmente explicado como designando a sina ou estandarte que se levanta pelo novo rei. O Dr. Leite

47. Qual cos gritos e vozes incitado
Pola montanha o rabido Moloſo
Contra o touro remete, que fiado
Na força eſtá do corno temeroſo;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoſo,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda ſe quebranta:

48. Tal do Rei novo o eſtamago accendido
Por Deos e polo povo juntamente
O barbaro comete apercebido
Co animoſo exercito rompente.
Levantão niſto os perros o alarido
Dos gritos, tócão a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomão, tubas ſoão,
Inſtrumentos de guerra tudo atroão.

49. Bem como quando a flamma que ateada

47 1 *A* Qoal ‖ 3 Tou.‖ 4 *A* .tà ‖ 7 Ate
48 1 acen. (v. 1 5) ‖ 5 *B* lari. ‖ 6 tocam ‖ 7 .mão .oão ‖ 8 *A* Instro. .oão
49 1 .ama (v. *R Ph* em «immigo»)

de Vasconcellos lembra-me que cite Liebrecht, *Zur Volksk.*, pag. 388-390.

47 2. Tambem em latim se emprega substantivamente *Molossus* (Verg. *Georg.* III 405) em vez de *canis Molossus*. A Molóssida (*Molossis*) era no Espiro oriental. Sobre «Moloso» por «Molosso», v. *R Ph.*

48 1. estamago] aqui = animo, brios; cf. II 85.

5. perros] = cães (VII 9), designação injuriosa dos muçulmanos.

6. «tocar a arma (propriamente «tocar a: arma!», cf. «..Se ouve logo hũa voz, arma, arma, amigos | que estão à nossa vista os inimigos» [Lobo, *Condest.* VIII 38]) é phrase antiga: «se vé vir os inimigos, dá rebate, toca a arma, e auisa a Cidade a grandes brados» (Vieira, *Serm.* V 245 col. 2.ª); «como se fossem caixas, ou trombetas, que tocassem arma ao mesmo Deos» (id. ibd. VII 449, col. 2.ª). Ignorando a phrase antiga, A. Coelho, na esteira de B. Feio e Juromenha, escreveu «á arma».

Foi nos aridos campos — aſſoprando
O ſibilante Boreas —, animada
Co vento, o ſeco mato vai queimando;
A paſtoral companha, que deitada
Co doce ſomno eſtava, deſpertando
Ao eſtridor do fogo que ſe ateia,
Recolhe o fato e foge pera a aldeia:

50. D'eſta arte o Mouro attonito e torvado
Toma ſem tento as armas mui depreſſa;
Não foge, mas eſpera confiado,
E o ginete belligero arremeſſa.
O Português o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atraveſſa;
Huns caem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

51. Ali ſe vem encontros temeroſos

‖ 2 aso. ‖ 4 vay ‖ 6 .oçe sono (v. II 60) ‖ 7 .ea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 8 .ea

50 1 ato. ‖ 2 .uy ‖ 5 .ugues ‖ 7 Hũs vão ‖ 8 .rão

49 8. o fato) está na accepção, mais ampla do que a que tem no português moderno, de «as cousas do uso pessoal de alguem» como em: «Fez seu testamenteiro a Pero d'Alpoym, e lhe mandou que seu fato levasse ao Reyno, onde vissem as alfayas que tinha de sua casa» (G. Correia, II pag. 457); «Dom Christovão recolheo o despojo, que foi de fato e de escravos» (Castanhoso, *Tratado* pag. 42); «tinha as casas pejadas com pessoas e fato que nelles metera» (carta de D. João III cit. nos *Est. sobre Dam. de Goes* II pag. 94). Que não póde querer dizer «manada» ou «rebanho», como alguns pensam, reconhece-se facilmente attentando nas circumstancias que se descrevem. A «Recolhe o fato» corresponde na segunda parte do simile (est. 50) «Toma.. as armas». «recolher» = tomar, pegar em (para levar comsigo).

50 7. O emprego de «meio» (= semi-) como adjectivo em vez de adverbio pertence ao bom português de todos os tempos. E' caso de attracção syntactica, segundo bem explica o Dr. Leite de Vasconcellos em «*As lições de linguagem*» *do Snr. Cand. de Figueiredo*, a pag. 10 e 11, onde vem mais alguns exemplos d'esta construcção.

51 1. Vem] V. *R Ph.* em

Pera ſe deſſazer hũa alta ſerra,
E os animais correndo furioſos
Que Neptuno amoſtrou ferindo a terra;
Golpes ſe dão medonhos e forçoſos;
Por toda a parte andava acceſa a guerra;
Mas o de Luſo arnês, couraça e malha
Rompe, corta, deſſaz, abola e talha.

52. Cabeças pelo campo vão ſaltando,
Braços, pernas, ſem dono e ſem ſentido,
E de outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o geſto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do ſangue deſparzido,
Com que tambem do campo a côr ſe perde
Tornado carmeſi de branco e verde.

51 5 dão ‖ 6 ace. (v. 1 5) ‖ 7 .nes
52 3 dou. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 4 Pali. cor ‖ 6 *B* de ‖ 7 cor ‖ 8 *B* Tornan. *A* Car.

---

52 8 E fece rosso ov'era verde e bianco (*Orl. fur.* xxxi 89) (FS).

«ver». encontros temerosos] cf. «El Rey que hia diante ferio hum Mouro de lança, de tal sorte e encontro, que deu loguo com elle morto em terra» (Du. Galv. 17).

2. =*bastantes a deshazer una alta montaña*, como bem interpreta FS, que cita: *Dai colpi che gittar doveano un monte* (*Orl. fur.* xviii 9).

3-4. Contendendo entre si Neptuno e Minerva, qual dos dois daria o nome á cidade dc Athenas, foi decidido que venceria quem fizesse ao homem um dom mais proveitoso. Então batendo Neptuno no chão com o tridente, surgiu um cavallo (Verg. *Georg.* i 12-14, FS), e ferindo Minerva (Athena) o solo com a lança, brotou uma oliveira.

7. o de Luso] (=o Português) é o sujeito.

52 1-4. Estes versos lembram os do *Orl. fur.*: *lasciando capi fessi e bracci monchi, | E spalle e gambe ed altre membra sparte* (xviii 20). Para o 3.º verso tem de subentender-se um verbo apropriado, como «estão»; é zeugma frequente nos escriptores latinos, v. Madvig, *Gr. lat.* § 478 *obs.* 3.ª

53. Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica;
Desbaratado e roto o Mauro Hispano
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos
Em final d'estes cinco Reis vencidos.

54. E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
D'aquelle de quem foi favorecido;
Em cada hum dos cinco cinco pinta,
Porque assi fica o numero comprido
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues que em cruz pintando veio.

53 2 .feos (trophco: I 25, III 89) ‖ 4 gram
54 2 fo. ‖ 4 .oy ‖ 8 Cr.

53 «Depois da batalha vencida esteve El Rey D. Affonso tres dias no campo como he de costume.., e estando assi no campo.. acrecentou em suas Armas sinaes que mostrassem ho que lhe alli acontecera, no Ceo, em Cruz. Poz sobre ho campo que dantes no Escudo trazia, por Armas huma Cruz toda azul, partida em sinquo Escudos pelos sinquo reys que vencera» (Du. Galv. 18).

2. e presa rica] é tambem o final de II 53, 7.

5. Aqui] i. é, no campo.

54 «.. e em cada escudo estam sinquo oos, que seneficam os trinta dinheiros por que Cristo foi vendido,.. e pera se comtarem os trinta dinheiros, os oos que estam no meio amde ser contados duas vezes o [=ao] comprido e atravesado, e desta maneira ficam contados trinta em todos os sinquo escudos» (Acenheiro, cap. III). (Galvão diz que em cada um dos cinco escudos D. Affonso pôs 30 dinheiros e os reis posteriores, por commodidade, só cinco).

1-2. Allude-se ao que S. Matheus conta de Judas Iscariota (XXVI 14-15).

4. D'aquelle] pertence para «a memoria». Refere-se ao que vae dicto em III 45.

5. Em cada hum dos cinco [escudos] cinco [dinheiros] pinta. Os cinco dinheiros são os cinco bezantes de cada escudo.

6-8. fica o numero comprido] =fica o numero (de trinta) completo. Contando duas vezes o do meio | Dos cinco] equivale a: contando-se duas vezes os cinco

55. Paſſado já algum tempo que paſſada
Era eſta grão victoria, o Rei ſubido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.
Com eſta a forte Arronches ſojugada
Foi juntamente, e o ſempre ennobrecido
Scabelicaſtro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão ſereno.

56. A eſtas nobres villas ſometidas
Ajunta tambem Mafra em pouco eſpaço,
E nas ſerras da Lũa conhecidas
Sojuga a fria Sintra o duro braço,
Sintra, onde as Naiades eſcondidas

55 2 *B* sob. ‖ 3 .ay ‖ 4 Fo. .uy auia (v. 1 74) ‖ 6 .oy ‖ 8 tam
56 3 *A* Lua

dinheiros do escudo central. «o do meio dos cinco» = aquelle, d'entre os cinco escudos, que fica no meio.

55 «Como depois desto El Rey Ismar que foy vencido no campo Dourique veyo tomar Leyria, e ho Prior de Santa Cruz de Coimbra [Theotonio] foy ha Alentejo, e tomou Arronches, e como El Rey D. Affonso tornou outra vez tomar Leyria aos Mouros» (Du. Galv. 21). «Esta Villa se chamou antiguamente Cabilycastro, e despois da morte de Santa Eyrea lhe poseram os Christãos nome de Santarem» (id. 29).

1-4. Cf.: Passado já algum tempo que os amores | de Almeno, por seu mal, erão passados (Cam., ecl. que principia assim) (FS).

7. Scabelicastro] é palavra estropiada, por «Scalabicastro». *Scalabis* ou *Scallabis* era na antiguidade o nome de «Santarem».

56 «.. e ally tomou loguo ho Castello de Mafra.. e apos este foy logo cerquar Sintra, e tomou-a..» (Du. Galv. 30).

1. villas] Leiria foi elevada á categoria de cidade no tempo de D. João III; Santarem nos nossos dias.

2. em pouco espaço] é tambem o final de 1 91, 8.

3-4. O «promontorio da Lua» de Ptolemeu é, segundo os geographos mais modernos, o cabo Carvoeiro (ao poente de Peniche; v. porêm L. de Vasconc., *Relig. da Lus.*, II 26); d'antes identificava-se com o cabo da Roca; por isso Cam. chama «serras da Lũa» á serra de Cintra. Sobre a graphia «Sintra» v. *R Ph.*

5. Naiades] eram nymphas dos rios, fontes e lagos. Sobre a accentuação na penultima syllaba v. *R Ph* em «Taprobana».

Nas fontes vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agoas accendendo fogo ardente.

57. E tu, nobre Liſboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeſa,
Que edificada foſte do facundo
Por cujo engano foi Dardania acceſa,
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceſte á força Portugueſa
Ajudada tambem da forte armada
Que das Boreais partes foi mandada.

58. Lá do Germanico Albis e do Rheno
E da fria Bretanha conduzidos
A deſtruir o povo Sarraceno
Muitos com tenção ſancta erão partidos.

|| 6 vão .çe || 8 acen. (v. 1 5)
57 1 *B* Lixb. *A* Lisb. Mun. || 2 es || 4 .oy ace. (v. 1 5) || 5 Mar || 6 aa || 8 .oy
58 1 La Ren. || 4 erão

8. Cf. IX 42, 8; VI 34, 8.

57 1-2. «[Lisboa] *Omnium civitatum totius Europae longe nobilissima*» (N. C. do Amaral *Cronologia* pag. 83). facilmente] equivale a: seguramente, sem contestação; é latinismo, cf.: *Eudoxus, Platonis auditor, in astrologia judicio doctissimorum hominum facile princeps* (Cic. *Divin.* II 42). das outras] sc. cidades, ideia suggerida pelo nome «Lisboa»; é ellipse um tanto dura, de que ha tambem um caso analogo em VI 31, 3-4.

3-4. Sobre a fundação de Lisboa por Ulisses, v. o com. a VIII 4. Foi Ulisses quem lembrou o estratagema da construcção do cavallo de madeira, por meio do qual os Gregos puderam emfim assenhorear-se de Troia, que reduziram a cinzas (v. Verg. *En.* II). Dardania] nos poetas latinos toma-se muitas vezes por «Troia», v. g. em Verg. *En.* III 156.

5. Allude a ser o porto de Lisboa o principal do país, d'onde sahiam as armadas que mantinham o poderio maritimo de Portugal.

58 Quando foi a segunda Cruzada (1147-1149), certo numero de habitantes do Rheno inferior e da Frisia preferiram vir por mar e unir-se com outros cruzados em Inglaterra. A armada, velejando na direcção da Hespanha, foi obrigada

Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co arraial do grande Affonſo unidos,
Cuja alta fama então ſubia aos ceos,
Foi poſto cerco aos muros Ulliſſeos.

59. Cinco vezes a Lũa ſe eſcondêra
E outras tantas moſtrára cheio o roſto,
Quando a cidade entrada ſe rendêra
Ao duro cerco que lhe eſtava poſto.
Foi a batalha tão ſanguina e fera,
Quando obrigava o firme proſupoſto
De vencedores aſperos e ouſados
E de vencidos já deſeſperados.

60. D'eſta arte em fim tomada ſe rendeo
Aquella que nos tempos já paſſados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ouſados,

‖ 6 .ayal ‖ 7 *A* antão *B* antam (v. III 9) ‖ 8 .oy *B* Vly.
59 1 *B* .dèra ‖ 2 *A* .âra *B* .àra ‖ 3 Ci. *B* .déra ‖ 5 .oy tam
60 3 Aa ‖ 4 Sciti.

por um temporal arribar ao Porto, onde esperou por alguns dos navios que a tempestade havia desgarrado. Por intermedio do bispo do Porto, D. Affonso ajustou com os cruzados auxiliarem-no na tomada de Lisboa. A armada, junta de novo toda, surgiu no Tejo em 28 de Junho de 1147 (A. Herc. *H. de Port.* I 369-371). A narrativa de Du. Galv. é no cap. 30.

5. Tejo ameno] é tambem o final de I 25, 4.

8. Ulisseos] = da cidade fundada por Ulisses. Em IV 84, Cam. designa Lisboa simplesmente por «Ulissea».

59 «Durou ho cerquo perto de sinquo meses» (Du. Galv. 30).

3-4. rendêra] em vez de «rendeo» por necessidade da rima. O dia da entrada dos christãos em Lisboa foi na 5.ª feira 23 ou na 6.ª feira 24 de Outubro (A. Herc. *H. de Port.*).

60 2-4. Segundo uma tradição registada em Sabellico (VII 9, fim), quando os Vandalos, Suevos, e Alanos invadiram a Peninsula, Lisboa obteve — a preço de ouro — não se ver submettida aos invasores.

A expressão «povos Scythicos» designa aqui em geral os povos

Cujo poder a tanto ſe eſtendeo,
Que o Ibero o vio e o Tejo amedrontados,
E em fim co Betis tanto alguns podérão,
Que á terra de Vandalia nome dérão.

61. Que cidade tão forte por ventura
Haverá que reſiſta, ſe Liſboa
Não pode reſiſtir á força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Eſtremadura,
Obidos, Alanquer, por onde ſoa
O tom das freſcas agoas entre as pedras
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

‖ 7 .gum (a corr. é já antiga) *A* podê. *B* podè. ‖ 8 aa *A* dê. *B* dè.

61 1 tam ‖ 2 Auera (v. 1 74) ‖ 3 aa ‖ 7 *B* frecas ‖ 8 vedras

barbaros que invadiram e destruiram o imperio romano. Osorio chama *Scythicas gentes* aos Alanos, Hunnos e Godos (*Hist.* VII 34), e do cabo de guerra germanico *Radagaisus* (Radegast) diz que.. *paganus et Scytha erat* (ibd. VII 37).

6. Sobre o apposto do plural ligado a dois sujeitos do singular que tem o verbo no singular, v. o com. a II 112, 3-4. «Ibéro» é na litteratura greco-romana o nome do rio Ebro.

7. Esta oração está coordenada á do 5.º verso, sem todavia o relativo ser commum a ambas. A irregularidade é maior do que a de II 36, 4, por isso que alli as duas orações têm o mesmo sujeito. Semelhantemente encontra-se em latim: *cujus pater.. interfectus.. erat a Cassivellauno, ipse fuga mortem vitaverat* (Ces. *B. Gal.* V 20). Betis] como em III 19, 8.

8. Os Vandalos fundaram no sul da Peninsula um reino (409-429), que tomou d'elles o nome de «Vandalicia». Os etymologos antigos derivavam «Andaluzia» do nome dos Vandalos: *Vandali quidem Beticae partem occupavere: quae adhuc apud eos Vandalia, corruptoque vocabulo Vandalusia dicitur* (Raf. Vol. *Comm.* II) (A mesma etymologia vem no *Vincentius* de Rèsende, II, nota 27). «dar, ter, pôr nome» (sem artigo) são locuções usuaes do português antigo. (A ed. de 1613 pôs indevidamente «o nome»).

61 5-8 «Depois de El Rey D. Affonso Henriques ter tomado Lisboa,.. logo naquelle anno seguinte [1148].. foi El Rey sobre Alanquer, e Obidos, e Torres Vedras, e sobre outros Castellos de Estremadura, que ainda erão de Mouros.» (Du. Galv. 37). «..as raras chronicas coevas ou quasi coevas de D. Affonso I.º nada ou pouquissimo nos dizem acerca dos successos de dez annos, isto é, desde a tomada de Lisboa até que

62. E vós tambem, ó terras Tranſtaganas,
Afamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas
Entregando-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas
Se ſuſtentar a fertil terra queres!
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas
E Alcaçere do Sal eſtão rendidas.

63. Eis a nobre cidade, certo aſſento
Do rebelde Sertorio antigamente,

62 1 vos o trans. ‖ 2 Affa (v. I 26) *B* .amdas ‖ 3 aas ‖ 8 .açare (.acere: III 90) sal
63 1 Ci.

---

62 2 flava Ceres (Verg. *Georg.* I 96) (FS).

os christãos alcançaram, em fim, apoderar-se dc Alcacer» (A. Herc. *H. de Port.* I 409). «Obidos, Alanquer, Torres Vedras» são individuação da ideia geral contida em «Estremadura». No ultimo verso esperava-se achar «lavão» tendo por sujeito «agoas»; mas attendendo a que «o tom das frescas agoas» equivale a «as frescas agoas resonantes» (cf. VII 20), Cam. tomou a liberdade de dar ao verbo por sujeito «o tom» e dizer «lava». Se Cam. tivesse dicto «lavão» fazendo de «vão e» uma só syllaba metrica, a synerese não seria mais violenta do que em «*Senão o* de seus passados até morte» (VII 38), e em «Que em tanta antiguidade não ha certeza» (III 29). (Juromenha, segundo Freire de Carvalho, escreveu «lavã»).

62 «.. e depois que hos teve assentados, e assi toda ha terra da Estremadura.. passou-se ha Alemtejo, onde fez grande destruição em hos Mouros tomando-lhes Alcacere, Evora, Elvas, Moura e Serpa e outros luguares atée chegar ha Beja» (Du. Galv. 37, contin. do texto do com. á est. antecedente). As povoações pertencentes ao moderno Alemtejo foram conquistadas posteriormente á tomada de Alcacer (em 1158), mas perderam-se depois em consequencia do desbarato que D. Aff. teve em 1161 (v. A. Herc. *H. de Port.* I 417-420).

1-2. o dom da flava Ceres] (i. é, os cereaes) é particularmente o trigo: *La culture du froment s'est répandue sur tous les districts du Portugal; mais c'est dans les districts de Beja, Evora, Lisbonne, Santarem, Portalegre et Faro qu'elle est la plus importante* (G. A. Perry, *Statistique du Portugal*, pag. 180 da 2.ª ed.).

63 1-2. «.. e tambẽe por

Onde ora as agoas nitidas de argento
Vem ſuſtentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes que cento e cento
Nos ares ſe alevantão nobremente,
Obedeceo por meio e ouſadia
De Giraldo, que medos não temia.

64. Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoſo deſtruida
Affonſo, que não ſabe ſoſſegar
Por eſtender co a fama a curta vida.
Não ſe lhe pode muito ſuſtentar
A cidade; mas ſendo já rendida,

‖ 3 *B* .enta ‖ 4 *B* sost. longo (a corr. ć já antiga) ‖ 6 *B* Mos

64 1 .ay ‖ 3 *A* sose. ‖ 5 *B* sos. ‖ 6 Ci.

esta cijdade [Evora] ser em meio de Lusitania.. tomou cn ella seu assento, se as continuas gherras lho lexaram têer» (A. de Rèsende, *Hist. da ant... d'Evora*, III [A 1.ª ed. é de 1553]). «certo» entende-se em geral, e parece-me que bem, no sentido de «fixo» (*stabilem sedem* na versão de Maccdo), cf. «limitc certo» (v 65), «certa escala» (I 54). F S toma o adjectivo na accepção de «indubitavel»: *cierto, porque no ay duda que Sertorio abitò en Evora de assiento.* (O bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, achava, c com razão, infundado o asserto de Rèsende). Sohre Sertorio v. VIII 7-8.

3-6. «e assi fez trazer ha agua da Prata a ho portico en ho mais alto da cijdade» (Rèsende, ibd.).

reaes] = grandíosos, como *regalis e regius*.

7-8. Da tomada definitiva de Evora por Giraldo, por cognome «Sem pavor», falla Cam. ainda em VIII 21.

64 «ho qual [D. Aff.] tendo a cercada entrou grande poder de Mouros pela Comarqua da Beyra, e cerquarão Trancozo, e depois de combatido < e > tomado por força destruirão ho loguar, e leixarão-no matando muitos christãos.. D. Affonso posto que lhe estas novas cheguassem, nom quiz levantar do cerquo que tinha sobre Beja, antes ha combateo.. atée que ha tomou por força, e pelo despeyto que tinha do mal que hos Mouros fizeram em Tranquozo, todos hos Mouros de Beja andarão á espada, ficando muy poucos vivos» (Du. Galv. 37 cont. do texto do com. a III 62). Beja foi deixada passados quatros meses; a tomada definitiva foi em 30 de Novembro de 1162 (A. Herc. *H. de Port.* I 417, 421).

1. a cidade Beja) como: cidade Hicrosolyma (III 27).

2. de Trancoso destruida] = da destruição de Trancoso; é construcção como *ab urbe condita, in ultionem tentati.. Parthici regni.*

Em toda a couſa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura eſpada.

65. Com eſtas ſojugada foi Palmella
E a piſcoſa Cezimbra, e juntamente
Sendo ajudado mais de ſua eſtrella,
Deſbarata hum exercito potente:
Sentio-o a villa e vio-o o ſenhor d'ella,
Que a ſoccorê-la vinha diligente
Pela fralda da ſerra, deſcuidado
Do temeroſo encontro inopinado.

66. O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furioſos,
Innumeros piões, de armas e de ouro

|| 7 yr. || 8 .ay

65 1 *B* suj. .oy *B* Polm. || 2 Ciz. (creio que representa a pronuncia do compositor, cf. «Sivilha» em IV 46) || 5 Vil. a serra (em vez de «o senhor» é certamente devido a estar «senhor» escripto em breve «sñr»; a corr. é já antiga) || 6 socorrella (v. I 80) *A* deli. || 7 *A* .cuy. *B* .cny. *A* .dodo

66 3 darm. (v. *R Ph* em «Elisão»)

65 «Ha esta nova partio loguo El Rey.. c.. filhou-a [Cezimbra] por força, e.. determinou de hir ver Palmella.. levando consiguo sessenta bons Cavalleyros, e alguma gente de pée c besteiros, e cheguando ha Palmella, e estando vendo a assomou El Rey de Badalhouse com muita Mourama das frontarias daredor, em que avia quatro mil homens de cavallo, e scssenta mil de pée, e vinhão.. ha gram pressa para soccorrer Cezimbra, descuidados de verem nem acharem aly Christãos. Tevesse [=teve-se] El Rey traz um cabeço.. Vinham já [os Mouros] pelo infesto assima..» (Du. Galv. 39).

1. Com estas] sc. Evora e Beja.

5. A villa é Cezimbra; o senhor d'ella é, como se diz na est. immediata, o rei de Badajoz. O pronome «o» complem. de «sentio» e «vio» refere-se ao pensamento, exposto no 3.º verso, de que D. Affonso era ajudado da sua estrella.

7. descuidado] no sentido de: que não pensa em um mal que está para acontecer (na prosa latina classica: *securus*); cf.: muy descuydado do que se lhe ordenaua (Cast. II 114),

66 1. Alto] em sentido figurado.

Guarnecidos, guerreiros e luſtroſos.
Mas qual no mês de Maio o bravo touro
Cos ciumes da vaca arreceoſos
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o deſcuidado caminhante:

67. D'esta arte Affonſo ſubito moſtrado
Na gente dá que paſſa bem ſegura,
Fere, mata, derriba, denodado;
Foge o Rei Mouro e ſó da vida cura;
De hum Panico terror todo aſſombrado
Só de ſegui-lo o exercito procura,
Sendo eſtes que fizerão tanto abalo
No'mais que ſó ſeſſenta de cavallo.

68. Logo ſegue a victoria ſem tardança

|| 5 mes Tou. || 8 .tea (v. *R Ph* em «-eia»)
67 2 da || 4 so || 5 Dum (v. *R Ph* em «Elisão»)
asom. || 6 So .illo (v. 1 80) || 7 .allo || 8 so sesen.

7. o bruto e cego amante] é apposto a «touro».

67 «Abalou entam El Rey á pressa.. e todos com elle,.. e foram ferir nos primeiros tam rijamente, que loguo muitos delles foram derribados.. Hos Mouros achando-se salteados, e conhecendo que aquelle era El Rey D. Affonso.. figurando-se-lhe, que seria muita mais gente, foy ho medo em elles tão grande, que começàram loguo ha fugir.. Tanto que hos de Palmella viram ho desbarato dos seus Mouros.., preitejaram-se com El Rey.. e assi ouve a villa de Palmella» (Du. Galv. 39).

1. mostrado] = mostrando-se, apparecendo.

2. segura] como em II 46, 5; equivale ao «descuidado» da est. precedente.

5. Panico] é adjectivo grego derivado do nome do Deos Pan (e por isso Cam. o escreve com inicial maiuscula), a quem era attribuida a origem dos terrores que sobrevem de repente sem se lhes ver causa adequada.

8. No'mais] A fórma antiga «nom» do adverbio negativo manteve-se ainda na ultima parte do seculo XVI, quando unida proclitica mente a «mais»; mas neste caso perdia a nasalação (como acontece em «co-migo» ao lado de «com-vosco», «co-madre» ao lado de «com-padre»).

68 «Tomando El Rey D. Affonso deste feito [de haver-se D. Fer-

O grão Rei incanſabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja uſança
Era andar ſempre terras conquiſtando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de ſeu deſejo pelejando
Com tanto eſforço e arte e valentia,
Que a fez fazer ás outras companhia.

69. Mas o alto Deos, que pera longe guarda
O caſtigo d'aquelle que o merece,
Ou, pera que ſe emende, ás vezes tarda,
Ou por ſegredos que homem não conhece,
Se atèqui ſempre o forte Rei reſguarda
Dos perigos a que elle ſe offerece,
Agora lhe não deixa ter defeſa
Da maldição da mãi que eſtava preſa.

68 5 .ay || 8 *B* faz aas
69 2 *A* .eçe || 3 emm. aas || 4 *A* .eçe || 5 ate qui || 6 *A* .eçe || 8 mãy

nando, rei de Leão, apartado de sua mulher D. Urraca, filha de D. Aff. Henriques] grande pezar, pòs em sua vontade de hir cerquar Badalhouse, que estava em poder de Mouros, por ser da Conquista del Rey D. Fernando de Liam, e ajuntando suas gentes.. foy poer cerquo sobre ha Villa.. e veyo ha tomala» (Du. Galv. 40). D. Aff. acommetteu Badajoz na primavera de 1169 (A. Herc. *H. de Port.* I 433).

1. a victoria] é compl. objectivo.

3. cuja] Este pronome relativo refere-se a «O grão Rei».

69 «E depois aconteceo ha este Princepe D. Affonso, sendo já Rey, que lhe quebrou huma perna em sahindo pela porta de Badalhouce, e foy prezo del Rei D. Fernando de Lião.. dizendo todos, que lhe acontecera por lho assi maldizer sua mãy (Du. Galv. 6).

3-4. O primeiro «Ou» liga á oração de «pera longe guarda» a de «ás vezes tarda»; o segundo liga «pera que se emende» a «por segredos». «homem» equivalendo a «uma pessoa, a gente» é usual no português antigo; v. Julio Moreira, *Estudos da ling. port.*, I serie, pag. 103-107.

7. ter defesa] cf. «ter resistencia» (III 36).

8. Equivale a: da maldição lançada pela mãe quando estava presa. (D. Teresa fallecera no 1.º de Novembro de 1130).

70. Que eſtando na cidade que cercára,
Cercado nella foi dos Lioneſes,
Porque a conquiſta d'ella lhe tomára,
De Lião ſendo e não dos Portugueſes.
A pertinacia aqui lhe cuſta cara,
Aſſi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas indo acceſo
A' batalha onde foi vencido e preſo.

71. O' famoſo Pompeio, não te pene
De teus feitos illuſtres a ruina,

70 1 *A* :âra ‖ 2 .oy ‖ 3 *A* .âra ‖ 4 Lião ‖ 6 .uy. ‖ 7 ace. (v. 1 5) ‖ 8 Aa .oy
71 1 O *B* pom. .peyo ‖ 2 .yna

---

71 Pars mundi mihi nulla vacat, sed tota tenetur | terra meis, quocumque jacet sub sole, tropaeis. | Hinc me victorem gelidas ad Phasidos undas | Arctos habet; ealida medius mihi eognitus axis | Aegypto atque umbras nusquam flectente Syene. | Occasus mea jura timent, Tethynque fugaeem | qui ferit Hesperius post omnia flumina Baetis. | Me domitus cognovit Arabs, me Marte feroces | Heniochi notique erepto vellere Colchi. | Cappadoces mea signa timent, et dedita sacris | incerti Judaea dei, mollisque Sophene. | Armenios Cilicasque feros Taurosque subegi (Lucano, II 583-594) (FS).

---

70 «..pelo qual El Rey D. Fernando de Liam, veyo contra El Rey ha Badalhouse.. e El Rey [D. Aff.] .. abalou rijo a cavallo, correndo por sahir fòra da Villa.. e aconteeeo que ho eabo do ferrolho nom fiquára bem colhido aho abrir das portas, e ho cavallo, assi eomo hia correndo topou nelle com huma ilharga.. e quebrou ha perna esquerda del Rey.. e nisto ho cavallo que hia ferido... cahio com El Rey.. sobre ha mesma perna, e acabou-se de quebrar de todo, de modo que hos seus nom poderão mais levantalo.. El Rey.. ouve de ser tomado e prezo eom esses que hy eram eom elle.» (Du. Galv., 40; eont. do texto do com. a III 68).

1. Que] serve, eomo em latim *nam*, de introduzir, em novo periodo, o desenvolvimento do pensamento apresentado precedentemente.

7. ferros] i. é, o ferrolho das portas de Badajoz.

71 1-4. Gneo Pompeio (106-48 a. Chr.) depois de uma brilhante

Nem ver que a juſta Nemeſis ordene
Ter teu ſogro de ti victoria dina,
Poſto que o frio Phaſis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a ſombra inclina,
O Bootes gelado e a Linha ardente
Temeſſem o teu nome geralmente;

72. Poſto que a rica Arabia e que os feroces
Heniochos, e Colchos cuja fama
O véo dourado eſtende, e os Cappadoces,

‖ 5 Fa. ‖ 7 gella. li.
72 2 Eniocos Colcos ‖ 3 *A* Veo *B* veo Capa. *A* .oçes

carreira militar, quando se ateou a guerra civil entre elle e Julio Cesar, viu toda a sua gloria eclipsar-se na batalha de Pharsálo, em que foi vencido pelo seu antagonista. Nemesis] era uma divindade grega que velava pela conservação da justa medida das cousas, já buscando equilibrar com reveses o excessivo dos dons da fortuna, já punindo o orgulho gerado pela nimia felicidade. teu sogro] Pompeio fôra casado com Julia, filha de Julio Cesar. dina]=gloriosa. (Gomes Monteiro, na ed. de Biel, cita: Na luz [=dia] que sempre celebrada e dina | Será [x 43]).

5. Phasis] rio da Cólchida (na moderna Russia transcaucasica). Depois da batalha de Nicópolis, (66 a. Chr.) ganha sobre Mithridátes, rei do Ponto, Pompeio levou as suas armas victoriosas aos paises do Caucaso e submetteu os Iberos e os Albanos (v. Duruy, *Hist. des Rom.* cap. xxv). Syene] hoje Assuan, no Egypto, á beira do Nilo. As victorias de Pompeio na Africa foram contra os partidarios de Sulla.

6. Quer dizer: cujos habitantes não fazem sombra no solisticio do verão ao meio dia (são ascios); «.. no tropico de Cancro debaixo do qual está Syene» (P. Nunes, *Trat. da Esph.* cap. 1).

7. O Bootes gelado] V. o com. a 1 21, 6. a Linha ardente]=o Equador.

72 Depois de terminada a campanha do Caucaso, Pompeio annexou ao imperio romano o reino da Syria, cujos verdadeiros senhores, diz Mommsen (*Hist. Rom.* liv. v cap. 4) eram então os Beduinos, os Judeus e os Nabateus (confundidos, estes ultimos, muitas vezes com os Arabes nomadas).

1. Os thesouros da Arabia foram proverbiaes entre os Romanos durante certo tempo; v. o com. a x 102, 3-4.

2-3. Os Heniochos ficavam alêm do Phasis, entre a Cólchida e a lagoa Meotis. Colchos são o povo da Cólchida, onde estava o vello de ouro; v. o com. a 1 18. «veo» é vocabulo erudito; representa, irregularmente, o latim *vellus*. «dourado» por «de ouro» corresponde a *auratus* em: *auratam*

E Judea que hum Deus adora e ama,
E que os molles Sophenos e os atroces
Cilicios com a Armenia que derrama
As agoas dos dous rios cuja fonte
Eſtá noutro mais alto e ſancto monte,

73. E poſto em fim que deſde o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,

‖ 5 o (a corr. é já antiga) *A* .fenos *B* .fénes Atr. ‖ 6 Sil. (a corr. é já antiga) ‖ 7 Ri. ‖ 8 *A* ,tâ Mon.
73 1 desdo (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 2 Ate Sciti.

73 2 Hunc Graia tellus aluit, an Taurus Scythes | Colchusve Phasis? (Sen. *Hip.* 906-907).

optantes Colchis avertere praedam (Catullo, LXIV 5). A Cappadocia era na Asia Menor central. Sobre a accentuação de «Cappadoces» (*Cappadŏces*) v. *R Ph* em «Taprobana».

5-8. A Sophene era um districto da Armenia Maior, limitado ao occidente pelo Euphrates. A Cilicia, região da Asia Menor meridional, era, com a Lycia, a principal acolheita dos piratas que infestavam o Mediterraneo. Encarregado de lhes dar caça, Pompeio «quarenta e nove dias depois de ter apparecido nas agoas do Levante, tinha submettido a Cilicia e posto fim á guerra» (em 67 a. Chr.) (Mommsen, *Hist. Rom.* v, 4). Depois de vencido Mithridates na batalha de Nicópolis, Tigranes, rei da Armenia, submetteu-se a Pompeio. Consoante o *Génesis* (II 10-14), no Paraiso terreal, que segundo uma tradição ficava em um monte altissimo, nascia um rio, que depois se dividia em quatro braços, dois dos quaes eram o Euphrates e o Tigre, a que o Poeta se refere neste lugar (nomeando-os em IV 64): *Ipsi amnes* (o Tigre e o Euphrates) *ex Armeniae montibus profluunt* (Q. Curc. V, 1).

73 1. Atlante (v. 1 20) foi convertido por Perseo (v. Ov. *Met.* IV 626-661) no monte Atlas (ou Atlante, X 156), que deu o seu nome ao *mare Atlanticum*. No anno 77 Pompeio foi mandado como general para a Hispania, contra Sertorio, e aqui esteve até o anno de 71.

2. «Escrevem commumente os Geographos que a natureza formou o corpo da terra com hum espinhaço de montes, que tem origem no que se intitula Tauro, o qual dividindo o mundo com os braços, e ramos que lança, tem differentes nomes, segundo as diversas nações a que se estende» (Fr. Man. dos Anjos, *Hist. Univ.* pag. 68 da 2.ª ed. de 1702). E' na substancia o que diz Plinio: *Taurus mons .. immensus ipse .. numerosis nominibus et novis quacumque incedit insignis, Imaus prima parte dictus, mox Hemodus .. atque ubi se quoque exuperat Caucasus .., a dextra Hyrcanius,*

*

Já vencedor te viſſem, não te eſpante
Se o campo Emathio ſó te vio vencido,
Porque Affonſo verás ſoberbo e ovante
Tudo render, e ſer deſpois rendido.
Aſſi o quis o conſelho alto celeſte
Que vença o ſogro a ti, e o genro a eſte.

74. Tornado o Rei ſublime finalmente
Do divino juizo caſtigado,
Deſpois que em Santarem ſoberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado,
E deſpois que do martyre Vicente
O ſantiſſimo corpo venerado
Do Sacro promontorio conhecido
A' cidade Ulissea foi trazido,

|| 4 so || 5 .ras
74 2 . yzo || 4 vão . oy || 7 sac. || 8 Aa
B .lyss. . oy

Caspius, a laeva .. Scythicus appellatus (*N. H.* v § 97-99) (Cf. vii 18).

Com o pensamento contido nos tres primeiros versos cf.: *is* [Pompeio] *cui se oriens occidensque summiserat* .. (Plin. *N. H.* vii § 112).

4. A Emathia era um districto da Maccdonia, mas os poetas designam com este nome a Macedonia e até a Thessalia (Verg. *Georg.* i 492), onde fica a cidade de Pharsálo.

7. o conselho alto celeste] equivale a «o alto conselho celeste»; a pretensa correcção «alto e celeste» (da ed. de 1613) não tem cabimento. «conselho» = resolução, vontade derivada de uma resolução (*deorum consilio interfectus est* é a versão latina de θεῶν ἰότητι δαμάσθη na *Il.* xix 9).

8. A filha de D. Aff. Henriques, D. Urraca, havia casado em 1165 com Fernando ii, rei de Leão (A. Herc. *H. de Port.* i 428).

74 «Despois de entregar ha terra [que teve de ceder ao rei de Leão].. El Rey D. Fernando ho soltou, e elle tornou pera seu Reyno» (Du. Galv. 40). «Como hos Mouros vierão com Albojame Rey de Sevilha cercar El Rei D. Affonso Anriques em Santarem, e como El Rey sayo ha pelejar com elles, e hos desbaratou, e venceo» (id., summario do cap. 42). Os cap. 43 e 44 tratam de como foi achado e trazido para Lisboa o corpo de S. Vicente.

5-6. S. Vicente é o padroeiro de Lisboa.

7. Sacro promontorio] representa o nome latino do cabo de S. Vicente.

8. Ulissea] V. iii 57.

75. Porque levaſſe avante ſeu deſejo,
Ao forte filho manda o laſſo velho
Que ás terras ſe paſſaſſe de Alentejo
Com gente e co belligero aparelho.
Sancho, de eſforço e de animo ſobejo,
Avante paſſa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co sangue Mauro, barbaro e nefando.

76. E com eſta victoria cobiçoſo
Já não deſcanſa o moço até que veja
Outro eſtrago, como eſte, temeroſo
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso
Sem ver o fim d'aquillo que deſeja;
Aſſi eſtragado o Mouro na vingança
De tantas perdas põe ſua eſperança.

75 3 *A* aas *B* as dal. (v. *R Ph* em «Elisão») || 4 beli. (v. 1 82) || 5 desf. dan. || 7 .ay || 8 *A* mau.
76 2 ate || 8 poem (v. 1 86).

75 «Como El Rey D. Affonso Anriquez ordenou de mandar ho Ifante D. Sancho seu filho ha Alentejo ha guerrear hos Mouros..» (Du. Galv. sum. do cap. 45). «Como ho Ifante D. Sancho peleyjou com hos Mouros de Sevilha.. e do grande vencimento que ouve» (id., sum. do cap. 48). «..em muitas partes se acha escrito aver sido tanta mortindade dos Mouros, feridos, e mortos no rio Guadalquibir, que suas agoas parceiam sangue» (id. 48). D. Sancho só entrou em Triana, no arrabalde da margem direita do Guadalquivir. (A. Herc. *H. de Port.* 1 445-446).

76 «Como hos Mouros forão cerquar Beja, e ho Ifante D. Sancho ho soube, e foy sobre elles ha soccorrella, e da batalha que com elles ouve sobre ella» (Du. Galv. sum. do cap. 49). (Os cap. 50-53 tratam de D. Fuas Roupinho; v. VIII 16-17). O feito de Beja não tem abonação historica.

2. até que veja] = emquanto não vir; é construcção usualissima no português antigo.

7. Ao substantivo «estrago» (do verso 3.º), em latim *clades*, corresponde o verbo «estragar», *cladem inferre*, na passiva «ser estragado», *cladem accipere*.

77. Já ſe ajuntão do monte a quem Meduſa
O corpo fez perder que teve o ceo;
Já vem do promontorio de Ampeluſa
E de Tinge que aſſento foi de Anteo;
O morador de Abyla não ſe eſcuſa,
Que tambem com ſuas armas ſe moveo
Ao ſom da Mauritana e ronca tuba
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

78. Entrava com toda eſta companhia

77 2 Cco || 4 do T. .oy || 5 Abi. || 7 (v. o com.) || 8 .oy

77 V. o texto de R. de Pina no com. á est. seguinte.

1-2. se ajuntão] subent. «Mouros». Tendo Medusa, filha de Phorcys, tido relações amorosas com Neptuno em um templo de Minerva, esta deosa puniu-a convertendo-lhe os cabellos em serpentes, e assim a cabeça de Medusa petrificava os que para ella olhavam, e só valendo-se de um artificio logrou Perseo cortar a cabeça á filha de Phorcys. Foi mostrando-lhe a cabeça de Medusa que Perseo transformou Atlante no monte Atlas; v. o com. a III 73. Segundo uma lenda o ceo repousava sobre este monte (Ov. *Met.* IV 660-661).

teve] = susteve.

3-4. Ampelusia era o nome do cabo de Espartel (ao poente de Tanger). Sobre a fórma «Ampelusa» v. *R Ph* em «Alcino».

Tingis (*Tingi Tinge*) é o nome latino da moderna Tanger. Sendo «Tinge» nome da cidade, Cam. certamente não disse «do Tinge». Esta cidade dizia-se haver sido fundada por Anteo (Pomp. Mela I § 26), que era um gigante, filho de Neptuno e da Terra, e passava por ter sido rei da Mauritania (id. III § 105-106).

5-8. Abyla é o nome antigo do promontorio de Africa fronteiro ao Calpe. rónca tuba] Cf. X 22. A ed. de 1597, escreveu «rouca», por ventura lembrando-se de: *Il rauco suon della tartarea tromba* (Tasso *Ger. lib.* IV 3). Juba] Houve dois principes com este nome: o primeiro, rei da Numidia, auxiliou o partido de Pompeio contra Cesar, e depois da batalha de Thapso pôs termo aos seus dias; o segundo, filho do precedente, e autor de varias obras de geographia e historia, foi restabelecido por Augusto no throno da Numidia, mas posteriormente recebeu a Mauritania em troco da Numidia, que foi reduzida a provincia romana. Naturalmente é ao segundo que o Poeta se refere, e o epitheto «nobre» allude, como é provavel, á fama de que Juba gozava como escriptor.

78 «Estando nisto ho Iſante em Santarem.. ho segundo Miramolim de Marroquos.. determinou fazer loguo guerra ha Portugal; e des-

O Miralmomini em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o ſceptro imperial;
E aſſi fazendo quanto mal podia
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porem não lhe ſuccede muito bem.

79. Dá-lhe combates aſperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro iroſo;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina ſecreta, ariete forçoſo,
Porque o filho de Affonſo, não perdendo
Nada do eſforço e acordo generoſo,

78 3 mou. ‖ 4 cept. Imp. ‖ 7 .ay ‖ 8 *A* soce. *B* socce. (v. 1 44)
79 1 Da ‖ 2 yr. ‖ 4 Ari.

troilo se podesse, para que ajuntou comsiguo das gentes d'áquem, e dálem maar, treze Reys Mouros, e com tanta gente de infieis .. como ateè então .. nunqua outra tanta se vira junta, hos quaes entrarão pela Lusitania, .. e depois de por força tomarem Torres Novas .. com outras Villas, e Castellos de redor em que fizerão muito dano .. viérão cerquar ha Villa de Santarem.» (R. de Pina, *D. Sancho I*, cap. 4.º). Sobre o facto, v. A. Herc. *H. de Port.* 1 452 e segg.

2. «*Emir Elmumenin.* Titulo que os antigos Califas Arabes ajuntavão ao seu nome proprio, e ainda hoje os Reis de Marrocos .. [quer dizer] Imperador dos crentes» (Sousa *Vest. da Ling. Arab.*, em «Miramulim»).

3. de valia] = poderosos.

5-6. O sentido é obscuro. Segundo me parece, Cam. quer dizer que o invasor sarraceno fazendo quanto mal podia, só causava damnos parciaes, por ex. devastando esta ou aquella região, cercando esta ou aquella praça, sem poder pôr em risco a independencia da nação portugueza. «O que» = quem (?).

79 «ho Iſante D. Sancho aguardou e se sosteve sempre nos arrabaldes da Villa em palanques e estancias .. honde por sinquo dias continos foy de combates mortaes assáz afrontado» (Pina, *D. Sancho I*, 4; contin. do texto do com. á est. precedente).

3. trabuco] é a palavra pela qual os nossos escriptores antigos traduziam *balista* (machina de arrojar grandes pedras).

4. arícte] é aportuguesamento de *aríes*, que tambem se traduz por «vaivem».

6. acôrdo] = presença de espirito. generoso] como em 1 74.

Tudo provê com animo e prudencia,
Que em toda a parte ha eſforço e reſiſtencia.

80. Mas o velho, a quem tinhão já obrigado
Os trabalhoſos annos ao ſoſſego,
Eſtando na cidade cujo prado
Enverdecem as agoas do Mondego,
Sabendo como o filho eſtá cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade,
Que não perde a preſteza co a idade.

81. E co a famoſa gente á guerra uſada
Vai ſoccorrer o filho; e aſſi ajuntados
A' Portugueſa furia coſtumada
Em breve os Mouros tem deſbaratados.
A campina, que toda eſtá coalhada

‖ 7 *B* .vè ‖ 8 esffor. *B* .tẽcia
80 2 *A* sose. ‖ 3 Ci. ‖ 5 .tà ‖ 7 Ci.
81 1 *A* â *B* à ‖ 2 *A* vay *B* Vay soco. ‖ 5 .tà qualh. (coalhava: VII 73, coalhavão II 81).

80 «Aho tempo deste cerquo, El Rey D. Affonso Anriquẽs era em Coimbra em idade de noventa annos.. e sabendo da vinda de Miramolím.. aparelhou ha mais gente que pode para que com sua pessoa.. fosse dar loguo ha seu filho soccorro..» (Pina, *D. Sancho I*, 4).

prado] está em sentido collectivo.

6. cego] por não ser alumiado pela fé christã.

81 «Sabendo hos Mouros que El Rey D. Affonso era jáa na Villa de Porto de Moos.. derão seus combates ahos palanques do Ifante, com forças, e pressas dobradas.. e achando nos Christãos.. tanta e tão acordada resistencia desesperarão loguo de cobrar ha Villa.. apareceo El Rey D. Affonso.. pelo qual muy alegres.. sem detença se ajuntaram ha El Rey.. e [o rei] mandou loguo mover as batalhas contra hos Mouros, em que ferirão tam sem medo.. que em pouquas oras forão todos desbaratados e vencidos» (Pina, *D. Sancho I*, 4). V. tambem o texto transcripto no com. á est. seguinte.

2. ajuntados] se, o pae e o filho; corresponde aos ablativos absolutos da grammatica latina.

De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, preſa rica,
De ſeus ſenhores mortos cheia fica.

82. Logo todo o reſtante ſe partio
De Luſitania, poſtos em fúgida;
O Miralmomini ſó não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe eſta victoria permitio
Dão louvores e graças ſem medida,
Que em caſos tão eſtranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos que a gente.

83. De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonſo, Principe ſubido,

‖ 8 *B* mort. chea (v. *R Ph* em «-eia») **82** 3 so fog. (v. II 27, 6) ‖ 4 fogir ‖ 6 Dão **83** 1 .uinfaua (v. III 7). ‖ 2 *B* sob. ‖ 3 *B* .ẽdo

6. variados] = de varias côres.
7. presa rica] é tambem o final de III 53, 2.

82 «.. e Miramolim de tais feridas foy ferido, que em passando ho Tejo dellas morreo .. El Rey, e ho Ifante volverão sobre ho arrayal dos Mouros,.. em que acharão requissimo despojo de muito ouro, e prata, e de tendas, Camelos, Cavalos, armas e infindos cativos com que entrarão na villa .. dando muitas e muy merecidas graças ha nosso Senhor por victoria tão milagrosa» (Pina, *D. Sancho I*, 4). O desfecho da expedição de Iussuf é contado de maneiras differentes pelos historiadores; mas é certo que a final o exercito se retirou fugindo desordenadamente e Iussuf morreu sem chegar á Africa (A. Herc. *H. de Port.* I 456-461).

1-2. postos] é plural ligado a um nome de sentido collectivo («o restante»), como em latim, v. g.: *pars magna nantes* (T. Liv. XXI 27); cf.: a causa de el rei mandar botar esta gente vestidos (Barros I 8, 6). E' pratica inteiramente fóra de uso.

5-6. O sujeito de «Dão» é, pelo contexto, «os Portugueses», a quem se refere tambem o pronome «lhe».

83 2. «achey que [D. Aff. Henriques] viveo noventa e hum annos» (Du. Galv. 56). D. Aff. I quando falleceu, em 1185, devia contar cerca de 76 annos de idade, por isso que o anno do seu nascimento foi provavelmente o de 1109.

Quando, quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagárão seus annos d'este geito
A' triste Libitina seu direito.

84. Os altos promontorios o chorárão,
E dos rios as agoas saudosas
Os semeados campos alagárão
Com lagrimas correndo piadosas.
Mas tanto pelo mundo se alargárão
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarão
"Affonso, Affonso" os echos, mas em vão.

85. Sancho, forte mancebo, que ficára
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exp'rimentára,
Quando o Betis de sangue se tingia
E o barbaro poder desbaratára
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercárão,
Os golpes de seu braço em si provárão,

|| 4 *B* . oy || 5 pali. || 6 mão || 7 . ârão || 8 Aa der. (v. 1 76)
84 1 . arão || 2 *A* do || 3 . arão || 5 . arão || 7 . arão || 8 eccos vão
85 1 *A* . ára || 2 . ay || 3 *A* . âra || 5 *A* . âra || 7 vão *A* . ârão *B* . ârão || 8 *A* . ârão *B* . ârão

3-4. Note-se a antithese, semelhante á de III 73, 6.

8. Libitina] deosa italica da morte. O nome é ás vezes tomado pelos poetas latinos no sentido de «morte» (v. g. em Hor. *Od.* III 30, 7).

84 6. obras valerosas] é tambem o final de I 17, 6.

85 4-6. V. III 75.

7-8. V. III 76.

(E' de notar que tambem Acenheiro no principio da historia de

86. Deſpois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada que paſſava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recóbrar Judea já perdida.

87. Paſſavão a ajudar na ſancta empreſa
O roxo Federico, que moveo
O poderoſo exercito em defeſa
Da cidade onde Chriſto padeceo,
Quando Guidó có a gente em fêde acceſa

86 1 . oy || 2 Au. (v. 1 74) || 5 . oy.
87 5 se. ace. (v. 1 5)

D. Sancho I rememora estes dois feitos do principe português).

86 R. de Pina, na *Chronica de D. Sancho I* (cap. 5-11) trata da tomada de Silves, dando previamente noticia da primeira cruzada e dos acontecimentos que foram causa da terceira. Quando foi a primeira cruzada, fundou-se na Syria um reino christão, de que Balduino, irmão de Godofredo de Bulhão, foi o primeiro rei, e Guido de Lusignan o oitavo. Saladino, sultão do Egypto e da Syria desbaratou em Julho de 1187 na planicie de Tiberiada o exercito christão, aprisionando Guido, e depois de render quasi todas as cidades e fortalezas do reino de Jerusalem, veiu pôr cerco a esta cidade, que teve de capitular em Outubro d'aquelle anno. Este acontecimento deu origem á terceira cruzada (1189-1192), a cuja frente esteve primeiro o imperador de Allemanha, Frederico I, o Barba Roxa. Em 1189 entraram no porto de Lisboa, com 3500 homens de peleja, 36 navios vindos de Allemanha e Flandres, que se haviam reunido em Inglaterra, onde os navios allemães receberam a bordo muitos peregrinos ingleses. Os capitães d'estes navios obrigaram-se a ajudar D. Sancho na tomada de Silves, então capital do Algarve, com a condição de se lhes dar o saco d'aquella opulenta cidade. A armada portuguesa com a flamenga e a allemã largou do Tejo aos 16 de Julho de 1189. Silves rendeu-se no dia 3 de Setembro do mesmo anno. (A. Herc. *H. de Port.* II pag. 30-45). (A chronica impressa de Pina assigna, no cap. 9, á tomada de Silves a data de 1199 por equivoco; mas Acenheiro, no cap. 9 apresenta a data verdadeira. D. Sancho I subiu ao throno em 1185).

87 2. Federico] é pronuncia popular de «Frederico»; cf. «Frandes» em VI 56.

5-8. Referindo-se á jornada de

Ao grande Saladino ſe rendeo
No lugar onde aos Mouros ſobejavão
As agoas que os de Guido deſejavão.

88. Mas a fermoſa armada, que viera
Por contraſte de vento àquella parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em ſerviço vai do ſancto Marte.
Aſſi como a ſeu pai acontecêra
Quando tomou Liſboa, da meſma arte
Do Germano ajudado Silves toma,
E o bravo morador deſtrue e doma.

89. E ſe tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Lionês não conſente eſtar quieta
A terra, uſada aos caſos de Mavorte,
Até que na cerviz ſeu jugo meta
Da ſoberba Tui, que a meſma ſorte

‖ 8 gui.
88 2 aaq. ‖ 4 . ay ‖ 5 . ay . cèra ‖ 6 *B* Lixb.
89 2 . ay ‖ 3 . ones ‖ 5 Ate

Tiberiada, En. Silvio escreve: *Guido rex copias eduxit equitum triginta millium, peditum quadraginta millium, qui facto itinere, cum loco aquarum irriguo castra ponere statuissent, praeventi sunt a Saladini copiis et in loco arido pernoctare coacti. Saladinus id intelligens .. in aurora commisso praelio Christianos siti laborantes et prorsus deficientes in fugam vertit* (pag. 227). O mesmo refere Plátina no *De vitis ..*, pag. 179 da ed. de 1540.

88 4. Marte] com o valor de nome appellativo, equivale a «guerra», como ás vezes *Mars*.

5-7. V. III 57-58.

89 «..e em quanto duraram has treguoas que El Rey D. Sancho poz com hos Mouros, scmpre pela mayor parte do tempo teve guerra com El Rey D. Affonso de Liam, ha que tomou em Gualiza ha cidade de Tuy, e has Villas de Sampayo, e de Lobeo, e Ponte Vedra, e outros Luguares.» (Pina, *D. Sancho I*, 16).

1-2. Sobre a construcção, cf.: *Romae tropaea de Parthis .. sistebantur* (Tac. *Ann.* XV 18).

5. Até que.. meta] V. o com. a III 76.

6. Da soberba Tui] pertence

Vio ter a muitas villas ſuas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

90. Mas entre tantas palmas ſalteado
Da temeroſa morte, fica herdeiro
Hum filho ſeu, de todos eſtimado,
Que foi ſegundo Affonſo e Rei terceiro.
No tempo d'eſte aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal por derradeiro,
Porque de antes os Mouros o tomárão,
Mas agora eſtruidos o pagárão.

91. Morto deſpois Affonſo, lhe ſuccede
Sancho ſegundo, manſo e deſcuidado,
Que tanto em ſeus deſcuidos ſe deſmede,

90 2 erd. (herdci. IV 6, 54) ‖ 4 . oy (Em *B* a tinta não chegou ao *o* de «terceiro») ‖ 5 Mau. ‖ 6 *A* .çere sal ‖ 7 dant. (v. *R Ph* em «Elisão») *A* toma. *B* tomà. ‖ 8 *A* paga. *B* pagà.
91 1 *A* suce.

para «cerviz». O nome da cidade gallega «Tui» está empregado como vocabulo disyllabo e agudo. E' a pronuncia popular na margem esquerda do Minho fronteira àquella cidade, segundo o Dr. J. M. Rodrigues, que é minhoto. (*O Instituto*, 1906, pag. 179).

90 5-8. Alcacer do Sal fôra tomada por D. Aff. I em 1158 (v. III 62); mas perdeu-se depois; a conquista definitiva («por derradeiro») foi em 1217. A cidade rendeu-se sendo-lhe outorgadas as vidas, «e hos outros Mouros, que hos Christãos acharam pelas Aldeas, e Luguares de redor todos, se diz que sem resistencia morreram ha ferro» (Pina, *D. Aff. II*, 8). por derradeiro] é tambem o final de II 12, 7.

91 «[Sancho II] .. na exequução nas cousas da justiça era muito brando .. e por esta sua natural e fraca incrinação, e juntamente com hos maos .. Conselheyros .. e por que nom devidamente se regia ho Reyno de Portugal .. todos os naturaes delle .. durando ho seu Reynado padeceram muitas perdas, e danos incomportaveis.» (Pina, *D. Sancho II*, 1).

2. manso] equivalendo a *mitis*, *mitis ingenii* era antigamente de uso vulgar; «bemaventurados os mansos» é a versão tradicional do «*beati mites*» do Evangelho; ao seu Chrisfal dá D. Maria a qualificação de «manso» na Ecloga de Chr. Falcão, epitheto nesciamente motejado por Costa e Silva no *Ensaio biographico*, I pag. 117.

Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por cauſa dos privados foi privado,
Porque como por elles ſe regia;
Em todos os ſeus vicios conſentia.

92. Não era Sancho, não, tão deſhoneſto
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, e deſpois horrendo inceſto
Com a mãi Agrippina cometia;
Nem tão cruel ás gentes e moleſto,
Que a cidade queimaſſe onde vivia;
Nem tão mao como foi Heliogábalo,
Nem como o molle Rei Sardanapálo.

93. Nem era o povo ſeu tyrannizado

‖ 4 que

92 1 tam deso. (honesta: IX 83) ‖ 4 . ãy . ipina ‖ 5 tam aas ‖ 7 tam . bàlo ‖ 8 mole (v. II 77) *A* . pâlo *B* . pàlo

93 1 tirani.

4. Note-se a antithese ſemelhante á de III 83, 3-4.

5. que outro pede] parece-me querer dizer «que outrem pretende» (cf. IV 7, 2); F S interpreta «*que péde otro Rey mas capaz*».

6. Sobre o equivoco de «privados» = valídos, e «foi privado» v. *R Ph* em «Trocadilhos».

92 2-6. Os actos de Nero, a que o Poeta se refere nos versos 2-4, vem relatados em Suetonio (Nero, 18). O mesmo biographo, segundo a voz do povo, attribue àquelle imperador o grande incendio de Roma do anno 64 (cap. 38).

7. Do imperador romano Heliogábalo (ou Elagabalo) ha uma biographia na *Historia Augusta*. D'elle diz Duruy: *Ainsi est-il resté dans la mémoire des hommes comme le symbole de l'infamie sur le trône* (*Hist. des Rom.* VI pag. 275). Sobre a aeccntuação na penultima syllaba, v. *R Ph* em «Taprobana».

8. molle] = effeminado, como em outros lugares do poema. Sardanapalo (*Sardanapallus*, melhor que *Sardanapalus*) foi, segundo a lenda medo-persica referida por Ctesias o ultimo rei do imperio ninivitico; Justino falla d'elle em 13.

93 1-4. Entre os tyrannos da Sicilia contam-se Thrasybúlo (irmão de Gelon e Hierão) e Phálaris.

Como Sicilia foi de ſeus tyrannos;
Nem tinha, como Phalaris, achado
Genero de tormentos inhumanos;
Mas o Reino, de altivo e coſtumado
A ſenhores em tudo ſoberanos,
A Rei não obedece nem conſente,
Que não for mais que todos excellente.

94. Por eſta cauſa o Reino governou
O Conde Bolonhês, deſpois alçado
Por Rei quando da vida ſe apartou
Seu irmão Sancho, ſempre ao ocio dado.
Eſte, que Affonſo o Bravo ſe chamou,
Deſpois de ter o Reino ſegurado,
Em dilatá-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

95. Da terra dos Algarves, que lhe fôra

‖ 2 .oy .anos ‖ 8 *B* tudo
94 2 .nhcs ‖ 4 yrmão ‖ 5 br. ‖ 7 .alo ‖ 8 tam
95 1 fo.

3-4. V. o com. a III 39.

5-8. Parecc-me que nestes versos ha reminiscencia do lugar de Plinio: *jam nom possumus nisi optimum ferre* (*Panegyr.* 44).

94 1-3. O papa Innocencio IV (1243-1254) depôs D. Sancho do throno em 1245, substituindo-o pelo irmão de D. Sancho, D. Affonso que estava em França casado com Mathilde, viuva de Filippe o Crespo, conde de Bolonha *(Boulogne)*. D. Affonso só tomou o titulo de rei depois do fallecimento de D. Sancho em 1248. «apartar-se da vida» é latinismo,=*ex vita discedere*.

5. O cognome de «Bravo» é dado tradicionalmente a D. Affonso IV; não tendo porêm os cognomes caracter official, Cam. não se julgou impedido de dar aquelle nome a D. Affonso III. (A. Herculano, referindo-se a D. Affonso II, o Gordo, chama-lhe «o Leproso»).

7-8. tão pequeno] pertence para «terreno»; é synchyse de que não fugiam os nossos antigos poetas, tomando exemplo dos poetas latinos, v. g. Vergilio na *En.* I 108-109.

95 «.. he claro e muy notorio que por bem do dito cazamento [celebrado, ainda em vida da condessa Mathilde, com D. Brites, filha natural de Aff. X de Castella], ainda

Em caſamento dada, grande parte
Recupera co braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Eſte de todo fez livre e ſenhora
Luſitania com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra que aos de Luſo coube em ſorte.

96. Eis deſpois vem Dinís, que bem parece
Do bravo Affonſo eſtirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande ſe eſcurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com eſte o Reino proſpero florece
— Alcançada já a paz aurea, divina —
Em conſtituições, leis e coſtumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

97. Fez primeiro em Coimbra exercitar-ſe
O valeroſo officio de Minerva

‖ 3 *A* . pêra *B* . pèra fo. ‖ 7 opri. (opprimidos: IV 47) **96** 1 . nis *A* . eçe ‖ 4 *B* . berdade ‖ 5 *A* . eçe ‖ 8 . ila (v. VI 38)

creceram mais aho Reyno de Portugal, ho Reyno do Alguarve . . » (Pina, *D. Aff. III*, 5).

7. opprimir] = submetter.

96 « . . foy Principe tam liberal: que por todalas terras elle por sua grande nobreza foy de todos muy celebrado, e lembrado. » (Pina, *D. Dinís*, 1).

4. Alexandrina] i. é, de Alexandre Magno, v. Plutarcho na *Vida* respectiva, cap. 39; fallando d'elle diz Q. Curcio: *liberalitas saepe majora tribuentis quam accepta dis petuntur* (x 5). V. tambem *Canc. Gal.* II 248, 21-22.

6. paz aurea, divina] Cf. « paz angelica, dourada » (I 17).

7. costumes] no sentido particular de: costumes de povos civilizados. « constituições, leis e costumes » corresponde a: *jure eam* [*urbem*] *legibusque ac moribus de integro condere parat.* (T. Liv. I 19).

97 « . . fez ho Estudo de Coimbra, que foy ho primeyro de Portugal » (Pina, *D. Dinís*, 32) A Universidade (« Estudo Geral ») foi primeiro instituida em Lisboa, em 1290, e depois transferida para Coimbra.

1. primeiro] = pela primeira vez. Segundo F S « Fez primeiro » equivale a: « foi o primeiro que fez ».

E de Helicona as Muſas fez paſſar-ſe
A piſar do Mondego a fertil erva.
Quanto pode de Athenas deſejar-ſe,
Tudo o ſoberbo Apollo aqui reſerva,
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccaro e do ſempre verde louro.

98. Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, caſtellos mui ſeguros,
E quaſi o Reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas deſpois que a dura Atropos cortou
O fio de ſeus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho, pouco obediente,
Quarto Affonſo, mas forte e excellente.

99. Eſte ſempre as ſoberbas Caſtelhanas

97 4 de (a corr. é já antiga) || 6 .olo || 7 da || 8 Baca.
98 2 .uy || 8 *A* .elẽte

3. Sobre o Hélieon v. o com. a 1 4. A fórma «Elicona», que é a italiana, vem tambem, rimando com «abandona», em Garcilaso (son. 24).

5. Athenas] Em cicero: *illas omnium doctrinarum inventrices Athenas* (*De orat.* 1 4).

8. baecaro] é aportuguesamento de *baccar* ou *bacchar* (segundo Sprengel a *Valeriana celtica* Lin.), planta a que a antiguidade attribuia virtude contra a feitiçaria: *Pastores, hedera crescentem ornate poetam* | .. *aut si ultra placitum laudarit, baccare frontem* | *cingite, ne vati noceat mala lingua futuro* (Verg. *Buc.* VII 25-28; FS). Storck, pensa, e com razão, que em «baccaro-louro» ha trocadilho com «bacalaureato» i. é, «bacharelato».

98 «.. que fazem numero de corenta, e coatro Villas, Castellos, e Fortalezas do Reyno, de que alguũas fez novamente, e outras reformou» (Pina, *D. Diníz* 32).

5. A'tropos] uma das Pareas, v. o com. a 1 34.

7. A revolta de D. Affonso contra seu pae foi originada do ciume que lhe inspirava o valimento de D. Affonso Saneches, filho natural de D. Diníz. D'estas discordias falla Pina na *Chr.* de D. Diníz, cap. 18-25.

99 1-2. Allude-se á guerra de que falla Pina na *Chr.* de

Co peito deſprezou firme e ſereno,
Porque não he das forças Luſitanas
Temer poder maior por mais pequeno.
Mas porem, quando as gentes Mauritanas
A poſſuir o Heſperico terreno
Entrárão pelas terras de Caſtella,
Foi o ſoberbo Affonſo a ſoccorrê-la.

100. Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos Hydaſpicos enchendo,
Nem Attila, que Italia toda eſpanta
Chamando-ſe de Deos açoute horrendo,
Gotica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro eſtupendo

99 6 Esp. ‖ 7 Entra. ‖ 8 .oy socorr. .ella (v. 1 80)
100 1 *B* .àmis ‖ 2 ôs Yd. ‖ 3 Ati. ‖ 5 Gotti.

D. Aff. IV (cap. 34), entre o rei de Portugal e o rei de Castella D. Affonso XI, por causa dos estorvos postos por este ultimo rei ao casamento de D. Pedro, filho do monarcha português, com D. Constança, filha do infante castelhano D. João Manoel.

4. por mais pequeno]=por ser o seu mais pequeno.

5-8. Mas porem]=*sed tamen*, Cam. quer dizer que as hostilidades entre o rei de Portugal e o de Castella não impediram o primeiro de ir em soccorro do segundo. Foi em 1340 que o imperador de Marrocos (Abûl Hassan) realizou a expedição á Peninsula de concerto com o rei de Granada. Hesperico] v. o com. a II 108.

100 V. o texto de Pina no com. a III 109.

1. Semiramis] rainha lendaria da Assyria, que por morte de seu marido Nino governou em lugar de Ninyas, seu filho, que ficára de tenra idade, conquistou a Persia, submetteu o Egypto e grande parte da Ethiopia e fez uma expedição á India (Just. I 1-2. D'esta ultima expedição falla Sabellico em I 1, 6).

Sobre a accentuação na penultima syllaba, v. *R Ph* em «Taprobana».

2. Hydaspicos]=do Hydaspes; v. o com. a I 55, 2.

3-4. Attila] rei dos Hunnos, invadiu o imperio romano occidental no meado do sec. V. «.. *Hinc Attila Paduam, Vicentiam invasit ac diripuit, flagellum se dei vocitans, terrorem populorum* (En. Silv., pag. 153). Os Hunnos pertenciam á raça mongolica; mas em Cam. «gotico» serve de designar em geral os povos barbaros que invadiram o imperio romano, qualquer que fosse a sua raça; cf. com. a III 60, 2-4.

Co poder exceſſivo de Granada
Foi nos campos Tarteſios ajuntada.

101. E vendo o Rei ſublime Caſtelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hiſpano,
Já perdido hũa vez, que a propria morte,
Pedindo ajuda ao forte Luſitano
Lhe mandava a cariſſima conſorte,
Molher de quem a manda, e filha amada
D'aquelle a cujo Reino foi mandada.

102. Entrava a fermoſiſſima Maria
Polos paternais paços ſublimados,
Lindo o geſto, mas fóra de alegria,
E ſeus olhos em lagrimas banhados;
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros eſpalhados;

‖ 8 .oy
101 8 *B* .oy
102 3 fo. ‖ 5 Ang. ‖ 6 *B* hebur.

8. Os geographos antigos fallam de uma cidade com o nome de «Tartesso» ou «Tarteso» situada no litoral da Betica. Segundo Eratosthenes, «Tartessis» era o districto em volta da moderna Gibraltar. O imperador de Marrocos juntou-se com o rei de Granada em Algeciras (na bahia de Gibraltar), e ahi decidiram ambos pôr cerco a Tarifa

101 4. Já perdido hũa vez] quando acabou o imperio visigotico, em 711, com a invasão muçulmana.

6. O rei de Castella saciou de desgostos a filha de D. Aff. IV; mas o epitheto «carissima» é puramente epitheto de ornato, como o é «frio» applicado ao Senegal («do negro Sanagá a corrente fria») em v 7. E' pois impertinencia embicar nelle e suppor, com o Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto*, 1907), que a redacção do Poeta fôra «prestissima consorte» ou «sollicita consorte».

102 «.. [a rainha de Castella, D. Maria] vindo em romaria primeiro a Terena, dahi se veyo loguo á cidade de Evora.. onde el Rey, e a Raynha Dona Beatriz.. a vieram esperar.. e loguo sem mais trespasso a Raynha [D. Maria] com grande humildade, e muitas lagrimas, disse a el Rey o fundamento, esperança, e necessidade com que vinha..» (Pina, *D. Aff. IV*, 56).

*

Diante do pai, ledo que a agaſalha,
Eſtas palavras tais chorando eſpalha:

103. "Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e eſtranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio
Pera vir poſſuir a nobre Heſpanha.
Poder tamanho junto não ſe vio
Deſpois que o falſo mar a terra banha;
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz eſpanto.

104. Aquelle que me déſte por marido,
Por defender ſua terra amedrontada
Co pequeno poder offerecido
Ao duro golpe eſtá da Maura eſpada,
E ſe não for comtigo ſoccorrido,
Ver-me-has d'elle e do Reino ſer privada,
Viuva, e triſte, e poſta em vida eſcura,
Sem marido, ſem Reino, e ſem ventura.

105. Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca ſe congela,

‖ 7 *A* Pay *B* pay
103 4 Esp. (v. III 17) ‖ 6 Mar
104 1 des. ‖ 4 .tà ‖ 5 cont. (v. I 57) soco. ‖ 6 .meas (v. I 64)
105 1 ô ‖ 2 .gella

7. ledo] pertence para a oração relativa, onde é apposto circumstancial; v. *K Ph* em «Transposição».

103 V. o texto de Pina no com. a III 109.

7. ferocidade] no sentido, que tambem tem *ferocitas*, de «bravura que tudo arrosta».

105 1-2. com puro medo] como «com lagrimas de dor, de magoa pura» (v 48); «danadas vontades, nacidas de pura enveja» (Cam., carta 1). O Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto*, 1907) suppõe que «puro medo» é erro typographico por «frio medo», e allega a elegia IV e a X (frio medo) e os

Rompe toda a tardança, acude cedo
A' miſeranda gente de Caſtella.
Se eſſe geſto que moſtras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor aſſella,
Acude e corre, pai, que ſe não corres,
Pode ſer que não aches quem ſoccorres."

106. Não de outra ſorte a timida Maria
Fallando eſtá, que a triſte Venus quando
A Jupiter, ſeu pai, favor pedia
Pera Eneas, ſeu filho, navegando,
Que a tanta piedade o commovia,
Que, caido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Peſando-lhe do pouco que lhe pede.

107. Mas já cos eſquadrões da gente armada
Os Eborenſes campos vão coalhados;

‖ 4 Aa ‖ 6 .ay ‖ 7 .ay ‖ 8 soco.
106 1 Não ‖ 3 .ay ‖ 5 como. (v. *R Ph* em «immigo» ‖ 6 ray.
107 2 vão qualha. (v. III 81)

---

105 3 Rumpe moras omnis (Verg. *En.* IX 13) (FS)

Lus. IV 21 (o temor frio), como se Cam. tivesse feito voto de adjectivar sempre da mesma maneira! Muluca] (em Plin. V § 19 e Pomp. Mela I § 25 e 29: *Mulucha*) rio da Africa septentrional, que estremava a Mauritania Cesariense da Tingitana.

8. soccorres] é indicativo, irregularmente, em lugar do conjunctivo, por necessidade da rima, da mesma maneira que em II 111, 3. (FS entende, menos acertadamente, que «soccorres» equivale a «*nunca faltaste con tu socorro*»).

106 V. Verg. *En.* I 227-296.

1-2 «que» depois de «outro» (correspondendo a *quam* depois de *non alius*, *non aliter*) é desusado actualmente.

5. Na referencia do pronome «Que» a «Venus», que está no 2.º verso, não deixa de haver dureza de construcção.

107 A entrevista de D. Maria com o pae foi em Evora (v. o com. a III 102). Cam., simplificando, como em outros casos, a narrativa

Luſtra co Sol o arnês, a lança, a eſpada;
Vão rinchando os cavallos jaezados;
A canora trombeta embandeirada
Os corações á paz acoſtumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Polas concavidades retumbando.

108. Entre todos no meio ſe ſublima,
Das inſignias Reais acompanhado,
O valeroſo Affonſo, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E ſòmente co geſto eſforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Aſſi entra nas terras de Caſtella
Com a filha gentil, Rainha d'ella.

109. Juntos os dous Affonſos finalmente

‖ 3 .nes ‖ 6 aa ‖ 7 Vay *A* às ‖ 8 *B* Pelas
108 5 som.

---

108 4 victorque viros supereminet omnis (Verg. *En.* VI 856) (FS). Ipse inter primos praestanti corpore Turnus | vertitur arma tenens et toto vertice supra est (id. ibd. VIII, 783-784) (FS).

(v. o com. á est. seguinte), repreſenta D. Aff. IV partindo de Evora com as suas forças.

3. Lustra] como em II 93.

6. V. III 96, 5-8.

108 «.. el rey de Castella .. veyo a Xeres de Badajos, e dahi a Olivença .. porque el Rei de Portugal .. o veyo esperar em Jerumenha». (Pina, *D. Aff. IV*, 56). Depois da entrevista D. Aff. de Castella foi para Sevilha e D. Aff. de Portugal tornou a Elvas «.. e de Elvas el rey de Portugal com a Raynha D. Maria sua filha, se passaram loguo a Badajos onde recolhidas suas gentes .. seguiram tambem o caminho de Sevilha ..» (Pina, *D. Aff. IV*, 56).

109 «E com esta determinação partiram loguo os Reys de Sevilha .. e Domingo vinte, e sete dias do mes de Outubro chegarão a Pena do Servo, donde os espantozos Arrayais dos Mouros jà pareciam sobre Tarifa» (Pina, *D. Aff. IV*, 57). «.. os Reys de Portugal, e Castella .. loguo virão as muytas, e grandes hazes dos Reys Mouros,

Nos campos de Tariſa eſtão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem ſão pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de deſconfiança não ſe afronte,
Em quanto não conheça e claro veja
Que co braço dos ſeus Chriſto peleja.

110. Eſtão de Agar os netos quaſi rindo
Do poder dos Chriſtãos fraco e pequeno,
As terras como ſuas repartindo
Ante mão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falſo poſſuindo
Eſtá o famoſo nome Sarraceno;
Aſſi tambem com falſa conta e nua
A' nobre terra alheia chamão ſua.

109 4 sam ‖ 5 tam p.
110 1 casi (quasi: I 10; III 98; IV 20, 26, 92; V 57; VI 6, 75; VII 19; VIII 34, 97; IX 88) ‖ 4 mão *B* ante o ex. ‖ 6 .tà ‖ 8 Aa .ea (v. *R Ph* em «-eia»)

em que avia tantas e tam desvairadas gentes que parecia que em todas as partes de Asia, de Afriqua não podia auer tantos..» (id. ibd. 59).

2. Nos campos de Tarifa] pertence para «estão defronte» e não para «Juntos».

3. cega] como em III 80, 6.

4. campo e monte] é expressão proverbial.

110 «[O rei de Granada] *Dixo contra sus paganos:* | *Non temades de morir,* | *Muy pocos son los Xristianos,* | *Non nos podrán sofrir.*» (*Poema de Alf. Onceno*, quadra 1647, no vol. 57 da Collecção de Rivadeneyra). «alem dos Mouros que foram apurados pera esta passagem ainda passaram mais por suas vontades cem mil, outros que vinham com suas casas, molheres, e filhos pera logo morarem, e aproveitarem as terras, e Cidades de Espanha, que Alibohacem lhe tinha prometidas». (Pina, *D. Aff. IV*, 59).

1. Sobre a pronuncia de «quasi» v. *R Ph* em «grandiloco».

5-6. O nome de «Sarracenos», que os autores christãos da Idade Media estenderam a todos os Arabes e que posteriormente se applicou aos mahometanos em geral, era originariamente o de uma tribu arabe. Suppondo que «Sarraceno» quer dizer «descendente de Sara (ou Sarra, v. III 140)» mulher de Abrahão, entende Cam., que tal nome não podem ter os que, segundo a tradição, descendem de Agar, escrava de Abrahão.

7. nua]=vã.

111. Qual o membrudo e bárbaro gigante,
Do Rei Saul com cauſa tão temido,
Vendo o paſtor inerme eſtar diante
Só de pedras e eſforço apercebido,
Com palavras ſoberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal veſtido,
Que rodeando a funda o deſengana
Quanto mais pode a Fé que a força humana:

112. D'eſta arte o Mouro perfido deſpreza
O poder dos Chriſtãos e não entende
Que eſtá ajudado da alta fortaleza
A quem o Inferno horrifico ſe rende.
Co ella o Caſtelhano, e com deſtreza,
De Marrocos o Rei comete e offende;
O Português, que tudo eſtima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

113. Eis as lanças e eſpadas retinião
Por cima dos arneſes — bravo eſtrago! —

111 1 Gi. || 2 tam || 3 Pas. || 4 So || 5 *B* e arr. || 8 *A* Fê *B* Fè
112 3 *A* .tà || 7 .gues
113 1 rete. (v. 11 90) || 2 (sem parenth.)

111 Falla-se do duello do paſtor David com o gigante Golias, mencionado na Biblia (1 *Reis* 17).

7. A oração relativa tem sentido adversativo.

112 «E neste Domingo.. e nos dias passados se diz que faziam tam grandes nevoas, e tamanha escuridam do ar, que fazia grande espanto e temor aos Christãos.. ao que el Rey de Portugal socorreo.. interpretando tudo á graça e ajuda de Deos, que avia de ser com elle, e assim foi que á segunda feira seguinte da batalha, foy o dia claro e muy resplandecente». Pina, *D. Aff. IV*, 58). «.. [os dois Affonsos] acordarão que el Rey de Castella comettesse e fosse com suas hazes contra el Rey de Marroquos que estaua ao longo do mar, e que contra o de Gràda [=Granada] que estaua da banda da serra, fosse el Rey de Portugal» (id., ibd. 58).

5. ella] sc. a alta fortaleza (=o Ceo) (do 3.º verso).

Chamão, ſegundo as leis que ali ſeguião,
Huns Mafamede, e os outros Sanctiago.
Os feridos com grita o ceo ferião,
Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,
Onde outros meios mortos ſe afogavão,
Quando do ferro as vidas eſcapavão.

114. Com eſforço tamanho eſtrue e mata
O Luſo ao Granadil, que em pouco eſpaço
Totalmente o poder lhe deſbarata,
Sem lhe valer defeſa ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço
Vai ajudar ao bravo Caſtelhano,
Que pelejando eſtá co Mauritano.

115. Já ſe hia o Sol ardente recolhendo
Pera a caſa de Tethys, e inclinado

‖ 3 .amão ‖ 4 Hũs ‖ 5 *A* o Ceo *B* ao Ceo (o *a* deve ser repetição do *a* final de «grita»)
114 5 tam ‖ 7 .ay ‖ 8 *B* .tà
115 2 Thetis *B* incliado

---

113 6 en bruto lago de su sangre. .rebolcavan (Garcil. *egl.* II, pag. 507 da ed. de 1580) (FS).

113 6. bruto] no sentido de *foedus*, em italiano «brutto».

114 2. em pouco espaço] é tambem o final de III 56, 2.

4. defesa] designa em particular o escudo, cf.: Não lhe valeo escudo ou peito de aço (Cam., eleg. «Que tristes novas..»).

7. Das fontes conhecidas parece não constar o que o Poeta refere neste verso, que é onde assenta, no meu entender, a noticia semelhante dada por Fr. Rafael de Jesus, autor inteiramente destituido de critica, na Parte VII da *Mon. Lus.* (liv. IX cap. II).

115 «..da hora de terça em que começarão de peleijar ate vespora que durou a batalha..» (Pina, *D. Aff. IV*, 59).

1-4. a casa de Tethys] = o oceano; v. o com. a I 16. e inclinado..] A ordem grammatical, segundo indica a pontuação que empreguei, é: e o claro dia memorado estava inclinado pera o Ponente,

Pera o Ponente, o Veſpero trazendo,
Eſtava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis deſbaratado
Com tanta mortindade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

116. Não matou a quarta parte o forte Mario

‖ 3 ves. ‖ 5 *B* Quã. Mau. (a corr. é já antiga; como subst. Cam. diz sempre «Mouro»; como adj. «Mauro») *A* horẽdo *B* horrẽdo ‖ 8 tam gram

116 1 Não

trazendo o Vespero. Com a expressão «inclinado pera o Ponente estava o dia» cf.: *inclinato jam in postmeridianum tempus die* (Cic. *Tusc.* III 3); *Considera, quod dies ad occasum declivior sit* (*Juizes* XIX 9). FS entendeu mal e traduziu: *i el Vespero.. estava trayendo, inclinado para el Poniente, el claro dia memorado,* e mais adiante: *i inclinado para el Poniente el Vespero, estava trazendo el claro i memorable dia.* Do mesmo modo errado que FS, entende este lugar o Dr. J. M. Rodrigues, embora com maior apparato de erudição descabida. Pensa (*O Instituto,* 1907) que o Poeta «fez aqui uso de um proverbio latino, não muito vulgarisado» (*Nescis, quid vesper serus vehat,* titulo de uma satira Menippea de Varrão, em T. Livio [XLV 8]: *cum, quid vesper ferat, incertum sit*), e «quis dizer.. que o sol já se approximava do occaso e que o vespero (isto é, o planeta Venus..) inclinado para o poente (o *vesper serus* do adagio latino), trazia (*vehebat*) um dia celebre, um dia memorado nos annaes da christandade e sobretudo nos da Espanha». O proverbio latino, citado por Otto em *Die Sprichwörter d. Römer,* ao qual corresponde o nosso prologuio, menos emphatico, «Ninguem pode contar com o dia de amanhã», não tem aqui evidentemente lugar. O erro da interpretação provêm de considerar-se «o Vespero» sujeito, quando elle é compl. objectivo, com a mesma collocação que se vê em «a pedra, o pao, e o canto arremessando» (I 91). (A pag. 311 o Dr. J. M. Rodrigues parecc que propõc quc sc leia «um claro dia»).

7-8. «e dos Mouros segundo despois se soube.. morreriam coatrocentos e sincoenta mil», «e nam se acha em escriptura da ley uelha, e noua, quc em huma batalha fosse tanta gentc morta nem captiua» (id., ibd. 59). mortindade] é fórma antiga, como «orfindade» (III 125). Com «a memoria nunca.. vio tão grão victoria» cf.: *quod.. in omni memoria sit omnino inauditum* (Cic. *In Vatin.* § 33).

Esta batalha é conhecida pelo nome de «batalha do Salado» (riacho quc desagoa no mar) e foi dada segundo Lafuente (*Hist. gener. de España,* Parte II liv. III) aos 30 de Outubro de 1340.

116 1-4. Falla-se da batalha de *Aquae Sextiae* (hoje Aix, na

Dos que morrêrão neſte vencimento,
Quando as agoas co ſangue do adverſario
Fez beber ao exercito ſedento;
Nem o Peno, aſperriſſimo contrario
Do Romano poder de naſcimento,
Quando tantos matou da illuſtre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

117. E ſe tu tantas almas ſó podeſte
Mandar ao Reino eſcuro de Cocyto,

‖ 2 morre.
117 1 so. ‖ 2 .cito

Provença, em 102 a. Chr., na qual o consul Caio Mario aniquilou os Teutões e os Ambrões. Plutarcho diz que dos inimigos dos Romanos ficaram mortos ou prisioneiros para cima de cem mil homens (*Vida de Mario* cap. 21). Em Floro lê-se: *Vallem fluviumque medium hostes tenebant, nostris aquarum nulla copia.. Itaque.. ea caedes hostium fuit, ut victor Romanus cruento flumine non plus aquae biberit quam sanguinis barbarorum* (I 38). O riacho de que Floro falla, tem hoje o nome de «Arc» e desagoa no *E'tang de Berre* (C. Alexandre em nota á sua versão francesa da *Röm. Gesch.* de Mommsen).

5-8. Falla-se da batalha de Cannas (*Cannae* na Apulia, v. IV 20), em 216 a. Chr., em que o general carthaginês Hannibal alcançou uma victoria estrondosa do consul Varrão (T. Liv. XXII 45-49). Relativamente ao numero dos mortos T. Livio escreve: *Quadraginta quinque milia quingenti pedites, duo milia septingenti equites, et tanta prope civium sociorumque pars caesi dicuntur.* Em Eutropio lê-se: [Hannibal] *tres modios anulorum aureorum Carthaginem misit, quos ex manibus equitum Romanorum, senatorum et militum detraxerat,* (III 11). «Peno» é aportuguesamento de *Poenus* = Carthaginês. «de nascimento» pertence para «contrario», equivalendo «contrario de nascimento» a «adversario nato»; cf. «cruel de nascimento» (III 126). «alqueire» é traducção tradicional de *modius:* mas verdadeiramente o modio romano media 8,75 litros, e o alqueire equivalia (na medida de Lisboa) a 13,8 litros.

117 No anno 70 d. Chr., Tito, o futuro imperador romano, tomou e destruiu Jerusalem, «a sancta cidade» do judaismo, depois de um cerco de cinco meses (v. Duruy *Hist. des Rom.* IV pag. 164-168). Orosio, fallando d'este feito militar, diz: *sexcenta milia Judaeorum eo bello interfecta Cornelius et Suetonius referunt; Iosephus vero Judaeus.. scribit undecies centena milia gladio et fame perisse* (*Hist.* VII 9).

2. Cocyto] era um dos rios dos Infernos. «de Cocyto» (sem artigo) como «de Acheronte» (I 51).

Quando a ſancta Cidade deſſizeſte
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permiſſão e vingança foi celeſte
E não força de braço, ó nobre Tito,
Que aſſi dos Vates foi prophetizado
E deſpois por Jeſu certificado.

118. Paſſada eſta tão proſpera victoria,
Tornado Affonſo á Luſitana terra
A ſe lograr da paz com tanta gloria,
Quanta ſoube ganhar na dura guerra,
O caſo triſte e dino da memoria
Que do ſepulchro os homens defenterra

‖ 5 .issam .oy ‖ 6 o ‖ 7 .oy profe. (prophecia: VI 36, IX 86; propheta: VI 20, VII 69, X 119) ‖ 8 *B* de Ie.
118 2 aa ‖ 6 .mẽs

4. pertinaz] em máo sentido. A fidelidade dos Judeus á sua religião era considerada teimosia pelos christãos; Diogo de Teive, elogiando D. João III por ter introduzido a Inquisição, tem estas palavras: *caecitate ac pertinacia Iudaica* (*Opusc. aliquot*, 1558, pag. 35). rito] em sentido lato, como em: *et antiquum documentum | novo cedat ritui*, no conhecido hymno da Igreja.

7. Refere-se a Daniel (IX 26) e a Zacharias (XIV 2) (FS).

8. Refere-se a S. Mattheus (XXIV 1-2) (FS).

Com as est. 116 e 117 cf.: *Nin Pepinos, rey de Françia | Con la su caualleria, | Non fiso mayor matança, | De la que fue aquel dia.* (*Poema de Alf. Onc.*, copla 1773).

118 A historia dos acontecimentos que tiveram por epilogo a morte de D. Inês de Castro, vem em Pina, *D. Aff. IV*, cap. 64, fonte da bem ordenada exposição de Pinheiro Chagas na *Hist. de Portugal*, vol. I pag. 366-379. Segundo Gama Barros, na *Hist. da admin. publ.* (II pag. 258), o facto do assassinio pode presumir-se não ser anterior a 1353.

1. prospera victoria] é tambem o segundo hemistichio de I, 13, 6.

5-6. «a memoria que do sepulchro os homens desenterra» é a Fama, como bem interpreta FS, que vê neste passo uma reminiscencia de: *Vidi da l'altra parte giunger quella | Che trae l'uom del sepolcro, e'n vita il serba* (a Fama) (*Tr. d. Fama*, I). Muitos editores, entre elles A. Coelho, consideram «da» erro typographico, por «de». Nesta supposição alguns commentadores e traductores referem o pronome «que» a «caso», dando porêm interpretações divergentes, a meu ver, inacceitaveis. Macedo traduz: *Ille atrox toto memorabilis orbe, | Qui potis* [=*potest*] *ex imo Manes excire sepulchro, | Exstitit*

Aconteceo da miſera e mezquinha
Que deſpois de ſer morta foi Rainha.

119. Tu ſó, tu, puro amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Déſte cauſa á moleſta morte ſua,
Como ſe fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a ſêde tua
Nem com lagrimas triſtes ſe mitiga,
He porque queres, aſpero e tyrrano,
Tuas aras banhar em ſangue humano.

‖ 8 .oy

119 1 so *A* Am. (com *A*, fallando do sentimento, tambem em II 37, III 1) ‖ 3 Des. aa ‖ 4 fo. ‖ 5 sed. ‖ 7 E por tirano

---

118 7 Donne e donzelle misere e meschine (B. Tasso, *L'Amadigi* III 19) (FS).

eventus; e Storck: .. *Als grause That und ewig denkenswerthe,* | *Die selbst Gestorbene schreckt aus ihrem Grab.* G. de Amorim pensa que o Poeta allude a ter D. Pedro mandado desenterrar D. Inês para lhe serem prestadas honras de rainha.

8. «..desta Dona Ines de Castro, que despois de sua morte foy auida, e sepultada por Raynha de Portugal» (Pina, *D. Aff. IV*, 61). «E mandou [D. Pedro] fazer huum muimento .., todo muj sotillmente obrado, poemdo emlevada sobre a campãa de cima a imagem della [D. Inês] com coroa na cabeça, como se fora Rainha» (F. Lopes, *D. Pedro*, 44).

119 1. tu, puro amor] é a paixão do amor (e por isso deve ir com inicial minuscula); o geral dos traductores porêm entende que se falla do deos do amor (como no 5.º verso); mas em tal caso o epitheto «puro» não parece que seja adequado — se bem que Storck traduza «du keuscher Amor» —, sendo por tal razão substituido, em traducções, por, v. g., *crudelis et horride* (Fr. Thomé de Faria), *improbe* (A. J. Viale, *O episodio .. paraphraseado em v. latinos*), *perfide* (o francês Garin).

2. Cf.: Elle [«o moço cego» Amor] que os corações obriga a tanto (Cam., son. «Senhor João Lopes ..»).

4. perfida inimiga] sc. tua. O final de I 92, 8 é: «perfida, inimiga», e «perfido inimigo» o de I 71, 7.

5-6. E' allusão a: *Nec lacrimis crudelis Amor nec gramina rivis* | *nec cytiso saturantur apes* .. (Verg. *Buc.* x 29-30; FS).

8. Cf. «Que Amor não quer cordeiros nem bezerros» (Cam., son. «Em prisões baixas ..»).

120. Eſtavas, linda Inês, poſta em ſoſſego,
De teus annos colhendo doce fruito
Naquelle engano da alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos ſaudoſos campos do Mondego,
De teus fermoſos olhos nunca enxuito,
Aos montes enſinando e ás ervinhas
O nome que no peito eſcripto tinhas.

121. Do teu Principe ali te reſpondião

120 1 .nes sose. || 2 .oçe .ucto (fruito: IX 56; a corr. é já antiga) || 6 .xuto (a corr. é já antiga) || 7 ins. (v. II 70) *A* âs *B* às

---

120 7-8 formosam resonare doces Amaryllida silvas (Vcrg. *Buc.* I 5) (FS).

---

120 D. Inês, da poderosissima familia castelhana dos Castros, veiu para Portugal acompanhando D. Constança, noiva do herdeiro presumptivo da coroa de D. Aff. IV. O infante D. Pedro cnamorou-se loucamente de D. Inês, de quem houve filhos ainda em vida dc D. Constança. Depois da morte d'esta princesa (em 1345), contrahiu matrimonio clandestino com a amante, se é verdade o que elle solemnemente declarou, produzindo testemunhas, depois de suhir ao throno.

1. posta em sossegol=sossegada, *secura* (longe de pensar na desventura imminente). A locução «pôr em sossego» já veiu em II 43.

2. «colher fruito» equivale a «gozar» (*frui*). «fruito» está em sentido abstracto como em *fructum oculis.. capere* (Corn. Nep. *Eumen.* 10) «De teus annos [juvenis]» quer dizer: dos prazeres do amor, proprios da idade juvenil. Acode á lembrança o lugar dc T. Livio no encantador episodio de Allucio: *..quia ipse, si frui liceret ludo aetatis, praesertim in recto et legitimo amore,..* (XXVI 50). A reducção de *ui* a *u* em «fruito» e «enxuito» já existia na lingoagem popular do tempo de Cam.; mas neste lugar, a rima com «muito» mostra que só por distracção o Poeta podia ter escripto «fructo»).

5. Nos saudosos campos] pertence para «ensinando».

6. enxuito] refere-se perfeitamente a «Mondego»; este adjectivo tem sentido amplo, assim Ant. Prestes disse «bolsa enxuta» da que não tem dinheiro (*Auto do Proc.*). As lagrimas de D. Inês eram de saudade pela ausencia de D. Pedro.

7-8. Cf.: E agora em som de voz suave e terso | Está seu nome aos echos ensinando (Cam., ecl. «A rustica contenda..»).

121 1-2. te respondião] em lugar de «respondiam (isto é, cor-

As lembranças que na alma lhe moravão,
Que ſempre ante ſeus olhos te trazião,
Quando dos teus fermoſos ſe apartavão,
De noite em doces ſonhos que mentião,
De dia em penſamentos que voavão;
E quanto em fim cuidava e quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

122. De outras bellas ſenhoras e Princeſas
Os deſejados thálamos engeita,
Que tudo em fim, tu, puro amor, deſprezas,
Quando hum geſto ſuave te ſugeita.
Vendo eſtas namoradas eſtranhezas
O velho pai ſeſudo, que reſpeita
O murmurar do povo, e a phantaſia
Do filho, que caſar-se não queria,

123. Tirar Inês ao mundo determina,

121 2 .auão ‖ 4 .auão ‖ 5 .ções ‖ 6 .auão ‖ 8 Eram
122 2 *A* tâl. *B* tàl. ‖ 4 sog. (v. 1 31) ‖ 6 .ay ‖ 7 fant.
123 1 .nes

respondiam, como *respondere*) ás tuas lembranças» é expressão abreviada, semelhante a «excedem Rodamonte» em I 11. O Dr. J. M. Rodrigues (*O Instituto*, 1907, n.º de Agosto), não entendendo o dizer do Poeta, moldado na lingoa latina, e pensando que «Evidentemente é a palavra *respondiam* a responsavel pela obscuridade deste lugar», suppõe que L. de Camões escreveu «ali buscar-te iam», abjudicando-lhe assim um conceito poetico para lhe attribuir uma semsaboria.

«morar» no sentido figurado de «estar permanentemente» (em latim *habitare*).

3-4. se apartavão] tem por sujeito «seus olhos», que se subentende.

5-6. «em sonhos», e «em pensamentos» pertencem para «te trazião».

122 5. «namorado»=de amores, relativo a amores, tambem no *Crisfal*, cst. 45.

6. «respeitar» na accepção: de attender a, fazer caso de, ter attenção a (*respicere*). E' locução synonyma «ter respeito a» (III 127).

7. phantasia] era outrora corrente na accepção de: vontade ou desejo que não parece fundado em razão,=capricho, como hoje se diz.

Por lhe tirar o filho que tem preſo,
Crendo co ſangue ſó da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceſo.
Que furor conſentiu que a eſpada fina
Que pôde ſuſtentar o grande peſo
Do furor Mauro, foſſe alevantada
Contra hũa fraca dama delicada?

124. Trazião-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falſas e ferozes
Razões á morte crua o perſuade.
Ella com triſtes e piedoſas vozes,
Saidas ſó da magoa e ſaudade
Do ſeu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava,

125. Pera o ceo cryſtallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedoſos,

‖ 3 *A* sô *B* so ‖ 4 .ace (v. 1 5) ‖ 6 po.
124 1 *A* .zião a os *B* .ziam aos (perseguem no: IV 34; seguem no: IV 43; curão no: IX 33; a corr. é já antiga) ‖ 4 aa ‖ 5 *B* pia. ‖ 6 *A* sô *B* so
125 1 Ceo cristali. ‖ 2 *B* piad.

123 5. furor] aqui no sentido de «loucura» como o lat. *furor*.

124 3-4. Os conselheiros de D. Aff. ponderavam-lhe que a crescente influencia dos parentes de D. Inês podia originar perturbações politicas e pôr em perigo a independencia do país no futuro reinado, e que até o legitimo herdeiro, o filho de D. Constança, poderia ser victima das ambições d'aquelles que desejassem ver sentado no throno de Portugal um filho de D. Inês.

8. Que]=o que.

125 «..e emtrãdo Ell Rey no Moesteiro, ella com muita piedade com dous netos meninos, transfegurada da morte, se pôs em geolhos amte, e dixe: *Senhor, porque me querês matar sem causa? voso filho he Principe a quem eu não podia, nem posso registir, havê piedade de mym que sam molher; não me matês sem cauza; e senão avês pyedade de mym, havê piedade destes vosos netos, samge voso..*» (Accnheiro, cap. 15).

Os olhos, porque as mãos lhe eſtava atando
Hum dos duros miniſtros riguroſos,
E deſpois nos mininos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimoſos,
Cuja orfindade como mãi temia,
Pera o avô cruel affi dizia:

126. "Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de naſcimento,
E nas aves agreſtes, que ſòmente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piadoſo ſentimento,
Como co a mãi de Nino já moſtrárão
E cos irmãos que Roma edificárão;

‖ 6 tam tam ‖ 7 . ãy
126 3 som. ‖ 5 *B* criau. ‖ 6 tam ‖ 7 . ãy *A* . ârão *B* . àrão ‖ 8 yr. . ficà.

---

125 2-3 ad caelum tendens ardentia lumina frustra, | lumina, nam teneras arcebant vincula palmas (Verg. *En.* II 405-406) (FS).

126 1. mente] por indole, condição; é latinismo: *Caci mens effera* (Verg. *En.* VIII 205).

2. de nascimento] Cf. III 116.

4. A locução «ter o intento (=a mira) em uma cousa» vem tambem em VII 76.

7-8. a mãi de Nino] designa aqui Semiramis. O filho de Semiramis, segundo a tradição mais vulgar, chamava-se Ninyas (v. o com. a III 100); mas neste lugar Cam. segue Boccaccio que diz: *Haec* [Semiramis] *quidem Nino Assyriorum regi egregio nupsit, et ex eo Ninum patrio nomine filium peperit unicum* (*De cl. mul.*, 2). Da criação d'esta lendaria rainha da Assyria escreve R. Textor: *Derceto .. natam mox puellam in deserta exposuit sylua, volucrosa quidem et referta multis auibus, quae Semiramidem ipsam nutrierunt* (*Off.* pag. 187). Do que o Poeta diz nos versos 3-4 deprehende-se que não tinha em vista a tradição, consignada em Diodoro Siculo (II 4, 4), de que Semiramis foi criada por pombas.

8. Romulo e Remo, segundo uma lenda conhecidissima, foram amamentados por uma loba. (T. Liv. I 4).

Semelhantes reminiscencias litterarias em um momento tão angustioso, por muito que escandalizem

127. O' tu, que tens de humano o geſto e o peito
—Se de humano he matar hũa donzella
Fraca e ſem força, ſó por ter ſugeito
O coração a quem ſoube vencê-la—,
A eſtas criancinhas tem reſpeito,
Pois o não tens á morte eſcura d'ella;
Mova-te a piedade ſua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

128. E ſe vencendo a Maura reſiſtencia
A morte ſabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro;
Mas ſe t'o aſſi merece eſta innocencia,
Põe-me em perpetuo e miſero deſterro,
Na Scythia fria ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

127 1 O tẽs || 3 so subj. (suj.: VII 53; sug.: III 11) || 4 . cella (v. I 80) || 5 *A* . çinhas || 6 tẽs aa
128 4 *A* . dela *B* . della || 5 inoc. (v. *R Ph* cm «immigo») || 6 Poem (v. I 86) || 7 Sciti. la Lybi.

o sentimento esthetico moderno, nada estranho tinham para os contemporaneos do Poeta—haja vista a scena 1.ª do 5.º acto do *Hamlet* de Shakespeare.

127 1. humano] substantivamente, = ser humano.

2. Se] = se todavia.

3. Fraca e sem força] «*Flaca por el sugeto de mujer; sin fuerça, porque no tenia quien acudiesse por ella*» diz FS; eu porêm vejo aqui a figura de rhetorica pela qual um conceito é expresso, para maior emphase, duplamente, em fórma positiva e em fórma negativa (v. um ex. na *Iliada* III 59); cf. II 76, 2; VIII 75, 2; X 144, 2; 148, 8.

7. a piedade sua e minha] = a piedade [a compaixão] d'ellas e de mim; é latinismo; cf. *fiducia tua* por «confiança em ti» (v. Madvig *Gr. lat.* § 297, *b, obs. 1.ª*).

8. a culpa que não tinha] = a ausencia de culpa da minha parte, o eu não ter tido culpa (em ter sido vencida; v. o verso 4.º); é maneira de dizer do mesmo genero que «vingança de Trancoso destruida» (III 64), só com a differença de ser o participio substituido por uma oração relativa; cf. VIII 19, 3.

128 6-8. Cam. estava-se lembrando de Hor. *Od.* I 22, 17-24 (*Pone me* etc.) (FS). Poem] V. I 86, 8.

O clyma da Scythia tinha entre os antigos a mesma reputação que

129. Põe-me onde ſe uſe toda a feridade,
Entre liões e tigres, e verei
Se nelles achar poſſo a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Ali co amor intrinſeco e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Eſtas reliquias ſuas, que aqui viſte,
Que refrigerio ſejão da mãi triſte."

130. Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoão,
Mas o pertinaz povo e ſeu deſtino
—Que d'eſta ſorte o quis—lhe não perdoão.
Arrancão das eſpadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoão;
Contra hũa dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amoſtrais e cavalleiros?

131. Qual contra a linda moça Polycena,

129 1 Poem (v. 1 86) || 2 Li. Ti. . erey || 4 . chey || 6 . arey || 7 *B* rili. || 8 . ãy
130 1 . igno || 2 . oão || 4 . oão || 5 . cão || 6 . oão || 7 ô || 8 *B* mostrais
131 1 Poli.

o da Siberia entre os modernos (v. Ovid. *Ex Pont.* 1 3, 37). Libya a Africa septentrional.

129 5. vontade] empregava-se antigamente com muita frequencia no sentido translato de «coração, alma»; v. *Crisfal* est. 84 e o meu commentario.

6. por quem mouro] = por causa de quem vou morrer (se não me perdoares): *meae qui causa innoxa caedis* (Macedo).

131 Quando na volta da expedição de Troia os Gregos se achavam nas costas da Thracia, appareceu-lhes a sombra de Achilles exigindo-lhes que lhe sacrificassem Polyxena, filha de Priamo e de Hecuba, e que era a unica filha que ainda restava á viuva do ultimo rei de Troia. E effectivamente Neoptólemo (tambem chamado Pyrrho), filho de Achilles, immolou-a aos manes do pae; v. Ovid. *Met.* XIII 439-575.

1. a linda moça] *Polyxenam, Priami filiam, quae virgo fuit formosissima*.. (Hyg. *fab.* 110). Sobre

Conſolação extrema da mãi velha,
Porque a ſombra de Achilles a condena,
Co ferro o duro Pyrrho ſe aparelha;
Mas ella os olhos com que o ar ſerena
—Bem como paciente e manſa ovelha—
Na miſera mãi poſtos que endoudece,
Ao duro ſacrificio ſe offerece:

132. Tais contra Inês os brutos matadores,
No collo de alabaſtro que ſoſtinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquelle que deſpois a fez Rainha,
As eſpadas banhando e as brancas flores
Que ella dos olhos ſeus regadas tinha,
Se encarniçavão férvidos e irofos,
No futuro caſtigo não cuidoſos.

133. Bem podéras, ó Sol, da viſta d'eſtes

‖ 2 . ãy ‖ 3 . iles ‖ 4 Pirro ‖ 7 . ãy . eçe ‖ 8 . eçe
132 1 . nès ‖ 2 . olo (v. II 36) ‖ 3 amor ‖ 7 ferv. yr. ‖ 8 *A* fot.
133 1 *A* podê. *B* podè. ô

a accentuação de «Polyxena» v. *R Ph* em «Taprobana».

2. «.. *tu nunc, quae sola levabas | maternos luctus* ..» (Ov. *Met.* XIII 514-515).

5-7. os olhos .. postos]=com os olhos postos.

132 2-4. Não é obvio o que ha-de entender-se por «as obras com que Amor matou de amores aquelle..». FS entende que «as obras» são «*la cabeça hermosa de Ines*» e cita: São estes por ventura os olhos bellos, | Que tem de meus sentidos a victoria? | São estas, Nympha, as tranças, | Que fazem de seu preço o ouro alheio, | Como a mi de mi mesmo só com vê-los? | He esta a alva columna, o lindo esteio, | Que eu nestes braços tenho e não o creio? (Cam. ecl. «Ao longo do sereno..»). Parece-me ser esta a verdadeira interpretação. O Dr. J. M. Rodrigues diz estar convencido de que o Poeta escreveu «olhos» e não «obras» (*O Instituto*, 1907, pag. 564). Como se o collo alabastrino da gentil princesa fosse a salva com um par de olhos, com que se répresenta Santa Luzia!

133 1-2. Bem podéras] cf.: Bem poderas, ó Tejo deshumano, | Parar ao ver-me assim tão lasti-

Teus raios apartar aquelle dia,
Como da ſeva meſa de Thyeſtes
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó concavos valles, que podeſtes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do ſeu Pedro, que lhe ouviſtes,
Por muito grande eſpaço repetiſtes.

134. Aſſi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos laſcivas mal tratada
Da minima que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a côr murchada:
Tal eſtá morta a pallida donzella,
Secas do roſto as roſas e perdida
A branca e viva côr co a doce vida.

‖ 2 .ayos ‖ 3 Ty. ‖ 4 mão ‖ 5 Vos ó *A* vales ‖ 7 *B* que ou. (sem «lhe»)

134 2 .oy ‖ 3 laciuas (lasci: IX 24, X 47) ‖ 5 cor ‖ 6 .tà pali. ‖ 8 cor .oçe

---

133 3 Thyesteae.. mensae (genet.) (Ov. *Ex Pont.* IV 6, 47)

mado (son. de A. Barb. Bacellar).

d'estes] em sentido objectivo em relação a «vista».

3-4. Atreu, rei de Mycenas, querendo vingar-se dos aggravos que tinha de seu irmão Thyestes, convidou-o para um banquete, em que lhe deu a comer as carnes dos proprios filhos, Tantalo e Plísthenes. Segundo os poetas romanos, o sol, de horrorizado, retrocedeu na sua carreira, envolvendo de repente a terra em trevas: *ob id scelus etiam sol cursum avertit* (Hyg. *fab.* 88); *aversumque diem mensis furialibus Atrei* (Ov. *Am.* III 12, 39). Como] sc. apartaste. Subentender-se o verbo de uma oração para outra em tempo differente é pratica poetica.

5-8. Cf.: *Eurydicen vox ipsa et frigida lingua | ah miseram Eurydicen! anima fugiente vocabat; | Eurydicen toto referebant flumine ripae* (Verg. *Georg.* IV 525-527).

134 3. lascivas] é latinismo; *lascivus* tambem é: amigo de brincar, etc.; cf.: Está o lascivo e doce passarinho | Com o biquinho as pennas ordenando (Cam., son. que assim começa, cit. por FS).

6. donzella] no sentido de «dama ainda nova» (como *virgo* na poesia latina, v. g. em Verg. *Buc.* VI 47).

135. As filhas do Mondego a morte eſcura
Longo tempo chorando memorárão,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas tranſformárão;
O nome lhe poſerão, que inda dura,
Dos amores de Inês que ali paſſárão.
Vêde que freſca fonte rega as flores,
Que lagrimas ſão a agoa, e o nome amores.

136. Não correo muito tempo que a vingança
Não viſſe Pedro das mortais feridas,

135 2 memora. || 4 transforma. || 6 ..nes passa. || 7 Ve. || 8 sam
136 1 Não

135 1-4. As filhas do Mondego] = as nymphas do M.; cf. as filhas do Tejo (v. 99). Tambem em Apollonio de Rhodes (*Argon.* 1 1065-1069), não tendo Clite querido sobreviver ao marido, « A morte sua | Do bosque choram as sensiveis nymphas, | E as derramadas lagrimas tornaram | Em fonte pura que appellidam Clite, | Do nome illustre da infeliz esposa » (traducção de Costa e Silva, cit. por Fonseca Pinto em *Ignez de Castro, Iconogr., Hist., Litt.*).

5-6. Dos amores de Inês] pertence para o conjuncto « o nome lhe poserão »; « de » corresponde ao latim *ab* em « *puero.. ab inopia Egerio inditum nomen* (T. Liv. 1, 34).

Neste, por assim dizer, *intermezzo* (est. 118-135), que vem diversificar a prolongada narrativa de façanhas guerreiras, Cam., com subido sentimento artistico, põe um pouco de parte o texto do chronista. Com o fim de concentrar o odioso do feito nas pessoas dos conselheiros — que ainda assim representam o sentir popular (v. 122, 7; 124, 3-4; 130, 3-4) —, não é D. Aff. o que se dirige aos paços de D. Inês para pôr em effeito a cruel resolução; elles são os que trazem a infeliz princesa « ante o Rei já movido a piedade », e quando após as supplicas de D. Inês, que iam dobrando o animo do monarcha, se consumma o acto abominavel, ninguem supporá, lendo as estancias, que na realidade D. Aff. pelo menos deu o seu consentimento.

A morte de D. Inês já tinha sido assumpto de umas trovas, de alto valor poetico, de Garcia de Rèsende (*Cancion. Ger.* III pag. 616-622).

136 « Como os Reis de Portugal e de Castella fezerom amtre si aveença que entregassem huum ao outro alguuns, que andavom seguros em seus Reinos » (F. Lopes, *D. Pedro I*, 30).

Dos tres implicados na morte de D. Inês, Alvaro Gonçalves, Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco, os quaes por conselho de D. Aff. IV

Que em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas;
Do outro Pedro cruiſſimo os alcança,
Que ambos, immigos das humanas vidas,
O concerto fizerão, duro e injuſto,
Que com Lepido e Antonio fez Auguſto.

137. Eſte caſtigador foi riguroſo
De latrocinios, mortes e adulterios;
Fazer nos maos cruezas fero e iroſo
Erão os ſeus mais certos refrigerios:
As cidades guardando juſtiçoſo
De todos os ſoberbos vituperios,
Mais ladrões caſtigando á morte deu
Que o vagabundo Alcides ou Theſeu.

138. Do juſto e duro Pedro naſce o brando
—Vêde da natureza o deſconcerto!—

‖ 4 hum. (a corr. é já antiga)
137 1 .oy reg. (rig.: III 125; X 149; a corr. é já antiga) ‖ 3 yr. ‖ 7 aa
138 2 Ve. *B* . conserto

tinham saido para Castella, o ultimo logrou escapar ás diligencias ordenadas pelo rei D. Pedro I de Castella. O supplicio de Alv. Gonçalves e P. Coelho é referido no cap. 31 da Chronica de F. Lopes.

3. em tomando] V. *R Ph* em «em».

8. Allude ao triumvirato formado em 43 a. Chr. por Marco Emilio Lepido, Marco Antonio e Octaviano (que depois teve o titulo de «Augusto»), os quaes publicaram listas dos seus inimigos que haviam de ser mortos: *In hoc velut foedus pax inter tres duces componitur.. Nullo bono more triumviratus invaditur.* (Floro, II 16).

137 1-2. F. Lopes na Chr. de D. Pedro cita exemplos de castigos dos crimes aqui mencionados. O 2.º verso vem na epist. de Cam. «Quem pode ser..». castigador] é n. predicativo.

6. soberbos vituperios] = insolencias dos grandes.

7. «dar á morte» é puro latinismo: *leto* ou *morti dare*.

8. vagabundo] no sentido de: que andou muito mundo. Amphitrião, marido de Alcmena, mãe de Hercules, era filho de Alceu; d'ahi Hercules é chamado «Alcides». Dos feitos de Theseu falla Ov. nas *Met.* VII 433-447 e Hyg. *Fab.* 38.

Remiſſo e ſem cuidado algum Fernando,
Que todo o Reino pôs em muito aperto;
Que vindo o Caſtelhano devaſtando
As terras ſem defeſa, eſteve perto
De deſtruir-ſe o Reino totalmente,
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

139. Ou foi caſtigo claro do peccado
De tirar Lianor a ſeu marido
E caſar-ſe co ella de enlevado
Num falſo parecer mal entendido,
Ou foi que o coração ſugeito e dado
Ao vicio vil de quem ſe vio rendido,

‖ 4 pos
139 1 . oy ‖ 5 . oy sog. (v. II 54)

138 5-8. Os versos alludem ás desastrosas invasões do Reino pelos reis de Castella D. Henrique e D. João I nas duas ultimas das tres guerras com os nossos vizinhos suscitadas por D. Fernando (v. F. Lopes, *D. Fernando*). Referindo-se á impopularidade do governo do cynico, egoista e cobarde D. Fernando, Gama Barros escreve: «O effeito de todas estas circumstancias vê-se claro da comparação entre a frouxa resistencia que a maior parte das terras opposeram então ás invasões e correrias dos castelhanos, e a galhardia com que a nação, poucos annos depois, tendo á sua frente um homem de melhor tempera e com quem se identificára, repelliu o jugo extranho» (*Hist. da adm. publ.* II pag. 263).

139 D. Fernando, enamorando-se de D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, promoveu a annullação do casamento debaixo do pretexto de os conjuges serem parentes, e contrahiu matrimonio com ella.

3-4. parecer] está sem duvida no sentido de «gôsto phantastico, caprichoso» (cf. IV 99, 1-2), e o epitheto «falso» equivale a desarrazoado (cf. *Falso queritur de natura sua genus humanum*, Sall. *Jug.* 1). (Assim entende Macedo, que traduz: *cui dira libido | eripuit mentem, et pulchra sub imagine lusit*). FS porêm julga que «parecer» se ha-de tomar no sentido de «bem parecer» allegando «vontades enlevadas | no falso parecer de hum gesto lindo» (Cam., ecl. «Ao longo do sereno...»), ou se refere aos pareceres dos letrados para mostrarem que D. Leonor estava illegitimamente casada com J. L. da Cunha. Mas a primeira d'estas duas interpretações, seguida por Thomé de Faria («*formae captus dulcedine*»), repugna o epitheto «mal entendido»; á segunda a expressão «enlevado em».

6. de quem]=do qual, v. o com. a II 36.

Molle ſe fez e fraco; e bem parece,
Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

140. Do peccado tiverão ſempre a pena
Muitos, que Deos o quis e permitio:
Os que forão roubar a bella Helena,
E com Appio tambem Tarquino o vio;
Pois por quem David ſancto ſe condena?
Ou quem o tribo illuſtre deſtruio
De Benjamim? Bem claro no-lo enſina
Por Sarra Pharaó, Sichem por Dina.

140 3 El. || 4 Api. || 5 San. || 6 Tri. || 7 ins. (v. 11 70) || 8 *A* Faraô *B* Faraò Sych.

7-8. bem parece] = pareee que assim é. «Que» é particula eausal.

140 A' primeira parte da est. 139 serve de confirmação a est. 140, á segunda parte a est. 141.

2. que] é particula causal.

3. Refere-se aos Troianos. Paris, filho de Priamo, rei de Troia, raptou Helena, mulher de Menelao, rei de Esparta, o que deu origem á guerra de Troia, cidade que foi a final tomada e destruida pelos Gregos.

4. Appio Claudio, chamado a responder em juizo pelo que tinha praticado, quando decemviro (em 450 a. Chr.), contra uma donzella, por nome Verginia, para realizar os seus intentos libidinosos, prevendo a condemnação, suicidou-se no carcere em que estava preso (T. Liv. III 44-58). Sexto Tarquinio, filho do ultimo rei de Roma, violentou Lucrecia, mulher de Tarquinio Collatino. Este crime teve por consequencia a abolição da monarchia em Roma e a proscripção da familia real. Depois Sexto Tarquinio foi assassinado em Gabios (T. Liv. I 53-60). Sobre a fórma «Tarquino» v. *R Ph* em «Aleino».

5. Do rei David ter commettido adulterio com Bethsabé e haver promovido traiçoeiramente a morte de Urias, marido de Bethsabé, falla a Biblia nos *Reis* (II 11). A pena d'estes crimes, annunciada por Natham a David em nome de Deos, é referida no cap. 12 do mesmo livro dos *Reis*. «quem» neste verso e no seguinte equivale a «que cousa»

se condena] = é condemnado.

6-8. A tribu de Benjamin foi destruida — salvando-se só 600 homens — pelas outras tribus de Israel em vingança das infamias que os de Gabaa, da tribu de Benjamin, tinham praticado na pessoa da concubina de um homem da tribu de Levi (*Juizes*, XIX-XX). «tribu» (tribo) antigamente era maseulino.

Acerca de Pharaó, para cujos paços foi levada Sara, mulher de Abrahão, a qual todavia se dizia irmã de Abrahão, segundo tinha ajustado com elle, diz o *Genesis:* «O Senhor porém affligio a Faraó e a sua casa com grandissimas pragas, por causa de Sarai, mulher de Abrão» (XII 17). Sichem, filho de Hemor, da terra dos Heveos, enamorando-se de Dina, filha de Ja-

141. E pois ſe os peitos fortes enfraquece
Hum inconceſſo amor deſatinado,
Bem no filho de Alcmena ſe parece,
Quando em Omphale andava tranſformado.
De Marco Antonio a fama ſe eſcurece
Com ſer tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem, Peno proſpero, o ſentiſte
Deſpois que hũa moça vil na Apulia viſte.

142. Mas quem pode livrar-ſe por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as roſas e a neve humana pura,
O ouro e o alabaſtro tranſparente?

141 1 . eçe || 3 Almena . eçc || 4 . fale || 5 . eçe || 7 *B* tam bem
142 2 amor || 4 *B* labas. *B* transsp.

cob e de Lia, raptou-a e violentou-a. Em desaggravo, os irmãos de Dina, Simeão e Levi, mataram Sichem e Hemor e todos os individuos do sexo masculino que havia na cidade, e com os demais filhos de Jacob saquearam a cidade e devastaram os campos (*Genesis*, XXXIV). (Do caso de David e de Sichem falla Petrarca no *Tri. d'Amor*, III). no-lo ensina] quer dizer: ensina que tiverão muitos a pena do peccado a que se refere o 1.º verso. Em «por Sarra», «por Dina», «por» equivale a: por causa de. «Sarra» (que A. Coelho suppôs erro typographico) é fórma que vem por ex. em S. Cypriano (*Testim.* I 20), na *Suma de t. las Cronicas del mundo* (fol. 21 v.) e em Petrarca no cap. III do *Tri. d'Amor*.

141 1-2. pois] = depois. A oração «se—desatinado» é o sujeito de «se parece»; «se» (i. é,: se, sim ou não) é particula interrogativa.

3-4. Bem.. se parece] = bem claramente se deixa ver (*apparet*).

Hercules, filho de Alcmena, a tal ponto se enamorou de Omphale, rainha da Lydia, que pondo-se ao seu serviço, até fiava na roca (v. Ov.. *Fast.* II 309-312; Estacio *Theb.* X 646-649; Seneca *Hippol.* 317-324). Sobre a expressão «andar transformado» v. o com. a III 143.

5-6. Aos amores de Marco Antonio com Cleópatra refere-se Cam. ainda em VI 2.

7-8. A lenda de Hannibal, depois da batalha de Cannas (v. III 116), ter-se deixado captivar de uma mulher da Apulia, podia Cam. vê-la em Petrarca: *L'altr' è 'l figliuol d'Amilcar e nol piega | In cotant'anni Italia tutta e Roma; | Vil femminella in Puglia il prende e lega* (*Tri. d'Amor*, III; FS).

142 3. as rosas] Cf. III 134, 7.

4. o ouro e o alabastro] V. II 36, 1; III 132, 2.

Quem de hũa peregrina fermoſura,
De hum vulto de Meduſa propriamente,
Que o coração converte, que tem preſo,
Em pedra não, mas em deſejo acceſo?

143. Quem vio hum olhar ſeguro, hum geſto brando,
Hũa ſuave e angelica excellencia
Que em ſi eſtá ſempre as almas tranſformando,
Que tiveſſe contra ella reſiſtencia?
Deſculpado por certo eſtá Fernando
Pera quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a phantaſia,
Por muito mais culpado o julgaria.

|| 8 acc. (v. 1 5)

143 2 Ang. . celencia (v. II 99) || 3 *A* . tâ *B* . tà trãf. (a corr. é já antiga) . mãdo || 5 *A* tâ || 7 fant. || 8 *A* muy.

6. vulto de Medusa] V. o com. a III 77.

143 3. «Transforma-se o amador na cousa amada | Por virtude do muito imaginar» (Cam., son. que assim principia).

4. tivesse.. resistencia] V. III 36.

7. tendo]=se elle tivesse. phantasia]=animo (em sentido geral); «a phantasia livre» é o contrario de «o coração preso» da est. precedente.

8. julgaria] sc. eu.

CANTO QUARTO

1. Deſpois de procelloſa tempeſtade,
Nocturna ſombra e ſibilante vento,
Traz a manhã ſerena claridade,
Eſperança de porto e ſalvamento;
Aparta o Sol a negra eſcuridade,
Removendo o temor ao penſamento:
Aſſi no Reino ſorte aconteceo
Deſpois que o Rei Fernando falleceo.

2. Porque ſe muito os noſſos deſejárão
Quem os damnos e offenſas vá vingando
Naquelles que tão bem ſe aproveitárão
Do deſcuido remiſſo de Fernando,
Deſpois de pouco tempo o alcançárão,
Joanne, ſempre illuſte, alevantando

1 3 . nhãa (. nham: IV 75; VI 92; IX 83) || 8 . ço
2 1 . arão || 2 . anos (v. II 69) va || 3 *A* tãbem . *B* tambem *A* . âr̃ão *B* . ár̃ão || 5 *A* . âr̃ão *B* . ár̃ão

1 3. serena] pertence para «manhã», que fica assim com epitheto do mesmo modo que «tempestade, sombra, vento».
6. Cam. deu a «remover» a construcção de «tirar».

2 3. tão bem] = tanto (FS); mas «tambem» não é inaceeitavel, considerando-se esta palavra, junto de «se aproveitárão» propriamente pleonasmo.
4. Cf. III 138, 3.

Por Rei, como de Pedro unico herdeiro
— Ainda que baſtardo — verdadeiro.

3. Ser iſto ordenação dos Ceos divina
Por ſinais muito claros ſe moſtrou,
Quando em Evora a voz de hũa minina
Ante tempo fallando o nomeou,
E como couſa em fim que o Ceo deſtina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
"Portugal, Portugal" alçando a mão
Diſſe "polo Rei novo, Dom João."

4. Alteradas então do Reino as gentes
Co odio que occupado os peitos tinha,
Abſolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adulterio Conde e da Rainha,
Com quem ſua incontinencia deſhoneſta
Mais — deſpois de viuva — manifeſta.

‖ 7 erd. (v. III 90)
3 1 ce. ‖ 4 falan. (v. I 78) ‖ 7 mão ‖ 8 Ioão
4 5 vão ‖ 7 deso. (v. III 92)

8. bastardo] = filho bastardo; D. João I era filho de D. Pedro I e da gallega D. Teresa Lourenço.
verdadeiro] como *verus*, tambem se diz do que é conforme á justiça.

3 «.. da filha de Esteueãnez derreado, morador em Euora, moça pequena de oito meses nada, que no berço onde jazia se levantou em cù tres vezes dizendo com a mão alçada *Portugal, Portugal por El Rey Dom Ioam*» (F. Lopes, *D. João I*, II 48, no sermão prègado na sé de Lisboa por Frei Pedro, quando foi a festa pela victoria de Aljubarrota).

4 Dos motins que houve no país, falla F. Lopes na mesma chronica.

6. O conde era o fidalgo gallego João Fernandes Andeiro.

7-8. Com quem] pertence evidentemente para «o Conde», e para sujeito de «manifesta» subentende-se «a Rainha».

5. Mas elle em fim, com cauſa deſhonrado,
Diante d'ella a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Aſtyanás, precipitado
—Sem lhe valerem ordens—de alta torre,
A quem ordens nem aras nem reſpeito,
Quem nú por ruas e em pedaços feito.

6. Podem-ſe pôr em longo eſquecimento
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla quando o contrario lhe fogio.

5 1 deson. (honrado: v 1, 46; honrou: IV 63) ‖ 5 . anas ‖ 6 . dẽs ‖ 7 dẽs ‖ 8 *B* quem nu (nú: VI 18)
6 1 *A* Poẽse *B* Podense por ‖ 4 Syla

5 A morte do conde é narrada em F. Lopes na chr. de *D. João I*, I 9 com causa = merecidamente.

5-8. O bispo de Lisboa, D. Martinho, castelhano de nação, foi precipitado da torre da sé de Lisboa e com elle o prior de Guimarães e um tabellião de Silves, amigo do bispo (F. Lopes, ibd., 12). A abbadessa do mosteiro de S. Bento de Evora, para subtrahir-se á furia popular, «meteosse no tesouro [da sé de Evora] e tomou a copa em que vão commungar» e abraçou-se com ella; mas o povo tirando-lhe das mãos o vaso, levou-a de rastos para fóra da igreja pelas ruas da cidade no meio dos mais infames ultrajes, até que por fim a deixou morta (id. ibd. 45). Na tomada de Troia Astyanax, filho de Heitor e de Andromacha, foi atirado pelos Gregos de uma torre abaixo (Ov. *Met.* XIII 415-417). ordens] = ordens sacras. A syntaxe dos versos 5-8 é irregular a mais de um respeito. Sendo «Quem.. precipitado de alta torre» apposto a «outros muitos», era de esperar que viessem novos appostos com o pronome «quem»; mas em lugar de tal, o segundo e terceiro «quem» iniciam duas orações sobre si, na primeira das quaes se subentende «não valem» do verso precedente, e na segunda tem de subentender-se um verbo adequado, como «é arrastado» (cf. com. a III 52, 3-4).

6 «Como a Rainha escreveo a El Rey de Castella, que entrasse no Reyno..» (F. Lopes, *D. João I*, I 62).

1-4. Da guerra civil entre Mario e Sulla (é esta a graphia melhor) vem um resumo em Floro II 9.

do] O emprego da preposição «de» com o agente dos verbos passivos era mais amplo antigamente do que no portuguêz actual.

Por iſſo Lianor, que o ſentimento
Do morto Conde ao mundo deſcobrio,
Faz contra Luſitania vir Caſtellà,
Dizendo ſer ſua filha herdeira d'ella.

7. Beatriz era a filha, que cáſada
Co Caſtelhano eſtá, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com eſta voz Caſtella alevantada,
Dizendo que eſta filha ao pai ſuccede,
Suas forças ajunta pera as guerras
De varias regiões e varias terras.

8. Vem de toda a provincia que de hum Brigo
—Se foi—já teve o nome derivado,

7 2 *A* . tà || 5 *B* cast. || 6 . ay *A* succ.
8 1 *B* bri. || 2 . oy dir. (v. III 21)

6. do morto Conde] = da morte do Conde; v. o com. a III 64, 2.

8. d'ella] O pronome parece-me que representa «Lusitania»—equivalendo «herdeira de Lusitania» a «herdeira do throno de Lusitania»—e não «Lianor».

7 Nas côrtes de Coimbra João das Regras disse que «A rainha Dona Beatriz molher que era del Rey de Castella nam era lidimamente nada, ca sua madre, ao tempo, que casou com El Rey Dom Fernando não podia casar com elle, e per direito tal casamento era nenhum» ..«e digo que toda molher, que he infamada, que fez maldade a seu marido, e desto ha publica voz e fama, que os filhos que della nacem, o direito presume e os ha por sospeitos, que podessem ser nam de marido..» (F. Lopes, *D. João I*, I 177).

2. O Castelhano] D. João I de Castella. pede] = pretende.

3-4. Bluteau interpreta «corrompida» por «divulgada apesar de recatos»; Macedo traduz: *Fernandum fama parentem | illius esse refert, sed nolunt credere famae | Lusiades;* Storck: *obwohl der Ruf dem widersprach mit Hohn.* Para mim, «corrompida fama» equivale a «fama infundada», e a conjuncção «Se» está em sentido causal como *si quidem* em latim.

8 1-2. Falla-se de Castella-a-Velha: «*Ay alguns auctores, comõ son Fray Alonso Venéro en su Enchiridion.. y otros que sienten, que Castilla, la que llamamos Bieja, vuiesse tomado su denominacion, o cognomento, d'este Rey Brigo* [o fabuloso 4.º rei de Hespanha], *y que de Brigia se dixo despues Bieja*» (Garibay *Compendio hist.*

Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganhárão do tyranno e Mauro eſtado.
Não eſtimão das armas o perigo
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneſes, cuja gente
Cos Mouros foi nas armas excellente.

9. Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, ſe ajuntavão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lavão.
A nobre ilha tambem ſe apercebia
Que antigamente os Tyrios habitavão,
Trazendo por inſignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

10. Tambem vem lá do Reino de Toledo,

‖ 4 *A* Ganha. tirano ‖ 5 . imão ‖ 6 vão
9 5 Ilh. ‖ 6 Tir. ‖ 8 . unas (v. II 36)
10 1 la

d'España [publicado em 1571] IV 8, cit. por FS). Se foi]=se realmente existiu. (G. de Amorim pensa estranhamente que o Poeta escreveu: Se o foi).

3-4. Das terras] é apposto a «de toda a provincia». Fernando] é ou Fernando o Magno, rei de Leão e, de 1035 em diante, de Castella, ou o conde Fernan Gonçález. O mais provavel é que o Poeta se refira ao segundo, por isso que as mesmas personagens se encontram juntas neste passo de M. Fernández de Enciso: «*desta tierra fueron el Cid ruy diaz y el cõde fernã Gõçalez q̃ fuerõ caualleros amados de dios q̃ acrescẽtarõ mucho la fe & hizieron grãdes fechos contra moros* (*Suma de geogr.*; passo traduzido litteralmente no *Livro de Marinharia*, pag. 204-205). Rodrigo] é o heroe castelhano Rodrigo (ou Ruy) Diaz de Bivar, o Campeador († 1099). «ganhar de» equivalendo a «ganhar a» é latinismo: *agri ex hostibus capti*.

5. Não estimão]=não tem em conta, desprezam.

9 1. Os Vandalos]=os Andaluzes, conformemente á etymologia apresentada em III 60.

3. Falla-se de Sevilha, assentada nas margens do Guadalquivir.

5-8. A nobre ilha..] Cadiz, que foi colonia dos Phenicios. Sobre as «columnas de Hercules» v. o com. a III 18.

10 1-4. o Reino de Toledo]

Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai, ſuave e ledo,
Que das ſerras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
O' ſordidos Galegos, duro bando,
Que pera reſiſtirdes, vos armaſtes,
A'quelles cujos golpes já provaſtes.

11. Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Bizcainha, que carece
De polidas razões e que as injurias
Muito mal dos eſtranhos compadece.
A terra de Guipuſcua e das Aſturias,
Que com minas de ferro ſe ennobrece,
Armou d'elle os ſoberbos moradores
Pera ajudar na guerra a ſeus ſenhores.

‖ 3 .ay ‖ 5 vos não ‖ 6 O ‖ 8 Aaq.
11 2 .eçe ‖ 4 .eçc ‖ 6 .eçe ‖ 7 matadores (a corr. é da ed. de 1644; v. o com.)

é Castella-a-Nova. Toledo é uma das antigas cidades da Peninsula; o Tejo cerca-a por tres lados. «Conca» é o castelhano «Cuenca» (*«este rio* [o Tejo] *nasce en las sierras de Cuenca & de Molina»* [*Suma de Geogr.*]). A serra de Cuenca fica na parte da Castella-a-Nova que linda com Aragão.

6. sordidos Galegos] Cf.: *Saepius apud nos traducta fuerat Galecia, ob illuviem et nescio quas diversoriorum sordes* (Clenardo, *Epist.* pag. 218 da ed. de 1606).

8. Allude ás guerras dos principios da nossa monarchia.

11 1-5. As tres provincias de Bizcaia, Guipúzcoa e A'lava constituem as provincias vascongadas, que ficam divididas das Asturias pela Castella-a-Nova septentrional.

de polidas razões]=de lingoagem polida; cf. IV 81, 2; «vasconço» emprega-se translatamente como synonymo de «aravia», v. o *Dicc.* de Moraes.

7. Alguns editores mantêm a lição «matadores» das ed. de 1572; não me parece porêm duvidoso, que tal lição é devida a engano do compositor que tomou as letras *or* por *at*. O proprio FS, a quem não agrada a explicação de Man. Correia, que pensava ter Cam. chamado aos Biscainhos e Asturianos «matadores» «pelo que elles cuydauão, não pelo que fizerão», depois de haver tentado explicar esta lição com um passo de Sil. Italico

12. Joanne, a quem do peito o eſforço crece,
Como a Sanſão Hebreo da guedelhâ,
Poſto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos de ſeu Reino ſe aparelha;
E não porque conſelho lhe fallece,
Cos principaes ſenhores ſe aconſelha,
Mas ſó por ver das gentes as ſentenças,
Que ſempre houve entre muitos differenças.

13. Não falta, com razões quem deſconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em que o eſforço antigo ſe converte
Em deſuſada e má deſlealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade,
Negão o Rei e a patria, e ſe convem,
Negarão — como Pedro — o Deos que tem.

12 1 *A* . ane . eçe || 2 . fam || 3 . eçc || 5 faleçe (falle.: II 102, VI 59) || 7 so || 8 ouue (v. I 74) *A* dife. (diffe.: VI 53)

13 1 *B* . serte || 4 ma || 6 *B* que || 7 . gão

(III 326-331), que na verdade não vem a proposito, reconhece o insustentavel da lição, dizendo que no original mais antigo está «moradores». A correcção é suggerida e justificada por est'outros lugares: o morador de Abyla (III 77), o bravo morador [de Silves] (III 88). d'elle] sc. ferro.

8. seus senhores] sc. os Castelhanos.

12 2. Allude ao que se lê no *Livro dos Juizes*, cap. XVI. Em lugar de «Hebreu» que é dissyllabo, está «Hebreo» para assim o vocabulo ter tres syllabas metricas.

5. fallece] é indicativo empregado irregularmente em vez do conjunctivo, por necessidade da rima.

8. E' allusão ao proverbio: Quantas cabeças, tantas sentenças.

13 1-2. com razões] está transposto para antes do pronome relativo. «desconcertar da opinião de alguem» é locução perfeitamente classica (e corresponde a *abhorrere ab alicujus consilio*). FS e outros editores escreveram injustificadamente «Na». na vontade] = no seu animo.

8. Allusão ao que de S. Pedro se lê em S. Mattheus, XXVI 69-75.

A maioria da nobreza era a favor de Castella.

14. Mas nunca foi que eſte erro ſe ſentiſſe
No forte Dom Nuno Alvarez; mas antes,
Poſto que em ſeus irmãos tão claro o viſſe,
Reprovando as vontades inconſtantes,
A'quellas duvidoſas gentes diſſe
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na eſpada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

15. "Como! da gente illuſtre Portugueſa
Ha-de haver quem refuſe o patrio Marte?
Como! d'eſta provincia, que princeſa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha-de ſair quem negue ter defeſa,
Quem negue a fé, o amor, o eſforço e arte
De Português, e por nenhum reſpeito
O proprio Reino queira ver ſugeito?

16. Como! não ſois vós inda os deſcendentes

14 1 .oy ‖ 2 dom *A* aluer. *B* aluar. ‖ 3 Ir. ‖ 4 *A* incost. ‖ 5 Aaq. ‖ 7 mão
15 2 auer (v. 1 74) ‖ 4 .oy ‖ 6 Fc ‖ 7 .ugues ‖ 8 sog. (v. 11 54)
16 1 vos

14 1. foi] = aconteceu.
2. Sobre a graphia «Alvarez» v. *R Ph* em «Patronymicos».
3. Os irmãos do condestavel, a que o Poeta se refere, eram Diogo A. Pereira e Pedro A. Pereira.
6. Este verso lembra as palavras de Mario: *Non sunt composita verba mea* (Sall. *Jug.* 85).
7. a mão na espada] é a mesma construcção que «os olhos.. postos» em III 131.

15 1-2. Cf.: Como? e não vos correis | De haver em vós tão duras condições..? (Cam. ecl. «As doces cantilenas..»). «refusar o patrio Marte = fugir de afrontar os perigos da guerra, quando o caracter nacional é bellicoso. o patrio Marte] é tambem o final de III 15, 4, onde igualmente rima com «arte» e «parte».
3. provincia] era antigamente vocabulo empregado em sentido lato, v. g. no *Esmeraldo*, fallando da Hespanha (I 12) e da Arabia (I 20).
5. ter defesa] como em III 69.

16 Fallando da jornada dos

D'aquelles que debaixo da bandeira
Do grande Henríquez, feros e valentes,
Venceſtes eſta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poſerão em fugida, de maneira
Que ſete illuſtres Condes lhe trouxerão
Preſos, afora a preſa que tiverão?

17. Com quem forão contino ſopeados
Eſtes de quem o eſtais agora vós,
Por Dinís e ſeu filho ſublimados,
Se não cos voſſos fortes pais e avôs?
Pois ſe com ſeus deſcuidos ou peccados
Fernando em tal fraqueza aſſi vos pôs,
Torne-vos voſſas forças o Rei novo,
Se he certo que co Rei ſe muda o povo.

18. Rei tendes tal, que ſe o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantaſtes,
Deſbarataréis tudo o que quiſerdes,
Quanto mais a quem já deſbarataſtes.

‖ 3 Enri. (Henrique: VIII 37, X 54) ‖ 4 tam
17 2 vos ‖ 3 .nis ‖ 6 pos

Arcos-de-Val-de-Vez, a que se allude nesta est., diz Du. Galvão: «prenderam-lhe [a D. Aff. de Castella] na batalha sete Condes e outros muytos Cavalleyros, e matarão-lhe hos Portugueses muita gente» (cap. 7.º).

3. Sobre a graphia «Henriquez» v. *R Ph* em «Patronymieos».

4. Veneestes] O rigor da syntaxe exigia «Vencêrão», e de faeto alguns editores têm visto nesta fórma erro typographieo; não é porêm difficil explicar a lição das edd. de 1572, considerando que na mente do condestavel, neste primeiro momento, a noção de «descendentes» se liga tão estreitamente á de «ascendentes», que para elle eonstituem por assim dizer uma só pessoa moral, a quem se attribue a vietoria.

5. bandeiras] como *signum* (v. g. em T. Livio XXV 23) está metonymieamente por «eompanhia».

17 4. avôs] O accento eircumflexo nas edd. de 1572 serve só de indicar que a syllaba é tonica; mas de facto parece que no tempo de Cam. «avô» tinha o *o* fechado tambem no plural.

E ſe com iſto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomaſtes,
Atai as mãos a voſſo vão receio,
Que eu ſó reſiſtirei ao jugo alheio.

19. Eu ſó com meus vaſſallos e com eſta"
—E dizendo iſto arranca meia eſpada—
"Defenderei da força dura e infeſta
A terra nunca de outrem ſojugada.
Em virtude do Rei, da patria meſta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não ſó eſtes adverſarios
Mas quantos a meu Rei forem contrarios."

20. Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canuſio, reliquias ſós de Cannas,
Já pera ſe entregar quaſi movidos
A' fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz que compellidos

18 5 não || 7 . tay vão || 8 so . rey
19 1 so . alos (v. II 84) || 2 mea (v. *R Ph* em «-eia») || 3 . ey || 6 vos || 7 . ey («n. s. c. adu.» entre parenth.) so
20 1 *A* manҫe. || 2 Camis. sos . anas || 4 Aff. (v. *R Ph* em «Afriea») || 5 . elidos (eompelli. v 70)

18 7. Equivale a: ficai inactivos deixando-vos vencer do receio.

20 Os faetos a que o Poeta se refere, vem contados por miudo em T. Livio XXII 50-53, e summariamente em Val. Maximo V 6, 7 e IV 8, 2. A' batalha de Cannas já Cam. alludiu em III 116, 5-8. Canusio (*Canusium*, hoje Canosa) e Cannas, ao sudoeste de Canusio, ficavam da parte do sul do rio *Aufidus* (Ofanto) na Apulia. Cornelio é Publio Corn. Scipião, que depois teve o eognome de «o Africano»; na batalha de Cannas era tribuno da 2.ª legião. Aquelle que dava aos refugiados em Canusio o conselho de deixarem a Italia, chamava-se Cecilio Metello. entre os maneebos]=estando entre os mancebos. reliquias sós de C.] eorresponde a: *Cannensis proelii reliquiae* (Val. Max. IV 8, 2). pera se entregar] liga-se a «movidos» (=determinados). os faz.. que jurem] é eontaminação de duas construcções: «os faz jurar» e «faz

Da ſua eſpada jurem que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

21. D'eſta arte a gente força e eſforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgão de Neptuno,
Brandindo e volteando arremeſſões;
Vão correndo e gritando a boca aberta:
"Viva o famoſo Rei que nos liberta!"

22. Das gentes populares huns approvão
A guerra com que a patria ſe ſoſtinha;
Huns as armas alimpão e renovão,
Que a ferrugem da paz gaſtadas tinha;
Capacetes eſtofão, peitos provão;

‖ 7 nam *B* . aràm ‖ 8 nam

21 1 Destarte (desta arte: I 96; II 38, 57, 58; III 22, 30, 60, 67; IV 59; IX 84) ‖ 7 Vão

22 1 hũs apr. ‖ 3 Hũs . impão ‖ 5 . çetes . ofam . ouão

---

22 3-6 omnes arma requirunt. | Pars leves clipeos et spicula lucida tergunt | arvina pingui subiguntque in cote secures (Verg. *En.* VII 625-627) (FS).

---

que elles jurem». «compellidos da sua espada» é explicado por: ..*qui non juraverit, in se hunc gladium strictum esse sciat.* (T. Liv. XXII 53), e: [Scipião] *stricto gladio mortem unicuique minitando jurare omnes numquam se relicturos patriam coëgit* (Val. Max. V 6, 7).

21 3. removem] plural referido a «gente» como em I 38.

5. animais .. de N.] V. o com. a III 51.

7. a boca aberta] V. *R Pl* em «a» (preposição).

22 Cam. tinha na mente os versos da *Eneida* VII 623-640, e o verso *et scabros nigrae morsu robiginis enses* de Lucano (I 243), segundo nota FS.

Arma-ſe cada hum como convinha;
Outros fazem veſtidos de mil côres
Com letras e tenções de ſeus amores.

23. Com toda eſta luſtroſa companhia
Joanne forte ſae da freſca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes.
Os primeiros armigeros regia
Quem pera reger era os mui poſſantes
Orientais exercitos ſem conto
Com que paſſava Xerxes o Helleſponto;

24. Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro

‖ 7 co.
23 6 . uy ‖ 8 *B* . crces Heles.
24 1 *A* Alueres

8. A «tenção» que consiste em um desenho, é o corpo, e a «letra» (ou «mote») a alma da «empresa» do escudo.

23 «..assi que a az da vanguarda com suas alas era semeada de bandeiras e pendoens, como a cada hum prazia de ter..» (F. Lopes, *D. João I*, II 38).

1-4. Assentára-se em conselho «que o Condestabre se fosse pera Alentejo juntar gentes as mais, que podesse, e deshi que se tornasse aquelle lugar de Abrantes, hù El Rey o auia daguardar (id., ibd. 24). No cap. 31 D. João parte de Abrantes para Tomar; no 33 chega a Ourem, d'ahi a Porto de Mós, d'onde parte «caminho daquelle campo, hù despois foy a batalha». (v. o com. á est. 27).

5-8. «Na primeira [az], que se chama a vanguarda, era o Condestabre» (id., ibd. 38). os primeiros armigeros]=*prima acies*, a vanguarda.

Segundo a tradição exaggerada que vem em Herodoto, as forças com que Xerxes fez a sua expedição contra a Grecia, subiam a mais de dois milhões e meio de homens. Corn. Nep. diz: ..*terrestres autem exercitus DCCC peditum, equitum CCCC milia fuerunt* (Them. 2). O rei dos Persas abalou de Sardes, na Lydia, na primavera de 480, passou o Hellesponto (os Dardanellos), em ponte de barcas, para continuar a marcha pela Thracia.

24 1. Dom Nuno Alvarez digo]=refiro-me a N. A.; é maneira de dizer correspondente a: *Superiores magis ad omne genus apti, Crassum dico et Antonium* (Cic. *Orat.* 30); não deve portanto pôr-se virgula antes de «digo».

Açoute de ſoberbos Caſtelhanos
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Pera Franceſes, pera Italianos.
Outro tambem famoſo cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Luſitanos,
Apto para mandá-los e regê-los,
Mem Rodriguez ſe diz de Vaſconcellos.

25. E da outra ala que a eſta correſponde,
Antão Vaſquez de Almada he capitão,
Que deſpois foi de Abranches nobre conde;
Das gentes vai regendo a ſeſtra mão.
Logo na rectaguarda não ſe eſconde
Das quinas e caſtellos o pendão
Com Joanne, Rei forte em toda parte,
Que eſcurecendo o preço vai de Marte.

|| 3 *B* forte . uno . oy || 6 der. (v. 1 76) || 7 . alos . elos || 8 Men (Mem: VIII 20) . celos

25 2 Antão vazquez Capitão || 3 . oy || 4 . ay mão || 5 não rct. (a corr. é já antiga) . goarda (guarda: II 31, VI 81) não || 7 Rey || 8 . ay

3. o fero Hunno] Attila; v. III 100.

5-8. «Na ala direita.. hia Mẽ Rodriguez, e Ruy Mendez de Vascogoncelos» (F. Lopes, *D. João I*, II 38). Sobre as graphias «Rodriguez, Vasconcellos» v. *R. Ph* em «Patronymicos».

25 «Na outra parte na ala esquerda erom de mistura com Antom Vasquez, e com outros Portugueses alguns estrangeiros..» «e com esta az [«a az de detras que chamam reguarda»] ..estava El Rey com sua bandeira» (F. Lopes, *D. João I*, II 38).

3. Segundo já foi notado por outros, Cam. equivocou-se: foi Alvaro Vaz de Almada (v. VI 42-69), quem teve o titulo de «conde de Abranches» (i. é, Avranches, na Normandia), dado por Henrique VI de Inglaterra, a quem então pertencia a Normandia.

4. Este verso repete o sentido dos dois primeiros versos.

6. «as quinas [=os escudos de que se falla em III 53-54] e castellos [por ultimo, em numero de sete]» das armas de Portugal.

7-8. forte em toda parte] cf.: illustre em toda parte (X 67, 3). «em toda parte» corresponde a *omni parte, omni ex parte,*=a todos os respeitos, inteiramente, perfeitamente (significação que os nossos diccionarios não registam).

26. Eſtavão pelos muros, temeroſas
E de hum alegre medo quaſi frias,
Rezando aſ mãis, irmãs, damas e eſpoſas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegão as eſquadras bellicoſas
Defronte das immigas companhias,
Que com grita grandiſſima as recebem,
E todas grande duvida concebem.

27. Reſpondem as trombetas menſageiras,
Pifaros ſibilantes e atambores;
Alferezes volteião as bandeiras
Que variadas ſão de muitas côres.
Era no ſeco tempo que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,

26 3 *A* mais || 4 jũs || 6 imi. (v. *R Ph*) || 7 os (a corr. é de Gomes de Amorim)

27 3 volte. (v. *R Ph* em «-eia») || 4 sam co.

26 Stant pavidae in muris matres (Verg. *En.* VIII 592) (FS).

Vota metu duplicant matres (id. ibd. 556) (FS).

26 1. pelos muros] de Abrantes; v. IV 23.

2. alegre medo] Note-se o oxymoron; FS compara: *percussus Achates | laetitiaque metuque* (Verg. *En.* I 513-514). (G. de Amorim substitue «alegre» por «algido»).

5-6. as esquadras bellicosas] dos Portuguesces.

7. Vejo, com G. de Amorim, em «os» erro typographico. Quem julga desnecessaria a correcção, entende que o Poeta, por uma synese que na verdade não é absolutamente estranha, dizendo «os» tinha na mente «inimigos».

8. todas] tanto «as esquadras bellicosas» (os Portugueses) como «as immigas companhias» (os Castelhanos), (*die Krieger alle*, Storck).

duvida] sobre o exito da batalha.

27 1. Respondem] á grita dos Castelhanos.

3. No tempo de Cam. ainda o plural de «alférez» não tinha sido reduzido a «alferes».

5-8. Astrea] (*Astraea*) deosa da justiça, quando, depois de ter vivido, na idade de ouro, entre os homens, deixou a terra, foi collocada no ceo na parte que se chama o signo da Virgem (ou: de Virgo).

Entra em Aſtrea o Sol, no mês de Agoſto,
Baccho das uvas tira o doce moſto.

28. Deu ſinal a trombeta Caſtelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroſo;
Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroſo;
Ouvio o Douro e a terra Tranſtagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoſo;
E as mãis que o ſom terriбil eſcuitárão,
Ao peito os filhinhos apertárão.

29. Quantos roſtos ali ſe vem ſem côr!
Que ao coração acode o ſangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor

‖ 7 mes ‖ 8 Baco . oçe

28 3 A comparação com o texto da *En.* abaixo transcripto faz-me suppor que o pronome «o» depois de «Ouvio» é devido ao compositor: ‖ 4 *A* Atras *B* A tras ‖ 5 *B* trans. ‖ 7, 8 *A* . târão *B* . tàrão

29 1 eor

---

28 At saeva e speculis tempus dea nacta nocendi | . . pastorale eanit signum eornuque recurvo | Tartaream intendit vocem, qua protinus omne | eontremuit nemus et silvae insonuerunt profundae; | audiit et Triviae longe lacus, audiit amnis | sulphurea Nar albus aqua fontesque Velini | , et trepidae matres pressere ad pectora natos (Verg. *En.* VII 511-518) (FS). refluitque exterritus amnis (id. ibd. VIII 240) (FS).

29 3-4 Terror in his ipso major solet esse periclo (Ov. *Her.* XVI 349) (FS).

A batalha de Aljubarrota (localidade da Estremadura, entre a villa da Batalha e Alcobaça) foi dada aos 14 de Agosto de 1385. Sobre o calendario de então, v. o com. a II 72.

28 3. *Promunturium Artabrum* é o nome latino de um cabo da Galliza septentrional, que d'antes se julgava ser o cabo de Finisterra, mas que, segundo os geographos mais modernos, é o cabo Ortegal.

He maior muitas vezes que o perigo;
E ſe o não he, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro immigo
Faz não ſentir que he perda grande e rara
Dos membros corporais, da vida cara.

30. Começa-ſe a travar a incerta guerra;
De ambas partes ſe move a primeira ala;
Huns leva a defenſão da propria terra,
Outros as eſperanças de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem ſe encerra
Todo o valor, primeiro ſe aſſinala:
Derriba e encontra, e a terra em fim ſemeia
Dos que a tanto deſejão ſendo alheia.

31. Já pelo eſpeſſo ar os eſtridentes
Farpões, ſetas e varios tiros voão;

‖ 4 may. ‖ 5 não . cçe ‖ 7 não *B* grãd.
30 3 . ũs . cnsam ‖ 4 . ala ‖ 7 *B* . õtra ẽ . ca (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 8 . ea
31 2 . oão

29 5-8. O texto das ed. de 1572, tomado o verbo «parecer» no sentido usual, não pode significar senão que: se o temor não é maior que o perigo, parece que o é, porque a furia de vencer o inimigo não deixa sentir que é irreparavel a perda da vida ou ainda a de algum dos membros. Ora em tal ligação de ideias ha evidente contradicção e Cam. não podia querer dizer tal cousa. E' portanto necessario admittir que o verbo «parecer» tem neste lugar outra significação, querendo o Poeta dizer que, se o temor não é maior que o perigo, tal facto não é senão apparente, sendo que a furia de vencer o inimigo obscurece aquelle temor, que na realidade existe nas profundidades da consciencia. A ed. de 1651 suppôs haver erro typographico e que o texto originariamente era: E se o não he, parece que o furor, etc. D'este modo a difficuldade realmente desapparece.

7. rara] = extraordinaria.

No ultimo verso ha a suppressão, um tanto dura de «a» (perda) antes de «Dos membros corporais, da vida cara».

30 1. guerra] (como ás vezes *bellum*) por: batalha.

4. as esperanças] Está o plural com referencia a cada um dos individuos.

5. Falla-se de Nuno Alv. Pereira.

7. encontra] Cf. III 51, 1.

Debaxo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles ſoão;
Eſpedação-ſe as lanças, e as frequentes
Quedas co as duras armas tudo atroão;
Recrecem os immigos ſobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

32. Eis ali ſeus irmãos contra elle vão
—Caſo feio e cruel!—mas não ſe eſpanta,
Que menos he querer matar o irmão
Quem contra o Rei e a patria ſe alevanta.
D'eſtes arrenegados muitos ſão
No primeiro eſquadrão, que ſe adianta
Contra irmãos e parentes—caſo eſtranho!—
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

33. O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,

|| 3 *A* pês || 4 . ales (valle: v 75, IX 55) . oão || 5 . ação || 6 . oão || 7 . cçem

32 1 yrm. vão || 2 feo (v. *R Pk* em «-cia») || 3 *B* que yrmão || 4 *B* quem || 5 *B* Dostes sam || 6 . drão || 7 yrm. || 8 *B* quaes Ci. (sem «e» antes de «Magno»; a corr. é já antiga)

33 1 O o

31 8. apouca] causando-lhes baixas.

32 1. seus irmãos] V. IV 14. 8. A' guerra civil entre Julio Cesar e Pompeio já Cam. alludiu em III 71-73. Pompeio conservou o cognome de *Magnus* depois das suas victorias contra os partidarios de Mario. Tambem Lucano, por ex., designa Pompeio simplesmente por este cognome. De certo Cam. pronunciava «Magno» á italiana, como se fosse escripto «Manho». Heitor Pinto diz «o manho Alexandre» (II 97 da 1.ª ed.).

33 1. Sobre Sertorio, v. VIII 7-8. Cneo Mario, chamado o Coriolono por ter tomado a cidade de Coríolos, havendo ido exilar-se, em consequencia de uma condemnação, para o país dos Volscos, veiu posteriormente sobre Roma á frente do exercito volsco, e foram só as supplicas de sua mãe e de sua mulher, que o moveram a levantar campo (T. Liv. II 39-40). nobre] =que tem nomeada, famoso.

Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra voſſas patrias com profano
Coração vos fizeſtes inimigos,
Se lá no reino eſcuro de Summano
Receberdes graviſſimos caſtigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portugueſes
Alguns tredores houve algũas vezes.

34. Rompem-ſe aqui dos noſſos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão!
Eſtá ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortiſſimo lião,
Que cercado ſe vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tutuão:
Perſeguem-no com as lanças, e elle iroſo
Torvado hum pouco eſtá, mas não medroſo.

‖ 2 vos ‖ 5 *A* lâ *B* là Suma. ‖ 8 . gũs
34 3 . ta *A* pellos ‖ 4 *A* . tâ *B* . tà lião ‖ 5 ve ‖ 6 vão . tuão ‖ 8 . ũ *A* . tâ

---

34 Ceu saevum turba leonem | cum telis premit infensis, at territus ille, | asper, acerba tuens, retro redit; et neque terga | ira dare aut virtus patitur, nec tendere contra | ille quidem hoc cupiens per tela virosque | . . (Verg. *En.* IX 792-796) (FS).

2. Lucio Sergio Catilina 108-62) foi o cabeça de ùma conspiração que tinha por fim derribar a constituição politica então existente em Roma.

3. profano] = impio.

5. Summano] divindade do ceo nocturno, foi nos ultimos tempos da antiguidade classica identificado com a divindade infernal Plutão. D'elle falla Plauto alêm de outros escriptores. O movimento oratorio e a fórma geral syntactica da estancia é a mesma que em III 32, 1-4.

34 «. . sendo a sua az grossa daquella maneira, e a dos Portugueses pequena, e singella, e nom a podendo sofrer foy rota por força a sua vanguarda» (F. Lopes, *D. João I*, II 42).

1. Rompem-se] está em sentido passivo. os primeiros] = a vanguarda.

4. Ceita] fórma antiga parallela de «Ceuta».

6. Tutuão] em castelhano «Tetuan», no imperio de Marrocos, ao sul de Ceuta. V. *R Ph.*

35. Com torva viſta os vê; mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as coſtas dê; mas antes na eſpeſſura
Das lanças ſe arremeſſa, que recrecem.
Tal eſtá o cavalleiro, que a verdura
Tinge co ſangue alheio. Ali perecem
Alguns dos ſeus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

36. Sentio Joanne a afronta que paſſava
Nuno, que, como ſabio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava
Com preſença e palavras coração.
Qual parida lioa, fera e brava,
Que os filhos que no ninho ſós eſtão,
Sentio que, em quanto paſto lhe buſcara,
O paſtor de Maſſylia lh'os furtara,

35 1 *B* vè || 2 yr. não || 3 *B* dè || 5 *A* . tà *A* . aleiro || 6 . cyo || 7 . gũs
36 1 . ane (. anne: IV 2, 23, 25) || 5 Li. || 6 *A* sôs *B* sos || 8 Massi.

---

36 Utque furit catulo lactente orbata leaena, | signaque nacta pedum sequitur, quem non videt, hostem, | sic . . (Ov. *Met.* XIII 547-548) (FS).

35 2. compadecem] = consentem; é sentido do verbo *pati* ao qual se liga etymologicamente o verbo português.

8. virtude] é latinismo (*virtus*), por: valentia.

36 «El Rey, quando vio a vanguarda rota, e o conde em tamanha pressa, com grande cuidado, e todos com elle, abalou rijamente com sua bandeira dizendo alta voz com grande esforço. *Auante, auante, São Iorge Portugal, São Iorge Portugal, que eu são El Rey*» (F. Lopes, *D. João I*, II 42).

1. «passar afronta» é usual no português antigo no sentido de «estar em aperto» (mormente em batalha).

2. que] parece não ser o pronome relativo, senão a particula causal (correspondente a *nam* e *enim*), de uso tão frequente nos *Lusiadas*.

8. Os Massylos eram um povo da Numidia. Os poetas latinos empregavam o adjectivo *Massylus*

37. Corre raivoſa e freme e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joanne com outros eſcolhidos
Dos ſeus correndo acode á primeira ala:
"O' fortes companheiros, ó ſubidos
Cavalleiros, a quem nenhum ſe iguala,
Defendei voſſas terras, que a eſperança
Da liberdade eſtá na voſſa lança.

38. Vedes-me aqui, Rei voſſo e companheiro,
Que entre as lanças e ſetas e os arneſes
Dos inimigos corro e vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros Portugueſes."
Iſto diſſe o magnanimo guerreiro,
E ſopeſando a lança quatro vezes
Com força tira, e d'eſte unico tiro
Muitos lançárão o ultimo ſuſpiro.

39. Porque cis os ſeus acceſos novamente
De hũa nobrc vergonha e honroſo fogo,

37 2 sete || 3 *A* . ane || 4 aa || 5 O o || 6 *A* . aley. *B* . allei. ygoa. (igua. II 63; III 28) || 7 . ey || 8 *A* . tâ *B* . tà
38 1 . ey || 2 *A* sê. || 4 . ay || 5 . eyro || 6 *B* sopean. || 8 Muy. . arão sosp. (susp.: IV 89)
39 1 ace. (v. I 5) || 2 Dhũa (v. *R Ph* em «Elisão»)

como equivalente de «Africano» (da Africa septentrional). O nome de região «Massylia» é derivado moderno.

37 Os montes Sete Irmãos («Sierra de Bullones» dos Hespanhoes [Reclus] são na parte septentrional do imperio de Marrocos: *montes sunt alti qui continenter et quasi de industria in ordinem expositi ob numerum Septem ob similitudinem Fratres nuncupantur* (Pomp. Mela, I 5, 29). (Freire de Carvalho diz inexactamente que o nome foi posto pelos Portugueses). abala] Cf.: Os montes parecia que abalava | O triste som das mágoas que dizia (Cam., son. «Todo animal . .»; F S).

8. liberdade] como em I 6, 2.

38 7. tira] está intransitivamente.

Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do Marcio jogo,
Porfião: tinge o ferro o ſangue ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo.
Aſſi recebem junto e dão feridas
Como a quem já não doe perder as vidas.

40. A muitos mandão ver o Eſtygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.
O Meſtre morre ali de Sanctiago,
Que fortiſſimamente pelejava.
Morre tambem, fazendo grande eſtrago,
Outro Meſtre cruel, de Calatrava;
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo e os fados.

‖4 *A* . crâ *B* . erà ‖5 fogo ard. (v. o com.) ‖7 dão ‖8 não
40 1 Esti.

39 4. o Marcio jogo] = o jogo de Marte, a guerra: *Heu nimis longo satiate ludo* (referindo-se a Marte, Hor. *Od.* I 2, 37, FS).

5. A substituição de «fogo» por «sangue» é da ed. de 1597; mas já antes B. Caldera traduzira: *tiñe al hierro sangre ardiente*. O epitheto «ardente», a locução usual «a ferro e fogo», o haver no verso precedente a dicção quasi homonyma «jogo», e a semelhança das letras iniciaes das duas palavras (*j*, *f*) podiam muito facilmente levar o compositor a trocar «sangue» por «fogo». O epitheto «ardente» refere-se á côr, cf. «Escarlata purpurea, côr ardente», (II 77). FS vê em «fogo» posto em lugar de «sangue» um tropo arrojado. M. Corrêa pensa, indubitavelmente sem razão, que «fogo» representa o «honroso fogo» do 2.º verso. Storck traduzindo «*Die Schwerter färben sich, vom Hieb ersprühend*», parece tomar «fogo» no sentido proprio e entender que o «tingir» se refere ao scintillar das espadas que batem umas nas outras.

40 «Em esta batalha recebeo Castella muy grande perda, assi de Condes e Mestres; e grandes senhores, como fidalgos, e doutra meam gente, e doutro comum pouo em grande quantidade.. Outrosi morrerom ahi dos fidalgos Portugueses, que andavom em Castella,.. Dom Pedralvarez Percira, Irmão do Condestabre, e Diogo Alvarez seu Irmão» (F. Lopes, *D. João I*, II 45).

1. o Estygio lago] (*Stygiamque paludem*, Verg. *En.* VI 323) era nos Infernos do paganismo grego.

3-8. F. Lopes não falla da morte do mestre da ordem de Santiago na batalha de Aljubarrota. No cap. 45 (da parte II) põe entre

41. Muitos tambem do vulgo vil ſem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao profundo,
Onde o triſauce Cão perpetua fome
Tem das almas que paſſão d'eſte mundo.
E porque mais aqui ſe amanſe e dome
A ſoberba do immigo furibundo,
A ſublime bandeira Caſtelhana
Foi derribada aos pés da Luſitana.

42. Aqui a fera batalha ſe encruece
Com mortes, gritos, ſangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece,

41 2 Vão·‖ 3 Tri. ‖ 6 imi. (v. *R Ph*) ‖ 8 .oy os (a corr. é já antiga) pês
42 3 .idão

os mortos nesta batalha João Peres de Godoy «filho do Mestre de Calatrava», tendo porêm dado no cap. 38 Pedro A. Pereira por mestre da ordem de Calatrava (e no cap. 46 dá o mesmo Pereira por mestre da ordem de Alcantara; mas o mestre de Alcantara do cap. 45 é D. Gonçalo Nunes). Para Cam. o mestre de Calatrava não é Pedro A. Pereira, por isso que este e o seu irmão Diogo são evidentemente «os Pereiras» do 7.º verso; mas quem o seja, não pode determinar-se. Outro Mestre eruel, de Calatrava]=Outro Mestre eruel, o de Cal.; cf. x 100, 6. Note-se o trocadilho do verbo «arrenegar» que no 7.º verso equivale a «renegar» (da patria), e no 8.º a «maldizer».

41 «..prougue a Deos, que a bandeira de Castella foi derribada» (F. Lopes, *D. João I*, II 42).

1. vil] simplesmente no sentido de «baixo de nascimento», em contraposição aos «nobres» do verso seguinte; «vulgo vil» é o «eommum povo» do texto de F. Lopes. «vulgo sem nome» é o *sine nomine plebem* de Vergilio (*En.* IX 343; FS).

2. profundo] substantivamente, por: Infernos.

3. o trifauee Cão] o eão dos Infernos, Cérbero, de tres eabeças: *Cerberus haec ingens latratu regna trifauci | personat.. Ille fame rabida tria guttura pandens..* (Verg. *En.* VI 417-418, 421; FS).

42 «..e os Castellãos..começarom eada vez de fugir mais» (F. Lopes, *D. João I*, II 45). «El Rey de Castella vendo que a fortuna de todo em todo era favoravel aos Portugueses.. trigou-se eomo quem nom sinte dor, por logo partir» (id. ibd. 43).

1. Aqui] em sentido temporal: neste ponto.

3-4. Como evidentemente Cam. quer dar ideia da grande earnificina que houve, ha-de entender-se que o sentido é, que o sangue tornou

Tem as flores da propria côr mudadas.
Já as coſtas dão e as vidas; já fallece
O furor e ſobejão as lançadas;
Já de Caſtella o Rei deſbaratado
Se vê e de ſeu propoſito mudado.

43. O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficárão, e o temor
Lhe dá não pés, mas aſas á fugida;
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda deſpendida,
Da magoa, da deſhonra e triſte nojo
De ver outrem triumphar de ſeu deſpojo.

44. Alguns vão maldizendo e blaſphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a ſede dura vão culpando
Do peito cobiçoſo e ſitibundo
Que, por tomar o alheio, o miſerando

‖ 4 cor ‖ 5 fale. (v. IV 12) ‖ 7 .ey ‖ 8 vee

43 1 .ay ‖ 3 *A* .guẽ fica. ‖ 4 da *A* pês *B* pès aa ‖ 7 deson. (v. IV 5)

44 1 .gũs vão blasfe. ‖ 3 vão ‖ 5 .co (v. *R Ph* cm «-eia»)

---

43 3-4 Fugit.. pedibus timor addidit alas (Verg. *En.* VIII 223-224) (FS).

vermelhas as hervas do campo da batalha, cf. III 52, 6-8. Assim interpretam FS, Macedo, e Storck. Alguns — e a elles parece encostar-se Man. Corrêa — menos ajuizadamente referem «flores» á côr do rosto. da propria côr] pertence para «mudadas», cf. «de seu proposito mudado» no ultimo verso.

43 3. ficárão]=sobreviveram á batalha.

4. Lhe] refere-se a «os que ficárão».

6. da morte]=da mortandade. da fazenda despendida] como «do morto Conde» (IV 6).

7. nojo]=pesar; é accepção antiquada.

Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas mãis, tantas eſpoſas,
Sem filhos, ſem maridos, deſditoſas.

45. O vencedor Joanne eſteve os dias
Coſtumados no campo em grande gloria;
Com offertas deſpois e romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de ſi memoria
Se não por armas ſempre ſoberanas,
Pera as terras ſe paſſa Tranſtaganas.

46. Ajuda-o ſeu deſtino de maneira
Que fez igual o effeito ao penſamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o deſpojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira.

‖ 6 aas
45 8 *A* Trãs.
46 2 igo. (v. 1 5) ‖ 5 Siui. (Seui.: III 75, VIII 24)

44 6. profundo] eomo em IV 41, 2.

45 1-2. «El Rey esteve tres dias no campo, segundo costume de taes batalhas» (F. Lopes, *D. João I*, II 46).

3-4. «Como El Rey partio de Sãctarem por eomprir a romaria, que promettida tinha» (id. ibd. 62).

5-8. Depois da batalha de Aljubarrota, Nuno Alv. Pereira passou ao Alemtejo, ainda no anno de 1385, e atravessando o Guadiana chegou pelo caminho de Badajoz e Mérida a Valverde (ao nordeste de Merida, junto do Guadiana), onde se deu a batalha a que se refere a est. seguinte (F. Lopes, *D. João I*, II 53-58). armas] eomo em I 1, 1.

46 3. a terra dos Vandalos]=a Andaluzia (v. IV 9), a que o Poeta dá aqui sentido amplo, comprehendendo nesta denominação tambem o sul da Estremadura hespanhola.

5-8. F. Lopes, resenhando as forças eastelhanas que entraram na batalha dc Valverde, falla dos «Vintequatro de Sevilha, eom o pendam da Cidade» *D. João I*, II 53). «Os Mestres e senhores que nom pelejarom.. quando virom.. a bandeira do Mestre [de Santiago]

*

E de varios ſenhores num momento
Se lhe derriba aos pés, ſem ter defeſa,
Obrigados da força Portugueſa.

47. D'eſtas e ouſtras victorias longamente
Erão os Caſtelhanos opprimidos,
Quando a paz, deſejada já da gente,
Derão os vencedores aos vencidos,
Deſpois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
A's duas illuſtriſſimas ingleſas,
Gentis, fermoſas, inclitas princeſas.

48. Não ſoffre o peito forte, uſado á guerra,
Não ter immigo já a quem faça damno,
E aſſi não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Eſte he o primeiro Rei que ſe deſterra
Da patria por fazer que o Africano
Conheça polas armas quanto excede
A lei de Chriſtò á lei de Mafamede.

|| 6 nũ || 7 *A* pês *B* pès
47 4 .rão || 7 Aas Ill.
48 1 *A* sofr. (v. 1 65) aa || 2 imi. (v. *R Pk*) dano (v. 11 69) || 4 .ay Occe. (v. *R Pk*) || 5 .ey || 6 *A* .inano || 7 pollas (polo: 1 12, 15, 17, 34, 49, 58, 99, etc.) || 8 .ey aa .ey

com as outras derribadas, e abatidas, ficarom espantados..» (id. ibd. 58). A Andaluzia, com parte da Granada, corresponde á «Betica» dos antigos. sem ter defesa] refere-se a «senhores»; sobre a locução, v. o com. a IV 15.

47 Depois de tregoas renovadas varias vezes, o tratado de paz entre Portugal e Castella foi concluido em 1411.

7-8. As princesas cram as duas filhas do duque de Lencastre, Filippa e Catharina, a primeira das quaes desposou o rei de Portugal, e a segunda o rei de Castella; v. o com. a VI 47.

49. Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tethys inquieta
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abyla e o nobre fundamento
De ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, e segura toda Hespanha
Da Juliana, má e defleal, manha.

50. Não consentio á morte tantos annos

49 1 *A* pello (pelo: I 20, 41, 50, 86; II 36; III 115; VII 17, 23, 24, 29, 46, 49, 51, 75, etc.) *B* polo || 2 Tetis || 3 vão || 4 pos || 5 . ila || 7 fo. Esp. (v. III 17) || 8 *A* mâ

49 1. mil] designação geral de grande numero. nadantes aves] = navios.

2. Tethys] por: Oceano (como tambem «Neptuno»).

3. asas] fallando das velas, como *velorum pandimus alas* (Verg. *En.* III 520).

4. = para o estreito de Gibraltar; v. o com. a III 18 e 137).

5-8. Os geographos não são unanimes na identificação do monte Abyla da antiguidade, sendo que uns entendem que é o moderno monte dos *Monos*, outros que é o monte do *Facho*, em hespanhol *hasho* (v. *Rev. Archéologique*, 1900, II). A este respeito E. Reelus. (na *Nouv. Géogr. Univ.*, XI, 668) diz: «*En se prolongeant au nord, la chaîne bordière . .se termine à la pointe d'Afrique par le djebel Belliounech. . D'un côté ce massif projette à l'est l'étroite péninsule qui s'unit par un isthme fortifié au massif insulaire de Ceuta; de l'autre il s'avance au nord pour former le promontoire du Djebel-Mouça, le pilier méridional de la Porte d'Hercule. Ce pilier, l'antique Abyla.* Para Camões o Abyla é ecrtamente o monte mais alto dos sete que formam a peninsula de que falla Reelus. o nobre fundamento de Ceita] equivale a: a nobre Ceita, base das conquistas portuguesas na Africa (*Libyci fundamina regni* | *Septam urbem*, Macedo). Com sentido analogo diz Du. Pacheco: «mandou descobrir as Ilhas de Sam Thomé e Sant'Antonio e as pouorou com fundamento da nauegaçam da India» (*Esmeraldo*, pag. 2 da minha ed.). «..a cidade de Ceita com toda a outra Mourisma, depois de sua paixam [de Christo], foy conuertida a sua sancta Fé, na qual durou ate o tempo do Conde Juliam que a por sua vontade deu aos infieis, os quaes tornaram as suas sanctas Igrejas em Mesquitas.. e dalli fizerão depois muitos danos na Hespanha» (Sermão que prègou Frei João Xira antes da partida da expedição, na *Chr. de D. João I* parte III cap. 51). (Sobre a invasão da Peninsula pelos muçulmanos em 711, v. Lafuente, *Hist. gen. de Esp.*, parte I liv. IV cap. 8). o torpe Mahometa] Cf. I 8, 6. e segura] = e d'este modo segura. Ceuta foi tomada a 21 de Agosto de 1415.

50 1. tantos annos] foi trans-

Que de heroe tão ditoſo ſe lograſſe
Portugal, mas os coros ſoberanos
Do Ceo ſupremo quis que povoaſſe.
Mas pera defenſão dos Luſitanos
Deixou, quem o levou, quem governaſſe
E aumentaſſe a terra mais que de antes,
Inclita gèração, altos Infantes.

51. Não foi do Rei Duarte tão ditoſo
O tempo que ficou na ſumma alteza,
Que aſſi vai alternando o tempo iroſo
O bem co mal, o goſto co a triſteza.
Quem vio ſempre hum eſtado deleitoſo?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neſte Reino e neſte Rei
Não uſou ella tanto d'eſta lei.

52. Vio ſer captivo o ſanto irmão Fernando,

50 4 ceo || 5 .sam || 7 dan. (v. *R Ph* em «Elisão») || 8 gê.
51 1 Não .oy .ey || 3 .ay || 6 auer (v. 1 74) || 7 .ey || 8 .ey
52 1 *B* yr. .mão

posto para antes da conjuncção «Que»; v. *R Ph* em «Transposição». Com respeito ao sentido de «tantos» cf. III 22, 7.

6. quem o levou] da vida presente; cf.: Roga a Deos que tão cedo te levou (Cam., son. «Alma minha gentil..»).

8. Os infantes foram: D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando.

51 3-4. Cf.: A bemaventurança já passada | Diante de mim tinha tão presente, | Como se não mudasse o tempo nada (Cam., eleg. «O poeta Simonides..»); «Que grande variedade vão fazendo, | Frondelio amigo, as horas apressadas!» (id., ecl. que assim principia); «corre o tempo | Ora assi, ora assi; se de dureza | Ontem usou, oje usa de brandura» (Caminha, son. 37 das *Poesias ineditas* publicadas por J. Priebsch). O Dr. J. M. Rodrigues, no *Instituto* de 1907, acha «acceitavel» a pseudo-correcção, proposta por G. de Amorim, de «fado» em vez de «tempo».

7. Pois] V. o com. a VIII 31, 8.

52 Na desastrada expedição a

Que a tão altas empreſas aſpirava,
Que por ſalvar o povo miſerando
Cercado, ao Sarraceno ſe entregava.
Só por amor da patria eſtá paſſando
A vida de ſenhora feita eſcrava,
Por não ſe dar por elle a forte Ceita;
Mais o pubrico bem, que o ſeu, reſpeita.

53. Codro, porque o inimigo não venceſſe,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdeſſe,
Quis mais a liberdade ver perdida;

‖ 4 sentr. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 5 *A* Sô *A* . tâ *B* . tà ‖ 6 *B* senhor a fey. ‖ 7 ha (graphia antiga, que nos *Lusiadas* só occorre neste lugar; a suppressão do *h* é já antiga)

53 1 não

Tanger, em 1437, capitaneada pelos infantes D. Henrique e D. Fernando, as forças portuguesas bloqueadas no acampamento pelos Africanos tiveram de capitular. Nos termos do acôrdo, o rei de Portugal havia de entregar Ceuta e ficar em refens um dos infantes. Segundo a resolução do conselho de guerra (*Chr. de D. Duarte*, cap. 33), ficou D. Fernando. O governo português resolveu por fim não entregar aquella praça, e D. Fernando, a quem a posteridade deu o nome de «o infante santo», passou o resto da vida cativo em Africa. Cam. deixa em silencio que o infante escreveu de Arzilla ao rei, seu irmão, «pedindo-lhe sua redençon» (*Chron.* cap. 42).

3. A oração é relativa e não consecutiva.

6. de senhora] pertence para «feita» e não para «vida».

8. pubrico] V. *R Ph* em «r».

53 1-2. Quando os Dorios iam invadir a Attica, o oraculo predisse-lhes que ficariam veneedores, se não matassem o rei d'aquelle país. Segundo a lenda, Codro, ultimo rei de Athenas, sacrificando-se pela patria, entrou disfarçado no acampamento inimigo e ahi foi morto. (Just. II 6; Cic. *Tusc.* I 48).

3-4. «O consul Attilio Regulo estando preso em Carthago, foi enviado a Roma pelos Carthagineses a persuadir ao senado que entregasse os cativos que la tinhão: o qual chegado a Roma aconselhou com instancia ao senado que nem cativos entregasse nem a paz se consentisse; para o que soube dar taes razões que o senado movido dellas outorgou o parecer de Regulo; por o qual tendo-se os Carthagineses por escarnecidos o matárão cruelmente (S. Toscano *Parall.* 34) (Cic. *De off.* I § 39).

«querer mais» por «antes querer,

Eſte, porque ſe Heſpanha não temeſſe,
A captiveiro eterno ſe convida!
Codro, nem Curcio, ouvido por eſpanto,
Nem os Decios leais fizerão tanto.

54. Mas Affonſo, do Reino unico herdeiro
—Nome em armas ditoſo em noſſa Heſperia—,
Que a ſoberba do barbaro fronteiro

‖ 5 Esp. (v. III 17)
54 2 (sem parenth.)

preferir» era corrente no português antigo.

5. por que se.. não temesse] sc. dos Africanos.

6. eterno] fallando do que dura toda a vida, como em latim: *P. Lentulum aeternis tenebris vinculisque* [=prisão perpetua] *mandare* (Cic. *Catil.* IV 5).

7-8. O feito de Curcio é narrado por T. Livio (VII 6) e por Val. Maximo, que diz: *Cum autem in media parte fori vasto ac repentino hiatu terra subsideret responsumque ea re illum tantum modo compleri posse, qua populus Romanus plurimum valeret, Curtius.. interpretatus urbem nostram virtute armisque praecipue excellere, militaribus insignibus ornatus equum conscendit cumque vehementer admotis calcaribus praecipitem in illud profundum egit..* (V 6, 2).
Os Decios são: Publio Decio Mus, um filho d'elle e um neto. D'elles a tradição conta que sacrificaram voluntariamente a vida, o primeiro em uma batalha contra os Latinos, na Campania, no anno 340 a. Chr. (T. Liv. VIII 9); o segundo na batalha de *Sentinum* contra os Samnitas e Etruscos em 295 (T. Liv. X 27), e (segundo Cicero, *Tusc.* I 37); o terceiro em uma batalha contra Pyrrho em 279. Estas personagens são muito celebradas na litteratura italiana e castelhana, como nota FS: por ex. Petrarca falla de Regulo, dos Decios, pae e filho, e de Curcio no *Tri. della Fama* (I); Dante dos Decios na *Div. Com.* (*Par.* IV), J. de Mena de Codro e dos Decios na copla 216. Codro nem Curcio] por: nem Codro nem Curcio; cf. IV 5.

54 1. Mas] V. o com. a III 33. unico] i. é, que tem a primazia (como filho primogenito; D. Duarte deixou, legitimos, dois filhos e duas filhas); cf. «unico herdeiro» (IV 2, 7) applicado a D. João I, e com. a V 55, 4. O Dr. J. M. Rodrigues imagina que «unico herdeiro» é «inexactidão que.. se deve attribuir, não a Camões, mas a quem pretendeu melhorar o poema» o suppõe que o Poeta escrevera «Mas Affonso, do reino primo herdeiro»! (*O Instituto*, 1907).

2. nossa Hesperia] a «Hesperia ultima» de II 108. Cam. refere-se não só aos Affonsos de Portugal, senão tambem aos de Leão e Castella.

3-4. Allude-se ao que se diz nas est. 55 e 56. o barbaro fronteiro] o da Mauritania, fronteira á peninsula pyrenaica.

Tornou em baxa e humillima miſeria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quiſera hir ver a terra Iberia;
Mas Africa dirá ſer impoſſibil
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

55. Eſte pôde colher as maçãs de ouro,
Que ſòmente o Tirynthio colher pôde;
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não ſacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoſo e a dura Arzilla.

56. Porem ellas em fim por força entradas

‖ 4 . ilima ‖ 5 Fo. ‖ 6 yr (v. 1 9) ‖ 7 Affr. (v. *R Plt*) . rà
55 1 po. ‖ 2 so. Terintio po. ‖ 3 pos ‖ 4 nam
‖ 7 . açer

6. Allude-se ao que se narra na est. 57 e seguintes.

7-8. Depois de «ser impossivel» o português antigo dava frequentemente á oração complementar a forma negativa; cf. com. a II 19 e 44).

55 1-2. Estes versos referem-se ás conquistas de D. Affonso V no imperio de Marrocos.

Hercules, que foi criado em Tiryns (na Argólida), é ás vezes designado simplesmente pelo adjectivo *Tirynthius* (Ov. *Met.* IX 66). Um dos doze trabalhos de Hercules (v. o com. a IV 80) foi assenhorear-se dos pomos de ouro guardados pelas Hespéridas, cuja séde era, segundo uma tradição, na Mauritania; cf. II 103.

5. verde louro] é tambem o final de III 97, 8.

6. victorias do barbaro] = victorias ganhas ao barbaro.

7-8. Alcacer (Ceguer) foi tomada em Outubro de 1458 e Arzilla em Agosto de 1471. Tanger, desamparada pelos Mouros depois da perda de Arzilla, foi occupada pelos Portugueses aos 29 de Agosto de 1471. Da tomada de Alcacer falla a *Chron. de D. Aff. V* no cap. 138, e da de Arzilla no 165.

A fórma «Tangere» é usual no português antigo. Cam. não tem regularidade no genero dos nomes de povoações não terminados em *a*: assim faz «Dio» feminino (conformemente á grammatica moderna) em II 50, X 64, e masculino em X 67; por isso «Tangere» é aqui masculino.

Os muros abaxárão de diamante
A's Portugueſas forças, coſtumadas
A derribarem quanto achão diante.
Maravilhas em armas eſtremadas,
E de eſcriptura dinas elegante,
Fizerão cavalleiros neſta empreſa,
Mais afinando a fama Portugueſa.

57. Porem deſpois tocado de ambição
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai cometer Fernando de Aragão
Sobre o potente Reino de Caſtella.
Ajunta-ſe a inimiga multidão
Das ſoberbas e varias gentes d'ella
Deſde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

58. Não quis ficar nos Reinos oucioſo

56 2 . arão Dia. || 3 Aas || 8 affi. (afi.: v 89)
57 3 . ay || 8 *B* . çeo
58 1 occi. (oucioso: vi 96, viii 87; a corr. é minha)

56 2. de diamante] (em ix 42: muro adamantino) corresponde a *adamantinus* = de aço, duro como aço, que apresenta grande resistencia (em Lucrecio ii 447: *adamantina saxa*).

7. cavalleiros] é o sujeito.

57 Por fallecimento de Henrique iv de Castella (em Dezembro de 1474) devia succeder-lhe no throno sua filha D. Joanna, que, segundo as disposições testamentarias de D. Henrique, havia de casar com D. Aff. v de Portugal, seu tio. D. Joanna porêm, que aos olhos da maior parte da gente passava por fructo das relações adulteras da rainha D. Joanna, filha de D. Duarte de Portugal, com D. Beltrão de la Cueva, teve por competidor ao throno o rei de Aragão, D. Fernando o Catholico, o qual era casado com D. Isabel, irmã de Henrique iv. D. Aff. v, pretendendo defender os direitos da sobrinha entrou em Castella em som de guerra em Maio de 1475.

7. «Calez» ou «Caliz» é fórma antiga castelhana de «Cadix» (*Suma de Geogr.* de M. Fernández de Enciso). Du. Pacheco no *Esmeraldo* diz «Calez», e Zurara na *Chron. de Guiné* (cap. 5) «Calez». A fórma «Perineo» vem tambem na citada *Suma*.

58 1-4. O principe D. João

O mancebo Joanne, e logo ordena
De hir ajudar o pai ambicioſo,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saio-ſe em fim do trance perigoſo
Com fronte não torvada, mas ſerena,
Deſbaratado, o pai ſanguinolento;
Mas ficou duvidoſo o vencimento;

59. Porque o filho ſublime e ſoberano,
Gentil, forte, animoſo, cavalleiro,

‖ 3 ir (v. 19) . ay ‖ 4 . oy não ‖ 5 . ançe ‖ 7 . ay

sahiu em Janeiro de 1476 em auxilio do pae, com quem se juntou na cidade de Toro (no reino de Leão, ao nascente de Çamora). Sobre «oucioso» v. *R Ph.*

5-7. Segundo mostra a pontuação que empreguei, o sujeito de «Saio-se» (sc. do campo de batalha) é «o pai», ao qual «desbaratado» se junta appositivamente; lê-se na *Chron. de D. Aff. V:* «..pareccndo-lhe [a D. Aff.] que pois a sua batalha [=hoste] onde a maior força estava fôra [no texto «fóra»] desbaratada, que a do Princepe seu Fylho..tambem seria perdida, pollo qual [No texto «perdida. Pollo qual»].. foy aconselhado.. que por aquella noite se acolhesse na fortaleza de Castro Nunho.., e assy o fez» (cap. 191). O Dr. J. M. Rodrigues, não entendendo a syntaxe do periodo, pensa que no 7.º verso Cam. escrevera «Foy do pay o desbarato sangoento» (*O Instituto*, 1907, n.º de Julho). O epitheto «sanguinolento», que, segundo FS, allude principalmente aos feitos de D. Aff. em Africa, corresponde a *cruentus* em: *ille ferox belloque cruentior ipso* | ..*Achilles* (Ov. *Met.* XII 592-593); cf.: «..dos nunca bem domados | Povos do Malabar sanguinolento» (Cam., son. «Esforço grande..»); «..do sanguinolento | Taprobanico Achem» (ode «Aquelle unico exemplo..»).

8. Fechando a narração da batalha de Toro, Pinheiro Chagas escreve «Quem ganhou a victoria? Ninguem, é claro» (*Hist. de Port.* III pag. 470). O summario do cap. 191 da *Chron.* é «De como romperam as batalhas, e as do Prynçepe venceram as d'El Rey Dom Fernando, e a d'El Rey Dom Fernando venceo a d'El Rey Dom Afonso..».

59 1-4. «..o Prynçepe despois do desbarato que fez, ally onde acabou de recolher sua gente, esteve no campo em hum corpo çarrado sem nunca mover atras sua bandeira, a que muitos da batalha vencida d'El Rey D. Afonso.. se recolheram, com os quaes e com outros.. refez hũa grossa batalha, com que aquella noite ficou pacifyco Senhor do campo» (*Chron. de D. Aff. V*, 191). D. João queria ficar tres dias no campo (cf. IV 45, 1-2); mas ponderando-lhe o arcebispo de Toledo que «despois dos imigos partidos bem compria por

Nos contrarios fazendo immenſo damno
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
D'eſta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, ſeu companheiro,
Quando d'aquelles què Ceſar matárão,
Nos Philippicos campos ſe vingárão.

60. Porem deſpois que a eſcura noite eterna
Affonſo apouſentou no Ceo ſereno,
O Principe que o Reino então governa,
Foi Joanne ſegundo e Rei trezeno.

59 3 imen. (v. *R Ph* em «immigo») dano (v. 1 93) ‖ 5 .oy ‖ 7 *A* matâ. ‖ 8 .ipicos *A* vingâ. *B* vingà.
60 2 *B* apos. ‖ 4 .oy terz. (a corr. é já antiga)

60 1 Hasta qu'aquella eterna noche escura | me cierre aquestos ojos.. (Garcil., son. 25, ed. de 1580) (FS).

os tres dias cstar no campo tres oras continoas a rezam de ora por dia, por comparaçam que trouxe da Resurreyçam de nosso Senhor» (que esteve na sepultura só parte da sexta feira, o sabbado e parte da manhã do domingo), conformou-se com este pareeer, e «despois de cstar no campo as tres oras e mais [no dia seguinte ao da batalha, que foi dada em 1 de Março de 1476], sem parecer nclle gente contraira, clle com repouso e regrada ordenança aballou contra Touro» (ibd.). Cam., que não podia dizer com a *Chronica* «as tres oras e mais» sem descer aos pormenores nella referidos, que tornam intelligivel aquella noticia, assentou que, simplificando a narrativa, podia muito bem dizer «todo hum dia». (O Dr. J. M. Rodrigues pensa erradamente que o verso de Cam. era: Toda hũa noite ficou no campo inteiro). inteiro] «*mit Mann und Ross*» na traducção de Storck, pertence para o sujeito da oração: «..Pello qual achandosse o Pryncepe soo no campo, e sem receber em sua pessoa nem sua gente rota nem destroço.. ouve se por herdeiro e Senhor da propria victoria» (ibd.).

5-8. Na primeira das duas grandes batalhas que no anno de 42 se deram nas vizinhanças de Philippos (cidade da Macedonia) entre as forças de Cesar Octaviano e Marco Antonio e as de Bruto e Cassio («aquelles que Cesar matárão»), Antonio venceu Cassio, mas Octaviano foi vencido por Bruto (Vell. Paterc. II 70). *Philippici campi* em Plin. *N. H.* XXXIII § 39.

60 1. Nos poetas latinos occorre muitas vezes *nox* por: as sombras da morte, a morte, v. Verg. *En.* X 746 (cit. por FS).

Eſte, por haver fama ſempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno,
Tentou, que foi buſcar da roxa Aurora
Os terminos que eu vou buſcando agora.

61. Manda ſeus menſageiros, que paſſárão

‖ 5 auer (v. 1 74) ‖ 7 . oy
61 1 passa.

7. que foi] = o que consistiu em. buscar] é nome predicativo.

As est. 61 a 65 referem-se á viagem emprehendida em 1487 por Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, de mandado de D. João II, que desejava ter noticias exactas da terra do chamado Preste João das Indias. Os dois emissarios, chegando a Barcelona, embarcaram para Napoles. De Napoles continuaram a viagem para a ilha de Rhodes, d'onde foram a Alexandria e d'alli ao Cairo. Da capital do Egypto dirigiram-se, com uma caravana de muçulmanos maghrebinos, por Suez a Tur (ou Toro, como dizem Castanheda e Cam.), porto do golfo de Suez na peninsula do Sinai, d'onde foram por mar para Aden. Em Aden separaram-se, seguindo Paiva para a Ethiopia, e concertando ambos tornarem a encontrar-se no Cairo. Pero da Covilhã embarcou para a India e ahi esteve em Cananor, Calecut e Goa. Da futura capital da India portuguesa embarcou para Ormuz; d'alli foi a Sofala, d'onde tornou, por Aden e Tur, ao Cairo. Aqui teve noticia da morte de Aff. de Paiva e encontrou dois hebreus portugueses, de nome José e Abrahão, que andavam em sua procura com cartas de D. João II para os dois emissarios, nas quaes se lhes recommendava que não voltassem para Portugal sem primeiro fazerem ver Ormuz a Abrahão. Pero da Covilhã, tendo entregado ao primeiro d'aquelles dois hebreus uma sua carta para o rei de Portugal, partiu de novo com Abrahão, por Suez, Tur e Aden, para Ormuz. Informado de quanto desejava saber, Abrahão fez-se de volta para Portugal, e Pero, tornando a Jidá visitou Meca, Medina e o Sinai; d'ahi embareando outra vez em Tur, aportou a Zeila, na costa d'Africa, d'onde se dirigiu á côrte do imperador da Abyssinia, Alexandre, que o acolheu benignamente. Alexandre falleceu pouco depois. O seu segundo suecessor (o primeiro só reinou alguns meses), Naod, comquanto tratasse muito bem o mensageiro português, nunca o deixou tornar á patria. Pero da Cov. chegou a ter na Abyssinia posição brilhante, e ou porque David II, o suecessor de Naod (falleeido em 1508), tambem o não deixasse voltar para Portugal, ou porque elle proprio assim o quisesse, nunca mais deixou a Abyssinia. Ignora-se a data do seu fallecimento, ainda era porêm vivo em 1524. V. *Viagens de Pero da Covilhan* pelo Conde de Ficalho.

61 1-2. A informação pouco explicita de Castanheda «E parti-

Heſpanha, França, Italia celebrada,
E lá no illuſtre porto ſe embarcárão
Onde já foi Parthenope enterrada,
Napoles, onde os fados ſe moſtrárão,
Fazendo-a a varias gentes ſubjugada
Pola illuſtrar no fim de tantos annos
Co ſenhorio de inclitos Hiſpanos.

62. Polo mar alto Siculo navegão;
Vão-ſe ás praias de Rhodes arenoſas,
E d'ali ás ribeiras altas chegão
Que co a morte de Magno ſão famoſas;
Vão a Memphis e ás terras que ſe regão
Das enchentes Niloticas undoſas;

‖ 2 Esp. (v. III 17) ‖ 3 la *A* embarcâ. *B* emharcà. ‖ 4 .oy Parte. ‖ 5 *A* mostrâ. *B* mostrà.

62 2 Vão aas Ro. ‖ 3 aas ‖ 4 com mor. (a corr. é já antiga) sam ‖ 5 Menf. aas .egão

dos..de Santarem chegarão a Barcelona.. donde lhes cambarão ho cambo pera Napoles, a que chegarão dia de Sam loão» (I 1) foi causa de Cam. suppor que os mensageiros atravessaram a França e a Italia até Napoles.

4-5. V. o com. a III 19. se mostrárão] = mostraram o seu poder.

6-8. A cidade de Napoles, que depois da queda do imperio romano occidental passou por muitas vicissitudes, estando sujeita aos Normandos, que a tomaram em 1130, a principes allemães e da casa de Anjou, no tempo de Cam. pertencia á coroa de Aragão e Castella (v. o com. a III 19).

62 1. «O mar Siculo» ou «mar de Sicilia» serve de designar em geral o mar Mediterraneo oriental.

3-4. Depois de vencido em Pharsalo (v. III 71), Pompeio dirigiu-se por mar para o Egypto, e quando ia a desembarcar no porto de Pelusio, foi morto á falsa fé, *imperio vilissimi regis* como diz Floro, no batel que o vinha trazer para terra (Floro, II § 51-52).

ribeiras] como em I 87, 1. Sobre o nome de «Magno» v. o com. a IV 32.

5-6. As ruinas de Memphis são um pouco ao sul do Cairo, mas no tempo de Cam. identificava-se geralmente o Cairo com Memphis: «Memphis, vulgo Alkairo» (Cardoso, *Dicc.*). A conjuncção «e» é sómente explicativa á maneira de *que* em: *ad Rhenum finesque Germanorum* (Cesar). Sobre «se regão» v. o com. a I 52. As inundações periodicas do Nilo são de todos conhecidas.

Sobem á Ethiopia ſobre Egypto,
Que de Chriſto lá guarda o ſancto rito.

63. Paſſão tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Iſrael ſem não paſſou;
Ficão-lhe atrás as ſerras Nabateas
Que o filho de Iſmael co nome ornou;
As coſtas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia deſcuberta
Feliz, deixando a Petrea e a Deſerta.

64. Entrão no eſtreito Perſico, onde dura

‖ 7 aa . gipto ‖ 8 la
63 1 . assam Eritr. ‖ 2 Nao ‖ 3 . cão . tras ‖
6 . ãy ‖ 7 . cão

7-8. Como se vê do que vae dicto anteriormente, Cam., para simplificar, como em outros lugares, a exposição, não observa a ordem historica dos acontecimentos. Ethiopia sobre Egypto] ou «sob Egypto» (Du. Pacheco *Esmeraldo*), *Aethiopia sub Aegypto*, é a Abyssinia. Ainda hoje a religião dominante neste país é o christianismo monophysita, bem que inteiramente adulterado.

63 1-2. O *mare Rubrum* ou, com vocabulo grego, *m. Erythraeum*, designava o mar Arabico juntamente com o mar Vermelho (*sinus Arabicus*) e o golfo Persico. Cam. falla da passagem dos Israelitas através do mar Vermelho, contada no cap. XIV do *Exodo*.

3-4. A Nabatea, ou Nabathea, no noroeste da Arabia, tomou o nome, segundo alguns autores antigos, do filho primogenito de Ismael, que no *Genesis* (XXV 13) é chamado Nabajoth.

5-8. Sabeas] = da terra dos Sabeos — cuja cidade principal era Saba, na Arabia Feliz —, celebre pelo incenso e myrrha: *centumque Sabaeo | ture calent arae* (Verg. *En.* I 416-417). Adonis] segundo uma lenda, era filho de Cinyras, rei de Chypre, e de Myrrha, que foi metamorphoseada na planta que produz a myrrha (Ov. *Met.* X 298-514). cercão] = rodeiam, contornam. A geographia antiga dividia a Arabia em: A. Petrêa, Deserta e Feliz. «Petrea (*Petraea*)» é adjectivo derivado de *Petra*, nome da capital dos Nabateos. Só tarde foi que se confundiu *Petraeus* com *petreus*. Nesta confusão assenta a fórma «Pétrea». descuberta] = conhecida; dos antigos só era bem conhecida a parte littoral da Arabia. Cam. representa os dois emissarios andando sempre juntos.

64 1-2. o estreito Persico] = o e. de Ormuz. Cam. refere-se á torre de Babel, na região de Senaar,

Da confuſa Babel inda a memoria;
Ali co Tigre o Euphrates ſe miſtura,
Que as fontes onde naſcem, tem por gloria;
D'ali vão em demanda da agoa pura
— Que cauſa inda ſerá de larga hiſtoria —
Do Indo pelas ondas do Oceano,
Onde não ſe atreveo paſſar Trajano.

65. Virão gentes incognitas e eſtranhas
Da India, da Carmania e Gedroſia,
Vendo varios coſtumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão aſperas, tamanhas,
Tornar-ſe facilmente não podia:
Lá morrêrão em fim e lá ficárão,
Que á deſejada patria não tornárão.

66. Parece que guardava o claro Ceo

64 3 Eufr. mest. (misturado: II 38, X 154) || 5 vão || 6 (sem parenth.) . era || 7 pellas (v. IV 49) Occe. (v. *R Ph* || 8 nam

65 1 . irão || 4 Região || 7 La morre. la *A* ficâ. || 8 aa *A* tornâ. *B* tornà.

66 1 *A* . esee

entre o Tigre e o Euphrates, e á confusão das lingoas, de que falla o Genesis no cap. XI.

4. gloria] = cousa (para elles) gloriosa; v. o com. a III 72, 6-8.

6. O verso allude aos feitos dos Portugueses naquellas paragens.

8. Trajano (v. 1 3) nas suas expedições no Oriente não passou alêm do golfo Persico. Juntar a «atrever-se» o infinitivo sem «a» é pratica antiquada.

65 2. A Carmania, limitada ao sul pelo golfo Persico e pelo mar Arabico, ficava ao poente da Gedrósia, que corresponde a parte da Persia meridional e ao Baluchistão.

Sobre a accentuação «Gedrosía» (que tambem rima com «Turquia» no soneto «Illustre e digno..») v. *R Ph* em «Taprobana».

3-4. Estes versos devem ser reminiscencia do principio da Odysseia: *Dic mihi, Musa, virum, captae post tempora Trojae | qui mores hominum multorum vidit et urbes* (trad. de Hor. na *Epist. ad Pis.*, 141-142).

66 1-3. «Succdcolhc el Rey

A Manoel e ſeus merecimentos
Eſta empreſa tão ardua, que o moveo
A ſubidos e illuſtres movimentos,
Manoel, que a Joanne ſuccedeo
No reino e nos altivos penſamentos;
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquiſta do mar largo.

67. O qual como do nobre penſamento
D'aquella obrigação que lhe ficára
De ſeus antepaſſados — cujo intento
Foi ſempre acrecentar a terra cara —
Não deixaſſe de ſer um ſó momento
Conquiſtado, no tempo que a luz clara
Foge, e as eſtrellas nitidas que ſaem,
A repouſo convidão quando caem,

‖ 5 *A* . ane *A* soce. *B* socce. (v. 1 44) (Os versos 5 e 6 entre parenth.) ‖ 7 rei.

67 2 *A* . âra *B* . àra ‖ 4 . oy chara (cara: II 28; IV 29; VIII 38, 71; IX 17, 63; X 96; v. o com.) ‖ 5 so ‖ 6 No ‖ 8 . idão

dom Manuel . .; a quem parecc que a diuina prouidencia tinha escolhido pera este descobrimento» (Cast. 1 1).

3. que] é pronome.

4. movimentos] = resoluções.

6. reino] (*regnum*) por: throno.

7. logo como] por «logo quc» está antiquado.

8. Tomou . . a conquista] é brachylogia por: tomou cargo da conquista.

67 1-6. «E porque com cstes reynos c senhorios tambem herdaua o proseguimento de tão alta empresa como seus anteccssores tinhão tomado, que era o descobrimento do oriente per este nosso mar Oceano. .» (Barros, 1 4, 1). O qual como] latinismo equivalente a «e como elle»; corresponde a: *qui cum* (v. Madvig, *Gr. lat.* § 448).

«charo» representa a graphia inexacta *charus*.

6-8. E' este um dos passos, sobre que tem havido mais discussão. Parece-me porêm absolutamente fóra dc duvida, que dizendo «as estrellas nitidas que saem, | A repouso convidão quando caem» o Poeta quer designar a segunda parte da noite. Com effeito Cam. estava-se lembrando de: *jam nox umida caelo | praecipitat suadentque cadentia sidera somnos* (Verg. *En.* II 8-9). Demais nas crenças dos antigos os sonhos verdadeiros são

68. Eſtando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas ſão,
Revolvendo contino no conceito
De ſeu officio e ſangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o ſomno acceito
Sem lhe deſoccupar o coração;
Porque tanto que laſſo ſe adormece,
Morpheo em varias formas lhe aparece.

68 2 *A* ym. || 5 sonno *B* acei. || 6 *B* . uppor || 8 Morf. cn v. (a corr. é já antiga)

os que vem passada já a meia-noite: *vetuit me tali voce Quirinus, | post mediam noctem visus, cum somnia vera* (Hor. *Sat.* I 10, 32-33; FS); *sub auroram jam dormitante lucerna | tempore quo cerni somnia vera solent* (Ov. *Her.* XIX 195-196; FS). A esta ideia, pois, tem de accommodar-se a explicação do passo. O verbo «fugir» pode tomar-se na qualidade de verbo de estado, equivalendo por assim dizer a «estar desterrado» — Storck traduz «foge» por *entschwand*—. Assim «no tempo que [=em que] a luz foge» designa de modo geral a noite; depois «as estrellas a repouso convidão quando caem» individúa de que parte da noite se pretende fallar. Mas sendo a intenção do Poeta confirmar que a ideia dos descobrimentos não largava D. Manoel um só momento, mencionar a noite em geral não é encarecer muito. Parece-me portanto quasi certo que em «a luz» ha erro typographico de «a» em vez de «aa» ou «á» (da mesma maneira que em VI 72, 7), como pensou Franco Barreto. Nesta hypothese «o tempo que á luz clara foge» é a noite que se vae retirando diante do alvorecer da manhã, que lhe vac cedendo o lugar, vindo a syntaxe a ser a mesma que em *nec serae meminit decedere* [*bucula*] *nocti* (Verg. *Buc.* VIII 88), e assim corresponde este lugar de Cam. a est'outro de Marcial: *tarda tamen nitidae non cedunt sidera luci* (VIII 21). Neste caso, para a oração de «convidão» subentende-se «que» na accepção de «em que». as estrellas nitidas] Cf.: Quaes no ceo largo as nitidas estrellas (ecl. «As doces cantilenas..»); é o *nitidis astris* de Marcial em VIII 36, IX 51. que saem] =que vão desapparecendo da vista.

Cam. traduzindo o *cadentia* de Vergilio por «quando caem», imita a construcção latina em que uma oração de *cum* serve de exprimir o meio, v. g. em: *concedo tibi ut ea praetereas, quae, cum taces, nulla esse concedis* (Cic. *p. Rosc. Am.* 19). Não tem por conseguinte Storck demasiada razão em chamar *missglückte* á traducção do nosso Poeta.

68 2. mais certas são]=é mais certo que venham á mente.

8. Morpheo] filho do Somno, era o deos dos sonhos. Du. Pacheco, no *Esmeraldo* I 22, tambem falla de uma revelação nocturna sobrenatural feita ao inf. D. Henrique.

69. Aqui ſe lhe apreſenta que ſubia
Tão alto que tocava á prima Eſphera,
D'onde diante varios mundos via,
Nações de muita gente, eſtranha e ſera;
E lá bem junto d'onde nace o dia,
Deſpois que os olhos longos eſtendera,
Vio de antigos, longinquos e altos montes
Nacerem duas claras e altas fontes.

70. Aves agreſtes, feras, e alimarias
Pelo monte ſelvatico habitavão;
Mil arvores ſilveſtres e ervas varias
O paſſo e o trato ás gentes atalhavão.
Eſtas duras montanhas, adverſarias
De mais converſação, por ſi moſtravão
Que deſque Adão peccou, aos noſſos annos
Não as rompêrão nunca pés humanos.

71. Das agoas ſe lhe antolha que ſaião,
Par'elle os largos paſſos inclinando,
Dous homens, que mui velhos parecião,

69 2 aa ‖ 5 laa ‖ 7 . tiguos (v. *R Ph*)
70 2 Pello (v. IV 49) ‖ 3 syl. ‖ 4 aas ‖ 7 . dão ‖ 8 . perão pês
71 1 . ião ‖ 2 *B* Por ‖ 3 . mẽs . uy . ião

69 1. Aqui] é adverbio temporal. apresenta] = representa, afigura.
2. a prima Esphera] a esphera da Lua; v. x 89.
7. de montes] liga-se a «nacerem». Sobre «longinquo» v. *R Ph* em «grandiloco».

70 1. e alimarias]=e outras alimarias; cf. *Eratosthenì et quibusdam Graecis* (Ces. *B. G.* VI 24).
5-6. «adversario de»=que é contrario a. (No *Dicc.* de Moraes diz-se erradamente que «adversarias» quer dizer «fronteiras»).
mais conversação] i. é, mais que a de animaes bravos. «conversar» empregava-se transitivamente por: viver em, andar por, frequentar; v. o *Dicc.* de Moraes.

71 2. Par'elle] Cf. I 12, 4.

De aſpeito, inda que agreſte, venerando;
Das pontas dos cabellos lhe caião
Gotas que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle baça e denegrida;
A barba hirſuta, intonſa, mas comprida.

72. De ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha;
Hum d'elles a preſença traz canſada,
Como quem de mais longe ali caminha;
E aſſi a agoa, com impeto alterada,
Parecia que de outra parte vinha,
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracuſa
Vai buſcar os abraços de Arethuſa.

73. Eſte, que era o mais grave na peſſoa,
D'eſta arte pera o Rei de longe brada:
"O' tu, a cujos reinos e coroa

‖ 5 saião (a corr., nem por todos acceita, é já antiga) ‖ 6 vão ‖ 7 cor ‖ 8 *B* . prido
72 1 Damb. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 3 *B* tras ‖ 5 *A* impi. ‖ 6 dou. ‖ 7 Alf. ‖ 8 . ay . tusa
73 2 Destar. (v. IV 21) . ey ‖ 3 O

---

72 7-8 . . per qui l'innamorato Alfeo senza meſcolarſi eõ quello [mar] per occulta via ne va a trouare i ſoaui abbraeciamenti della Siciliana Aretusa. (Sannaz. *Arcad.* pr. 12, ed. de 1596) (FS); v. Verg. *En.* III 694-696 (FS).

72 2. não conhecidos] ha-de subentender-se — no genero feminino — junto de «ervas».

7-8. O Alpheo, rio do Peloponneso, nasce na Arcadia, e em algumas partes corre por debaixo da terra. Contava-se que a nympha Arethusa, sendo perseguida pelo deos do rio, fôra convertida por Diana em uma fonte que brotou na ilha Ortygia, que era um dos bairros de Syracusa, na Sicilia; mas o deos, não desistindo do seu proposito, foi, atravessando o mar, unir as suas agoas ás da fonte, que ainda conserva o nome de «Arethusa» (Ov. *Met.* v 572-641).

73 1. pessoa] = presença, aspecto exterior.

3. a] Cf. IV 66, 1-2.

Grande parte do mundo eſtá guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te aviſamos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

74. Eu ſou o illuſtre Ganges, que na terra
Celeſte tenho o berço verdadeiro;
Eſt'outro he o Indo, Rei que neſta ſerra,
Que vês, ſeu nacimento tem primeiro.
Cuſtar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas inſiſtindo tu, por derradeiro
Com não viſtas victorias, ſem receio,
A quantas gentes vês, porás o freio."

75. Não diſſe mais o rio illuſtre e ſancto;
Mas ambos deſparecem num momento:
Acorda Emanuel cum novo eſpanto
E grande alteração de penſamento.
Eſtendeo niſto Phebo o claro manto
Pelo eſcuro Hemiſperio ſomnolento;

‖ 4 *A* . ta ‖ 5 Nos ‖ 6 . oy ‖ 8 nos
74 3 . ey ‖ 4 *B* vès ‖ 5 . tartemos (v. *R Pk* em «Elisão»; II 54) ‖ 7 . eyo ‖ 8 *B* vès . ras . eyo
75 1 Não Illu. ‖ 5 Fe. ‖ 6 Pello (v. IV 49) Emis. (hemis.: V 14, X 93)

74 1-2. a terra ccleste]=o Paraiso terrestre: *Quantum vero absit ab agro Damasceno, unde primus homo.. in Paradisum translatus fuit.., et per quos anfractus et subterraneos meatus quatuor inde profluant praecipua flumina, Ganges scilicet, Tigris, Euphrates et Nilus* (*Marg. Philos.* pag. 608). *Nilus ab aethereo ducens cunabula caelo* (Sannaz. *De partu Virg.*, II; FS).

3. Cam. chama «Rei» ao Indo, por ser o rio da India de mais longo curso, assim como Vergilio disse: *fluviorum rex Eridanus* (*Georg.* I 482), por ser o Pó o maior rio da Italia. Alguns consideram «Rei» vocativo.

75 1. sancto] Cf. a est. seguinte.

3. Emanuel] representa o latim *Emmanuel*. novo]=estranho.

4. pensamento] como em IV 1.

6. Hemisperio] fórma usada na litteratura, representa *hemìsperium*,

Veio a manhã no ceo pintando as côres
De pudibunda roſa e roxas flores.

76. Chama o Rei os ſenhores a conſelho,
E propõe-lhe as figuras da viſão;
As palavras lhe diz do ſancto velho,
Que a todos forão grande admiração.
Determinão o nautico aparelho,
Pera que com ſublime coração
Vá a gente que mandar, cortando os mares,
A buſcar novos climas, novos ares.

77. Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se poſeſſe o que o peito me pedia
— Que ſempre grandes couſas d'eſtte geito
Preſago o coração me prometia —,
Não ſei por que razão, por que reſpeito,
Ou por que bom final que em mi ſe via,
Me põe o inclito Rei nas mãos a chave
D'eſte cometimento grande e grave.

78. E com rogo e palavras amoroſas,
Que he hum mando nos Reis, que a mais obriga,
Me diſſe: "As couſas arduas e luſtroſas
Se alcanção com trabalho e com fadiga;

‖ 7 . eyo menham (manhãa: IV 1) *B* cor.
76 1 *B* sonh. ‖ 2 *A* . poẽ *B* . poem . isam ‖ 7 Vaa
77 3-4 (sem parenth.) ‖ 5 . ey . azão ‖ 7 *A* poẽ *B* poem . clyto
78 2 hũ *B* mã.

que vem, por ex., em Favonio Eulogio.

76 1. propõe] = expõe, como *proponere* em Cesar *B. G.* I 17.

77 7. chave] = direcção suprema.

78 2. Que] = o que, cousa que.

Faz as peſſoas altas e famoſas
A vida que ſe perde e que periga,
Que quando ao medo infame não ſe rende,
Então, ſe menos dura, mais ſe eſtende.

79. Eu vos tenho entre todos eſcolhido
Para hũa empreſa, qual a vós ſe deve,
Trabalho illuſtre, duro e eſclarecido,
O que eu ſei que por mi vos ſerá leve."
Não ſoffri mais, mas logo: "O' Rei ſubido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser eſta vida couſa tão pequena.

80. Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Euryſtheo a Alcides inventava,
O lião Cleonêo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a hydra brava,

‖ 7 não ‖ 8 . tão
79 2 vos ‖ 3 . clarescido (v. *R Ph* em «-sc-») ‖ 4 . ey . era ‖ 5 Não sofri (v. 1 65) O . cy ‖ 7 vos
80 1 . ay ‖ 2 . risteo ‖ 3 hão *B* . onèo Arplas ‖ 4 . rimanto Ydra

6. E' maneira de dizer analoga a «a culpa que não tinha» em III 127.

7. Que] é particula causal.

79 1-2. «.. e por isso vos escolho entre todolos meus pera irdes por capitam desta barcha» diz o inf. D. Henrique a Gileanes, quando o mandou passar o cabo Bojador, no *Esmeraldo*, I 32.

4. por mi]=por amor de mim.

80 2-8. Eurystheo, rei de Mycenas, obrigou Hercules (Alcides, v. III 137), a instigação de Juno, a emprehender uma serie de trabalhos arriscadissimos, em que esperava que elle perdesse a vida. Os que o Poeta menciona agora, são: trazer a Eurystheo a pelle do leão do bosque e valle de Némea, situado entre Cleônas e Phliunte (*leonis Cleonaei*, Sil. Ital. III 34-35); afugentar as monstruosas aves de rapina (*aves Stymphalides*) que viviam junto de Stymphalo (lago, rio e cidade da Arcadia)—Cam. chama-lhes «Harpyas» pela semelhança que tinham com as Harpyas dos tempos posteriores a Homero, v. o com. a v 89—; tra-

Decer em fim ás ſombras vans e eſcuras,
Onde os campos de Dite a Eſtyge lava;
Porque a maior perigo, a mór afronta,
Por vós, ó Rei, o eſprito e carne he prompta."

81. Com mercês ſumptuoſas me agradece
E com razões me louva eſta vontade,
Que a virtude louvada vive e crece
E o louvor altos caſos perſuade.
A acompanhar-me logo ſe offerece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoſo de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

82. Mais ſe me ajunta Nicolao Coelho,

|| 5 aas || 6 .tige || 7 may. mõr affr. (afronta: IV 36) || 8 vos o ey *B* sprito .õpta

81 1 .ces agar. (agradec.: II 5, VI 93 *B*, X 22 *B*; «agardece» representa certamente a pronuncia do compositor) || 6 damor (v. *R Ph* em «Elisão») dami. || 7 Não || 8 char. (v. IV 67) lrmão

---

81 laudataque virtus | crescit (Ov. *Ex Ponto* IV 2, 35-36) (FS).

zer vivo o javali que descendo do Erymantho, monte da Arcadia, assolava as paragens proximas; matar a hydra da lagoa de Lerna situada nas vizinhanças de Argos; baixar ao reino das Sombras, ao imperio de Plutão ou Dite (*Dis*), e assenhorear-se do cão Cérbero. Vem resenhados em Hygino, *Fab.* xxx.

5. vans] = sem corpo; cf.: *vanae redeat sanguis imagini* (Hor. *Od.* I 24, 15).

8. E' reminiscencia de: *Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma* (S. Matth. XXVI 41; FS).

81 «..lhe faria por isso muy grandes merces, que lhe logo começou de fazer de hũa comenda e de dinheiro para o apercebimento de sua viagem» (Cast. I 2).

2. razões] (em contraposição a «mercês»] = palavras.

8. Paulo era irmão mais velho. Castanheda refere que D. Manoel se dirigiu primeiro a Paulo, mas que este se escusou em razão da falta de saude e indicou seu irmão Vasco.

De trabalhos mui grande ſoffredor;
Ambos ſão de valia e de conſelho,
De experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho,
Em que crece o deſejo do valor;
Todos de grande eſforço; e aſſi parece
Quem a tamanhas couſas ſe offerece.

83. Forão de Emanuel remunerados,
Porque com mais amor ſe apercebeſſem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos ſuccedeſſem.
Aſſi forão os Minyas ajuntados,
Pera que o veo dourado combateſſem,
Na fatidica não que ouſou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

82 2 . uy || 3 sam || 4 Dexp. (v. *R Ph* em «Elisão») || 6 *A* valer

83 1 . orão . noel (Emanuel: IV 75) || 4 socce. (v. I 44) || 5 o Mynias (a corr. é já antiga) || 7 Fatidiça (a corr. é já antiga) || 8 . xinio (a corr. é já antiga).

---

83 7-8 fatidicamque ratem (Val. Flac. I 2);. . vellera cum Minyis nitido radiantia villo | per mare non notum prima petiere carina (Ov. *Met.* VI 720-721).

---

82 3-4. «[Paulo da G. e Nic. Coelho] ambos. . homens pera qualquer grande feyto» (Cast. I 2). «de valia [como em I 38] e de conselho [=intelligencia nos casos da vida pratica] corresponde a: *et manu fortis et consilii plenus* (Corn. Nep. IV 1). furor] Cf. III 103, 7.

6. valor]=estimação devida aos merecimentos.

83 4-8. V. o com. a I 18. Os Argonautas são chamados Minyas por descenderem, na maior parte, dos filhos de Minyas, rei da Thessalia, segundo diziam os antigos. veo dourado] como em III 72. fatidica nao] Quando foi construida a nao Argo, Minerva embutiu-lhe na proa uma lasca de carvalho do bosque de Dodona, a qual durante a viagem deu oraculos (Hyg. *Astron.* II; Val. Flacco V 65-66). o mar Euxino] (*Pontus Euxinus*) é o mar Negro.

84. E já no porto da inclita Uliſſea
Cum alvoroço nobre e cum deſejo
—Onde o licor miſtura e branca area
Co ſalgado Neptuno o doce Tejo—
As naos preſtes eſtão; e não refrea
Temor nenhum o juvenil deſpejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Eſtão pera ſeguir-me a toda parte.

85. Pelas praias veſtidos os ſoldados
De varias côres vem e varias artes,
E não menos de eſforço aparelhados
Pera buſcar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos ſoſſegados
Ondeião os aerios eſtandartes;
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De ſer no Olympo eſtrellas como a de Argos.

86. Deſpois de aparelhados d'eſta ſorte

84 3 mest. (v. IV 64) || 4 *B*. gaao *B*. çe || 5 não || 6 iuuenil

85 1 Pellas (v. IV 49) . ayas || 2 co. || 3 não || 6 Ondeão (v. *R Ph* em «-eia») || 8 Olim.

84 1. Ulissea]=Lisboa; v. III 57.

3. licor] V. o com. a I 49, 6.

5. Os navios eram: a náo S. Gabriel e a S. Rafael, ambas mandadas construir por D. Manoel; uma caravela comprada a um piloto chamado Berrio, de quem tomou o nome; uma náo comprada a um certo Aires Corrcia, para ir com mantimentos até a angra de S. Brás (onde havia de ser despejada e queimada). Em conserva d'estes navios ia Bartholomeu Dias até Cabo Verde, d'onde seguiria para a Mina. V. da Gama ia na S. Gabriel e levava por piloto Pero de Alenquer; da S. Rafael era capitão P. da Gama; da Berrio Nic. Coelho; da náo dos mantimentos Gonçalo Nunes (Cast. I 2). A'cerca dos mais pilotos, v. a instructiva *Introducção* do General Brito Rebello ao *Livro de Marinharia*.

6. despejo] em sentido moral, á boa parte, fallando do animo resoluto, está antiquado.

85 7-8. prometem.. de ser.. estrellas]=prophetizam que hão-de vir a ser estrellas; tambem *promittere* tem ás vezes esta accepção.

A nao Argo foi posta entre as constellações por Minerva (Hyg. *Fab.* XIV). Argos (*Argus*) foi o constructor da nao Argo (id. ibd.).

De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma pera a morte,
Que ſempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o ſummo Poder que a etherea côrte
Suſtenta ſó co a viſta veneranda,
Imploramos favor, que nos guiaſſe
E que noſſos começos aſpiraſſe.

87. Partimo-nos aſſi do ſancto templo
Que nas praias do mar eſtá aſſentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que ſe contemplo,
Como fui d'eſtas praias apartado,
Cheio dentro de duvida e receio,
Que a penas nos meus olhos ponho o freio

86 5 sumo (v. *R Ph* em «immigo») po. Eth. eor. ‖ 6 Sost. (v. 1 39) so
87 2 *A* Prais *B* Praias *A* .tã *B* .tà ‖ 4 .oy ‖ 5 o .ey ‖ 6 .uy pray. ‖ 7 .eyo .eeyo ‖ 8 .eyo

86 3-4. V. os textos de Barros no eom. á est. seguinte.

5-8. Pera o summo Poder.. imploramos] é expressão abreviada equivalente a: dirigindo-nos ao summo Poder, imploramos d'elle.

As orações de «que» são appostos explicativos de «favor».

«aspirar» por «favorecer, ajudar» é latinismo: *Di, coeptis.. | adspirate meis* (Ov. *Met.* 1 2-3; FS).

87 «embareouse a gente dela .. em Restello.. hum sabado oyto dias de Julho do anno de mil e CCCCXCVII. E ao embarear sayrão todos em proeissam de nossa senhora de Belem.. e hião em pelote e eirios aeesos na mão, e os frades rezando; e ya eoeles a mayor parte da gente de Lisboa, e a mais dela chorava com piedade dos que se yão embarear crendo que auião todos de morrer» (Cast. 1 2). «A qual [«easa de nossa senhora da invoeação de Bethelem, situada neste lugar de Rastello»] naquelle tempo era hũa hermida que o Infante dom Henrique mandou fundar..» (Barros, 1 4, 2). «Onde [junto dos bateis] feito silencio e todos de giolhos, o vigario da easa fez em voz alta hũa eonfissão geral: e no fim della os absolveo» (id., ibd.).

1-4. «Belem» é o representante português de *Bethlehem*, nome da eidade da Judeia, onde Christo naseeu (S. Matth. 11 1). donde] por «onde» é fórma popular usada ainda na litteratura no tempo do Poeta.

8. Que] está repetido anaeolu-

88. A gente da cidade aquelle dia,
Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver ſòmente, concorria,
Saudoſos na viſta e deſcontentes.
E nós co a virtuoſa companhia
De mil religioſos diligentes
Em prociſſão ſolemne a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

89. Em tão longo caminho e duvidoſo
Por perdidos as gentes nos julgavão,
As molheres cum choro piadoſo,
Os homens com ſuſpiros que arrancavão;
Mãis, eſpoſas, irmãs — que o temeroſo
Amor mais deſconfia — acrecentavão
A deſeſperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

90. Qual vai dizendo: "O' filho, a quem eu tinha

88 2 Hũs («Hũs — somente» entre parenth.) ‖ 3 so. ‖ 5 nos ‖ 7 . cissam . ene
89 4 . mẽs ‖ 5 Esp. Ir. (Sem os parentheses, que já vem noutras edições).
90 1 . ay O

---

90 1-3 Tune, illa senectae | sera meac requies.. (Verg. *En.* IX 481-482) (FS).

---

thicamente como em I 55, 7. nos meus olhos ponho o freio] = contenho as lagrimas.

88 2. por amigos,.. por parentes] = por serem amigos, por serem parentes.

4. Cf., quanto á syntaxe, III 82, 1-2. saudosos] V. o com. a II 33.

89 5-6. Cf: *Maximo amori maximus timor junctus est* (Mamertino, *Gratiarum actio..*, 24). acrecentavão] = levavam a maior gráo, subiam de ponto em.

90 Cf. as lastimas da mãe de Euryalo em Vergilio, *En.* IX 481-497.

Só pera refrigerio e doce emparo
D'eſta canſada já velhice minha,
Que em choro acabará penoſo e amaro,
Porque me deixas miſera e mezquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funereo enterramento
Onde ſejas de peixes mantimento?"

91. Qual em cabello: "O' doce e amado eſpoſo,
Sem quem não quis amor, que viver poſſa,
Porque his aventurar ao mar iroſo
Eſſa vida que he minha e não he voſſa?
Como por hum caminho duvidoſo
Vos eſquece a affeição, tão doce, noſſa?
Noſſo amor, noſſo vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?"

92. Neſtas e outras palavras que dizião,
De amor e de piadoſa humanidade,
Os velhos e os mininos as ſeguião,
Em quem menos eſforço põe a idade.

|| 2 So || 4 *A* . arâ *B* . arà || 6 vas o charo (v. IV 67) || 7 *B* funero || 8 *A* pexes (cf.: dexa: VI 21; exos: VI 84)

91 1 O || 2 não || 3 is (v. I 9) || 6 afui. (affei.: IX 5, 22) || 7 vão || 8 vellas (v. I 19)

92 3 os seg. (G. de Amorim cuida, por inadvertencia, que a corr. é d'elle; já B. Caldera havia traduzido: «las seguian») || 4 poẽ yd.

---

90 8 est aliquid.. | ..non equoreis piscibus esse cibum (Ov. *Trist.* I 2, 53-56) (FS).

---

2. Só] = unico.

5. misera e mezquinha] é tambem o segundo hemistichio de III 118, 7.

91 3. his] por «ides (hides)» é fórma antiquada.

92 3. as seguião] O pronome

Os montes de mais perto reſpondião,
Quaſi movidos de alta piedade;
A branca areia as lagrimas banhavão,
Que em multidão co ellas ſe igualavão.

93. Nós outros ſem a viſta alevantarmos
Nem a mãi nem a eſpoſa, neſte eſtado,
Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do propoſito firme começado,
Determinei de aſſi nos embarcarmos
Sem o deſpedimento coſtumado,
Que poſtó que he de amor uſança boa,
A quem ſe aparta ou fica, mais magoa.

94. Mas hum velho de aſpeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Poſtos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, deſcontente,
A voz peſada hum pouco alevantando
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum ſaber ſó de experiencias feito
Tais palavras tirou do experto peito:

|| 7 .rea (v. *R Ph* em «-eia») || 8 *A* ygoal. *B* igoal. (v. IV 37)
93 1 Nos || 2 Mãy Esp. || 3 não || 4 *A* prep. || 5 .ney || 6 cust. (v. V 1) || 8 *A* on
94 1 um dasp. (v. *R Ph* em «Elisão») || 2 pray. || 3 nos || 6 nos || 7 so dexp. fey.

«as» representa o sujeito de «dizião» (as mães e esposas). seguião = acompanhavam.

6. Quasi] como em VIII 97, 8.

8. co ellas] i. é, com as areias. A referencia de «ellas», no plural, a «areias» (= grãos de areia), estando antes «areia» no singular, embora um tanto dura, não é absolutamente de estranhar em Cam., cf.: *cumque omnis controversia aut de re soleat aut de nomine esse, utraque earum [controversiarum] nascitur, si..* (Cic. *Finn.* IV 20).

93 1. Nós outros] é sujeito de: nos embarcarmos.

94 7. Este verso lembra: *non tam doctus, quam, id quod est majus, expertus* (Cic. *De or.* II § 72).

95. "O' gloria de mandar! O' vã cobiça
D'eſta vaidade a quem chamamos fama!
O' fraudulento goſto que ſe atiça
Cũa aura popular que honra ſe chama!
Que caſtigo tamanho e que juſtiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exp'rimentas!

96. Dura inquietação da alma e da vida,
Fonte de deſemparos e adulterios,
Sagaz conſumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios!
Chaman-te illuſtre, chaman-te ſubida,
Sendo dina de infames vituperios;
Chaman-te fama e gloria ſoberana,
Nomes com quem ſe o povo neſcio engana!

97. A que novos deſaſtres determinas
De levar eſtes reinos e eſta gente?
Que perigos, que mortes lhe deſtinas
Debaixo de algum nome preminente?
Que promeſſas de reinos e de minas

95 1 O o vaã (vã: x 76; vãs: I 11; VIII 41; vans: IV 80; rãs: II 27; irmã: IX 2; irmãs: IV 26; Romã: IX 59) *A* cub. || 2 Fa. || 3 O *A* fraudo. || 6 *A* fazes vão || 8 *B* . do des esp. (exp.: I 29; II 104; III 25, 39, 44, 85)
96 1 dal. (v. *R Ph* em «Crase»). || 7 Fa. Gl.
97 2 rey. || 4 dal. (v. *R Ph* em «Elisão») || 5 rey.

95 2. Em «vaidade» de *vanitatem*) e «vaidoso» pronunciava-se antigamente o *ai* sem formar ditongo, e por isso no verso estas dicções são normalmente de quatro syllabas; neste lugar *vai-* constitue por synérese uma só syllaba.

96 5-7. Sobre «chaman-te» v. *R Ph* em «-an, -en».
8. quem] V. o com. a II 36.
o povo neſcio] é o *imperita multitudo* de Cicero (*pro Murena* § 61).

De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás, que hiſtorias,
Que triumphos, que palmas, que victorias?

98. Mas ó tu, gèração d'aquelle inſano
Cujo peccado e deſobediencia
Não ſòmente do reino ſoberano
Te pôs neſte deſterro e triſte auſencia,
Mas inda de outro eſtado mais que humano,
Da quieta e da ſímprez innocencia
Da idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou;

99. Já que neſta goſtoſa vaidade
Tanto enlevas a leve phantaſia,
Já que á bruta crueza e feridade
Poſeſte nome eſforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade

‖ 6 Dou. . ras ‖ 7 . cras

98 1 ô ger. (gêr.: IV 50) ‖ 3 Não so. ‖ 4 pos ‖ 5 dou. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 6 simpres (v. *R Ph* em «s»)· ‖ 7 Id. (sem «Da», omissão occasionada por haver este monosyllabo tambem no principio do verso anterior; a corr., absolutamente certa, embora nem todos a acceitem, é já antiga) dou. ‖ 8 darm.

99 2 fant. ‖ 3 aa

98 1. aquelle insano] é Adão.

2. «e» é simplesmente explicativo; «peccado e desobediencia» quer dizer «peccado que consistiu em uma desobediencia»; é por isso que o verbo (*pôs*) está devidamente no singular.

3-4. O «reino soberano» é o Paraiso. A vida terrestre é segundo as ideias christãs um desterro.

6-7. Cf. o com. a I 17, 3-4. Sobre «símprez» v. *R Ph* em «s».

8. armas] = guerras.

99 2. Note-se o trocadilho de «enlevas» e «leve».

4. As locuções «pôr nome» = chamar, e «ter nome» = chamar-se, eram construidas antigamente com um apposto a «nome», pratica ainda conservada no adagio «Quem o seu cão quer matar, raiva lhe põe nome».

5. em tanta quantidade] =

O deſprezo da vida, que devia
De ſer ſempre eſtimada, pois que já
Temeo tanto perdê-la quem a dá;

100. Não tens junto comtigo o Iſmaelita,
Com quem ſempre terás guerras ſobejas?
Não ſegue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pola de Chriſto ſó pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais deſejas?
Não he elle por armas eſforçado,
Se queres por victorias ſer louvado?

101. Deixas criar ás portas o inimigo
Por hires buſcar outro de tão longe,
Por quem ſe deſpovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e ſe vá deitando a longe?
Buſcas o incerto e incognito perigo
Porque a fama te exalte e te liſonge,

‖ 8 . ella (v. 1 80) *A* dâ *B* dà

100 1 Não com (separado de «tigo») ‖ 2 teras ‖ 3 Não .ey ‖ 4 polla (v. IV 48) pelle. (pele.: II 49; III 33; IV 38; VIII 17; X 40)

101 1 aas ‖ 2 yr. (v. 1 9) ‖ 3 rei. ‖ 4 vaa

tanto; cf.: estes sam negros, mas nam já em tanta quantidade como os da Ethiopia baixa (*Esmeraldo*, 1 27).

8. Allude ás palavras de Christo em S. Matth. XXVI 38-39, 42.

100 1. o Ismaelita] refere-se aos muçulmanos da Africa septentrional.

3. Mahomet era natural de Mecca na Arabia.

4. a lei maldita] Semelhantes epithetos eram da tarifa, quando se fallava da religião mahometana. Tambem, por ex., Du. Pacheco diz: «a excomungada seyta de Maſoma» (*Esmeraldo*, 1 25), e Amador Arraes tem para si, que não destoa da gravidade episcopal o escrever nos seus *Dialogos:* «A Baçorâ he cidade clarissima . . na Mesopotamia, e he do cabrão du Turco» (1 12).

101 4 «deitar (lançar) a longe» é ou «deitar fóra (por inutil)» ou, como neste lugar, «deitar a perder».

Chamando-te ſenhor, com larga copia,
Da India, Perſia, Arabia e de Ethiopia?

102. O' maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôs em ſeco lenho!
Dino da eterna pena do profundo
Se he juſta a juſta lei que ſigo e tenho!
Nunca juizo algum alto e profundo
Nem cithara ſonora ou vivo engenho
Te dê por iſſo fama nem memoria,
Mas comtigo ſe acabe o nome e gloria.

103. Trouxe o filho de Japeto do ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deſhonras — grande engano! —

102 1 O ‖ 2 *A* vella *B* vellas (v. 1 19) *A* en ‖ 4 .ey ‖ 5 juy. ‖ 6 cy. ‖ 8 *B* cont. (v. 1 57) *B* e a glo.
103 1 Ceo ‖ 4 deſon. (honra: IV 81, 95; V 94)

---

102 3 No por la eterna pena del profundo (Epist. de D. Diego de Mendoça a J. Boscan, fol. 130 v. de *Las obras del Boscan y algunas de..*, ed. de 1544) (FS).

---

7. com larga copia] sc. de titulos.

102 Nas est. 102-104 ha reminiscencias da ode 3.ª do livro 1 de Horacio.

5. A rima da mesma palavra (ou de homophonos)—aqui de «profundo» empregado como substantivo com «profundo» empregado como adjectivo—occorre em outros lugares do poema: «geito» em I 81, «preſſa» em V 32, «vírão» (de «vir» e de «virar») em II 68, não fallando da rima de palavra simples com um seu composto, como «fundo» e «profundo» em IX 40. No supposto 1.º manuscripto de FS lia-se «facundo» neste lugar.

103 Prometheo, filho de Jápeto e de Clymene, foi, segundo uma tradição, o criador do homem (Ov. *Met.* I 82-83) e animou-o com o fogo que furtou do ceo: *..Del fuoco che dal ciel Prometeo tolse | Per dar lo spirto all' uom caduco e frale* (Di Costanzo, son. 5.º, ed. de 1782).

Quanto milhor nos fôra, Prometheo,
E quanto pera o mundo menos damno,
Que a tua eſtatua illuſtre não tivera
Fogo de altos deſejos, que a movera!

104. Não cometera o moço miſerando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector co filho, dando
Hum nome ao mar, e o outro fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agoa, calma e frio,
Deixa intentado a humana gèração;
Miſera ſorte, eſtranha condição!"

‖ 5 fo. *B* Promo. . teo ‖ 6 dano (v. II 69) ‖ 7 lll.
104 2 . ay. *A* âr *B* àr ‖ 3 Achi (a corr. é já antiga) ‖ 7 ger. (v. I 64) ‖ 8 Condição

---

104 2 aëra per vacuum (Verg. *Georg.* III 109) (FS).
3-4 ..daquel que con las alas derretidas | cayendo fama i nombre al mar à dado (Garcil., son. 12, ed. de 1580) (FS).
5-8 Nil intemptatum nostri liquere poëtae (Hor. *Epist. ad Pisones*, 285).

104 1. o moço miserando] é Phaethonte; v. I 46.
2-3. Dédalo, o constructor do chamado Labyrintho de Creta, querendo fugir d'esta ilha e escapar ás mãos de Minos, engenhou para si e para seu filho Icaro umas asas. Dedalo recommendou ao filho que não voasse nem muito alto nem muito baixo; mas Icaro desattendeu as recommendações do pac, e derretendo o calor do sol a cera que pegava as asas ao corpo, cahiu e morreu afogado no mar Egeo, na parte que d'elle tomou o nome de «mar Icario» (Ov. *Met.* VIII 183-230). architector] tambem nos *Autos* de Prestes, fol. 19; corresponde ao latim *architector*.
Com respeito ás est. 95-104, Storck observa muito apropositadamente, que as reflexões do «velho de aspeito venerando» recordam as admoestações do côro da antiga tragedia grega (*Vida e obras de L. de Cam.*, pag. 304).

CANTO QUINTO

1. Eſtas ſentenças tais o velho honrado
Vociferando eſtava, quando abrimos
As aſas ao ſereno e ſoſſegado
Vento e do porto amado nos partimos;
E como he já no mar coſtume uſado,
A vela deſſraldando, o ceo ferimos
Dizendo "Boa viagem"; logo o vento
Nos troncos fez o uſado movimento.

2. Entrava neſte tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento,

1 5 cust. (costume: I 45; II 81, 94, 110; III 96; IV 65; V 2, 98; VII 15, 41, 44, 58, 66) || 6 vella (v. I 19).
2 1 *A* entruaa || 2 . eyo

---

1 2-4 velorum pandimus alas (Verg. *En.* III 520) (F S).
2 1 l'eterna luce [o sol] (Petr., canz.: «Ne la stagion..»).

1 «E quando veo ao desfraldar das velas que os mareantes segundo seu uso derão aquelle alegre principio de caminho, dizendo boa viagem:..» (Barros, I 4, 2).
6. o ceo ferimos] corresponde a *ferit aëthera clamor* (Verg. *En.* V 140, F S).
8. troncos] cascos dos navios, navios; cf. X 12, 7-8.

2 1-2. Quer dizer: ia o sol entrar no signo de Leo; v. o texto de Cast. no com. a IV 87; quanto ao calendario, v. o com. a II 72.
o animal Nemeio] é o leão; v. o com. a IV 80.

E o mundo, que co tempo ſe conſume,
Na ſeiſta idade andava enfermo e lento;
Nella vê, como tinha por coſtume,
Curſos do Sol quatorze vezes cento
Com mais noventa e ſete, em que corria,
Quando no mar a armada ſe eſtendia.

3. Já a viſta pouco e pouco ſe deſterra
D'aquelles patrios montes que ficavão;
Ficava o caro Tejo e a freſca ſerra
De Sintra, e nella os olhos ſe alongavão;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavão;
E já deſpois que toda ſe eſcondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

4. Aſſi fomos abrindo aquelles mares
Que gèração algũa não abrio,

‖ 3 com t. (a corr. é já antiga) ‖ 5 ve ‖ 8 *A* quando
3 3 charo (v. IV 67) ‖ 6 *A* lâ *B* là *A* diyx. ‖ 8 Não
4 2 ger. (v. II 81)

---

3 . .nec jam amplius ulla | occurrit tellus, maria undique et undique caelum (Verg. *En.* v 8-9) (FS).

3-4. Cam. refere-se ás «idades do mundo» dos escriptores ecclesiasticos, de que tambem falla F. Lopes na *Chron. de D. João I* (I 63); a sexta e ultima idade começou com o nascimento de Christo e acabará com «a consummação dos seculos». Fallando d'esta idade N. C. do Amaral diz: *Quae a nonnullis vere decrepita dicitur. Quasi in ea Mundus pereat sit necessum* (*Cronol.* pag. 18).

5-7. O sujeito de «vê» é «o mundo». A expressão «1497 cursos» em vez de «o curso 1497» e analoga a «está escripto aos dezasete capitulos [=no capitulo 17] dos Numeros» (H. Pinto, Dial III). Cam. diz «tinha por costume» porque em cada anno o mundo vê o sol percorrer a ecliptica toda; mas esta indicação é por demais, como o 8.º verso de I 58, e «acostumado» em I 95. «em que corria» é rigorosamente pleonastico.

3 2. que ficavão] equivale a: que deixavamos.

4 1. «abrir» (*aperire*=franquear, fazer conhecido.

2. Cf. «Metal algum não se

As novas ilhas vendo e os novos ares
Que o generoſo Henrique deſcobrio;
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Anteo num tempo poſſuio,
Deixando á mão ezquerda, que á direita
Não ha certeza de outra, mas ſuſpeita.

5. Paſſamos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo aſſi ſe chama,
Das que nós povoamos, a primeira,
Mais celebre por nome que por fama;
Mas nem por ſer do mundo a derradeira,
Se lhe aventajão quantas Venus ama;
Antes, ſendo eſta ſua, ſe eſquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

‖ 3 *A* Ilh. ‖ 4 Enr. (Henr. VIII 37, X 54) ‖ 6 . uyo ‖ 7 Dey. aa mão aa der. (v. I 76) ‖ 8 Não dout. (v. *R Ph* em «Elisão») sosp. (susp. VIII 64)

5 1 I. mad. ‖ 3 nos ‖ 6 . ajão ‖ 8 *B* Gui. Paſos *A* . êra *B* . èra

acha naquellas ilhas» (Barros, III 5, 5). E' collocação antiquada.

3-4. ares]=climas. O inf. D. Henrique († 1460) deixou descoberta a costa africana do cabo Não até a serra Leoa (*Esmeraldo*, Prologo e I 22). gcneroso] como em I 74, 6.

6. Anteo] V. o com. a III 77.

7-8. Cam. tinha na mente o deseobrimento da Americe meridional; mas já antes da expedição de Vasco da Gama tinha sido deseoberto o eontinente da Americe septentrional.

5 1-3. A ilha da Madeira, prineipiou a ser colonizada entre 1420 e 1425 (G. Barros, *Hist. da adm. publ.* II pag. 278).

4. Os dois ultimos versos da cst. mostram que o sentido é, que a ilha da Madeira era sim já conhecida de nome em grande parte da terra («Nome já muy celebrado e sabido per toda a Eurôpa, e assi em muitas partes de Africa e Asia [Barros, I 1, 3]); porêm não gozava, na litteratura, da celebridade que tinha, por ex., a ilha de Chypre: *nicht hoch berühmt zwar, aber weit-bekannt* (Storek). O Dr. J. M. Rodrigues (*O Instituto*, 1906) imagina desapropositadamente, que a redacção de Cam. fôra: Tão celebre por nome e pola fama.

5. a derradeira] sc. em celebridade.

7. scndo]=se fosse.

8. Sobre Cypro ou Chypre, Paphos e Cythera, v. o com. a I 34. Gnido (*Cnidus*) era cidade da Ca-

6. Deixamos de Maſſylia a eſteril coſta,
Onde ſeu gado os Azenegues paſtão,
Gente que as freſcas agoas nunca goſta
Nem as ervas do campo bem lhe abaſtão,
A terra, a nenhum fruto em fim deſpoſta,
Onde as aves no ventre o ferro gaſtão,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaría de Ethiopia.

7. Paſſamos o limite aonde chega
O Sol que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Clyméne a côr do dia.
Aqui gentes eſtranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,

6 1 Massi. || 2 . astão || 4 . astão || 6 . astão || 8 . arîa Eti.

7 1 lem. (limite: v 65; limitado v 13, x 87) || 4 Climê. cor || 6 *A* . agâ *B* . agà

ria; no templo de Venus havia uma famosa estatua d'esta deosa, obra de Praxíteles.

6 Cam. falla da extremidade occidental do Sahará, da costa africana, que fica entre os confins da antiga Mauritania (a «Barbaria» do verso 8.º) e o rio Senegal (o «Sanagá» do 6.º verso da est. seguinte) onde começava a chamada «Ethiopia inferior»: «o rio que se ora chama Sanagà, o qual divide a terra dos Mouros Azenegues [que eram Berberes] dos primeiros negros de Guiné chamados Ialofos» (Barros, I 1, 9).

4. Nem.. lhe] por: e a quem.. não; cf. I 95.

6. as aves] são as avestruzes.

no ventre.. gastão] = digerem (no que ha exaggeração).

8. O pronome relativo liga-se a «terra» do verso 5.º.

7 1-2. o limite, etc.] = o tropico de Cancer. que] equivale a: quando [elle]. carros] é plural em vez do singular, como tambem ás vezes nos poetas latinos (v. Ov. *Met.* v 402, 643).

3-4. Segundo uma lenda, o abrasamento das terras devido á imprudencia de Phaethonte (v. I 46), foi o que deu a côr negra aos habitantes da Ethiopia: *Sanguine tum credunt in corpora summa vocato | Aethiopum populos nigrum traxisse colorem* (Ov. *Met.* II 235-236). Sobre a accentuação de «Clymene» v. *R Ph* em «Taprobana».

6. negro] allude a correr este rio em país de negros. Não en-

Onde o cabo Arſinario o nome perde,
Chamando-ſe dos noſſos Cabo Verde.

8. Paſſadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiverão por nome Fortunadas,
Entramos, navegando, polas filhas
Do velho Heſperio, Heſperidas chamadas,
Terras por onde novas maravilhas
Andárão vendo já noſſas armadas;
Ali tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.

9. A'quella ilha aportamos, que tomou

‖ 7 Ca. ‖ 8 ver.
8 1 *A* . areas ‖ 2 . erão ‖ 3 pollas (v. 1 12) ‖ 6 Anda. jaa
9 1 Aaq.

tende porêm assim Burton, que diz: «*Blackwater*» *is a common river-name in all languages.*

7-8. Entendia-se geralmente que o *Promunturium Arsinarium* era o cabo Verde («hum notauel cabo a que os nossos chamão Verde, e Ptholomeu Arsinario promontorio» [Barros, 1 3, 8]); mas os geographos mais modernos identificam-no com o cabo Branco. Sobre a construcção «Chamando-se dos nossos» v. o com. a 1 52.

8 «E seguindo sua viagem dali a oito dias [i. é, aos 15 de Julho, como vem expressamente no *Roteiro*] ouue vista das Canarias» (Cast. 1 2).

2. Fortunadas] *Fortunatae.. insulae.. quae ab Hispanis Canariae nuncupantur* (Pedro Martyr *De orbe novo decades*, 1 1).

3-4. As ilhas Hesperidas (em Plinio VI § 201: *Hesperidum insulae*) tiravam o nome das Hesperidas ou filhas de Héspero (*exustis insulae adpositae sunt quas Hesperidas tenuisse memoratur*, Pomp. Mela III § 100). Cam. identifica-as com as ilhas de Cabo Verde segundo a opinião mais seguida no seu tempo (v. *Esmeraldo* 1 28); Barros tambem faz o mesmo em 1 3, 8; mas em 1 2, 1 tinha dicto que as ilhas de Cabo Verde eram as Fortunadas dos antigos geographos. Sobre a sua situação os geographos antigos não tinham ideias precisas. «Hesperio» ou está por «Hespero», como «Memnonio» por «Memnon» (v. o com. a II 113), ou é adjectivo, e «velho» substantivo, equivalendo «o velho Hesperio» a «Hespero», como tambem Ovidio disse *Hesperius rex* fallando de Hespero ou de Atlas.

9 «.. E ao outro dia que foram XXVIII de Julho chegarão todos á

O nome do guerreiro Sanctiago,
Sancto que os Heſpanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo eſtrago.
D'aqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenſo lago
Do ſalgado Oceano, e aſſi deixamos
A terra onde o refreſco doce achamos.

10. Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diverſas nações a negra gente,
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as agoas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe,

11. As Dorcadas paſſamos, povoadas

‖ 3 Esp. (v. III 17) ‖ 6 *B* Tornarmos ‖ 7 Occe. (v. *R Pk*) ‖ 8 *B* . çe
10 5 . uy

ilha de Santiago e surgirão na praya de Santa Maria, onde fizerão agoada em sete dias.. e hũa quinta feyra que forão tres Dagosto se partio Vasco da gama.. E.. seguio por sua navegação indo caminho do cabo de Boa Esperança,» (Cast. I 2).

A ilha de Santiago deveu o nome a ter sido descoberta no primeiro de Maio, dia de Santiago, chamado «o menor»; o Santiago protector da Hespanha é «o maior», cuja festa se celebra aos 25 de Julho. Cam., segundo já tem sido notado, confundiu os dois santos.

10 3-6. «A provincia Jalofo» e «A mui grande Mandinga» são appostos a «a larga parte de Africa». «E por este Rio de Guambea se parte ho Reyno de Jalofo do grande Reino de Mandingua» (*Esmeraldo*, I 29). «e duzentas leguoas d'este Reyno de Mandingua estaa hũa comarca de terra honde ha muito ouro.. e os mercadores Mandinguas.. vão ás feyras.. comprar este ouro (id., ibd.).

7. do curvo Gambea] «A maior parte do qual [Gambea] corre tortuoso em voltas meudas» (Barros, I 3, 8). Tambem no *Livro de Marinharia*, a pag. 131, vem «gambeya».

11 Cam. chama «Dórcadas» as ilhas que em Plinio tem o nome

Das irmãs que outro tempo ali vivião,
Que de viſta total ſendo privadas
Todas tres de hum ſó olho ſe ſervião.
Tu ſó, tu, cujas tranças encreſpadas
Neptuno lá nas agoas accendião,
Tornada já de todas a mais feia
De bivoras encheſte a ardente areia.

12. Sempre em fim pera o Auſtro a aguda proa
No grandiſſimo golfão nos metemos,
Deixando a ſerra aſperrima Lioa
Co cabo a quem das Palmas nome demos.

11 2 Irmãas (v. IV 95) . ião ‖ 4 dhum (v. *R Ph* em «Elisão») so . ião ‖ 5 so ‖ 6 la acendião (v. I 5) ‖ 7 fea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 8 . rea
12 2 . fão ‖ 3 Ly. ‖ 4 Cab.

de *Gorgades:* (*contra hoc quoque promunturium* [o *Hesperu ceras*] *Gorgades insulae narrantur, Gorgonum quondam domus, bidui navigatione distantes a continente;* VI § 200). O poeta esereveu conformemente ao texto de Pomp. Mela, onde se lê, segundo o codiee Vatieano: *contra eosdem sunt insulae Dorcades, domus, ut ajunt, aliquando Gorgonum* (III § 99); «*Gorgades*» é correcção de Mariangelus). Estas ilhas, que verdadeiramente pertencem á mythologia, são para Cam., que as colloea depois do Gambea e antes da serra Leoa, de certo as do arehipelago dos Bijagós, segundo já eonjecturou Frcire de Carvalho. (Para D. João de Castro as ilhas das Gorgonas são as do Cabo Verde; v. *Rot. de Lisboa a Goa,* pag. 79).

A lenda das Gorgonas, filhas de Phorcys, que se serviam, cada uma por sua vez, de um só olho que tinham em commum, é contada por Ovidio nas *Met.* IV 771-802. Aquella a que o Poeta se refere na segunda parte da est., é Medusa, de quem já se fallou em III 77. Quando Perseu levava pelo ares a eabeça de Medusa, cahiram nos arcaes da Libya gotas do sangue da Gorgona, d'onde brotaram serpentes: *Cumque super Libycas victor penderete harenas,* | *Gorgonei capitis guttae cecidere cruentae,* | *quas humus exceptas varios animavit in angues,* | *unde frequens illa est infestaque terra colubris.* (Ov. *Met.* IV 616-619).

12 «e eom todas as naos de sua eonserua se engolfou no mar per onde nauegou Agosto, Setembro, e Outubro com muytas tormentas de ventos, chuuas, e çarrações» (Cast. I 2; contin. do texto do com. a v 9).

1. pera o Austro a aguda proa] equivalc a: com a aguda proa para o Austro.

2. golfão] (v. *R Ph*) designa aqui o mar largo.

O grande rio, onde batendo ſoa
O mar nas praias notas que ali temos,
Ficou co a ilha illuſtre que tomou
O nome de hum que o lado a Deos tocou.

13. Ali o mui grande reino eſtá de Congo,
Por nós já convertido á fé de Chriſto,
Por onde o Zaire paſſa, claro e longo,
Rio pelos antigos nunca viſto.
Por eſte largo mar em fim me alongo
Do conhecido pólo de Calliſto,
Tendo o termino ardente já paſſado
Onde o meio do mundo he limitado.

14. Já deſcuberto tinhamos diante
Lá no novo Hemiſperio nova eſtrella,

‖ 6 pray. ‖ 7 Ilh. ‖ 8 dhum (v. *R Ph* cm «Elisão»)
13 1 .uy rcy. *A* .tâ *B* .tà ‖ 2 *A* nos *B* nòs *A* â *B* á fee‖4 pellos (v. IV 49) *A* nuca‖6 pollo Cali.‖8 .eyo
14 2 La

5. O grande rio] estando aqui indicado depois da Serra Leoa e do cabo das Palmas, não pode ser o rio Grande, como, com outros, pensa Storck; tambem não pode ser o Zaire, que vem nomeado, depois da ilha de S. Thomé, na est. seguinte; é o Niger, o que facilmente se reconhece lançando os olhos para o mappa do piloto de Christ. Colombo, desenhado em 1500, onde vem indicado um grande rio, sahido de um lago da Africa central, com a foz junto da curva que a costa africana faz para o sul no golfo de Guiné. (De um «rio Grande» falla D. João de Castro no *Rot. de Lisb. a Goa*, a pag. 64; mas, como bem pondera Andr. Corvo, este rio não é o rio Grande de hoje).

7-8. Ficou] equivale a: ficou atrás, deixando-o nós pela popa.

a ilha illustre, etc.] é a de S. Thomé e allude-se ao facto conhecido que refere o Ev. de S. João em XX 25 e 27.

13 1-2. «Tanto que o sereníssimo Rey Dom Joham descobrio esta terra, loguo trabalhou de fazer Maniconguo [=«senhor de Conguo»] e sua jente christaã, . .» (*Esmeraldo*, III 2).

6. o . . pólo de Callisto] V. o com. a I 51.

7. o termino ardente . .]=o equador.

14 2. hemisperio] V. o com. a IV 75. nova estrella] é a constellação do Cruzeiro do Sul; «es-

Não viſta de outra gente, que ignorante
Alguns tempos eſteve incerta d'ella.
Vimos a parte menos rutilante
E' por falta de eſtrellas menos bella
Do pólo fixo, onde inda ſe não ſabe
Que outra terra comece ou mar acabe.

15. Aſſi paſſando aquellas regiões
Por onde duas vezes paſſa Apollo,
Dous invernos fazendo e dous verões
Em quanto corre de hum ao outro pólo,
Por calmas, por tormentos e oppreſſões
Que ſempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Urſas a peſar de Juno
Banharem-ſe nas agoas de Neptuno.

16. Contar-te longamente as perigoſas
Couſas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas temeroſas,

|| 3 Não || 4 .gũs || 6 destr. (v. *R Ph* em «Elisão») || 7 Pol.
15 2 .olo || 4 dhum (v. *R Ph* em «Elisão») Pol. || 5 opr. (opprimidos: IV 47) || 6 yr.
16 2 .mẽs não

trella» por «constellação», como em latim *sidus* (constellação) tambem se toma por «estrella».

3-4. Cf.: *e vidi quattro stelle | non viste mai, fuor ch'alla prima gente* [i. é, a Adão e Eva no Paraiso] (Dante *Purg.* I).

7-8. pólo] em quanto pertence para «a parte menos rutilante», refere-se ao ceo; emquanto é o antecedente de «onde», refere-se á terra.

15 1-2. aquellas regiões, etc.] as regiões intertropicaes, onde o sol passa duas vezes no anno pelo zenith de cada lugar, e onde, a bem dizer, só ha duas estações, a do verão e a das chuvas.

7-8. Sobre as Ursas, v. o com. a I 51. Quando Jupiter collocou no ceo Callisto e Arcade, Juno pediu ás divindades maritimas, Tethys e Oceano, que não consentissem que as agoas do mar fossem polluidas pela sua rival; v. a parte final dos lugares de Ovidio cit. no com. a I 51, 2.

Relampados que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebroſas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Ainda que tivéſſe a voz de ferro.

17. Os caſos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por meſtra a longa experiencia,
Contão por certos ſempre e verdadeiros
Julgando as cousas ſó pola aparencia,
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que ſó por puro engenho e por ſciencia
Vem do mundo os ſegredos eſcondidos,
Julgão por falſos ou mal entendidos.

18. Vi claramente viſto o lume vivo
Que a maritima gente tem por ſancto
Em tempo de tormenta e vento eſquivo,
De tempeſtade eſcura e triſte pranto.

‖ 4 acen. (v. 1 5) ‖ 7 Não
17 3 . tão ‖ 4 so polla (v. IV 48) ‖ 6 so cien. (sciencia: v 96, x 83) ‖ 8 . gão
18 2 . anto (v. x 83)

---

16 Non, mihi si linguae centum sint.., | ferrea vox, ..possim. (Verg. *En.* VI 625-627) (FS).

16 4. Relampados] = relampagos; v. *R Ph.*

17 4. apparencia] está na accepção geral de «o que se manifesta aos sentidos», de modo que neste lugar «pola apparencia» equivale a: pela observação directa.

7. vem] V. *R Ph.* em «ver».

18. A primeira metade da est. refere-se ao phenomeno meteorologico chamado vulgarmente «fogo de Santelmo». A segunda e as quatro estancias seguintes descrevem o phenomeno meteorologico chamado «tromba marinha»: Das relações da viagem não consta que V. da Gama visse este phenomeno; mas Cam. aproveitou a occasião de, amenizando a narrativa, mostrar o seu admiravel talento descriptivo. Uma exposição scientifica pode ver-se, por ex., em Benevides, *Curso elementar de physica*, II pag. 404-405.

Não menos foi a todos excessivo
Milagre e cousa certo de alto espanto
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas agoas do Oceano.

19. Eu o vi certamente—e não presumo
Que a vista me enganava—, levantar-se
No ar hum vaporzinho e sutil fumo,
E do vento trazido rodear-se;
De aqui levado hum cano ao pólo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

20. Hia-se pouco e pouco acrecentando,
E mais que hum largo masto se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga quando
Os golpes grandes de agoa em si chupava;
Estava-se co as ondas ondeando;
Encima d'elle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co cargo grande da agoa em si tomada.

‖ 5 Não .oy eccess. (excessivo: III 100; IX 48; X 151)
‖ 7 .ẽs ‖ 8 Occe. (v. *R Ph*)
19 1 não ‖ 5 Pol. sumo (v. *R Ph* em «immigo»)
‖ 6 tão ‖ 8 .ẽs
20 7 may. ‖ 8 dag. (v. *R Ph* em «Crase»)

6. certo] (que alguns editores mudam injustificadamente para «certa») é adverbio,=certamente, como tambem em v 49, 4.

8. altas]=profundas (de igual modo *altus*).

19 1. o] é pronome demonstrativo; annuncia as orações de «levantar-se» e «rodear-se», ás quaes serve de apposto explicativo; corresponde a *illud* em: *Illud negare potes, te de re judicata judicasse* (Cic.; v. Madvig, *Gr. lat.* § 395 *obs. 6*).

4. rodear-se]=arredondar-se.

20 2. masto]=mastro; é corrente no português antigo.

5. Quer dizer: o balouço da

21. Qual roxa ſangueſuga ſe veria
Nos beiços da alimaria, que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar co ſangue alheio a ſede ardente;
Chũpando mais e mais ſe engroſſa e cria,
Ali ſe enche e ſe alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, aumenta
A ſi e a nuvem negra que ſuſtenta.

22. Mas deſpois que de todo ſe fartou,
O pé que tem no mar a ſi recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou,
Porque co a agoa a jacente agoa molhe;
A's ondas torna as ondas que tomou,
Mas o ſabor do ſal lhe tira e tolhe.
Vejão agora os ſabios na eſcriptura,
Que ſegredos ſão eſtes de Natura!

21 1 *A* San. ‖ 2 *B* beixos («que—fria» entre parenth.) ‖ 4 .eyo ‖ 7 .una (v. II 36)
22 2 *A* pê‖3 pello (v. IV 49)‖5 Aas‖7 .jão‖8 sam

columna acompanhava o balouçar das ondas: *al compàs de las olas en que estava asida*, diz FS.

21 Cam. dá á sanguesuga o epitheto que propriamente pertence ao sangue de que ella se enche: *plena cruoris hirudo* (Hor. *Epist. ad Pisones*, 476), com liberdade comparavel á com que diz «o negro Sanagá» (v 7). A sanguesuga de que o Poeta falla, não é a *Hirudo medicinalis* L., como diz o Prof. Balth. Osorio (*Jorn. de sc. math., phy. e nat.* 2.ª ser. VII, pag. 207), mas, segundo se vê do desenvolvimento do simile, a *Hirudo sanguisorba* L., que se distinguc da *H. medicinalis* «*par sa taille plus grande, son corps flasque ne se contractant pas en olive..*» e que «*habite les mares, les fossés et les ruisseaux de l'Europe et du N. de l'Afrique, et, surtout à l'état jeune, entre dans la bouche des chevaux ou des Ruminants quand ceux-ci boivent*» (*La Grande Encyclopédie*).

7. FS nota que Lucrecio (VI 426) e Plinio (II § 134) tambem empregam a expressão *columna* referindo-se a este phenomeno meteorologico.

22 4. a jacente agoa] i. é, as agoas do mar.

7-8. sabios na escriptura] são aquelles cujo saber tem por fonte os livros. Estes versos, contra o que FS pensa, encerram uma iro-

23. Se os antigos philoſophos, que andárão
Tantas terras por ver ſegredos d'ellas,
As maravilhas que eu paſſei, paſſárão,
A tão diverſos ventos dando as velas,
Que grandes eſcripturas que deixárão!
Que influição de ſinos e de eſtrellas!
Que eſtranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

24. Mas já o planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes, apreſſada,
Agora meio roſto agora inteiro
Moſtrára, em quanto o mar cortava a armada,
Quando da etherea gavea hum marinheiro
Prompto co a viſta, "Terra, Terra!" brada:

23 1 Phi. anda. ‖ 3 passa. ‖ 4 vellas (v. 1 19) ‖ 5 deixa.
24 1 Pl.‖3 mey.‖4 *A*.ara *B*.arà quã.‖5 Ete. ter. ter.

nia. «Natura» sem artigo, inteiramente na qualidade de nome proprio, como em III 126.

23 1-2. «*Quid de Pythagora? quid de Platone aut de Democrito loquar? a quibus propter discendi cupiditatem videmus ultimas terras esse peragratas* (Cic. *Fin.* V 19). *Ultimas terras lustrasse Pythagoram, Democritum, Platonem accepimus* (id. *Tusc.* IV 19).

6. sinos] é pronuncia popular de «signos».

7. qualidades] no sentido, parece-me, de «phenomenos» (em contraposição a «substancias»).

24 «.. [aos 8 de Novembro] forã ter a hũa grande bahia» (a b. de Santa Helena, Cast. I 2).

1-4. o planeta, etc.]=a lua; v. X 89. Tendo na mente o nome feminino «lua» foi que o Poeta juntou o apposto «apressada», na fórma feminina a «o planeta»; cf. *Odyss.* XI 90-91, onde a ψυχὴ.. Τειρεσίαο se junta um participio no genero masculino: ἔχων, por ἔχουσα. A. Coelho suppôs haver em «o» erro typographico em lugar de «a».

Periphrase semelhante á d'estes versos vem em Ovidio *Met.* VII 530-531 e em Dante *Inf.* XXVI 130-131.

5. etherea gavea] corresponde a: celsa gavea (VI 92); «etherea» é latinismo: *aetherio contingens vertice nubes* | .. *Taurus* (Tibullo I 7, 15-16).

6. prompto co a vista]=olhando attentamente; cf. VII 59.

Salta no bordo alvoroçada a gente
Cos olhos no horizonte do Oriente.

25. A maneira de nuvens ſe começão
A deſcubrir os montes que enxergamos;
As ancoras peſadas ſe adereção,
As velas já chegados amainamos;
E pera que mais certas ſe conheção
As partes tão remotas onde eſtamos,
Pelo novo inſtrumento do aſtrolabio,
Invenção de futil juizo e ſabio,

26. Deſembarcamos logo na eſpaçoſa
Parte, por onde a gente ſe eſpalhou,
De ver couſas eſtranhas deſejoſa
Da terra que outro povo não piſou;
Porem eu cos pilotos na arenoſa
Praia, por vermos em que parte eſtou,
Me detenho em tomar do Sol a altura
E compaſſar a univerſal pintura.

|| 8 Oriz.

25 1 . ẽs || 4 vellas (v. I 19) || 7 Pello (v. IV 49) As.

26 6 . aya || 7 sol

25 «onde [na bahia de Santa Helena] saio [V. da Gama] em terra por fazer agoada e assi tomar a altura do sol» (Barros, I 4, 2).

1. A maneira de] sem artigo, como em «a modo de»; v. *R Ph* em «a» preposição. A. Coelho escreveu indevidamente: «A'».

7. novo] «.. como do vso do astrolabio pera aquelle mister da nauegação, auia po<u>co tempo que os mareantes deste reyno se aproueitaua<m>,..» (Barros, I 4, 2).

26 V. o texto de Barros no com. á est. seguinte.

8. compassar a universal pintura]=marcar na carta («universal pintura») a posição geographica (a latitude) do lugar onde se achavam. (Ol. Martins em *Os Lusiadas* escreve a pag. 137 «o céo é a *universal pintura*»).

27. Achamos ter de todo já paſſado
Do Semicapro peixe a gente meta,
Eſtando entre elle e o circulo gelado
Auſtral, parte do mundo mais ſecreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum eſtranho vir de pelle preta,
Que tomárão por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

28. Torvado vem na viſta, como aquelle
Que não ſe vira nunca em tal eſtremo;
Nem elle entende a nós nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo.
Começo-lhe a moſtrar da rica pelle
De colchos o gentil metal ſupremo,
A prata fina, a quente eſpeciaria;
A nada d'iſto o bruto ſe movia.

29. Mando moſtrar-lhe peças mais ſomenos,

27 2 pexe (v. IV 90) || 7 . marão
28 3 nos nos || 4 Polif. || 6 Colcos

27 «Estando Vasco da Gamma com os pilotos prompto no tomar <a> altura do sol per este modo [com o astralabio]» (Barros, I 4, 2) «tomarão os nossos hum homem dos seus moradores, que andaua apanhando mel aos pés das moutas» (Cast. I 2).

2. =o tropico de Capricornio.

3-4. o circulo gelado Austral] =o circulo polar antarctico: A bahia de Santa Helena fica na costa occidental da actual Colonia do Cabo.

28 «Vasco da Gamma.. não tinha lingoa que o entendesse» (Barros, I 4, 2). V. tambem o texto que vem no com. a v 30.

1-2. como aquelle | Que] V. o com. a II 11.

4. Sobre o gigante Polyphemo, v. Verg. *En.* III 616-674.

5-6. V. o com. a III 72.

29 «[V. da Gama depois de ter conseguido que o indigena perdesse o medo]..., com alguns brincos de cascaueis e contas de christalino e hum barrete mandou que o soltassem acenando-lhe que fosse e tornasse com seus companheiros pera lhe darem outro tanto.» (Barros, I 4, 2).

Contas de cryſtallino tranſparente,
Alguns ſoantes caſcaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente;
Vi logo por ſinais e por acenos,
Que com iſto ſe alegra grandemente;
Mando-o ſoltar com tudo, e aſſi caminha
Pera a povoação, que perto tinha.

30. Mas logo ao outro dia ſeus parceiros,
Todos nús e da côr da eſcura treva,
Decendo pelos aſperos outeiros
As peças vem buſcar que eſt'outro leva.
Domeſticos já tanto e companheiros
Se nos moſtrão, que fazem que ſe atreva
Fernão Velloſo a hir ver da terra o trato
E partir-ſe co elles pelo mato.

31. He Velloſo no braço confiado,

29 2 Christ. || 4 cor
30 2 *B* nùs cor || 3 pellos (v. IV 49) || 6 . trão || 7 .não yr (v. I 9) || 8 pello

2. crystallino] = crystal.
4. contente] = que contenta, que alegra.

30 «O que elle fez logo, trazendo aquella tarde [segundo Cast., I 2, foi «ao outro dia»] dez ou doze que vinhão buscar o que elle levou, que tambem lhe foi dado: e de quantas mostras de ouro, prata, especiarias lhe apresentarão de nenhũa derão noticia. Quando veo a<o> outro dia já com estes vierão macs de quarenta tão familiares, que pedio hum homem d'armas chamado Fernão Veloso a Vasco da Gamma, que o leixasse ir com elles, ver a pouoação que tinhão pera trazer algũa maes noticia da terra do que elles daução» (Barros, I 4, 2; contin. do texto do com. da est. precedente).

2. escura treva] é tambem a segunda parte de II 64, 3, onde tambem rima com «leva».

4. as peças.. que est'outro leva] é brachylogia por: peças como as que est'outro leva.

31 «.. E sendo já sobre a tarde.. virão vir Fernão Veloso por hum teso abaixo mui apressado: Vasco da Gamma como tinha os olhos em sua tornada, quando o vio com aquella pressa mandou brádar ao batel de Nicolao Coe-

E de arrogante crê que vai ſeguro;
Mas ſendo hum grande eſpaço já paſſado
Em que algum bom final ſaber procuro,
Eſtando a viſta alçada co cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece e, ſegundo ao mar caminha,
Mais apreſſado do que fôra, vinha.

32. O batel de Coelho foi de preſſa
Polo tomar; mas antes que chegaſſe,
Hum Ethiope ouſado ſe arremeſſa
A elle, por que não ſe lhe eſcapaſſe;
Outro e outro lhe ſaem; vê-ſe em preſſa
Velloſo ſem que alguem lhe ali ajudaſſe;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se moſtra hum bando negro deſcuberto.

31 2 cre . ay ‖ 6 . eyro pello (v. IV 49) ‖ 8 lo.
32 1 *B* . elhe . oy ‖ 2 Pollo (v. IV 48) ‖ 3 Eti. ‖ 5 vesse (v. *R Ph* em «s»)

lho que vinha da terra, que tornassem a elle ao recolher.» (Barros, I 4, 3).

1-2. V. o texto de Barros no com. á est. seguinte.

5. a vista alçada] é construcção como: os olhos postos (III 131).

7. segundo] V. o com. a I 105, 4.

32 «Os marinheiros do batel por que Fernão Veloso nunca leixaua de falar em valentias.. â cinte detcueranse em o recolher.. E em querendo entrar ao batel, remeterão dous negros a ele polo entreter, da qual ousadia sairão com os focinhos lauados em sangue a que acudirão os outros: e foi tanta a pedrada e frechada sobre o batel, que quando Vasco da Gamma chegou polos apaziguar, foi frechado per hũa perna.. à espedida alguns bêsteiros dos nossos empregarão nelles seu almazem por não ficarem sem castigo» (Barros, I 4, 3; contin. do texto do com. á est. anterior). «.. e ouuindoho Vasco da Gama bradar, e vendo à gente da terra que ho seguia.. com os de sua náo sc meteo logo no batel e foyse a terra, e ho mesmo fizerão os outros capitães,..: e eles em aparecendo os nossos bateis deitarão a correr com grande grita, e assi sayrão outros que estauão escondidos no mato» (Cast. I 2).

3. Hum Ethiope]=um negro (*Aethiops*).

6. Em «o remo» ha metonymia do nome do instrumento pelo nome da acção.

33. Da eſpeſſa nuvem ſetas e pedradas
Chovem ſobre nós outros ſem medida;
E não forão ao vento em vão deitadas,
Que eſta perna trouxe eu d'ali ferida;
Mas nós como peſſoas magoadas
A repoſta lhe demos tão crecida,
Que em mais que nos barretes ſe ſuſpeita
Que a côr vermelha levão d'eſta feita.

34. E ſendo já Velloſo em ſalvamento,
Logo nós recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia feia e rudo intento
Da gente beſtial, bruta e malvada,
De quem nenhum milhor conhecimento
Podemos ter da India deſejada,
Que eſtarmos inda muito longe d'ella;
E aſſi tornei a dar ao vento a vela.

35. Diſſe então a Velloſo hum companheiro
—Começando-ſe todos a ſorrir—:
"Oulá, Velloſo amigo, aquelle outeiro
He milhor de decer que de ſubir."
"Si he" reſponde o ouſado aventureiro
"Mas quando eu pera cá vi tantos vir
D'aquelles cães, de preſſa hum pouco vim,
Por me lembrar que eſtaveis cá ſem mim."

33 1 *A* sêt. ‖ 2 nos ‖ 3 vão ‖ 5 nos ‖ 6 tecida (a corr. é já antiga; o crro é devido a influencia do som inicial da palavra anterior) ‖ 7 sosp. (v. 138) ‖ 8 cor .evão
34 3 fea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 7 muy. ‖ 8 .ey vella (v. 119)
35 3 Oula ‖ 6 ca ‖ 8 ca

33 6. reposta.. crecida] = retorno avantajado.
34 «Feyta agoada e carna- gem, partiosc Vasco da gama hũa quinta feyra pela menhãa que forão dezaseis de Novembro» (Cast. 1 3).

36. Contou então, que tanto que paſſárão
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais paſſar o não deixárão
Querendo, ſe não torna ali matá-lo;
E tornando-ſe, logo ſe emboſcárão,
Porque, ſaindo nós pera tomá-lo,
Nos podeſſem mandar ao Reino eſcuro
Por nos roubarem mais a ſeu ſeguro.

37. Porem já cinco ſoes erão paſſados,
Que d'ali nos partiramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Proſperamente os ventos aſſoprando,
Quando hũa noite, eſtando deſcuidados
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuvem, que os ares eſcurece,
Sobre noſſas cabeças aparece.

38. Tão temeroſa vinha e carregada,
Que pôs nos corações hum grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada
Como ſe déſſe em vão nalgum rochedo.
"O' Poteſtade" diſſe "ſublimada,

36 1 passa. || 3 deixa. || 4 não . allo (v. 1 80) || 5 embosca. || 6 nos . allo || 7 rei.
37 1 Soes || 3 dout. (v. *R Ph* em «Elisão»)
38 1 Tão || 2 pos || 4 des. vão || 5 O pot.

36 «..Fernão Veloso não vio cousa que contar senão o perigo que elle dizia passar entre aquelles negros: os quaes tanto que se apartarão da praia, o fizerão tornar, quasi como que o querião ter nella por anegaça pera quando o fossem recolher cõmetterem algũa maldade» (Barros, 1 43).

7. Reino escuro] Cf. II 112, 4.

37 V. os textos do com. a v 61.

4. Sobre a collocação, v. o com. a 1 86.

5. descuidados]=mal cuidando o que ia acontecer; cf. III 66, 8.

7-8. «..uma das circumstancias peculiares das tormentas do Cabo é escurecer-se completamente a atmosphera» (Almeida d'Eça *L. de Camões marinheiro*, pag. 14).

Que ameaço divino ou que ſegredo
Eſte clima e eſte mar nos apreſenta,
Que mór couſa parece que tormenta!"

39. Não acabava, quando hũa figura
Se nos moſtra no ar, robuſta e valida,
De diſforme e grandiſſima eſtatura,
O roſto carregado, a barba eſqualida,
Os olhos encovados, e a poſtura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e creſpos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

40. Tão grande era de membros, que bem poſſo
Certificar-te que eſte era o ſegundo
De Rhodes eſtranhiſſimo Coloſſo,
Que hum dos ſete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos falla horrendo e groſſo,
Que pareceo ſair do mar profundo:
Arrepião-ſe as carnes e o cabello
A mi e a todos ſó de ouvi-lo e ve-lo.

41. E diſſe: "O' gente ouſada, mais que quantas

‖ 8 môr
39 1 Não ‖ 6 maa (má: IV 49, 8 *B*) cor pali. ‖ 7 cheos (v. *R Ph* em «-eia»)
40 1 Tão ‖ 3 Ro. ‖ 4 . oy ‖ 5 *B* tõ ‖ 7 . pião ‖ 8 soo . illo (v. I 80) . ello
41 1 O

40 2-4. O colosso de Rhodes era uma cstatua do Sol erigida á cntrada de um dos dois portos da capital da ilha de Rhodes. Era uma das «setc maravilhas do mundo» (*septem opera mirabilia*, Hyg. *Fab.* 223). Depois do de Rhodes o maior colosso era a estatua de bronzc de Jupiter na praça dc Tarento (Estrabão C 278). milagres = maravilhas, corresponde a *miracula*. E' curioso que Tarchagnota fallando do templo de Diana em Epheso, diz «*che fu un de' sette miracoli del mondo* (*Hist. del mondo* fol. 75 *v*).

No mundo cometêrão grandes couſas,
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repouſas,
Pois os vedados terminos quebrantas
E navegar meus longos mares ouſas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados de eſtranho ou proprio lenho,

42. Pois vens ver os ſegredos eſcondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento,
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Eſtão a teu ſobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda has-de ſojugar com dura guerra.

43. Sabe que quantas naos eſta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão eſta paragem
Com ventos e tormentas deſmedidas;
E na primeira armada que paſſagem,

‖ 2 . terão ‖ 7 tãto *B* ha que (sem «já») ‖ 8 destr. (v. *R Ph* em «Elisão»)
42 5 danos (v. II 69) ‖ 7 polla (v. IV 48)
43 5 da (a corr. é proposta por G. de Amorim)

41 3-4. «por» corresponde a *per* em: *Per varios casus, per tot discrimina rerum | tendimus in Latium* (Verg. *En.* I 204-205).

6. longos] = longinquos; cf.: a longas terras (H. Pinto, II 386, da 1.ª ed.).

7. já] Mablin na *Lettre.. sur le texte des Lusiades* nota que o adverbio *già* neste lugar do hendecasyllabo é frequente nos poetas italianos e cita: *Ma più è 'l tempo già, che i piè mi cossi* (Dante *Inf.* XIX 79).

42 1. os segredos escondidos] é tambem o segundo hemistichio de V 17, 7.

43 3. inimiga] = *infestus* em *ipsam Macedoniam infestam habeant* (T. Liv. XX 24).

5-8. Allude-se ao medonho temporal que correu a armada que

Fizer por eſtas ondas inſoffridas,
Eu farei de improviſo tal caſtigo,
Que ſeja mór o damno que o perigo.

44. Aqui eſpero tomar, ſe não me engano,
De quem me deſcobrio, ſumma vingança.
E não ſe acabará ſó niſto o damno
De voſſa pertinace confiança;
Antes em voſſas naos vereis cada anno,
Se he verdade o que meu juizo alcança,
Naufragios, perdições de toda ſorte,
Que o menor mal de todos ſeja a morte.

45. E do primeiro illuſtre que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova ſepultura
Por juizos incognitos de Deos.

|| 6 insuff. (v. I 65) || 7 .rey dimp. (v. *R Ph* em «Elisão») || 8 môr dano (v. II 69)

44 1 não || 2 suma (v. *R Ph* cm «immigo» || 3 *A* .arâ *B* .arà so dano (v. II 69) || 5 .eys || 6 juy.

45 1 Iii. || 2 Ce. || 3 .ey *A* sepol.

levando por capitão mór P. Alv. Cabral, largou de Lisboa com destino á India em 1500. Em seguida a uma calmaria, que pela pouca pratica d'aquelles mares se julgou erradamente que duraria algum tempo, de repente sobreveiu «hum peganho de vento tão furioso, que não deu tempo pera amainarem, e çoçobrou quatro naos sem escapar delas pessoa algũa, de que erão capitães Bertolameu diaz [o que descobriu o cabo de Boa Esperança]..» (Cast. I 31). Cam. diz que o damno foi maior que o perigo, por isso que as pessoas embarcadas nas náos que foram a pique, mal tiveram tempo de sentir que iam morrer: *sensum mortis celeritas praevenit*, para me servir da expressão de Seneca (*Nat. quaest.* II 59). Sobre a corr. de G. de Amorim, cf. IV 95, 5-6.

44 3-8. A este respeito são muito de leſr as relações de naufragios contidas na *Hist. tragico-maritima*. Que] é conjuncção consecutiva.

45 A est. refere-se ao primeiro vice-rei da India, D. Franeisco de Almeida, de quem o Poeta falla com mais pormenores em X 26-38.

Aqui porá da Turca armada dura
Os ſoberbos e proſperos tropheos;
Comigo de ſeus damnos o ameaça
A deſtruida Quiloa com Mombaça.

46. Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro e namorado,
E comſigo trará a fermoſa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triſte ventura e negro fado os chama
Neſte terreno meu, que duro e irado
Os deixará de hum crú naufragio vivos
Pera verem trabalhos exceſſivos.

47. Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gèrados e nacidos;
Verão os Cafres aſperos e avaros
Tirar á linda dama ſeus veſtidos;.
Os cryſtallinos membros e perclaros

|| 5 porà || 7 danos (v. II 69)

46 1 *A* . irâ || 2 . aleiro (. alleiro: I 8, 13; III 130; VIII 9, 18, 27; IX 75) enamor. (cf.: Manhoso, cavalleiro c namorado: IX 75) || 3 cons. (v. I 57) *A* . arâ *B* . arà || 4 gram . ce *A* . erâ *B* . erà || 6 yr. || 7 *A* . arâ dhum (v. *R Ph* em «Elisão») *B* crù || 8 ecce. (v. V 18)

47 1 . rão charos (v. IV 67) || 2 gêr. || 3 . rão || 4 aa || 5 cristali.

5. porá] = deporá, i. é, terá de deixar.

7. de seus damnos] = em vingança de seus damnos.

As est. 46-48 referem-se ao caso tragico de Manoel de Sousa Sepulveda, que voltando da India com sua mulher D. Leonor e dois filhos creanças no galeão grande S. João, de que era capitão, naufragou nas costas meridionaes da Africa em 1552. A historia do naufragio vem nas *Decadas* de Couto (VI 9, 21-22) e em uma *Relação* contida na *Hist. trag.-maritima.*

46 6. Neste terreno] Sobre a syntaxe, v. o com. a II 32, 5-6.

47 5. perclaros] V. o com. a II 58.

A' calma, ao frio, ao ar verão deſpidos,
Deſpois de ter piſada longamente
Cos delicados pés a areia ardente.

48. E verão mais os olhos que eſcaparem
De tanto mal, de tanta deſventura,
Os dous amantes miſeros ficarem
Na férvida e implacabil eſpeſſura;
Ali, deſpois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas ſoltarão
Da fermoſa e miſerrima priſão."

49. Mais hia por diante o monſtro horrendo
Dizendo noſſos fados, quando alçado
Lhe diſſe eu: "Quem és tu? que eſſe eſtupendo
Corpo certo me tem maravilhado."
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando hum eſpantoſo e grande brado,
Me reſpondeo com voz peſada e amara,
Como quem da pergunta lhe peſara:

50. "Eu ſou aquelle occulto e grande cabo
A quem chamais vós outros Tormentorio,

‖ 6 Aa. . erão ‖ 8 pês . rea (v. *R Ph* em «-eia»)
48 1 . erão ‖ 4 fer. ‖ 6 dôr ‖ 7 . aram ‖ 8 . isam
49 8 preg. (pergunt.: I 50; VII 67, X 115; v. *R Ph*)
50 1 Ca. ‖ 2 vos

48 7-8. abraçados] é ficção poetica. Manoel de Sousa, depois de enterrar a esposa e os filhinhos, «se tornou a meter pelo mato, aonde desapareceo, sem mais se saber delle» (Couto, no lugar já cit.).

A ideia de ser o corpo carcere da alma pertence já á litteratura greco-romana: *ii vivunt, qui ex corporum vinculis tamquam e carcere evolaverunt* (Cic. *De re publ.* VI 14).

49 4. certo] como em v 18, 6.
8. quem. . lhe] = a quem; v. o com. a I 95.

Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Eſtrabo,
Plinio, e quantos paſſárão, fuí notorio.
Aqui toda a Africana coſta acabo
Neſte meu nunca viſto promontorio,
Que pera o pólo Antarctico ſe eſtende;
A quem voſſa ouſadia tanto offende.

51. Fui dos filhos aſperrimos da Terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamaſtor, e fui na guerra
Contra o que víbra os raios de Vulcano;
Não que poſeſſe ſerra ſobre ſerra,
Mas conquiſtando as ondas do Oceano
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buſcava.

‖ 3 *B* nũca ‖ 4 passa. . uy ‖ 6 Pro. ‖ 7 Po. . artico
51 1 . uy ter. ‖ 3 . uy ‖ 4 . ayos ‖ 6 Occe (v. *R Ph*) ‖ 7 . uy.

50 3-4. Cam. nomeia os principaes geographos, gregos e romanos, cujas obras chegaram até nós: Claudio Ptolemeu (ou: Ptolomeu, correspondente á fórma *Ptolomaeus*) (do II sec. d. Chr.), Pomponio Mela, natural da Hispania (do I sec. d. Chr.), Estrabão (*Strabo*), natural do Ponto (da segunda metade do I sec. a. Chr., e das primeiras decadas do I sec. d. Chr.), Caio Plinio Secundo (23-79 d. Chr.).

51 1. os filhos asperrimos da Terra] são os Gigantes; v. II 112.

2. Encélado é mencionado na *En.* (III 578-582); Egeo (*Aegaeon*, «Egeon» em J. F. Barreto, *En. Port.* x 139) na *En.* (x 565-568); «Centimano» (*centimanus*) é epitheto dado por Horacio a Gyas (*Od.* II 17) e por Ovidio a Typheu (*Met.* III 303). Sobre a accentuação de «Centimano» v. *R Ph* em «Taprobana».

3. Um epithalamio de Sidonio Apollinaris tem o verso: *Porphyrion Pangaea rapit, Rhodopemque Adamastor* e, como nota ao ultimo nome, a ed. de Basilea de 1542 traz «*Gigantis nomen statu-rosi et membratura immani conspiciendi. Damastor Claudiano dicitur.* (Rav. Textor transcreve aquelle passo de Sidonio na *Officina*, pag. 439 da ed. de 1552).

4. Cf. I 22, 2.

7. capitão do mar] era antigamente designação official do posto immediato ao de almirante.

8. eu buscava] O verbo está empregado em sentido hostil.

52. Amores da alta eſpoſa de Pedro
Me fizerão tomar tamanha empreſa;
Todas as Deoſas deſprezei do ceo
Só por amar das agoas a Princeſa.
Hum dia a vi, co as filhas de Nereo
Sair nua na praia, e logo preſa
A vontade ſenti de tal maneira,
Que inda não ſinto couſa que mais queira.

53. Como foſſe impoſſibil alcançá-la
Pola grandeza feia de meu geſto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Doris eſte caſo manifeſto.
De medo a Deoſa então por mi lhe falla;
Mas ella cum fermoſo riſo honeſto
Reſpondeo: "Qual ſerá o amor baſtante
De Nympha que ſuſtente o de hum Gigante?

54. Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buſcarei maneira
Com que, com minha honra, eſcuſe o damno."
Tal reſpoſta me torna a menſageira.
Eu que cair não pude neſte engano

52 2 . erão || 3 . zey || 4 So || 6 . yr . aya || 7 sinti (sentir: IX 48; sentia: VI 36; sentio: X 48; sentírão: VIII 35) || 8 não

53 1 *B* fossc cousa imp. . allá (v. I 80) || 2 Polla (v. IV 48) fea (v. *R Ph* em «-eia») || 3 . ey . alla || 7 . ra || 8 Nim. dhum (v. *R Ph* em «Elisão»)

54 1 Occ. (v. *R Ph*) || 2 . rey || 3 dano (v. II 69)

52 1. Pelco] foi casado com a nympha Thetis, segundo a versão mais geral, uma das 50 filhas de Nereo e de Doris.

7. vontade] como em III 129.

54 3. com minha honra] «com» = sem quebra de.

4. Sobre a fórma «resposta» v. *R Ph*.

5-7. cair.. neste engano] = perceber que isto era um engano; cf. I 96. «Eu.. enchêrão-me»

—Que he grande dos amantes a cegueira—
Enchêrão-me com grandes abondanças
O peito de deſejos e eſperanças.

55. Já neſcio, já da guerra deſiſtindo,
Hũa noite de Doris prometida
Me aparece de longe o geſto lindo
Da branca Thetis, unica, deſpida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
D'eſte corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

56. O' que não ſei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte
De aſpero mato e de eſpeſſura brava.
Eſtando cum penedo fronte a fronte,
Que eu polo roſto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto de hum penedo outro penedo.

57. O' Nympha, a mais fermoſa do Oceano,
Já que minha preſença não te agrada,
Que te cuſtava ter-me neſte engano,
Ou foſſe monte, nuvem, ſonho, ou nada?

‖ 6 cig. (a corr. é já antiga) ‖ 7 Encherão
56 1 O não . ey ‖ 3 . ey ‖ 6 pollo (v. IV 48)
‖ 7 Não . ey não ‖ 8 dhum (v. *R Ph* em «Elisão»)
57 1 O Nim. Occe. (v. *R Ph*)

é anacoluto, corrente na conversação. com grandes abondanças] parece equivaler a: a trasbordar.

55 4. unica] = sem par (*unicus*).

56 1. nojo] como em IV 43, 7.
8. FS compara o lugar de Ovidio: *in saxo frigida sedi,* | *quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui* (*Her.* X 49-50).

D'aqui me parto, irado e quaſi inſano
Da magoa e da deſhonra ali paſſada,
A buſcar outro mundo onde não viſſe
Quem de meu pranto e de meu mal ſe riſſe.

58. Erão já neſte tempo meus irmãos
Vencidos e em miſeria eſtrema poſtos,
E por mais ſegurar-ſe os Deoſes vãos,
Alguns a varios montes ſottopoſtos.
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus deſgoſtos,
Comecei a ſentir do fado immigo
Por meus atrevimentos o caſtigo.

59. Converte-ſe-me a carne em terra dura,
Em penedos os oſſos ſe fizerão,
Eſtes membros que vês e eſta figura
Por eſtas longas agoas ſe eſtendêrão;
Em fim minha grandiſſima eſtatura
Neſte remoto cabo convertêrão
Os Deoſes, e por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando d'eſtas agoas."

‖ 6 deson. (v. IV 43)
58 1 .rão Ir. ‖ 4 .ũs ‖ 7 .ey *A* imi. (v. *R Ph*) *B* amigo
59 3 ves ‖ 4 estende. ‖ 6 conuerte.

57 5. irado e quasi insano] é tambem o segundo hemistichio de I 77, 1.

58 1. meus irmãos] V. v 51, 1. 3-4. Em VI 13 Cam. menciona o caso de Typheo. segurar-se] V. o com. a I 71, 3.

59 Com muita probabilidade, a narrativa que vem em Ovidio (*Met.* IV 655-661, cit. por FS), da conversão de Atlas, agigantado rei da Mauritania, no monte que tomou d'elle o nome, foi a que suggeriu primordialmente a Cam. a sua grandiosa concepção.

5. grandissima estatura] é tambem a segunda parte de V 39, 3.

7. por mais dobradas magoas] Cf.: Renovar dores passadas | Escusáreys dom Joam, | Por

60. Aſſi contava, e cum medonho choro
Subito de ante os olhos ſe apartou;
Deſſez-ſe a nuvem negra, e cum ſonoro
Bramido muito longe o mar ſoou.
Eu levantando as mãos ao ſancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que removeſſe os duros
Caſos que Adamaſtor contou futuros.

61. Já Phlegon e Pyrois vinhão tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta ſe nos foi moſtrando
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo d'eſta coſta, começando
Já de cortar as ondas do Levante
Por ella abaixo hum pouco navegamos,
Onde ſegunda vez terra tomamos.

62. A gente que eſta terra poſſuia,

60 2 dante (v. *R Ph* em «Elisão»)
61 3 . oy ‖ 4 . oy ‖ 7 *B* ella a ab.
62 1 . uya

m'as nam dardes dobradas (*Canc. Ger.* I pag. 24); *duplicatur mihi maestitia, quod*.. (Apul: *Met.* III 49).

60 8. futuros] está transposto da oração demonstrativa para a relativa; cf. I 26, 7-8.

61 «..a quarta feyra seguinte [22 de Novembro] dobrou este cabo [de Boa Esperança], indo ao longo da costa.. Dobrado ho cabo de boa Esperança,.. dia de Santa Catherina [25 de Novembro] chegou Vasco da gama a agoada de Sam Bras que he sessenta lcgoas auante do cabo» (Cast. I 3),

1-2. Os outros dois cavallos que tiravam o carro do Sol, eram Eoo (*Eous*) e Ethon (*Aethon*) (Ov. *Met.* II 153-154). Sobre a ellipse de «cavallos», cf. III 57, 1-2.

8. onde] = e alli (naquella costa, na angra dc S. Brás, a *Mossel Bay* dos mappas ingleses).

62 «E em tres [leia-se «treze»] dias que Vasco da Gamma se deteue aqui teuerão os nossos muito prazer com elles por ser gentc prazenteira dada a tanger e bailar: entre os

Poſto que todos Ethiopes erão,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros que tão mal nos recebêrão.
Com bailos e com feſtas de alegria
Pela praia arenoſa a nós vierão,
As molheres comſigo e o manſo gado,
Que apacentavão, gordo e bem criado.

63. As molheres queimadas vem encima
Dos vagaroſos bois, ali ſentadas,
Animais que elles tem em mais eſtima
Que todo o outro gado das manadas.
Cantigas paſtoris, ou proſa ou rima,
Na ſua lingoa cantão, concertadas
Co doce ſom das ruſticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

64. Eſtes, como na viſta prazenteiros

|| 2 Eti. || 3 *B* humanos || 4 *B* que os ou. tão .berão || 6 Pella (v. IV 49) .aya nos .erão || 7 cons. (v. I 57) || 8 .auão

63 6 .gua (lingoa: I 33, V 77) cantão || 7 *B* .çe || 8 Titi.

quaes auia alguns que tangião com hũa maneira de frautas paſtoris que em ſeu modo parecião bem» (Barros, I 4, 3).

2. Ethiopes] como em V 32, 3; sobre a accentuação, v. *R Ph* em «Taprobana».

4. os outros] os da bahia de Santa Helena; v. V 32-33.

7. as molheres comsigo]=trazendo comsigo as molheres; cf.: a mão na espada (IV 14).

63 «.. alguns boies, mochos, que os noſſos virão andauão gordos e limpos e vinhão as molheres sobre elles com hũas albardas databua» (Barros, I 4, 3).

5. em prosa ou rima]=ou fosse prosa ou fosse rima; cf.: *Cosa non detta in prosa mai, nè in rima* (*Orl. fur.* I 2).

6. cantão] tem por sujeito «elles» subentendido (e não meramente «as molheres»).

8. Tityro] é o nome de um dos dois pastores da primeira ecloga de Vergilio. «Camena», propriamente nome de divindade, applicado pelos Romanos ás Musas, emprega-se na poesia latina tambem no sentido de «composição poetica».

64 «E vendo a mansidão dos negros sayo [V. da Gama] em

Foſſem, humanamente nos tratárão
Trazendo-nos galinhas e carneiros
A troco de outras peças que levárão.
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra ſua algũa lhe alcançárão,
Que déſſe algum ſinal do que buſcamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

65. Já aqui tinhamos dado hum grão rodéio
A' coſta negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o pólo Antarctico ficava.
Aquelle ilheo deixamos, onde veio
Outra armada primeira que buſcava
O Tormentorio cabo, e deſcuberto,
Naquelle ilheo fez ſeu limite certo.

64 2 trata. || 4 dout. (v. *R Ph* em «Elisão») leũa. || 6 alcança. || 7 des. *A* .gun || 8 vellas (v. I 19)
65 1 gram (v. I 75) .eyo || 2 Aa || 3 .eyo || 4 Ceo Pol. .artico || 5 *B* ande .eyo || 7 Ca.

terra com os seus, e fez coeles resgate de barretes vermelhos por manilhas de marfim. E logo ao sabado vierão obra de duzentos negros.. que trouxerão doze boys e quatro carneiros..» (Cast. I 3). «Passados estes dias que Vasco da Gama aqui esteve, partiose caminho do rio do Iffante hũa sesta feyra oyto dias de Dezembro» (id. ibd.).

65 «.. a piedade de Deos.. os leuou onde ora chamão os Ilheos chãos cinco legoas auante do da Cruz onde Bartholomeu Diaz pôs o seu derradeiro padrão..» (Barros, I 4, 3).

2. negra] com respeito á côr dos habitantes; cf.: o negro Sanagá (v 7).

2-4. tornava.. a demandar o ardente meio | Do ceo] i. é, tendo chegado ao extremo meridional da Africa, a armada seguia agora o rumo do nordeste e demandava o equador, como tambem o demandára quando largou do porto de Lisboa. ficava] como em v 12, 7.

5-8. «e por outro nome se chama este penedo ho ilheo da Cruz, porque o mesmo Bertholameu Diaz pôs ali hum padram de pedra [em 1488], pouco mais alto que hum homem, com hũa cruz em cima» (*Esmeraldo*, III 9). A expressão «limite certo» refere-se ao «derradeiro padrão» do texto de Barros.

66. D'aqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas triſtes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
Só conduzidos de arduas eſperanças;
Co mar hum tempo andamos em porfias,
Que como tudo nelle ſão mudanças,
Corrente nelle achamos tão poſſante,
Que paſſar não deixava por diante.

67. Era maior a força em demaſia,
Segundo pera trás nos obrigava,
Do mar que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que aſſoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar — parece — tanto eſtava,
Os aſſopros eſforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

68. Trazia o Sol o dia celebrado
Em que tres Reis das partes do Oriente

66 4 So ‖ 6 sam ‖ 7 tão ‖ 8 *B* que não
67 1 may. ‖ 2 tras ‖ 3 *A* cantro nos ‖ 4 *B* que por nos

66 «.. E neste mesmo dia tornou a frota a passar a mesma carreira que tinha passada leuando muyto vento a popa, que lhe durou tres ou quatro dias com que rompeo as correntes que auião grande medo de não poderem passar.. (Cast. 1 3).

67 1. em demasia] (=demasiadamente) pertence para «maior».
2. segundo] V. o com. a 1 105.
4. Que por nós a do vento] = do que era por nós (i. é, a nosso favor) a força do vento.
5-8. Noto] corresponde ao «vento a popa» do texto de Cast. transcripto no com. á est. precedente; v. o com. a VI 76, 5.

68 «Na qual paragem por causa das grandes correntes andarão hora ganhando hora perdendo caminho, até que.. dia dos Reys entrarão no rio delles [i. é, no rio dos Reis] e alguns lhe chamão do cobre por o resgate delle.. e assi marfim e mantimentos que os negros da terra com elle resgatarão» (Barros, 1 4, 3).
1-4. Allude-se ao que se lê em S. Matt. (II 1-2): «Tendo pois nascido Jesus em Belém de Judá,

Forão buſcar hum Rei, de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente;
Neſte dia outro porto foi tomado
Por nós, da meſma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome démos
Do dia em que por elle nos metemos.

69. D'eſta gente refreſco algum tomamos
E do rio freſca agoa; mas com tudo
Nenhum final aqui da India achamos
No povo, com nós outros quaſi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andamos
Sem ſair nunca d'eſte povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem final
Da deſejada parte Oriental.

70. Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não ſabidos,
E do eſperar comprido tão canſados

68 3 .rão .ey || 4 .ey || 5 .oy || 6 nos || 7 de.
69 4 nos casi (v. III 110) || 5 *B* vè .ey
70 1 quam || 2 quam || 7 não

em tempo do Rei Herodes, eis-que vierão do Oriente huns Magos a Jerusalem, dizendo: Onde está o Rei dos Judeos, que he naseido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos adorallo». O 4.º verso refere-se ao dogma ehristão da Trindade. partes do Oriente] é tambem o final de II 44, 8, e I 76, 4.

6. da mesma já eontada gente] i. é, de Ethiopes; v. v 62, 2.

7-8. O rio dos Reis não pode identifiear-se eom segurança; Theal pensa que muito provavelmente era o Limpopo (*The Port. in South Africa*, pag. 90).

69 1. Pospôr «algum» ao substantivo em orações affirmativas está inteiramente antiquado.

4. quasi mudo] por não se lhe entender a lingoa.

70 4. não sabidos] = desconhecidos; v. *R Ph* em «saber».

5. o esperar eomprido] eorresponde ao *spem longam* de Horaeio (*Od.* I 4, 15; FS).

Quanto a deſeſperar já compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de noſſa humanidade,

71. Corrupto já e danado o mantimento
Danoſo e mao ao fraco corpo humano,
E alèm d'iſſo nenhum contentamento
Que ſe quer da eſperança foſſe engano!
Crês tu, que ſe eſte noſſo ajuntamento
De ſoldados não fôra Luſitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a ſeu Rei e a ſeu regente?

72. Crês tu, que já não forão levantados
Contra ſeu capitão, ſe os reſiſtira,
Fazendo-ſe piratas, obrigados
De deſeſperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo eſtão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella Portugueſa alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

73. Deixando o porto em fim do doce rio

71 2 *A* mão || 5 Cres || 7 fo. || 8 .ey·
72 1 Cres .rão || 3 Pir. || 7 ecee. (excellencia: VII 56; X 55)

7. não naturais] é explicado por: de qualidade | Inimiga de nossa humanidade (=natureza humana).

71 3. nenhum contentamento] sem participio, á maneira dos ablativos absolutos latinos (v. g. *me invito*) coordena-se a «Corrupto já e danado o mantimento».

7. Que] está repetido anacoluthicamente como em I 55. tanto] =tanto tempo.

72 2. No português antigo o verbo «resistir» é frequentemente transitivo e emprega-se na passiva.

73 «E daqui por diante começou de se afastar algum tanto da terra com que de noite passou o cabo a que ora chamamos das

E tornando a cortar a agoa ſalgada,
Fizemos d'eſta coſta algum deſvio
Deitando pera o pego toda a armada,
Porque ventando Noto manſo e frio
Não nos apanhaſſe a agoa da enſeada
Que a coſta faz ali d'aquella banda
D'onde a rica Sofala o ouro manda.

74. Eſta paſſada, logo o leve leme
Encommendado ao ſacro Nicolao,
Pera onde o mar na coſta brada e geme,
A proa inclina de hũa e de outra nao;
Quando hindo o coração, que eſpera e teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao,
Do que eſperava já deſeſperado,
Foi de hũa novidade alvoroçado.

75. E foi, que eſtando já da coſta perto,
Onde as praias e valles bem ſe vião,

73 5 Nã
74 2 Encomen. (v. *R Ph* em «immigo») || 4 dhũa (v. *R Ph* em «Elisão») dout. || 5 in. (v. 1 9) .ação || 6 dhum || 8 .oy dhũa
75 1 .oy || 2 .ayas .ião

correntes [24°,5′ de lat. austral]: porque começa a costa encuruarse tanto pera dentro passado elle, que sentindo Vasco da Gamma que as agoas o apanhavão pera dentro, temeo ser algũa enseada penetrante donde não podesse sair. O qual temor lhe fez dar tanto resguardo por fugir a terra que passou sem auer vista da pouoação de Çofala tão celebrada naquellas partes por causa do muito ouro que os Mouros ahi hão dos negros da terra por via do cõmercio» (Barros, 1 4, 3).

1. do doce rio] do rio dos Reis (v 78).

74 1. Esta] Sofala; v. o texto de Barros no com. á est. seguinte.
2. S. Nicolao é advogado dos navegantes.
5. Quando] como em 1 23, 7.

75 «.. e foi entrar em hum rio mui grande abaixo della [Sofala] cinquoenta legoas, vendo entrar por elle huns barcos com velas de palma..» (Barros, 1 4, 3).

Num rio que ali ſae ao mar aberto,
Bateis á vela entravão e ſaião.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já peſſoas que ſabião
Navegar, porque entre ellas eſperamos
De aehar novas algũas, como achamos.

76. Ethiopes ſão todos, mas pareee
Que com gente milhor eommunicavão;
Palavra algũa Arabia ſe conheee
Entre a lingoagem ſua que fallavão;
E eom pano delgado que ſe tece
De algodão, as eabeças apertavão;
Com outro que de tinta azul ſe tinge,
Cada hum as vergonhoſas partes cinge.

77. Pela Arabiea lingoa, que mal fallão
E que Fernão Martinz muito bem entende,

‖ 4 aa .auão .yão ‖ 5 .uy .oy ‖ 6 .ião ‖ 7 cntrel. (v. *R Ph* em «Elisão»)
76 1 sam ‖ 2 eomunicauão (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 4 falauão (v. 1 78) ‖ 6 .dão .auão ‖ 7 *A* otro
77 1 Pella (v. 1v 49) falão (v. 178) ‖ 2 .não mar. .uy

3. V. v 78, 3-4.

76 «E a gente deste rio perô que tambem fosse da cor e cabello como elles [negros de Guiné] auia entre elles homens fulos que parecião mestiços de negros e Mouros, e alguns entendião palauras do arauigo que lhe falaua hum marinheiro per nome Fernão Martinz.. Vasco da Gamma sospeitaua que estes negros assi na cor como nas palauras do arabio podião ter cõmunicação com os Mouros.. E os maes delles trazião derredor de si huns panos d'algodão tintos de azul e os outros toucas» (Barros, 1 4, 3).

1. Ethiopes] como em v 32, 3.
2. milhor] = mais civilizada.
3. palaura algũa] = uma ou outra palavra; v. o com. a v 69.
se conhece] = se reconhece.

77 «.. Com os quaes sinaes, e outros que elles derão, dizendo que contra o nacimento do sol auia gente branca que nauegavão em naos como aquellas suas, as quaes elles vião passar pera baixo e pera cima daquella costa: pos Vasco da Gamma nome a este rio dos bons sinaes» (Barros, 1 4, 3).

2. Do marinheiro Fernão Martins informa o *Roteiro* de V. da

Dizem, que por naos que em grandeza igualão
As noſſas, o ſeu mar ſe corta e fende;
Mas que lá donde ſae o Sol, ſe abalão
Pera onde a coſta ao Sul ſe alarga e eſtende,
E do Sul pera o Sol, terra onde havia
Gente aſſi como nós, da côr do dia.

78. Mui grandemente aqui nos alegramos
Co a gente, e com as novas muito mais;
Pelos ſinais que neſte rio achamos,
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.
Hum padrão neſta terra alevantamos,
Que pera aſſinalar lugares tais
Trazia alguns: o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

79. Aqui de limos, caſcas e de oſtrinhos,

‖ 3 nos [em vez de «naos»] grã. *A* ygoalão *B* igoalã (v. IV 37) ‖ 5 la .alão ‖ 6 estc̃. ‖ 7 auia (v. I 74) ‖ 8 nos eor

78 1 .uy ‖ 3 Pellos (v. IV 49) ‖ 4 *A* bons *B* bõs si. ‖ 5 .drão ‖ 6 *B* para asin. ‖ 8 .ello

79 1 dost. (v. *R Ph* em «Elisão»)

Gama, que entendia arabe porque «fora já cativo de Mouros» (pag. 25).

5-7. Allude-se á navegação commercial entre a costa occidental da India («lá donde sae o Sol») e a costa oriental da Africa («onde a costa ao Sul se alarga e estende»).

do Sul pera o Sol] i. é, da costa oriental da Africa para a costa occidental da India. Cf.: «Coestes mouros [de Moçambique] vinhão tratar mouros da India e do mar roxo, por amor do ouro que ahi achauão» (Cast. I 5). da côr do dia] Cf. V 7, 4.

78 V. o texto de Barros no com. á est. seguinte.

4. O rio dos Bons Sinaes é o Quilimane (Theal *The Port. in South Africa*, pag. 91).

7-8. Quando Tobias, de ordem de seu pae, tambem Tobias de nome, teve de ir de Nínive a Rages, cidade da Media, cobrar de Gabelo dez talentos de prata que o pae em tempo havia emprestado a este ultimo, foi o anjo Rafael quem lhe serviu de guia da jornada (*Tobias* IV, V).

79 «Finalmente com estas

Nojoſa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem ſordidas e immundas.
Dos hoſpedes que tinhamos vizinhos,
Com moſtras apraziveis e jocundas
Houvemos ſempre o uſado mantimento,
Limpos de todo o falſo penſamento.

80. Mas não foi da eſperança grande e immenſa,
Que neſta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompenſa
A Rhamnuſia com nova deſventura.
Aſſi no Ceo ſereno ſe diſpenſa,
Co eſta condição peſada e dura
Nacemos: o peſar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

‖ 3 *A* .minos ‖ 5 *A* osp. *B* vez. ‖ 7 Ouue. (v. 1 74)
80 1 .oy ‖ 2 ouue. (v. 1 74) ‖ 4 Ram. ‖ 5 cẽo ‖ 7 *A* .erâ *B* .era

nouas e segurança da gente na communicação que tinha com os nossos per modo de commercio de mantimentos da terra quis elle dar pendor aos nauios por virem já mui çujos: no qual tempo.. pos hum padrão per nome S. Rafael» (Barros, 1 4, 3).

1. cascas] de mariscos.

2. nojoso] era antigamente usual na accepção de «damnoso» ou «incommodo» (*lästig* na versão de Storck).

5. hospedes] em sentido activo, como na phrase proverbial: «fazer as contas sem a hospeda».

80 «E peró que neste rio foi o maior sinal que té li tinha visto, e que lhe deu grande esperança do que hião descohrir, por este prazer não hir puro sem algum desconto de trabalho: per espaço de hum mês que ali esteuerão no corregimento dos nauios, adoeceo muita gente de que morreo algũa» (Barros 1 4, 3).

1-3. da esperança] liga-se a «alegria». «recompensar» = contrapesar um bem com um mal, é de uso rarissimo; corresponde a *repensare* em: *Cujus interitus voluptas amissorum.. civium paene damno repensata est* (Vell. Paterculo II 21, 4).

4. A Rhamnusia] (*Rhamnusia* Ov. *Met.* III 406) é Némesis (v. o com. a III 71, 5), deosa de que havia uma estatua celebre em um templo de Rhamnunte (*Rhamnus*) no norte da Attica.

81. E foi, que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, deſemparárão
Muitos a vida e em terra eſtranha e alheia
Os oſſos pera ſempre ſepultárão.
Quem haverá que ſem o ver o creia?
Que tão diſformemente ali lhe inchárão
As gingivas na boca, que crecia
A carne e juntamente apodrecia.

82. Apodrecia cum fetido e bruto
Cheiro que o ar vizinho inficionava.
Não tinhamos ali medico aſtuto,
Sururgião ſutil menos ſe achava;
Mas qualquer neſte officio pouco inſtructo
Pela carne já podre aſſi cortava
Como ſe fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

83. Em fim que neſta incognita eſpeſſura
Deixamos pera ſempre os companheiros,

81 1 .oy .cya || 2 .arão || 3 *B* c̃ || 4 .arão || 5 *A* aucrâ *B* aucrá (v. 1 74) .eya || 6 .arão
82 2 *A* âr *B* àr || 3 Não || 4 .gião || 6 Pella (v. IV 49) || 7 fo.

81 «A maior parte foi de herisipolas e de lhe crecer tanto a carne das gingiuas, que quasi não cabia na boca aos homens, e assi como creeia apodrecia e cortauão nella eomo em carne morta» (Barros 1 4, 3; cont. do texto do com. á est. preeedente).

Nesta est. e na seguinte Cam. descreve o escorbuto: *Le scorbut, devenu maintenant presque exclusivement une affection des expéditions polaires, sévissait alors sur tous les océans* (H. Dehéraint no *Journal des Savants* de 1903, pag. 569).

82 «..e apodreciãlhe [as gengivas], de maneyra que não auia quem soportasse o fedor da boca..» (Cast. 1 4).

1. bruto] como em III 113.
3. astuto] como em II 24, 5.
4. Sururgião] é fórma popular (como tambem «solorgião») usada, no tempo de Cam., na propria litteratura. «achar-se menos» é no português antigo locução corrente, e equivale a «faltar». (Storck traduziu inexactamente: *Geschweig' ein Wundarzt*).

Que em tal caminho e em tanta deſventura
Forão ſempre comnoſco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a ſepultura!
Quaeſquer ondas do mar, quaeſquer outeiros
Eſtranhos, aſſi meſmo como aos noſſos,
Receberão de todo o illuſtre os oſſos.

84. Aſſi que d'eſte porto nos partimos
Com maior eſperança e mór triſteza,
E pela coſta abaixo o mar abrimos
Buſcando algum final de mais firmeza;
Na dura Moçambique em fim ſurgimos,
De cuja falſidade e má vileza
Já ſerás ſabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

85. Até que aqui no teu ſeguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará ſaude a hum vivo e vida a hum morto,

83 3 *B* .ẽtura || 4 .orão com nos. || 5 Quam
84 2 may. *A* mòr || 3 *A* pella (v. IV 49) || 6 *A* mâ *B* mà || 7 .ras
85 1 Ate || 2 *B* .ço || 3 *A* .arâ *B* arà hũ mor.

---

85 3 bastarà.. | a dar salud a un bivo, i vida a un muerto (Garcilaso, ecl. II, pag. 535 da ed. de 1580) (FS).

83 4. aventureiros] Cf. IV 83, 8.
7. como] sc. receberam.
8. Receberão] é futuro de sentido potencial, como «terá» em v 80, e «mentirão» em: «Só do bem as suspeitas mentirão, | Mas as do mal futuro certas são» (Cam. ecl. «As doces cantilenas..») (A. Coelho escreveu erradamente «Receberam»).

84 V. da Gama partio do rio dos Bons Sinaes sabbado 24 de Fevereiro. «..fez seu caminho sempre â vista da costa, té que d'ahi a cinquo dias chegou a hũa pouoação chamada Moçambique» (Barros I 4, 3).
3. abaixo] i. é, na direcção do equador.
5-8. A'cerca do resto da viagem até Melinde, v. I 42-72, 84-105; II 1-32, 60-73.

85 1. no teu porto] Quanto á syntaxe, v. o com. a II 32.

Nos trouxe a piedade do alto aſſento.
Aqui repouſo, aqui doce conforto,
Nova quietação do penſamento
Nos déſte. E vês aqui, ſe a tento ouviſte,
Te contei tudo quanto me pediſte.

86. Julgas agora, Rei, ſe houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometeſſem?
Crês tu, que tanto Eneas e o facundo
Uliſſes pelo mundo ſe eſtendeſſem?
Ouſou algum a ver do mar profundo,
Por mais verſos que d'elle ſe eſcreveſſem,
Do que eu vi a poder de eſforço e de arte
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?

87. Eſſe que bebeo tanto da agoa Aonia,

|| 5 repousou (a corr. é já antiga) *B* .çe || 7 des. *B* vès atente || 8 .ey

86 ·1 (V. o com.) .ey ouue (v. I 74) || 3 *B* Crès || 4 pello (v. IV 49) || 7 desf. (v. *R Ph* em «Elisão») || 8 ei

4. o alto assento] = o Ceo.
6. pensamento] eomo em IV 1.

86 1-2. A construcção «Julgas.. se houve?» é estranha; assim, modificando o texto, uns editores tem posto «Julga agora, Rei, se houve no mundo»; outros «Julga tu agora, Rei, se houve no mundo»; outros (FS e com elle G. de Amorim) «Agora julga, ó Rei, se houve no mundo» (supprimindo todos elles o ponto de interrogação que vem no fim do 2.º verso nas edições de 1572); outros em fim (Freire de Carvalho, e com elle A. Coelho) «Julgas agora, Rei, que houve no mundo» (conservando o ponto de interrogação). Mas parece-me possivel que o Poeta, empregando «julgar» na accepção de «ajuizar» e tendo na mente o passo de Sallustio: *Nunc vos existumate, facta an dicta pluris sint* (*Jug.* 85), dissesse «julgas?» por «Não podes julgar?».

3-4. V. I 3; II 45.

5. «ousar a» eom infinitivo é eorrente no portuguêS antigo.

7. «esforço» e «arte» vem tambem juntos em I 75.

87 A primeira metade da est. designa Homero, a segunda Vergilio.

1. agoa Aonia] a agoa da fonte Aganippe na Aonia ou Beocia (v. o com. a I 4, 7-8). A phrase

Sobre quem tem contenda peregrina
Entre ſi Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina;
Eſſ'outro que eſclarece toda Auſonia,
A cuja voz altiſona e divina,
Ouvindo, o patrio Mincio ſe adormece,
Mas o Tibre co ſom ſe enſoberbece;

88. Cantem, louvem e eſcrevão ſempre eſtremos
D'eſſes ſeus Semideoſes, e encareção
Fingindo magas Circes, Polyphemos,

87 3 Ro. Smir. Coloſo. || 4 Ate. Yos || 5 E soutro *B* toda a A. || 8 .beruece (nos *Lus.* sempre vem «soberbo») **88** 1 .euão || 2 .eção || 3 Ma. (*B* tem virgula depois de «Magas») Polif.

«bebeo tanto da agoa Aonia» corresponde a est'outra de Marcial: *Nam quis ab Aonio largius amne bibit?* (XII 11, 2); *Aonias aquas* é de Ovidio *Fast.* III 456.

2-4. A antiguidade disputou muito sobre a patria de Homero, sendo Chios a que juntou mais votos em seu favor. A ed. de Cicero de Paris de 1538, entre outras, no commentario ao lugar da oração *pro Archia poëta*, em que o orador romano se refere a esta contenda (cap. 8) cita um disticho grego que se lia nas ed. antigas de Aulo Gellio (III 11), acompanhando-o da seguinte versão latina: *Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri | Smyrna, Rhodos, Colophon, Salamin, Ius, Argos, Athenae.* O disticho vem tambem no *Dictionarium Poëticum* de Tormentino. No disticho grego algumas edições trazem «Chios» em vez de «Ios», e muitos editores dos *Lusiadas* tem, indevidamente, substituido «Ios» por «Chios». Ios é uma ilha do Archipelago. Colophonia] por «Colophon» ou «Colophona»; v. o com. a II 113.

Argo] por «Argos» por necessidade metrica. Salamina] era na ilha de Chypre.

5. Ausonia] propriamente: o pais dos Ausones (v. o com. a X 21) designa tambem entre os poctas a Italia.

7. o patrio Mincio se adormece] i. é, o Mincio—que banha a cidade de Mantua a cujo termo pertencia Andes, a terra natal de Vergilio—quasi suspende a corrente.

8. o Tibre.. se ensoberbece] por ver tão soberanamente cantadas as glorias de Roma.

88 Esta est. e a seguinte alludem a lendas e ficções da *Odysseia* e da *Eneida* (v. Hyg. *fab.* 125, 141).

3-4. Circe na sua ilha Eea transformou em cevados metade dos companheiros de Ulisses (cf. o com. a VI 24, 6). As aventuras de Ulisses com o gigante Polyphemo vem na *Odysseia*, IX, e na

Sirenas que co canto os adormeção;
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones e a terra onde ſe eſqueção
Os companheiros em goſtando o loto;
Dem-lhe perder nas agoas o piloto;

89. Ventos ſoltos lhe finjão e imaginem
Dos odres, e Calypſos namoradas,
Harpyas que o manjar lhe contaminem,
Decer ás ſombras nuas já paſſadas;
Que por muito e por muito que ſe afinem

|| 4 Syr. .eção || 5 *A* â *B* à vella (v. 1 19) || 6 .ccem (a corr. ć já antiga) || 7 Lo. || 8 Pi.
89 1 .jão || 2 Cali. || 3 .pias || 4 aas

Eneida, III. As Sirenas ou Sereas attrahiam com o seu canto os navegantes para depois os devorarem (*Odys.* XII).

5-7. Os Cicones eram um povo da Thracia, a cujo país Ulisses aportou pouco depois de largar de Troia, e com quem teve guerra (*Odys.* IX). Do país dos Cicones ventos contrarios deram com Ulisses na costa septentrional da Africa, na Cyrenaica, onde demoravam os Lotóphagos ou «comedores de loto (açoleifa)». Os companheiros de Ulisses, que provaram d'este fructo, não queriam tornar para bordo e só á força voltaram (*Odys.* IX). O «esquecer-se» reproduz o que se lê na *Odysseia* IX 96-97. «navegar.. os Cicones e a terra..» equivale a «chegar, na sua navegação, ao país dos Cicones e á terra»; não ha-de portanto pôr-se virgula depois de «remos».

8. Eneas na derrota da Sicilia para o occidente da Italia perdeu o seu piloto Palinuro (*En.* V 835-871).

89 1-3. Na ilha Eolia Ulisses recebeu de Eolo um odre onde estavam encerrados os ventos, menos o que era de feição para a sua viagem; mas emquanto Ulisses dormia, os companheiros, cuidando que o odre continha ouro e prata, abriram-no, e os ventos soltos fizeram arribar a frota á ilha de Eolo (*Od.* X 16-55). Dos odres] pertence para «soltos». A nympha Calypso reteve Ulisses sete annos em sua companhia na ilha Ogygia.

4. As Harpyas (mais correctamente: Harpyias) eram seres monstruosos e repugnantes que viviam nas ilhas Estróphadas. Quando Eneas e a sua gente, tendo arribado alli, estavam comendo, as Harpyas baixando dos montes *diripiuntque dapes contactuque omnia foedant | immundo* (Verg. *En.* III 227-228).

5. A descida de Eneas ao reino das Sombras é contada no livro VI da *Eneida*, e a de Ulisses no livro XI da *Odysseia*. sombras nuas [= sem corpo] já passadas] i é, dos que já passaram, dos que se finaram.

Neſtas fabulas vãs, tão bem ſonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura
Vence toda grandiloca eſcriptura.»

90. Da boca do facundo Capitão
Pendendo eſtavão todos embebidos,
Quando deu fim á longa narração
Dos altos feitos, grandes e ſubidos.
Louva o Rei o ſublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de animo e nobreza.

91. Vai recontando o povo, que ſe admira,
O caſo cada qual que mais notou;
Nenhum d'elles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a deſcanſar nos Tethyos braços,
E el-Rei ſe vai do mar aos nobres paços.

92. Quão doce he o louvor e a juſta gloria
Dos proprios feitos, quando ſão ſoados!

|| 6 Fa. vaãs (v. IV 95) tambem (a corr. é já antiga)
90 1 cap. || 2 *A* cmbib. || 3 aa || 5 .ey || 6 *B* gueroas || 8 dan. (v. *R Ph* em «Elisão»)
91 1 .ay || 6 .mão || 7 Thetios || 8 .ey ..ay
92 1 .am *B* .ç̃c || 2 sam

90 5. coração]=animo.

91 2. O caso cada qual que] por: cada qual o caso que.
5. o mancebo Delio] Apollo, nascido na ilha de Delos.
6. O irmão de Lampecia] é Phaethonte: v. I 46. (*Lampetie* Ov. *Met.* II 349).
8. nos Tethyos braços]=nos braços de Tethys, equivale a: no oceano; v. o com. a I 16.

Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença ou iguale os grandes já paſſados.
As envejas da illuſtre e alheia hiſtoria
Fazem mil vezes feitos ſublimados;
Quem valeroſas obras exercita,
Louvor alheio muito o eſperta e incita.

93. Não tinha em tanto os feitos glorioſos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numeroſos
Verſos; iſſo ſó louva, iſſo deſeja.
Os tropheos de Milciades famoſos
Themiſtocles deſpertão ſó de enveja,
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que ſeus feitos celebrava.

|| 4 ygoa. (v. IV 37) || 5 .ea (v. *R Ph* em «-eia») || 8 .eo *B* encita

93 1 Não || 2 .iles pclle. (v. IV 100) || 4 so || 5 Mcl. (a corr. é já antiga) || 6 Tem. so || 8 vez (a corr. é já antiga)

92 3-4. Qualquer nobre] = todo o homem de sentimentos nobres (que, como tal, tem em estima os pregões da fama). Sôbre o valor de «qualquer», cf. I 57, 87; VI 51.
trabalha que] = *elaborat ut*; «trabalha que vença» = trabalha por vencer. ou] = ou ao menos, como *aut* em *cuncti aut magna pars Siccensium* (Sall. *Jug.* 56).
os grandes já passados] = os antepassados illustres. G. de Amorim, não alcançando o sentido d'estes dois versos, pôs «trabalho». O Dr. J. M. Rodrigues, longe igualmente de entender a phrase alatinada do Poeta, crê que elle escreveu: . . soados | Quaesquer nobres trabalhos que em memoria | vençam ou igualem os grandes já passados! (com o ponto de admiração no fim do 4.º verso) (*O Instituto* de Julho de 1907).

5. envejas] em bom sentido, como é frequente quando no plural.

93 1-4. Alexandro] é Alexandre Magno. quem o canta] = o cantor de Achilles, Homero. Cam. tinha na mente o passo de Cicero: *Atque is* [Alexandre] *tamen cum in Sigeo ad Achillis tumulum adstitisset, «o fortunate» inquit «adulescens, qui tuae virtutis Homerum praeconem invenceris»* (*pro Arch.* 10).

5-8. Cam. lería a anecdota em Cicero: *Noctu ambulabat in publico Themistocles, cum somnum capere non posset, quarentibusque respondebat Miltiadis tropaeis se e somno excitari* (*Tusc.* IV 19), ou

94. Trabalha por moſtrar Vaſco da Gama,
Que eſſas navegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama
Como a ſua, que o ceo e a terra eſpanta.
Si; mas aquelle Heroe que eſtima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que ſoe
Eneas e a Romana gloria voe

95. Dá a terra Luſitana Scipiões,
Ceſares, Alexandros, e dá Auguſtos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões
Cuja falta os faz duros e robuſtos.
Octavio entre as maiores oppreſſões
Compunha verſos doutos e venuſtos.
Não dirá Fulvia certo, que he mentira
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

94 3 Não || 6 .ccs || 7 lir.
95 1 *A* Dâ *B* Dà || 2 da || 3 não *A* dâ *B* dà || 5 may. opr. (v. III 95) || 7 *A* dirâ || 8 .fira

cm Val. Maximo (VIII 14 *extr.* 1, cit. por FS), ou em Plutarcho (*Them.* III). Milciades é o heroe da batalha de Marathona (v. X 21), Themistocles o da batalha naval de Salamina (em 480 a. Chr.).

94 5. aquelle Heroe] o imperador Augusto.
7. a lyra Mantuana] V. V 87, 5-8. faz] justamente com as mercês outorgadas a Vergilio.

95 1-2. Dos Scipiões os mais celebres como capitães foram: Publio Cornelio Scipião, o heroe da batalha de Zama (em 202), e Publio Cornelio Scipião Emiliano, o vencedor de Carthago (em 146) e Numancia (em 133). Augusto vem aqui na qualidade de cabo de guerra.
3-4. lhe] sc. aos Portugueses robustos] V. o com. a III 12.
5-6. Caio Octavio, sendo perfilhado por Caio Julio Cesar, passou a chamar-se, consoante a pratica dos Romanos, Caio Julio Cesar Octaviano. D'este imperador — que *poëticam summatim attigit* (Suet. *Oct.* 85) — Marcial, segundo nota FS, cita seis versos, e referindo-se a elles diz: *Absolvis lepidos.. libellos* (XI 20). «oppressão» = aperto de trabalhos.
7-8. Fulvia casou em terceiras nupcias com Marco Antonio, o triumviro (v. III 136). Pondo Cam. Marco Antonio ao lado de Augusto e referindo-se os seis versos de Augusto contidos no citado epi-

96. Vai Ceſar ſojugando toda França
E as armas não lhe impedem a ſciencia;
Mas nũa mão a pena e noutra a lança
Igualava de Cicero a eloquencia.
O que de Scipião ſe ſabe e alcança,
He nas comedias grande experiencia.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que ſempre ſe lhe ſabe á cabeceira.

97. Em fim não houve forte capitão,
Que não foſſe tambem douto e ſciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Se não da Portugueſa tão ſòmente.

96 1 .ay || 2 não empe. (impedir: II 41, VI 55, VIII 58) || 3 mão || 4 Igoa. (v. IV 37) || 5 .ião || 8 aa
97 1 não ouue (v. I 74) .itão || 2 não || 3 Bar. .ção || 4 sòm.

gramma aos amores escandalosos de Antonio com Gláphyra, pode considerar-se certo, que o Pocta hauriu esta noticia naquelle epigramma. Não é porêm liquido, (v. o indice dos nomes proprios que occorrem em Marcial, na edição d'este pocta feita por W. Gilbert), se a Glaphyra dos versos de Augusto é a mulher de Archelao — summo sacerdote da deosa de Comana —, dama de quem Antonio, quando esteve no Oriente, recebeu favores, aos quaes correspondeu dando ao filho de Glaphyra o reino da Cappadocia, ou se aquelle nome é um pseudonymo, em lugar, talvez, de Cytheris, actriz de mimos, tambem amante de Antonio — a quem Cicero, em uma carta a Attico, chama por zombaria *Cytherius*—, como se lê nos commentarios da edição de Marcial de 1522. Sobre a accentuação de «Glaphyra» v. *R' Ph* em «Taprobana».

96 1-4. Durante as campanhas das Gallias (58-49 a. Chr.) Cesar compôs até uma obra philologica, o *De analogia* (Suet. *Ces.* 56). D'elle, como orador, diz Suetonio: *Eloquentia.. aut aequavit praestantissimorum gloriam aut excessit* (*Ces.* 55). Sobre o 3.º verso v. o com. a VII 79.

5-6. Alludc-se á voz que entre os Romanos corria, de que Scipião Emiliano ajudava Terencio na composição das comedias (Suet. *Vit. Terent*).

8. sempre se lhe sabe á cabeceira] equivale a: sabe-se que estava sempre á cabeceira d'elle. Tal construcção, rarissima em português, é corrente na lingoa francesa, onde se diz, por ex.: *J'aimerais mieux te savoir amoureuse d'un vieillard* (Balzac).

97 3. barbara] no sentido em que os Romanos chamavam «barbaros» aos que não eram Gregos nem Romanos.

Sem vergonha o não digo; que a razão
De algum não ſer por verſos excellente,
He não ſe ver prezado o verſo e rima,
Porque quem não ſabe a arte, não na eſtima.

98. Por iſſo, e não por falta de Natura,
Não ha tambem Virgilios nem Homeros,
Nem haverá, ſe eſte coſtume dura,
Pios Eneas nem Achilles feros.
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tão aſperos os fez e tão auſteros,
Tão rudos e de engenho tão remiſſo,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'iſſo.

99. A's Muſas agradeça o noſſo Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos ſeus na lyra nome e fama
De toda a illuſtre e bellica fadiga;
Que elle nem quem na eſtirpe ſeu ſe chama,
Calliope não tem por tão amiga

|| 5 não rezão (raz.: I 23, 38, 39, 44, 52, 68; IV 11, 81; VI 28, 33, 94) || 6 Dalg. (v. *R Ph* cm «Elisão») .elente (v. II 99) || 7 não || 8 não arte (sem artigo; a corr. é já antiga) não

98 1 não *B* nat. || 2 Não || 3 *A* auerâ *B* auerà (v. I 74) || 4 .iles || 6 Aust. || 7 Tão ing. (engenho: I 2; III 14) || 8 *A* dâ *B* dà

99 1 Aas agard. (v. IV 81) || 3 li. || 6 Cali.

98 3-4. Estes versos são explicados pelo que se lê em v 92, 7-8.

6-8. austeros] no máo sentido que tambem *austerus* tem ás vezes.

lhe] é pleonastico, assim como em I 82, 7.

99 3. aos seus] i. é, aos compatriotas de V. da Gama.

5. V. da Gama teve de sua mulher, D. Catharina de Athaide, sete filhos (v. a *Introducção* de Esteves Pereira ao *Tratado* de Miguel de Castanhoso).

6. «ter alguem por amigo» está na accepção, pouco vulgar, de ter em alguem um amigo (*habere aliquem amicum*).

Nem as filhas do Tejo, que deixaſſem
As telas de ouro fino e que o cantaſſem.

100. Porque o amor fraterno e puro goſto
De dar a todo o Luſitano feito
Seu louvor, he ſòmente o proſupoſto
Das Tágides gentis, e ſeu reſpeito.
Porem não deixe em fim de ter deſpoſto
Ninguem a grandes obras ſempre o peito,
Que por eſta ou por outra qualquer via
Não perderá ſeu preço e ſua valia.

‖ 8 tellas dou. (v. *R Ph* em «Elisão»)
100 3 som. ‖ 8 Não .era

7. as filhas do Tejo] = as Nymphas do Tejo, as Tágides de I 4 e de V 100. «as filhas do Tejo» está coordenado a «Calliope».

7-8. deixassem | As telas de ouro fino] em que se occupavam á maneira das nymphas que rodeavam Cyrene, a mãe de Aristeo, nas *Georgicas* de Vergilio, IV 334-335.

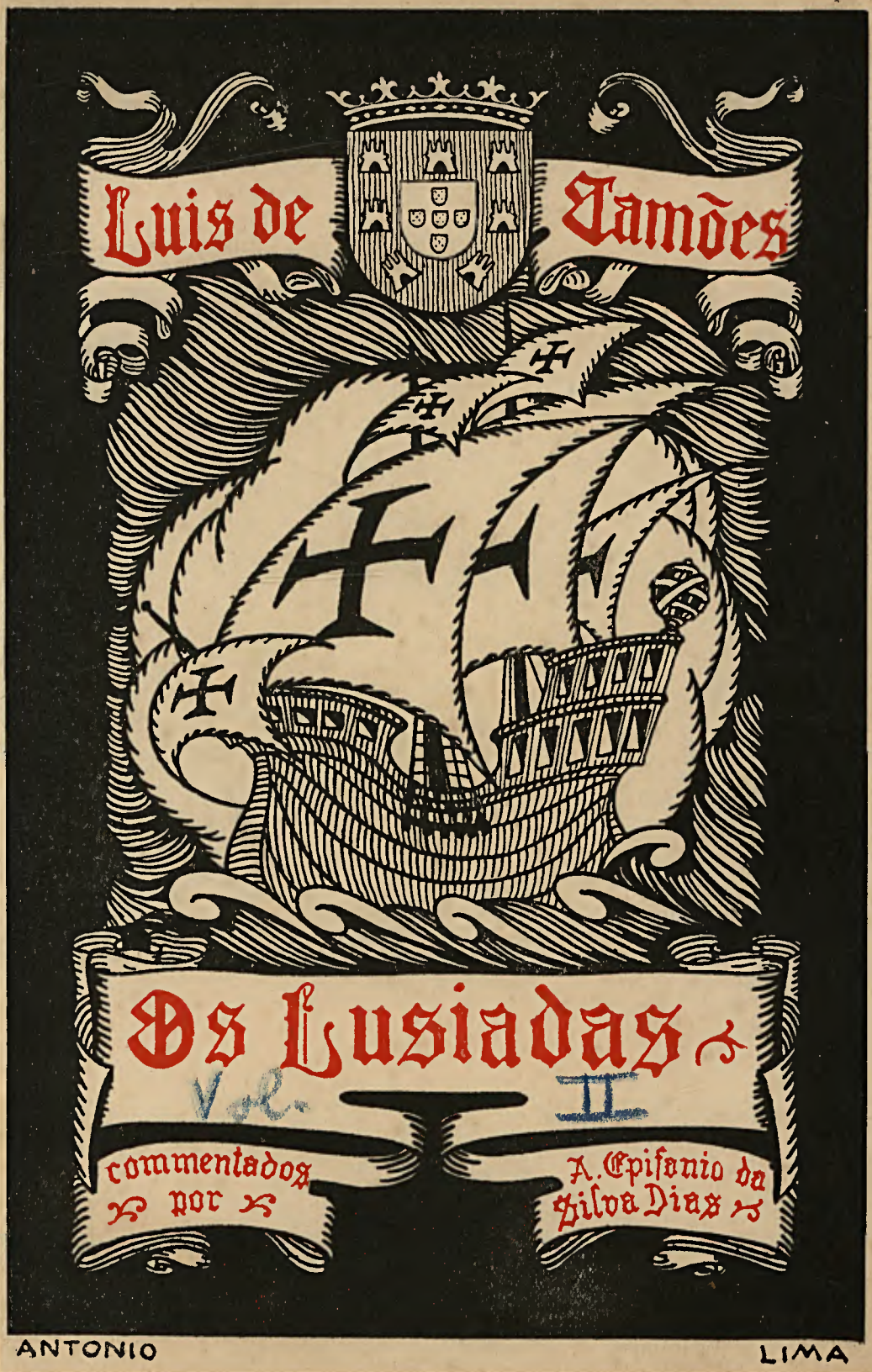
Cam. dá a entender muito positivamente que nem o almirante do mar das Indias nem os seus descendentes prezavam a poesia. Do primeiro só podia sabê-lo por tradição, pois que V. da Gama falleceu em Dezembro de 1524, quando por ventura o Poeta ainda não tinha visto a luz do dia.

100 1. fraterno] por isso que as Tágides tem os Lusitanos por seus irmãos.

3. seu] = devido (*suus*).

4. respeito] no sentido de: consideração, emquanto movel das nossas acções.

RUBIO HAUER


Luis de Camões
Os Lusiadas
II
commentados por
A. Epifanio da Silva Dias
ANTONIO
LIMA

SUSSEKIND

OS LUSIADAS

Composto e impresso na TYP. PROGRESSO
de Domingos Augusto da Silva
Rua Dr. Souza Viterbo, 91 — PORTO

OS LUSIADAS

DE

LUIS DE CAMÕES

COMMENTADOS

POR

AUGUSTO EPIPHANIO DA SILVA DIAS

Segunda edição melhorada

TOMO II

JUDD HAUER

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

—

PORTO — 1918

OS LUSIADAS

DE

LUIS DE CAMÕES

COMMENTADOS

POR

Augusto Epiphanio da Silva Dias

Segunda edição melhorada

TOMO II

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

PORTO — 1907

CANTO SEXTO

1. Não ſabia em que modo feſtejaſſe
O Rei pagão os fortes navegantes,
Pera que as amizades alcançaſſe
Do Rei chriſtão, das gentes tão poſſantes.
Peſa-lhe que tão longe o apouſentaſſe
Das Europeas abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
D'onde Hercules ao mar abrio o caminho.

2. Com jogos, danças e outras alegrias,

Seisto
1 1 Nam‖2 .ey Pagão‖4 .ey Christão‖7 nam

1 2. O rei de Melinde era mahometano; mas o termo «pagão» na lingoagem vulgar equivalia a «não christão». Na *Vita Sancti Theotonii* lê-se «..*inibi sub ditione paganorum* [dos Mussulmanos] *detentos* (*Portug. mon. hist., Script.*). Gaston Paris diz «*On retrouve ici cette singulière confusion du mahométisme avec le paganisme, qui règne dans toutes les chansons de geste* (*Journ. des Sav.* 1893, pag. 295). E' curioso que o «*What, art a heathen?*» do *Hamlet* de Shakespeare (v 1) é traduzido na versão da *Bibliotheca hellenica* por: Τοῦρκος εἶσαι;. (Na Italia o povo até emprega o termo *cristiano* na accepção de «pessoa» em contraposição a «um irracional»).

5. apousentasse] Este verbo, com referencia a situação geographica, tambem occorre em x 91.

8. Referc-se ao estreito de Gibraltar e allude á lenda que vem no texto de Plinio transcripto no com. a III 18.

2 «Aqui estevemos davante esta villa [de Melinde] nove dias e em cstes nove dias sempre se faziam em terra festas e muitas escaramuças a pee, e avia aqui muitos tangères» (*Roteiro*, pag. 49).

A ſegundo a policia Melindana,
Com uſadas e ledas peſcarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana,
Eſte famoſo Rei todos os dias
Feſteja a companhia Luſitana,
Com banquetes, manjares deſuſados,
Com fructas, aves, carnes e peſcados.

3. Mas vendo o Capitão, que ſe detinha
Já mais do que devia, e o freſco vento
O convida que parta e tome aſinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não ſe quer mais deter, que ainda tinha

2 5 .ey || 8 frut. (fructa: II 76)
3 4 Pil. || 5 Não

---

3 2-3 lenis crepitans vocat auster in altum (Verg. *En.* III 70).

2. A segundo] tambem occorre em Gil Vicente (em italiano: *a seconda di*). policia] é o que modernamente se diz «civilização».

4. a Lageia] é Cleópatra, rainha do Egypto, na qual teve fim a dynastia dos Ptolemeos. O fundador d'esta dynastia, Ptolemeo Soter († 283 a. Chr.) era filho do macedonio Lago. (*Lageus* na accepção de «egypcio» encontra-se em Lucano, Sil. Italico e Marcial). Cleopatra teve amores com Marco Antonio, e os banquetes e festas em que os dois amantes folgavam, ficaram assignalados na historia. O verbo «enganar» parece-me que está no sentido de «seduzir»; FS porêm vê nelle allusão á seguinte anecdota referida por Plutarcho. Uma vez, em uma pescaria, Marco Antonio, desgostoso de não colher nenhum resúltado, disse a uns pescadores, que mergulhassem ás escondidas e lhe prendessem ao anzol peixes já pescados; d'este modo veiu-lhe em alguns lanços o anzol com peixe. Cleopatra deu pelo logro, mas disfarçou e fez convites para uma pescaria para o dia seguinte. Quando então, o amante deitou a linha, um dos da comitiva da rainha, industriado por ella, chegou-se, nadando escondidamente, ao anzol de Antonio e prendeu nelle um peixe de conserva. Segundo era natural, quando Antonio tirou para fóra a linha com a estranha pesca, as pessoas presentes não contiveram o riso (*Ant.* 29).

3 «..[no dia 22] el rey mandou lhe hum piloto guzarate chamado Canaqua..» (Cast. I 12).

3. que parta] No português moderno dir-se-hia «a que parta».

Muito pera cortar do falſo argento;
Já do pagão benigno ſe deſpede,
Que a todos amizade longa pede.

4. Pede-lhe mais, que aquelle porto ſeja
Sempre com ſuas frotas viſitado,
Que nenhum outro bem maior deſeja
Que dar a taes barões ſeu reino e eſtado,
E que em quanto ſeu corpo o ſprito reja,
Eſtará de contino aparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom Rei por tão ſublime gente.

5. Outras palavras taes lhe reſpondia
O Capitão, e logo as velas dando
Pera as terras da Aurora ſe partia,
Que tanto tempo ha já que vai buſcando.
No piloto que leva, não havia
Falſidade, mas antes vai moſtrando
A navegação certa; e aſſi caminha
Já mais ſeguro do que de antes vinha.

‖ 7 Pagão
4 2 Fr. ‖ 3 may. ‖ 4 *B* sen ‖ 6 *A* .arâ *B* .arà ‖ 8 tão .ey
5 2 .itão .ellas (v. 1 19) ‖ 4 .ay ‖ 5 Pil. auia (v. 1 74) ‖ 6· .ay ‖ 8 dant. (v. *R Ph* em «Elisão»)

---

4 5 dum spiritus hos regit artus (Verg. *En.* IV 336) (FS).

4 3. Que] é particula causal. .5-6. E que.. | Estará] equivale a: E diz-lhe que estará. Ellipses d'estas são frequentes em latim; v. Madvig. *Gr. lat.* § 403. Sobre «sprito» v. o com. a II 64.

5 V. da Gama fez-se á vela caminho da India aos 24 de Abril (Cast. I 13, Barros I 4, 6). «Do saber do qual [piloto] Vasco da Gamma depois que praticou com elle ficou muito contente: principalmente quando lhe mostrou hũa carta de toda a costa da India arrumada ao modo dos Mouros..» (Barros I 4, 6).

6. As ondas navegavão do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavão
Os thalamos do Sol que nace ardente;
Já quaſi ſeus deſejos ſe acabavão.
Mas o mao de Thyoneu, que na alma ſente
As venturas que então ſe aparelhavão
A' gente Luſitana, d'ellas dina,
Arde, morre, blaſphema e deſatina.

7. Via eſtar todo o Ceo determinado
De fazer de Liſboa nova Roma;
Não no pode eſtorvar, que deſtinado
Eſtá de outro poder que tudo doma.
Do Olympo dece, em fim, deſeſperado,
Novo remedio em terra buſca e toma:
Entra no humido reino e vai-ſe à côrte
D'aquelle a quem o mar caio em ſorte.

8. No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar ſe eſconde,
Lá d'onde as ondas ſaem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar reſponde,
Neptuno mora e morão as jocundas
Nereidas e outros Deoſes do mar, onde
As agoas campo deixão ás cidades
Que habitão eſtas humidas deidades.

6 3 tal. || 5 Tioneo (Thioneu: II 12) || 7 Aa || 8 blasfe.
7 4 *A* .tâ dout. (v. *R Ph* em «Elisão») || 5 Olim. || 7 aa cor. || 8 .ayo
8 3 La || 4 aas || 7 aas || 8 .itão

6 3. os thalamos do Sol] vem a dizer o mesmo que: os berços onde nasce o dia (I 27).
4. se acabavão] = estavão levados ao cabo, estavão cumpridos.
7 4. outro poder que tudo doma] Cf. I 21, 2-4.

9. Deſcobre o fundo nunca deſcuberto
As areias ali de prata fina;
Torres altas ſe vem no campo aberto
De tranſparente maſſa cryſtallina;
Quanto ſe chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a viſta determina,
Se he cryſtal o que vê, ſe diamante,
Que aſſi ſe moſtra claro e radiante.

10. As portas de ouro fino e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De eſculptura fermoſa eſtão lavradas,
Na qual do irado Baccho a viſta pace;
E vê primeiro em côres variadas
Do velho Chaos a tão confuſa face;
Vem-ſe os quatro elementos traſladados,
Em diverſos officios occupados.

9 2 arcas (v. *R Ph* em «-eia») || 4 Da (v. o com.) cristali. (v. 1 20) || 5 .gão || 7 cris. *B* vè
10 1 dour. (v. *R Ph* em «Elisão») || 3 .tão || 4 Baco || 5 *B* vè co. || 6 *B* Caos

9 1. Note-se o trocadilho de «Descobre»=deixa ver, e «nunca descuberto»=nunca visto (dos homens).

3. Torres] corresponde ao *regum.. turres* de Horacio (*Od.* 1 4, 14). Sobre «vem» v. *R Ph* em «ver».

4. «Da» é evidentemente erro typographico por «De». A qualificação pertence para «Torres altas», como «de prata fina» é qualificação de «arcias». Cam. diz só que as torres são de «massa crystallina», i. é, de materia que parece crystal, sem precisar mais a ideia pela razão exposta nos versos seguintes. (Já B. Caldera traduzira «de transparente massa christalina»).

8. E' oração relativa que pertence para «o que vê».

10 A descripção contida nas est. 10 a 14 corresponde á descripção das portas do palacio do Sol em Ovidio, *Met.* II 5-18.

6. Chaos] a mole informe primitiva, de que, segundo antigas cosmogonias, se ordenou o mundo; v. Ovidio *Met.* 1 5-9 (FS).

7. os quatro elementos] são nomeados nas duas estancias seguintes; cf. x 80 e seguintes.

11. Ali ſublime o fogo eſtava encima,
Que em nenhũa materia ſe ſoſtinha;
D'aqui as couſas vivas ſempre anima
Deſpois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve ſe ſublima
O inviſibil ar, que mais aſinha
Tomou lugar, e, nem por quente ou frio,
Algum deixa no mundo eſtar vazio.

12. Eſtava a terra em montes reveſtida
De verdes ervas e arvores floridas,
Dando paſto diverſo e dando vida
A's alimarias nella produzidas.
A clara forma ali eſtava eſculpida
Das agoas entre a terrà deſparzidas,
De peſcados criando varios modos,
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

11 1 Fo. || 2 sust. (sost.: III 132; VI 74, 83; X 19) || 4 *B* Promo. .teo || 5 .pos || 6 *A* Ar
12 4 Aas

11 1. sublime] está em sentido material, como *sublimis*, da mesma maneira que «se sublima» no 5.º verso.

2. Segundo a nota de Manoel de Lyra, equivale a: que não é alimentado de materia alguma (ao contrario do fogo terrestre), e é este o entendimento que desde então se costuma dar a este verso; por ex. Storck traduz: *Von keinem Stoff genährt*. Cam. porêm, no meu sentir, não diria «soster-se em» na accepção de «sustentar-se de»; tenho por certo que o Poeta quis dizer que o fogo elementar, collocado acima do ar, não tinha base material de sustentação, nem d'ella carecia, por ser imponderavel, *sine pondere* como diz Ovidio (*Met.* I 26) e assim é que interpretaram Tapia (*Sin que sea en materia sostenido*) e B. Caldera (*en ninguna materia sostenido*).

3-4. V. IV 103.

5. se sublima] é tambem o final de III 108, 1, onde igualmente rima com «cima» e «anima».

8. algum] sc. lugar. Alludc-se á theoria da physica antiga do «horror ao vacuo».

12 7. modos]=especies; cf.: *vario suppliciorum modo*, por: *variis suppliciorum generibus* em Q. Curcio V 5.

13. Noutra parte eſculpida eſtava a guerra
Que tiverão os Deoſes cos Gigantes;
Eſtá Typheo debaixo da alta ſerra
De Etna, que as flammas lança crepitantes;
Eſculpido ſe vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
D'elle o cavallo houverão, e a primeira
De Minerva pacifica ouliveira.

14. Pouca tardança faz Lyeo irado
Na viſta d'eſtas couſas; mas entrando
Nos paços de Neptuno, que aviſado
Da vinda ſua o eſtava já aguardando,
A's portas o recebe acompanhado
Das Nymphas, que ſe eſtão maravilhando
De ver que cometendo tal caminho
Entre no reino da agoa o Rei do vinho.

15. «O' Neptuno» lhe diſſe «não te eſpantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem cos grandes e poſſantes
Moſtra a Fortuna injuſta ſeus poderes.
Manda chamar os Deoſes do mar, antes

13 2 .erão || 3 Esta Tifeo *B* .axo || 4 .amas (flammas: VIII 72) || 7 ouuerão (v. I 74) || 8 Oul..
14 1 *B* Leyo || 5 Aas || 6 Nim. .tão || 8 dag. (v. *R Ph* em «Crase») .cy
15 1 O não || 2 Baco

13 1-2. V. II 112.
3-4. Typheo] (*Typhōĕus*) um dos Gigantes, foi, depois de vencido, sepultado debaixo do Etna: *Alta jacet vasti super ora Typhoëos Aetne, | cujus anhelatis ignibus ardet humus* (Ov. *Fast.* IV 491-492).
5-8. V. o com. a III 51. pacifica] na qualidade de symbolo da paz: *paciferaeque manu ramum praetendit olivae* (Verg. *En.* VIII 116) Sobre «ouliveira» v. *R Ph* em «oucioso».
14 1. Lyeo] V. o com. a I 49.

Que falle mais, ſe ouvir-me o mais quiſeres;
Verão da deſventura grandes modos:
Oução todos o mal que toca a todos.»

16. Julgando já Neptuno que ſeria
Eſtranho caſo aquelle, logo manda
Tritão que chame os Deoſes da agoa fria
Que o mar habitão de hũa e de outra banda.
Tritão, que de ſer filho ſe gloria
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de ſeu pai e ſeu correio.

17. Os cabellos da barba e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos erão
Huns limos prenhes de agoa, e bem parecem
Que nunca brando pêntem conhecêrão;

‖ 6 .ale (v. I 78) ‖ 7 .erão ‖ 8 .ção

16 3 .tão ‖ 4 .itão dhũa (v. *R Ph* em «Elisão») *A* doutro *B* doutra ‖ 5 .tão ‖ 6 .ey ‖ 7 .eyo ‖ 8 .ay *A* Co. .eyo

17 2 ombr. (hombros: II 21) .rão ‖ 3 .ũs dag. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 4 pen. .cerão

15 7. modos] equivale a: fórmas (por que uma cousa se manifesta); cf. VI 12, 7.

16 4. de hũa e de outra banda] i. é, da parte do nascente e do poente; corresponde ao *litora.. sub utroque jacentia Phoebo* do verso 338 das *Met.* de Ovidio (1).

5-6. Na mythologia grega Tritão era filho de Poseidon (Neptuno) e de Amphitrite; v. Hesiodo *Theog.* 930-931; entre os Romanos, identificada a deosa Salacia com aquella deosa grega, era tido por filho de Salacia. Esta deosa é mencionada, entre outros, por Servio no com. a Vergilio *Georg.* I 31 e *En.* I 44. Na pintura de Tritão, Cam. estava-se lembrando das *Met.* de Ovidio, I 331-341 (FS).

17 3-4. Ha aqui contaminação da construcção impessoal «parece que conhecêrão» com a construcção pessoal «parecem ter conhecido». Sobre «pêntem» v. *R Ph.* brando] em sentido causativo.

Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros miſſilhões que ali ſe gerão;
Na cabeça por gorra tinha poſta
Hũa mui grande caſca de lagoſta.

18. O corpo nú e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar todos cubertos, cento e cento:
Camarões e cangrejos e outros mais
Que recebem de Phebe crecimento,
Oſtras e briguigões do muſgo çujos,
A's coſtas co a caſca os caramujos.

19. Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;

‖ 5 fale. (falle.: II 102; IV 1; VI 59; VII 83) ‖ 6 *A* Misi. *B* misi. .erão ‖ 8 .uy Lag.

18 2 não ‖ 5 Cangr. ‖ 6 *B* Phebo ‖ 7 e Camarões (v. o com.) musco (a corr. é já antiga) *B* suj. ‖ 8 As (a corr. é já antiga) Car.

19 1 mão Con.

6. missilhões] V. *R Ph.*

18 1. e]=incluindo, inclusivamente; cf. I 12, 6.

2. ao nadar] liga-se a «impedimento».

3. mas porem]=*sed tamen.*

5. cangrejos] V. *R Ph.*

6. Cam. allude a uma crença geral da antiguidade: *. . ostreisque et conchyliis omnibus contingere, ut cum luna pariter crescant pariterque decrescant* (Cic. *Divin.* II 14). «Phebe» representa *Phoebe* que nos poetas designa a lua.

7. A repetição de «camarões», que está no 5.º verso, é indubitavelmente devida a engano do compositor; umas edições tem substituido neste verso a palavra por «missilhões» outras, sendo a primeira a de 1613 — por «birbigões» (berbigões, bribigões, briguigões). O berbigão é o *Cardium* L. (*Quadro Elem. de Hist. Nat.* de Cuvier, II pag. 72 e 73).

8. O caramujo é a *Nassa incrassata* Mül. (Balth. Osorio, *A Fauna dos Lus.*).

19 1-2. Na mão] Na prosa havia de estar junto de «trazia»; v. *R Ph* em «Transposição».

A voz grande, canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos Deoſes pera os paços caminhava
Do Deos que fez os muros de Dardania,
Deſtruidos deſpois da Grega inſania.

20. Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas que gèrara;
Vem Nereo, que com Doris foi caſado,
Que todo o mar de Nymphas povoara;
O propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pela agoa amara,
Ali veio tambem; mas já ſabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

21. Vinha por outra parte a linda eſpoſa
De Neptuno, de Celo e Veſta filha,

‖ 3 .oy ‖ 8 Destroi. (destrui.: I 73, 79, 81; II 10, 81; III 64, 138, 140; VI 71)
20 2 ger. (v. I 64) ‖ 3 .oy ‖ 4 Nim. ‖ 5 Proph. ‖ 6 pella (v. IV 49) ‖ 7 .eyo *B* tomb.

7. Neptuno, por convenção com Laomedonte, construiu-lhe os muros de Troia (*Illada* VII 452-453; Hyg. *Fab.* 89): *moenia Trojae | Neptuni fabricata manu* (Verg. *En.* IX 144-145; F S). Sobre «Dardania» v. o com. a III 57.

8. da Grega insania] pertence para «destruidos» e refere-se á furia dos Gregos que destruiram Troia.

20 1-2. Hygino falla, no prefacio das *Fabulae*, da progenie de Oceano: as Oceanitides, o Acheloo, o Strymon, etc.

5-8. O dcos marinho Proteo tinha o dom de adivinhar; *novit namque omnia vates, | quae sint, quae fuerint, quae mox ventura trahantur* (Verg. *Georg.* IV 392-393; F S). Sobre «o gado maritimo» v. o com. a I 19, 8.

21 1-2. Tethys, filha do Ceo ou Celo (*caelum*) e da Terra que foi identificada com Hestia ou Vesta (v. Macr. *Sat.* I 23, 8), era esposa do Oceano, que neste lugar o Poeta identifica com Neptuno; cf. *Tethyn magnam dicit Paulus . . traditum filiam fuisse Caeli atque Vestae et Oceani conjugem* (Boccaccio *Geneal.* III 3).

Grave e leda no geſto, e tão fermoſa,
Que ſe amanſava o mar de maravilha.
Veſtida hũa camiſa precioſa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cryſtallino deixa ver-ſe,
Que tanto bem não he pera eſconder-ſe.

22. Amphitrite, fermoſa como as flores,
Neſte caſo não quis que falleceſſe;
O Delphim traz comſigo, que aos amores
Do Rei lhe aconſelhou que obedeceſſe.
Cos olhos que de tudo ſão ſenhores,
Qualquer parecerá que o Sol venceſſe;
Ambas vem pela mão — igual partido —,
Pois ambas ſão eſpoſas de hum marido.

23. Aquella que das furias de Athamante

21 7 eristali. (v. I 20) *A* dcxa (deix.: I 14, 21; IV 90; V 3, 12, 23, 99; etc.) || 8 não

22 1 Anfi. || 2 fale. (v. VI 17) || 3 Delf. eons. (v. I 57) || 4 . .ey || 5 sam || 6 *A* .cera || 7 pella (v. IV 49) mão ygoal (v. I 5) (sem parenth.) || 8 sam dhum (v. *R Ph* em «Elisão»)

23 1 Ata.

3. Grave e leda] Cf. «E vem a gravidade | Com a viva alegria. . (Cam., od. «Pode hum desejo. .»; F S).

22 2. não quis que falleeesse] =não quis falleeer (i. é, faltar); é construcção insolita.

3-4. Amphitrite fugiu de Neptuno para não casar com elle, mas o delphim de Neptuno logrou dar com ella e persuadi-la a que se rendesse á vontade do Deos do mar (v. Hyg. *Astr.* II).

5-6. Tendo na mente o lugar de Ovidio em que o Sol se dá a conhecer a Leucotoe por estas palavras: *Ille ego sum. .*, | *omnia qui video, per quem videt omnia tellus*, | *mundi oculus* (*Met.* IV 226-228), Cam., com uma especie de trocadilho, diz que qualquer das duas deosas Tethys e Amphitrite, com o brilho dos olhos que se assenhoreiam de todos os corações, podia bem parecer que sobrepujaria o Sol, que com a sua luz senhoreia o mundo.

23 Athamante, rei de Orehómeno, teve amores com Ino, de quem houve dois filhos, Learcho e

Fugindo veio a ter divino eſtado,
Comſigo traz o filho, bello infante,
No numero dos Deoſes relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas que o ſalgado
Mar ſempre cria, e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

24. E o Deos que foi num tempo corpo humano
E por virtude da erva poderoſa
Foi convertido em peixe, e d'eſte damno
Lhe reſultou deidade glorioſa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circes tinha uſado co a fermoſa

‖ 2 .eyo ‖ 3 Cons. (v. I 57) Inf. ‖ 5 Pella (v. IV 49) .aya ‖ 7 aas pella ‖ 8 colo (v. II 36)
24 1 .oy ‖ 3 .oy pexe (v. IV 90) dano (v. II 69) ‖ 6 *B* Circos

Melicerta. Juno, que tinha motivos para odiar Athamante, fez com que elle perdesse a razão. Em um accesso de furia Athamante matou Learcho, e Ino fugindo aterrada lançou-se com Melicerta no mar; mas Neptuno a rogo de Venus converteu Ino e Melicerta em divindades marinhas (Ov. *Met.* IV 416-541). infante] no sentido de: «criancinha». No numero dos deoses relatado] é puro latinismo: *in deorum numerum relatus est* (Suet. *Ces.* 88).

8. Panopea] era uma das Nereidas (Verg. *En.* V 825).

24 Falla-se de Glauco. Era um pescador de Anthédon, na Beocia, que tendo um dia comido de uma herva miraculosa sentiu desde logo o impeto irresistivel de saltar para o mar, onde foi convertido em deos marinho. Segundo Ovidio, vendo-se desprezado de Scylla (*virgo formosissima dicitur fuisse*, Hyg. *Fab.* 199), recorreu a Circe para que esta por meio da magia fizesse que Scylla lhe correspondesse no amor. Mas Circe tambem por sua parte se enamorou de Glauco, porêm de balde, e então cheia de ciumes, para se vingar, transformou traiçoeiramente a amada de Glauco em um monstro medonho (*Met.* XIII 904—XIV 69).

3-4. e lhe resultou] Esta oração está coordenada á oração relativa precedente, sem que todavia o pronome relativo pertença tambem para ella; cf. III 60. (Regularmente dir-se-hia: resultando-lhe).

6. Circes] é forma incorrecta, que tambem occorre em Sá de Miranda: Essa Circes feiticeira (carta 3.ª). (Na *Marg. Philos.* a pag. 619,

Scylla, que elle ama, d'eſta ſendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

25. Já finalmente todos aſſentados
Na grande ſala, nobre e divinal,
As Deoſas em riquiſſimos eſtrados,
Os Deoſes em cadeiras de cryſtal,
Forão todos do Padre agaſalhados,
Que co Thebano tinha aſſento igual;
De fumos enche a caſa a rica maſſa
Que no mar nace e Arabia em cheiro paſſa.

26. Eſtando ſoſſegado já o tumulto
Dos Deoſes e de ſeus recebimentos,
Começa a deſcubrir do peito occulto
A cauſa o Thyoneu de ſeus tormentos;
Hum pouco carregando-ſe no vulto,
Dando moſtra de grandes ſentimentos,
Só por dar aos de Luſo triſte morte
Co ferro alheio, falla d'eſta ſorte:

27. «Principe, que de juro ſenhoreias

25 4 cris. || 5 .orão || 6 ygo. (v. 1 5) || 8 *B* ẽ ch.
26 4 Tyoneo (v. 11 12) || 7 So || 8 .eyo .ala (v. 1 78)
27 1 .cepe (Principe: III 121, 124; .IV 60) .oreas (v. *R Ph* em «-cia»)

está: ..*de socijs Vlyssis quos Circes maga famosissima in bestias mutasse Varro commemorat*).

25 6. Tambem na *Iliada*, quando Thetis vem ao Olympo, onde estavam congregados os deoses celestes, Minerva cedeu-lhe o seu lugar que era ao lado de Jupiter (XXIV 100). Thebano] v. 1 73.

7. a rica massa] o ambar cinzento.

8. Arabia] está por: o incenso da Arabia. passa]=excede (em francês: *surpasser*).

26 8. Co ferro alheio]=por meio de outrem; «alheio» como *alienus* em *alienus terror*=*aliorum terror* em Q. Curcio VII 2, 4.

De hum pólo ao outro pólo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não paſſem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo univerſal e o tens cercado,
E com juſto decreto aſſi permites
Que dentro vivão ſó de ſeus limites;

28. E vós, Deoſes do mar, que não ſoffreis
Injuria algũa em voſſo reino grande,
Que com caſtigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande,
Que deſcuido foi eſte em que viveis?
Quem pode ſer, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos?

29. Viſtes que com grandiſſima ouſadia
Forão já cometer o ceo ſupremo;
Viſtes aquella inſana phantaſia

‖ 2 Dhum (v. *R Ph* em «Elisão») Pol. Pol. ‖ 3 .cas ‖ 5 .eas ‖ 8 viuão so

28 1 vos ‖ 3 ygoal (v. 1 5) não ‖ 5 .oy ‖ 7 *A* con .azão

29 2 Ceo ‖ 3 ſant.

27 2. mar irado] é tambem o final de I 21, 4.

5-6. Estes versos encerram uma ideia frequentemente expressa na litteratura antiga: *omnis enim terra.. parva quaedam insula est circumfusa illo mari quod Atlanticum, quod magnum, quem Oceanum appellatis in terris* (Cic. *Somn. Scip* § 13); *Oceanusque, mari totum qui amplectitur orbem* (Catul. LXIV 31; FS); *Oceanus.. | qui terram liquidis, qua patet, ambit aquis* (Ov. *Fast.* v 81-82; FS). o mundo universal]=o globo terrestre.

28 3. igual] i. é, condigno; cf. I 5, 5.

8. e]=e todavia.

29 1-2. Allude-se á lenda de Dédalo; v. IV 104.

3-4. Allude-se á lenda dos Argonautas; v. IV 83, 7-8.

De tentarem o mar com vela e remo;
Viſtes e ainda vemos cada dia
Soberbas e inſolencias tais, que temo
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venhão Deoſes a ſer, e nós humanos.

30. Vêdes agora, a fraca gèração
Que de hum vaſſallo meu o nome toma,
Com ſoberbo e altivo coração
A vós e a mi e o mundo todo doma;
Vêdes, o voſſo mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vêdes, o voſſo reino devaſſando
Os voſſos eſtatutos vão quebrando.

31. Eu vi que contra os Minyas, que primeiro
No voſſo reino eſte caminho abrírão,
Boreas injuriado e o companheiro
Aquilo e os outros todos reſiſtírão.
Pois ſe do ajuntamento aventureiro

‖ 4 vella (v. 1 19) ‖ 7 Ceo anos (ann.: III 86; IV 50; VIII 59, 70; etc.) ‖ 8 .enhão nos

30 1 Ve. geração (v. 1 64) ‖ 2 dhum (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 3 .ação ‖ 4 vos ‖ 5 Ve. vão ‖ 7 Ve. ‖ 8 vão

31 1 .ynias ‖ 2 .irão ‖ 4 .irão

6. soberbas e insolencias] Cf. ..soberbo e insolente (II 52).

30 2. V. III 21, VIII 2.
3. Cf. I 44, 3.
8. Corresponde a V 41, 5.

31 1-4. os Minyas] V. o com. a IV 83, 1 18. Cam. refere-se á tempestade que Eolo, a pedido de Boreas, levantou contra a náo Argo (Val. Flaceo *Argon.* I 574-654). Sobre Boreas e Aquilo, v. o com. a VI 76.
. os outros] sc. ventos, nome appellativo suggerido pelos nomes proprios, Boreas e Aquilo; cf. III 57, 1-2.
5. ajuntamento aventureiro] Cf. IV 83, 5-8.

Os ventos eſta injuria aſſi ſentírão,
Vós, a quem mais compete eſta vingança,
Que eſperais? Porque a pondes em tardança?

32. E não conſinto, Deoſes, que cuideis
Que por amor de vós do ceo deci
Nem da magoa da injuria que ſoffreis,
Mas da que ſe me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que ſabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas d'eſta gente.

33. Que o grão Senhor e Fados, que deſtinão,
Como lhe bem parece, o baxo mundo,
Famas móres, que nunca, determinão
De dar a eſtes barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó Deoſes, como enſinão
O mal tambem a Deoſes, que a ſegundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

|| 6 .irão || 7 Vos || 8 *B* que (no principio do verso)
32 2 vos || 3 .ofreis (v. 1 65) || 6 *B* que .ey
33 1 *A* gran (erro typ.) *B* gram fa. .inão || 2 *B* baix. || 3 mor. (môr: v 38, 43) .inão || 5 o insinão (v. 11 70) || 7 ve || 8 *B* que (no principio do verso) .azão

8. Alguns editores não põem ponto de interrogação depois de «esperais»; neste caso ha-de interpretar-se o verso como equivalendo a: Que cousa esperais, pela qual pondes a vingança em tardança?

32 3. da magoa] i. é, por amor da magoa.
5-8. V. 1 32.

33 1. o grão Senhor] o Rei dos deoses. destinão]=ordenam os destinos de.
2. o baxo mundo]=a Terra. O epitheto está em sentido material; v. x 77-91.
3. móres, que nunca] brachylogia, por: maiores do que jámais houve.
5-6. Para sujeito de «ensinão [com o seu exemplo] o mal [=a

34. E por iſſo do Olympo já fugi
Buſcando algum remedio a meus peſares,
Por ver, o preço que no Ceo perdi
Se por dita acharei nos voſſos mares.»
Mais quis dizer, e não paſſou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe ſaltárão dos olhos, com que logo
Se accendem as Deidades da agoa em fogo.

35. A ira com que ſubito altèrado
O coração dos Deoſes foi num ponto,
Não ſoffreo mais conſelho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum deſconto.
Ao grande Eolo mandão já recado
Da parte de Neptuno, que ſem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

36. Bem quiſera primeiro ali Proteo
Dizer neſte negocio o que ſentia,
E ſegundo o que a todos pareceo,
Era algũa profunda prophecia;

34 1 Olim. || 4 .arey || 5 *B* que diz. (o erro é devido a influencia da fórma syntactica «mais que»; cf. em III 117, 8, em *B*, «despois de Jesu certificado» em vez de «por Jesu») || 7 .arão || 8 accn. (v. 1 5) dag. (v. *R Ph* em «Crase»)

35 1 Ir. || 2 .oy || 3 Não || 4 .ação || 5 .dão || 8 aja (v. 1 74)

36 1 .theo

injustiça]» subentende-se ..o grão Senhor e os Fados.

34 8. V. *R Ph* em «Trocadilhos».

35 2. num ponto]=num momento.

7. repugnantes]=que luctam uns contra os outros, i. é, que sopram em direcções contrarias; é latinismo.

Porem tanto o tumulto ſe moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indinada lhe bradou:
«Neptuno ſabe bem o que mandou.»

37. Já lá o ſoberbo Hippotades ſoltava
Do carcere fechado os furioſos
Ventos, que com palavras animava
Contra os barões audaces e animoſos.
Subito o ceo ſereno ſe obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca, impetuoſos,
Começão novas forças a hir tomando,
Torres, montes e caſas derribando.

38. Em quanto eſte conſelho ſe fazia
No fundo aquoſo, a leda, laſſa frota
Com vento ſoſſegado proſeguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia

|| 7 Thetis
37 1 la Hypo. || 4 varões (v. *R Ph* em «barão»)
|| 7 . eção yr (v. 1 9)
38 2 Fro. || 4 Pello (v. IV 49) *A* . quilo

---

37 1-2 Clauserat Hippotades aeterno carcere ventos (Ov. *Met.* IV 662); Aeolon Hippotaden cohibentem carcere ventos (id. ibd. XIV 224) (F S); .. Aeolus, et clauso ventorum carcere regnet (Verg. *En.* I 141) (F S).

36 7. «bradar» no tempo de Cam. pronunciava-se ainda com o primeiro *a* aberto.

37 1. Hippotades] Eolo, como neto de Hippotes.

38 1. conselho] = *consilium* (assembleia deliberativa); cf. I 20, 3. Alguns substituem, sem fundamento bastante, «conselho» por «concelho».
2. leda, lassa] i. é: *alegre aunque cansada* (F S). lassa frota] é tambem o final de I 29, 7.
4. longa rota] é tambem o final de I 29, 8.

Do Eoo Hemiſperio eſtá remota;
Os do quarto da prima ſe deitavão,
Pera o ſegundo os outros deſpertavão.

39. Vencidos vem do ſomno e mal deſpertos;
Bocijando a miudo ſe encoſtavão
Pelas antenas, todos mal cubertos
Contra os agudos ares que aſſopravão;
Os olhos contra ſeu querer abertos
Mas eſtregando, os membros eſtiravão;
Remedios contra o ſomno buſcar querem,
Hiſtorias contão, caſos mil referem.

40. «Com que milhor podemos» hum dizia
«Eſte tempo paſſar, que he tão peſado,
Se não com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o ſomno carregado?»
Reſponde Lionardo, que trazia

‖ 6 *B* Eolo Emis. (v. IV 75) *A* .tâ ‖ 7 .auão ‖ 8 :auão
39 1 sono (v. II 60) ‖ 2 *B* .ude ‖ 3 Pellas (v. IV 49) ‖ 7 sonno ‖ 8 .tão
40 3 não ‖ 4 sono (v. II 60).

6. Eoo] representa *Eōus*, que no sentido de «oriental» é vulgar nos poetas latinos (tambem existe em italiano, v. g. no *Orl. fur.* I 7).

7. o quarto da prima] Hoje diz-se «o primeiro quarto».

39 2. «bocijar» e «bocijo» é a pronuncia mais antiga. «a miude» é a fórma geralmente preferida pelos antigos.

3. antenas] são, segundo FS, as vergas de sobresalente arrimadas á amurada.

5-6. A redacção está enleada; é certo porêm que «estregando» tem por complemento «os olhos» (e não «os membros», como alguns tem pensado), aliás não se comprehende a adversativa «mas». Effectivamente o sentido é, que os olhos queriam cerrar-se, mas os marinheiros, esfregando-os, não os deixavam ser vencidos do somno. «Estregando» tem sido reputado por muitos erro typographico, em vez de «esfregando»; mas infundadamente, por isso que tambem em castelhano ha o verbo «estregar». (Sobre a sua etymologia v. D. Car. M. de Vasconcellos na *Rev. Lus.* XI n.º 1 e 2).

40 5. De Leonardo falla Cam. novamente em IX 75.

Penſamentos de firme namorado:
«Que contos poderemos ter milhores,
Pera paſſar o tempo, que de amores?»

41. «Não he» diſſe Velloſo «couſa juſta
Tratar branduras em tanta aſpereza,
Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,
Não ſoffre amores nem delicadeza;
Antes de guerra fervida e robuſta
A noſſa hiſtoria ſeja, pois dureza
Noſſa vida ha-de ſer, ſegundo entendo,
Que o trabalho por vir m'o eſtá dizendo.»

42. Conſentem niſto todos, e encommendão
A Velloſo que conte iſto que approva.
«Contarei» diſſe «ſem que me reprendão
De contar couſa fabuloſa ou nova;
E porque os que me ouvirem, d'aqui aprendão
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nacidos direi na noſſa terra,
E eſtes ſejão os doze de Inglaterra.

43. No tempo que do reino a redea leve

41 1 Não Veló. (Velloso: v 30, 31, 34, 35) || 4 *B* fosse (em vez de «soffre») || 8 *A* .ta *B* .tà
42 1 encomen. (v. *R Ph* em «immigo» || 2 Velo. (v. VI 41) apr. || 3 *B* .arey || 5 *B* aprẽdão || 7 .irey

43 1-2 .. moderantur habenas (Ov. *Met.* VI 223).

41 5. robusta] V. o eom. a III 12, 3.
42 1. Consentem] eomo em I 30.
3. «reprender» e «reprensão» são as fórmas geralmente usadas pelos antigos
6. fazer feitos] V. II 50, 4.
43 1-2. leve] por o povo obedeeer de boa vontade. mode-

João, filho de Pedro, moderava,
Deſpois que ſoſſegado e livre o teve
Do vizinho poder que o moleſtava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal ſempre abunda, ſemeava
A fera Erinys dura e má cizania,
Que luſtre foſſe a noſſa Luſitania.

44. Entre as damas gentis da côrte Ingleſa
E nobres corteſãos a caſo hum dia
Se levantou diſcordia em ira acceſa
—Ou foi opinião ou foi porfia—:
Os corteſãos, a quem tão pouco peſa
Soltar palavras graves de ouſadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em tais damas não ha pera ſer damas.

45. E que ſe houver alguem, com lança e eſpada
Que queira ſuſtentar a parte ſua,
Que elles em campo raſo ou eſtacada

43 2 .oão || 5 la || .inis *A* mâ *B* mà
44 1 cor. || 3 ace. (v. 1 5) || 4 .oy .oy (sem parenth.) || 5 Cor. tam || 8 não
45 1 ou. (v. 1 74)

rava] é latinismo; *moderari* neste caso é synonymo de *regere* (v. Cic. *De orat.* 1 § 226).

4. o vizinho poder] é Castella. «o» antes de «molestava» representa «o reino», assim como, no verso anterior, antes de «teve». Cam. refere-se ás guerras da independencia.

7. Erinys] (a boa graphia em latim é com um só *n*) é o nome grego da deosa da vingança. Houve confusão na memoria do Poeta com «Eris» que é o nome grego da deosa da discordia.

44 4. porfia] obstinação de uma pessoa em sustentar o que uma vez disse, embora reconheça que não tem razão.

45 1. com lança e espada] é fórmula; cf.: *Disia com lui provarsi a lancia e a spada* (*Orl. fur.* IX 62). Ha aqui a mesma transposição que em IV 13, 1.

3. Que] é repetição da conjuncção do 1.º verso, como em I 55.

estacada] = campo cerrado (em contraposição a «campo raso»); v. o *Dicc.* de Moraes.

Lhe darão feia infamia ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco uſada,
Ou nunca, a opprobrios tais, vendo-ſe nua
De forças naturais convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

46. Mas como foſſem grandes e poſſantes
No reino os inimigos, não ſe atrevem
Nem parentes nem fervidos amantes
A ſuſtentar as damas como devem.
Com lagrimas fermoſas e baſtantes
A fazer que em ſoccorro os Deoſes levem
De todo o Ceo, por roſtos de alabaſtro,
Se vão todas ao Duque de Alencaſtro.

47. Era eſte Inglês potente e militára
Cos Portugueſes já contra Caſtella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros e benigna eſtrella;

‖ 4 fea' (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 5 *A* feme. (femi.: IX 46)
‖ 6 opro. ‖ 8 Soeo.
46 6 soco. ‖ 8 vão *A* du.
47 1 .gres (Ingl.: VI 44)

46 1. grandes e possantes] é tambem a 2.ª parte de VI 15, 3.

8. Sobre o duque de Alencastro, ou, como agora geralmente se diz, Lencastre (em inglês: Lancaster), v. a est. seguinte.

47 1-4. O duque de Lencastre, João de Gaunt, filho de Eduardo III de Inglaterra († 1377) casou em segundas nupcias com D. Constança, filha de D. Pedro I de Castella. Tendo este monarcha sido morto, em 1369, por seu irmão natural, D. Henrique de Trastamara, que lhe succedeu na coroa, o duque de Lencastre, fundando-se nos direitos da sua esposa, intentou conquistar por armas o reino de Castella. Quando tratou, com o auxilio de Portugal, de pôr em effeito o intento, e entrou na Peninsula, em um convenio celebrado entre elle e D. João I ajustou-se o casamento do rei português com a filha do duque, Filippa, havida do seu primeiro matrimonio com Branca de Lencastre. Depois do casamento, os dois exercitos alliados, português e inglês, entraram

Não menos neſta terra exp'rimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por molher a toma.

48. Eſte, que ſoccorrer-lhe não queria
Por não cauſar diſcordias inteſtinas,
Lhe diz: "Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Luſitanos vi tanta ouſadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que elles ſós poderião, ſe não erro,
Suſtentar voſſa parte a fogo e ferro.

49. E ſe, aggravadas damas, ſois ſervidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas diſcretas e polidas

|| 5 Não esp. (v. IV 95) || 8 .ey
48 1 soco. || 3 quan. || 4 la || 7 sos .rião
49 1 agr. || 2 vos *B* .arey

por Castella em Março de 1387; não se tendo porêm obtido resultados favoraveis para o pretendente, ao cabo de dois meses estavam de volta em Portugal. O rei de Castella, D. João I — que succedeu a Henrique II († 1379) — mandou então propor paz ao duque de Lencastre, casando a filha do duque, Catharina, havida do segundo matrimonio, com o filho do rei de Castella, D. Henrique, herdeiro presumptivo da coroa. (V. *D. João I e a alliança ingleza* pelo conde de Villa Franca).

5-8. O sentido é: o duque reconheceu praticamente, que se os Portugueses se assignalavam pela valentia, tambem nelles existia em gráo subido a paixão amorosa, tendo um exemplo no monarcha português, que se enamorou de uma das duas filhas que o duque trouxera comsigo de Inglaterra, e com ella veiu a casar. «quando nella a filha vio que ..o peito doma [= que avassalla o coração] do forte Rei» equivale a «quando na terra de Portugal viu a filha domar o peito do forte Rei»; cf. II 48, 1-2. «affeito» (affecto) é fórma semelhante a «aspeito» (aspecto) e «respeito». O Poeta idealiza os sentimentos de D. João I, que no seu casamento só mostrou intuitos politicos.

48 1. soccorrer-lhe] = soccorrê-las; mas a construcção de Cam. era então corrente; v. o *Dicc.* de Moraes.

De voſſo aggravo os fação ſabedores.
Tambem por voſſa parte encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe ſejão voſſas lagrimas, que eu creio
Que ali tereis ſoccorro e forte eſteio."

50. D'eſta arte as aconſelha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que ſobre elles lancem ſortes,
Que ellas ſó doze ſão; e deſcuberto
Qual a qual tem caido das conſortes,
Cada hũa eſcreve ao ſeu por varios modos,
E todas a ſeu Rei, e o Duque a todos.

51. Já chega a Portugal o menſageiro:
Toda a côrte alvoroça a novidade;
Quiſera o Rei ſublime ſer primeiro,
Mas não lh'o ſoffre a Regia mageſtade.
Qualquer dos corteſãos aventureiro
Deſeja ſer com fervida vontade,

|| 4 agr. || 6 daf. (v. *R Ph* em «Elisão») dam. || 7 .eyo
|| 8 terees (a corr. é já antiga) soco. .eyo
50 1 Destar. v. IV 21) || 2 .mea (v. *R Ph* em «-cia») || 4 sobrel. (v. *R Ph* em «Elisão») || 5 so sam
|| 7 Cadh. (cada hum: I 41) || 8 .ey
51 2 cor. || 3 .cy || 4 não Mag. || 5 *B* qualquer

50 1. experto] = experimentado; cf. VI 53, 4.

6. Qual a qual . . das consortes] Estão dois pronomes interrogativos, não coordenados, á imitação do latim, onde tal pratica é usual, v. g. *Considera.., quis quem fraudasse dicatur* (Cic., v. Madvig, *Gr. lat.* § 492). «consorte» era antigamente empregado em sentido lato, v. g. «consortes na coroa do martyrio»; v. o *Dicc.* de Moraes.

51 2. a novidade] não está no sentido de «nova», accepção que só modernamente aquella palavra adquiriu, mas sim no de: a estranheza do caso (*novitas*).

5. qualquer] como em I 34.

E ſó fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

52. Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem — como he fama — o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-ſe os doze em tempo breve
De armas e roupas de uſo mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavallos, e concertos de mil côres.

53. Já do ſeu Rei tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado
Aquelles que eſcolhidos por ſentença
Forão do Duque Inglês exp'rimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro deſtro ou eſforçado;
Mas hum ſó, que Magriço ſe dizia,
Deſta arte falla á ſorte companhia:

54. "Fortiſſimos conſocios, eu deſejo
Ha muito já de andar terras eſtranhas,

‖ 7 so bem auen. ‖ 8 pello (v. IV 49)

52 1 La ‖ 6 Dar. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 7 *A* . meras ‖ 8 . alos (cavallo: III 66, 81, 107; IV 31; VI 13; etc.) Con. cor.

53 1 . ey ‖ 3 *A* . eles ‖ 4 *A* . gles *B* . gres esp. (v. IV 95) ‖ 5 Não ‖ 6 *A* . aleiro ‖ 7 so ‖ 8 Destar. (v. IV 21) *A* . ala (v. I 78) aa

54 2 A (v. I 74)

52 1-3. O nome antigo da cidade do Porto é *Portucale;* v. o *Archeologo Port.* XI 321-323.

7. letras] é o que aliás, com vocabulo italiano-francês, se dizia «moto».

53 7. Alvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço, foi camarista de João, o Sem Pavor, duque de Borgonha, que succedeu no ducado a seu pae em 1404 (v. *Archivo Hist. Port.* VI 339).

Por ver mais agoas que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis e varias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
— Pois que do mundo as couſas ſão tamanhas —
Quero, ſe me deixais, hir ſó, por terra,
Porque eu ſerei comvoſco em Inglaterra.

55. E quando caſo for que eu, impedido
Por quem das couſas he uma ultima linha,
Não for comvoſco ao prazo inſtituido,
Pouca falta vos faz a falta minha,
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas ſe a verdade o ſprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna ou ſua enveja
Não farão que eu comvoſco lá não ſeja."

56. Aſſi diz, e abraçados os amigos
E tomada licença em fim ſe parte:
Paſſa Lião, Caſtella, vendo antigos

‖ 3 *B* q̃ ‖ 6 *B* mũdo sam ‖ 7 ir (v. 1 9) *A* sò *B* so ‖ 8 .ey *A* conuos. *B* comuos. *B* Ingra.

55 3 não ‖ 5 *B* my div. (v. III 1) ‖ 6 *B* spirito ‖ 8 la

56 3 .ão

---

55 2 Mors ultima linea rerum est (Hor. *Epist.* I 16, 79) (FS).

54 4. varias manhas] é tambem o segundo hemistichio de IV 65, 3.

55 1-3. Em «quando caso for que eu..não for», por «..que eu não seja», ha assimilação de tempos; v. o com. a VII 33. das couſas.. ultima linha]=a morte; a metaphora é tomada do traço que assignalava na arena o limite da carreira. inſtituido] em vez de: çonſtituido.

4. Note-se o trocadilho com a palavra «falta».

6. ſprito] V. o com. a II 64.

7. fortuna] na accepção geral de: ſorte.

Lugares que ganhára o patrio Marte,
Navarra cos altiſſimos perigos
Do Perineo, que Heſpanha e Gallia parte;
Viſtas em fim de França as couſas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

57. Ali chegado, ou foſſe caſo ou manha,
Sem paſſar ſe deteve muitos dias;
Mas dos onze a illuſtriſſima companha
Cortão do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á coſta eſtranha
Pera Londres já fazem todos vias:
Do Duque ſão com feſta agaſalhados,
E das damas ſervidos e amimados.

58. Chega-ſe o prazo e dia aſſinalado
De entrar em campo já cos doze Ingleſes,
Que pelo Rei já tinhão ſegurado:

|| 6 Esp. (v. III 17) . alia || 8 emperio (a corr. é de FS) . oy

57 4 . ortão || 5 *B* Ingra. aa || 7 'sam || 8 *B* anim.

58 1 *A* . cgasse (v. *R Ph* em «s») *A* asin. || 2 *B* . greses || 3 pello (v. IV 49) . cy

56 4. Não pode determinar-se bem a que factos Cam. se refere. o patrio Marte] é tambem o segundo hemistichio de IV 15, 2.

5-6. altissimos perigos | Do Perineo] por: perigos do altissimo P.; cf. I 67, 6. Sobre «Perineo» v. o com. a IV 57.

8. o grande emporio . . de Frandes] a cidade commercial de Bruges. Filippe, duque de Borgonha, obteve, pelo seu casamento, em 1384, o condado de Flandres. D. Isabel, filha de D. João I, foi casada com o duque Filippe, o Bom, filho de João, o Sem Pavor.

«Frandes» em vez de «Frandres» (=Flandres), com suppressão do segundo *r* por já haver um na primeira syllaba.

57 2. Sem passar] sc. para Inglaterra.

58 3. pelo Rei]=por meio do rei. «segurar o campo» (em duellos, etc.), de modo que não haja traição, etc., é expressão technica; v. o *Dicc.* de Moraes.

Arman-ſe de elmos, grevas e de arneſes.
Já as damas tem por ſi fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portugueſes;
Veſtem-ſc ellas de côres e de ſedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

59. Mas aquella a quem fôra em ſorte dado
Magriço, que não vinha, com triſteza
Se veſte, por não ter quem nomeado
Seja ſeu cavalleiro neſta empreſa,
Bem que os onze apregoão, que acabado
Será o negocio aſſi na côrte Ingleſa,
Que as damas vencedoras ſe conheção,
Poſto que dous e tres dos ſeus falleção.

60. Já num ſublime c pubrico theatro
Se aſſenta o Rei inglês com toda a côrte;
Eſtavão tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em ſorte.

‖ 4 del. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 7 cor. ‖ 8 joy.
59 1 fo. ‖ 2. não ‖ 4 *A* . aleiro (v. v 46) ‖ 5 . goão ‖ 6 . era cor. *B* Ingre. ‖ 8 . eção
60 2 . ey *A* . gles *B* . gres cor. ‖ 3 . auão ‖ 4 *B* cabe

4. Arman-se] V. *R Ph* em «-an».

59 6-7. assi.. | Que]=de modo que. vencedoras] é nome predicativo.

8. dous e tres] Cf.: *ter et quater | anno revisens aequor Atlanticum* (Hor. *Od.* I 31, 13-14).

60 1. sublime] em sentido material, =muito levantado; cf. VI 11, 1. theatro]=estrado, taburno, tablado (para os espectadores).

2. o Rei Inglês] Cam. não designa com precisão o tempo do feito d'armas (VI 43, 1-4). Não pode portanto saber-se ao certo que rei elle tinha na mente; mas é provavel que fosse Ricardo II (1377-1399); v. o com. a VI 67.

3-4. Os versos referem-se ás pessoas da côrte. Storck cita do *Romancero general* de Duran: *En Troya entran los Griegos | Tres a tres y cuatro a cuatro* (n.º 474). Quanto á conjuneção «e», cf. X 3.

Não ſão viſtos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, eſforço e de animo mais forte
Outros doze ſair como os Ingleſes
No campo contra os onze Portugueſes.

61. Maſtigão os cavallos eſcumando
Os aureos freios com feroz ſembrante;
Eſtava o Sol nas armas rutilando
Como em cryſtal ou rigido diamante;
Mas enxerga-ſe num e noutro bando
Partido deſigual e diſſonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-ſe geralmente.

62. Virão todos o roſto aonde havia
A cauſa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro que trazia
Armas, cavallo ao bellico ſerviço;

‖ 5 sam *A* Batro *B* Brato ‖ 6 dan. (v. *R Ph* em «Eliſão») ‖ 7 .yr. *B* Ingre.

61 1 .gão .alos (v. VI 52) ‖ 2 .eos (v. *R Ph* em «-cia») ‖ 4 cris. ‖ 6 .goal (v. I 5)

62 1 Vi. aui. (v. I 74) ‖ 3 *A* .aleiro ‖ 4 *A* .alo

---

60 5 ..da qui sino a Battro | Potresti mal trovar tali altri quattro (*Orl. fur.* XXXVIII 57)

61 1-2. Fulvum mandunt sub dentibus aurum (Verg. *En.* VII 279); frena ferox spumantia mandit (id. *En.* IV 135) (FS)

3-4 ..nube.. | Lucida, spessa, solida e pulita, | Quasi adamante che lo Sol ferisse (Dante *Par.* II 31-33) (FS)

5. Bactro] (pron. «Bátro», por causa da rima; cf. «Bactra» em II 53) é o nome do affluente do *Oxus* (o Amu-Daria), que passa por Bactra (hoje Balk), a antiga capital da Bactriana. Quanto á maneira de dizer «Do Tejo ao Batro» cf.: *Omnibus in terris quae sunt a Gadibus usque | Auroram et Gangen* (Juv. X 1-2).

8. no campo] liga-se a «sair».

Ao Rei e ás damas falla, e logo ſe hia
Pera os onze, que eſte era o grão Magriço;
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

63. A dama, como ouvio que eſte era aquelle
Que vinha a defender ſeu nome e fama,
Se alegra e veſte ali do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão final, e o ſom da tuba impelle
Os bellicoſos animos que inflamma:
Picão de eſporas, largão redeas logo,
Abaixão lanças, fere a terra ſogo.

64. Dos cavallos o eſtrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que eſtremece
De quem os olha, ſe alvoroça e teme.
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual, co cavallo em terra dando, geme;

‖ 5 .ey aas .ala (v. I 78) ‖ 6 gram

63 3 Helc ‖ 4 *A* vert. ‖ 5 dão ‖ 6 beli. (v. I 5) .ama (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 7 Picão desp. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 8 *B* Abaixão

64 1 .alos (v. VI 52) ‖ 2 chão ‖ 5 *B* qual .aio ‖ 6 *B* qual .alo

63 1. como] = quando.

3. o animal de Helle] brachylogia, por: vello do animal de Helle (v. o com. a III 12, 2), ouro (i. é, seda bordada a ouro). Inversamente disse Ovidio: *guttura velleris atri* por *guttura ovis vellere atro* (*Met.* VII 244).

4. Provavelmente Cam. estava-se lembrando do passo de Horacio: «. . *Virtus post nummos!* » *haec Janus summus ab imo* | *prodocet* (*Epist.* I 1, 54-55).

64 2 Antigamente era vulgar dizer «fazer que uma cousa acontece» (com indicativo em vez de conjunctivo) fallando-se de uma realidade. Outro tanto se usa ainda hoje em francês.

3. no peito] pertence para a oração seguinte: v. *R Ph* em «Transposição».

5. que não dece] «que» é particula causal; serve, em casos como este, de justificar o emprego anterior de uma expressão (aqui: voa).

Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

65. Algum d'ali tomou perpetuo ſomno
E fez da vida ao fim breve intervallo;
Correndo algum cavallo vai ſem dono
E noutra parte o dono ſem cavallo.
Cae a ſoberba Ingleſa de ſeu throno,
Que dous ou tres já fóra vão do vallo;
Os que de eſpada vem fazer batalha,
Mais achão já que arnês, eſcudo e malha.

66. Gaſtar palavras em contar eſtremos
De golpes feros, cruas eſtocadas,
He d'eſſes gaſtadores, que ſabemos,
Maos do tempo com fabulas ſonhadas.
Baſta por fim do caſo, que entendemos
Que com finezas altas e afamadas
Cos noſſos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria.

67. Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos ſeus paços com feſtas e alegria;
Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a fermoſa companhia,

‖ 7 *B* qual ‖ 8 *B* qual
65 1 .ono (v. II 60) ‖ 2 .alo ‖ 3 .ay ‖ 4 .alo
‖ 5 *B* Ingre. tro. ‖ 6 fo. vão .alo ‖ 8 .chão .nes
66 6 affa. (v. I 26)

65 8. Mais achão..] porque encontram os peitos invenciveis dos Portugueses, como FS interpreta.

66 6. finezas] = feitos primorosos.

67 O feito dos Doze de Inglaterra é lendario. Os chronistas ingleses ignoram-no, segundo Mickle — citado por Burton nas notas á sua traducção dos *Lusiadas*, a pag. 242 do III volume —, e a memoria mais antiga que se en-

Que querem dar aos ſeus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto ſe detem em Inglaterra
Até tornar á doce e cara terra.

68. Mas dizem que com tudo o grão Magriço,
Deſejoſo de ver as couſas grandes,
Lá ſe deixou ficar, onde hum ſerviço
Notavel á Condeſſa fez de Frandes,
E como quem não era já noviço
Em todo trance onde tu, Marte, mandes,
Hum Francês mata em campo, que o deſtino
Lá teve de Torcato e de Corvino.

67 7 *B* Ingra. || 8 Ate aa *B* doçe chara (v. IV 67)
68 1 gram || 3 La || 4 aa con. || 7 .ces || 8. La *B* Troc.

contra em obras portuguesas, é no *Memorial* de Jorge Ferr. de Vasconcellos, onde se lê: «E de sua [de D. João I] corte mandou treze caualleyros Portugueses à Londres, que se desafiaram em campo çarrado com outros tantos Ingreses nobres e esforçados, por respeyto das damas do Duque Dalencastro» (cap. 46). O autor dos *Portuenses illustres*, havendo estudado detidamente este ponto, conclue nos termos seguintes: «a batalha campal dos "Doze de Inglaterra" é uma simples adaptação portuguesa imaginaria da realidade historica das justas de Ricardo II de Inglaterra [celebradas em Londres em 1390], de parceria effectuadas com seu tio, o duque de Lancastre» (I pag. 53).

68 2. as cousas grandes] é tambem o segundo hemistichio de VI 56, 7, onde tambem rima com «Frandes».

3-8. Lá] i. é, em paises estrangeiros (e não sómente em Inglaterra). Nas *Memorias* de João Lefèvre († 1468)—publicadas no tomo VII da *Collection de Chroniques* de Buchon—falla-se de varias justas e desafios que houve em França em 1414 e 1415 entre cavalleiros portugueses e francezes —um dos Portugueses é Alvaro Coutinho—; não se encontra porêm alli o caso que o Poeta memora. Não se sabe com certeza, qual é a condessa de Flandres a que o Poeta se refere, nem qual foi o pleito que deu origem ao duello entre o Magriço, como campeão da condessa, e o francês. o destino ..de Torcato e de Corvino] quer dizer o fim que Torcato e Corvino deram cada um d'elles ao seu adversario. Tito Manlio, servindo na campanha contra os Gauleses em 361 a. Chr., matou em duello um gaulês de estatura agigantada, tirou-lhe o collar (*torques*) e adornou-se com elle, havendo d'ahi o

69. Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero deſafio
Cum Germano enganoſo, que com manha
Não devida o quis pôr no extremo fio».
Contando aſſim Velloſo, já a companha
Lhe pede que não faça tal deſvio
Do caſo de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em eſquecimento.

70. Mas neſte paſſo, aſſi promptos eſtando,
Eis o meſtre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordão deſpertando
Os marinheiros de hũa e de outra banda;
E porque o vento vinha refreſcando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
«Alerta» diſſe «eſtai, que o vento crece
D'aquella nuvem negra que aparece».

69 4 diui. (v. III 1) pôr ‖ 5 Velo. (v. VI 41) ‖ 8 *B* .mẽto
70 4 dhũa (v. *K' Ph* em «Elisão») doutra ‖ 7 .tay

cognome de Torquato (T. Livio VII 9-10). Marco Valerio, official do exercito que no anno de 349 a. Chr. o consul Lucio Furio Camillo capitaneava contra os Gauleses, tambem tirou a vida em combate singular a um gaulês, sendo miraculosamente ajudado por um corvo, o que lhe deu o cognome de «Corvo» ou «Corvino» (T. Livio, VII 26; Floro, I 8).

69 1. Outro] Alvaro Vaz de Almada, segundo Man. Corrêa.
A manha illicita («não devida») não pode especificar-se com certeza qual foi.
6-8. Os que iam com Velloso, pedem-lhe que volte ao caso do duello de Magriço com o francês, contando-o por menor, e depois narre tambem por miudo o caso do desafio de Alvaro Vaz com o allemão.

70 1. promptos] como em III 3, 1.
2. o meſtre] era aquelle que mandava a manobra.
3. despertando] equivale a: despertados pelo assobio.
4. =II 65, 6, só com a differença da primeira palavra.
6. «os traquetes das gaveas eram velas superiores, correspondendo pela sua posição e pelo seu uso aos modernos joanetes, embora estivessem immediatamente por cima dos papafigos» (Almeida d'Eça, *L. de Camões marinheiro*, pag. 67).

71. Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e ſubita procella.
«Amaina» diſſe o meſtre a grandes brados,
«Amaina» diſſe «amaina a grande vela».
Não esperão os ventos indinados
Que amainaſſem, mas juntos dando nella
Em pedaços a fazem com ruido
Que o mundo pareceo ſer deſtruido.

72. O ceo fere com gritos niſto a gente
Com ſubito temor e deſacordo,
Que no romper da vela a nao pendente
Toma grão somma de agoa pelo bordo.
«Alija» diſſe o meſtre rijamente,
«Alija tudo ao mar; não falte acordo;
Vão outros dar á bomba não ceſſando,
A' bomba, que nos imos alagando».

73. Correm logo os ſoldados animoſos
A dar á bomba; e tanto que chegárão,
Os balanços que os mares temeroſos

71 1 Não || 2 dà || 4 vella (v. I 19) || 5 Não || 8 .uydo

72 2 Cum (a corr. é já antiga) || 3 Nao || 4 gram suma (a corr. do *u* é já antiga; v. *R Ph* em «immigo») dag. (v. *R Ph* em «Elisão») pello (v. IV 49) || 7 Vão a (a corr. é já antiga) || 8 Aa

73 2 aa chega.

---

72 1 ferit aethera clamor (Verg. *En.* v 140) (FS).

72 3. nao] S. Gabriel; v. o com. a IV 84, e cf. VI 75.

4. somma] por «quantidade» é ainda termo popular.

5-6. FS entende, menos bem, no meu parecer, que «rijamente» tambem pode referir-se a «alija».

8. Neste verso, segundo o General Brito Rebello (nas *Ementas historicas*, II pag. 60), ha reminiscencia do lugar de Gil Vicente: Amainae! áque del rei | Que nos imos alagando (*O Triumpho do Inverno*).

Derão á nao, num bordo os derribárão.
Tres marinheiros, duros e forçoſos,
A menear o leme não baſtárão;
Talhas lhe punhão de hũa e de outra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

74. Os ventos erão tais, que não podérão
Moſtrar mais força de impeto eruel,
Se pera derribar então viérão
A fortiſſima torre de Babel.
Nos altiſſimos mares que ereeêrão,
A pequena grandura de hum batel
Moſtra a poſſante nao, que move eſpanto,
Vendo que ſe ſoſtem nas ondas tanto.

75. A nao grande em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o maſto pelo meio,
Quaſi toda alagada; a gente chama
Aquelle que a ſalvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama

‖ 4 .erão aa Nao derriba. ‖ 6 basta. ‖ 7 ·unhão dhũa (v. *R Ph* em «Elisão») dou. ‖ 8 Se (a corr. é de Man. Correia) *B* .mẽs

74 1 pode. ‖ 2 dimp. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 5 erece. ‖ 6 dhum

75 1 .ay ‖ 2 pello (v. IV 49) .eyo ‖ 4 .eyo ‖ 5 Não

73 4. num bordo] V. o com. a II 32, 5-6.

7. Talhas] são um apparelho composto de duas roldanas ou moitões (*taglia* em italiano é «roldana»), em que corre uma corda ou «tirador»; no caso de que o Poeta falla, applica-se á canna do leme para lhe facilitar o manejo. Devo a explicação á obsequiosidade do Capitão de mar e guerra Almeida d'Eça, já citado no com. a VI 70.

74 8. Vendo] equivale a: vendo a gente, vendo-se. No português antigo é modo corrente de empregar os participios absolutos.

75 1. A nao] S. Rafael; v. o com. a IV 84.

Toda a nao de Coelho com receio,
Com quanto teve o meſtre tanto tento,
Que primeiro amainou, que déſſe o vento.

76. Agora ſobre as nuvens os ſubião
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que decião
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Auſtro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo;
A noite negra e feia ſe alumia
Cos raios em que o pólo todo ardia.

77. As Alcyoneas aves triſte canto
Junto da coſta brava levantárão,
Lembrando-ſe de ſeu paſſado pranto

‖ 6 Nao .eyo ‖ 8 desse
76 1 .ião ‖ 3 .ião ‖ 5 .ião ‖ 7 .eya ‖ 8 ray. Po.
77 1 Alci. ‖ 2 .tarão

---

76 6 ruet moles et machina mundi (Lucr. v 96); machina . . mundi (Luc. 1 80) (FS); la macchina del mondo (*Orl. fur.* III 57).

77 1-4 E s'udîr le Alcione alla marina | Dell'antico infortunio lamentar-se (*Orl. fur.* x 20) (FS).

6. a nao de Coelho] a Berrio.

76 «Noto» é o nome grego e «Austro» o nome latino de um mesmo vento, o sul; tambem «Boreas» é o nome grego e «A'quilo» o nome latino de um mesmo vento, propriamente o nordeste. O nome latino *Aquilo* é representado pelo português archaico «aguião», que se empregava para designar o ponto cardeal do norte.

6. Cf.: A machina do mundo parecia | Que em tormentas se vinha desfazendo (Cam., eleg. «O poeta Simonides..»; FS).

77 1-4. Alcyone, filha de Eolo, tendo-lhe seu marido Ceyx perecido em um naufragio, de desespero atirou-se ao mar; mas os deoses movidos de compaixão converteram Alcyone e Ceyx nas aves que com nome grego

Que as furioſas agoas lhe cauſárão.
Os delfins namorados entre tanto
Lá nas covas maritimas entrárão
Fugindo á tempeſtade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa eſtar ſeguros.

78. Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera ſoberba dos Gigantes
O grão ferreiro ſordido que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremeſſou
Relampados ao mundo fulminantes
No grão diluvio d'onde ſós vivêrão
Os dous que em gente as pedras convertêrão.

79. Quantos montes então que derribárão
As ondas que batião denodadas!
Quantas arvores velhas arrancárão

‖ 4 .arão ‖ 5 Del. ‖ 6 Lá .arão ‖ 7 aa ‖ 8 *B* fundo

78 1 tam ray. ‖ 3 gram ‖ 5 gram ‖ 7 gram sos viue. ‖ 8 conuerte.

79 1 derriba. ‖ 3 arranca.

se chamavam «alcyones» (a *Alcedo hispida* L., o pica-peixe, e não o maçarico, segundo E. Sequeira no *Boletim da Soc. de Geogr.*, VII pag. 42-43); v. Ov. *Met.* XI 410-748.

5. os delfins namorados] V. o com. a VI 22. O nome vulgar do delfim é «golfinho».

78 1-2. V. o com. a V 51 e a I 22. Sobre «soberba», v. o com. a VII 4.

3-4. sordido] em respeito do seu mister. Eneas, filho de Anchises e de Venus, era enteado de Vulcano, por este ser o marido de Venus. Da armadura fabricada por Vulcano para Eneas a rogo de Venus, falla Vergilio na *En.* VIII 407-453, 608-731.

5-8. Allude-se ao diluvio de Deucalião, de que só se salvaram Deucalião e Pyrrha, sua mulher, os quaes repovoaram miraculosamente o mundo lançando para trás das costas pedras, que se converteram em homens e mulheres (Ov. *Met.* I 260-415). relampados] = relampagos; v. *K' Ph.*

79 3. velhas] em bom sentido, para dar a entender que estavam bem enraizadas.

Do vento bravo as furias indinadas!
As forçoſas raizes não cuidárão
Que nunca pera o ceo foſſem viradas,
Nem as fundas areias, que podeſſem
Tanto os mares, que encima as revolveſſem.

80. Vendo Vaſco da Gama, que tão perto
Do fim de ſeu deſejo ſe perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo ſubia,
Confuſo de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio ſancto e forte,
Que o impoſſibil pode, d'eſta ſorte:

81. «Divina Guarda, angelica, celeſte,
Que os ceos, o mar e terra ſenhoreas;
Tu, que a todo Iſrael refugio déſte
Por metade das agoas Erythreas;
Tu, que livraſte Paulo e defendeſte
Das Syrtes arenoſas e ondas feas,

‖ 5 cuida. ‖ 7 *A* arêas *B* arêas (v. *R Ph* em «-eia»)
80 1 tam ‖ 3 ate
81 1 guar. ‖ 3 des. ‖ 4 Eritr.

80 4. Por necessidade metrica o Poeta supprimiu, menos regularmente, a conjuneção «que» antes de «com».

6. Onde] = em umas circumstancias em que.

81 3-4. Allude o Poeta á passagem do mar Vermelho, á qual já se referiu em IV 63, 1-2. «metade de» por «o meio de» era corrente no português antigo: «liurou a minha humildade da meetade dos liões» (*Vida de Josaphat*, fol. 26 v.).

5-6. Allude-se ao naufragio que teve S. Paulo na viagem de Cesarêa da Palestina para Roma, depois de largar da ilha de Creta (*Actos* XXVII). As Syrtes são dois golfos do Mediterraneo na costa de Tripoli e Tunes. Quando foi a tempestade que apanhou o navio em que ia S. Paulo, a tripulação teve medo de que a embarcação fosse dar nos parecis do mar das Syr-

E guardaſte cos filhos o ſegundo
Povoador do alagado e vacuo mundo;

82. Se tenho novos medos perigoſos
De outra Scylla e Charybdis já paſſados,
Outras Syrtes e baxos arenoſos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos caſos trabalhoſos
Porque ſomos de ti deſemparados,
Se eſte noſſo trabalho não te offende,
Mas antes teu ſerviço ſó pretende?

83. O' ditoſos aquelles que podérão

82 2 *A* Doutra *B* Doutro (v. *R Ph* em «Elisão») Cari. ‖ 3 *B* bai. ‖ 8 so

83 1 O pude. (podestes: III 133; podera: III 35; poderas: III 133; podesse: I 70, VIII 95, IX 20; podessem: II 7)

---

83 1 O terque quaterque beati, | quis ante ora patrum Trojae sub moenibus altis | contigit oppetere! (Verg. *En.* I 94-96) (FS)

tes (*Actos* XXVII 17). Sobre a intercalação de «Paulo» entre «levaste» e «defendeste», v. *R Ph* em «Interposição». (G. de Amorim pôs indevidamente «e o defendeste»).

7-8. O «segundo povoador do mundo» é Noé com respeito a Adão.

82 1. medos] como em II 47, 2.

2. Scylla e Charybdis] V. o com. a II 45.

4. Os *Acroceraunii montes* são uma cordilheira ao longo da costa do Epiro, a qual termina da parte do norte em um promontorio a que Plinio (*N. H.* III § 97) dá o nome de *Acroceraunium promunturium*, e que por ser perigoso para a navegação, recebe de Horacio o epitheto de *infamis* (= de triste celebridade) — *L'Acroceraun d'infamato nome* do *Orl. fur.* XXI 16, cit. por FS —. Cam. emprega o termo no sentido geral de «cabos perigosos», da mesma maneira que põe com o valor de nomes appellativos «Scylla e Charybdis» no 2.º verso e «Syrtes» no 3.º

83 No meio de um temporal bravissimo é tambem que Eneas solta a exclamação acima transcripta.

1-4.] em Ceuta, Arzilla, Sa-

Entre as agudas lanças Africanas
Morrer em quanto fortes foſtiverão
A ſancta Fé nas terras Mauritanas,
De quem feitos illuſtres ſe ſouberão,
De quem ficão memorias ſoberanas,
De quem ſe ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras d'ella!»

84. Aſſi dizendo, os ventos que lutavão
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentavão
Pela miuda enxarcia aſſoviando.
Relampados medonhos não ceſſavão,
Feros trovões, que vem repreſentando
Cair o ceo dos eixos ſobre a terra,
Comſigo os elementos terem guerra.

‖ 2 Affr. (v. *K Ph* em «Africa») ‖ 4 Fe ‖ 7 .della (v. I 80) ‖ 8 *B* .oçe

84 I .auão ‖ 3 .auão ‖ 4 Pella (v. IV 49) .uuiando (assouia: I 89, VI 98) ‖ 5 .auão ‖ 7 exos (cf. pexes: I 42 *A*; dexa: VI 21 *A*) ‖ 8 Consi. (v. I 57)

---

84 I luctantes ventos (Verg. *En.* I 53) (FS).

fim, etc. em quanto sostiverão] está com o valor do participio «sostendo»; é latinismo; cf. em Cicero a tradução do epitaphio composto por Simónides para os Espartanos mortos nas Thermópylas: *Dic, hospes, Spartae nos te hic vidisse jacentes, | dum sanctis patriae legibus obsequimur (Tusc.* I 42), e trasladado a português por Cam. na eleg. «Que tristes novas..», do modo seguinte: Dirás, hospede, tu, que aqui jazemos | Passados do inimigo ferro, em quanto | A's sanctas leis da patria obedecemos».

7. De quem se ganha a vida] alcançando a immortalidade da fama: *vita..mortuorum in memoria vivorum est posita* (Cic. *Phil.* IX 5). Cam. tinha naturalmente na lembrança as palavras de Euryalo na *Eneida: Est hic, est animus lucis contemptor et istum | qui vita bene credat emi, quo tendis, honorem* (IX 205-206). «De quem» é o agente da passiva «se ganha».

8. As honras d'ella] = as honras que se grangeiam com ella.

84 5-6. Não ceſſavão] está interealado entre os dois sujeitos «relampados e trovões». repreſentando] = fazendo que pareça.

85. Mas já a amoroſa ſtrella ſcintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Menſageira do dia, e viſitava
A terra e o largo mar com leda fronte.
A Deoſa que nos ceos a governava,
De quem foge o enſifero Orionte,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

86. «Eſtas obras de Baccho ſão, por certo»
Diſſe «mas não ſerá que avante leve
Tão danada tenção, que deſcuberto
Me ſerá ſempre o mal a que ſe atreve».

85 1 .trela (estrella: I 33; IV 85, VI 87; VIII 25; X 56) .ilaua || 2 Oriz. || 5 deos. || 6 *B* Orien. || 7 chara (v. IV 67) || 8 .oy

86 1 Baco sam || 2 *A* .erâ *B* .cra || 4 .era

---

85 1 Quale in sul giorno l'amorosa stella | Suol venir d'orïente innanzi al Sole, | Che s'accompagna volentier con ella (Petr. *Tri. della Fama* I).

85 1. a amorosa strella] o planeta Venus.

5. A deosa Venus considerava-se presidir ao planeta Venus; cf. I 21, 1.

6. Orion era segundo a mythologia um caçador gentil e agigantado. Depois da morte foi posto entre as constellações e ahi se representa em figura de gigante, com uma espada na mão, e por isso Ovidio, seguindo Euripides, lhe dá o epitheto de *ensifer*, (*Fast.* IV 388) e por trazer comsigo no occaso chuvas e tempestades, recebe dos poetas romanos os epithetos de *nimbosus* (Verg. *En.* I 535) e *aquosus* (id. *En.* IV 52). Venus era tida por deosa da bonança; assim diz Lucrecio em formosissimos versos no principio do seu poema: *Te, dea, te fugiunt venti, te nubila caeli | adventumque tuum, tibi suavis daedala tellus | summittit flores, tibi rident aequora ponti | placatumque nitet diffuso lumine caelum* (cit. por FS). Echo d'estas ideias da litteratura antiga é o verso do nosso Poeta. A fórma «Orionte» (*Orion, -onis*) é menos correcta; o Padre Antonio Vieira, G. Pereira de Castro (II 31, 42; VIII 102) e Franco Barreto dizem «Orion», e Avellar (na *Cronogr.* pag. 102 da ed. de 1606) «Orião».

86 2. scrá] = succederá.

Iſto dizendo dece ao mar aberto,
No caminho gaſtando eſpaço breve,
Em quanto manda as Nymphas amoroſas
Grinaldas nas cabeças pôr de roſas.

87. Grinaldas manda pôr de varias côres
Sobre cabellos louros a porfia.
Quem não dirá que nacem roxas flores
Sobre ouro natural que Amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojoſa companhia,
Moſtrando-lhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais fermoſas vinhão que as eſtrellas.

88. Aſſi foi; porque tanto que chegárão
A' viſta d'ellas, logo lhe fallecem
As forças com que de antes pelejárão,
E já como rendidos lhe obedecem;
Os pés e mãos parece que lhe atárão,
Os cabellos que os raios eſcurecem.

|| 7 Nim. || 8 por

87 1 *A* por *B* pòr cor. || 3 *A* .irâ || 4 am. infia (v. I 37) || 7 Nim.

88 1 .oy chega. || 2 A (a cor. é já antiga) *A* fale. (v. VI 17) || 3 dan. (v. *R Ph* em «Elisão») pelleja. (v. IV 100) || 5 *A* pês *B* pès ata. || 6 ray.

---

87 8 sidere pulchrior (Hor. *Od.* III 9, 21) (FS).

5. mar aberto] = *mare.. apertum* (Ov. *Met.* VIII 165; FS).

7-8. Em quanto] = e em tanto (pertencendo esta determinação para «pôr»). Diz-se, por ex., «mandei-o vir»; conseguintemente não ha razão para suppor, com A. Coelho e outros, que em «as Nymphas» ha erro typographico em lugar de «ás Nymphas».

87 4. que Amor enfia] = que faz empallidecer Cupido (ao ver que os cabellos das Nymphas ainda são mais louros que os seus).

6. nojoso] como em V 79, 2.

88 1-2. Cf. «chegou á vista de Diu» (Cast. VIII 193).

A Boreas, que do peito mais queria,
Aſſi diſſe a belliſſima Orithya:

89. «Não creias, fero Boreas, que te creio
Que me tiveſſe nunca amor conſtante,
Que brandura he de amor mais certo arreio
E não convem furor a firme amante.
Se já não põés a tanta infania freio,
Não eſperes de mi d'aqui em diante
Que poſſa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo ſe converte».

90. Aſſi meſmo a fermoſa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem ſabe
Que dias ha que em vê-la ſe recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não ſabe o bravo tanto bem ſe o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe;

‖ 8 Oriti.

89 1 Não creas (v. *R Pk* cm «-eia») .eyo ‖ 3 .eyo ‖ 5 *A* poẽs .eyo ‖ 6 Não *B* my ‖ 8 cont: (v. 1 57)
90 3 vella (v. 1 80) ‖ 4 *B* crê ‖ 5 Não ‖ 6 não

8. Orithya (mais correctamente: Orithyía; cf. com. a «Harpyas» em v 89), filha do rei de Athenas, Erechtheo, foi raptada por Boreas: *dilectaque diu caruit deus* [Boreas] *Orithyia* (Ov. *Met.* VI 683).

89 1-2. que te creio | Que me tiveste] é maneira de dizer imitada do latim «*credere alcui* com oração infinitiva» no sentido de: crer em alguem quando nos affirma uma cousa, v. g. *ancillae tuae credidi te domi non esse* (Cic. *De orat.* II 68).

4. convem] = quadra.

7. mas temer-te] equivale a: mas crê que hei-de temer-te. Da ideia negativa do primeiro membro «Não esperes» tem de subentender-se no segundo membro a ideia positiva correspondente. E' particularidade vulgar na syntaxe latina; v. Madvig, *Gr. lat.* § 462, *b*.

90 1. Galatea] era uma das Nereidas.

2. que bem sabe] = por quanto ella bem sabe.

4. «acabar com alguem» era usual no português classico significando «conseguir de alguem (que faça uma cousa)».

5. bravo] equivale ao «fero» do 2.º verso.

De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, ſe logo abranda.

91. D'eſta maneira as outras amanſavão
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus ſe entregavão
Amanſadas as iras e os furores.
Ella lhe prometeo, vendo que amavão,
Sempiterno favor em ſeus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe ſerem leais eſta viagem.

92. Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando ſoa,
Quando da celſa gavea os marinheiros
Enxergárão terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa;
Diſſe alegre o piloto Melindano:
«Terra he de Calecu, ſe não me engano.

91 3 aa || 7 omen.
92 1 *A* menham *B* manham (manhãa: IV 1) || 4 Enxergarão pella (v. IV 49) || 5 ſo. || 6 vão || 7 Pil. || 8 não

91 7. homenagem] = juramento.

A tempestade descripta neste canto é pura ficção de Cam., que procurou d'este modo dar interesse poetico ao resto da viagem de Melinde a Calecut: «E deulhes Deos tão boa ventura que fazendo ja rosto ho inuerno da India, pelo que faz naquele golfão grandes tormentas, elle não achou nenhũa, antes vento a pôpa» (Cast. I 13).

92 «E ao domingo vinte de Mayo vio ho piloto hũas serras.. que está sobre a cidade de Calicut e chegouse tanto a terra que a conheeeo e com muyto prazer pedio aluisaras a Vasco da gama: dizendo que aquela era a terra que desejaua de chegar, e elle lhas deu, e logo mandou dizer a Salue, onde todos derã muytos louuores a nosso Senhor» (Cast. I 13).

5-6. dos primeiros | Mares] i. é, dos perigos por que anteriormente tinham passado no mar: *secura freti tempestatumque priorum* (Macedo).

93. Eſta he por certo a terra que buſcais
Da verdadeira India, que aparece,
E ſe do mundo mais não deſejais,
Voſſo trabalho longo aqui fenece».
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra ſe conhece;
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

94. As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não ſòmente a terra lhe moſtrava,
Que com tanto temor buſcando vinha,
Por quem tanto trabalho exp'rimentava,
Mas via-ſe livrado tão aſinha
Da morte que no mar lhe aparelhava
O vento duro, fervido e medonho,
Como quem deſpertou de horrendo ſonho.

95. Por meio d'eſtes horridos perigos,
D'eſtes trabalhos graves e temores
Alcanção os que ſão de fama amigos,
As honras immortais e graos maiores;
Não encoſtados ſempre nos antigos
Troncos nobres de ſeus anteceſſores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animais de Moſcovia zebellinos,

93) não || 7 chão || 8 merce *A* agar.
94 2 som. || 4 esp. (v. IV 95)
95 1 .eyo || 3 .ção sam || 4 may. || 8 Ze.

93 1-2. que aparece] liga-se a «Esta (terra)». O epitheto «verdadeira» não é, como pensa Storck, para designar a «India oriental» em contraposição ás «Indias Occidentaes» ou «Novo Mundo», de que o piloto não podia ter conhecimento; mas serve de assignalar bem a idéia de que o piloto não se enganava, tendo por India a terra que descobria no horizonte.

5. Cf. IV 79, 5.

7. Ha aqui a mesma construcção que em IV 14, 7.

95 7-8. «animal zebellino»

96. Não cos manjares novos e exquiſitos,
Não cos paſſeios molles e ocioſos,
Não cos varios deleites e infinitos
Que afeminão os peitos generoſos,
Não cos nunca vencidos appetitos
Que a Fortuna tem ſempre tão mimoſos,
Que não ſoffre a nenhum, que o paſſo mude
Pera algũa obra heroica de virtude;

97. Mas com buſcar co ſeu forçoſo braço
As honras que elle chame proprias ſuas,
Vigiando e veſtindo o forjado aço,
Soffrendo tempeſtades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul e regiões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo ſoffrimento;

96 1 Não || 2 Não· .eos (v. *R Ph* em «-eia» || 3 Não || 4 .inão || 5 Não apet. || 6 tão
97 8 sofri. (v. 1 65)

ou «zebellina» (em castelhano: *cebellina*) é a *Mustela zibellina* L. («zebelina» já em Sá de Miranda: «que arminhos nem zebelinas», Carta 1 v. 279, ed. de D. Car. M. de Vasconcellos). Cam. diz «os animais zebellinos», por «as pelles de zebellina» (cf. VI 63), e a ellas pertence propriamente o epitheto «fino»: «..pelles de alimarias que chamã zebelijs que sam preciosas e muyto prezadas» (*O Livro de M. Polo*, trad. publ. em 1502; 1 56).

de Moscovia] (da Russia propriamente dicta) por ser alli o centro do commercio d'aquelles artigos: *Alcuna volta ho vdito in Mosconia essersi ritrouate alcune pelli di zebellini, delle quali alcune son state vendute trenta ducati d'oro* (*Comm. della Mosc.* do barão Sigismundo no III vol. da *Racc.* de Ramusio).

96 6. tem] (como *habere* em *habere aliquem sollicitum*) = traz.

97 2. que elle chame proprias suas] Contrapõe-se ao que se diz em VI 95, 5-6; cf.: *Nam genus et proavos et quae non fecimus ipsi, | vix ea nostra voco* (Ov. *Met.* XIII 140-141, cit. por Garc. Ferreira).

3. vigiando] = velando; v. o *Dicc.* de Moraes.

5. torpes] parece estar no sentido de: que entorpecem.

98. E com forçar o roſto, que ſe enfia,
A parecer ſeguro, ledo, inteiro
Pera o pelouro ardente que aſſovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
D'eſta arte o peito hum callo honroſo cria,
Deſprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou e não virtude juſta e dura.

99. D'eſta arte ſe eſclarece o entendimento
Que experiencias fazem repouſado,
E fica vendo, como de alto aſſento,
O baxo trato humano embaraçado.
Eſte, onde tiver força o regimento
Direito e não de affeitos occupado,
Subirá — como deve — a illuſtre mando
Contra vontade ſua, e não rogando.

98 3 pil. (v. I 67) || 5 Destar. (v. IV 21) .alo || 8 não *A* vert.
99 1 Destar. (v. IV 21) || 4 *B* baixo tracto (trato: V 30, 62; VII 41; IX 3) || 6 nam || 7 .irà

98 5. Cf. *Indurandus est animus et a blandimentis voluptatum procul abstrahendus* (Sen. *Epist.* 51).
6. No *De amicitia*, de Cicero (23) tambem vem juntos o desprezo das riquezas e o das honras.
8. virtude] = merecimento (*virtus*).

99 2-3. O pronome relativo, empregado como compl. no 2.º verso, tem de subentender-se, no 3.º, como sujeito. alto assento] é tambem o final de v 85, 4.
3-4. «o trato humano» = as fadigas dos homens (para grangearem honras e riquezas); «baxo», tanto physicamente (em contraposição ao «alto assento» do 3.º verso) como moralmente. Parece-me que o Poeta se estava lembrando dos versos de Lucrecio: *Sed nil dulcius est, bene quam munita tenere | edita doctrina sapientum templa serena, | despicere unde queas alios passimque videre | errare atque viam palantis quaerere vitae, | certare ingenio, contendere nobilitate, | noctes atque dies niti praestante labore | ad summas emergere opes rerumque potiri* (II 7-13); passo imitado pelo autor da *Ciris* 14-17, e que foi de certo o que inspirou S. Cypriano no lugar que principia por *Paulisper te crede*, do cap. 6.º do *Ad Donatum*.

*

CANTO SEPTIMO

1. Já ſe vião chegados junto á terra
Que deſejada já de tantos fôra,
Que entre as correntes Indicas ſe encerra
E o Ganges que no Ceo terreno mora.
Ora ſus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já ſois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

2. A vós, ó gèração de Luſo, digo,
Que tão pequena parte ſois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo

1 1 viã aa || 2 ſo. || 4 çeo
2 1 vos *A* ô *B* ò geraçam (v. 1 64) || 2 tam

1 3. as correntes Indicas]= o Indo.

4. o Ceo terreno]= o Paraiso terreal; cf. IV 74, 1-2.

Nas estancias 2-14 Cam. foi inspirado, como nota F S, por Ariosto (*Orl. fur.* XVII 73-79) e por Barros (*Asia* I 9, 2). Este ultimo levanta a voz com vehemencia contra os principes da Europa christã, que não se unem para tirar do poder dos Turcos «o sanctuario da nossa redempção», chegando, pelo contrario, a «confederar com infieis», e contra duas causas que não deixam medrar a «catholica semente», a saber, a Reforma e a cobiça dos principes, que para alargarem seus Estados movem entre si guerras impias; e exalta Portugal, que sendo pequeno Estado, tanto tem trabalhado e trabalha para a propagação da fé catholica.

2 1. A vós.. digo]= refiro-me a vós; cf. IV 24, 1.

3-4. o amigo | Curral de quem

Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não fòmente algum perigo
Eſtorva conquiſtar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre que nos Ceos eſtá em eſſencia;

3. Vós, Portugueſes, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder voſſo não peſais;
Vós, que á cuſta de voſſas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Aſſi do Ceo deitadas ſão as ſortes,
Que vós, por muito poucos que ſejais,
Muito façais na ſancta Chriſtandade,
Que tanto, ó Chriſto, exaltas a humildade!

4. Vêde'los Alemães, ſoberbo gado,

‖ 4 çeo ‖ 5 vos som. ‖ 6 inmun. ‖ 8 çeos *A*. tâ *B*. tà
3 1 Vos ‖ 3 Vos aa ‖ 5 çeo sam ‖ 6 vos ‖ 8 ô
4 1 Ve.

3 8 [Christo] Di se, nascendo, a Roma non ſe grazia, | A Giudea si: tanto sovr'ogni stato | Umiltade esaltar sempre gli piaeque (Petr., son. «Quel ch'infinita..») (FS).

governa o ceo rotundo] = a Igreja christã; cf.: «metendo grande parte do pouo idolatra em o curral do senhor» (Barros I 1, 2; FS).

5. algum perigo] no português moderno: perigo algum, nenhum perigo.

6. o povo immundo] o povo mahometano; cf.: «o torpe Ismaelita» (I 8, VII 5); *il Turco immondo* (*Orl. fur.* XVII 75).

7-8. cobiça] v. VII 11. pouca obediencia] v. VII 4, 5. da Madre que..] = da Igreja catholica («da» em sentido objectivo, = á).

3 1. poucos quanto fortes] por: poucos, tanto quanto fortes; cf. *non quam maturato opus erat uaviter expediebant* (T. Liv. XXIV 23). varias] já em batalhas, já em naufragios, etc.

4. A lei da vida eterna] = a religião christã.

5. do Ceo deitadas são as sortes] = é destino dado pelo Ceo.

4 Vêde'los Alemães] «los» é artigo e pertence para «Alemães»; no tempo de Cam. ia cahindo em desuso e quasi que só se conservava em locuções estereotypadas, taes como esta com o verbo «ver». O verbo está não no imperativo,

Que por tão largos campos ſe apacenta,
Do ſucceſſor de Pedro rebellado,
Novo paſtor e nova ſeita inventa;
Vêde'lo em feias guerras occupado
—Que inda co cego error ſe não contenta!—,
Não contra o ſuperbiſſimo Ottomano,
Mas por ſair do jugo ſoberano.

5. Vêde'lo duro Inglês, que ſe nomeia
Rei da velha e ſanctiſſima cidade
Que o torpe Iſmaelita ſenhoreia

‖ 2 tam ‖ 3 .belado ‖ 4 ceita (a corr. é já antiga) ‖ 5 Ve. feas (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 6 (sem parenth.) nam ‖ 7 Oto.

5 1 Ve. *A* .gles *B* .gres .mea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 3 .ea

mas sim no indicativo; equivale a «eis»; cf. VIII 14, 1; 16, 5
O epitheto «soberbo» é explicado pelos versos 3.º e 8.º; tambem em VI 78 são chamados «soberbos» os Gigantes que se levantaram contra Jupiter. O termo «gado» corresponde ao termo «pastor» do 4.º verso.

2. Allude á grande extensão territorial do imperio germanico.

3. Do successor de Pedro [S. Pedro] rebellado] é construcção imitada de *deficere ab aliquo*.

4. Novo pastor] refere-se a Luthero († 1546) e allude ao titulo de «supremo pastor da Igreja», que se dá ao Papa. inventa] concorda com o apposto «soberbo gado» em vez de concordar com o sujeito «os Alemães»; é puro latinismo, cf. *Moschi, gens ante alias socia Romanis, avia Armeniae incursavit* (Tac. *Ann.* XIII 37).

6. o cego error] as doutrinas Lutheranas.

7. Foi no governo de Solimão II (1520-1566) que o imperio ottomano chegou ao seu maior poder e grandeza.

8. O verso refere-se, como observa o Dr. J. M. Rodrigues, ás revoltas dos protestantes allemães contra o imperador Carlos V. Veja-se no *Hand Lexikon* de Meyer a breve noticia dada em Schmalkaldischer Bund.

5 A est. refere-se a Henrique VIII de Inglaterra (1509-1547), que entre outras crueldades fez decapitar duas das suas mulheres: Anna Boleyn em 1536, e Catharina Howard em 1542. D'elle diz Smith (*Hist. of England*): *Some kings have been tyrants from contradiction and revolt; some from being mislead by favourites; and some from a spirit of party; but Henry was cruel from a depraved disposition alone: cruel in government, cruel in religion, and cruel in his family.*

1-2. «*Quem titulum* [o de rei de Jerusalem, «a velha e sanctissima cidade»] *Anglici reges adhuc usurpant*» (Platina, *De vitis*.., fol.

—Quem vio honra tão longe da verdade?—,
Entre as Boreais neves ſe recreia,
Nova maneira faz de Chriſtandade,
Pera os de Chriſto tem a eſpada nua,
Não por tomar a terra que era ſua.

6. Guarda-lhe por entanto hum falſo Rei
A cidade Hieroſolyma terreſte,
Em quanto elle não guarda a ſancta lei
Da cidade Hieroſolyma celeſte.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi,
Que o nome «Chriſtianiſſimo» quiſeſte,
Não pera defendê-lo nem guardá-lo,
Mas pera ſer contra elle e derribá-lo?

‖ 4 tam ‖ 5 .ca ‖ 8 *A* Nam *B* Não
6 2 .olima ‖ 4 *A* .solima *B* .selima ‖ 5 .ey ‖
7 Nam .elo .alo ‖ 8 .alo

219 *v.*); «*Hinc Anglis Hierosolymorum regni titulus citra possessionem accessit*» (*Catal. ann.* fol. 50).

3. o torpe Ismaelita] em sentido lato, por «Muçulmano». Quanto ao epitheto v. o com. a I 8, 6. Jerusalem pertence ao imperio turco desde 1517.

5. Cf. VI 43, 5-6.

6. Refere-se á fundação da Igreja anglicana, de que Henrique VIII foi proclamado chefe.

8. por]=para.

A construcção do periodo «Vêde'lo duro Inglês .. Entre as .. neves se recreia» é analoga á do periodo da est. precedente «Vêde' los Alemães, soberbo gado.. nova seita inventa».

6 1-4. Cám. chama ao imperador da Turquia «falso rei de Jerusalem», porque o verdadeiro havia de ser o rei de Inglaterra, segundo o que vae dicto na est. precedente. «Hierosolyma (ou «Jerusalem» v. III 27) celeste» é designação mystica do Reino dos Ceos. Note-se o trocadilho de «guardar» empregado em dois sentidos differentes.

5-8. Gallo indigno] é Francisco I de França (1515-1547), que andando em guerra com Carlos V, se alliou com Solimão II (1520-1566); cf.: *l'odieux spectacle du croissant uni aux fleurs-de-lis indisposa toute la chrétienté contre le roi de France* (Michelet, *Précis de l'hist. de France* II 17). «Gallo» por «Francês», como inversamente, em V 96, «França» por «Gallia». o nome «Christianissimo»] V. o com. a I 7, 4. Barros exclama: Como assi se ganha na terra o nome de defensor da fé, nome de Christianissimos, Catholicos, e doutros titulos de gloria nesta vida e na outra? (I 9, 2).

7. Achas que tens direito em ſenhorios
De Chriſtãos, ſendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinyphio e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome ſancto?
Ali ſe han-de provar da eſpada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís o nome e a terra
Herdaſte, e as cauſas não da juſta guerra?

8. Pois que direi d'aquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comſigo,
Gaſtão as vidas, logrão as divicias,
Eſquecidos de ſeu valor antigo?
Naſcem da tyrannia inimicicias,

7 1 tẽs || 2 tam tãto || 3 nam Cynifio (v. o com.) || 5 ande (v. 1 74) || 6 Ygr. || 8 Erd. (herdeiro: IV 6, 54) nam

8 1 .ey || 2 cons. (v. 1 57) || 3 .tão .grão || 5 .ania

7 1-2. Francisco I pretendia para si Napoles, e para Henrique d'Albret a Navarra.

3-4. *Cinyps*, e tambem *Cinyphus* (v. De-Vit, *Totius Latin. Onomasticon*), era o nome de um rio da Tripolitana — ao qual os Italianos ainda chamam *Cinifo* — nome de que deriva o adjectivo *Cinyphius*. Sobre «Cinyphio», por «Cinyphe» ou «Cinypho», v. o com. a II 113. Alguns editores, por ex. A. Coelho, tem escripto «Cinypho», vendo, sem razão bastante, em «Cinyphio» erro typographico. A syneрese pela qual — *phio* e constitue uma só syllaba metrica, não é mais violenta que est'outras: Que no mar nace e Ara*bia em* cheiro passa (VI 25, 8); Levan*do o Idolola*tra *e o* Mouro preso (II 54, 3); Louvavão mui*to o es*tamago da gente (II 85, 3); Dos mares exp'rimenta a fu*ria in*sana (II 104, 4); o antigo nome sancto] é o nome de Deos. O Egypto e a Tripolitana, significados pelos nomes dos dois rios, de ha muito profeſſavam o islamismo, e pertenciam já ao imperio ottomano.

6. da Igreja o canto] a pedra (v. 1 91) fundamental da Igreja, o Summo Pontifice; é allusão a: «..tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (S. Matth. XVI 18). «reprovar o canto da Igreja» é reminiscencia de: *Lapidem, quem reprobaverunt aedificantes, hic factus est in caput anguli* (Psal. CXVII 22, cit. em S. Matth. XXI 42).

7. Carlos.. Luis] Carlos Magno, S. Luís († 1270).

Que o povo forte tem de ſi inimigo.
Comtigo, Italia, fallo, já ſummerſa
Em vicios mil e de ti meſma adverſa.

9. O' miſeros Chriſtãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo deſparzidos,
Que huns aos outros ſe dão á morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vêdes a divina ſepultura
Poſſuida de cães, que ſempre unidos
Vos vem tomar a voſſa antiga terra
Fazendo-ſe famoſos pola guerra?

‖ 7 Cont. (v. 1 57) sume. (v. *R' Ph* em «immigo») **9** 3 hũs dão aa ‖ 5 Nam ve. ‖ 8 *A* pela (cf. 1 17)

8 6. tem]=trazem, cf. VI 96, 6. de si inimigo] corresponde ao «de ti mesma adversa» do 8.º verso.

7-8. Cf.: *O d'ogni vizio fetida sentina,* | *Dormi, Italia imbriaca, e non ti pesa* | *Ch'ora di questa gente, ora di quella,* | *Che già serva ti fu, sei fatta ancella?* (*Orl. fur.* XVII 76; FS).

9 1-4. Quando Cadmo, filho de Agenor, rei dos Phenicios, depois de chegar ao sitio onde foi edificada Thebas da Beoeia, querendo fazer um saerificio a Minerva, mandou alguns dos seus companheiros por agoa a uma fonte proxima, um dragão que guardava a fonte, devorou-os. Cadmo vingou os companheiros matando o dragão, e em obediencia ao conselho de Minerva, semeou na terra os dentes do monstro. D'elles naseeram homens armados, que em batalha se mataram uns aos outros exceptuando cinco, os quaes ajudaram Cadmo na fundação de Thebas; v. Ov. *Met.* II 833—III 130, e particularmente III 26-130. dão á morte] (e não «a morte» como se lê em algumas edições) corresponde litteralmente a *dare leto,* «matar» (Verg. *En.* V 806, XI 172, etc.).
O sentido geral dos quatro versos é obvio; não é porêm clara a relação em que está o 4.º verso com os antecedentes. «Os dentes de Cadmo desparzidos» está por «os homens armados que nasceram dos dentes do dragão semeados por Cadmo (*Cadmeia seges* em Val. Flacco VII 282-283)», e para este anteeedente pertenee a oração relativa do 3.º verso; mas a circumstaneia expressa no 4.º verso tanto se pode referir aos Christãos, que são todos filhos da Igreja, como aos homens armados que brotaram do seio da terra. Provavelmente no espirito do Poeta coneorriam syncreticamente ambos os pensamentos.

5-8. Cf.: *..la sacra stanza* | *.. Ch'ora i superbi e miseri Cristiani,* | *Con biasmo lor, lasciano in man*

10. Vêdes que tem por uſo e por decreto,
Do qual ſão tão inteiros obſervantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos que ſão de Chriſto amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Alecto
De ſemear cizanias repugnantes:
Olhai ſe eſtais ſeguros de perigos,
Que elles e vós ſois voſſos inimigos.

11. Se cobiça de grandes ſenhorios
Vos faz hir conquiſtar terras alheias,
Não vêdes que Pactolo e Hermo rios
Ambos volvem auriferas areias?
Em Lydia, Aſſyria lavrão de ouro os fios;
Africa eſconde em ſi luzentes veias;

10 1 Vc. ‖ 2 sam ‖ 4 sam ‖ 5 vos .leto ‖ 6 sam. (semeados: III 84) ‖ 7 .ay sest. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 8 vos

11 2 yr (v. I 9, 4) .cas (v. *R Ph* em «-cia») ‖ 3 ve. ‖ 4 .eas ‖ 5 Li. Assi. .urão ‖ 6 Affr. (v. *R Ph*) .eas

de' cani (*Orl. fur.* XVII 73). FS tambem cita de Petrarca: *Ite superbi, o miseri Cristiani,* | *Consumando l'un l'altro, e non vi caglia* | *Che 'l sepolcro di Cristo è in man di cani* (*Tri. della Fama* II), e de Sá de Miranda: *I dejais la ciudad santa a los canes!* (ecl. *Celia* na dedic., pag. 294 da ed. de D. Car. M. de Vasconcellos). Jerusalem, perdida de todo para os christãos em 1244, pertencia ao imperio ottomano desde 1517.

10 5. Alecto] era uma das Furias, *cui tristia belle,* | *iraeque, insidiaeque, et crimina noxia cordi* (Verg. *En.* VII 325-326).

6. repugnantes] = que poem em guerra as pessoas umas contra as outras; cf. VI 35, 7.

Os brados contra as desavenças entre os Estados christãos são vulgares nas litteraturas da Renascença, até em obras como o *Catalogus annorum* (v. este livro a fol. 56 *v.*).

11 3-4. Pactolo e Hermo] são rios da Lydia: *Pattolo ed Ermo, onde si trá l'ôr fino,* | *Migdonia e Lidia, e quel paese buono* | . . | *Non è, s'andar vi vuoi, troppo remoto* (*Orl. fur.* XVII 78).

6. Cf. X 93, 5-6.

Mova-vos já ſe quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Caſa Sancta.

12. Aquellas invenções feras e novas
De inſtrumentos mórtais da artelharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás ſilveſtres covas
Dos Caſpios montes e da Scythia fria
A Turca gèração, que multiplica
Na policia da voſſa Europa rica.

13. Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos
Bradando-vos eſtão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão — duro tributo! —.
Em caſtigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte e aſtuto,
E não queirais louvores arrogantes
De ſerdes contra os voſſos mui poſſantes.

|| 8 não cas.

12 4 Biz. || 5 la aas || 6 Citia || 7 ger. (v. I 64)

13 1 Tra. || 2 .tão || 3 charos (v. IV 67) || 4 alcorão || 6 .ay || 7 não || 8 .uy

7-8. A ordenação da phrase é a mesma que em III 127, 7-8.

12 5-8. V. I 60, 4-8 e o com. ..*Scythárum ex media barbarie genus profectum est* (En. Silvio *Epist.* 155, fallando dos Turcos). Scythia fria] v. III 128, 7 e o com. Na policia] = no meio da civilização; cf. VI 2.

13 «Como por estas e outras taes obras não vemos nós os pouos que acima apontamos, e assi os Georgianos, Mengralianos.. e outros daquellas partes captiuos e escrauos de Tartaros e do Turco..?» (Barros I 9, 2).

1. A Georgia, districto ao sul do Caucaso, que pertence agora á Russia, era então estado independente.

2-4. Cam. refere-se em geral aos filhos dos christãos, que os Turcos obrigavam a sujeitar-se á circumcisão e a professar o mahometismo, e em particular ao corpo de Janisaros constituido em 1328 com os mancebos christãos prisioneiros. «preceptos» por «pre-

14. Mas em tanto que cegos e ſedentos
Andais de voſſo ſangue, ó gente inſana,
Não faltárão Chriſtãos atrevimentos
Neſta pequena caſa Luſitana:
De Africa tem maritimos aſſentos;
He na Aſia mais que todas ſoberana;
Na quarta parte nova os campos ara,
E ſe mais mundo houvera, lá chegára.

15. E vejamos, em tanto, que acontece
A'quelles tão famoſos navegantes,
Deſpois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes,
Deſpois que a larga terra lhe aparece,
Fim de ſuas perfias tão conſtantes,
Onde vem ſemear de Chriſto a lei
E dar novo coſtume e novo Rei.

14 1 *B* tantos ‖ 2 ó ‖ 3 falta. ‖ 5 Aff. (v. *R Ph*) ‖ 8 ouu. (v. I 74) la *A* .âra
15 1 .eçe ‖ 2 Aa tam ‖ 3 .eçc ‖ 4 .vão ‖ 5 .eçe ‖ 6 tam ‖ 7 vẽ sam. (v. VII 10) .ey

ceitos» (como está em VII 40) é graphia que não corresponde á pronuncia viva.

14 1-4. sedentos ‖ ..de vosso sanguc] «vosso», por serem as guerras entre povos irmãos na crença.

O verbo do 3.º verso deve considerar-se não no futuro (= presente dubitativo ou potencial), mas sim no preterito; e os presentes dos versos seguintes—«tem», «He», «ara»—representam a consequencia actual dos aetos passados. (E' observação que me fez partieularmente o professor do lyceo de Beja, José Joaquim Nunes).

Até o autor do *Catal. anonorum* escreve: *Soli vero Christianorum Nauarchae Lusitani, interea dum vicini parietes ardent, remotos ad Indiae fines de cognitis incognitisque populis Christo et Emanuelli Regi suo tropaea figunt* (fol. 60).

7. Na quarta parte nova] na America, no Brasil.

8. «..hũa nação a que Deos deu tanto animo que se teuera criado outros mundos ja lâ teuera metido outros padrões de vietorias» (Barros I 4, 11, cit. por FS).

15 3-4. V. VI 88. dos ventos repugnantes] é tambem a segunda parte de VI 35, 7.

16. Tanto que á nova terra ſe chegárão,
Leves embarcações de peſcadores
Achárão, que o caminho lhe moſtrárão
De Calecu, onde erão moradores.
Pera lá logo as proas ſe inclinárão,
Porque eſta era a cidade das milhores
Do Malabar milhor, onde vivia
O Rei que a terra toda poſſuia.

17. Alem do Indo jaz e àquem do Gange
Hum terreno mui grande e aſſaz famoſo,
Que pela parte Auſtral o mar abrange
E pera o Norte o Emodio cavernoſo.
Jugo de Reis diverſos o conſtrange
A varias leis: alguns o vicioſo
Mahoma, alguns os idolos adorão,
Alguns os animais que entre elles morão.

16 1 aa *A* chegâ. *B* chegà. || 3 acha. *A* moſtrà. *B* moſtrà. || 4 cram || 5 la inclina.
17 1 âquem || 2 .uy || 6 .ũs || 7 .ũs Id. || 8 .ũs

16 «..e no mesmo dia [20 de Maio] a tarde forão surgir duas legoas abaixo de Calicut.. E surta a frota acodio logo gente da terra em quatro almadias a saber que naos erão aquelas.. E esta gentc vinha nua, salvo que cobrião suas vergonhas com huns pequenos panos.. E ho piloto Guzarate disse a Vasco da gama que aquela gente erão pescadores.. e as almadias ho levarão a Calicut (Cast. I 13).

6-7. milhor] pertence para «cidade»; a ordem é: a milhor cidade das milhores do Malabar.

8. a terra toda possuia] como suzerano.

17-22. Descripção da India cisgangetica

(Em Barros: I 4, 7).

17 1-4. Gange] é fórma que tambem J. de Barros emprega.

Que] é complemento de «abrange».

«Emodo» (melhor «Hemodo»), «montes Emodos» é o nome do Himalaia na geographia greco-romana. Sobre «Emodio» por «Hemodo», v. o com. a II 113.

6-7. leis] como em I 45, 8. o vicioso Mahoma] V. o com. a I 2.

18. Lá bem no grande monte que cortando
Tão larga terra toda Aſia diſcorre,
Que nomes tão diverſos vai tomando
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes ſaem d'onde vem manando
Os rios cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercão todo o peſo
Do terreno, fazendo-o cherſoneſo.

19. Entre hum e o outro rio, em grande eſpaço
Sai da larga terra hũa longa ponta,
Quaſi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão inſula confronta;
E junto d'onde naſce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro ſe mantem das finas flores.

20. Mas agora de nomes e de uſança
Novos e varios ſão os habitantes:

18 1 La ‖ 2 tam ‖ 3 tam ‖ 6 gram ‖ 7 cercão ‖ 8 Cher.
19 2 .ay ‖ 3 pir. ‖ 4 :lão
20 2 sam

18 1-4. V. o com. a III 73. 6-8. «A qual região as correntes destes dous rios [Indo e Ganges] per hũa parte e o grande Oceano Indico per outra: a cercão de maneira, que quasi fica hũa chersoneso» (Barros I 4, 7). «chersoneso» é a dicção grega que significa «peninsula». Antes de «cercão» tem de subentender-se, menos regularmente, de «cuja» o pronome «que».

19 4. Ceilão insula] como *Menige insula* (T. Liv. XXII 31). 5-8. Cf.: Escrevem varios autores, | Que junto da clara fonte | Do Ganges os moradores | Vivem do cheiro das flores | Que nascem naquelle monte (Cam., Redond. «Querendo escrever..»; F S). A esta lenda, que vem em Plinio (VII § 25), refere-se Petrarca na canção «*Ben mi credea*..». os vizinhos] é explicado pelo apposto «da terra moradores».

Os Deliis, os Patanes, que em poſſança
De terra e gente ſão mais abundantes,
Decaniis, Oriás, que a eſperança
Tem de ſua ſalvação nas reſonantes
Agoas do Gange, e a terra de Bengala,
Fertil de ſorte, que outra não lhe iguala;

21. O Reino de Cambaia bellicoſo
—Dizem que foi de Poro, Rei potente—,
O Reino de Narſinga; poderoſo
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
Aqui ſe enxerga lá do mar undoſo
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive ſeguro.

‖ 3 Delijs ‖ 4 sam ‖ 5 .canijs *A* .iâs ‖ 7 *B* do Beng. ‖ 8 igoa. (v. IV 37)
21 1 *B* beli. ‖ 2 .oy ‖ 5 la ‖ 8 *A* .arâ *B* .arà

20 3-8. Deliis] os de Deli (Dehli, Delhi). O *i* dobrado—sendo o segundo escripto em fórma de *j*—é modo archaico de indicar que o *i* é tonico. Patanes] os de Patna, na actual presidencia de Bengala. Decaniis] «..a outra terra que jaz do Gate pera o nascimento do sol, este he o reino Decan cujos moradores se chamão Decanis» (Barros I 9, 1). Oriás] junto do curso inferior do Ganges. Sobre as agoas do Ganges como purificadoras em sentido religioso, v. X 121. a terra de Bengala] V. X 120-121.

21 1. «Guzarate a que commũmente chamam Cambaia» (Barros I 4, 7).
2. Os Estados de Poro (Paurava) não eram no Guzarate, senão no Pandjab. Sobre «Poro» v. o com. a I 3, 3-4.
3-4. V. X 120.
5-8. «E a maes notavel diuisão que a natureza pós nesta terra, he hũa corda de montes a que os naturaes.. chamão Gate que quer dizer serra.. os quaes montes.. vem correndo contra o sul assi como a costa do mar vac à vista delle, leixando entre as suas praias e o sertão da terra hũa faixa delle chãa e alagadiça» (Barros I 4, 7). Canará] «..o primeiro [rio] diuide o Reyno Decan.. do Reyno Guzarate que lhe fica ao Norte, o segundo aparta este Reyno Decan do Reyno Canará que fica ao Sul delle» (id. I 9, 1). Das origens d'este reino dá noticia Diogo do Couto, *Dec.* VI 5, 5.

22. Da terra os naturais lhe chamão Gate;
Do pé do qual pequena quantidade
Se eſtende hũa fralda eſtreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, ſem debate,
Calecu tem a illuſtre dignidade
De cabeça de Imperio, rica e bella:
Samorim ſe intitula o ſenhor d'ella.

23. Chegada a frota ao rico ſenhorio,
Hum Portuguêſ mandado logo parte
A fazer ſabedor o Rei gentio
Da vinda ſua a tão remota parte.
Entrando o menſageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não viſta arte,
A côr, o geſto eſtranho, o trajo novo
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

24. Entre a gente que a vê-lo concorria,

22 1 .amão || 2 *A* pê || 3 *B* So
23 2 .gues || 4 tam || 5 Rio || 6 não || 7 cor || 8 vello (v. 1 8o)
24 1 vello (v. 1 8o)

22 2-4. pequena quantidade] equivale a: dilatando-se pouco.
Se eſtende] do norte para o sul.
fralda] é o que Barros chama «faixa» no texto acima transcripto.
5-8. V. VII 32-36.

23 «Surto Vasco da gama.. nas mesmas almadias que ho ali trouuerão mandou hum dos degradados que leuaua a Calicut.. a cuja praya chegado ho degradado começou logo de se ajuntar a gente a velo como a homem estranho» (Cast. I 15). «Vasco da Gamma tanto que anchorou hum pouco largo do porto.. mandou em terra o Mouro piloto e hum degredado, notificando per elles a el Rey a sua chegada e o recado que lhe trazia: pedindo que lhe mandasse dizer quando auia por bem que fosse a elle» (Barros I 4, 8).
6. a.. arte] Não é claro o sentido em que está esta palavra. FS interpreta: *el ayre del cuerpo;* Storck traduz por *Sitte;* eu penso que «arte» está em sentido geral, especificado pelos tres substantivos do verso seguinte.

24 Em Cast. o degradado foi

Se chega hum Mahometa, que naſcido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido;
Ou pela vizinhança já teria
O Reino Luſitano conhecido,
Ou foi já aſſinalado de ſeu ferro:
Fortuna o trouxe a tão longo deſterro.

25. Em vendo o menſageiro, com jocundo
Roſto, como quem ſabe a lingoa Hiſpana,
Lhe diſſe: «Quem te trouxe a eſt'outro mundo,
Tão longe da tua patria Luſitana?»
«Abrindo» lhe reſponde «o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buſcar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina ſe acrecente.»

‖ 2 um ‖ 3 Fo. .gião ‖ 4 La ſo. ‖ 5 vez. (v. II 108)
‖ 7 .oy ‖ 8 tam
25 4 Tam

conduzido á casa onde pousava Monçaide com outro mahometano (v. o com. á est. seguinte). Em Barros, o Samorim mandou dizer a V. da Gama por um piloto, que passassem as náos a um porto melhor, e «entre alguns officiaes da arrecadação dos direitos del Rey que vierão com elle [piloto] foi hum Mouro per nome Monçaide..» (I 4, 8).

4. V. o com. a v 4.

5. pela vizinhança] i. é, por ser a Berberia vizinha de Portugal.

8. longo] como em v 41.

desterro]=terra distante da patria; cf. IV 48.

25 «E leuarão [o degradado] á pousada de dous mouros naturaes de Tunez.. que forão ter a Calicut, e erão lá estantes. E hum deles.. sabia falar castelhano, e conheeia muyto bem os Portuguezes.. E em entrando ho degradado em sua casa.. lhe preguntou de que maneira viera alí ter. Ho degradado lho disse,.. Espantado.. de irem por mar, lhe preguntou que yão buscar tão longe: e ele lhe disse que yão busear Christãos, e especiaria..» (Cast. I 15).

1. Em vendo]=quando viu, da mesma maneira que «em tomando» =quando tomou, em III 136.

2. a lingoa Hispana]=a «lingoa de Castella» (VII 29).

8. por onde]=para que por este meio.

26. Eſpantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide ſe chamava,
Ouvindo as oppreſſões que na paſſagem
Do mar o Luſitano lhe contava;
Mas vendo em fim que a força da menſagem
Só pera o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que eſtava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade;

27. E que em tanto que a nova lhe chegaſſe
De ſua eſtranha vinda, ſe queria,
Na ſua pobre caſa repouſaſſe,
E do manjar da terra comeria,
E deſpois que ſe hum pouco recreaſſe,
Co elle pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ſer tamanha
Que achar gente vizinha em terra eſtranha.

26 1 gram .ajem (viag.: v 43, VIII 61) || 2 mour. || 3 oprc. (v. III 95) .ajem (passagem: v 43) || 5 .ajem (mensageiro: II 5, IV 61, VI 51) || 6 So || 7 fo.
27 8 *A* vez.

26 V. o texto de Cast. no com. á est. seguinte.

3-4. na passagem | Do mar] = padecidas na passagem do mar, está transposto da oração demonstrativa para a relativa.

27 «E [Monçaide] agasalhouho, e mandou-lhe dar de comer. E despois que comeo, dissclhe Bõtaibo [= Monçaide] que se tornasse pera as naos, e que iria coele a ver Vasco da gama, e assi ho fez. E entrando na capitaina, começou de dizer a Vasco da gama em castelhano.. muytas graças deveis de dar a Deos, porque vos trouue a terra onde ha toda a especiaria, pedraria e toda a riqueza do mundo.. e Vasco da gama ho abraçou e ho fez assentar a par de si.. preguntandolhe.. como fora ter a Calicut.. E ele lhe disse que elrey de Calicut.. estaua então em Panane hũa vila cinco legoas de Calicut ao longo da costa, que lá lhe mandasse dizer como estaua ali: o que pareceo bem a Vasco da gama» (Cast. I 15).

1. em tanto que] = em quanto não.

5. «recrear-se», = refazer-se, representa *se recreare, recreari*.

8. Que] por «como» é archaico.

28. O Português acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como ſe longa fôra já a amizade,
Co elle come e bebe e lhe obedece.
Ambos ſe tornão logo da cidade
Pera a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á Capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

29. O Capitão o abraça em cabo ledo
Ouvindo clara a lingoa de Caſtella;
Junto de ſi o aſſenta, e prompto e quedo
Pela terra pergunta e couſas d'ella.
Qual ſe ajuntava em Rhodope o arvoredo
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice tocando a lyra de ouro,
Tal a gente ſe ajunta a ouvir o Mouro.

30. Elle começa: «O' gente que a Natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,

28 1 .gucs acei. (acceito: IV 68 *A*)‖3 fo.‖4 .eçe ‖6 .çe‖7 aa
29 5 Ro.‖6 So‖7 Euridiçe li.
30 1 o nat.

28 1. da vontade]=de boa vontade.
4. obedece] V. o com. a I 3, 5-6.
7. Capitaina] é fórma antiquada, como «contrairo».

29 em cabo]=em extremo («alegre en cstremo» FS), extremamcntc. O autor de *Camões defendido* cita (a pag. 34) esta locução como vinda em Lucena (II 11) e no *Affonso Africano* (VI 33). G. de Amorim, com outros editores, pensando erradamente que «em cabo» quer dizer «por fim», põe virgula depois de «cabo».
3. prompto] como em VI 70.
quedo]=tranquillo.
5-8. Orpheo vivia na Thracia, ondc fica o monte Rhódope. D'elle dizia a lenda, que tocava lyra com tal mestria, que até as arvores lcvava após si. Eurydice era esposa de Orpheo, de maneira que «amante» está em accepção lata, por «marido extremoso», e «donzella» com o mesmo scntido que em III 134.

Que deſtino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não he ſem causa, não, occulta e eſcura
Vir do longinco Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca de outro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.

31. Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum ſerviço ſeu por vós obrado;
Por iſſo ſó vos guia e vos defende
Dos immigos, do mar, do vento irado.
Sabei que eſtais na India, onde ſe eſtende
Diverſo povo, rico e proſperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro ſuave, ardente eſpeciaria.

32. Eſta provincia cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar ſe chama;
Do culto antigo os idolos adora,

‖ 3 tam ‖ 5 Nam he. não ‖ 7 dout. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 8 tam
31 2 vos ‖ 3 so ‖ 4 imi. (v. *R Ph*) yr. ‖ 5 .ey
32 3 Yd.

30 3. grande] como em I 24, 6. ventura] = acaso.
4. tal caminho] é tambem (depois de «cometendo») o final de VI 14.
6. longinco] V. *R Ph* em «grandiloco».
7. Cf. I 1, 3.

31 3. só] pertence para «isso».
6-7. Diverso povo=póvos diversos. «prosperar» está construido com «de», conformemente aos verbos de «prover», á semelhança de *beare*, a que na poesia tambem se liga o ablativo: *Latiumque beabit divite lingua* (Hor. *Epist.* II 2, 121).
8. ardente especiaria] tambem rimando com «pedraria», é o segundo hemistichio de II 4, 3.

32 O que o Poeta conta de Saramá Perimal nas est. 32 a 36 foi haurido em Barros, I 9, 3. Sobre o tempo em que viveu Saramá, não são concordes as tradições.
3. os idolos adora] é tambem o final de II 51, 6.

Que cá por eſtas partes ſe derrama;
De diverſos Reis he, mas de hum ſó fôra
Noutro tempo ſegundo a antiga fama;
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei que eſte Reino teve unido e inteiro.

33. Porem como a eſta terra então vieſſem
De lá do ſeio Arabico outras gentes
Que o culto Mahometico trouxeſſem
—No qual me inſtituírão meus parentes—,
Succedeo que prègando converteſſem
O Perimal; de ſabios e eloquentes
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto
Que proſuppôs de nella morrer ſancto.

‖ 4 ca ‖ 5 dum (v. *R Ph* em «Elisão») so fo. ‖ 7 *A* .amâ *B* .amà .oy

33 1 .tam ‖ 2 la .eyo ‖ 4 (sem parenth.) .irão ‖ 5 pre. ‖ 6 elloq. ‖ 7 .cy ‖ 8 .upos

7. derradeiro] menos regularmente, por: o derradeiro.

33 1. seio Arabico] (*sinus Arabicus*)=golfo Arabico ou mar Vermelho.

3. Que.. trouxessem] O verbo da oração subordinada «trouxessem» foi para o modo e tempo do verbo da oração subordinante «viessem». Esta irregularidade denomina-se «assimilação de modos», e, em geral, só se dá quando, mudada a fórma da phrase, a oração subordinada se pode ligar copulativamente á subordinante (*viesscm e trouxessem*) ou quando as duas orações se podem contrahir em uma só, como acontece em VI 55, e neste passo: «quando acontecer e for achado que algum mercador vender [por: venda] pano..» (doc. do sec. XV no *Archeol. Port.* VI, pag. 9), onde poderia dizer-se simplesmente «quando por ventura algum mercador vender pano..». No *Livro de marinharia* publicado e annotado pelo General Brito Rebello até se encontra «sendo caso que a linha for..» (pag. 31).

4. «instituir» por «eduear», e «parentes» por «paes» são latinismos.

6. de sabios e eloquentes] «de» está em sentido causal, como em muitos outros lugares. Freire de Carvalho e com elle, entre outros, A. Coelho, mudam «sabios» para «sabias». Não tem razão. Cam. empregou o masculino por synese, tanto menos de estranhar, porque o sujeito «gentes» está já muito distante, e os epithetos de «sabios e eloquentes» perteneem rigorosamente não ás gentes na sua totalidade, mas só a uma parte, áquelles que converteram o Perimal á fé mahometana.

8. prosupôs] Cf. V 100, 3.

34. Naos arma, e nellas mete curioſo
Mercadoria, que offereça, rica
Pera hir nellas a ſer religioſo,
Onde o propheta jaz que a lei pubrica.
Antes que parta, o Reino poderoſo
Cos ſeus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de ſugeitos.

35. A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais a quem o mais ſerve e contenta;
Hum ſó moço, a quem tinha muito amor,
Deſpois que tudo deu, ſe lhe apreſenta;
Pera eſte Calecu ſòmente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

36. Eſta lhe dá co titulo excellente

34 3 yr (v. I 9, 4) || 4 .ey || 7 Erd. (v. III 90) acci. v. VII 28) || 8 soj. (v. I 31)
35 2 .ale pim. || 3 .lão *A* dá || 5 so || 7 so. || 8 tracto (trato: VII 41, 7)
36 1 *A* dá *B* dà

34 1. curioso] = cuidadoso *(curiosus)*.
4. E' periphrase, incxacta, de «Meca» («..ir morrer á casa de Mecha», em Barros); o sepulcro de Mahomet está em Medina.
6-7. A oração causal («porque não lhe fica..») pertence evidentemente para a oração antecedente.
os mais acceitos] i. é, aquelles a quem mais queria.

35 V. o texto de Barros no com. á est. seguinte.

2-3. qual—qual] como em IV 90-91. a ilha da Pimenta] é nas costas do Malabar.
4. os mais] sc. lugares; cf. III 57, 1-2. E' todavia possivel que «os» seja erro typographico, em vez de «as» sc. terras.
8. trato] = commercio, trato commercial.

36 «E porque esta terra de Calecut era a cousa ultima que na sua vontade tinha por repartir.. está ainda que pequena em

De Emperador, que ſobre os outros mande.
Iſto feito ſe parte diligente
Pera onde em ſancta vida acabe e andè.
E d'aqui fica o nome de potente
Samorî, mais que todos digno e grandè,
Ao moço e deſcendentes, d'onde vem
Eſte que agora o Imperio manda e tem.

37. A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas compoſta ſe imagina;
Andão nús, e ſòmente hum pano cobre
As partes que a cubrir Natura enſina.
Dous modos ha de gente: porque a nobre
Naires chamados ſão, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não miſturar a caſta antiga.

‖ 6 Camorî (em todos os mais lugares [VII 22, 59; VIII 81; IX 11; X 11, 14, 17, 28, 65] está «Samorim»; é todavia notavel que em Barros, I 4, 9, está, creio que por erro typographico, «Camorij» pelo menos nove vezes)

37 1 .ey ‖ 3 .dão *B* nùs so. ‖ 4 nat. *A* ins. ‖ 6 sam digna (v. *R Ph*) ‖ 7 *A* .leâs ‖ 8 .ey não mest. (v. IV 64)

termo, quis dar a hum sobrinho a que elle maior bem queria.. chamandolhe Çamorij, que entre elles quer dizer o mesmo que acerca de nòs emperador» (Barros I 9, 3).

1. exeellente] = preeminente.

2. que] é conjuneção final, como em I 6, 7.

4. acabe e ande] como em Vergilio: *moriamur et in media arma ruamus;* é o que na rhetoriea grega se ehama *hysteron proteron.* (Saramá, segundo uma tradição, não ehegou ao seu destino, tendo morrido na viagem).

37 1. lei] como em II 102.

2. se imagina] = é uma ficção.

3-4. V. o texto de Cast. no com. a VII 16.

5-6. «A gente de peleja que tem el rey de Calieut, e assi os reys do Malabar sam Naires, que sam todos fidalgos e não tem outro offieio se não pelejar quando he neeessario» (Cast. I 14). [modos] = elasses, e neste lugar: castas; ef. VI 12. porque] eorresponde a *nam;* é latinismo antiquado.

8. não misturar] No português moderno teria de antepor-se a preposição «a».

38. Porque os uſárão ſempre hum meſmo officio,
De outro não podem receber conſorte,
Nem os filhos terão outro exercicio
Senão o de ſeus paſſados, até morte.
Pera os Naires he certo grande vicio
D'eſtes ſerem tocados, de tal ſorte
Que quando algum ſe toca por ventura,
Com ceremonias mil ſe alimpa e apura.

39. D'esta ſorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria.
Mais eſtranhezás inda das que digo,
Neſta terra vereis de uſança varia.
Os Naires ſós ſão dados ao perigo
Das armas; ſós defendem da contraria
Banda o ſeu Rei, trazendo ſempre uſada
Na ezquerda a adarga e na direita a eſpada.

40. Bramenes ſão os ſeus religioſos,
Nome antigo e de grande preminencia;
Obſervão os preceitos tão famoſos
De hum que primeiro pôs nome á ſciencia.

38 1 q̃ .aram || 2 nam *A* .dẽ || 3 .ram || 4 atc || 5 *A* .ção
39 2 Nam || 5 sos sam || 6 sos || 8 der. (v. 1 76)
40 1 sam || 3 .eruão tam || 4 Dhum (v. *R Ph* em «Elisão») pos aa ciencia (v. v 17)

38 7. por ventura] corresponde ao «por desastre» do texto de Barros transcripto no com. á est. seguinte.

39 5-8. não fazião os ludeus em seu tempo tanta purificação quando se tocauão com hum Samaritano, quanta elles fazem, se por desastre algum deste pouo lhe toca» (Barros 1 9, 3).

5-8. V. o texto de Cast. no com. a VII 37.

40 3-4. os preceitos] são explicados nos versos 5.º e 6.º.

hum que — é Pythagoras (do VI secc. a. Chr.), que, segundo a tra-

Não matão couſa viva, e temeroſos
Das carnes tem grandiſſima abſtinencia;
Sòmente no venereo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

41. Gerais ſão as molheres, mas ſòmente
Pera os da gèração de ſeus maridos
—Ditoſa condição, ditoſa gente,
Que não ſão de ciumes offendidos!—
Eſtes e outros coſtumes variamente
São pelos Malabares admittidos.
A terra he groſſa em trato em tudo aquillo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.»

42. Aſſi contava o Mouro. Mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda d'eſta gente eſtranha, quando
O Rei ſaber mandava da verdade.
Já vinhão pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo ſexo e idade,

‖ 5 Nam .atão ‖ 7 Som.
41 1 sam som. ‖ 2 ger. (v. 1 64) ‖ 3 .içam
‖ 4 nam sam ‖ 6 Sam .itidos ‖ 7 *A* .ilo
42 5 .inham

dição, foi quem deu á «sabedoria» o nome mais modesto de «philosophia» ou «amor da sabedoria»: *Pitagora, che primo umilemente | Filosofia chiamò per nome degno* (Petr. *Tri. della Fama* III; FS). Barros fallando dos Baneanes escreve: «gente tão religiosa na secta de Pythagoras, que ate immundicia que cria em si não matam nem comem cousa viva» (1 4, 6).

7-8. V. o texto de Barros no com. á est. seguinte.

41 1-4. «..despois que hũa molher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos.. pode dar entrada em sua casa a quantos Naires quiser, e tambem aos Brammanes que são os seus religiosos..» (Barros 1 9, 3). gèração] = casta.

8. que as ondas podem dar] = que pode vir por mar.

42 5-8. V. a est. 44, 1-4.

Os principaes, que o Rei buſcar mandára
O Capitão da armada que chegára.

43. Mas elle, que do Rei já tem licença
Pera deſembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueſes, ſem detença
Parte, de ricos panos adornado.
Das côres a fermoſa differença
A viſta alegra ao povo alvoroçado.
O remo compaſſado fere frio.
Agora o mar, deſpois o freſco rio.

44. Na praia hum regedor do Reino eſtava,
Que na ſua lingoa «Catual» ſe chama,
Rodeado de Naires, que eſperava
Com deſuſada feſta o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava,
E num portatil leito hũa rica cama

‖ 7 *A* . âra *B* . àra ‖ 8 *A* âra.
43 5 cor. difer. (v. IV 12)

43 «Estando neste porto [de Pandarane] derãlhe hum recado do Catual de Calicut, que he como corregedor da corte.. que podia desembarcar quando quisesse.. ao outro dia que foi segunda feyra vinte oyto de Mayo embarcouse Vasco da gama com os doze que digo todos atauiados ho melhor que poderão: e os bateis.. com trombetas, que sempre forão toeando ate se chegar a terra onde ho Catual ho estaua esperando acompanhado de duzentos Naires..» (Cast. I 16).

7. frio] pertence para «remo»; equivale a «devagar» (*sin prisa*, como diz FS). Alguns, menos acertadamente, fazem-no pertencer para «mar» (*Vom kalten Meer* na tradução de Storck).

44 «Desembarcado Vasco da gama, foi recebido do Catual com muyto prazer.. e despois de recebido foy tomado em hum andor que lhe mandaua el rey de Calicut pera ir nele. Cada andor destes quando ha de seruir he leuado por quatro homens. aos hombros..» (Cast. I 16).

5. nos braços o levava] como em II 101, 2.

6. portatil leito] = palanquim (o «andor» de Cast.).

Lhe offerece, em que vá — coſtume uſado —,
Que nos hombros dos homens he levado.

45. D'eſta arte o Malabar, d'eſta arte o Luſo
Caminhão lá pera onde o Rei o eſpera;
Os outros Portugueſes vão ao uſo
Que infantaria ſegue, eſquadra fera.
O povo que concorre, vai confuſo
De ver a gente eſtranha, e bem quiſera
Perguntar, mas no tempo já paſſado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

46. O Gama e o Catual hião fallando
Nas couſas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entre elles vai interpretando,
As palavras que de ambos entendia.
Aſſi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica ſe erguia

44 7 .eçe va (sem parenth.) || 8 .mẽs
45 1 destar. || 2 .inhão la || 3 vão || 4 *A* segue || 5 .ay
46 1 .ião || 3 entrelles (v. *R Ph* em «Elisão») .ay

45 «Tomado Vasco da gama neste andor, partiose com ho Catual que ya em outro.., e os nossos yão a pé.. e a cada passo lhe sayão milhares de gente..» (Cast. I 16).

1. D'esta arte.. d'esta arte] i. é, «em portatil leito».

3-4. vão ao uso | Que infantaria segue] = vão a pé. esquadra fera] é apposto a «Portugueses».

7-8. V. IV 64, 1-2.

46 Cam., simplificando a narrativa de Castanheda, representa V. da Gama desembarcando, não em Pandarane para d'ahi ir a Calecut, senão no proprio porto de Calecut, atravessando assim immediatamente a cidade.

«Deste lugar que digo leuou ho Catual Vasco da gama a hum pagode dos seus idolos, dizendolhe que era hũa igreja de muyta deuação.. a igreja era do tamanho dum grande mosteiro laurada toda de cantaria..» (Cast. I 15); v. tambem o texto transcripto no com. a VII 49.

4. = as palavras de ambos, que elle entendia; cf. VII 26, 3-4.

De hum ſumptuoſo templo, já chegavão,
Pelas portas do qual juntos entravão.

47. Ali eſtão das deidades as figuras
Eſculpidas em pao e em pedra fria,
Varios de geſtos, varios de pinturas,
A ſegundo o Demonio lhe fingia.
Vem-ſe as abominaveis eſculpturas,
Qual a Chiméra em membros ſe varia;
Os Chriſtãos olhos, a ver Deos uſados
Em forma humana, eſtão maravilhados.

48. Hum na cabeça cornos eſculpidos,
Qual Jupiter Ammon em Libya eſtava;

‖ 7 . aução ‖ 8 . aução
47 1 . tam ‖ 5 . eulturas (esculptura: vi 10) ‖ 6 *A* . mêra ‖ 8 . tam
48 2 Amon Lybi.

47 «E indo por esta igreja virão muytas imagens pintadas pelas paredes, e delas tinhão tamanhos dentes que lhe sayão fora da boca hũa polegada, e outras tinhão quatro braços e erão feas de rosto que parecião diabos» (Cast. I 16).

3. Varios.. varios] referido a «deoses», que o Poeta tinha na mente depois de haver dito «deidades» no 1.º verso.

4. fingia] = inventava.

5. Vem-se] V. *R Ph* em «ver».

6. a Chimera] era um monstro cuja parte anterior do corpo era de leão, a central de cabra, e a posterior de dragão (Hyg. *Fab.* 57).
se varía] = se mostra vária.

7. usados] = acostumados.

48 1-2. No 1.º verso subentende-se «tinha» do 3.º verso.

Ammon, primitivamente divindade local de Thebas do Egypto, subiu a primeiro dos deoses egypcios; com o nome de Ζεὺς Ἄμμων, *Juppiter Ammon* (*Hammon*) recebeu culto na Grecia e em Roma. Tinha um templo muito celebre ao occidente do Egypto, na oasis Silva: *Ventum erat ad templum, Libycis quod gentibus unum | inculti Garamantes habent; stat sortifer istic | Juppiter, ut memorant, sed non aut fulmina vibrans | aut similis nostro, sed tortis cornibus Hammon* (Lucano IX 511-514); *..quamvis Aethiopum populis Arabumque beatis | gentibus atque Indis unus sit Juppiter Hammon* (id. IX 517-518); *..unde recurvis | nunc quoque formatus Libys est cum cornibus Ammon* (Ov. *Met.* V 327-328).

Outro num corpo roſtos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano ſe pintava;
Outro com muitos braços divididos
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra
Qual Anubis Memphitico ſe adora.

49. Aqui feita do barbaro gentio
A ſuperſticioſa adoração,
Direitos vão ſem outro algum deſvio
Pera onde eſtava o Rei do povo vão.
Engroſſando-se vai da gente o fio
Cos que vem ver o eſtranho Capitão;
Eſtão pelos telhados e janellas
Velhos e moços, donas e donzellas.

50. Já chegão perto, e não com paſſos lentos,

‖ 6 *B* . iareu (? ou: . iaren) . eçe ‖ 7 Can. fo. ‖ 8 Menñ.
49 3 vão ‖ 4 vão ‖ 5 *A* . ay
50 1 . gão não passos (sem «com»; a ed. de 1597 foi a primeira que inseriu «com»; mas já B. Caldera traduzira: *y no con passos lentos*)

3-4. Jano, antiga divindade latina, era ordinariamente representado com dois rostos (*Janus bifrons*, Verg. *En.* VII 180).

5-6. Briareu era um gigante de cem braços (*centumgeminus Briareus*, Verg. *En.* VI 287); por outro nome se chamava Egeon (v. V 51).

7-8. Anubis era uma divindade egypcia que acompanhava os mortos para as regiões infernaes; representava-se com cabeça de chacal (o *Canis aureus* Briss.) (*latrator Anubis*, Verg. *En.* VIII 698). Memphitico] = de Memphis (v. IV 62), está no sentido geral de «Egypcio».

49 «E o Catual e os seus como forão diante da capela deitarãse no chão de bruços com as mãos por diante, e isto tres vezes, e despois levantarãse e fizerão oração em pé» (Cast. I 16); «D'aqui proseguirão seu caminho ate chegarem a Calecut a cuja entrada levarã Vasco da gama e os nossos a outro tal pagode como este» (id. I 17).

1. do barbaro gentio] é o agente da passiva.

4. vão] por andar enganado pelas abusões gentilicas.

50 «. . e coisto chegou aos paços del rey com mais de hũa

Dos jardins odoriferos fermoſos,
Que em ſi eſcondem os regios apouſentos,
Altos de torres não, mas ſumptuoſos.
Edificão-ſe os nobres ſeus aſſentos
Por entre os arvoredos deleitoſos:
Aſſi vivem os Reis d'aquella gente
No campo e na cidade juntamente.

51. Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras moſtrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade.
Afiguradas vão com tal viveza
As hiſtorias d'aquella antiga idade,
Que quem d'ellas tiver noticia inteira,
Pela ſombra conhece a verdadeira.

‖ 4 não ‖ 5 . icão
51 2 . ultade (a corr. é já antiga) ‖ 5 Affi. (v. II 11) vão ‖ 8 . eçe

ora de sol. Os paços.. erã muito grandes, e parecia ser hum fermoso edificio polos muytos aruoredos que parecião perante as casas, e estes crão de muytos e fermosos jardins que auia dentro» (Cast. I 17).

1. e não com passos lentos] dá a entender a longura do caminho.

4. mas] subentende-se: apesar d'isto (de não serem altos de torres).

5. Edificão-se] = estão edificados.

7-8. Assi] tem, como *ita*, sentido conclusivo (equivalendo a: assim que, d'este modo [i. é, tendo os paços no meio de arvoredos]); por isso não ha-de pôr-se virgula, como, entre outros, faz A. Coelho, depois de «gente». (Storck traduz acertadamente: *So führt der Volksbeherrscher, rings umgeben | Von Ländlichkeit, zugleich ein Städterleben*). Quanto ao pensamento, cf.: *usque ad eum* [Epicuro] *moris non fuerat in oppidis habitari rura* (Plin. *N. H.* XIX § 51).

51 1. sutileza] = talento (artistico). Tambem *subtilitas* tem o sentido de «talento»: *Aristoteles vir immensae subtilitatis* (Plin. *N. H.* XVIII § 335).

2. Dedalea] Diz-se *Daedalĕus* e *Daedalēus*. Dédalo, personagem mythologica, era celebre como esculptor e architecto.

8. sombra] = representação esculptural. conhece] = reconhece.

a verdadeira] sc. historia, i. é, a historia que vem nos monumentos litterarios.

Superfluo será observar que as estancias 52 a 56 contêm sòmente uma ficção poetica.

52. Eſtava hum grande exercito que piſa
A terra Oriental que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capitão de fronte liſa,
Que com frondentes thyrſos pelejava;
Por elle edificada eſtava Nyſa
Nas ribeiras do rio que manava,
Tão proprio, que ſe ali eſtiver Semele,
Dirá por certo que he ſeu filho aquelle.

53. Mais avante bebendo ſeca o rio
Mui grande multidão da Aſſyria gente
Sujeita a feminino ſenhorio
De hũa tão bella como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio
Eſculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!.

D'aqui mais apartadas tremolavão

52 2 Id. ‖ 3 .itam ‖ 4 Tir. ‖ 5 Ni. ‖ 7 .melle ‖ 8 *A* .irâ *B* .irà
53 2 .idão Assir. ‖ 4 tam
54 1 .auão

52 1-4. Falla-se da expedição militar de Baccho ás Indias, v. I 30-32. de fronte lisa] V. o com. a II 10. O «thyrso», ou vara enfeitada de folhas de hera e parras, era insignia de Baccho: *gravi metuende thyrso* (Hor. *Od.* II 19, 8).

5-6. V. o com. a I 31.

7-8. Tão proprio] (pertence para «capitão») = tão parecido. Sobre Sémele, mãe de Baccho, v. o com. a I 73. A'cerca da accentuação, v. *R Ph* em «Taprobana».

53 A est. falla de Semiramis, já nomeada em III 100.

5-8. «*equum adamatum a Samiramide usque in coitum Juba auctor est*» (Plin. *N. H.* VIII § 155; FS) «*Ad postremum cum concubitum filii petisset* [Semiramis], *ab eodem interfecta est*» (Just. I 2). «*A quien su corazon la gran guerrera | Semiramis dará salvo al ardiente | Cavallo de armas que ella conociera* (Sá de Mir., ecl. *Andrés*, cit. por FS). feroz] = fogoso: *ferox*.

54 A est. falla de Alexandre Magno.

1. «tremolar», e não «tremular», é a fórma classica.

As bandeiras de Grecia glorioſas
—Terceira Monarchia—e ſojugavão
Até as agoas Gangeticas undoſas;
De hum capitão mancebo ſe guiavão,
De palmas rodeado valeroſas;
Que já não de Philippo, mas ſem falta
De progenie de Jupiter ſe exalta.

55. Os Portugueſes vendo eſtas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
«Tempo cedo virá, que outras victorias
Eſtas, que agora olhais, abaterão;
Aqui ſe eſcreverão novas hiſtorias
Por gentes eſtrangeiras que virão,

‖ 3 sem parenth. . auão ‖ 4 Ate ‖ 5 Dum (v. *R Ph* em «Elisão») . itão . auão ‖ 7 não Filipo

55 2 . itão ‖ 3 . irà ‖ 4 . crão ‖ 5 *B* nonas ‖ 6 . irão

3-4. V. o com. a I 3, 3-4. Terceira Monarchia] V. o com. a I 24, 8. sojugavão] está intransitivamente. Até as agoas] V. *R Ph* em «até». Nomeando o Ganges, Cam. só quer dizer que Alexandre chegou á região banhada, ao oriente, pelo Ganges (v. VII 17-19).

5-6. hum capitão mancebo] Alexandre, quando falleceu, em Maio de 323, contava só 32 annos de idade. valerosas] que são recompensa do valor; FS entende que o Poeta se refere ao que diz nas redondilhas «Querendo escrever..»: Da palma se escreve e canta | Ser tão dura e tão forçosa, | Que peso não a quebranta;..».

7-8. Alexandre, filho de Filippe, quis passar por filho de Jupiter Ammon (Just. XI 11). Visitou na Africa (v. VII 48) o santuario d'esta divindade no anno de 331.

sem falta]=com toda a certeza, infallivelmente (cf. «Pronosticos sem falta verdadeiros», J. Fr. Barreto *En. Port.* x 24; «Deves de ser sem falta algum pirata, *Lisb. edif.* III 51), pertence para «de progenie [=de ser progenie] de Jupiter».

55 1. Sobre a collocação de «Os Portuguezes» v. o com. a I 86, 6. (Custa a crer que haja quem pense, como o autor da ed. do Porto de 1870, que a falla começa em «Os Portugueses», e ponha o 2.º verso entre parentheses).

4. abaterão] com outra metaphora: eclipsarão.

5-6. Sobre a syntaxe v. o com. a I 52.

Que os noſſos ſabios magos o alcançárão,
Quando o tempo futuro eſpeculárão.

56. E diz-lhe mais a magica ſciencia,
Que pera ſe evitar força tamanha
Não valerá dos homens reſiſtencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha;
Mas tambem diz, que a bellica excellencia,
Nas armas e na paz, da gente eſtranha
Será tal, que ſerá no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido».

57. Aſſi fallando entravão já na ſala
Onde aquelle potente Emperador
Nũa camilha jaz, que não ſe iguala

|| 7 *A* . ârão *B* . àrão || 8 *A* . ârão *B* . àrão
56 3 *A* . erâ *B* . erà . mẽs || 4 não || 7 . era . cra
57 3 nam igoa. (v. IV 37)

7-8. O nome de «magos», dado primitivamente aos sacerdotes dos Medos e Persas, passou a designar em geral os que procuravam ter por meios sobrenaturaes o conhecimento das cousas ou operar actos miraculosos.

56 1. lhe] refere-se aos Magos.

7-8. ouvido.. por gloria] «por» = como; cf. «ouvido por espanto» (IV 53). «gloria» como em IV 64, 4. gloria do vencido] = gloria para o vencido. Cf. «..quão grande gloria | He de tal vencedor o ser vencido» (Cam., epist. «Como nos vossos hombros..»). O pensamento é, na essencia, o mesmo que se contêm neste lugar da *Eneida: Hoc tamen infelix miseram solabere mortem:* | *Aeneae magni dextra cadis* (X 829-830). Bonaretti traduz: *Che sarà gloria al vinto il vincitore* (pag. 221). O Dr. J. M. Rodrigues (*O Instituto*, 1907) diz que o Poeta escrevêra «sem gloria»!

57 «E chegando á derradeira porta que era da casa onde el rey estaua, sayo de dentro hum homem velho.. que era ho bramene mór del rey, e abraçou Vasco da gama, e leuouho dentro com os seus.. Deste terceiro patio entrarão na casa onde el rey estaua.. El rey.. estaua lançado em hum catele cuberto de hum pano branco de seda e douro. Tinha na cabeça hũa carapuça de veludo.. cuberta de pedraria e perlas..: tinha vestido hum baju branco, de pano dalgodão finissimo, com botões de perlas muyto grossas e as casas de fio douro..» (Cast. I 17). V. tambem os textos de Barros transcriptos nos com. ás est. 58 e 59.

De outra algũa no preço e no lavor.
No recoſtado geſto ſe aſſinala
Hum venerando e proſpero ſenhor;
Hum pano de ouro cinge, e na cabeça
De precioſas gemmas ſe adereça.

58. Bem junto d'elle hum velho reverente
Cos giolhos no chão de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a ſeu coſtume eſtava ruminando.
Hum Bramene, peſſoa preminente,
Pera o Gama vem com paſſo brando
Pera que ao grande Principe o apreſente,
Que diante lhe acena que ſe aſſente.

59. Sentado o Gama junto ao rico leito,

‖ 8 gemas (v. *R Ph* em «immigo»)
58 2 chão

4. de outra] é agente da passiva; v. o com. a 1 52.

5. recostado] está poeticamente attribuido ao «gesto» do imperador, em vez de estar attribuido ao imperador.

8. gemma] é o latim *gemma*, pedra preciosa.

58 «..E a hũa ilharga deste leito em que jazia com a cabeça posta sobre hũa almofada, estaua hum homem que parecia em trajo e officio dos maes principaes da terra: o qual tinha na mão hum prato douro com folhas de betelle que elles vsão remoer por lhe confortar o estomago» (Barros 1 4, 8). «De junto do qual [Samorim] se aleuantou hum homem de grande idade, que era o seu Brammane maior.. e chegado ao meio da casa tomou Vasco da Gamma pela mão e o foy apresentar ao Çamorij [no texto: Camorij]» (id. ibd.). «..e el rey lhe acenou logo que se fosse perto delle, e mandouho assentar naqueles assentos que disse..» (Cast. 1 17).

3. da erva ardente] i. é, do betel (*Areca catechu* L).

6. FS entende, com razão, que a frouxidão do verso é intencional, para produzir onomatopeia.

59 «O Çamori [no texto: Cam.] tinha tamanha magestade e assi estaua graue naquelle seu eatel: que nam fez maes movimento pera elle quando lhe falou que levantar a eabeça dalmofada, e de si aeenou ao Brammane que o fizesse assentar em huns degraos do estrado em que tinha o eatel, e aos de sua companhia em outra parte hum pedaço afastados (Bar-

Os ſeus mais afaſtados, prompto em viſta
Eſtava o Samorí no trajo e geito
Da gente nunca de antes d'elle viſta.
Lançando a grave voz do ſabio peito,
Que grande autoridade logo aquiſta
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe falla d'eſte modo:

60. «Hum grande Rei de lá das partes onde
O ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz ſolar co a terra eſconde,
Tingindo a que deixou, de eſcura noda,
Ouvindo do rumor que lá reſponde

59 6 author. (autor.: x 112) ‖ 7 . não
60 1 la ‖ 5 la.

60 2 caelique volubilis (Lucano, VI 447).

ros 1 4, 8). «E depois que per hum espaço grande esteue notando as pessoas, trajos e actos delles..» (id. ibd.).

2-3. prompto em vista.. no trajo e geito] = olhando attentamente para o trajo e geito; cf.: «todolos que estauam promptos na vista delles» (Barros 1 4, 2).
geito] corresponde aos «actos» do texto de Barros.

7. G. de Amorim, com outros, supprime indevidamente a conjuncção «e»; com ella o verso não fica mais duro que est'outros: Da Juliana *má e* desleal manha (IV 49, 8); Governa*rá e* fa*rá o* ditoso Henrique (X 54, 7); A*ssi o* quis o conselho alto celeste (III 73, 7); A*qui a* fera batalha se encruece (IV 42, 1); A*qui a* fugace lebre se levanta (IX 63, 5); Se*rá ali a*rrebatado e ao ceo subido (X 70, 4); Quei*mou o* sagrado templo de Diana (II 113, 1); Não ma*tou a* quarta parte o forte Mario (III 116, 1).

Nas est. 60-63, Cam. diz o substancial do que se lê em Castanheda, 1 17. (Segundo Barros [1 4, 1], nesta audiencia o Samorim só fallou «em palauras geraes com Vasco da Gamma», e disse-lhe que depois o ouviria com mais vagar, o que fez em segunda audiencia.

60 1-4. Quer dizer: um grande rei do occidente; mas a expressão ha-de confessar-se que está assaz torcida. «esconde da terra a luz solar» equivale a: «occulta ao hemispherio oriental a luz do sol; «co a terra», i. é, por meio do hemispherio occidental, que ficando interposto entre o sol e o hemispherio oriental, recebe então a luz do sol; «a [terra] que deixou», i. é, o hemispherio oriental.

5-6. rumor] por: fama (como tambem ás vezes *rumor*). «ouvir de», como *audire ex aliquo*.
responde] Tambem *respondere* se

*

O echo, como em ti da India toda
O principado eſtá e a mageſtade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

61. E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer ſaber, que tudo aquillo
Que ſobre o mar, que ſobre as terras anda,
De riquezas de lá do Tejo ao Nilo
E deſd'a fria plaga de Gelanda
Até bem donde o Sol não muda o eſtilo
Nos dias, ſobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no ſeu Reino em grande copia.

62. E ſe queres com pactos e lianças
De paz e amizade ſacra e nua
Commercio conſentir das abundanças
Das fazendas da terra ſua e tua,
Porque creção as rendas e abaſtanças,

‖ 6 eco ‖ 7 *A* . tâ *B* . tà ‖ 8 cont. (v. 1 57).
61 1 . cos (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 4 *A* lâ *B* là ‖ 6 Ate nam
62 3 Comerço (v. *R Ph* em «immigo»)

usa fallando-se do echo: *flebile nescio quid queritur lyra* [a lyra de Orpheu, no rio Hebro].. | *respondent flebile ripae* (Ov. *Met.* XI 52-53).

61 1. rodeios] em sentido proprio e local. manda] absolutamente, por: manda uma embaixada.

5. Gelanda = Zeelandia, provincia da Hollanda occidental. A fórma «Gelanda» é tambem do castelhano antigo, v. *Suma de Geogr.* de M. Fern. de Enciso, fol. 27 *v.*

6-7. donde [=onde] o Sol não muda o estilo | Nos dias] i. é, o equador, onde o sol está acima do horizonte sempre o mesmo numero de horas, onde os dias são sempre iguaes ás noites; cf.: *Era ne la stagion che 'l ghiaccio perde | Da le viole, e 'l sol cangiando stile | La faccia oscura a le campagne ha tolta* (Bembo, *Asolani* III; FS); *Come Fortuna va cangiando stile!* (Petr., *Tri. della Morte;* FS).

7-8. A rima d'estas mesmas palavras occorre em IV 101, 7-8.

62 2. nua] = sincera.

5. abastanças] equivale aqui a: riqueza monetaria; cf. X 93.

Por quem a gente mais trabalha e ſua,
De voſſos Reinos, ſerá certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

63. E ſendo aſſi, que o nó d'eſta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Eſtará prompto a toda adverſidade
Que por guerra a teu Reino ſe offereça,
Com gente, armas e naos, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti ſobre iſto poſta
Me dês a mi certiſſima repoſta».

64. Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio reſpondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota grão gloria recebia;
Mas neſte caſo a ultima tenção
Com os de ſeu conſelho tomaria,
Informando-ſe certo de quem era
O Rei e a gente e terra que diſſera;

65. E que em tanto podia do trabalho

|| 7 . cra

63 1 nô || 2 vos || 3 . ara || 6 yrmão || 7 sobris. (sobre isto: VIII 60) || 8 des my

64 1 *A* embax. || 3 *A* embax. (embaix.: VI 49) || 4 tam gram || 5 . çam

65 1 *B* (sem «E», por lhe não ter chegado a tinta)

63 1. sendo assi, que]=caso que; «ser» está na accepção de «acontecer».

3. prompto a toda a adversidade]=prompto a acudir em toda a adversidade.

5-6. de qualidade | Que]=de modo que.

64 «El rey mostrou que folgaua com a embaixada, e assi ho disse a Vasco da gama» (Cast. I 17).

5. tenção]=resolução.

65 «..por ser já muyto noyte lhe disse que se recolhesse.. e

Paſſado hir repouſar, e em tempo breve
Daria a ſeu deſpacho hum juſto talho,
Com que a ſeu Rei repoſta alegre leve.
Já niſto puńha a noite o uſado atalho
A's humanas canſeiras, porque ceve
De doce ſomno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

66. Agaſalhados forão juntamente
O Gama e Portugueſes no apouſento
Do nobre Regedor da Indica gente
Com feſtas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente,
De ſeu Rei tinha já por regimento
Saber da gente eſtranha, d'onde vinha,
Que coſtumes, que lei, que terra tinha.

67. Tanto que os igneos carros do fermoſo
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, deſejoſo
De poder-ſe informar da gente nova.
Já lhe pergunta, prompto e curioſo,
Se tem noticia inteira e certa prova

‖ 2 yr (v. 1 9) ‖ 6 Aas ‖ 7 .çe sono (v. 11 60) ‖ 8 ocup. (occup. IV 4; VII 4)
66 1 foram
67 6 *B* prona

mandou a hum mouro seu feytor que o fosse apousentar e lhe fizesse dar todo ho necessario» (Cast. 1 17). Na *Chron. de D. Manoel* de Dam. de Goes, 1 parte, cap. 41, o Samorim encarrega o Catual de dar pousada a V. da Gama.

1-3. «podia» refere-se a V. da Gama; «daria» ao Samorim; v. o com. a 1 82.

8. ocio]=descanso.

66 3. E' periphrase de: do Catual.

7. da gente estranha] «de»= a respeito de.

8. Que costumes, que lei, que] é tambem a primeira parte de 1 45, 8.

67 1. carros] é plural por singular, como em v 7.

2. Mancebo Delio] V. v 91.

5. prompto] como em III 3.

Dos eſtranhos, quem ſão; que ouvido tinha
Que he gente de ſua patria mui vizinha;

68. Que particularmente ali lhe déſſe
Informação mui larga, pois fazia
Niſſo ſerviço ao Rei, porque ſoubeſſe
O que neſte negocio ſe faria.
Monçaide torna: «Poſto que eu quiſeſſe
Dizer-te d'iſto mais, não ſaberia;
Sòmente ſei que he gente lá de Heſpanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar ſe banha.

69. Tem a lei de hum Propheta que gèrado
Foi ſem fazer na carne detrimento
Da mãi, tal que por baſo eſtá approvado
Do Deos que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
D'elles, he que o valor ſanguinolento

‖ 7 sam ‖ 8 .uy

68 1 des. ‖ 2 .uy ‖ 5 pos. ‖ 6 nam ‖ 7 Som. .ey la

69 1 .cy dum (v. *R Ph* em «Elisão») ger. (v. 1 64) ‖ 3 .ãy *A* .tâ *B* .tà apr.

7. que] é particula causal.

68 1. partieularmente] = deseendo a partieularidades, por miudo.
3. soubesse] sc. o rei.
4. se faria] = havia de fazer-se.
8. onde] está, menos exactamente, por: junto da qual. o meu ninho] = a minha patria (a Berberia; v. VII 24).

69 2-3. da mãi] liga-se a «carne». Allude-se á erença na virgindade da mãe de Christo.
3-4. tal que] vem a querer dizer: de modo que. por baſo está approvado | Do Deos..] é expressão obseura, por niniamente concisa — mas natural na boca de um mahometano de poucas letras —, equivalente a: é reeonhecido eomo obra (= como gerado por obra) do Espirito Santo. «approvar por tal» é a mesma construcção que «julgar por tal» (v. g.: por muito mais eulpado o julgaria, III 143); cf.: Fermosura, que todo esprito aprova | Por maior.. por mais perfeita (Caminha, *Poesias ineditas*, publ. pelo Dr. Priebseh, pag. 156). «baſo» é tradueção litteral de *spiritus*.
6. d'elles] «de» eomo em VII 66, 7; 67, 7.

Das armas no ſeu braço reſplandece,
O que em noſſos paſſados ſe parece.

70. Porque elles com virtude ſobrehumana
Os deitárão dos campos abundoſos
Do rico Tejo e freſco Goadiana
Com feitos memoraveis e famoſos;
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procelloſos,
Nos não querem deixar viver ſeguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

71. Não menos tem moſtrado eſforço e manha
Em quaeſquer outras guerras que aconteção,
Ou das gentes belligeras de Heſpanha,
Ou lá de alguns que do Pyrene deção.
Aſſi que nunca em fim com lança eſtranha
Se tem que por vencidos ſe conheção,
Nem ſe ſabe inda, não — te affirmo e aſſello —,
Pera eſtes Annibais nenhum Marcello.

‖ 7 . eçe ‖ 8 . eçe

70 2 dcita. ‖ 3 *B* rio fresca (o Goadiana: VIII 29; Guadiana.. medroso: IV 28; a corr., nem por todos acceita, é já antiga) ‖ 5 e na (a corr. é já antiga) Affr. (v. *R Ph*) 6 . celosos (procella: VI 71)

71 1 Nam ‖ 2 . cõteção ‖ 3 bcli. (v. I 82) Esp, (v. III 17) ‖ 4 la dalgũs (v. *R Ph* em «Elisão») Pir. . cção ‖ 6 . eção ‖ 7 não (sem parenth.) afir. ‖ 8 Ani.

8. se parcce] como em III 141.

70 1. virtude]=valor (*virtus*).
3. rico] por ser aurifero.
8. cidades e altos muros] é tambem o segundo hemistichio de II 46, 1.

71 1. esforço e manha] Cf. I 75, 6.

4. Não é claro, a quem pretende o Poeta referir-se; segundo FS, falla-se das campanhas de Viriato e Sertorio contra os exercitos mandados de Roma.
6. se tem]=consta; corresponde ao latim *tenet fama*.
8. Cam. refere-se a Marco Claudio Marcello, o conquistador de Syracusa, por quem Hannibal, na

72. E ſe eſta informação não for inteira
Tanto quanto convem, d'elles pretende
Informar-te, que he gente verdadeira,
A quem mais falſidade enoja e offende;
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal que tudo rende,
E folgarás de veres a policia
Portugueſa na paz e na milicia».

73. Já com deſejos o Idolatra ardia
De ver iſto que o Mouro lhe contava;
Manda eſquipar bateis, que hir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem ſeguia
A Naira geração que o mar coalhava;
A' Capitaina ſobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo d'ella.

74. Purpureos ſão os toldos, e as bandeiras
Do rico fio ſão que o bicho gera;
Nellas eſtão pintadas as guerreiras
Obras que o forte braço já fizera;

72 1 sesta (v. *R Ph* em «Elisão») . ação nam || 5 Vay || 7 . aras
73 3 yr (v. 1 9) || 6 geraçam (v. 1 64) || 7 Aa
74 1 sam || 2 sam || 3 . tam

segunda guerra Punica, foi pela primeira vez vencido, em Nola, na Campania. Sobre a accentuação «Annibáis», v. *R Ph* em «Taprobana».

72 6. E' periphrase de «artilharia».

73 A ida do Catual a bordo da não portugueza é ficção poetica.
1. Sobre a accentuação «Idolátra» v. *R Ph* em «Taprobana».
5. Ambos] o Catual e Monçaide, e não o Catual e o Gama, como diz FS.
8. Paulo] a quem V. da Gama dera instrucções sobre o que havia de fazer emquanto elle estivesse ausente (v. Cast. 1 16).

74 4. já]=nos tempos passados (da mesma maneira que em muitos outros passos do Poema).

Batalhas tem campais aventureiras,
Deſafios crueis: pintura fera,
Que tanto que ao Gentio ſe apreſenta,
A tento nella os olhos apacenta.

75. Pelo que vê, pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que ſe aſſente
E que aquelle deleite que tanto ama
A ſeita Epicurea, experimente.
Dos eſpumantes vaſos ſe derrama
O licor que Noé moſtrára á gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a ſeita que ſeguia, lh'o defende.

76. A trombeta, que, em paz, no penſamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co fogo o diabolico inſtrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.

‖ 7 *B* gent.

75 1 ve ‖ 4 ceita (seita: I 57; o erro typ. talvez seja devido a confusão com «Ceita» = Ceuta) *B* . uria esp. (v. IV 95) ‖ 6 Noe *A* . âra *B* . àra aa ‖ 7 nam ‖ 8 ceita

76 4 la

7. Que tanto que.. se apresenta] é construcção como «que.. quando ardêrão» em III 16.

8. nella] pertence para «apacenta», cf.: *in ejus corpore lacerando.. oculos paverit suos* (Cic. *Phil.* XI 3, 8).

75 1. o Gama] é Paulo da Gama.

3-4. Segundo a concepção vulgar, o philosopho grego Epicuro (342-270 a. Chr.) estimava sobremaneira os prazeres dos sentidos.

5. se derrama] = trasborda.

6. Allude-se á tradição consignada no cap. IX do *Genesis*.

7-8. Como observa o Dr. J. M. Rodrigues, os naires, segundo Castanheda (I, 40), não podiam comer no mar. *sectam sequi* é locução frequente em latim.

76 3. o diabolico instrumento] = a artilharia (v. VII 12). cf. *O maledetto, o abbominoso ordigno,* | *Che fabbricato nel tartareo fondo* | *Fosti per man di Belzebù maligno* (*Orl. fur.* IX 91). «instrumento» está em sentido collectivo.

Tudo o Gentio nota; mas o intento
Moſtrava ſempre ter nos ſingulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poeſia ali deſcreve.

77. Alça-ſe em pé, co elle o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano;
Os olhos põe no bellico traſunto
De hum velho branco, aſpeito ſoberano,
Cujo nome não pode ſer defuncto
Em quanto houver no mundo trato humano;
No trajo a Grega uſança eſtá perfeita,
Hum ramo por inſignia na direita.

‖ 6 ternos ‖ 7 . mẽs
77 1 pê os Gamas (v. o com.) ‖ 3 poem (v. 1 86)
‖ 4 asp. venerando (v. o com.) ‖ 5 nam ‖ 6 ouuer (v. 1 74)
‖ 7 *A* . tâ *B* . tà ‖ 8 , der. (v. 1 76)

5. intento] V. o com. a III 126.

8. Segundo Plutarcho (*De gl. Atheniensium* 3), cit. por FS, Simonides dizia que a pintura era uma poesia muda *(poêsim tacentem)* e a poesia uma pintura fallante *(picturam loquentem)*.

77 1. Alça-se em pé] o Catual; v. VII 75, 1-2. Sobre a locução — que tambem é castelhana: *en pie m'alcè* (Garcilaso, ecl. II) — cf. I 36, 5. o Gama] é Paulo da Gama. Vasco da Gama, depois de dar conta da sua embaixada ao Samorim, deixou-se ficar em terra aguardando a resposta do Samorim (v. VII 64-65); só em VIII 95 é que o Poeta o representa voltando para a armada (cf. VIII 79, 82, 84, 93). Barreto Feio foi quem primeiro viu em «os Gamas» erro typographico. junto] é adverbio, =juntamente, como em IV 39, VI 85.

2. Coelho] é o capitão da Berrio. o Mauritano] é Monçaide (v. VIII 1, 8). de outra parte] em symmetria com Paulo da Gama e o Catual.

3. O sujeito de «põe» é o mesmo que o de «Alça-se em pé», e não «o Mauritano», pois que o Catual não era Mauritano, como bem pondera Freire de Carvalho. Algumas edições põem erradamente ponto e virgula depois de «de outra parte», deixando sem pausa o fim do segundo verso.

4. E' evidente que só por distracção Cam. escreveu «venerando», tendo certamente na lembrança o verso de IV 94 «Mas hum velho de aspeito venerando»; v. a *Introducção*. «soberano» é conjectura de FS; a ed. de 1651 traz «sobre humano».

78. Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que cometo inſano e temerario
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario!
Voſſo favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario;
Que ſe não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel ſe alague cedo.

79. Olhai que ha tanto tempo que cantando
O voſſo Tejo e os voſſos Luſitanos
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos damnos,
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace que á morte ſe condena
Nũa mão ſempre a eſpada e noutra a pena;

78 1 mão mas o || 3 vos Nim. || 4 tam || 6 tam || 7 nam ei (v. 1 74)
79 1 .ay || 4 danos (v. 1 93) || 5 esp. (v. IV 95) || 7 *A* à *B* à || 8 mão

78 1-4. Hum ramo na mão tinha] V. VIII 1.

A ed. do Porto de 1870 segue o erro dos que têm «que» por pronome interrogativo (complemento de «cometo») e põem no fim do 4.º verso ponto de interrogação. Em «ó cego eu, que cometo», «que» é pronome relativo, e a oração relativa serve de justificar a qualificação de «cego»; corresponde ao *me caecum, qui haec ante non viderim* de Cicero (*ad. Att.* X 10). «cometo» (=atrevo-me) está intransitivamente e liga-se-lhe «por caminho tão arduo, longo e vario», vindo a construcção a ser, até certo ponto, semelhante á de *audere in praelia* em Vergilio (*En.* II 347).

79 1-2. cantando | O vosso Tejo] Cf. I 4, 3-4.

3-6. Cam. allude aos trabalhos que passou no mar e no serviço militar em Africa e no Oriente; cf. a canção «Vinde cá meu tão certo secretario». exp'rimentando] está interposto entre os dois complementos objectivos.

7-8. Eolo, pae de Cânace e de Macarco, sendo informado das relações incestuosas de Canace com seu irmão, mandou á filha uma espada, intimando-lhe d'este modo, que devia suicidar-se. Na undecima epist. das *Heroides* de Ovidio, Canace é representada escrevendo ao irmão uma carta de despedida, ao mesmo tempo que na mão es-

80. Agora com pobreza avorrecida
Por hoſpicios alheios degradado;
Agora da eſperança já adquirida
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás coſtas eſcapando a vida,
Que de hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi ſalvar-ſe
Que pera o Rei Judaico acrecentar-ſe.

81. E ainda, Nymphas minhas, não baſtava
Que tamanhas miſerias me cercaſſem,
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus verſos me tornaſſem.
A troco dos deſcanſos que eſperava,
Das capellas de louro que me honraſſem,
Trabalhos nunca uſados me inventárão
Com que em tão duro eſtado me deitárão.

80 5 aas ‖ 6 dum (v. *R Ph* em «Elisão») tam ‖ 7 não

81 1 Nim. não ‖ 2 *B* que ‖ 7 *A* inuentâ. *B* enuentâ. ‖ 8 tam *A* deitâ. *B* deità.

querda tem empunhado o ferro com que ia dar cumprimento á intimação do pae: *Dextra tenet calamum, strictum tenet altera ferrum* (cit. por FS). Em Petrarca: *E quella che la penna da man destra,* | *Come dogliosa e disperata scriva,* | *E'l ferro ignudo tien de la sinestra* (*Tri. d'Amore* II; cit. por FS).

80 Cam. refere-se em particular ao naufragio de que falla em X 127-128, e ás consequencias lastimosas d'aquelle desastre (v. tambem o texto de Couto transcripto na *Introducção*).

2. hospicios alheios] equivale a: terras alheias.

3-4. da esperança.. derribado] é o latim *spe dejectus, de spe depulsus.*

5. ás costas] do mar (onde naufragou: [*litora* na traducção de Macedo], e não «ás costas» do poeta, como FS suppôs). escapando] = salvando, como verbo transitivo, cf. IX 78, 6.

8. Ezechias, rei de Judá, estando enfermo e sabendo por Isaias, que ia morrer, obteve com as suas supplicas e lagrimas que Deos lhe outorgasse mais quinze annos de vida (Isaias XXXVIII).

81 Sobre os factos a que o Poeta allude, para nós agora, pouco claramente, v. o com. a X 128.

1-4. não bastava | Que.. Senão que] é maneira de dizer abreviada, por: não bastava que.., se não accrescesse que..

82. Vêde, Nymphas, que engenhos de ſenhores
O voſſo Tejo cria valeroſos,
Que aſſi ſabem prezar com tais favores
A quem os faz cantando glorioſos!
Que exemplos a futuros eſcriptores
Pera eſpertar engenhos curioſos
Pera pôrem as couſas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

83. Pois logo em tantos males he forçado
Que ſó voſſo favor me não falleça,
Principalmente aqui, que ſou chegado
Onde feitos diverſos engrandeça;
Dai-m'o vós ſós, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por liſonja louve algum ſubido,
Sob pena de não ſer agradecido.

84. Nem creais, Nymphas, não, que fama déſſe
A quem ao bem commum e do ſeu Rei
Antepoſer ſeu proprio intereſſe,
Immigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioſo que quiſeſſe
Subir a grandes cargos, cantarei,

82 1 Ve. Nim. || 7 po.
83 2 so || 5 vos sos || 6 *B* quẽ
84 1 Nim. des. || 2 *A* comum *B* camum (v. *R Ph* em «immigo») || 4 imi. . ey || 6 . arey

82 7. Pera pôrem] está subordinado a «Pera espertar».

83 1. Pois logo] é pleonasmo analogo a *itaque ergo* em T. Livio 1 25.

4. Refere-se ao conteudo das est. 2-38 do Canto seguinte.

Para bem aquilatar a hombridade do Poeta manifestada nas est. 83 a 87, v. o que àcerca dos nossos chronistas diz J. Caldas na *Historia de um fogo morto*, pag. XXVII-XXXIII.

84 1. désse] em vez de «dê», por necessidade metrica.

4. Immigo] pertence para «quem».

Só por poder com torpes exercicios
Uſar mais largamente de ſeus vicios;

85. Nenhum que uſe de ſeu poder baſtante
Pera ſervir a ſeu deſejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio.
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honeſto e grave veio,
Por contentar o Rei no officio novo,
A deſpir e roubar o pobre povo;

86. Nem quem acha que he juſto e que he direito,
Guardar-ſe a lei do Rei ſeveramente,

‖ 7 So
86 1 der. (v. 1 76) ‖ 2 Guardase (a corr. é já da ed. de 1584) ley

85 3. errante] está ou no sentido de «que é facil em enganar-se», ou no de «ineonstante» (*mobilium turba Quiritium* em Hor. *Od.* I 1, 7).

4. Proteio] por «Proteo» (VI 20, 36; X 7), por causa da rima. Proteu tinha o dom de transformar-se de mil modos (Verg. *Georg.* IV 440-442, Ov. *Met.* VIII 730-737).

5. Camenas] V. o com. a V 63, 8.

6-8. FS pensa que o Poeta se refere a pessoa certa, que o commentador não nomeia, mas que, segundo diz o auctor de uma nota marginal de um dos exemplares da ed. dos *Lusiadas* de FS, conservado na Bibliotheca Nacional de Lisboa, era o jesuita Luis Gonçalves da Camara, de quem FS falla a pag. 342 do *Epitome de las hist. Port.*, sendo «o Rei no officio novo» D. Sebastião. Eu tenho para mim, que o tom de generalidade que domina as est. 84 a 86 e que tem a sua explicação na espantosa immoralidade dos funecionarios publicos d'aquelle tempo, não autoriza a conjectura de FS. No com. a IX 26 diz elle, que em VII 85 «*por el habito dá a conocer um valido de aquel tempo, que era Religioso*», e Macedo traduz «Quem com habito honesto e grave» por *qui veste obtectus honesta;* mas parece-me antes, que «habito honesto e grave» se refere ao aspecto exterior (*habitus*), á gravidade da presença. contentar]=agradar a.

no officio novo] é mais natural que deva interpretar-se: novo (=noviço) no officio; mas é tambem possivel que «novo» pertença para «officio», e que haja de entender-se; no officio em que ha pouco entrou (*ut placeat regi qui nuper sceptra recepit*, na versão de Macedo). FS é de parecer que «novo no officio» pode referir-se ao mesmo tempo ao rei e ao ministro.

E não acha que he juſto e bom reſpeito,
Que ſe pague o ſuor da ſervil gente;
Nem quem ſempre, com pouco experto peito,
Razões aprende — e cuida que he prudente —
Pera taxar com mão rapace e eſcaſſa
Os trabalhos alheios que não paſſa.

87. Aquelles ſós direi, que aventurárão
Por ſeu Deos, por ſeu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilatárão,
Tão bem de ſuas obras merecida.
Apollo e as Muſas que me acompanhárão,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento deſcanſado
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

‖ 6 (sem parentheses) ‖ 7 mão ‖ 8 nam
87 1 sos . ey auenturâ. ‖ 3 *A* dilatâ. *B* dilatà- ‖ 4 Tambem (a corr. é já antiga) ‖ 5 . olo . acompanha- ‖ 6 . braram

86 5. experto peito] é tambem o final de IV 94, 8.
6. prudente] = intelligente; cf. «prudencia» em X 83, 3.
8. que não passa] e por isso não sabe avaliá-los.

87 1. direi] = cantarei, como *dicere* v. g. em Hor. *Od.* I 6, 5.
3. Quanto ao pensamento, cf. VI 83, 7. Onde] = com o que, i. é, com aventurar a vida.
6. furia] como em I 5, 1.
7-8. Acode á lembrança o lugar de Phedro: *animum relaxes, otium des corpori | ut adsuetam fortius praestes vicem* (III).

CANTO OITAVO

1. Na primeira figura ſe detinha
O Catual, que vira eſtar pintada,
Que por diviſa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
Quem era e por que cauſa lhe convinha
A diviſa que tem na mão tomada?
Paulo reſponde, cuja voz diſcreta
O Mauritano ſabio lhe interpreta.

2. «Eſtas figuras todas que aparecem,
Bravos em viſta e feros nos aſpeitos,
Mais bravos e mais feros ſe conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos.
Antigos ſão, mas inda reſplandecem

octavo (oitava: v 86)
1 3 mão || 5 *B* quem || 6 mão || 8 *B* .ilano
2 5 sam

(«octavo» — que tambem se lê em Barros II 7, 9 — é graphia latina, que não corresponde á pronunciá viva; de igual modo «doctrina» em IX 27).

1 5-6. Quem era] subentende-se «perguntou», ideia suggerida ao leitor pelo verbo «responde» do 7.º verso. convinha] = era apropriada. Em «tomada», que pertence para «divisa», ha um tanto de pleonasmo.

8. O Mauritano sabio] Monçaide; v. VII 46.

2 1-2. Os adjectivos masculinos «bravos» e «feros» estão, por synese, referidos a «figuras», sendo que ao dizer «estas figu-

Co nome entre os engenhos mais perfeitos.
Eſte que vês, he Luſo, d'onde a fama
O noſſo Reino «Lusitania» chama.

3. Foi filho e companheiro do Thebano
Que tão diverſas partes conquiſtou;
Parece vindo ter ao ninho Hiſpano
Seguindo as armas que contino uſou;
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elyſio, tanto o contentou,
Que ali quis dar aos já canſados oſſos
Eterna ſepultura, e nome aos noſſos.

4. O ramo que lhe vês pera diviſa,
O verde thyrſo foi, de Baccho uſado,
O qual á noſſa idade amoſtra e aviſa
Que foi ſeu companheiro e filho amado.

‖ 7 ves ‖ 8 *A* .tana

3 1 .oy ‖ 2 tam ‖ 5 Dou. Guad. (sem «e»; a corr. é já antiga) ‖ 6 Elis.

4 1 ves ‖ 2 Tyr. *B* .oy Baco ‖ 3 aa

ras», Cam. tinha na mente «os barões aqui figurados». feros nos aspeitos] Cf. *ferociamque animi.. in voltu retinens* (Sall. *Cat.* 61); v. o com. a I 12.

7-8. d'onde]=de quem, como *unde* em: *qui eum necasset unde ipse natus esset* (Cic. *p. Rosc. Am.* 26); liga-se a «chama». V. III 21, 5-8.

3 1-2. V. o com. a III 21, 5-8. diversas] como em I 51, 4.

4. seguindo as armas] equivale a: tendo por fim uma expedição militar: cf.: *otium ac tranquillitatem vitae secuti sunt* (Cic. *p. Mur.* 27).

6. Já] como em III 44, 8. O «campo Elysio» ou simplesmente «Elysio» *(Elysium)* era a mansão dos bem-aventurados, de ordinario collocada nas «Ilhas Fortunadas». A identificação do campo Elysio com a Lusitania provêm certamente da semelhança de som entre «Elysio» e «Lysa»; v. III 21. contentou] como em VII 85, 7.

7-8. Cam. tinha na mente o principio do livro VII da *Eneida: Tu quoque litoribus nostris, Aeneia nutrix, | aeternum moriens famam, Cajeta, dedisti; | et nunc servat honos sedem tuus ossaque nomem | Hesperia in magna, si qua est ea gloria, signat.*

4 2. thyrso] V. VII 52, 4.

Vês outro que do Tejo a terra piſa,
Deſpois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica
E templo a Pallas, que em memoria fica:

5. Ulíſſes he, o que ſaz a ſancta caſa
A' Deoſa que lhe dá lingoa facunda,
Que ſe lá na Aſia Troia inſigne abraſa,
Cá na Europa Liſboa ingente funda».
"Quem ſerá eſt'outro cá, que o campo arraſa
De mortos, com preſença furibunda,
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas?".

‖ 5 Ves ‖ 6 tam ‖ 7 *A* cdeſ. ‖ 8 Palas
5 2 Aa *A* dâ *B* dà ‖ 3 *A* lâ ‖ 4 Ca ‖ 5 sera ca ‖ 8 Agueas

5-8. A. de Rèsende diz no *Vincentius:* [Ulisses tendo entrado na foz do Tejo] *condit sibi moenia parva | colle super templumque tibi Tritonia virgo | .. urbemque suo de nomine primum | finxit Odysseiam;* e na nota 36 escreve: *Ab Olysse conditam Olisiponem auctor est Solinus et Strabo.* De igual modo attribue a Ulisses a fundação de Lisboa e a consagração de um templo a Minerva (a *Tritonia Virgo* de Rèsende) Nic. C. do Amaral na *Cronologia,* publ. em 1554, allegando tambem Estrabão e Solino: *ut Strabo ac Solinus rei auctores sunt.* Effectivamente Solino escreve: *ibi* [na Lusitania] *oppidum Olisipone Ulixi conditum.* (Foi de Solino que transcreveram esta lenda Marc. Capella e o auctor das *Origines*—uma das grandes fontes do saber medieval—, S. Isidoro, que diz: *Ulyssipona ab Ulysse condita est* [xv 2]). Com respeito porêm a Estrabão ha equivoco. Este geographo, cneostando-se á autoridade de Posidonio, Artemidoro e Asclepíades, falla de uma cidade por nome «Odysseia» ('Οδύσσεια) e do templo de Athena, que havia nella, e diz que, segundo Asclepiades, se conservavam neste templo memorias das navegações de Ulisses; mas colloca a cidade na Turdetania, na moderna Granada.

5 1. sancta casa] é traducção litteral de *aedes sacra,* = templo.

2. Cf. «Com estilo que Pallas lhe ensinava (II 78); v. tambem II 45.

7. batalhas]—corpos de tropa, exercitos (em ordem de batalha); é o antecedente do relativo do verso seguinte.

8. Uma aguia de metal foi—de Mario em diante—a insignia principal da legião romana; v. Rich, *Dict. des antiq.,* em *aquila.* Cam. suppõe que erão pintadas nos estandartes.

6. Aſſi o Gentio diz; reſponde o Gama:
«Eſte que vês, paſtor já foi de gado;
Viriato ſabemos que ſe chama;
Deſtro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado:
Não tem co elle, não, nem ter podérão
O primor que com Pyrrho já tiverão.

7. Com força não, com manha vergonhoſa
A vida lhe tirárão, que os eſpanta,
Que o grande aperto em gente inda que honroſa
A's vezes leis magnanimas quebranta.
Outro eſtá aqui, que contra a patria iroſa,
Degradado, comnoſco ſe alevanta:

6 2 vcs || 7 Nam tem não pude. (v. VI 83) || 8 Pirro

7 1 não || 2 tirarão || 3 *B* grãde inda q̃ || 4 Aas || 5 *A* estâ *B* està yr.

6 2-3. [*Viriatus*] *Pastor primo fuit* (Eutr. IV 16).

4. A lança symboliza a profissão militar, o cajado a de pastor.

5-6. «*Viriatus.. non contentus libertatem suorum defendere, per quattuordecim annos omnia citra ultraque Hiberum et Tagum igni ferroque populatus, castra etiam praetorum et praesidia adgressus, Claudium Unimanum ad internecionem exercitus cecidit et insignia trabeis et fascibus nostris quae ceperat, in montibus suis tropaea fixit*». (Floro I 33).

7-8. Andando Pyrrho, rei do Epiro, em guerra com os Romanos (na 2.ª metade do III sec. a. Chr.), o medico do rei veiu offerecer-se a Fabricio, general Romano, para envenenar Pyrrho; mas Fabricio, pondo-o em ferros, mandou-o entregar ao rei do Epiro (Eutr. II 14).

7 1-4. Viriato foi morto á falsa fé por tres dos seus cabos de guerra, peitados pelo general romano Quinto Servilio Cepião (139 a. Chr., v. *Religiões da Lusit.*, III, pag. 125, do Dr. Leite de Vasconcellos):.. *qui* [o general romano] ..*ducem* [Viriato].. *per fraudem et insidias et domesticos percussores adgressus hanc hosti gloriam dedit, ut videretur aliter vinci non posse* (Floro I 33) honrosa] no sentido, não usual, de: que preza a honra. leis magnanimas]—leis da magnanimidade.

5-8. Quinto Sertorio, natural do país dos Sabinos, depois de se haver assignalado na guerra conhecida pelo nome de «social», seguiu,

Eſcolheo bem com quem ſe alevantaſſe,
Pera que eternamente ſe illuſtraſſe.

8. Vês, comnoſco tambem vence as bandeiras
D'eſſas aves de Jupiter valîdas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós ſouberão ſer vencidas.
Olha tão ſutis artes e maneiras
Pera adquirir os povos, tão fingidas,
A fatidica cerva que o aviſa:
Elle he Sertorio, e ella a ſua diviſa.

9. Olha eſt'outra bandeira e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros.
Nós Ungaro o fazemos; porem nado

8 1 *B* Vès || 4 nos .beram || 5 tam sotis (v. 1 92) || 6 .querir tam *B* fingindas || 7 Cer.
9 1 ve || 2 gram || 3 Nos

na primeira guerra civil, o partido de Mario; proscripto por Sulla no anno de 82 andou crrante pelas costas da Africa septentrional e da Hispania; escolhido pelos Lusitanos para seu caudilho, durante muito tempo fez rosto com bom exito aos generaes que Roma contra elle mandava, até que por fim foi assassinado por Perperna no anno de 72 (v. *Religiões da Lusit.*, III, pag. 134-141). Plutarcho refere que Sertorio, tendo recebido de presente de um indigena hispano uma cervazinha, a domesticou a ponto de ella acodir quando elle a chamava, e de acompanhá-lo sem medo por toda a parte, e que para augmentar a sua influencia entre aqueles povos barbaros, fazia crer que recebia d'ella inspirações e avisos (*Sert.* 11). J. Paris no *Epitome* de Val. Maximo — que traz a historia em 1 2, 4 — escreve: *Sertorius in exercitu Hispano albam cervam habuit, quam persuasit barbaris monitricem sibi esse.*

8 1-2. A aguia era consagrada a Jupiter: *Jovis ales* (Verg. *En.* 1 394, XII 247); «as bandeiras das aguias» equivale a: as bandeiras onde estavam representadas as aguias (vol. VIII, 5, 8).

4. souberão] = aprenderam a; «souberão ser vencidas» é, como expressão affirmativa, o contrario de: *Cantabrum indoctum juga ferre nostra* (Hor. *Od.* II 6, 2) e: *vinci nescius armis* (Ov. *ex Pont.* II 9, 45).

6. adquirir] = ganhar os corações de. tão fingidas] = tão bem inventadas.

7. cerva] a femea do veado (do *Cervus elaphus*).

9 3-4. Em III 25, Cam. men-

Crem ſer em Lotharingia os eſtrangeiros.
Deſpois de ter cos Mouros ſuperado
Galegos e Leoneses, cavalleiros,
A' Caſa Sancta paſſa o ſancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis ſe ſanctifique».

10. "Quem he, me dize, eſt'outro que me eſpanta"
Pergunta o Malabar maravilhado
«Que tantos eſquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e deſtroçado,
Tantos muros aſperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá nunca canſado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A ſeus pés derribadas e eſtandartes?».

‖ 7 Aa casa Enr. (Henrique VIII 37, X 54)
10 4 tam ‖ 6 da ‖ 8 pês

ciona só a tradição de ser o conde D. Henrique segundo filho de um rei de Hungria. Era doutrina corrente entre os doutores da Universidade. Em uma oração latina, proferida por occasião da visita do infante D. Luís á Universidade, lê-se: *per Euricum Vngariae regis secundum filium: cui.. Magnus Alfonsus filiam in uxorem et Portugalliam in dotem indulserat* (*Ad Ioannem Tertium.. duae F. Fernandi rhetoris Conimbricensis orationes*, 1548). Tambem Duarte Galvão diz: «D. Anrique sobrinho deste conde de Tolosa, filho segundo genito de huma sua irmã e Del Rey Dungria» (cap. 1). Neste canto VIII, tendo já lido o *Vincentius* (cf. o com. a III 21), onde, na nota 23 ao Canto II, Rèsende escreve: *Nostri historici Pannoniae regis filium fuisse dicunt, Hispani Lotharingum faciunt*, Cam. regista as duas tradições. Mas o certo é que elle era filho de Henrique, segundo filho do duque de Borgonha, Roberto, que era irmão de Henrique, rei de França (A. Herc. *Hist. de Port.* I pag. 193). crem] V. *R Ph* em «ter». Lotharingia] (i. é, *Lotharii regnum*) é o nome latino medieval da Lorena (em allemão *Lothringen*).

5-8. Duarte Galvão diz: «.. depois que assi ho Conde D. Anrique veyo de Jerusalem nom lhe cessarão guerras com hos Liunezes» (cap. 4). Cam. colloca depois das guerras com os Leoneses a ida do conde á Terra Santa (v. III 27) para representar este acto religioso como a coroa da vida de D. Henrique. cos Mouros] liga-se a «Galegos e Leoneses». cavalleiros] como em III 130, 8. Casa Sancta] como em VII 11, 8.

10 7-8. V. *R Ph* em «Interposição».

11. "Eſte he o primeiro Affonſo" diſſe o Gama
«Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Eſtygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Eſte he aquelle zeloſo a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro immigo doma,
Pera quem de ſeu Reino abaxa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

12. Se Ceſar, ſe Alexandre Rei tiverão
Tão pequeno poder, tão pouca gente
Contra tantos immigos, quantos erão
Os que deſbaratava eſte excellente,
Não creias que ſeus nomes ſe eſtendêrão
Com glorias immortais tão largamente;
Mas deixa os feitos ſeus inexplicaveis,
Vê que os de ſeus vaſſallos ſão notaveis.

11 1 *A* Afon. ‖ 3 Estig. *B* (sem «lago») ſa. ‖ 4 não ‖ 6 imi. (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 7 *B* . baixa
12 2 Tam tam ‖ 3 *B* imi. ‖ 5 Nam creas (v. *R Ph* em «-eia») estende. ‖ 6 imor. (v. *R Ph* em «immigo») tam ‖ 8 Ve . alos (v. II 84) sam

11 2. todo Portugal] Em contraposição ao reino do Algarve. Sobre a pronuncia de «toma» v. *R Ph.*

3-4. O juramento pela Estyge (v. IV 40 e 80) era para os deoses o juramento mais sagrado.

6-7. O sentido d'estes versos não é assaz explicito; o que me pareee mais natural é referir «eujo» a «Deos»; neste caso «braço» está por «auxilio effieaz»; o sujeito de «doma» e «abaxa» é «Affonso»; «pera quem» equivale a «para gloria de quem (i. é, para gloria de Deos)»; «seu» é representativo de «o Mouro immigo», de eujas povoações D. Affonso arrasa os muros (.. *zu dessen Ruhm ihr Reich er schlug in Sherben*, eomo Storek traduz). Alguns, eomo Burton e Aubertin, referem «eujo» a Affonso, dão a «doma» e «abaxa» por sujeito «Deos» e entendem que «para quem», no sentido de «em proveito de quem», se refere a D. Affonso (.. *by whose brave arm He tames the Moorish host,* | *for whom their wallèd reign He lays so low,* na versão de Burton).

12 1-5. Cesar] V. v 96. Alexandre] V. I 3. «Alexandre Rei» como *Agis rex* (Corn. Nep. *Agesil.* 1). tiverão.. estenderão]=tivessem, estenderiam.

13. Eſte que vês olhar com geſto irado
Pera o rompido alumno, mal ſoffrido,
Dizendo-lhe que o exercito eſpalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido;
Egas Moniz ſe chama o forte velho
Pera leais vaſſallos claro eſpelho.

14. Vê-lo cá vai cos filhos a entregar-ſe,
A corda ao collo, nú de ſeda e pano,

13 1 ves yr. || 2 Al. sofr. (v. 1 65) || 7 mon. || 8 .alos (v. II 84)
14 1 Vello (v. VIII 16, 5) ca || 2 .olo (v. II 36) nu (v. VI 18, VII 37)

13 A est. refere-se ao recontro de Guimarães, de que se falla em III 31-33. «Ha batalha foy gravemente peleyjada, e ho Principe D. Affonso lançado do campo desbaratado, e hindo elle assi huma leguoa de Guimarães encontrou com D. Eguas Moniz seu Ayo, que o vinha ajudar.. e quando D. Eguas ho vio dice: *Que he esto senhor como vindes vós assi. Respondeo ho Principe.. Dice então D. Eguas: Non fizestes bem nem sizo dardes batalha sem mim, mas tornay, e eu comvosquo, e espero em Deos que hahi prendamos vosso padrasto e vossa mãy, recolhey ha vós toda vossa gente que vem fogindo, e tornemos ha peleyjar* (Galvão, 6).

1-2. rompido] como em: Rompem-se aqui dos nossos os primeiros (IV 34). alumno] é latinismo, que designa D. Affonso em relação a seu aio Egas Moniz. mal soffrido] i. é, impaciente de ver o desbarato; pertence evidentemente para Egas Moniz (representado pelo pronome «que»).

3-4. recolha] no sentido que tem *recolligere* em: *recollecta multitudine, quae amisso Iasone rege passim vagabatur* (Just. XLII 3) campo defendido] quer dizer campo: onde elle não se tinha podido sustentar, d'onde tinha sido lançado fóra.

A construcção da est. é anacoluthica. Estando no principio «Este que vês», esperava-se no 7.º verso «Egas Moniz se chama»; mas Cam. põe novamente como sujeito «o forte velho»; demais os versos 5 e 6 constituem uma especie de parenthese.

De justificação ao verso 8.º servem as duas est. immediatas.

14 A est. refere-se ao que vae narrado em III 35-40.

2. de seda e pano] = de pannos de seda, assim como em Vergilio: *pateris.. et auro (Georg.* II 192)

Porque não quis o moço ſugeitar-ſe,
Como elle prometera, ao Caſtelhano.
Fez com ſiſo e promeſſas levantar-ſe
O cerco, que já eſtava ſoberano;
Os filhos e molher obriga á pena:
Pera que o ſenhor ſalve, a ſi condena.

15. Não fez o conſul tanto, que cercado
Foi nas Forcas Caudinas, de ignorante,
Quando a paſſar por baxo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante.
Eſte pelo ſeu povo injuriado
A ſi ſe entrega ſó, firme e conſtante:
Eſt'outro a ſi e os filhos naturais
E a conſorte ſem culpa, que doe mais.

‖ 3 nam sog. (v. 1 31) ‖ 7 aa
15 1 Nam ‖ 2 for. ‖ 3 *B* baixo ‖ 6 Assi (=A ssi) (a corr. é já antiga) so ‖ 7 assi (=a ssi) (a corr. é já antiga)

por *pateris aureis* (v. Madvig *Gr. lat.* § 481); Egas Moniz ia só com «os panos menores»; v. os textos transcriptos no com. a III 38.

3-4. ao Castelhano] grammaticalmente pertence para «sujeitar-se».

6. soberano]=no maior aperto; «soberano» corresponde a *summus*, que serve de superlativo a *superus*; cf. X 71.

15 1-4. As «Forcas Caudinas» (*Furculae Caudinae*) eram um desfiladeiro apertado e profundo nas vizinhanças de *Caudium*, cidade que ficava no caminho de Capua para Benevento. Em 321 a. Chr., durante a guerra entre os Romanos e os Samnitas, o consul Spurio Postumio, querendo acudir com a maior brevidade a Luceria, que pelos dictos de numerosos prisioneiros julgava estar apertadamente bloqueada, foi colhido neste desfiladeiro pelos Samnitas e teve de annuir ás condições propostas pelo general inimigo, Gavio Poncio, sendo obrigado a passar com o seu exercito por debaixo do jugo (v. Rich, *Dict. des antiq.* em *jugum*). O senado porêm não ratificou a convenção e mandou entregar aos Samnitas os que a tinham acceitado (T. Liv. IX 1-12; Mommsen *Hist. Rom.* II cap. 6). de ignorante] por se ter deixado illudir por um ardil dos inimigos.

7. naturais] contrapõe-se a: adoptivos.

8. que]=o que, i. é, o entregar os filhos e a consorte.

16. Vês eſte que ſaindo da cilada
Dá ſobre o Rei que cerca a villa forte,
Já o Rei tem preſo e a villa deſcercada:
Illuſtre feito digno de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado neſta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria.

17. He Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar reſplandece juntamente

16 1 Ves || 2 *A* Dâ || 5 · ea . ay || 7 galês
17 1 E (provavelmente erro typographico devido a ser «E» a primeira letra do verso immediato) dom

16 1-4. «..hum Rey daquella terra onde ora hee Caeeres, e Valença, que ehamavam Guami, e hum seu irmão com soma de gente ..passou ho Tejo, e eorreo toda ha terra de Christãos, atée eheguar ha Porto de Móos. Em aquelle tempo tinha ho Luguar.. D. Fuas Roupinho, ho qual quando soube, que vinha aquelle Mouro sobre elle, sayose do Castello, leyxando em elle gente que ho podesse defender.. Saydo elle meteo-se em eima da Serra que ehamão Amendigua.. fazendo eseonder hos seus, mandou logo ha gram pressa ha Aleaneyde e Santarem.. que lhe enviassem gente.. Aeodio-lhe loguo bom quinham de gente, e no dia que elles eheguaram.., ehegou ho mesmo Rey Guami eom todas suas gentes sobre Porto de Móos, e vendo ho Castello tam pequeno, fazendo eonta que ligeyramente ho tomaria, foram loguo todos em eheguando ha combatello.. Foi ho eombate tam profiado, que durou atee noyte.., e durando ho eombate hos que estavam na Serra eom D. Fuas Roupinho, debatião-se todos por hir soeeorrer ahos seus.. E.. de madrugada deram nos Mouros entregues aho sono e non menos em deseuydo de lhes tal aeonteeer.. Foy ahy prezo El Rey Guami e seu irmão eom elle» (Galvão, 50).

5-8. «..e loguo á pressa se deu ordem para se armar ha frota, e como foy prestes, D. Fuas entrou em ella e partio [de Lisboa] volta do cabo de Espiehel, por aver novas que na paragem do rio de Setubal.. has Gualés dos Mouros.. faziam sua guerra, has quais avendo láa nova da Armada que se fazia, vinhão tambem eontra Lisboa.. e em dobrando ho Cabo ouveram vista da frota dos Christãos, e sem mais detença se foram aferrar huns com outros, peleyjando muy fortemente, e quiz N. Senhor que hos Mouros foram desbaratados e todas suas Gualés tomadas» (Galvão, 51). (Os feitos de Roupinho não tem authentieidade historiea).

7. levando] eomo em III 24, 8.

17 «..[os de Lisboa] armaram loguo huma soma de Gualés,

Co fogo que accendeo junto da ſerra
De Abyla nas galés da Maura gente.
Olha como em tão juſta e ſanta guerra
De acabar pelejando eſtá contente;
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com juſta palma.

18. Não vês hum ajuntamento, de eſtrangeiro
Trajo, ſair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Liſboa, de ſi dando ſancta prova?
Olha Henrique, famoſo cavalleiro,
A palma que lhe naſce junto á cova;
Por elles moſtra Deos milagre viſto;
Germanos ſão os martyres de Chriſto.

‖ 3 acen. (v. 1 5) ‖ 4 Abi. .lcs ‖ 5 então (a corr. é já antiga) ‖ 6 cstà ‖ 8 .unfando (triumphante: x 72, 73) ccos Pal.

18 1 Nam ves ‖ 5 Enr. (v. VIII 9) ‖ 6 Pal. aa ‖ 8 sam Mar. *A* .tyrrs

e D. Fuas foi almirante, e foram correr ha costa do Algarve; mas de cousa notavel.. que hy fizessem nada achamos escrito, e entam D. Fuas teve conselho do que fariam, e acordáram ser bem hir sobre ho porto de Cepta, e hy acharam Fustas de Armada de Mouros, e tomarão-nas e assi outros Navios grandes com elles.. e tornàram para Lisboa.. Hos Mouros muy sentidos dos dannos feitos por D. Fuas.. ajuntáram sinquoenta e quoatro Gualés, e D. Fuas nom sabendo desto parte entrou pelo estreyto dentro, e depois achou-se láa com Gualés dos Mouros.. e peleyjarão muito espaço. Mas.. foram hos nossos vencidos, e desbaratados, e mortos muitos, e antre elles ho nobre D. Fuas Roupinho» (Galvão, 52).

3-4. da serra | De Abyla]v.IV49.

8. nos Ceos] liga-se a «entra».
palma] que lhe compete na qualidade de martyr.

18 Sobre a conquista de Lisboa, a que a est. se refere, v. III 57-60.

5-8. De Henrique, um dos Cruzados, natural de Bonn (na margem esquerda do Rheno), diz uma lenda registada em Galvão (32-34), que tendo morrido no cerco de Lisboa, lhe nasceu junto á cova uma palma, por cuja virtude se operavam muitos milagres. (A parte da *Chronica da fundação do mosteiro de S. Vicente*, onde vem esta lenda, está transcripta na *Chrestomathia archaica* de J. J. Nunes, pag. 109-113). famoso cavalleiro] é tambem o segundo hemistichio de IV 24, 5.

19. Hum ſacerdote vê brandindo a eſpada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enreſta a lança:
He Teotonio Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a ſegurança
Da figura nos muros que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

20. Vê-lo cá, donde Sancho deſbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os immigos rompendo, o alférez mata
E o Hiſpalico pendão derriba em terra:

19 1 *B* vè ‖ 2 *B* Aron. ‖ 4 Mapham. (Mafam.: III 113, IV 48) ‖ 5 *B* vè ‖ 6 Sanct. (Sant. III 74, 78, 80) .ras
20 1 Vello (Velo: VIII 16) ca ‖ 3 imi. (v. *R Ph*) Alfe. ‖ 4 E Hisp. (sem «o»; a corr., nem por todos acceita, é já antiga)

19 Da tomada de Arronches, Leiria e Santarem já Cam. fallou em III 55.

2-3. De Leiria que.. foi tomada] equivale a: da tomada de Leiria. E' a mesma maneira de dizer que em «vingança de Trancoso destruida» (III 64), senão que o participio está substituido por uma oração relativa; cf. III 127, 8.

5. Theotonio Prior] como «Alexandre Rei» (VIII 12).

6. segurança] de animo.

7. nos muros] pertence para a oração «que primeira.. ergueo»; v. com. a II 29 e *R Ph* em «Transposição».

20 A est. refere-se aos successos memorados em III 75.

«Nesto uendo Dom pero paacz alferez os mouros assi todos juntos com o pendam de seuilha, dando vozes a mem moniz e a outros senhores remeteo rijo, e foy meter ho pendam do iffante entre elles, E alli se dobrou muy rijamente a pelleia, E dom mem moniz que rompera tanto pellos mouros, até chegar ao pendam de scuilha, Remeteo ao alferez que o tinha.. e trauou no alferez e como era forçoso, deu com elle e com ho pendam em terra (Galvão, cap. 52, do codice da Torre do Tombo. A chronica impressa, no cap. 48, seguiu um codice em que foram saltadas as palavras que vão do primeiro «remeteo» ao segundo. Foi o Dr. J. M. Rodrigues quem primeiro assignalou este facto no *Instituto*, [de 1905]).

1. cá, donde] = aqui, onde.

2. Vandalia] v. III 60.

3-4. Os dois versos vão ligar-se a «Vê-lo»; é a mesma construcção que em VIII 14, 1. Hispalico] = de *Hispalis* ou Sevilha. Sobre a synerese (*E o His-*) v. o com. a VII 7, 3-4.

Mem Moniz he, que em ſi o valor retrata
Que o ſepulchro do pai cos oſſos cerra,
Digno d'eſtas bandeiras, pois ſem falta
A contraria derriba e a ſua exalta.

21. Olha aquelle que dece pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada eſconde com que alcança

‖ 6 . ay
21 1 deçe ‖ 3 çil.

5-6. que em si o valor retrata | Que o sepulchro do pai cos ossos cerra] = que na sua pessoa reproduz o valor [do pai, Egas Moniz] que a sepultura encerra juntamente com os ossos do pai. Assim explica F S, que compara: O cabo Tormentoso, que a memoria | Cos ossos guardará (x 37).

7. d'estas bandeiras] i. é, de figurar nestas bandeiras. sem falta] (rimando tambem com «exalta») é tambem o final de VII 54.

21 A tomada de Evora, em 1166, por Giraldo Sem pavor (III 63) foi posteriormente revestida de pormenores phantasticos, relatados por A. de Rèsende no cap. 14 da *Hist. da Antig ... d'Evora*. (Sobre o facto v. A. Herc. *Hist. de Port.* I 421-424). Segundo a narrativa de Rèsende, Giraldo querendo apoderar-se de Evora determinou tomar préviamente a atalaia da torre do outeiro de S. Bento, d'onde se faziam sinais para a torre da cidade. A tal fim, partindo de noite secretamente com os seus cavalleiros, foi postar-se detrás d'aquelle outeiro e mandou-lhes que estivessem «prestes para a sua tornada». D'ahi foi só, «leuando stacas que metesse per hũos buracos, para subir hacte ha janella». Trepando á torre encontrou adormecida a filha do vigia, que ficára a render o pae; «lançando mão aa moça deu com ella abaxo; de modo que nunqua mais fallou»; entrado na torre cortou a cabeça ao mouro que dormia; depois, descendo o outeiro, corta igualmente a cabeça á filha do vigia «e com ellas ambas nas mãos se tornou» aos seus cavalleiros. Encaminharam-se todos então para a torre. Giraldo fez de lá sinal á atalaia da cidade «dando a intender que por ho campo onde hora é ha casa de nossa senhora do spinheiro, passauam algũos christãos, e de feito mandou por la passar hũos poucos que fizessem tropel»; a atalaia, cahindo no laço, appellidou logo os da cidade, que sahiram a perseguir os christãos, deixando as portas da cidade abertas. Giraldo então deu sobre a cidade, que com o favor da hora — era muito de madrugada — facilmente cahiu em seu poder. Cam., querendo memorar unicamente em quatro versos o feito, que tambem nas pinturas das bandeiras, onde tantas façanhas tinham de ter entrada, havia de occupar limitado espaço, como era de todo indifferente para o resultado final, que Giraldo degolasse a filha do mouro logo na torre ou primeiro a deitasse da torre abaixo e depois lhe cortasse a cabeça, afasta-se um pouco de

A cidade por manhas e ouſadias;
Ella por armas toma a ſemelhança
Do cavalleiro que as cabeças frias
Na mão levava — feito nunca feito! —
Giraldo Sem pavor he o forte peito.

22. Não vês hum Caſtelhano, que aggravado

‖ 7 mão (sem parenth.) ‖ 8 sem pa.
22 1 *B* vès agr.

Rèsende, simplificando e tornando mais rapida a narrativa, e, com summa arte, faz convergir desde logo as attenções para o acto preliminar, de importancia capital, o sellar Giraldo para sempre os labios aos vigias. Põe-nos pois diante dos olhos — *in medias res auditorem rapit* — Giraldo já a descer o outeiro, com o auxilio da lança que lhe servira tambem á subida (lembremo-nos das estacas de que falla Rèsende), levando aos seus cavalleiros a prova de que já os vigias não podiam atravessar-lhe o estratagema que havia de abrir ao ardiloso e ousado caudilho as portas da cidade. «pela lança» quer dizer «por meio da lança, valendo-se da lança». «Onde» equivale a «com o que» (como em VII 87, 3), i. é, com a morte dos vigias. «a cilada» (*insidiae*) é o estratagema que Rèsende refere. «esconde» equivale a «consegue que (a cilada) não seja reconhecida como tal».

O Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto*, de 1905, pag. 187-192), não entendendo a contextura do periodo, por desconhecer a significação do adverbio «onde», que — seja dito em desculpa do lente de theologia — não vem registada nos diccionarios, cuida que a relação de Rèsende «suggeriu ao pocta a ideia de um triptyco, rapidamente esboçado», no qual «.. Giraldo sem Pavor é representado, não a descer pela lança com as duas cabeças dos vigias, — pois, além da difficuldade e inutilidade que nisso haveria, uma das cabeças, a da filha do guarda, estava ainda por decepar, — mas dirigindo-se com os sangrentos despojos para o local onde tinha deixado os companheiros.» «.. Como se vê pelo proprio texto, Camões suppõe Paulo da Gama acompanhando com gestos as explicações que está dando ao catual. *Olha aquele que dece pela lança* — e apontava-lhe para a parte central do triptyco; *com as duas cabeças dos vigias* — e mostrava-lhe a ultima parte do triptyco, á direita dos espectadores. *Onde a cilada esconde* — e indicava-lhe a primeira parte, á esquerda: a primeira na ordem chronologica e na grammatical. *Olha onde esconde a cilada aquelle que dece* etc.». (Eu transcrevo com todo o escrupulo o texto de Sua Reverendissima).

5. Ella] a cidade de Evora. semelhança] = imagem. (Rèsende tambem dá a explicação das armas da cidade).

7. nunca] = em nenhum outro tempo. Note-se o trocadilho de «feito» = façanha, e «feito» = praticado.

22 «.. D. Pedro Fernandes de Castro chamado ho Castellão, vassalo del Rey D. Affonso o Noveno

De Affonſo nono, Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-ſe inimigo,
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz comſigo?
Mas vê, que hum Português com pouca gente
O deſbarata e o prende ouſadamente.

23. Martim Lopez ſe chama o cavalleiro
Que d'eſtes levar pôde a palma e o louro.

‖ 6 cons. (v. 157) ‖ 7 *B* vê .gues
23 2 po.

de Castella, sendo elle desfavorecido e maltratado por causa dos Condes dc Lara, elle bem acompanhado de cavalleiros christãos se lançou com hos Mouros, c com elles como imiguos da easa de Lara, donde Dona Mafalda primeyra Rainha de Portugal, procedia, entrou em Portugal entre Tejo, e Odiana, c chegou ha Thomar c ha Abrantes, de que tinha c levava cativos muitos Christãos, com grande despojo.. e aho recolher que quizera fazer, hum Martim Lopes bom Cavalleyro Portuguez, com pouqua gente de cavallo, e com alguma mais de pée.. lhe sahio ao encontro.. e hos desbaratou.., e prendeo ho dito Pedro Fernandes (Pina *D. Sancho I* eap. 12). Sobre a rivalidade das duas poderosas familias dos Castros e dos condes de Lara, v. Paquis *Hist. d'Espagne* II 3.

2-3. Affonso nono, Rei] como: Alexandre Rei (VIII 12). odio antigo | dos de Lara] i. é, odio antigo que a familia dos Castros tinha á dos condes dc Lara. deitar-se] (ou: lançar-se) com = bandear-se eom.

23 Os versos 3-8 desta est. e a 24 fallam da empresa de Alcacer do Sal em 1127; v. A. Herc. *Hist. de Port.* II 194-208.

Os Mouros apertados em Alcacer pelas forças eombinadas dos Portugueses e dos Cruzados estrangeiros a quem «ho bispo que então era de Lisboa ehamado Dom Matheus» persuadira a tomarem parte na empresa, «tinham feytos seus avizos ha quatro Reys Mouros.. ha saber El Rey de Sevilha, El Rey de Cordova, El Rey de Jaem, e El Rey de Badalhouse [= Badajoz] .. de cuja vinda sendo hos Christãos loguo sabedores foram postos em temeroso pensamento» (Pina, *D. Aff. II*, 6). «No cabo da qual Oração [do bispo dc Lisboa, antes da segunda batalha dada aos Mouros].. se diz que.. loguo appareceo pubricamente no Ceo hum maravilhoso sinal.. ha saber, hum homem resplandecente eomo Sol,.. e no peyto trazia ho sinal da Cruz .. eom que hos Christãos.. foram muy alegres, c esforçados.. hos Christãos.. foram dar no arrayal dos Mouros.. e hos Reys Mouros procuraram busquar sua salvaçam na fogida.. e.. se affirma que dos quoatro Reys.. dous delles sem se dizer quem eram foram mortos» Pina, *D. Aff. II*, 7. Da rendição

Mas olha hum Eccleſiaſtico guerreiro
Que em lança de aço torna o bago de ouro.
Vê-lo entre os duvidoſos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o final no ceo que lhe aparece,
Com que nos poucos ſeus o eſforço crece.

24. Vês, vão os Reis de Cordova e Sevilha
Rotos, cos outros dous, e não de eſpaço;
Rotos? mas antes mortos: maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço.
Vês, já a villa de Alcacere ſe humilha,
Sem lhe valer defeſa ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Biſpo de Liſboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

25. Olha hum Meſtre que dece de Caſtella,

‖ 4 Ba. ‖ 5 Vêllo (v. VIII 20) tam ‖ 6 não ‖ 7 çeo .eçe ‖ 8 .eçe
24 1 *B* Vès vão ‖ 5 *B* Vès .caçare (Alcaçere: III 90) ‖ 7 dom
25 1 .eçe

do castello de Alcacer, aos 18 de Outubro, trata o cap. 8.º).

3-4. hum Ecclesiastico] é o bispo de Lisboa. bago] de *baculum* por intermedio de «bagoo»; actualmente diz-se «baculo».

5-6. inteiro] = inteiramente decidido.

7. no ceo que lhe aparece] por: que lhe aparece no ceo; cf. IV 13, 1.

24 2. não de espaço] = seguidamente.

7. O bispo de Lisboa chamava-se Sueiro, e não Mattheus como dizem erradamente os nossos chronistas; v. Cunha, *Hist. da Igr. de Lisboa*, 117.

8. Quando foi a repartição da presa, o capitão da frota dos Cruzados disse ao bispo de Lisboa, a quem não tinha sido dada vantagem alguma: «ho principal gualardão que por este trabalho mereceis Deos nosso Senhor.. volo dará bom no Ceo» (Pina, *D. Aff. II*, 8).

Que] equivale a: a quem.

25 1-6. «Dom Payo Correa, natural de Portugal, Mestre da Ordem Daviz, que he ha de Santiaguo em Castella..» (Pina, *D. Aff. III*, 5).

O summario do cap. 6.º é: «Que fundamento ouve para o Mestre Dom Payo Correa começar de conquistar ho Algarve, que era dos Mouros».

1. «descer» fallando de quem vem do interior de um país, repre-

Português de nação, como conquiſta
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe reſiſta;
Com manha, eſforço e com benigna eſtrella
Villas, caſtellos toma a eſcala viſta.
Vês Tavila tomada aos moradores
Em vingança dos ſete caçadores.

26. Vês, com bellica aſtucia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente:
He Dom Paio Correa, cuja manha
E grande eſforço faz enveja á gente.

‖ 2 .gues ‖ 4 Nam que (por «quẽ»; a corr. é já antiga) ‖ 6 -.calla ‖ 7 Vcs

26 1 *B* Vès beli. (belli.: III 95; V 99; VI 62; VII 56, 77; X 62, 89, 153) ‖ 3 dom ‖ 4 aa

senta *descendere* em: *postquam Xerxes in Graeciam descendit* (Corn. Nep. *Arist.* 1).

5. benigna estrella] é tambem o final de VI 47, 4 (em rima com «Castella» e «nella»).

6. a escala vista] sem artigo; v. *R Ph* em «a» preposição.

7-8. Pina traz a lenda de uns christãos que em tempo de treguas tinham ido a uma caçada, e vendo virem muitos Mouros sobre elles, «fizeram palanque.. ha que se recolheram, onde hos Mouros com muyta furia hos vierão loguo commetter.. e ho seu palanque foy roto e entrado e elles todos sete.. cortados de muitas feridas acabaram has vidas»; e por vingança D. Paio «cobrou ha villa [de Tavira] e apoderou-se della» (*D. Aff.* III, 8). «Tavila» é fórma corrente no sec. XVI (v. Dam. de Goes *D. Man.* I 66; IV 86; *Livro de Marinharia* pag. 107).

26 1-4. «Ho Mestre Dom Payo Correa [depois da tomada de Tavira, Selir e Alvor] foy.. cerquar Paderne.. e estando em cerquo sobre elle apartou de sy algumas gentes, que.. tomaram outra vez ha Torre Destombar.. e [o rei mouro] Aberiafaam.. quando soube que os Christãos tomaram Estombar, crendo, que seria hy o Mestre.. sahio com proposito de vir sobre elle e dar-lhe batalha. Da qual cousa sendo o Mestre lóguo avizado, alevantou ho cerco de Paderne, e por caminho desviado se veyo lançar sobre Sylves, e ho Rey Mouro.. receando ser acomettido dalgum ardil do Mestre fez loguo de volta.. sobre Sylves, onde ho Mestre lhe tinha feyta cilada.. [e foi] que lhe tomou todalas portas da cidade» pondo gente bastante que as guardasse, de modo que o rei mouro, não podendo de maneira alguma entrar, por fim «fugio, e passando por hum peguo do rio afogousse nelle» (Pina, *D. Aff.* III 9).

2. elle] sc. o mouro.

Mas não paſſes os tres que em França e Heſpanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em deſafios, juſtas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

27. Vê-los, co nome vem de aventureiros
A Caſtella, onde o preço ſós levárão
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns ſe exercitárão.
Vê mortos os ſoberbos cavalleiros
Que o principal dos tres deſafiárão,
Que Gonçalo Ribeiro ſe nomea,
Que pode não temer a lei Lethea.

‖ 5 q̃ ẽ Frãça e Esp. (v. III 17) ‖ 8 trofcos (tropheos: I 25, III 89, v 45)

27 1 Vellos (v. VIII 16, 5) ‖ 2 sos *A* leuâr. *B* leuàr. ‖ 3 Bclo. ‖ 4 dano (v. I 93) .gũs *A* .citâ. *B* .citâ. ‖ 6 .afiar. ‖ 8 ley Letea

5-8. «No proprio tempo que o Mestre de Avis partio de Castella, chegárão á corte de el Rey de Castella tres cavaleyros Portugueses que vinhão de França onde avia tres annos que andavão procurando, e ganhando honra em feytos darmas; e estes avião nome Gonçalo Rodrigues Ribeyro, e Vasqueanes.., e Fernão Martins de Santarem.. e destes tres Gonçalo Rodrigues em hũas justas reais que el Rey de Castella tivera em Leão quando elles hião para França o fez tão bem [no livro: tambem] que venceo o grado de melhor justador..» (Pina *D. Aff.* IV, 14; cit. por Man. Corrêa). Depois o Chronista falla do desafio com Martin Gil de Catina, em que Gonçalo Ribeiro venceu e matou o seu contendor. No cap. 15 trata «Das justas reais e torneo que el Rey de Castella a requerimento de Gonçalo Rodrigues ordenou para ser nelas». O summario do cap. 16 é «Como se fez o torneo em que entrou el Rey e do que aconteceo a Gonçalo Ribeyro com D. Martinho [de Lara], e como foy desafiado outra vez Gonçalo Ribeyro, e venceo o desafio».

27 1. aventureiros]=cavalleiros andantes; v. o *Dicc.* de Moraes.

2. o preço.. levárão] V. o com. a I 70; «preço»=premio.

3. Os jogos *(ludi)* de Bellona (deosa italica da guerra) são as batalhas; cf. IV 39.

8. a lei Lethea]=«a lei da morte» (I 2). «Letheo» representa o adjectivo *Lethaeus*=que diz respeito ao rio infernal «do esquècimento».

As est. 28 a 32 referem-se a Nuno A. Pereira (nomeado na ultima d'estas est.), de quem já Cam. fallou em IV 14-46..

28. Atenta num, que a fama tanto eſtende,
Que de nenhum paſſado ſe contenta,
Que a patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre ſeus duros hombros a ſuſtenta.
Não no vês, tinto de ira, que reprende
A vil deſconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei ſeu natural e não de alheio?

29. Olha, por ſeu conſelho e ouſadia,
De Deos guiada ſó e de ſancta eſtrella,
Só pôde o que impoſſibil parecia,
Vencer o povo ingente de Caſtella.

28 5 Não ves yra || 7 .oçe .eyo || 8 nam *B* .turol nam .eyo
29 2 so Est. || 3 So po.

28 1-2. O sentido não é muito claro. B. Caldera, FS, e Macedo consideram «fama» sujeito de «estende»: . . *a quien la fama tanto estiende* | *que de ningun passado sè contenta* (Caldera); *celebrat quem fama perennis* | *Tantum, ut non alium*. . (Macedo). Eu penso que o Poeta tinha na lembrança o passo da *Eneida: famam extendere factis* | *hoc virtutis opus* (x 468-469). Sendo assim, «que» vem a ser o sujeito, e «fama» o compl. objectivo, e «Que de nenhum passado se contenta» não quer dizer que «*No le parece bien a la fama otro Heroe para celebrar le sino este*» (FS); mas o sujeito de «contenta» (representado pelo pronome relativo do segundo verso) é o mesmo que o de «estende», e Cam. pretende significar que Nuno A. Pereira quer sobrepujar em gloria todos os guerreiros anteriores.

5-8. V. IV 14-19. Não no vês: . que reprende] equivale a: Não no vês reprender; v. II 48. «tinto de ira» pertence propriamente para a oração relativa; cf. VIII 23, 7. desconfiança]= falta de confiança (em si mesmo), falta de animo. vil] por denunciar baixeza de sentimentos. lenta]= indolente (*lentus*). doce freio] FS nota o contraste dos epithetos de «freio» neste passo e em II 51: Ao Gentio que os idolos adora] Duro freio porá.

29 1-4. Falla-se da batalha de Aljubarrota; v. IV 28-44.

«poder» como verbo apparentemente transitivo (=poder effectuar uma cousa), com complemento de significação geral (v. g. tudo, o que, o impossivel) é perfeitamente português e corresponde a *posse* em: *quod poterant, id audebant.* (Cic. *p. Quinct.* 21); de maneira que «vencer o povo ingente de Castella» é apposto explicativo de «o que parecia»; assim não ha-de pôr-se entre parentheses «o que parecia»; cf. x 38.

Vês, por induſtria, eſforço e valentia
Outro eſtrago e victoria clara e bella
Na gente, aſſi feroz como infinita,
Que entre o Tarteſo e Goadiana habita.

30. Mas não vês quaſi já deſbaratado
O poder Luſitano pela auſencia
Do Capitão devoto, que apartado
Orando invoca a ſumma e trina Eſſencia?
Vê-lo com preſſa já dos ſeus achado,
Que lhe dizem que falta reſiſtencia
Contra poder tamanho, e que vieſſe,
Porque comſigo eſforço aos fracos déſſe.

31. Mas olha com que ſancta confiança,
Que inda não era tempo, reſpondia,
Como quem tinha em Deos a ſegurança
Da victoria, que logo lhe daria.

‖ 5 Ves ‖ 8 *B* e o G.

30 1 ves ‖ 4 suma v. *R Ph* em «immigo». Talvez Cam. tivesse escripto «huna» — termo, então, exclusivamente theologico — que era facil de confundir com «ſuma») ess. ‖ 5 Vello (v. VIII 16, 5) *B* que lhe falta ‖ 8 cons. (v. I 73) des.

5-8. Esta segunda párte da est. e as duas est. seguintes referem-se á batalha de Valverde, á qual allude em IV 46. entre o Tarteso e Guadiana] designa a Andaluzia, «a terra dos Vandalos» de IV 46. «Tartesso» ou «Tarteso» era o antigo nome do *Baetis* ou Guadalquivir; v. Estrabão, 138 C.

30 «Entonce.. Ruy Gonçalvcs se trabalhou de saber delle parte, andando o buscando trigoso, foy o achar fora da hoste.. com os giolhos postos em terra, e as mãos, e os olhos alçados ao Ceo.. e chegouse a elle e.. lhe disse o dano que nelles fazião e elle muito quedo revolveo o rosto e mansamente respondeo e disse *Ruy Gonçalvez amigo, inda. nom he tempo; aguarday hum pouco, e acabarey de orar* (F. Lopes *D. João I*, II, 57).

8. comsigo] = com a sua presença.

31 3. como quem] como em IV 72, 4.

Aſſi Pompilio, ouvindo que a poſſança
Dos immigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova eſtava dando,
«Pois eu» reſponde «eſtou ſacrificando».

32. Se quem com tanto eſforço em Deos ſe atreve,
Ouvir quiſeres como ſe nomeia,
Português Scipião chamar-ſe deve,
Mas mais de «Dom Nuno Alvarez» ſe arreiã.
Ditoſa patria que tal filho teve!
Mas antes, pai! que em quanto o Sol rodeia
Eſte globo de Ceres e Neptuno,
Sempre ſuspirará por tal alumno.

33. Na meſma guerra vê que preſas ganha

31 6 imi. (v. *R Ph*)
32 1 *B* Deas ‖ 2 .mea (v. *R Ph* em «-cia» ‖ 3 .ugues *A* Cipião (Scipião: v 95, 96) *B* Capitam (v. a *Introducção*) ‖ 4 dom .rrea ‖ 6 .dea ‖ 8 *A* .arà *B* .arà .uno (alumno: VIII 13)
33 1 *B* vè

5-8. A anedocta vem em Plutarcho na Biographia de Numa Pompilio, segundo rei de Roma, cap. 15 (e é tambem referida por Tarchagnota, *Historie del mondo* fol. 110 *v.*). a terra lhe corria]= já lhe tinha entrado na terra. (O verbo em Plutarcho é ἐπέρχεσθαι). G. de Amorim pensando infundadamente ser erro «corria», escreveu «cobria». Pois] é particula adversativa (em Plutarcho: Ἐγὼ δὲ θύω); cf. IV 51. 7.

32 1. «atrever-se em»=pôr a sua confiança em; cf.: atreuendosse em sua ligeireza (Zurara, *Chr. de Guiné*, 42); v. outros exemplos no *Dicc.* de Moraes.
3-4. Nesta apodose ha a mesma abreviação de expressão que em I 54, 7-8. Scipião] é Publio Cornelio Scipião, o vencedor de Hannibal; v. a *Introducção*.
6. pai] no sentido em que se diz: pae da patria. rodeia] em vez de «rodear» por necessidade metrica.
7. Este globo de Ceres e Neptuno]=o globo terraquco, como composto de parte solida, significada por «Ceres», e parte liquida, significada por «Neptuno».
8. alumno] é latinismo, por «filho»:.. *Italia alumnum suum videret* (Cic. *in Verr.* II 5, 6).

33 1-4. Durante a guerra de D. João I de Castella contra Portugal «o Commendador de Çallamea

Eſt'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence e o gado apanha
Que levavão roubado ouſadamente.
Outra vez vê que a lança em ſangue banha
D'eſtes, ſó por livrar com amor ardente
O preſo amigo — preſo por leal —:
Pero Rodriguez he do Landroal.

34. Olha eſte deſleal o como paga
O perjurio que fez, e vil engano;
Gil Fernandez he de Elvas quem o eſtraga
E faz vir a paſſar o ultimo damno;

|| 2 Cap. || 3 Comen. (v. *R Ph* em «immigo») || 4 *A* leuão
|| 6 so || 7 (sem parenth.)
34 2 *B* perjuro || 4 . ano (v. 1 93)

e o Commendador de Calatrava» foram uma vez fazer correria na comarca de Evora e tomaram grande presa — em gado «cinquo mill ovelhas e mill e quinhentas cabras» —; mas Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal, pôde, quando voltavam, sahir-lhes ao encontro com a sua pouca gente, venceu-os e desbaratou-os, conseguindo rehaver a presa.

5-8. Vasco Porcalho, de Villa Viçosa, «por sospeita que delle tomarom» de se ter vendido ao rei de Castella, foi forçado por Alvaro Gonçalves Coitado a entregar o castello d'aquella villa. O Mestre de Avís, porêm, deixando-se enganar pellas allegações de Vaseo Porcalho, mandou restituir-lhe o castello. Reintegrado no posto, teve meio de prender «per arte» Alvaro Gonçalves, e conformemente á recommendação do rei de Castella, mandou encerrá-lo na torre de Olivença. Mas o mesmo Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal, amigo de Alvaro Gonçalves, com «aquelles dez e seis [escudeiros] de Nuno Alvarez, e com quinze escudeiros seus, e cimquoenta homẽes de pee» deu sobre os commendadores que levavam para Olivença Alvaro Gonçalves, pondo assim o seu amigo em liberdade. (F. Lopes, *D. João I*, 1 98, 99, 100, 102).

6. D'estes] se. commendadores.

8. Sobre a graphia «Rodriguez» v. *R Ph* em «Patronymicos».

34 1-4. O mestre de Avís escrevêra a Gil Fernandes, de Elvas, «que fosse fallar a Payo Rodriguez Marinho, Alcaide de Campo mayor, que alçasse voz por elle, e que lhe faria muytas mercees». Quando foi a conferencia, P. Rodrigues, faltando ao que havia sido ajustado, prendeu traiçoeiramente G. Fernandes, que teve de resgatar-se «por duas mill dobras» (F. Lopes, *D. João I*, 1 106). Posteriormente houve entre os cavalleiros de P. Rodrigues e os de G.

De Xerez rouba o campo e quaſi alaga
Co ſangue de ſeus donos Caſtelhano.
Mas olha Rui Pereira que co roſto
Faz eſcudo ás galés, diante poſto.

35. Olha que dezeſete Luſitanos
Neſte outeiro ſubidos ſe defendem,
Fortes, de quatrocentos Caſtelhanos
Que em derredor pelos tomar ſe eſtendem;
Porem logo ſentírão com ſeus damnos
Que não ſó ſe defendem, mas offendem:
Digno feito de ſer no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno!

‖ 7 *A* Pir. (Per.: IV 30, 40) ‖ 8 aas gales
35 5 sentiram . anos (v. I 93) ‖ 6 nam so

Fernandes um reeontro, em que Gil Eanes, primo de G. Fernandes, derribou P. Rodrigues do cavallo, e, depois Martim Vasques.. «huũ dos eseudeiros que forom presos eomo Gill Fernandez» matou-o e cortou-lhe a cabeça (id. ibd. 108).

O emprego do artigo definido antes de uma oração substantiva introduzida por «como» é perfeitamente classico. Gil Fernandez hę de Elvas quem ..] por: Gil F. de Elvas he quem .. «estragar», significando «dar cabo da vida a alguem», é corrente no português antigo. o ultimo damno]=a ultima perda, a perda da vida.

5-6. «..mandou Gill Fernandez ehamar seus amigos e juntou amtre elles e os outros d'Elvas ataa çemto de eavallo e quatro çemtos homẽes de pee, e.. foi prear a terra de Exarez: e trouxe mui gram presa de vaeas, e dovelhas e de prisioneiros. E vindo elle assi eom todo pera Portugal», os Castelhanos aeometteram-nos, mas por fim «forom vençidos e desbaratados». (F. Lopes *D. João I*, I 107.

Xerez] na moderna provineia de Badajoz. o campo] está intercalado entre os dois verbos de que é complemento.

7-8. «Como algũas naaos de Portugall pellejarõm com as de Castella..[no porto de Lisboa]» (F. Lopes *D. João I*, I 133, no summario). «..E este aferramento, que Rui Pereira fez com aquellas naaos, deu grãde ajuda nas gallees de Portugall; porque as primeiras naaos de Castella quiserom dar pellas gallees, e em quamto Rui Pereira aferrou, e se empachou eom ellas, passarom as galles, que nehũa das outras naaos lhe pode empeçer (id. ibd. 133).

35 3. fortes] está em apposição,=esforçadamente.

5-6. Para sujeito de «sentírão» subentende-se «os Castelhanos»; para de «defendem-se» e «offendem» subentende-se «os Lusitanos»; v. o com. a I 82.

36. Sabe-ſe antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejárão
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto ſe illuſtrárão;
E d'elles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixárão,
Que os muitos, por ſer poucos, não temamos,
O que deſpois mil vezes amoſtramos.

37. Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generoſa de Joanne:
Aquelle faz que fama illuſtre fique
D'elle em Germania, com que a morte engane;
Eſte, que ella nos mares o pubrique
Por ſeu deſcobridor, e deſengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

36 2 peleja. || 3 .rîs || 4 illustra. || 6 eran. (herdeir.: IV 6, 54) deixa. || 7 nam

37 1 ca || 2 .ane (v. IV 36)

---

37 4 E' Vittoria Colonna ch'alto ingano | 'A la morte farà,.. (Paterno, *Le nuove fiam*, ed. de 1561) (FS).

---

36 «*Eodem tempore trecenti. Lusitani cum mille Rom. in quodam saltu contraxere pugnam in qua LXX Lusitanos, Romanos autem trecentos viginti interfectos Claudius refert*» (Eutropio com additamentos de Paulo Diacono, livro IV, ed. de Basilea de 1532).

1-2. antigamente] pertence para a oração seguinte; v. *R Ph* em «Transposição».

6. de herança] = por herança.

7-8 Cf. III 99, 3-4 (FS).

37 2. generosa] como em I 74, 6.

3-4. D. Pedro, o segundo filho de D. João I, fez extensas viagens, cuja fama se conserva na propria tradição popular. Estando em Allemanha prestou ao imperador Sigismundo († 1437) tão relevantes serviços militares contra os Turcos e os Venezianos, que o imperador queria galardoá-lo com a Marca de Treviso. fama.. com que a morte engane] equivale a: fama.. com que se subtráia á «lei da morte» (I 2, 6).

5-7. A D. Henrique, havido por iniciador dos nossos descobrimentos, já Cam. se referiu em V 4, e á tomada de Ceuta, em IV 49.

desengane de Ceita] «desenga-

38. Vês o Conde Dom Pedro que ſuſtenta
Dous cercos contra toda a Barbaria;
Vês, outro Conde eſtá, que repreſenta
Em terra Marte em forças e ouſadia;
De poder defender ſe não contenta
Alcacere da ingente companhia,
Mas do ſeu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a ſua, ali perdida.

39. Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião;
Mas falta-lhe pincel, faltão-lhe côres,
Honra, premio, favor, que as artes crião;
Culpa dos vicioſos ſucceſſores,
Que degenerão certo e ſe deſvião
Do luſtre e do valor dos ſeus paſſados,
Em goſtos e vaidades atolados.

38 1 dom ‖ 3 *B* Vês . tà ‖ 5 nam ‖ 6 Alcaç.
39 3 . çel . tão cor. ‖ 6 . erão

nar de uma pessoa ou cousa» no português antigo é: tirar alguem do engano em que está com respeito a uma pessoa ou cousa. a Maura tumida vaidade]=a crença falsa que, na sua soberba, os Mouros tinham [de que Ceuta havia de ser sempre sua). «vaidade», trisyllabo, como em IV 95.

38 1-2. O Conde D. Pedro de Meneses († 1437) foi o primeiro capitão de Ceuta. Os cercos que teve de sustentar contra os Mouros, vem historiados na *Chronica* d'este conde composta por Zurara.

3-8. outro conde] é o conde de Vianna, D. Duarte de Meneses, filho natural do conde D. Pedro de Meneses, capitão de Alcacer Ceguer, que defendeu contra os repetidos ataques dos Mouros, segundo se lê na *Chronica* d'este conde. O feito de D. Duarte de Meneses, «homem muito ardido e de honroso coração» (cap. 3.º), salvar D. Affonso V com sacrificio da propria vida é referido no cap. 154, e no cap. 1.º diz o autor, dirigindo-se a este principe; «..que o virees acabar sua vida antre os Mouros per defensão de vossa pessoa na Serra de Benacofu, quando a segunda vez passastes em Affrica» (a primeira vez fôra em 1458).

representa]=é o trasladado de; de igual modo: Este só, que a ti, Marte, representa (Cam., eleg. «Despois que Magalhães..»; FS).

39 8. gostos e vaidades]=

40. Aquelles pais illuſtres que já derão
Principio á geração que d'elles pende,
Pela virtude muito então fizerão
E por deixar a caſa que deſcende.
Cegos, que dos trabalhos que tiverão,
Se alta fama e rumor d'elles ſe eſtende,
Eſcuros deixão ſempre ſeus menores
Com lhe deixar deſcanſos corruptores!

41. Outros tambem ha grandes e abaſtados
Sem nenhum tronco illuſtre d'onde venhão:
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil que eſforço e ſaber tenhão.
Eſtes os ſeus não querem ver pintados,
Crendo que côres vãs lhe não convenhão,
E como a ſeu contrairo natural,
A' pintura que falla, querem mal.

40 2 aa geraçam (v. I 64) || 3 muy. antão (v. II 60) || 8 .utores (corrupto; v 71, VI 97)
41 3 aas || 4 Dão q̃ es. .nhã || 5 nam || 6 cor. || 8 Aa

gostos vaidosos, gostos vãos; cf.: gostosa vaidade (IV 99). «vaidades» em tres syllabas, como em IV 95.

40 1. já] como em VII 74, 4.

4. descende] d'elles.

5-6. dos trabalhos que tiverão] pertence propriamente para a oração «Se .. se estende», na qual «d'elles» repete anacoluthicamente a ideia de «os trabalhos».

7. menores] por «descendentes» é latinismo: *nostrosque hujus meminisse minores* (Verg. *En.* I 733).

8. descansos corruptores] Cf.: *non se luxui neque inertiae corrumpendum dedit* (Sall. *Jug.* 39).

41 3. privados] como em III 91, 6.

5. os seus] sc. ascendentes.

6. vãs]=falsas. lhe] representa «os seus».

7-8. Os que não têm ascendentes illustres, querem mal á «pintura que falla», i. é, á poesia, tanto como á «poesia muda» (VII 76), i. é, á pintura, por isso que, embora haja contraste entre as duas artes (das quaes uma falla, a outra é muda) ambas cooperam para o mesmo fim, a glorificação do merito. O dizer conciso do Poeta só apparentemente é illogico.

42. Não nego que ha com tudo deſcendentes
De generoſo tronco e caſa rica,
Que com coſtumes altos e excellentes
Suſtentão a nobreza que lhe fica;
E ſe a luz dos antigos ſeus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem ſe faz eſcura;
Mas d'eſtes acha poucos a pintura."

43. Aſſi eſtá declarando os grandes feitos
O Gama, que ali moſtra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do ſingular artifice ali pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na hiſtoria bem diſtinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As goſtoſas batalhas que ali via.

44. Mas já a luz ſe moſtrava duvidoſa,

42 1 Não *A* â *B* à (v. 1 74) ‖ 2 Do (A cor. é já antiga) ‖ 3 cust. (v. v 1) ‖ 5 *A* ha ‖ 7 Nam

43 1 *A* .tâ *B* .tà ‖ 3 mão tam tam ‖ 5 der. (v. 1 76)

44 1 dubiaeque crepuscula lucis (Ov. *Met.* XI 596) (FS).

42 2. generoso] como em I 74, 6.
4. que lhe fica] em herança.
5. a luz] é complemento de «clarifica».

43 2. que] refere-se a «feitos».
5-6. Sobre a construcção «olhos promptos e direitos na historia» cf. VII 59. bem distinta]=que representa bem definidamente os factos; cf. II 109, 4.
8. gostosas] com respeito a vista que offerecem na pintura, e ás explicações que acerca d'ellas são dadas.

Alguem pensa que o ter D. Manoel ordenado que fossem representados em tapeçarias certos factos relativos ao descobrimento e conquista da India, foi o que suggeriu a Cam. a ideia das pinturas nas bandeiras da náo. (A integra das instrucções de D. Manoel a este

Porque a alampada grande ſe eſcondia
Debaxo do horizonte e luminoſa
Levava aos antipodas o dia,
Quando o Gentio e a gente generoſa
Dos Naires da nao forte ſe partia
A buſcar o repouſo que deſcanſa
Os laſſos animais na noite manſa.

45. Entre tanto os aruſpices famoſos,
Na falſa opinião que em ſacrificios
Antevem ſempre os caſos duvidoſos
Por ſinaes diabolicos e indicios,

44 3 *B*. baixo Ori. ‖ 4 Ant.
45 1 Ar.

respeito vem em *Alguns documentos*, pag. 516 e seguintes).

44 2. a alampada grande] «Fez Deos pois dous grandes luzeiros, hum maior, que presidisse ao dia: outro mais pequeno, que presidisse à noite» (Genesis, I 16).

«alampada» no sentido do vocabulo *lampas* em *Phoebeae lampadis* (Verg. *En.* III 637).

5-6. V. VII 73, 5-6. o Gentio] é o Catual. generosa] como em I 74, 6.

8. mansa]=tranquilla.

45 «Os mouros.. quando virão que a embaixada de Vasco da Gamma era a fim do commercio destas especiarias, ficarão muito tristes.. Sobre o qual caso os principaes a que isto maes tocaua teuerão consulta», e então um d'elles contou que no anno anterior, tardando-lhe duas náos de Meca, consultára um dos «que usão do officio de astrologia e doutras artes que daqui dependem» e que este «em hum vaso daguoa lhe mostrara as naos perdidas e maes outras á vela que dezia partirem de mui longe pera vir â India, que a gente dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes».. «com esta historia, ou fosse fingida pera induzir os outros.. ora que o demonio lhe quis representar aquelle seu futuro mal: a conclusão da consulta acabou que buscassem todolos modos possiueis pera sumir os nossos nauios no fundo do mar, e que as pessoas como ficassem em terra, hum e hum os irião gastando com que não ouuesse memoria delles nem do que tinhão descuberto» (Barros I 4, 9). Nesta noticia se bascia a ficção contida na presente estancia e nas seguintes.

1-4. Estou inclinado a pensar que «Na falsa opinião» pertence para a oração relativa (v. *R. Ph* em «Transposição») e que o periodo ha-de ordenar-se d'este modo: os aruspices famosos, que na falsa opinião (i, é, segundo a sua falsa crença) antevem sempre em sacrificios (i. é, observando «as entranhas das victimas») os casos duvi

Mandados do Rei proprio, eſtudioſos
Exercitavão a arte e ſeus officios
Sobre eſta vinda d'eſta gente eſtranha
Que ás ſuas terras vem da ignota Heſpanha.

46. Sinal lhe moſtra o Demo, verdadeiro,
De como a nova gente lhe ſeria
Jugo perpetuo, eterno cativeiro,
Deſtruição de gente e de valia.
Vai-ſe eſpantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei — ſegundo o que entendia —
Os ſinais temeroſos que alcançára
Nas entranhas das victimas que olhára.

47. A iſto mais ſe ajunta, que hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé que tudo excede,

|| 8 aas Esp. (v. III 17)

46 4 .çam || 5 ato. || 7 *A* .âra *B* .àra || 8 oulhara (olhais: VII 55; olhai: X 147; olhar: VIII 13, 54; a fórma antiga «oulhar» é certamente devida á pronuncia do compositor)

47 2 .ey Mapha. || 3 nam || 4 Fe

dosos —; o entendimento geral, porêm, é que «Na falsa opinião» pertence para «famosos», significando «falsa opinião» a arte divinatoria em que erradamente se crê. diabolicos] pertence tambem para «indicios».

5. estudiosos] (no sentido do adverbio *studiose*) = com empenho, com zelo.

46 1. verdadeiro] pertence para «sinal» (e não para Demo» como por espirito de subtileza FS entendeu); equivale a: certo (VIII 56, 7).

2. como] equivale a «que»; v. o com. a I 78.

4. valia] = poder.

47 1-7. Em «hum devoto sacerdote.. Baccho.. lhe aparece» (por: a hum devoto sacerdote B. apparece) ha anacoluthia; cf. VIII 58-59. Em algumas edições está indevidamente «a hum». Dos odios.. não remoto] é latinismo, cf. *a culpa remotus*. Contra a

Em forma do Propheta falſo e noto
Que do filho da eſcrava Agar procede,
Baccho odioſo em ſonhos lhe aparece,
Que de ſeus odios inda ſe não dece.

48. E diz-lhe aſſi: «Guardai-vos, gente minha,
Do mal que ſe aparelha pelo immigo
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que eſteis mais perto do perigo».
Iſto dizendo, acorda o Mouro aſinha
Eſpantado do ſonho; mas comſigo
Cuida que não he mais que ſonho uſado;
Torna a dormir quieto e ſoſſegado.

49. Torna Baccho dizendo: «Não conheces
O grão legiſlador que a teus paſſados
Tem moſtrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces!
Pois ſaberás que aquelles que chegados

‖ 7 Baco ‖ 8 nam .eçe
48 1 guar. ‖ 2 imi. (v. *R Ph*) ‖ 6 cons. (v. 1 73) ‖ 7 não ‖ 8 sosc.
49 1 Bacho nam ‖ 2 gram ‖ 5 parti (a corr. é já antiga) ‖ 5 vello ‖ 6 .eras

divina Fé que tudo excede] (=a fé catholica) liga-se a «concebidos». Em 5-6 ha periphrase de «Mahomet»; v. o com. a 1 53. «noto» (que alguns tem pensado estar por «notho»=*nothus*, i. é, illegitimo) corresponde ao «claro» de 1 53.

48 2. Sobre a syntaxe, v. o com. a 1 52, 4.
3. agoas humidas] corresponde ao *maria unida* da *Eneida* v 594. (G. de Amorim escreveu inscientemente «tumidas»).
4. esteis] v. *R Ph* em «estar».
5. Isto dizendo] sc. Baccho; cf. com. a 1 82. «Isto dizendo» é tambem o principio de 1 56.

49 3. Tem moſtrado] Hoje dir-se-hia: mostrou. preceito]=lei (religiosa).

De novo ſão, ſerão mui grande damno
Da lei que eu dei ao neſcio povo humano.

50. Em quanto he fraca a força d'eſta gente,
Ordena como em tudo ſe reſiſta;
Porque, quando o Sol ſae, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda viſta;
Porem deſpois que ſobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquiſta,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis».

51. Iſto dito, elle e o ſomno ſe deſpede,
Tremendo fica o attonito Agareno;
Salta da cama, lume aos ſervos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz que ao Sol precede,
Moſtrara o roſto angelico e ſereno,
Convoca os principaes da torpe ſeita,
Aos quais do que ſonhou, dá conta eſtreita.

‖ 7 sam .ram .uy dano (v. 1 93) ‖ 8 *B* dey

50 4 por ‖ 7 Tam ‖ 8 nam

51 1 sono (v. II 60) ‖ 2 ato. ‖ 6 rosto (sem «o»; a corr. foi proposta por G. de Amorim; já B. Caldera traduzira «*su rostro*») Ang. ‖ 7 cei. (v. VII 75) ‖ 8 *A* dâ

7. De novo] como em 1 78.

50 2. Ordena como] = ordena as cousas de modo que —, toma as providencias para que —; cf. II 29, 4.

6. agudeza dos olhos] é latinismo: *acies oculorum*.

8. lhe] refere-se a «gente».

51 1-4. Compare-se o que faz o sacerdote mahometano, com os actos de Turno depois de lhe ter apparecido em sonhos Allecto disfarçada na sacerdotiza Cálybe, na *Encida*, VII 458-460.

elle e o somno] = elle (Baccho), e, conjunctamente o somno; e por isso está o verbo no singular.

5-6. Cf.: a formosura angelica e serena | Da tarde amena (Cam., ecl. «Passado já algum tempo..»).

mostrara] está, fóra do usual, por: mostrou.

7. os principais da torpe seita] i. é, os principaes mercadores mouros; v. o texto de Barros no com. a VIII 45.

52. Diverſos pareceres e contrarios
Ali ſe dão; ſegundo o que entendião;
Aſtutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavão e tecião;
Mas deixando conſelhos temerarios,
Deſtruição da gente pretendião
Por manhas mais ſutis e ardis milhores
Com peitas adquirindo os regedores.

53. Com peitas, ouro e dadivas ſecretas
Concilião da terra os principais,
E com razões notaveis e diſcretas

52 2 dão || 4 .auam || 6 .içam || 7 sotis (v. 1 92) || 8 adque.

52 3. «traição», como representante de *traditio*, era ainda trisyllabo no tempo de Cam.; *ai* não formava ditongo, e o *a* pronunciava-se fechado. G. de Amorim, desconhecedor da pronuncia antiga, pensa que falta ao verso uma syllaba e escreve, com a ed. de 1702, «Astucias e traições» («astucias, traições» já se lia em ed. anteriores á de 1702).

5-8. «Porem.. pareceo-lhe mais seguro modo ser este caso commettido pelo executor de todalas mas sentenças que he o dinheiro: subornando com elle ao Catual que tinha cargo dos nossos pera que indinasse a el Rey contra ellcs [Portugueses] com algũas razões apparentes que lhe derão pera o caso.. O Catual tanto que vio tempo pera isso disse a Camorij que geralmente todos os homens do Ponente que estauão naquella cidade, dizião que aquelles que ahi erão vindos na sua propria terra vivião maes deste officio de cossairos que de tracto e mercadoria», c que as cartas do rei de Portugal eram um artificio «pera encobrir a infamia de vagabundos..» (Barros 1 4, 9, contin. do texto do com. a VIII 45); «os mouros de Calicut acordarão que trabalhassem todo ho possiuel com ho catual c com ho feytor del rey de Calicut que lhe fizessem crer que Vasco da Gama que era cossairo e não uiuia se não de roubos (Cast. 1 79).

O ultimo verso explica em que consistiam as «manhas e ardis».

Com «os regedores» Cam. quer designar os «avaros Catuais» da est. 56, e os «Catuais corruptos» da est. 76; mas com esta designação inexacta elle tinha na mente o catual e o feitor, de que falla Castanheda.

53 1. ouro e dadivas secretas] são appostos explicativos de «peitas».

2. concilião]=*sibi conciliant*, é synonymo do verbo «adquirir» da est. precedente. da terra os principais] são «os regedores» da est. precedente.

Moſtrão ſer perdição dos naturais,
Dizendo que ſão gentes inquietas,
Que os mares diſcorrendo Occidentais
Vivem ſó de piraticas rapinas,
Sem Rei, ſem leis humanas ou divinas.

54. O' quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conſelheiros ou privados
De conſciencia e de virtude interna
E de ſincero amor ſejão dotados!
Porque como eſte poſto na ſuperna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingoa conſelheira.

55. Nem tão pouco direi que tome tanto
Em groſſo a conſciencia limpa e certa,
Que ſe enleve num pobre e humilde manto
Onde ambição a caſo ande encuberta.
E quando hum bom em tudo he juſto e ſancto,
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal co elles poderá ter conta
A quieta innocencia em ſó Deos prompta.

53 4 .ostram .içam || 5 sam || 7 so
54 1 O || 4 .cjam || 5 *A* estè *B* este || 6 *B* aparat.
55 1 tam .rcy || 4 .ição || 5 hũ || 6 E em (a corr. é já antiga; cf. 1 1, 5 e 7) || 7 *A* .crâ *B* .crà || 8 ino.

4. «scr [os Portuguescs] perdição dos naturais [da India]».

54 As reflexões contidas nesta est. são suggeridas pelo facto de o soberano de Calecut se aconselhar com «os principais da terra», que estavam subornados; v. VIII 60, 1-4.

3. interna] em contraposição a «exterior» ou: apparente, fingida.

55 1-2. Nem] = porêm não, como *neque*. «tomar em grosso» equivale a: acceitar sem exame.

certa] = segura, em que pode haver confiança.

3. pobre e humilde manto] de religioso.

5-8. E] serve de introduzir uma nova hypothese, a de o religioso ser inteiramente despido de

56. Mas aquelles avaros Catuais,
Que o gentilico povo governavão,
Induzidos das gentes infernais,
O Português deſpacho dilatavão.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavão,
Que levar a ſeu Rei hum ſinal certo
Do mundo que deixava deſcuberto,

57. Niſto trabalha ſó; que bem ſabia,
Que deſpois que levaſſe eſta certeza,
Armas e naos e gente mandaria
Manoel, que exercita a ſumma alteza,
Com que a ſeu jugo e lei ſometeria
Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que hum diligente
Deſcobridor das terras do Oriente.

58. Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com ſeu deſpacho ſe tornaſſe,

(v. *R Ph* em «immigo») so pronta (prompt.: III 3; V 24; VI 70; VII 29, 59, 67; VIII 43; IX 55; X 148)

56 2 Gent. || 4 .ugues || 8 deixa (a corr. é já antiga)

57 1 so quem (a corr. é já antiga) || 5 .ey

58 1 Gen.

ambição. «ter conta com» equivale a: olhar por, attender a; v. o *Dicc.* de Moraes em «conta». em Deos prompta] Cf. VIII 43.

Nesta est. a allusão aos jesuitas, que senhorearam inteiramente o animo do rei de Portugal, é transparente.

56 1. Mas] serve de reatar o fio da narração cortado pelas duas est. precedentes; cf. IV 54, 1.

Sobre os «Catuais», v. o com. a VIII 52.

3. gentes infernais] os mouros.

6. ordenavão] como em VIII 50, 2.

57 1. Nisto] i. é, no que vae dicto nos dois ultimos versos da est. precedente.

Que já ſentia em tudo da malina
Gente impedir-ſe quanto deſejaſſe.
O Rei, que da noticia falſa e indina
Não era de eſpantar ſe ſe eſpantaſſe,
Que tão credulo era em ſeus agouros,
E mais ſendo affirmados pelos Mouros,

59. Eſte temor lhe eſſria o baixo peito;
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza eſtá ſugeito,
Hum deſejo immortal lhe accende e atiça;
Que bem vê, que grandiſſimo proveito
Fará, ſe com verdade e com juſtiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rei dos Luſitanos.

60. Sobre iſto nos conſelhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres,
Que naquelles com quem ſe aconſelhava,
Executa o dinheiro ſeus poderes.
O grande Capitão chamar mandava;
A quem chegado diſſe: "Se quiſeres

‖ 6 Nam desp. (v. *R Ph* em «Elisão») sesp. ‖ 7 tam
59 3 *A* .tâ ‖ 4 acen. (v. 1 5) ‖ 6 *A* .râ *B* .rà
60 2 .uy ‖ 5 *B* cap. ‖ 6 se

58 3-4. da malina | Gente impedir-se] Sobre a syntaxe, v. o com. a I 52, 4.

5-8. V. VIII 45-46. No 7.º verso «espantar» está primeiramente na accepção de «admirar muito», depois na de «atemorizar»; v. *R. Ph* em «Trocadilhos».

59 1. Em «O Rei [na est. precedente] .. | Este temor lhe esfria o baixo peito» ha anacoluthia inteiramente semelhante á de VIII 47.

2-8. Cf. VIII 77. quem] V. o com. a II 36. cometc] como em I 94. 1.

60 3-4. V. os textos de Barros e Castanheda no com. a VIII 52.

5-8. «.. tanto que o Camorij conecbeo o que lhe dezião, mandou chamar Vaseo da Gamma e disse que lhe descubrisse hũa verdade, que elle prometia de lhe perdoar .. que se andauão desterrados por algum caso elle os ajudaria em

Confeſſar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

61. Eu ſou bem informado que a embaixada
Que de teu Rei me déſte, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei nem patria amada,
Mas vagabundo vas paſſando a vida;
Que quem da Heſperia ultima alongada,
Rei ou ſenhor, de inſania deſmedida,
Ha-de vir cometer com naos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

62. E ſe de grandes Reinos poderoſos
O teu Rei tem a regia mageſtade,
Que preſentes me trazes valeroſos,
Sinais de tua incognita verdade?
Com peças e dões altos, ſumptuoſos,
Se lia dos Reis altos a amizade;

‖ 8 . aras

61 1 embax. (embaixadores: VI 49) ‖ 2 deste ‖ 3 tẽs ‖ 5 Hísp. (Hesp.: IV 54) ‖ 8 Tam . agẽs

62 2 majes. (mages.: I 9, VII 60)

tudo. Cà segundo tinha sabido a; elles não tinhão rey, ou se o auia na sua patria, o seu officio maes era andar pelo mar darmada a maneira de cosairos que por razão do commercio» (Barros I 4, 9). «[Quando V. da Gama fallou da segunda vez ao rei, este disse-lhe] que não sabia que amizade queria coele quem lhe não mandaua nada» (Cast. I 29). quem] é o pronome relativo empregado, á latina, em vez do pronome pessoal; para elle pertence o particípio «chegado» (=depois que chegou). verdade limpa e nua] Tambem: verdade]. . . limpa e nua (Cam., redond. a hũas suspeitas; FS).

61 2. que he fingida] «que» é repetição da conjunção do verso anterior: v. o com. a I 55, 7.

5. Que] no sentido de «pois», no rosto de uma oração interrogativa, está totalmente antiquado. Heſperia ultima] V. o com. a II 108, 6.

62 3. valeroſos] =de grande valor. G. de Amorim substitue «valeroſos» por «valioſos», adjectivo que, no tempo de Cam., significava sòmente «que tem validade».

5. peças e dões] é hendiadys, =peças que sirvam de dons.

6. «liar amizade» corresponde a: *amicitiam conjungere*.

Que final nem penhor não he baſtante
As palavras de hum vago navegante.

63. Se por ventura vindes deſterrados,
Como já forão homens de alta ſorte,
Em meu Reino ſereis agaſalhados,
Que toda a terra he patria pera o forte;
Ou ſe piratas ſois ao mar uſados,
Dizei-m'o ſem temor de infamia ou morte,
Que por ſe ſuſtentar em toda idade
Tudo faz a vital neceſſidade".

64. Iſto aſſi dito, o Gama, que já tinha
Suſpeitas das inſidias que ordenava
O Mahometico odio, d'onde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava,
Cũa alta confiança que convinha,
Com que ſeguro credito alcançava,

‖ 7 não ‖ 8 dom (v. *R Ph* em «Elisão»)
63 2 .oram .mẽs dal. (v. *R Ph* em «Elisão»)
64 4 tam

63 4 .Omne solum forti patria est (Ov. *Fast.* 1 493) (FS).

7-8. sinal nem penhor não he] como «saber humano nem prudencia.. não alcança» (II 31). Dizendo «he», Cam. concordou o verbo não com o sujeito, senão com o nome predicativo que antecede o verbo, como em latim em: *Amantium irae redintegratio amoris est* (Terencio). Menos correctamente disse Rodrigues Lobo: «Nem he outra cousa, os desvarios, e desatentos dos que amão, senão..» na *Corte na aldea*, dialogo v).
vago] = errante.

63 5. usados] como em VII 47.
7-8. em toda idade] = em todo o tempo; pertence para «Tudo faz» (= a tudo obriga).

64 «Vasco da Gamma quando ouvio taes palauras, sem leixar ir el Rey maes auante com ellas disse..» (Barros I, 4, 9: contin. do texto do com. a VIII 60).
2. ordenava] como em II 29, 4.

Que Venus Acidalia lhe influia,
Tais palavras do fabio peito abria:

65. «Se os antigos delictos que a malicia
Humana cometeo na priſca idade,
Não cauſárão que o vaſo da nequicia,
Açoute tão cruel da Chriſtandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na gèração de Adão, co a falſidade,
O' poderoſo Rei, da torpe ſeita
Não concebèras tu tão má ſuſpeita.

66. Mas porque nenhum grande bem ſe alcança
Sem grandes oppreſſões, e em todo o feito
Segue o temor os paſſos da eſperança,
Que em ſuor vive ſempre de ſeu peito,
Me moſtras tu tão pouca confiança

65 1 .itos ‖ 3 Nam .aram *A* niquicia *B* iniquicia (M. Corr.: nequicia; v. a *Introducção*) ‖ 5 por ‖ 6 geraçam (v. 1 64) .dão ‖ 7 O ‖ 8 Nam concebe. tam *A* mâ *B* mà sosp. (susp.: VIII 64)

66 2 opr. (v. III 95) *A* fey. ‖ 4 pey. ‖ 5 tão ‖

7. Acidalia] epitheto de Venus, tomado de uma fonte do mesmo nome — na Beocia —, consagrada ás Graças, segundo Servio no com. á *Eneida* I 720.

65 3-8. Não causárão] = não tivessem causado. «causar que» na accepção de «ser causa de que» é corrente no portuguêz antigo.
o vaso da nequicia] = o vaso da maldade, é o Demonio; no entender porêm de Man. Corrêa, é Mahomet. «vaso» nesta accepção figurada é expressão biblica: *Simeon et Levi fratres: vasa iniquitatis bellantia* (*Genesis* XLIX, 5; FS). Viera] = viesse, cf. «Bem podera Deos fazer que.. não foram» (H. Pinto I 267 da 1.ª ed.). Em «co a falsidade» começa a apódose (o membro condicionado). Na gèração de Adão] = entre os homens. co a falsidade.. da torpe seita] allude ao que se diz em 51-53; «da torpe seita» é tambem o final de VIII 51, 7.

(FS não entendeu bem o primeiro membro d'este periodo hypothetico, suppondo que o «por» do 5.º verso era a preposição — o que tambem aconteceu a B. Caldera, que traduziu «*que por perpetua enemistade*» —).

66 5-8. «confiança de» = «confiança em» corresponde a

D'eſta minha verdade, ſem reſpeito
Das razões em contrario, que acharias
Se não creſſes a quem não crer devias.

67. Porque ſe eu de rapinas ſó viveſſe,
Undivago ou da patria deſterrado,
Como crês que tão longe me vieſſe
Buſcar aſſento incognito e apartado?
Por que eſperanças ou por que intereſſe
Viria exp'rimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios e os ardores
Que ſoffrem do Carneiro os moradores?

68. Se com grandes preſentes de alta eſtima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o eſtranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;
Mas ſe a fortuna tanto me ſublima,
Que eu torne á minha patria e Reino amigo,

6 *A* respey. || 8 Senão

67 1 so || 2 *B* . errada || 3 eres || 5 (Em «Porque» e «porque» o «que» está chegado de mais ao monosylabo anteecedente por falta de espaço). || 6 esp. (v. IV 95) yr. || 7 . artieos || 8 sofr. (v. I 65) . eyro

68 1 dal. (v. *K Ph* em «Elisão») || 3 não q̃ Cl. || 4 nat. pos Rey. || 5 Fort. || 6 à *B* rei.

ſiducia alicujus rei. respeito] como em III 127, 5.

67 1. Porque] está empregado como «Que» em VIII 61, 5.

6. o mar irado] é tambem o final de VI 27, 2.

8. do Carneiro os moradores]= os habitantes da zona torrida, dividida ao meio pelo equador. Um dos dois pontos em que o equador celeste e a ecliptica se cortam, é no signo de Aries (nome que em latim quer dizer «carneiro»).

68 «..Vaseo da gama respondeo, que se não espantasse de lhe não trazer nada, porque não tinha certeza de ho achar, e agora que ho achara veria o que el rey seu senhor lhe mandaua» (Cast. I 20).

2. credito]=prova segura *(fides)*.

3. Na apódose ha a mesma abre-

Então verás o dom ſoberbo e rico
Com que minha tornada certifico.

69. Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Heſperia a ti me mande,
O coração ſublime, o regio peito
Nenhum caſo poſſibil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Luſitano eſpirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que creia d'elle tanta fortaleza.

70. Sabe que ha muitos annos que os antigos
Reis noſſos firmemente propoſerão
De vencer os trabalhos e perigos
Que ſempre ás grandes couſas ſe oppoſerão,
E deſcobrindo os mares inimigos
Do quieto deſcanſo pretendêrão
De ſaber que fim tinhão e onde eſtavão
As derradeiras praias que lavavão.

‖ 7 .tão *A* .râs *B* .ràs

69 1 .eçe ‖ 2 His. (v. VIII 61) ‖ 3 .açam ‖ 5 .eçe gram ‖ 7 fe ‖ 8 crea (v. *R Ph* em «-eia»)

70 2 .puserão (posesse: IV 77, V 51) ‖ 4 *A* âs *B* às opuserão ‖ 6 .derão

viação de expressão que em I 54, 7-8.

8. minha tornada] sc. á patria. «certifico» tem aqui o valor de futuro; é assim que entendem Macedo (*munera.. quae nostri reditûs testentur honorem*) e Storck; FS interpreta mal: *con que certifico mi buelta aqui.*

69 3-4. V. o com. ao 3.º verso da est. precedente. grande] = demasiado grande.

5. bem parece] = é muito natural, não é nada de estranhar. conceito] = proposito.

7. de mais alteza] = mais alta; equivale á qualificação «maior» que acompanha «credito».

8. A oração é final. d'elle] espirito Lusitano) = a respeito d'elle.

70 5-6. os mares inimigos | Do quieto descanso] Cf.: o nunca descansado.. gremio | Da madre Tethys (VIII 74).

8. lavavão] tem por sujeito «os mares».

71. Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoſo Rei que arou primeiro
O mar por hir deitar do ninho caro
O morador de Abyla derradeiro.
Eſte por ſua induſtria e engenho raro
Num madeiro ajuntando outro madeiro
Deſcobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

72. Creſcendo cos ſucceſſos bons primeiros
No peito as ouſadias, deſcobrirão
Pouco e pouco caminhos eſtrangeiros,
Que huns ſuccedendo aos outros proſeguirão.
De Africa os moradores derradeiros
Auſtrais, que nunca as ſete flammas vírão,
Forão viſtos de nós, atrás deixando
Quantos eſtão os Tropicos queimando.

71 3 yr (v. 1 9) || 4 Abi. || 7 po. || 8 Ydra
72 1 .eyros || 2 pey. descobri. || 3 .eyros || 4 hũs prosegui. || 5 Aff. (v. o *R Ph*) .eyros || 6 vi. || 7 Forão nos .tras dey. || 8 quey.

71 1. o ramo claro] o infante D. Henrique; v. VIII 37.

2-4. Allude-se á expedição contra Ceuta; v. IV 48-49. O morador . . derradeiro] «derradeiro» por estar «onde Alcides pôs a extrema meta» (IV 49, 4).

5. Este] D. Henrique.

7-8. a parte—] é periphrase de «o hemispherio austral». que] é complemento de «faz clara».

A Argo (ou Náo, X 88, 8), a Hydra, a Lebre e a Ara são quatro das quinze constellações austraes de Ptolemeo. «Argo» e não «Argos» se deve dizer; mas esta inexactidão é tradicional no nosso país. No *Novo Methodo* de Per. de Figueiredo, a pag. 51, está «*Argo, ûs*, a náo Argos», e o proprio A. J. Viale no *Bosquejo metrico*, II 10, diz «a immortal Argos» (rimando com «lagos»).

72 3. caminhos estrangeiros] =*vias estrañas, nuevas, no abiertas de otra gente* (FS).

4. huns] sc. navegadores.

6. as sete flammas]=o sete-estrello. Este nome designa ordinariamente as Pleiadas; mas applica-se tambem a qualquer das duas Ursas.

8. Quantos] é complemento de «queimando».

73. Aſſi com firme peito e com tamanho
Propoſito vencemos a fortuna,
Até que nós no teu terreno eſtranho
Viemos pôr a ultima columna;
Rompendo a força do liquido eſtanho,
Da tempeſtade horrifica e importuna,
A ti chegamos, de quem ſó queremos
Sinal que ao noſſo Rei de ti levemos.

74. Eſta he a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não ſendo iſto aſſi, eſperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio;
Mas antes deſcanſar me deixaria
No nunca deſcanſado e fero gremio
Da madre Tethys, qual pirata inico
Dos trabalhos alheios feito rico.

73 1 pey. ‖ 2 à (v. o com.) Fort. ‖ 3 Atc nos ‖ 4 *B* por .luna (v. II 36) ‖ 5 *A* Est. ‖ 7 so ‖ 8 sinal Rey
74 1 .cy ‖ 4 vão ‖ 5 dey. ‖ 7 Thetis ‖ 8 .eyos fey.

73 2. Proposito] parece estar no sentido de persistencia na resolução. (Em x 42 está «Vencerão a fortuna e o proprio Marte»; assim considero mais provavel que o accento do *a* seja erro typographico).

3. estranho] com em VIII 68, 3.

4. pôr a ultima columna] parece-me ser dicto com allusão ás columas postas por Hercules (*laborum Herculis metae*); v. IV, 9, III 18. Man. Corrêa — e com elle Storck — entende que se refere aos «padrões» postos pelos nossos descobridores.

5. o liquido estanho] = os mares. Na poesia latina o plural de *stagnum* emprega-se na accepção geral de «agoas», v. g. em: *Cuncta per et terras et lati stagna profundi | condiderat somnus* (Sil. Ital VII 282-283); cf.: *pei salati stagni* (*Orl. fur.* x 15); FS pensa, pouco acertadamente, que o Poeta teve a estranha ideia de referir-se ao metal, chamando ás agoas do mar «estanho derretido» (Storck acceita a interpretação de FS: *trotzend dem flussigen gewalt'gen Zinne*). Acerca do epitheto «liquido» cf. «pelas agoas humidas» (VIII 48). A accentuação d'este verso, na syllaba 4.ª e na 7.ª, é como a de IX 46, 1.

6. importuno] como *importunus* em *importuna clades, importuna mors*.

74 1. que] é particula causal. V. da Gama, prestes a concluir,

75. Aſſi que, ó Rei, ſe minha grão verdade
Tens por qual he, ſincera e não dobrada,
Ajunta-me ao deſpacho brevidade,
Não me impidas o goſto da tornada;
E ſe inda te parece falſidade,
Cuida bem na razão que eſtá provada,
Que com claro juizo pode ver-ſe,
Que facil he a verdade de entender-ſe."

76. Atento eſtava o Rei na ſegurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe d'elle certa confiança,
Credito firme em quanto proferia;
Pondera das palavras a abaſtança,
Julga na autoridade grão valia;

75 1 ô .ey grão ‖ 2 Tẽs não ‖ 4 Não ‖ 6 Cuy ..zão .ta ‖ 7 .yzo ‖ 8 dent. (v. *R Pk* em «Elisão»)
76 1 .ey ‖ 2 dez. (v. 1 30) ‖ 5 ha ‖ 6 grão ‖

recapitula o que disse na est. 67, e allega que se o exposto por elle nas est. 70 a 73 não fosse a verdade, escusado seria ter estado com tão longo e falso arrazoado, e teria desde logo confessado francamente que era ou desterrado ou pirata, attenta a segurança que (na est. 63) o Samorim lhe tinha dado.

75 2. sincera e não dobrada] V. o com. a III 127, 3.

6. razão] = exposição feita; corresponde ao «o que dizia» da est. seguinte.

76 «Mui atento esteue o Camorij a todas estas palavras de Vasco da Gamma oulhando muito a continencia [= francês *contenance*] com que as dizia: como homem que do fervor e constancia que lhe visse, queria conjecturar a verdade d'ellas» (Barros I 4, 9).

3. d'elle] = a respeito d'elle.
certa] = segura; quanto á collocação, cf. «certa escala» em I 54, 2.

4. «em [tudo] quanto».

5. das palavras a abastança] FS entende que quer dizer «facundia», e tambem assim pensa Macedo, que traduz «*doctae facundia linguae*»; mas a facundia pode tambem empregar-se em fazer acreditar o que assim não é; creio, pois, que o termo «abastança» ha-de tomar-se em um sentido vizinho do que tem o adjectivo cognato «bastante» nas expressões «procurador bastante, fiador bastante», e que «a abastança das palavras» é a plena sufficiencia dos

Começa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.

77. Juntamente a cobiça do proveito
Que eſpera do contrato Luſitano,
O faz obedecer e ter reſpeito
Co Capitão e não co Mauro engano.
Em fim ao Gama manda que direito
A's naos ſe vá, e ſeguro de algum damno
Poſſa a terra mandar qualquer fazenda
Que pela eſpeciaria troque e venda.

78. Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos Reinos Gangeticos falleça,
Se algũa traz idonea lá da banda
Donde a terra ſe acaba e o mar começa.

8 *A* currut. *B* corrut. (v. VIII 40)

77 1 . .eyto || 3 .eyto || 4 .itão || 5 Enfim (em fim: I 39, 102; III 121, 122; V 12; VIII 86, 89, etc.) .eyto || 6 Aas *A* vâ *B* và dalg. (v. *R Ph* em «Elisão») dano (v. II 69)

78 1 enfim (v. VIII 77; aqui evidentemente por falta de espaço) || 2 Rey. fale. (v. VI 17) || 3 la

dictos de V. da Gama para provar o seu intento.

7. =julga que tem grande valor a autoridade, a segurança com que V. da Gama fallava.

8. mal julgados]=de quem elle tinha formado juizo errado.

77 «El Rey.. tinha tenteado quanto proueito podia receber neste nouo caminho que os nossos abrirão pera dar maior saida ás suas especiarias» (Barros I 4, 9). [No fim da segunda audiença] «El rey. crendo mais o que lhe ele [V. da Gama] dizia, que o que lhe os mouros tinhão dito, disselhe que fosse embora.. e que trouuesse sua mercadoria, e que a vendesse o melhor que podesse» (Cast. I 20).

3-4. Em «ter respeito com» ha a mesma syntaxe que em «ter conta com» em VIII 55, 7.

6. seguro de algum damno]=sem ter receio de damno algum; cf. VII 2, 5-6.

8. «troque» sc. uma fazenda; «e venda» sc. outra; cf.: *quae [senatus consulta] antea .. supprimebantur vitiabanturque* (T. Liv. III 55).

78 1. Note-se o trocadilho do verbo «mandar» empregado em dois sentidos diversos.

4. E' repetição de III 20, 3.

Já da Real preſença veneranda
Se parte o Capitão pera onde peça
Ao Catual, que d'elle tinha cargo,
Embarcação, que a ſua eſtá de largo.

79. Embarcação que o leve ás naos, lhe pede;
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concedé,
Interpondo tardanças e embaraços.
Co elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto podér dos regios paços,
Onde, ſem que ſeu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe enſinar ſua malicia.

80. Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação baſtante em que partiſſe,
Ou que pera a luz craſtina do dia
Futuro ſua partida differiſſe.
Já com tantas tardanças entendia

‖ 5 *A* lâ *B* la ‖ 8 . ta
79 1 . ação aas ‖ 6 . der ‖ 8 ins. (v. II 70)
80 1 La ‖ 2 . açam ‖ 4 diſſ. (v. I 30)

5-8. «E coisto [V. da Gama] se foi pera a pousada, acompanhandoo ho Catual por mandado del rey» (Cast. I 20).

«estar de largo» (como tambem «fazer-se ao largo», etc.) é locução da lingoagem maritima.

79 No dia seguinte («que foy ho derradeyro de Mayo») ao da ultima audiencia que teve do Samorim, V. da Gama «se partio pera Pandarane». Os mouros, ao verem isto, peitaram o catual «porque fosse apos ele e que ho prendesse dessimuladamente e que eles terião maneira como ho matassem pera que ele ficasse sem culpa». Tendo pois o catual aleançado no caminho V. Gama, este «pedio.. hũa almadia ao Catual pera se ir aos nauios: e ele pelo que esperaua de fazer lhe disse que era ja muyto tarde, e que.. melhor se iria ao outro dia. Ao que ele disse que se lhe logo não désse almadia pera se ir que se tornaria a él rey, por que el rey ho mandara ir pera os nauios e que ele o queria deter.. E ho Catual se deu tanto de vagar com a almadia.. que.. se deixou Vasco da gama ficar ali aquela noyte» (Cast. I 21).

7. onde] = é d'este modo cf. VII 87, VIII 21.

O Gama, que o Gentio conſentiſſe
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que d'elle atèli não entendêra.

81. Era eſte Catual hum dos que eſtavão
Corruptos pela Maumetana gente,
O principal por quem ſe governavão
As cidades do Samorim potente.
D'elle ſòmente os Mouros eſperavão
Effeito a ſeus enganos torpemente:
Elle, que no concerto vil conſpira,
De ſuas eſperanças não delira.

82. O Gama com inſtancia lhe requere
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val,
E que aſſi lh'o mandára, lhe refere,
O nobre ſucceſſor de Perimal.
"Por que razão lhe impede e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?

‖ 7 ma .çam ‖ 8 atc. nam *B* .dèra
81 2 .utos (v. VIII 40) ‖ 5 som. ‖ 6 Eſey. (effeito: III 2, IV 77, IX 5) ‖ 8 nam
82 2 por ‖ 3 *A* .àra ‖ 5 Porque emp. (v. V 96) dife. (v. IV 12)

80 6-7. consentisse] Está o conjunctivo em lugar do indicativo por necessidade metrica. «consentisse | Na má tenção» corresponde ao «no concerto vil conspira» da est. seguinte.
8. d'elle]=a respeito d'elle.

81 3-4. Sobre a syntaxe, v. o com. a I 52.
7. no concerto.. conspira [equivale a: entra na conspiração.
8. Equivale a: não deixa frustradas as esperanças dos Mouros. O verbo latino *delirare* significa primordialmente «apartar-se do rego». Não parece que se encontre em outra parte «delirar» na accepção que tem neste lugar.

82 2. e não lhe val] sc. o requerer com instancia; «e» está em sentido adversativo.
3. lh'o] O pronome «lhe» representa «o Catual».
4. E' periphrase de: o Samorim; v. VII 32-36.
5. differe]=retarda.

Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Não pode ſer por outrem derrogado."

83. Pouco obedece o Catual corrupto
A tais palavras; antes revolvendo
Na phantaſia algum ſutil e aſtuto
Engano, diabolico e eſtupendo,
Ou como banhar poſſa o ferro bruto
No ſangue avorrecido, eſtava vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abraſaſſe,
Porque nenhũa á patria mais tornaſſe.

84. Que nenhum torne á patria ſó pretende
O conſelho infernal dos Maumetanos,
Porque não ſaiba nunca, onde ſe eſtende
A terra Eoa, o Rei dos Luſitanos.
Não parte o Gama em fim, que lh'o defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem ſem licença ſua hir-ſe podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

85. Aos brados e razões do Capitão

‖ 8 Nam
83 1 .uto (v. VIII 40) ‖ 3 fant. ‖ 8 aa
84 1 aa so ‖ 3 nam ‖ 5 Não ‖ 7 yr (v. I 9) ‖
8 *A* almâ. *B* almá.

7. de Portugal] liga-se a «fazenda». trazer] para terra.

8. «derogar», embora se pronuncie com *r* forte, actualmente escreve-se de ordinario com *r* singelo.

83 5. bruto] = cruel; cf. III 132, 1.

84 1-4. V. o texto de Barros no com. a VIII 45.

6. profanos] como em IV 33.

85 Ao outro dia (primeiro de Junho; v. o com. a VIII 79) tanto que o catual «tornou logo lhe Vasco da gama pedio almadias pera se ir: e ele lhe disse que mandasse chegar mais pera terra os nauios, e que então se iria: do que se ele agastou muyto, parecendolhe que lho dizia, pera com a muyta gente que tinha, lhe ir tomar os

Reſponde o Idolatra, que mandaſſe
Chegar á terra as naos que longe eſtão,
Por que milhor d'ali foſſe e tornaſſe.
"Sinal he de inimigo e de ladrão,
Que lá tão longe a frota ſe alargaſſe."
Lhe diz "porque do certo e fido amigo
He não temer do ſeu nenhum perigo."

86. Neſtas palavras o diſcreto Gama
Enxerga bem, que as naos deſeja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lh'as aſſalte, por odio deſcuberto.
Em varios penſamentos ſe derrama;
Phantaſiando eſtá remedio certo
Que déſſe a quanto mal ſe lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

85 3 aa || 6 la tam || 8 nam
86 3 .ama (v. II 36) || 6 Fant. *A* .tâ || 7 des.

nauios em almadias: e por isso não quis..». «Ho Catual e os outros.. lhe disserão que se ho não fizesse ho não deixarião ir: ao que elc.. respondeo que se ho não deixassem ir que se tornaria a el rey de Calicut, e lho diria». «Ho Catual disse que se fosse queixar. Porem não lhe daua lugar pera isso por que as portas da casa estauão todas fechadas, e ela toda chea de Naires com suas armas.. E ho porque dizia a Vasco da gama que mandasse chegar os nauios pera terra, era porque chegados os poderião os mouros tomar, e matar quantos estauão dentro». Entretanto V. da Gama «mandou» a Nicolau Coelho «que se tornasse aos nauios noteficandolhe como ficaua, e assi o fez Nicolau Coelho» (Cast. I 21).

2. Idolatra] com o accento na penultima, como em VII 73, 1.

6. se alargasse] = se pusesse de largo.

8. do seu] sc. amigo.

86 7. ordenava] como em II 29, 4.

87 O simile foi em parte suggerido pelo simile da *Eneida*: *sicut aquae tremulum labris ubi lumen aënis | sole repercussum aut radiantis imagine lunae | omnia pervolitat late loca, jamque sub auras | erigitur summique ferit laquearia tecti* (VIII 23-26; FS). O simile vergiliano, tomado de Apollonio de Rhodes (III 756-759), foi aproveitado, como tambem nota FS, por outros poetas mais, entre elles por Ariosto no *Orl. fur.* VIII 71.

87. Qual o reflexo lume do polido
Eſpelho de aço ou de cryſtal fermoſo,
Que do raio ſolar ſendo ferido
Vai ferir noutra parte luminoſo,
E, ſendo da oucioſa mão movido,
Pela caſa, do moço curioſo,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo, aqui e ali, e deſſoſſegado:

88. Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preſo, quando lhe lembrára
Coelho, ſe por caſo o eſperava
Na praia cos bateis, como ordenára.
Logo ſecretamente lhe mandava,
Que ſe tornaſſe á frota que deixára,
Não foſſe ſalteado dos enganos,
Que eſperava, dos feros Maumetanos.

89. Tal ha-de ſer quem quer co dom de Marte
Imitar os illuſtres e igualá-los:
Voar co penſamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,

87 2 cris. ‖ 3 ray. ‖ 5 mão
88 1 juy. ‖ 2 . ara ‖ 4 . ara ‖ 6 aa *A* . xára *B* . xàra ‖ 7 Nam
89 2 igoa. (v. IV 37) . alos ‖ 4 *A* pir. . allos ‖ 6 imigos (v. *R Ph*) . alos ‖ 7 . rey ‖ 8 Capitão não . dey

1. reflexo = que se reflecte.
5-7. sendo] o espelho. do moço curioso] pertence para «mão». Anda] o lume do espelho.

88 1. vago] corresponde a VIII 86, 5.
2. lembrara] está, por necessidade metrica, em vez de: lembrou.

89 7-8. Crer tudo] = crer que tudo pode acontecer, equivale a: pensar em tudo quanto pode acontecer: «*Scipio vero Africanus turpe esse ajebat in re militari dicere 'non putaram'*» (Val. Max. VII 2, 2; F S); «*..nec committere ut aliquando dicendum sit 'non putaram'*» (Cic. *Off.* I 23; F S).

Com militar engenho e ſutil arte
Entender os immigos e enganá-los,
Crer tudo em fim, que nunca louvarei
O capitão que diga «não cuidei».

90. Inſiſte o Malabar em te-lo preſo,
Se não manda chegar a terra a armada;
Elle, conſtante e de ira nobre acceſo,
Os ameaços ſeus não teme nada;
Que antes quer ſobre ſi tomar o peſo
De quanto mal a vil malicia ouſada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de ſeu Rei, que tem ſegura.

91. Aquella noite eſteve ali detido
E parte do outro dia, quando ordena
De ſe tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.

90 2 Senão ‖ 3 yr. ace. (v. 1 5) ‖ 4 nam ‖ 7 *B* armada por
91 4 *B* .oy não ‖ 8 *A* .erâ *B* .erà

90 3. constante] = com firmeza de animo: *constans adversus metus* (Tac. *Hist.* 1 4, fallando de Helvidio Priſco). de ira nobre acceſo] Cf.: accesos.. | De hũa nobre vergonha (IV 39; F S).

91 1-4. quando] como em I 23. ordena] = determina, decide. Neste sentido «ordenar» está antiquado.

O catual por fim «determinou de ho soltar com medo del rey saber que ho tinha preso.. E ao outro dia que foy sabado dous de Junho, disselhe que pois dissera a el rey que tiraria sua mercadoria em terra que a mandasse tirar, ..e que como a mercadoria viesse ho deixaria tornar aos nauios». V. da Gama respondeu-lhe «que logo mandaria pola mercadoria, que lhe desse almadias pera a trazerem..». «Vasco da Gama despachou hum dos seus com carta a seu irmão.. que lhe mandasse algũa pouca de mercadoria pera contentar ho Catual que ho deixasse ir..». (Cast. I 22).

5. comete] como em I 94, 1.

6. A juxtaposição de «castigo» e «pena» é vulgar nos escriptores antigos, v. o *Dicc.* de Moraes em «pena».

Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de ſeu Rei caſtigo ou pena,
Se ſabe eſta malicia, a qual aſinha
Saberá, ſe mais tempo ali o detinha.

92. Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil que trazia, pera terra,
Pera que de vagar ſe troque e venda,
Que quem não quer commercio buſca guerra.
Poſto que os maos propoſitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Conſente, porque ſabe por verdade,
Que compra co a fazenda a liberdade.

93. Concertão-ſe que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha,
Que os ſeus bateis não quer aventurar
Onde lh'os tome o immigo ou lh'os detenha.
Partem as almadias a buſcar

92 2 *A* pera a t.
‖ 4 nam comer. (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 5 prep. (prop : I 27, 101; IV 42; IX 1 etc.).
93 1 .certã ‖ 4 imi. (v. *R Ph*) ‖ 5 almà. ‖ 7 yrmão

92 3. se troque e venda] V. o com. a VIII 77.
7. por verdade] = de certeza.

93 1. concertão-se] = concertam entre si. o negro] designa fóra de toda a duvida o catual, «o Malabar» da est. 90.; não é porêm absolutamente certo o sentido em que a palavra ha-de tomar-se, sendo que uns entendem que se refere á côr muito baça do sujeito (cf. IX 12, 8; tambem Gaspar Corrêa, citado por G. de Amorim, diz do Samorim, que era «homem muito preto» [I 98]); outros, com Garcês Ferreira, crêm que é empregada como expressão afrontosa, que se tornou vulgar depois de principiar o trafico da escravatura negra iniciado pelo infante D. Henrique.
2. com que venha] Para sujeito subentende-se «a fazenda» da est. precedente. B. Fcio mudou sem razão «com que» para «em que».
6. Hispana] V. o com. a I 31, 2.

Mercadoria Hiſpana que convenha;
Eſcreve a ſeu irmão que lhe mandaſſe
A fazenda com ſe reſgataſſe.

94. Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agaſalhou o infame Catual;
Co ella ficão Alvaro e Diogo,
Que a podeſſem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio pode e val,
Bem o moſtra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama ſoltou pela fazenda.

95. Por ella o ſolta, crendo que ali tinha
Penhor baſtante, d'onde recebeſſe
Intereſſe maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detiveſſe.
Elle vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podeſſe
Ser mais retido, ſendo ás naos chegado,
Nellas eſtar ſe deixa deſcanſado.

94 3 .cam
95 5 nam || 6 nam || 7 aas

94 «E chegada a mercadoria a terra, e entregue ao Catual, e assi Diogo diaz que ficaua por feytor: e Aluaro de Braga por seu escriuão:» (Cast. 1 22).

2. agasalhou]=arrecadou.

95 «e foise Vasco da gama aos nauios, e não quis mais mandar nenhũa mercadoria ate ver como se vendia aquela, nem quis mais ir a terra por não se ver noutra afronta..» (Cast. 1 22, contin. do texto transcr. precedentemente). «..ho Catual foy contente, porque esperaua de se entregar na mercadoria cuydando que erão cousas de muyto preço» (id. ibd.).

3. vinha] com o valor de presente do condicional.

96. Nas naos eſtar ſe deixa vagaroſo
Até ver o que o tempo lhe deſcobre,
Que não ſe fia já do cobiçoſo
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioſo,
Quanto no rico aſſi como no pobre
Pode o vil intereſſe e ſede immiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga!

97. A Polydoro mata o Rei Threício
Só por ficar ſenhor do grão theſouro;
Entra pelo fortiſſimo edificio

96 1 dey. ‖ 2 *A* .tê *B* .tè ‖ 3 *A* jà *B* ja ‖ 5 juy. ‖ 7 imi. (v. *R Ph*) ‖ 8 *A* .eyro

96 Quid non mortalia pectora cogis | auri sacra fames! (Verg. *En.* III 56-57) (FS).

97 1 Poli. Rey Trei. ‖ 2 *A* Sô *B* Sò tes. ‖ 4 dou. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 6 *B* que

96 7. sede immiga] O sentido do adjectivo «immigo» neste lugar não parece poder determinar-se peremptoriamente. Visto que o Poeta mais de uma vez associa as duas ideias de «perfido» e de «inimigo» (I 71, 92; II 30; III 119) e por outro lado J. F. Barreto traduz o *auri sacra fames* de Vergilio por «Oh fome de ouro perfida e maldita» (III 13), e na lingoagem religiosa «o inimigo» equivale a «o diabo», é natural pensar que «inimigo» está por «perfido» ou «diabolico»; mas pode ser tambem que esteja no sentido de «que é a perdição de alguem, fatal para alguem» como *inimicus* em «*castra inimica petunt*» (Verg. *En.* IX 315; v. a nota respectiva de Jul. Moreira).

97 1-2. Priamo, rei de Troia, quando ia perdendo as esperanças de salvar a sua capital, confiou a criação e guarda de seu filho Polydoro a Polymnestor (ou Polymestor), rei da Thracia. Depois que Troia succumbiu, Polymnestor querendo apoderar-se do ouro que Priamo tinha mandado juntamente com Polydoro, matou o filho de Priamo e lançou o cadaver ao mar; v. Verg. *En.* III 49-56.

3-4. Acrisio, rei de Argos, querendo impedir o cumprimento da prophecia de que elle havia de ser morto por um neto seu, encerrou sua filha Danae em uma torre de bronze; mas o rei dos deoses penetrou na torre metamorphoseado em chuva de ouro e tornou Danae mãe de Perseo; v. Hor. *Od.* 16, 1-8;

Com a filha de Acriſo a chuva de ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quaſi afogada em pago morre.

98. Eſte rende munidas fortalezas,
Faz tredoros e falſos os amigos;
Eſte a mais nobres faz fazer vilezas
E entrega capitães aos inimigos;
Eſte corrompe virginais purezas
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Eſte deprava ás vezes as ſciencias
Os juizos cegando e as consciencias;

98 2 *B* tredores || 4 Cap. || 6 .gũs || 7 as vez. *A* âs cien. *B* às cien. (houve troca na collocação do accento) || 8 juy.

Ov. *Met.* IV 610. «entrar com alguem» equivale a: entrar onde alguem está, para lhe fallar, etc.; v. o *Dicc.* de Moraes.

Sobre a fórma «Acriso», v. *R Ph* em «Alcino».

5-8 Uma lenda registada em T. Livio (I 4; v. tambem Ov. *Met.* XIV 775-777) contava que em tempo de Romulo, vindo os Sabinos sobre Roma, a filha do governador do Capitolio, Tarpeia de nome, ajustou com o general inimigo abrir-lhe uma das portas da cidadella, se lhe fosse dado o que os Sabinos traziam no braço esquerdo, tendo em mira os braceletes e aneis de ouro de que elles usavam. Entrados porêm, que foram, os Sabinos arremessaram sobre Tarpeia os escudos tirando-lhe assim a vida. Segundo outra versão registada em Plutarcho na vida de Romulo, Tarpeia perdeu a vida debaixo do peso dos escudos e das joias que os Sabinos sobre ella arremessaram: *Quum idem facerent omnes, auro illa injecto scutisque obruta est.* A esta versão é que se arrima a narrativa de Camões.

quasi] = como que *(quasi)*.

98 1. Este] «o metal luzente e louro». munidas] = fortificadas *(munitus)*, é latinismo.

2. «tredoro, tredro, tredo» são fórmas de uma palavra de português antigo. Sobre «tredo» e «tredro» v. o *Dicc.* de Moraes; «tredoro» occorre em Castanheda II 113, D. Affonso, *Hist. da vida.. de S.to Thomás*, pag. 97, 174. A Coelho, imaginando haver erro typographico, adoptou, com outros, a

99. Eſte interpreta mais que ſutilmente
Os textos; eſte faz e deſfaz leis;
Eſte cauſa os perjurios entre as gentes,
E mil vezes tyrannos torna os Reis;
Até os que ſó a Deos omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouvireis
Que corrompe eſte encantador e illude,
Mas não ſem côr, com tudo, de virtude.

99 4 *A* tirânos *B* tiràno*s* (o accento é para evitar a confusão com «tira-nos») || 5 Ate so || 6 .icão || 8 cor

supposta emenda «tredores», que é já e da ed. *B*.

3. a mais nobres] por: aos mais nobres (e assim escreveu B. Feio; já B. Caldera traduzira: *a los mas nobles*).

99 Nesta est. e na precedente ha reminiscencias da *En.* VI 621-624, e de Horacio, *Od.* III 16.

CANTO NONO

1. Tiverão longamente na cidade,
Sem vender-ſe, a fazenda os dous feitores,
Que os infieis por manha e ſalſidade
Fazem que não lh'a comprem os mercadores;
Que todo ſeu propoſito e vontade
Era deter ali os deſcobridores
Da India tanto tempo, que vieſſem
De Meca as naos, que as ſuas deſſizeſſem.

2. Lá no ſeio Erythreo, onde fundada
Arſinoe foi do Egypcio Ptolomeo,

1 1 .erão || 4 nam || 6 descubr. (descobr.: VIII 57)
2 1 La Eritr. || 2 Egip. Ptholo.

1 1. «E não lhe [a V. da Gama] podendo fazer outro mal zombauão da mercadoria.. e fazião que não se vendesse [em Pandarane]». (Cast. I 22; segundo já notei, no com. a VII 46, Cam. não falla de Pandarane e representa a armada portuguesa sempre surta em Calecut). «Vasco da Gamma posto que sentisse que todos estes artificios erão dilações pera o deter te a vinda das naos de Mecha, segundo lhe tinha dito o Mouro Monçaide.. todauia.. foi se com os nauios por ante a cidade de Calicut» (Barros I 4, 10).

As «náos de Meca» são as naos dos muçulmanos que faziam a carreira commercial entre o porto de Meca (Gidá) e a India.

2. os dous feitores] o feitor propriamente dicto e o escrivão; v. o texto de Castanheda no com. a VIII 94.

O pensamento contido nesta estancia é explanado nas est. 3.ª e 4.ª

2 1-2. seio Erythreo] o mar Vermelho (*sinus Arabicus*); v. o com. a IV 63. Esta Arsinoe, chamada posteriormente *Cleopatris*, de que restam ainda hoje ruinas,

Do nome da irmã ſua aſſi chamada,
Que deſpois em Suez ſe converteo,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que ſe engrandeceo
Com a ſuperſtição falſa e profana
Da religioſa agoa Maumetana.

3. Gidá ſe chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão que eſſe Reino poſſuia.
D'aqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermoſa companhia
De grandes naos pelo Indico Oceano
Eſpeciaria vem buſcar cada anno.

4. Por eſtas naos os Mouros eſperavão,
Que como foſſem grandes e poſſantes,
Aquellas que o commercio lhe tomavão,

‖ 5 Não ‖ 7 .içam ‖ 8 releg.
3 1 *A* .dâ *B* .dà ‖ 2 roxo ‖ 4 .dão
4 3 comerçio (v. *R Ph* cm «immigo»)

era ao nordeste da moderna Suez, do lado oriental do canal de Suez; v. em Baedeker, *Egypte*, o mappa junto á pag. 168 (da 2.ª ed.).
Ptolomeo] II, Philadelpho (285-247 a. Chr.).
6. cidade Meca] V. o com. a III 27.
7. profana] como em IV 33.
8. agoa Maumetana] a da fonte Zenizem, da parte oriental da Caaba em Meca, dotada, segundo a crença mahometana, de virtudes miraculosas.

3 «Cidade Iudá (ou Gidá, como lhe alguns Arabios chamão, . .)» (Barros III 1, 3). «A sete legoas desta cidade [Judá] pera ho sertão está a maldita casa de Meca» (Cast. VI 12).
1. Gidá] é ainda hoje o principal emporio commercial da Arabia.
5-6. por contrato | Dos infieis] =por contrato com os infieis, com os Muçulmanos. Storck parece que liga, talvez com razão, «dos infieis» a «fermosa companhia de grandes naos». fermosa companhia] é tambem a segunda parte de VI 67, 4.

4 2]=VI 46, 1, menos a primeira palavra.
3. tomavão]=vinham tomar;

Com flammas abraſaſſem crepitantes.
Neſte ſoccorro tanto confiavão,
Que já não querem mais dos navegantes
Senão que tanto tempo ali tardaſſem,
Que da famoſa Meca as naos chegaſſem.

5. Mas o Governador dos ceos e gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influio piadoſos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Eſtava pera dar ao Gama aviſo,
E merecer por iſſo o Paraiſo.

6. Eſte, de quem ſe os Mouros não guardavão,
Por ſer Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavão,
A tenção lhe deſcobre torpe e fera.
Muitas vezes as naos que longe eſtavão,
Viſita, e com piedade conſidera
O damno ſem razão, que ſe lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

7. Informa o cauto Gama das armadas

‖ 4 . amas (v. II 36) ‖ 5 soco. ‖ 6 nam ‖ 7 Se nam
5 3 *A* dâ *B* dà ‖ 6 . çam
6 1 . auão ‖ 3 . auão ‖ 4 . çam ‖ 6 . auão ‖ 7 dano (v. I 93) . zão

corresponde ao imperfeito *de conatu* da grammatica latina e grega.

4. flammas . . crepitantes] Cf. VI 13, 4 (FS).

7. tardassem] = se detivessem.

5 5. accidentes] equivale a: sentimentos.

7. V. o com. a IX 15.

6 7-8. ordena] como em II 29. Sobre a syntaxe, v. o com. a I 52.

Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora ſão dos ſeus tão deſejadas
Pera ſer inſtrumento d'eſte damno;
Diz-lhe que vem de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ſer d'ellas opprimido,
Segundo eſtava mal apercebido.

8. O Gama, que tambem conſiderava
O tempo que pera a partida o chama,
E que deſpacho já não eſperava
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama,
Aos feitores que em terra eſtão, mandava
Que ſe tornem ás naos; e porque a fama
D'eſta ſubita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizeſſem eſcondida.

9. Porem não tardou muito que voando
Hum rumor não ſoaſſe, com verdade,

7 2 de (a corr. é já antiga) cadano (cada anno: v 44, IX 3) || 3 sam tam || 4 dano (v. I 93) || 7 oprem. (v. III 95)
8 5 .tão || 6 aas
9 2 nam

7 3. dos seus] Cf. «Por ser Mouro como elles» na cst. precedente.

8 · «..escreueo Vasco da Gamma per Monçaide a Diogo Diaz que o maes secretamente que pudessem pera tal dia ante manhaã se viessem â praia, porque ali acharião bateis pera os recolher: però como os Mouros tinhão vigia sobre elles, tanto que os sentirão saltarão com elles e os prenderão» (Barros I 4, 10).

5. feitores] V. o com. a IX 1, 2.

9 «..ao outro dia que foy quarta feyra quinze Dagosto, foy hũa só almadia a bordo da capitaina em que forão quatro moços que leuauão a uender pedras finas.. [V. da Gama] não quis lançar mão destes porque viessem outros mais e de mais preço em que faria represaria..» «..ate que ao domingo seguinte forão seys homens honrrados com dezanoue que leuauão consigo em hũa almadia. E parecendo a Vasco da gama que por estes aueria ho feytor e ho escrivão, fez neles represaria» (Cast. I 23).

2. não soasse] A negativa, bem que contraria ao rigor logico, é vulgar na conversação.

Que foram preſos os feitores, quando
Forão ſentidos vir-ſe da cidade.
Eſta fama as orelhas penetrando
Do ſabio Capitão, com brevidade
Faz repreſaria nuns que ás naos vierão
A vender pedraria que trouxerão.

10. Erão eſtes antigos mercadores
Ricos em Calecu e conhecidos;
Da falta d'elles logo entre os milhores
Sentido foi que eſtão no mar retidos.
Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabreſtante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxão pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra,

11. Outros pendem da verga e já deſatão
A vela, que com grita ſe ſoltava,
Quando com maior grita ao Rei relatão
A preſſa com que a armada ſe levava.
As molheres e filhos, que ſe matão,

‖ 3 .rão ‖ 4 .ram ‖ 6 cap. ‖ 7 nũs aas .erão ‖ 8 .erão
10 1 .ram ‖ 4 .tão ‖ 5 bõs ‖ 7 hũs
11 2 .ella (v. 1 19)

5. Sobre a collocação v. o com. a 1 86, 6.

10 «Vendo Vasco da gama que lhe não mandauão os presos, quis ver se com fazer que se partia lhos mandauão, e quarta feyra vinte tres Dagosto mandou leuar ancora e dar as velas..» (Cast. 1 24).

1. estes] é o sujeito; «antigos mercadores» nome predicativo.

3. Da falta] = com respeito á falta. os milhores] = a gente mais grada.

6. Volvem o cabrestante] para içar a ancora.

8. a barra] do cabrestante. «*El dezir que quebran la barra, es hiperbole de la grande fuerza con que se arrojan a ella*» (FS). Macedo traduz: *Pars alia impellunt robusto pectore lignum.*

11 5-8. «..os Malabares cujas molheres lhe yão chorar a prisam de seus maridos..» (Cast. 1 23).

D'aquelles que vão preſos, onde eſtava
O Samorim, ſe aqueixão, que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

12. Manda logo os feitores Luſitanos
Com toda ſua fazenda livremenţé,
A peſar dos immigos Maumetanos,
Porque lhe torne a ſua preſa gente;
Deſculpas manda o Rei de ſeus enganos;
Recebe o Capitão de melhormente
Os preſos que as deſculpas, e tornando
Alguns negros ſe parte as velas dando.

‖ 6 vão ‖ 7 .eixão ‖ 8 Hũs
12 3 imi. (v. *R Pk*) ‖ 8 .gũs vellas (v. 1 19)

12 «E estando surto ao domingo.. foy ter coele hum Tone com certos Malabares, que lhe diserão que.. ficauão de lhos [os Portugueses] leuar ao outro dia..» «Vasco da gama perlongando ao longo da costa foy surgir diante de Calicut.. e ao outro dia chegarão a bordo da capitaina sete almadias e em hũa vinhão Diogo diaz e Aluaro de Braga.. E poserão Diogo diaz e Aluaro de Braga no batel da capitaina» (Cast. 1 24).

4. torne] sc. V. da Gama; v. o com. a 1 82.

7-8. Segundo Castanheda (1 24), V. da Gama, depois de rehaver os portugueses, mandou ao Samorim «os seus Naires [os «seys homens honrrados» do texto transcripto no com. á est. 9.ª] e os outros [os «dezanoue que lcuauão consigo»] deixou dizendo que ficauão ate lhe trazerem a mercadoria que ficaua em terra», mercadoria que nunca veiu. Segundo Barros (1 4, 10), restituiu os individuos em que fizera reprasalia, que eram «obra de vinte e tantos pescadores» e «por causa dalgũa fazenda que lhe não quiserão entregar.. reteue certos Indios que trouxe consigo.. partindo logo aquelle dia». Considerando eerta a lição «tornando», ha-de entender-se que o Poeta, seguindo o texto de Castanheda, quer dizer que V. da Gama —pouco lealmente— restituiu não todos, mas só alguns d'aquelles em que fizera represalia; mas em tal caso, para apresentar em Portugal alguns indios, V. da Gama não havia mister fazer o que o Poeta conta nos tres primeiros versos da est. 14.ª, interpretando o texto de Barros que não diz explicitamente quem eram os indios que V. da Gama reteve. Desapparecem as difficuldades se, com a ed. de 1663, se entender que «tornando» está, por erro typographico, em lugar de «tomando», servindo assim os tres primeiros versos da est. 14.ª de explicar o «tomando alguns negros» da est. 12.ª negros] V. o com. a VIII 93. as velas dando] Cf. 1 95, 8. (G. de Amorim escreveu indevidamente: ás velas).

13. Parte-ſe coſta abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra que ſe eſtende
Pela Aurora, ſabida já deixava,
Com eſtas novas torna á patria cara
Certos finais levando do que achara.

14. Leva alguns Malabares que tomou
Per força, dos que o Samorim mandára
Quando os preſos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente que comprára;
A ſeca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo que faz clara
A nova ilha Maluco, co a canelía,
Com que Ceilão he rica, illuſtre e bella.

13 2 vão ‖ 4 comer. (v. *R Ph* em «immígo») ‖ 7 aa
14 1 .gũs ‖ 2 *B* Sàm. *A* .âra *B* .àra ‖ 4 *A* .àra ‖ 6 Noz ‖ 8 .lão

13 «Vasco da gama contentou-se com ter descuberto o que tinha.. E em leuar mostras despeciaria, droga e pedraria, e doutras cousas que achaua nela [India]..: que tudo lhe ouue Bontaibo [=Monçaide]» (Cast. I 25).

4. commercio]=relações commerciaes *(commercium)*.

5-6. aquella terra—] i. é, a India. sabida]=descoberta, conhecida.

8. certos] como em VIII 76, 3. sinaes] A est. seguinte individua-os.

14 1-2. tomou | Per força]=reteve violentamente.

4. Segundo o Conde de Ficalho *(Flora dos Lusiadas,* pag. 69), esta pimenta é o *Piper nigrum,* ao passo que a mencionada em X 123 é o *Piper officinarum,* a pimenta longa.

5. a seca flor de Banda] é a «maça», quer dizer, «a arilha que envolve a semente» da moscadeira (Conde de Ficalho, *Fl. dos Lus.,* pag. 76-77) (em allemão: *Muskatblüte*). Sobre as ilhas de Banda, v. X 133.

6-7. a noz] é a «noz moscada». o negro cravo] é o «cravo da India», o botão do *Caryophyllus aromaticus,* L.: «O crauo que per todo mundo corre, nace nestas cinco ilhas [Maluco]» (Barros III 5, 5). «Maluco» ou «Malucas» é entre os nossos escriptores antigos o nome das ilhas da Oceania que modernamente dizemos «Molucas».

15. Iſto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide ſiel, que tambem leva,
Que inſpirado de angelica influencia
Quer no livro de Chriſto que ſe eſcreva.
Ó ditoſo Africano, que a clemencia
Divina aſſi tirou de eſcura treva
E tão longe da patria achou maneira
Pera ſubir á patria verdadeira!

16. Apartadas aſſi da ardente coſta
As venturoſas naos, levando a proa
Pera onde a Natureza tinha poſta
A meta Auſtrina da eſperança boa,
Levando alegres novas e repoſta
Da parte Oriental pera Liſboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos,

15 1 ouue. (v. I 74) *A* del. (diligente: I 67, IX 36) || 3 Ang. || 5 O Affr. (v. *R Ph)* || 6 desc. (v. *R Ph* em «Elisão») || 7 tam || 8 aa
16 3 nat. || 4 Mct. || 8 temidos (a corr. é da ed. de

Constituem tres archipelagos: as Molucas propriamente dictas (Gilolo, Ternate, Tidore, etc.), as ilhas de Amboino e as de Banda. nova] =ha pouco descoberta (em 1512 pelo português Antonio de Abreu). clara] =celebre. Note-se o trocadilho «o negro cravo que faz clara a nova ilha».

15 «.. Vasco da Gamma reteue certos Indios que trouxe consigo e assi o fiel Monçaide, partindo logo aquelle dia que erão vinte noue de Agosto» (Barros I 4, 10).

1. houvera] «haver» corresponde ao francês *procurer*.

3-8. Monçaide converteu-se ao christianismo em Portugal; v. Barros I 4, 8. Quer.. que se escreva] =quer escrever-se (i. é, inscrever-se). «Inscrever-se no livro da vida» é expressão religiosa corrente. O pronome «que» no 5.º verso é complem. de «tirou», mas subentende-se no 7.º verso como sujeito de «achou». escura treva] é tambem o final de v 30, 2 e rima igualmente com «leva». «a patria verdadeira» na lingoagem mystica do christianismo é o Ceo.

16 4. E' periphrase de «o cabo de Boa Esperança»; «meta austrina» ou «balisa meridional», porque «neste promontorio faz Africa fim da parte do mar ouceano» *(Esmeraldo* III 7).

7. medos] Cf. II 47, 2.

8. Dizendo «timidos [com medo

17. O prazer de chegar á patria cara
A ſeus penates caros e parentes
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes,
Vir a lograr o premio que ganhára
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tem por goſto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaſo eſtreito.

18. Porem a Deoſa Cypria, que ordenada
Era pera favor dos Luſitanos
Do Padre eterno e por bom genio dada,
Que ſempre os guia já de longos annos,
A gloria por trabalhos alcançada,
Satiſfação de bem ſoffridos damnos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares triſtes alegria.

19. Deſpois de ter hum pouco revolvido

1584; mas ja as duas traducções castelhanas de 1580 trazem «timidos y ledos»; cf. IX 63, 6)

17 1 aa || 4 . açam çe. || 5 *A* . àra=7 *A* tam *B* tom (em *A* falta ao *a* a parte superior da haste, de modo que a letra parece quasi um *o*) || 8 . ação

18 1 Cip: || 6 ſofr. (v. 1 65) danos (v. 1 93)

dos perigos que ainda lhes podiam sobrevir na viagem] e ledos [por terem chegado á India]», circumstancia do participio «cometendo», que pertence grammaticalmente para «naos», Cam. tinha na mente aquelles que iam nas náos; é synese semelhante á de VIII 2, 1-2. A respeito de «timidos e ledos» cf. «alegre medo» em IV 26.

17 1. á patria cara] é tambem o final de IX 13, 7.

3. peregrina]=longinqua.

18 1. a deosa Cypria] Venus; v. v 5.

3. o Padre eterno] Jupiter, que sobre ter o titulo geral de «Pae dos deoses e dos homens», era em particular pae natural de Venus. «eterno» é qualificação dos deoses; cf. I 24, 1. Ver em «o Padre eterno» a primeira pessoa da Trindade christã é desacerto de que até alguns admiradores de Camões se não livraram. bom genio] na accepção de: ser divino tutelar.

Na mente o largo mar que navegárão,
Os trabalhos que pelo Deos naſcido
Nas Amphioneas Thebas ſe cauſárão,
Já trazia de longe no ſentido,
Pera premio de quanto mal paſſárão,
Buſcar-lhe algum deleite, algum deſcanſo
No Reino de cryſtal liquido e manſo,

20. Algum repouſo em fim com que podeſſe
Refocillar a laſſa humanidade
Dos navegantes ſeus, como intereſſe
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta déſſe
A ſeu filho, por cuja poteſtade
Os Deoſes faz decer ao vil terreno
E os humanos ſubir ao Ceo ſereno.

21. Iſto bem resolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das agoas algũa inſula divina,
Ornada de eſmaltado e verde arreio,
Que muitas tem no reino que confina

19 2 *A* .gâ. *B* .gà. ‖ 4 causa. ‖ 6 passa. ‖ 8 cris.
20 2 .fucilar (a corr. é já antiga) ‖ 4 inc. (a corr. é já antiga) ‖ 5 desse ‖ 8 ceo
21 2 la ‖ 4 desm. (v. *R Ph* em «Elisão»)

19 3-4. V. o com. a 1 73. Amphião *(Amphīon)* tocava lyra com tal mestria, que até as pedras, movendo-se em volta d'elle, constituiram os muros de Thebas (Hor. *Epist. ad Pisones*, 394-396). Representando «Thebas» o plural latino *Thebae*, Cam. não teve duvida de considerar em português a palavra «Thebas» nome do plural. Sobre a syntaxe «pelo Deos.. se causárão» v. o com. a 1 52.

20 2. humanidade]=a fraqueza humana.
4. idade]=a duração da vida.
7-8. Sobre a antithese cf. 1 65, 7-8. «Ceo sereno» é tambem o final de 1 106, 7.

21 5-8. o reino que confina | Da mãi primeira co terreno seio] é «o reino do Padre Oceano que rodeia o mundo universal» (v. VI 27). A «mãe primeira» é a Terra,

Da mãi primeira co terreno ſeio,
Afora as que poſſue ſoberanas
Pera dentro das portas Herculanas.

|| 6 Da primeira (sem «mãe», v. o com.)

a *Tellus mater*, *Terra mater* da religião romana. Cam. tinha lido pelo menos a anecdota relativa a Lucio Junio Bruto, que vem em T. Livio, e que termina assim: *Brutus alio ratus spectare Pythicam vocem, velut si prolapsus cecidisset, terram osculo contigit, scilicet quod ea communis mater omnium mortalium esset* (I 56). Demais este conceito occorre frequentemente nas litteraturas modernas: *Laudato sia mio Signore per nostra madre terra* (S. Francisco de Assis, *cantico del sole* nos *Fiori della Poesia italiana* de Car. Michaelis, pag. 3); *il tanto affaticar che giova? | Tutti tornate a la gran madre antica* (Petr. *Tri. della Morte)*; Ah vida dos lavradores.. | tratando com a madre antiga, | que de quanto em si recebe.. | por seu custume se obriga | a tornar mais do que deve (Sá de Mir., Carta a Ant. Pereira; pag. 244 da ed. de D. Car. M. de Vasconcellos; lugar que me foi lembrado pelo Dr. Leite de Vasconcellos). Em «o terreno seio da mãi primeira» o pleonasmo é ainda menos estranho que em «Se lá dos Ceos não vem celeste aviso» (II 59), em «a sede dura.. Do peito cobiçoso e sitibundo (IV 44), e em βοῶν ἐπιβουκόλος ἀνήρ (*Odyss.* III 422), ποδάνιπτρα ποδῶν (ibd. XIX 343). Cam., querendo justificar a sua ficção da «insula divina», diznos que Venus, alêm das ilhas do mar Mediterraneo («pera dentro das portas Herculanas»), celebradas pela litteratura greco-romana, taes como Chypre e Cythera (v. v 5), possue muitas outras na vastidão do mar que circumda a parte solida do globo. O Dr. J. M. Rodrigues, amesquinhando a concepção de Cam., tem para si que o 6.º verso «saiu assim das mãos do poeta: De Africa e de Asia co terreno seio» (*O Instituto*, de 1905).

Não se sabe a quem é devida a correcção segurissima «da mãi primeira». A primeira ed. conhecida que a traz, é a de 1597 (de Manoel de Lyra), mas já em 1580, como notou J. Gomes Monteiro, a traducção de Caldera diz «*De la primera madre con el seno*». Da minha parte supponho que proveiu de nota marginal posta pelo proprio Poeta ou por quem directa ou indirectamente d'elle a houvesse recebido. Que o texto das ed. de 1572 está defeituoso, mostra-o já a ligação das ideias, por isso que o adjectivo «primeira» não tem palavra para que pertença, e não quadra de modo algum ao sentido subentender-se «insula», já a metrificação, porquanto é impossivel admittir que o Poeta considerasse «primeira» quadrisyllabo e em tal caso ou accentuasse o segundo *i* de «primeira» ou considerasse tonico o monosyllabo atono «co». Man. Corrêa diz expressamente que o Poeta escreveu «Da primeira» e não «Da mãi primeira» e que *ei* se ha-de dividir em duas syllabas, accrescentando «E assi o ouvi a Luis de Camões»; mas o cura de S. Sebastião da Mouraria não é pessoa que mereça credito. Por ultimo deve notar-se que a omissão de monosyllabos já da parte de quem escreve, já dos compositores typographicos está muito longe de ser

22. Ali quer que as aquaticas donzellas
Eſperem os fortiſſimos barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações,
Com danças e choreas, porque nellas
Influirá ſecretas affeições
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem ſe affeiçoarem.

23. Tal mancha buſcou já, pera que aquelle
Que de Anchiſes pario, bem recebido
Foſſe no campo que a bovina pelle
Tomou de eſpaço por ſutil partido.
Seu filho vai buſcar, porque ſó nelle

22 3 tito. (titulo: III 110) ‖ 5 cor. ‖ 6 *A* . irâ *B* . irà
23 2 Achises (a corr. é já antiga) ‖ 5 so

rara. Tambem nos *Lusiadas* (em X 14) foi omittida a preposição «de», e (em VII 50) «com». Exemplo notavel do esquecimento do adverbio «não» vem na carta autographa de Du. Pacheco a D. Manoel, publicada em *fac-simile* na 1.ª ed. do *Esmeraldo*, e em transcripção na minha ed. critica da mesma obra.

As «portas Herculanas» são o estreito de Gibraltar; cf. III 23, 6; v. o com. a III 18, 3-4.

22 4. gloria]=gozo, prazer.
5. Com danças e choreas] tambem na ode «A quem darão..» (FS).

23 A estancia allude ao passo da *Eneida* (I 657-688), onde Venus, a fim de segurar as disposições benevolas de Dido para com Eneas (que Venus houve do troiano Anchises), recorre a Cupido, para que elle tomando a figura do filho de Eneas, faça que a rainha de Carthago se apaixone por Eneas.

3-4. Consoante uma lenda que o Poeta podia ver exposta desenvolvidamente em Justino (XVIII 4-5), Dido, quando emigrando na Phenicia veiu assentar residencia na Africa, ajustou comprar uma porção de terreno tanta quanta pudesse abranger com uma pelle de boi (na *Eneida* I 367-368: *mercatique solum.. | taurino quantum possent circumdare tergo);* mas depois cortando a pelle em tiras delgadissimas pôde conseguir que fosse muitas vezes maior o perimetro do terreno que pretendia.

de espaço]=em longa extensão.

sutil partido]=proposta de convenio que dá lugar a interpretação subtil.

5-6. Cf. adiante a est. 37.

*

Tem todo ſeu poder, fero Cupido,
Que aſſi como naquella empreſa antiga
A ajudou já, neſt'outra a ajude e ſiga.

24. No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exequias celebrando;
E aquellas em que já foi convertida
Periſtera, as boninas apanhando,
Em derredor da Deoſa já partida
No ar laſcivos beijos ſe vão dando:

24 2 Vão ‖ 6 vão

24 1-2. as aves—] são os cisnes: *Olorum morte narratur flebilis cantus, falso, ut arbitror aliquot experimentis* (Plin. *N. H.* x § 63). A esta lenda refere-se Ovidio, por ex., nos *Trist.* v 1, 11-12 (cit. por FS). Do carro de Venus tirado por cisnes fallam Horacio (*Od.* III 28, 13-16) e Estacio (*Silv.* I 2, 140-142, cit. tambem por FS, e III 4, 22).

3-6. E]=e então; o momento é indicado precisamente no fim do 5.º verso. aquellas—] são as pombas. Uma lenda que vem nos comment. de Lactancio Placido a Estacio (*Thebaida* 1, pag. 127 da ed. de 1600), conta que andando um dia Venus e Cupido á competencia sobre qual apanharia mais flores dos campos, a nympha Perístera acudiu em auxilio de Venus que d'esta arte ficou vencedora, e Cupido indignado castigou a nympha metamorphoseando-a em pomba (em grego: peristerá). De ordinario «aquellas» é considerado compl. de «ajunta»; Garcês Ferreira, foi, ao que parece, quem primeiro fez d'aquelle pronome sujeito de «vão» no v. 6, como realmente é. O carro era tirado unicamente por cisnes; v. adiante a est. 36. G. de Amorim, que segue a interpretação de G. Ferreira, para reforçá-la diz que não consta «que a Cypria andasse nunca a duas parelhas». E' que desconhecia o passo de Appuleio, onde o carro de Venus é tirado por quatro pombas brancas: *Venus.. jubet construi currum,.. De multis, quae circa cubiculum dominae stabulant, procedunt quattuor candidae columbae, et hilaris incessibus picta colla torquentes jugum gemmeum subeunte; susceptaque domina laetae subvolant. Currum deae prosequentes gemitu constrepente lasciviunt passeres; et ceterae, quae dulce cantitant aves, mèlleis modulis suave resonantes adventum deae praenuntiant. Cedunt nubes et caelum filiae panditur et summus aether cum gaudio suscipit deam* (*Met.* VI). As pombas que adejam em volta do carro da deosa beijando-se amorosamente, correspondem aos pardaes de que falla aquelle trecho de Appuleio, que o Poeta sem duvida tinha na mente. já] como em III 44, 8. laſcivos] V. o com. a III 134. se]=umas ás outras; é compl. indirecto; cf. III 41, 4.

Ella, por onde paſſa, o ar e o vento
Sereno faz com brando movimento.

25. Já ſobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro eſtava então
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa famoſa expedição
Contra o mundo revelde, porque emende
Erros grandes que ha dias nelle eſtão,
Amando couſas que nos forão dadas,
Não pera ſer amadas, mas uſadas.

26. Via Acteon na caça tão auſtero
— De cego na alegria bruta, inſana —,
Que por ſeguir hum feio animal fero,
Foge da gente e bella forma humana;
E por caſtigo quer doce e ſevero
Moſtrar-lhe a fermoſura de Diana;

25 8 Nam
26 1 tam (sem parenth.) ‖ 3 feo (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 4 for.
‖ 5 . çe ‖ 6 Mostra (a corr. é já antiga)

7-8. com brando movimento] pertence para «o ar e o vento» e não para «Ella».

25 1. «Idalio» (Verg. *En.* I 681) é o nome de um promontorio e de uma cidade de Chypre, onde havia um templo e um bosque consagrados a Venus; o adjectivo correspondente é «Idalio». G. de Amorim, com outros editores, accentua erradamente «Idalíos»; a syllaba tonica é a segunda, e «sobre os» constitue tres syllabas metricas, cf.: «Sobre as asas inclitas da fama» (IX 90, 4).

3. outros muitos] sc. Amores.

5. revelde] V. *R Ph* em «barão».

26 Sobre Actéon, v. o com. a II 35. A ideia de que o filho de Venus, descontente de que Actéon, todo embevecido no prazer brutal da caça, desestimasse o sexo gentil, deu traça para que elle visse Diana despida, é engenhosa invenção do Poeta. Segundo já foi observado, a est. allude á repugnancia que o rei caçador D. Sebastião mostrava a contrahir matrimonio.

1-4. Em «Via Acteon.. que.. foge» ha a mesma syntaxe que em VIII 28, 5-6.

E guarde-ſe não ſeja inda comido
D'eſſes cães, que agora ama, e conſumido.

27. E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem pubrico imagina;
Vê nelles que não tem amor a mais
Que a ſi ſòmente, e a quem Philaucia enſina;
Vê que eſſes que frequentão os reais
Paços, por verdadeira e ſã doctrina
Vendem adulação, que mal conſente
Mondar-ſe o novo trigo florecente.

28. Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amão ſòmente mandos e riqueza,
Simulando juſtiça e integridade;
Da feia tyrannia e de aſpereza
Fazem direito e vã ſeveridade;

‖ 7 nam

27 1 *A* vè *B* todos ‖ 3 *B* Vè ‖ 4 *A* so. *B* somẽ. ins. (v. II 70) ‖ 6 saã (v. IV 95)

28 1 aa ‖ 2 char. (v. IV 67) ‖ 3 . mão so. ‖ 4 . ãdo ‖ 5 fea (v. *R Ph* em «-eia») . ania ‖ 6 vaã (v. IV 95)

27 1-2. Ha aqui a mesma syntaxe que nos quatro primeiros versos da est. precedente, e ao mesmo tempo anacoluthia em estar «que nenhum. . imagina» por «que deixam todos de imaginar». «imaginar» como em I 33.

4. e aquem] equivale a: e [vê] que a elles Philaucia ensina, i. é, que só escutam os conselhos do egoismo. Está o pronome relativo «quem» em vez da conjuncção «que» com um pronome pessoal «a elles». E' justamente o inverso do emprego da conjuncção «que» com um pronome pessoal, em vez do pronome relativo, que se vê em I 95, 1; II 43, 4. A traducção de Macedo, comquanto muito fóra da letra, reproduz o pensamento geral: *Qui spernunt alios, tantum sua commoda captant, | insani et proprio solo tanguntur amore.*

7-8. Segundo bem interpreta FS, Cam. quer dizer que por culpa dos cortesãos aduladores não póde um principe moço despir-se das más inclinações e medrar em virtude.

28 2. amor divino]=amor de Deos.

6. vã]=falsa.

Leis em favor do Rei ſe eſtabelecem,
As em favor do povo ſó perecem.

29. Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que ſòmente mal deſeja;
Não quer que tanto tempo ſe releve
O caſtigo, que duro e juſto ſeja.
Seus miniſtros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que eſpera ter co a mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.

30. Muitos d'eſtes minimos voadores
Eſtão em varias obras trabalhando,

‖ 8 so
29 1 *B* Vè ‖ 2 so. ‖ 6 aa
30 2 .tão *B* ondas (em vez de «obras»)

8. só] pertence para «perecem».

As queixas contra a administração publica, então nas mãos dos Jesuitas, eram gerais no país; v. Storck, *Vida e obras de Cam.*, § 353.

29 2. mal]=indevidamente.

6. conformes]=adequados; «á peleja» pertence para «conformes».

No *Banquete* de Platão, em conformidade com as theorias de Empédocles, o amor é apresentado como origem de todo o bem que ha no universo (v. A. Fouillet, *La philosophie de Platon*, em particular o livro VII da Parte primeira, e o cap. 4.º do livro I da Parte segunda). Na *Medea* de Euripides os Amores são chamados: τᾷ σοφίᾳ παρέδρους e παντοίας ἀρετᾶς ξυνεργούς *(sapientiae assessores, ommis laudis adjutores*, na trad. de Theob. Fix; 844-845). E' conceito que reproduzem as litteraturas do Renascimento (v. por ex.: Bembo, *Asolani*, II, nomeadamente fol. 60). D'aqui provem, no meu parecer, a ideia que teve Cam., de fazer do filho de Venus o restaurador da ordem na sociedade.

30 Claudiano, no *Epithalamio* a Honorio, descreve a residencia de Venus em Chypre na companhia de Cupido e dos Amores (versos 42-96). Foi este passo, segundo observa FS, o que suggeriu a Cam. o pensamento fundamental da descripção contida nas est. 30 a 32, como tambem foi o que inspirou Angelo Poliziano na descripção do reino do Amor (nas *Stanze per la giostra*..).

1. mininos voadores] são os Amores (os Cupidos da est. 36). *Mille pharetrati ludunt in margine fratres, | ore pares, aevo similes, gens mollis Amorum. | Hos*

Huns amolando ferros paſſadores,
Outros aſteas de ſetas delgaçando;
Trabalhando, cantando eſtão de amores,
Varios caſos em verſo modulando,
Melodia ſonora e concertada,
Suave a letra, angelica a ſoada.

31. Nas fragoas immortais onde forjavão
Pera as ſetas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo eſtavão,
Vivas entranhas, inda palpitantes;
As agoas onde os ferros temperavão,
Lagrimas ſão de miſeros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume
Deſejo he ſó, que queima e não conſume.

32. Alguns exercitando a mão andavão
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebos ſuſpiros pelo ar ſoavão
Dos que feridos vão da ſeta aguda.
Fermoſas Nymphas ſão as que curavão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não ſòmente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não naſcidos.

‖ 3 Hũs
31 6 sam ‖ 7 .ama (v. VI 13) ‖ 8 so não
32 1 .gũs mão ‖ 3 sosp. (v. IV 38) ‖ 4 vão ‖ 5 Nim. sam ‖ 7 so. *A* dâ *B* dà ‖ 8 poem (v. I 86)

Nymphae pariunt, illum Venus aurea solum | edidit (Claud. *Epith.* 72-75).

5. trabalhando] = emquanto trabalham.

8. soada] (que Amorim muda, indevidamente, para «toada»), em contraposição a «letra», era corrente no português antigo; v. o *Dicc.* de Moraes.

32 mal feridos] «mal» nesta locução equivale a «muito», da mesma maneira que *male* em *male odisse.*

33. Fermoſas ſão algũas, e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno eſpalhado pelas veias
Curão-no ás vezes aſperas triagas.
Alguns ficão ligados em cadeias
Por palavras ſutis de ſabias Magas —
Iſto acontece ás vezes, quando as ſetas
Acertão de levar ervas ſecretas —.

34. D'eſtes tiros aſſi deſordenados,
Que eſtes moços mal deſtros vão tirando,
Naſcem amores mil deſconcertados
Entre o povo ferido miſerando;
E tambem nos heroes de altos eſtados
Exemplos mil ſe vem de amor nefando,
Qual o das moças Bybli e Cinyrea,
Hum mancebo de Aſſyria, hum de Judea.

33 1 sam feas (v. *R Ph* em «-eia») || 3 veas || 4 . rão aas || 5 . gũs . deas || 7 aas (sem parenth.)
34 2 vão || 7 Bib. Cynir. || 8 Assi.

33 1. algũas] sc. nymphas.
8. ervas]=venenos (de origem vegetal): *infusis corrumpunt mella venenis, | unde Cupidineas armari fama sagittas* (Claud. *Epith.* 70-71).

34 4. o povo ferido miserando]=o povo miserando (=de baixa condição) ferido.
5. de altos estados]=de alta graduação social.
7-8 Byblis, filha de Mileto e da nympha Cyanee, enamorou-se de seu irmão Cauno; v. Ov. *Met.* IX 453-664. Myrrha, filha de Cinyras (d'ahi em Ovidio «*virgo Cinyreia*»), teve amores com seu proprio pae; v. Ov. *Met.* X 298-502. Tambem Petrarca falla conjunctamente d'estas duas personagens: *Bibli e Mirra ria (Tri. d'Amore* III).

O «mancebo de Assyria» é Antiocho, filho de Seleuco, rei da Syria — confundida com a Assyria bastas vezes nos escriptores antigos, por ex., em Cicero que, no *De finibus* II § 106, diz: *ille rex Syriae,* fallando de Sardanapallo—. Antiocho apaixonou-se por Estratonice, sua madrasta (Val. Max. V 7; é este o assumpto da comedia de Cam. intitulada «El-Rei Selenco»). FS pensa que tambem poderá ser Ninyas, filho de Semiramis, rainha da Assyria; mas Justino (já cit. no com. a VII 53) diz: *Ad postremum cum concubitum filii petisset ab eodem interfecta est;* conseguintemente o caso

35. E vós, ó poderoſos, por paſtoras
Muitas vezes ferido o peito vêdes;
E por baixos e rudos, vós, ſenhoras,
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes;
Huns eſperando andais nocturnas horas,
Outros ſubis telhados e paredes;
Mas eu creio que d'eſte amor indino
He mais culpa a da mãi que a do minino.

36. Mas já no verde prado o carro leve
Punhão os brancos ciſnes manſamente,
E Dione, que as roſas entre a neve
No roſto traz, decia diligente.
O frecheiro, que contra o Ceo ſe atreve,
A recebê-la vem ledo e contente;
Vem todos os Cupidos ſervidores
Beijar a mão á Deoſa dos amores.

37. Ella, porque não gaſte o tempo em vão,

35 1 vos ô ‖ 2 Muy. pey. ve. ‖ 3 bay. vos ‖ 4 .mão ‖ 5 Hũs ‖ 7 creyo ‖ 8 mãy
36 2 .unhão Cis. ‖ 4 *B* dicia ‖ 5 çeo ‖ 6 .bella (v. 1 80) ‖ 7 cup. ‖ 8 mão aa
37 1 vão

não podia servir ao Poeta para exemplo de amores peccaminosos da parte de mancebos. O mancebo de Judea é Amnon, filho de David, que se enamorou de Thamar, igualmente filha de David (*Reis* II 13). Tambem d'estes dois casos falla Petrarca no *Tri. d'Amore* II e III.

35 3-4. Vulcano tendo surprehendido Venus com Marte, envolveu-os em uma rede finissima e convidou os deoses a virem ser testemunhas do procedimento escandaloso de sua esposa (v. o com. a 1 36, 3). A isto allude «Tambem vos tomão nas Vulcanias redes». «por baixos e rudos» corresponde ao «por pastoras» do 1.º verso, e equivale neste caso a «enamoradas de baixos e rudos».

36 3-4. Cf.: as rosas entre a neve semeadas (Cam., canç. «Manda-me Amor..»; FS).

5. Cf. o verso 6.º da est. seguinte.

Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: "Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia eſtá fundada,
Filho, em quem minhas forças ſempre eſtão,
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A ſoccorrer-me a tua poteſtade
Me traz eſpecial neceſſidade.

38. Bem vês as Luſitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas ſei, minhas amigas,
Que me han-de venerar e ter em preço;
E porque tanto imitão as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto poſſo,
A quanto ſe eſtender o poder noſſo.

39. E porque das inſidias do odioſo
Baccho forão na India moleſtados,
E das injurias ſós do mar undoſo
Podérão mais ſer mortos que canſados,

‖ 3 am. mão ‖ 4 *A* . tã *B* . tà ‖ 5 . tão ‖ 6 Tife. tẽs ‖ 7 soco.
38 1 ves ‖ 3 sey ‖ 4 ande (v. 1 74)
39 2 Baco . oram ‖ 3 sos ‖ 4 . erão

37 3-8 Nate, meac vires, mea magna potentia solus, | nate, patris summi qui tela Typhoia temnis, | ad te confugio et supplex tua numina posco (Verg. *En.* 1 664-666) (FS).

37 6. as armas Typheas] i. é, os raios. Typhco foi fulminado por Jupiter; v. o com. a VI 13, 3.

38 2. Que] refere-se a «Luſitanos», ideia contida no adjectivo «Luſitanicas», cf.: *Vejens bellum exortum, quibus Sabini arma conjunxerant* (T. Liv. II 53).

3-4. Cf. I 34, 2-4. Sobre «han-de» v. *R. Ph* em «— an, — en».

5-6. Cf. I 33, 3-4.

No meſmo mar que ſempre temeroſo
Lhe foi, quero que ſejão repouſados,
Tomando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

40. E pera iſſo queria que feridas
As filhas de Nereo no ponto fundo,
De amor dos Luſitanos encendidas,
Que vem de deſcobrir o novo mundo,
Todas nũa ilha juntas e ſubidas—
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada—,

41. Ali com mil refreſcos e manjares,
Com vinhos odoriferos e roſas,
Em cryſtallinos paços ſingulares,
Fermoſos leitos—e ellas mais fermoſas—,

‖ 7 . çe
40 3 Dam. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 5 (sem parenth.)
‖ 8 Zefi.
41 3 cristali. ‖ 4 (sem parenth.)

39 5. No mesmo mar] designa evidentemente o mar em geral, e não exclusivamente o mar da India, como F S pensa.
7. gloria] como em IX 22, 4.
8. O antecedente do relativo é «aquelle premio e doce gloria», segundo bem se entende na versão de Macedo *(Justa sit merces et gloria digna laboris, | quae pariat dignis nomen famamque perennem)*, e não «trabalho», como F S suppõe.

40 2. ponto] por «mar» é latinismo.
4. vem de descobrir] = voltam de descobrir (e não = acabam de descobrir, sentido em que «vir de fazer uma cousa» é gallicismo).
5. subidas] está dicto em relação ao fundo do mar, onde é a residencia das Nereidas.
8. Zephyro era na mythologia grega o mensageiro da primavera e esposo da deosa Chloris, identificada pelos Romanos com Flora: *Chloris eram quae Flora vocor* (Ov. *Fast.* V 195).

41 1. Ali] traz á lembrança, depois do parenthese da est. precedente, a circumstancia «nũa ilha»; v. Madvig, *Gr. lat.* § 480.
4. Lembra o «*fermosi pecoris*

Em fim com mil deleites não vulgares,
Os eſperem as Nymphas amoroſas,
De amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto d'ellas os olhos cobiçarem.

42. Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu naſci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia ſe revella,
Porque entendão que muro adamantino
Nem triſte hypocriſia val contra ella;
Mal haverá na terra quem ſe guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde."

43. Aſſi Venus propôs, e o filho inico
Pera lhe obedecer já ſe apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as ſetas de ponta de ouro embebe.

|| 6 Nim. || 7 Dam. (v. *R Ph* em «Elisão»)
42 1 aja (v. 1 74) *B* Nepton. || 4 .ela || 5 *A* Ada. || 6 .cresia || 7 *A* auerâ *B* auerà || 8 imor. (v. *R Ph* em «immigo»)
43 1 .pos

custos, formosior ipse» da ecl. v de Vergilio (FS).

6. as Nymphas amorosas] é repetição anacoluthica do sujeito «As filhas de Nereo» do 2.º verso da est. precedente.

42 1. reino Neptunino] é tambem o final de III 15, 1.

4. revellar] corresponde ao «revelde» de IX 25, 5.

5-6. Antes de «muro adamantino» subentende-se «nem» como em IV 5, 7. muro adamantino] V. o com. a «muros de diamante» em IV 56. Cam. allude ao celibato clerical.

43 1. inico]=maligno; «o filho inico» (em Stork: *Der böse Sohn)* é o *puer improbus* de Vergilio *(Buc.* VIII 49), *puer immitis* de Seneca *(Hippol.* 335).

4. setas de ponta de ouro] serviam de provocar o amor: *deque sagittifera* [Cupido] *prompsit duo tela phareira* | *diversorum operum: fugat hoc, facit illud amorem:* | *quod facit, auratum est et cuspide fulget acuta;* | *quod fugat, obtu-*

Com geſto ledo a Cypria e impudico
Dentro no carro o filho ſeu recebe,
A redea larga ás aves cujo canto
A Phaethontea morte chorou tanto.

44. Mas diz Cupido, que era neceſſaria
Hũa famoſa e celebre terceira,
Que poſto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deoſa Gigantea, temeraria,
Jactante, mentiroſa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

45. Vão-na buſcar e mandão-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante
Mais do que nunca os de outrem celebrára.

‖ 5 Cip. ‖ 7 Ha aas ‖ 8 Ha Phaeton.
44 2 .eyra ‖ 4 muy. ha .eyra ‖ 6 minti. (mentira: v. 95) .eyra ‖ 7 vẽ ‖ 8 vẽ
45 1 Vão a (v. III 124) mandam a ‖ 2 va ‖ 4 dout. (v. *R Ph* em «Elisão») .ara

sum est et habet sub arundine plumbum (Ov. *Met.* I 468-471).

5. a Cypria] V. o com. a I 34, 1.

7-8. Cycno, filho de Sthénelo, pranteou amargamente a morte de Phaethonte (v. o com. a I 46) e foi metamorphoseado em cisne (Ov. *Met.* II 367-580; Verg. *En.* X 189-193). «Phaethontêo» representa *Phaëthonteus*.

44 5-8. A Deosa] é nomeada na est. seguinte.

Cam. tinha na mente a pintura da Fama em Vergilio (*En.* IV 174-188) e a descripção do palacio da Fama em Ovidio (*Met.* XII 39-63) (FS). Ovidio chama, no lugar citado, «temerario» ao Engano: *Illic Credulitas, illic temerarius Error*. Gigantea] A Fama, como filha da Terra, era irmã dos Gigantes (*Coeo Enceladoque sororem, En.* IV 179); mas o epitheto neste lugar allude antes ao *mox sese attollit in auras, | ingrediturque solo et caput inter nubila condit* da pintura de Vergilio.

45 1-4. Cf. II 58.

Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas ſe eſpalhára;
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a Deoſa traz Credulidade.

46. O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos Deoſes, que indinados
Forão por Baccho contra a illuſtre gente,
Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaeſquer propoſitos tomados,
Já julga por mao zelo e por crueza
Deſejar mal a tanta fortaleza.

47. Deſpede niſto o fero moço as ſetas
Hũa após outra: geme o mar cos tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros;

‖ 5 fa. ‖ 6 (em *B* a tinta não chegou ao «p») *A* . àra ‖ 7 Fala (v. 1 78) a vida (cf. «a vena» 1 5, 2; v. 1 74)
46 2 . ação ‖ 3 . orão Baco ‖ 4 . afey. (affeiçoado: III 141, affeiçoada: I 16, affeiçoarem: IX 22) ‖ 5 pey.
47 2 . pos ‖ 3 Der. (v. 1 76) ‖ 4 vão

5. murmurando] Cf.: *Aucupor infelix incertae murmura famae* (Ov. *Her.* IX 41); *Fama per Aonium rapido vaga murmure campum | spargitur in turmas* (Estac. *Theb.* IX 32-33) (FS).

6. as fundas cavernas] são as moradas das divindades maritimas (FS).

8. Que] é particula causal Credulidade] V. o passo de Ovidio no com. á est. precedente.

46 1. rumor]=fama, como *rumor: rumori serviam* em Plauto *Trin.* III 2, 14. O verso é accentuado na 4.ª e 7.ª syllaba como o 5.º de VIII 73. (A ed. de 1721 substituiu «rumor» por «merito»).

2-4. O participio «Mudando» —ao qual se liga «No coração» — está intransitivamente no sentido de «operando mudança». O que se diz nos versos 2.º e 3.º refere-se ao que se conta em VI 26-36.

5-6. Cf.: Em peito feminil, que de natura | Sòmente em ser mudavel tem firmeza (Cam., son. «Todo animal..»); *varium et mutabile semper | femina* (Verg. *En.* IV 569-570).

Caem as Nymphas, lançâo das ſecretas
Entranhas ardentiſſimos ſuſpiros;
Cae qualquer ſem ver o vulto que ama,
Que tanto, como a viſta, pode a fama.

48. Os cornos ajuntou da eburnea lũa
Com força o moço indomito exceſſiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era eſquiva.
Já não fica na aljaba ſeta algũa,
Nem nos equoreos campos Nympha viva;
E ſe feridas inda eſtão vivendo,
Será pera ſentir que vão morrendo.

49. Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
Que, vêdes, Venus traz a medicina,
Moſtrando as brancas velas e redondas
Que vem por cima da agoa Neptunina;
Pera que tu reciproco reſpondas,

|| 5 Nim. . çam || 6 sosp. (v. IV 38)
48 1 L. || 3 Thetis || 5 não || 6 Nim. || 8 . ra vão
49 1 . ay || 2 vedes || 3 vellas (v. I 19)

---

48 1 . . non levi telo est opus, | ut amare possit Hercules; rigidas manus | intende et arcum cornibus junctis para (diz Dejanira invocando Amor) Seneca *Herc. Oet.* 549-550) (FS).

---

47 5. secretas] por: intimas.
7. qualquer] como em I 34, 8.
8. a fama] refere-se ao que se diz na est. 45.

48 1. Os cornos . . da eburnea lũa] as extremidades do arco de marfim; cf. II 93, 7-8.
3. Que] deve considerar-se particula causal.
6. equoreos campos] Cf. *maris aequor* (Verg. *En.* II 780); *aequora ponti* (Verg. *Georg.*, I 469).

49 1. altas]=profundas, como tambem *altus*.
3. redondas] i. é, enfunadas pelo vento.

Ardente amor, á flamma feminina,
He forçado que a pudicicia honeſta
Faça quanto lhe Venus amoeſta.

50. Já todo o bello coro ſe aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em choreas gentis — uſança velha —
Pera a ilha a que Venus as guiava.
Ali a fermoſa Deoſa lhe aconſelha
O que ella fez mil vezes quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Eſtão a ſeu conſelho offerecidas.

51. Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente pera a patria amada,
Deſejando prover-ſe de agoa fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando juntas, com ſubita alegria,
Houverão viſta da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãi fermoſa
De Memnonio, ſuave e deleitoſa.

52. De longe a ilha virão freſca e bella,

‖ 6 Amor aa . ama (v. vi 13)
50 3 cor. (sem parenth.) ‖ 7 vão . çe
51 1 vão ‖ 4 . ajem (v. vii 26) ‖ 6 Ouue. (v. i 74)
‖ 7 çeo ‖ 8 Meno.
52 1 *A* Ilh. vi.

7. O verso é accentuado como II 15, 2.

8. «amoestar» é a fórma ainda empregada por Per. de Figueiredo no *Novo Methodo*.

50 1-2. todo o.. coro.. | Das Nereidas] *omnis Nereidum chorus* (Verg. *En*.. v 239-240, FS).

2-3. Cf. [*Nymphae*] *agnoscunt longe regem lustrantque choreis* (Verg. *En.* x 224; FS).

51 6-8. rompendo] = quando rompia. Sobre «Memnonio» (*Memnonius* é adjectivo derivado de *Memnon*) por «Memnon», v. o com. a II 113.

Que Venus pelas ondas lh'a levava —
Bem como o vento leva branca vela —
Pera onde a forte armada ſe enxergava;
Que, porque não paſſaſſem ſem que nella
Tomaſſem porto, como deſejava,
Pera onde as naos navegão, a movia
A Acidália, que tudo em fim podia.

53. Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas viſta e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo e a Deoſa á caça uſada.
Pera lá logo a proa o mar abrio,
Onde á coſta fazia hũa enſeada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

54. Tres fermoſos outeiros ſe moſtravão
Erguidos com ſoberba gracioſa,

‖ 3 vella (v. I 19) ‖ 6 *A* perto ‖ 7 .egão ‖ 8 Acci.
53 1 imo. (v. *R Ph* em «immigo») ‖ 2 Nau. ‖ 4 aa
‖ 5 la ‖ 8 Cyter.

52 8. A Acidalia] V. VIII 64.

53 1-4. A' lenda segundo a qual Delos era uma ilha erratica, e só posteriormente, depois que Latona deu alli á luz Apollo e Diana — «a Deosa á eaça usada —», se tornou immovel por mereê divina, refere-se Vergilio na *Eneida* (III 73-77) e Ovidio nas *Metamorphoses* (VI 186-191; 332-334). usada] como em VII 57, 7.

8. pintou] = matisou; é latinismo: *stellisque quibus pingitur aether* (Sen. *Medea* 310).

54 Na deseripção da ilha (est. 54-63) Cam., observa F S, lembra-se mais de uma vez do que disse na eeloga «As doces cantilenas . . ». Esta ilha, tal como o Poeta a descreve, é de pura phantasia, segundo cabalmente demonstrou o Conde de Ficalho na *Flora dos Lusiadas*, e não pode identificar-se eom nenhuma ilha real, como vanmente tem pretendido varios homens de letras. (Man. Corrêa informa-nos de que muitos tinham para si que fosse a ilha de Santa Helena; F S queria que fosse a ilha de Anchediva; J. Gomes Monteiro na *Carta ao Ill.mo Snr. Thomaz Norton*, pretendeu provar que é a ilha de Zanzibar). Em todo o caso Cam. imagina a ilha nos mares do Oriente (cf. x 53, 2).

Que de gramineo eſmalte ſe adornavão,
Na fermoſa ilha alegre e deleitoſa;
Claras fontes e limpidas manavão
Do cume, que a verdura tem viçoſa;
Por entre pedras alvas ſe deriva
A ſonoroſa lympha fugitiva.

55. Num valle ameno que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntar-ſe,
Onde hũa meſa fazem, que ſe eſtende
Tão bella quanto pode imaginar-ſe;
Arvoredo gentil ſobre ella pende,
Como que prompto eſtá pera afeitar-ſe
Vendo-ſe do cryſtal reſplandecente,
Que em ſi o eſtá pintando propriamente.

56. Mil arvores eſtão ao ceu ſubindo,
Com pomos odoriferos e bellos:

54 7 diri. (v. III 21) ‖ 8 Lim.
55 4 tam‖6 *A* .tâ *B* .tà‖7 cris.‖8 *A* .tâ *B* .tà
56 1 ço

54 8 Quid obliquo laborat | lympha fugax trepidare rivo? (Hor, Od. II 3, 11-12) (FS).

55 ..que de lexos parece estar cayendo, | sobre una tabla de agua tan hermosa, | tan clara que la sombra y arboleda | de baxo de sus aguas se parece. (Jorge de Montemor, *Cancionero*, pag. 155 da ed. de Salamanca de 1579) (FS).

6. O relativo «que» deve referir-se a «fontes», vindo «que a verdura tem viçosa» a equivaler a «que mantêm viçosa a verdura da ilha».

55 6-8. Como que.. está] = como se estivesse (*«che sembra tutto intento a farsi vago»* na traducção de Bonaretti). E' maneira usual de dizer no português antigo. prompto] está em sentido analogo ao que tem em VII 67, 5. «afeitar» = «enfeitar» era vulgar no português antigo; na *Vida de Santa Pelagia*, publ. na *Rev. Lusitana*, X pag. 179-190, occorre varias vezes; vem tambem na ecl. de Cam. «A rustica contenda..». propriamente] — com exacção, cf. VII 52.

A larangeira tem no fruito lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos;
Encoſta-ſe no chão, que eſtá caindo
A cidreira cos peſos amarellos;
Os fermoſos limões ali, cheirando,
Eſtão virgineas tetas imitando.

57. As arvores agreſtes que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos ſão, de Alcides, e os loureiros
Do louro Deos amados e queridos,
Myrtos de Cytherea cos pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Eſtá apontando o agudo cypariſo
Pera onde he poſto o ethereo paraiſo.

|| 3 Lar. || 4 cor || 5 chão .tà || 6 Cid. || 8 .tam
57 2 emno. || 3 sam Lou. || 5 Mir. Cyte. Pi.
|| 7 *A* .tâ Cip. || 8 Eter.

57 7-8 Sorge verso il Cielo un dritto cipresso (Sannaz. *Arcad.*, Prosa 1) (FS).

56 3-4. Daphne, filha do deos fluvial Penêo, foi metamorphoseada em loureiro (Ov. *Met.* I 452-567).

5-6. cos pesos amarellos] pertence para «está caindo». O sujeito commum á oração principal e á relativa está, por liberdade poetica, na oração relativa.

57 3-6. O alemo (fórma ainda popular de «alamo») é o alamo vulgar (alamo branco, alamo alvar, faia branca, a *Populus alba* L.); era consagrado a Hercules (Alcides); o loureiro era consagrado a Apollo (o louro Deos); a murta a Venus (Cytherea); o pinheiro a Cybele: *Populus Alcidae gratissima, vitis Iaccho, | formosae myrtus Veneri, sua laurea Phoebo* (Verg. *Buc.* VII 61-62; FS);.. *pinus | grata deum matri* (Ov. *Met.* X 103-104). Alemos.. de Alcides] Cf.: *El alamo d'Alcides* (Garcilaso, ecl. 3.ª). Dizendo «os loureiros do louro Deos amados» Cam. suppõe haver connexão etymologica entre «loureiro» e «louro» (nome designativo de côr).

Cybele enamorou-se de Attis, pastor da Phrygia (Ov. *Fast.* IV 223-224); a esta lenda allude o «por outro amor vencidos».

7-8. cypariso] = cipreste; representa o termo poetico latino (tomado da lingoa grega) *cyparissus*, (com um só *s*, como em «narciso» que representa *narcissus*). Não será fóra de proposito notar que Platão,

58. Os dões que dá Pomona, ali Natura
Produze, differentes nos ſabores,
Sem ter neceſſidade de cultura,
Que ſem ella ſe dão muito milhores:
As cereijas purpureas na pintura,
As amoras, que o nome tem de amores,
O pomo que da patria Perſia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.

59. Abre a romã, moſtrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro eſtá a jocunda
Vide cuns cachos roxos e outros verdes;

58 1 *A* dâ nat. ‖ 2 dife. (v. IV 12) ‖ 5 Ccr. porp. (v. II 73 ‖ 6 Amoras
59 1 Rom. ‖ 2 Cor Rub. ‖ 3 Vim. A .tâ *B* .tà ‖ 4 cũs

---

58 7-8 Quae dedit hos fructus arbor caelo advena nostro, | venit ab Eoo Persidis axe prius. | Translata facta est melior, quae noxia quondam | in patria, hic nobis dulcia poma gerit (Alciati, *Emblemata*, n.° 143) (Man. Corrêa). O autor tem o nome latino de *Albutius*.

---

nas *Leis*, falla da formosura do cipreste. o etherco paraiso] = o. Ceo, em contraposição ao «paraiso terrestre» de Adão e Eva.

58 1. Pomona] a nympha dos jardins e das arvores fructiferas (Ov. *Met.* XIV 623-626).

5. pintura] = côr.

6. «amora», que se prende etymologicamente ao latim *morum*, nada tem com a palavra «amor»; mas esta ideia foi suggerida ao Poeta pela historia de Pyramo e Thisbe contada por Ovidio (*Met.* IV 55-166); cf. Cam., ecl. «As doces cantilenas..».

7-8. Foi por intermedio da Persia, que o pessego nos veiu do Oriente. Os latinos chamavam-lhe *malum Persicum* ou simplesmente *Persicum*, que é o etymo de «pessego». Plátina no *De honesta voluptate* (fol. 16 *v.* da ed. de 1530) transcreve os versos do livro x de Columella em que vem a fabula de que na Persia o pessego era venenoso. O commentario do n.° 143 dos *Emblemata* de Alciati († 1550) tambem os transcreve.

59 3-4. Cf.: *amictae vitibus ulmi* (Ov. *Met.* X 100), *ulmisque adjungere vites* (Verg. *Georg.* I 2),

E vós, ſe na voſſa arvore fecunda,
Peras pyramidais, viver quiſerdes,
Entregai-vos ao damno que cos bicos
Em vós fazem os paſſaros inicos.

60. Pois a tapeçaria bella e fina
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos dina,
Mas o ſombrio valle mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cephiſia inclina
Sobolo tanque lucido e ſereno;

‖ 5 vos ‖ 7 dano (v. 1 93 ‖ 8 vos

60 2 a (cm vez de «o»; a corr. é já antiga ‖ 5 o (antes de «flor»; a corr. é já antiga) Cyfis. ‖ 6 . bollo

5-8. Como bem explica Man. Corrêa, Cam. quer dizer que as pereiras estavam tão enormemente carregadas de fructo (repare-se no epitheto «fecunda»), que era necessario sacrificarem-se alguns pomos para os restantes poderem medrar. Corresponde esta poetica apostrophe ao que Plinio recommenda no livro XVII § 260: *haec autem omnia poma intervelli melius est, ut, quae relicta sint, grandescant.* O Poeta não está redigindo um tratado scientifico, sendo portanto impertinencia objectar que os passaros não vem picar os fructos ainda não maduros. FS suppôs erradamente que neste lugar ha ironia e que o Poeta dizendo que se entregassem, pretendia significar que deviam esquivar-se. G. de Amorim acceitou a lição «escondei-vos dos damnos», que FS diz achar-se no supposto segundo manuscripto de FS. Dando a «peras» o legitimo epitheto de ornamento «pyramidais», Cam. suppõe phantasticamente — como acontece com a palavra «amoras» comparada com «amores» na est. precedente, — que a palavra latina *pirum*, a qual tambem se encontra escripta *pyrum*, é affim do vocabulo greco-latino *pyramis*. inico] Cf. IX 43, 1.

60 1. Pois] V. o com. a I 12, 5.

3. Achemenia] *(Achaemenia)*, propriamente um districto da Persia, toma-se tambem pela Persia em geral: *Achaemeniumque costum* (Hor. *Od.* III 1, 44). menos dina] = de menos valor.

5. a flor Cephisia] o narciso. Cephiso, ou Cephisso, é um rio da Phocida e Beocia, e o deos fluvial do mesmo nome houve de uma nympha a Narciso *(Narcissus)*, que foi metamorphoseado na flor assim chamada (Ov. *Met.* III 339-510).

6. Sobolo] equivale a: sobre o. tanque] é a «mesa» de IX 55, 3.

Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, Deosa Paphia, inda suspiras.

61. Pera julgar difficil, cousa fôra,
No ceo vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava ali Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores,

‖ 7 *A* .eçe Cynir.

61 1 difi. (diffi.: x 76) fo. ‖ 2 çeo cor. ‖ 3 aas cor ‖ 4 dam ‖ 5 Zefir. ‖ 6 cor

---

61 1-4 Ambigeres, raperetne rosis Aurora ruborem, | an daret et flores tingeret orta dies (*De rosis nascentibus*, de autor incerto, nas obras de Ausonio) (FS).

6 tinctus viola pallor amantium (Hor. *Od.* III 10, 14) (FS).

7-8. Cf.: Deixa pois tu, formosa Cytherea, | Do gentil filho e neto de Cinyras | O pranto por a morte horrida e fea (Cam., eleg. «Que tristes novas..»). Quando Adonis, filho de Cinyras (v. IV 63) e de Myrrha (filha tambem de Cinyras: *ille sorore* | *natus avoque suo*, Ov. *Met.* X 520-521), foi morto na caça por um javali, Venus (a «deosa Paphia», v. o com. a I 34), que o amava em extremo, fez brotar do sangue d'elle flores: segundo uns, anemonas, segundo outros, rosas (v. Preller, *Gr. Myth.* II *Abschn.* § 8). Ovidio, que nas *Metamorphoses* traz a lenda de Adonis (X 503-739), e de quem o Poeta se estava agora lembrando, não nomeia, mas designa expressamente a anemona: *male haerentem et nimia levitate caducum* | *excutiunt idem, qui praestant nomina, venti* (*anemone*, de ἄνεμος vento). Semelhantemente Plinio, fallando da anemona «*cultis nascens*», que é a *Anemone hortensis* L.—conforme diz Littré na sua traducção da *Nat. Hist.*—, escreve: *flos numquam se aperit nisi vento spirante, unde et nomen accepere* (XXI § 165). O Conde de Ficalho sentenceia erradamente que o Poeta falla da *Adonis autumnalis* L., a flor que, segundo o mesmo botanico, se chama em português «beijinhos». Sobre a accentuação de «Cinyras» v. *R Ph* em «Taprobana».

61 1. Pera julgar difficil cousa] como em latim *rebus.. difficilibus ad eloquendum* (Cic.; v. Madvig, *Gr. lat.* § 412 *obs.* 3.ª).

5. Pintando] [Zephyro] *dulci violas ferrugine pingit* (Claud., *De raptu Pros.* II 93).

6. Cf.: a flor que dos amantes | A côr tem magoada e saudosa (Cam., ecl. «As doces cantilenas..»; FS).

O lirio roxo, a freſca roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella,

62. A candida cecêm, das matutinas
Lagrimas rociada, e a manjarona;
Ven-ſe as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona.

‖ 7 Li. Rosa

62 1 *A* Cecêm *B* Cecêm Mat. ‖ 2 ruc. (a corr. é já antiga) *B* .adas Man. ‖ 3 .tinas ‖ 4 Vam (a corr. é já antiga)

Cam., que descreve a ilha imaginaria com a mente cheia de reminiscencias classicas, menciona «as violas da côr dos amadores» lembrando-se do *tinctus viola pallor amantium* do Venusino, seguramente sem cuidar em que flor o poeta latino teria no pensamento, e até emprega um termo que pertence exclusivamente á lingoa litteraria. Entretanto não é fóra de proposito inquirir qual seja a significação de *viola* no lugar de Horacio. Entre os Romanos *viola* designa já a violeta, a *Viola odorata* L. (em Plinio *viola purpurea*), já o goivo branco, a *Matthiola incana* L. (em Plinio *viola alba*), já o goivo amarello, o *Cheiranthus cheiri* L. (em Plinio *viola lutea*; v. Pl. *N. H.* XXI § 27 e a traducção de Littré). Referindo-se portanto Horacio, não á violeta, senão ao goivo, resta averiguar, se falla do goivo branco ou do amarello. Nos poetas latinos *pallere* diz-se frequentemente do que tem côr amarellada (em allemão *gelblich* ou *gelbgrün*, v. Heinichen, *Lat.-deut. Wörterb*, em *pallens* e *pallere*); assim Ovidio fallando do tremoço diz *pallentes lupinos* (*De med. fac.* 69). Ha-de pois entender-se que o poeta romano se refere ás *violae luteae* de Plinio, que são tambem as *pallentes violas* de Vergilio nas *Buc.* II 47. O Conde de Ficalho pensou erradamente que devem ser as *violae albae* de Plinio.

62 1. cecêm]=açucena (branca), o *Lilium candidum* L.

3-4] Cf.: E tu, dourado Apollo, que suspiras | Por o crespo Jacintho, moço caro, | Por quem a clara luz ao mundo tiras (Cam., eleg. «Que tristes novas...»). Apollo, estando a jogar o disco — a barra dos antigos — com o espartano Hyacintho, a quem muito queria, matou-o involuntariamente. Do sangue do mancebo fez Apollo brotar uma flor em cujos veios os antigos imaginavam ver a letra Y, inicial do nome «Hyacintho» em grego, ou as letras *ai* interpretadas já como interjeição quando referidas a Hyacintho, já como iniciaes do nome «Aiax, de cujo sangue tambem brotou a mesma flor (v. Ov. *Met.* X 162-219 e XIII 394-398; em Plinio: *Hyacinthum comitatur fabula duplex luctum praeferens, ejus quem Apollo dilexerat aut ex Aiacis cruore editi, ita discurrentibus venis ut Graecarum litterarum figura AI legatur inscriptum*; XXI § 66). Mas a flor a que os antigos se referem, não é a que entre nós é conhecida com o nome de «jacin-

Bem ſe enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois, ſe as aves no ar cantando voão,
Alegres animais o chão povoão.

63. Ao longo da agoa o niveo ciſne canta:
Reſponde-lhe do ramo philomela.
Da ſombra de ſeus cornos não ſe espanta
Acteon na agoa cryſtallina e bella.
Aqui a fugace lebre ſe levanta
Da eſpeſſa mata, ou timida gazella;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve paſſarinho.

64. Neſta freſcura tal deſembarcavão

‖ 6 Clo. ‖ 7 .oão ‖ 8 chão .oão
63 1 A longo (v. IX 67, 7) Cis. ‖ 2 Phi. *B* .mena ‖ 3 nam ‖ 4 nag. (v. *R Ph* em «Crase») cristali. ‖ 5 Le. ‖ 6 temida (a corr. é já antiga) Gaz. ‖ 8 ô
64 1 B .caram

tho», mas sim o *Gladiolus segetum* (v. a traducção de Littré da *N. H.* de Plinio, XXI § 65). Ven-se] V. *R Ph* em «-an, -en».

5-8. Os versos 5 e 6 aprcsentam uma reflexão final sobre o que vae dicto nas est. 58 e 59 comparado com o que se diz nas est. 60 e 61 e na primeira metade da 62, com que termina a parte botanica da descripção da ilha. Os versos 7 e 8 introduzem uma nova parte, a que se refere á fauna, e se contêm na est. 63. «Pois» é, segundo bem notou F S, particula de transição — como em IX 60, 1 —. Deve conseguintemente pôr-se ponto final no cabo do 6.º verso. Chloris] V. IX 40, 8.

Com o penultimo verso cf.: Pois as aves que no ar cantando voão (Cam., ecl. «A quem darei..»).

63 2. Philomela, filha de Pandion, rei de Athenas, foi metamorphoseada em rouxinol (Ov. *Met.* VI 424-676); já na poesia latina a palavra *philomela* serve de designar aquella ave.

3-4. Acteon foi convertido por Diana em veado (v. o com. a II 35). Cam. tomou a liberdade de empregar este nome proprio como nome designativo do veado.

8. o leve passarinho] O epitheto «leve», onde alguem viu prova de ter Cam. conhecimentos miudos de zoologia, é simplesmente epitheto classico dos passaros, e por isso Vergilio, querendo significar um impossivel, disse: *Ante leves* [i. é, como se fossem passaros] *ergo pascentur in aethere cervi* (*Buc.* I 60).

Já das naos os ſegundos Argonautas,
Onde pela floreſta ſe deixavão.
Andar as bellas Deoſas, como incautas.
Algũas doces citharas tocavão,
Algũas harpas e ſonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro ſe fingião
Seguir os animais, que não ſeguião.

65. Aſſi lh'o aconſelhára a meſtra experta,
Que andaſſem pelos campos eſpalhadas,
Que viſta dos barões a preſa incerta
Se fizeſſem primeiro deſejadas.
Algũas, que na forma deſcuberta
Do bello corpo eſtavão confiadas,
Poſta a artificioſa fermoſura
Nuas lavar-ſe deixão na agoa pura.

66. Mas os fortes mancebos que na praia
Punhão os pés, de terra cubiçoſos —
Que não ha nenhum d'elles que não ſaia,
De acharem caça agreſte deſejoſos —,

‖ 3 *B* pola ‖ 5 doç. Cytar. ‖ 6 arp. ‖ 7 (v. o com.) .ião ‖ 8 nam .ião

65 1 .ára ‖ 4 .eyro ‖ 8 nuas dey.

66 1 .aya ‖ 2 *A* pes *B* pès (sem parenth.) ‖ 3 .aya

64 2. Argonautas] V. I 18, 6. 7-8. se fingião | Seguir] em vez de «fingiam seguir» não é construcção usual. G. de Amorim suspeitou, porventura fundadamente, que por erro typographico está «se» por «so» (=só). seguir=dar caça a, como *sequi: dumque feras sequitur* (Ov. *Met.* II 498). 7. Posta]=deposta; tambem *ponere* se emprega por *deponere*, segundo observou FS, v. g. em: *cum pila ludere vellet tunicamque poneret* (Cic. *Tusc.* v § 60). A ed. de 1631, seguida por G. de Amorim, pôs indevidamente «Deposta». a artificiosa formosura] i. é, os vestidos, cf. IX 68, 7-8.

65 1. a mestra experta] Venus; v. IX 50, 5-6.

66 2. de terra cubiçosos] Cf. II 3, 8.

Não cuidão que ſem laço ou redes caia
Caça naquelles montes deleitoſos
Tão ſuave, domeſtica e benina,
Qual ferida lh'a tinha já Erycina.

67. Alguns que em eſpingardas e nas béſtas
Pera ferir os cervos ſe fiavão,
Pelos ſombrios matos e floreſtas
Determinadamente ſe lançavão;
Outros nas ſombras que das altas ſeſtas
Defendem a verdura, paſſeavão
Ao longo da agoa, que ſuave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

68. Começão de enxergar ſubitamente
Por entre verdes ramos varias côres,
Côres de quem a viſta julga e ſente
Que não eram das roſas ou das flores,
Mas de lã fina e ſeda differente
Que mais incita a força dos amores,
De que ſe veſtem as humanas roſas
Fazendo-ſe por arte mais fermoſas.

69. Dá Velloſo eſpantado hum grande grito;

‖ 5 cuy. .aya ‖ 6 deley. ‖ 7 Tão ‖ 8 *A* Eri. *B* Eiri.
67 1 .gũs *A* bes. *B* bès. ‖ 2 *A* Cer. *B* ſer. ‖ 5 de as ‖ 8 aa .aya
68 1 .eção ‖ 2 cores ‖ 3 Cores ‖ 4 erão ‖ 5 lam dife. (v. IV 12) ‖ 6 *A* .cita
69 1 Da Velo. (v. VI 41)

8. Erycina] V. II 18.

67 seſtas] o ardor do sol ao meio-dia.

7. Ao longo da agoa] é tambem o principio de IX 63, 1.

68 3-4. Sobre a construcção, v. o com. a I 4, 7-8.

5. differente] na accepção insolita de «variegado» (*bunt*, como bem traduz Storck).

«Senhores, caça eſtranha» diſſe «he eſta;
Se inda dura o gentio antigo rito,
A Deoſas he ſagrada eſta floreſta.
Mais deſcobrimos do que humano eſprito
Deſejou nunca; e bem ſe manifeſta
Que ſão grandes as couſas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

70. Sigamos eſtas Deoſas e vejamos
Se phantaſticas ſão, ſe verdadeiras.»
Iſto dito, veloces mais que gamos,
Se lanção a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos,
Mas mais induſtrioſas que ligeiras,
Pouco e pouco, ſorrindo e gritos dando,
Se deixão hir dos galgos alcançando.

71. De hũa os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Accende-ſe o deſejo que ſe ceva
Nas alvas carnes ſubito moſtradas;
Hũa de induſtria cae e já releva
Com moſtras mais maſſias que indinadas,

‖ 3 *B* duram *A* durão (provavelmente no original estava o *a* feito de tal modo que o compositor o tomou por *a* com til; a corr. é já antiga) Gen. ‖ 7 sam ‖ 8 .mẽs .ẽtes
70 2 fan. sam ‖ 3 *A* vello. Ga. ‖ 4 .çam ‖ 5 Nim. vão ‖ 7 surr. (a corr. é já antiga) ‖ 8 yr (v. 1 9) Gal.
71 2 da (a corr. é já antiga) ‖ 3 Acen. (v. 1 5) ‖ 6 masias (cf. asoprando: III 49, asombrado: III 67,

69 3. rito] como em III 117, 4.
4. Deosas] Cam. tinha na mente as Dryadas e Hamadryadas.
5. espirito] V. o com. a II 64.
8. imprudentes] = ignorantes.

70 3. O gamo é o *Dama vulgaris* Brook.

71 2. correndo] pertence para «hũa» (FS).
6. massias] é a graphia do

Que ſobre ella empecendo tambem caia
Quem a ſeguio pela arenoſa praia.

72. Outros por outra parte vão topar
Com as Deoſas deſpidas que ſe lavão;
Ellas começão ſubito a gritar,
Como que aſſalto tal não eſperavão.
Hũas, fingindo menos eſtimar
A vergonha que a força, ſe lançavão
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçoſas vão negando.

73. Outra, como acudindo mais de preſſa
A' vergonha da Deoſa caçadora,
Eſconde o corpo na agoa; outra ſe apreſſa
Por tomar os veſtidos que tem fóra.
Tal dos mancebos ha que ſe arremeſſa
Veſtido aſſi e calçado — que co a mora
De ſe deſpir ha medo que inda tarde —
A matar na agoa o fogo que nelle arde.

sosego: III 120, sosegado: VIII 48, asinalar: V 78, asinalado: X 59, Abasia: X 50)

72 1 vão ‖ 3 .çam ‖ 4 nam ‖ 8 aas vão

73 2 Aa ‖ 3 nag. (v. *R Ph* em « Crase ») ‖ 4 fo. ‖ 5 manҫe. ‖ 7 Desse

tempo em que em todo o país o som do *s* e do *ç* eram differentes um do outro (« massio em Heitor Pinto I 271 *v.* da 1.ª ed.).

72 1-2. V. IX 65, 5-8.

4. E' a mesma construcção que em IX 55, 5.

6. força] = o serem forçadas (violentadas).

73 1-2. acudindo.. | A' vergonha da Deosa caçadora] é geralmente interpretado como querendo dizer « evitando a vergonha que Diana sentiu quando Acteon a viu tomar banho » (v. o com. a II 35): *Haec venatricis mores imitata Dianae* (Macedo); *als wollten sie der hehren | Jagdgöttin Brauch be folgen* (Storck); ha porêm quem entenda que o sentido é « evitando a vergonha que havia de ter de Diana, se se deixasse ver naquelle

47. Qual cão de caçador, fagaz e ardido,
Uſado a tomar na agoa a ave ferida,
Vendo no roſto o ferreo cano erguido
Pera a garcenha ou pata conhecida,
Antes que ſoe o eſtouro, mal ſoffrido
Salta na agoa e da preſa não duvida,
Nadando vai e latindo: aſſi o mancebo
Remete á que não era irmã de Phebo.

75. Lionardo, ſoldado bem deſpoſto,
Manhoſo, cavalleiro e namorado,
A quem Amor não dera hum ſó deſgoſto,
Mas ſempre fôra d'elle mal tratado,

74 1 *B* tão (em vez de «cão») || 3 Vendo rosto (sem «no»; v. o com.) || 4 Gar. Pat. || 5 sofr. (v. I 65) || 6 nag. (v. *R Ph* em «Crase») nam *A* . îda || 7 . ay || 8 ha (a corr. é já antiga) nam yrmãa (v. IV 95)
75 3 amor so || 4 fo.

estado de nudez»: *with haste to hide | her shame from her, the Godess of the chase* (Duff); mas tal interpretação não me parece acceitavel, por isso que estas nymphas eram realmente deosas do mar e não pertenciam á comitiva de Diana.

74 1. sagaz] = de bom faro (*sagax*): *E qual sagace can nel monte usato | A volpi o lepri dar spesso la caccia* (*Orl. fur.* VIII 33; FS).

2. Usado] como em VII 47.

3. Man. Corrêa escreveu «Vendo no rosto»; a ed. de 1597 traz «ó rosto» (o que equivale, na pronuncia popular a «ao rosto»), lição que Trigoso, ao que me parece, não muito fundadamente, acha preferivel.

4. garcenha] ou «garcenho» é a *Ardeola minuta* L. (Balth. Osorio, obra cit. no com. a V 21).

6-7. e da presa não duvida] = sem duvidar da presa, i. é: sem duvidar de colher a presa (cf. Madvig, *Gr. Lat.* § 416, *obs.* 3.ª).

8. que não era irmã de Phebo] i. é, que não era tão pudibunda como Diana.

75 1. Cam. já fez menção d'elle em VI 40. bem desposto] = de gentil postura: *of mostly good port* (Duff).

2. Manhoso] em bom sentido. cavalleiro] como em III 130, 8.

3. não dera hum só desgosto] mas innumeros, como se vê do verso immediato.

4. Depois da conjuncção tem de subentender-se o pronome re-

E tinha já por firme proſupoſto
Ser com amores mal afortunado,
Porem não que perdeſſe a eſperança
De inda poder ſeu fado ter mudança,

76. Quis aqui ſua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu, pera dar-ſe, a natureza.
Já canſado correndo lhe dizia:
«O' fermoſura indigna de aſpereza,
Pois d'eſta vida te concedo a palma,
Eſpera hum corpo de quem levas a alma.

77. Todas de correr canſão, Nympha pura,
Rendendo-ſe á vontade do inimigo;

76 2 Apos Eſi. || 6 O
77 1 '.sam Nim. || 2 aa

---

76 ..poco gli (ao navio onde ia o infiel esposo de Olimpia) nuoce | Che porti il corpo, poichè porta l'alma (*Orl. fur.* x 25) (FS).

lativo da oração antecedente na fórma de sujeito («que»). A mesma irregularidade occorre em latim: *Bocchus cum peditibus quos. Volux.. adduxerat, neque in priore pugna.. adfuerant,..* (Sall. *Jug.* 101; v. Madvig, *Gr. lat.* § 323).

5-7. firme prosuposto] é tambem a segunda metade de III 59, 6, «prosuposto»=opinião (que se tem anticipadamente). FS entende que na figura de Leonardo o Poeta se representa a si proprio.

76 1. ventura]=má ventura (FS); cf. IX 77, 5; 78, 3; 79, 6.

Depois da conjuncção «que» os antigos empregavam ás vezes o indicativo («corria») em lugar do conjunctivo («corresse»), quando se falla de uma realidade.

2. exemplo]=ideal, como hoje se diz, conceito que muitas vezes pode exprimir-se em latim com *exemplar*.

6. indigna de aspereza]=que não devia ser aspera de condição; cf.: Como diz desfavor mal com belleza! (Cam., eleg. «Entre rusticas serras..»); que pois tendes fermosura, | tende tambem piedade (*Can.* Ger. fol. 88).

77 2. do inimigo] i. é, d'aquelle que procura alcançá-la.

Tu ſó de mi ſó foges na eſpeſſura!
Quem te diſſe que eu era o que te ſigo?
Se t'o tem dito já aquella ventura
Que em toda a parte ſempre anda comigo,
O' não na creias, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78. Não canſes, que me canſas; e ſe queres
Fugir-me porque não poſſa tocar-te,
Minha ventura he tal, que inda que eſperes,
Ella fará que não poſſa alcançar-te.
Eſpera; quero ver, ſe tu quiſeres,
Que ſutil modo buſca de eſcapar-te,
E notarás no fim d'eſte ſuceſſo,
Tra la ſpica e la man qual muro he meſſo.

79. O' não me fujas — aſſi nunca o breve
Tempo fuja da tua fermoſura —,

3 so my so (ponto de interr. no fim do verso) || 7 O nam creas (v. *R Ph* em «-eia»)

78 1 Nam || 2 nam || 4 *A* .râ *B* .rà nam || 7 A .arâs *B* .aràs

79 1 O não (sem parenth.)

3. na eſpeſſura] = para o interior da espessura; v. o com. a II 32, 5-6.

7. eu quando a cria] Está o sujeito transportado para antes da conjuncção; v. *R Ph* em «Transposição».

78 5-6. A oração «ſe tu quiſeres [esperar]» pertence para a oração interrogativa subordinada que se segue. escapar-te] = salvar-te de mim, fazer que eu não te alcance; v. o com. a VII 80, 5.

8. E' o verso 8.º do soneto «*Se col cieco desir..*» de Petrarca. O sentido geral é o mesmo que o do proverbio português «Da mão á boca se perde muitas vezes a sopa». No que respeita á inserção de versos de outra lingoa, FS cita varios exemplos de escriptores italianos; bastará lembrar que Petrarca termina com um verso provençal a primeira estancia da canção «*Lasso me..*».

79 1-2. Em «aſſi — fermoſura» o adverbio «aſſi» corresponde ao *sic* dos poetas latinos, v. g. em Horacio, *Od.* I 28, 23-29; cf. III 1

Que ſó com refrear o paſſo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Emperador, que exercito ſe atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto deſejei, me vai ſeguindo?
O que tu ſó farás não me fugindo.

80. Pões-te da parte da deſdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração que livre tinha?
Solta-m'o e correrás mais livremente.
Não te carrega eſſa alma tão mezquinha,
Que neſſes fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, deſpois de preſa,
Lhe mudaſte a ventura, e menos peſa?

81. Neſta eſperança ſó te vou ſeguindo,
Que ou tu não ſoffrerás o peſo d'ella,
Ou na virtude de teu geſto lindo
Lhe mudarás a triſte e dura eſtrella:

‖ 3 so ‖ 4 *A* . erâs ‖ 7 . jey *B* . ay ‖ 8 so . aras nam

80 3 . ação ‖ 4 eorreras (a eorr. é já antiga) ‖ 5 *A* tam *B* tão ‖ 7 ou

81 1 so ‖ 2 nam *A* . erâs ‖ 4 *A* . arâs *B* . arà

5. Emperador] no sentido de «general» (*imperator*).
7. em quanto]=em tudo quanto.
8. O que tu.. farás] equivale a: Mas fá-lo-has tu. O que] (=eousa que) i. é, o quebrantar a furia da ventura. só] pertence propriamente para «não me fugindo», e tem o mesmo sentido que no 3.° verso.

80 1. «da parte de» representa o latim *ab* em *stare ab aliquo*, estar do lado de alguem favorecendo-lhe a eausa.
6. fios de ouro reluzente]=eabellos louros.

81 1. Nesta esperança] que vae ser explicada no dilemma que se segue. Cf.: Os dias na esperança de hum só dia | passava (Cam., son. «Sete annos..»).
2. ou tu não soffrerás o peso d'ella] (da minha alma) e em tal easo pararás de fugir.
3. na virtude]=pela virtude.
4. O parallelismo favorece a lição «mudarás» (correspondente

E ſe ſe lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me eſperarás, ſe Amor te fere;
E ſe me eſperas, não ha mais que eſpere.»

82. Já não fugia a bella Nympha tanto
Por ſe dar cara ao triſte que a ſeguia,
Como por hir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia.
Volvendo o roſto já ſereno e ſancto,
Toda banhada em riſo e alegria,
Cair ſe deixa aos pés do vencedor,
Que todo ſe deſfaz em puro amor.

83. O' que famintos beijos na floreſta,
E que mimoſo choro que ſoava!
Que afagos tão ſuaves, que ira honeſta

‖5 *A* nam *B* não vas‖6 *B* que . irà‖7 *A* . arâs‖8 não
82 1 nam Nim.‖3 yr (v. 1 9) . çe‖7 *A* pês *B* pès‖8 *B* que
83 1 O‖3 tam yra

ao «soffrerás» do 2.º verso); «mudar» está na accepção de «fazer que se mude», como no ultimo verso da est. precedente e em: «Mas se me tu mudares minha sorte» na eleg. XII de P. de Andrade Caminha.

8. não ha mais que espere] por isso que verei satisfeitos todos os meus desejos: *aliud mihi nil optabile deerit* (Macedo). Note-se o trocadilho do verbo «esperar» empregado em dois sentidos diversos.

82 1-4. A redacção do primeiro verso não está muito accurada; mas o Poeta evidentemente quer dizer, que se a nympha ainda ia fugindo, não era tanto para se dar cara (como a principio; v. 76, 3-4), quanto para poder continuar a ouvir o doce canto de Lionardo. A respeito ao 4.º verso, cf.: Alli os dias passava | em magoas da alma saidas | dizer a quem longe estava (*Crisfal* 8, 1-3); e: O triste som das magoas que dizia (Cam., son. «Todo animal. .», cit. por FS).

5. sancto]=*todo lleno de suauidad, todo benigno*, como interpreta FS, que cita grande numero de lugares de poetas italianos, em que o vocabulo «santo» é empregado fóra do sentido usual, entre elles, este de Panfilo Sassi na ecl. I: *E la sua faccia legiadretta e santa.*

Que em riſinhos alegres ſe tornava!
O que mais paſſão na manhã e na feſta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Milhor he exp'rimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode exp'rimentá-lo.

84. D'eſta arte em fim conformes já as fermoſas
Nymphas com ſeus amados navegantes
Os ornão de capellas deleitoſas
De louro e de ouro e flores abundantes;
As mãos alvas lhe davão como eſpoſas:
Com palavras formais e eſtipulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

85. Hũa d'ellas maior, a quem ſe humilha
Todo o coro das Nymphas e obedece,
Que dizem ſer de Celo e Veſta filha,
O que no geſto bello ſe parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão illuſtre, que o merece,

|| 5 . ssam menhã (v. IV 75) || 6 . amaua (v. *R Ph* em «immigo») || 7 esp. (v. IV 95) . alo . alo || 8 nam esp. . alo

84 2 Nim.
85 2 *B* choro Nim. || 6 . itão . eçe

84 5-8. «*Il paraît probable que la cérémonie annuelle de l'Ascension à Venise où le doge épousait la mer au nom de la république, a fait inventer au Camoëns cette allegorie*» (S. de Sismondi, *De la litt. du midi de l'Europe*, IV pag. 407, citado por G. de Amorim). estipulantes] (do termo juridico latino *stipulari*) = em que as pessoas se obrigam solemnemente ao cumprimento de uma cousa.

85 1-3. Hũa d'ellas] Tethys v. VI 21, 2 (cujo segundo hemistichio é o mesmo que o do 3.º verso d'esta estancia). a quem se humilha | Todo o coro das Nymphas] corresponde, quanto ao sentido geral, a: *..viro Phoebi chorus assurrexerit* [levantou-se em sinal de respeito] *omnis* (Verg. *Buc.* VI 66).

4. se parece] = deixa-se ver bem.

Recebe ali com pompa honeſta e regia,
Moſtrando-ſe ſenhora grande e egregia.

86. Que deſpois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influição do immobil fado
Pera lhe deſcobrir da unida eſphera
Da terra immenſa e mar não navegado
Os ſegredos, por alta prophecia,
O que eſta ſua nação ſó merecia,

87. Tomando-o pela mão o leva e guia
Pera o cume de hum monte alto e divino,
No qual hũa rica fabrica ſe erguia
De cryſtal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui paſſão do dia
Em doces jogos e em prazer contino:
Ella nos paços logra ſeus amores,
As outras pelas ſombras entre as flores.

‖ 7 *A* rêg. *B* règ.

86 4 . içam imo. (v. *R Ph* em «immigo» ‖ 5 *B* vinda ‖ 8 . çam so

87 1 mão a le. (a corr. é já antiga) ‖ 2 dum (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 4 eris. ‖ 5 , assam ‖ 6 . çes

7. honesta]=magnificente, sentido que na poesia latina tambem tem *honestus*.

86 1. Que] corresponde a *nam*.

5-6. Segundo bem observa FS, «da terra e mar» depende de «da unida esphera», sendo que «a unida esphera da terra e mar» — «este globo de Ceres e Neptuno» em VIII 32, 7 — equivale a «o globo terraqueo»; cf. «ha mesma terra e ho mar, ambos juntamente fazem hũa redondeza» (*Esmeraldo* I 2). Não entendendo bem o sentido, alguns editores, põem virgula depois de «esphera».

87 3. hũa rica fabrica se erguia] é tambem a segunda parte de VII 46, 6.

6. jogos]=entretenimentos (FS).

88. Aſſi a fermoſa e a forte companhia
O dia quaſi todo eſtão paſſando
Nũa alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compenſando;
Porque dos feitos grandes, da ouſadia
Forte e famoſa o mundo eſtá guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande e nome alto e ſubido.

89. Que as Nymphas do Oceano tão fermoſas,
Tethys e a ilha angelica pintada
Outra couſa não he que as deleitoſas
Honras que a vida fazem ſublimada.
Aquellas preminencias glorioſas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Eſtes ſão os deleites d'eſta ilha.

90. Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illuſtres ama,
Lá no eſtellante Olympo a quem ſubia

88 3 .çe ‖ 4 O tr. (a corr. é já antiga) tam ‖ 6 *A* .tâ *B* .tà ‖ 7 la
89 1 Nim. Occe. (v. *R Ph*) tam ‖ 2 Thetis I. ‖ ‖ 3 nam ‖ 7 Pal. Lou. ‖ 8 sam I.
90 3 la Olim.

88 1. «a fermosa [companhia]» são as nymphas' «a forte companhia» são os navegadores.
3. alma] é o adjectivo poetico *almus* = que restaura, que recreia, bemfazejo.
4. Refere-se, é bem de ver, unicamente á «forte companhia».
7. lá no fim] pertence para «está guardando»; consequentemente não deve pôr-se virgula depois de «premio».

89 Sobre a interpretação que o Poeta dá nas est. 89-92, aos nomes da mythologia greco-romana, v. o com. a x 82.
3. outra cousa não he] V. o com. a VIII 62, 7-8.
7. maravilha] = a admiração dos homens; cf. IX 85, 5.

90 1-5. as immortalidades] = a condição de immortal, e, no caso presente, de divino. O plural

Sobre as aſas inclitas da fama
Por obras valeroſas que fazia,
Pelo trabalho immenſo que ſe chama
Caminho da virtude alto e fragoſo,
Mas no fim doce, alegre e deleitoſo,

91. Não erão ſenão premios que reparte
Por feitos immortais e ſoberanos
O mundo cos barões que eſforço e arte
Divinos os fizeram, ſendo humanos;
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas e Juno com Diana
Todos forão de fraca carne humana.

92. Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão eſtranhos
De Deoſes, Semideoſes immortais,
Indigetes, Heroicos e de Magnos.

‖ 8 .çé

91 1 Nam senão ‖ 2 *A* imort (v. *R Ph* em «immigo») *B* mort. ‖ 3 var. (v. *R Ph* em «barão») ‖ 4 Diuidos ‖ 7 Palas

92 2 tam ‖ 4 Eroi.

explica-se pelo facto de a immortalidade referir-se a varios individuos (cf. «famas» em IX 92). a quem subia] = àquelles que subiam. fazia] refere-se ao sujeito de «subia». O Dr. J. M. Rodrigues, não atinando com o sentido, aliás obvio, d'estes versos, entende que «fazia» é erro typographico em vez de «sabia» (*O Instituto* de 1908). Quintiliano disse: *imperiti.., dum librariorum insectari volunt inscientiam, suam confitentur*. Por obras valerosas] é o segundo hemistichio de I 2, 5.

7. O pensamento de que «o caminho da virtude» é «alto e fragoso» occorre, como é natural, frequentissimamente na litteratura antiga; entre muitos textos F S cita: *Virtutisque viam deserit arduae* (Hor. *Od.* II 24, 44).

91 3. que] i. é, tacs que. esforço e arte] é tambem o final de I 75, 6.

6. Quirino] nome dado a Romulo depois de divinizado, v. Ov. *Fast.* II 475-480. Thebanos] Hercules (v. III 18) e Baccho (v. I 73).

92 4. Indigetes] vale tanto

Por iſſo, ó vós que as famas eſtimais,
Se quiſerdes no mundo ſer tamanhos,
Deſpertai já do ſomno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz eſcravo.

93. E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e eſcuro
Vicio da tyrannia infame e urgente;
Porque eſſas honras vãs, eſſe ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Milhor he merecê-los ſem os ter,
Que poſſui-los ſem os merecer.

94. Ou dai na paz as leis iguais, conſtantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos veſti nas armas rutilantes
Contra a lei dos immigos Sarracenos:

‖ 5 o vos ‖ 7 sono (v. 11 60)
93 2 .içam ‖ 4 tirani. ‖ 5 vaãs (v. IV 95 ‖ 6 nam aa ‖ 7 .cellos (v. 1 80) ‖ 8 .eçer
94 1 .ay ‖ 4 .ey imi. (v. *R Ph*)

como «indigenas»; o nome applicava-se aos heroes nacionaes, venerados depois da morte como divindades tutelares do país. (Em T. Livio vem *di indigetes* por: deoses nacionaes.) «*magnus*» era epitheto pertencente aos deoses em geral; em particular Jupiter tinha o titulo de *maximus: Juppiter optimus maximus.* Sobre a pronuncia de «Magnos» v. o com. a IV 32, 8.

93 1. cobiça] no sentido particular de «cobiça de riquezas» (como tambem *cupiditas*).

4. urgente]=oppressora; é latinismo.

5. vãs]=que desvanecem (segundo bem explica o Dr. Leite de Vasconcellos em *O texto dos Lusiadas*, pag. 47-48).

94 1. dai.. as leis] no sentido do latim *jura reddere;* equivale a: administrae justiça. Não ha-de entender-se no sentido de «legislar», porque tal poder nos governos absolutos pertence ao imperante.

2. o dos]=o que pertence aos.

3. Tambem: sempre nas armas rutilantes | Vestido.. (Cam. epist.: «Como nos vossos hombros..». «vestir-se em» é construcção usual no português antigo: «vestido num

Fareis os Reinos grandes e poſſantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Poſſuireis riquezas merecidas
Com as honras que illuſtrão tanto as vidas.

95. E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conſelhos bem cuidados,
Agora co as eſpadas, que immortais
Vos farão, como os voſſos já paſſados;
Impoſſibilidades não façais,
Que quem quis, ſembre pôde; e numerados
Sereis entre os Heroes eſclarecidos,
E neſta ilha de Venus recebidos.

95 4 . arão (cm *B*, no exemplar da Bibliotheca de Lisboa, está «farão» escripto á mão por faltar a parte da folha em que a palavra se encontrava) || 6 po.

pelote de veludo» (Cast. VIII 43); «el rey vestido em hũa Cabaya» (id. VIII 102); «vestido em seu roupão vermelho» (G. Corrêa *Lend. da Ind.* I 14); «o criado se vestio nos vestidos do senhor» (H. Pinto). G. de Amorim mudou inscientemente para «das armas».

5. grandes e possantes] é tambem a segunda parte de VI 46, 1.

95 4. «como [fizerão immortais] os vossos já passados» já passados] = antepassados; é tambem o final de V 92, 4.

5. A comparação d'este verso com o seguinte mostra que o sentido é: não imagineis que com isto pretendeis impossibilidades.

6. quem quis, sempre pôde] O preterito empregado em sentenças e proverbios corresponde ao aoristo gnomico da grammatica grega.

(O proverbio é: poder é querer).

CANTO DECIMO E ULTIMO

1. Mas já o claro amador da Lariſſea
Adultera inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodea
Temiſtitão nos fins Occidentais;
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co ſopro, que nos tanques naturais
Encreſpa a agoa ſerena e deſpertava
Os lirios e jazmins, que a calma aggrava;

2. Quando as fermoſas Nymphas cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subião pera os paços radiantes

1 1 *B* de ‖ 3 La ‖ 8 Li. laz. agr.
2 1 Ninf. ‖ 2 Pella (v. IV 64) mão ‖ 3 .ião

1 1-2. o claro amador da Larissea adultera] Apollo, que amou Coronis de Larissa (ou, melhor, «Larisa» na Thessalia), a qual porêm não guardou inteira fidelidade àquelle deos; v. Ov. *Met.* II 542-632. os animais] os cavallos que lhe tiravam o carro; v. v 61.

3-4. «*Questa grande città di Temistitam Messico è edificata dentro di questa parte del lago che ha l'acqua salata*» (Ramusio, *Raccolta*, III fol. 309. No fol. 456 vem um mappa onde se vê a cidade no meio de um grande lago). «Temistitam, Temistitão, representam o nome («Tenochtitlan», Meyer, *Hand-Lexikon*.) da capital dos Aztecos.

6. tanques naturais] as agoas do mar, como *stagna* na poesia latina.

8. aggrava]=faz pender, como se fossem a adormecer; corresponde á expressão metaphorica do verso anterior «despertava».

2 2. conformes e contentes] refere-se evidentemente ás nymphas.

E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Meſas de altos manjares excellentes
Lhe tinha aparelhadas, que a fraqueza
Reſtaurem da canſada natureza.

3. Ali em cadeiras ricas, cryſtallinas
Se aſſentão dous e dous, amante e dama;
Noutras, á cabeceira, de ouro finas
Eſtá co a bella Deoſa o claro Gama;
De igoarias ſuaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antiga fama,
Se accumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico theſouro.

4. Os vinhos odoriferos, que acima
Eſtão não ſó do Italico Falerno,
Mas da ambroſia, que Jove tanto eſtima

‖ 6 dalt. (v. *R Ph* em «Elisão») .elentes (v. II 99) ‖ 7 .ados (a corr. é já antiga)
3 1 cristali. ‖ 3 aa dou. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 4 .tà ‖ 5 yg. ‖ 6 não Egip. ‖ 7 acumulão ‖ 8 la tes.
4 2 .tão so ‖ 3 Am.

5-6. mandados] no masc., referido a «Nymphas cos amantes».
a Rainha] Tethys. O epitheto «altos» serve de exprimir o que Ovidio (*Met.* XI 119-120) significa dizendo: *mensas ..exstructas dapibus* (FS).

3 3. Noutras.. de ouro finas] V. o com. a I 67, 6.
6. Tanto pode referir-se ao banquete dado por Cleopatra a Cesar (Lucano X 155-168), segundo pensa Burton, como aos banquetes dados pela mesma rainha a Marco Antonio (a que o Poeta já alludiu em VI 2), segundo opina FS.
8. o Atlantico thesouro] os jardins das Hespéridas (v. II 103), em que havia pomos de ouro.

4 2. O Falerno era dos vinhos mais celebrados da Italia antiga: *Aulon | .. minimum Falernis | invidet uvis* (Hor. *Od.* II 6).
3. A bebida dos deoses propriamente era o «nectar», e «ambrosia» a comida; mas Atheneo cita um passo de Alexandrides e outro de Sappho (este é o fragmento 48 e 49 da *Anthol. lyr.* de Bergk),

Com todo o ajuntamento ſempiterno,
Nos vaſos onde em vão trabalha a lima,
Creſpas eſcumas erguem, que no interno
Coração movem ſubita alegria,
Saltando co a miſtura da agoa fria.

5 Mil praticas alegres ſe tocavão,
Riſos doces, ſutis e argutos ditos,
Que entre hum e outro manjar ſe alevantavão,
Deſpertando os alegres appetitos.
Muſicos inſtrumentos não faltavão,

‖ 5 vão ‖ 8 dag. (v. *R Ph* em «Crasc») 5 2 Rî. (em *B* escripto á mão; v. IX 95) ‖ 3 hũ *A* mãj. *B* aleuãtauão ‖ 4 ape. ‖ 5 .auão

em que a ambrosia é representada como bebida.

4. com todo o ajuntamento]= com todos os deoses; liga-se a «Jove».

5. vasos onde em vão trabalha a lima] i. é, vasos de diamante, como interpreta FS.

5 1. praticas]=conversações, assumptos de conversação. A. Coelho escreveu «trocavam»; depois tambem G. de Amorim, independentemente, segundo elle diz, de A. Coelho, fez a mesma correcção, e estranha que FS não desse pelo supposto erro, quando este até cita uma quintilha de Sá de Miranda, em que vem «fala trocada», e que na ed. de 1595 é: O ceas do paraiso | Que nunca o tempo vos vença, | Sem fala trocada ou riso, | Nem carregadas do siso, | Nem danadas da licença (Carta a Ant. Pereira). Mas neste lugar «fala trocada» quer dizer: falla enganosa, falla daquelle que usa, na phrase de Sallustio, *aliud clausum in pectore, aliud in lingua promptum habere.* (Em todo o caso a lição não é certa; o melhor manuscripto, segundo D. Car. M. de Vasconcellos, tem «fala da nossa», lição corrupta, que a mesma senhora se inclina a suppor, e bem, que está por «fala danosa»). Não se trata, pois, no lugar de Sá de Miranda de «trocar fallas». O uso de «trocar» em locuções taes é, creio eu, moderno. O que o Poeta pretende dizer com «tocar» — verbo que neste caso corresponde ao francês *effleurer* — é que, segundo convinha em um banquete, não se entrava a fundo nos assumptos; é o pensamento de Seneca na *epist.* 64: *Varius nobis sermo fuit, ut in convivio. nullam rem usque ad exitum adducens, sed aliunde alio transiliens.*

3-3. Para os sujeitos «risos» e «ditos» tem de subentender-se, por zeugma (v. o com. a III 52), de «tocavão» outro verbo, o que é tanto mais facil por estar «se alevantavão» na oração relativa. Caldera desfez a zeugma traduzindo: *Mil platicas alegres se tocaban | buenos e agudos dichos se deziam.*

4. appetitos] de igual modo em VI 96, 5.

Quais no profundo reino os nús eſpritos
Fizerão deſcanſar da eterna pena,
Cũa voz de hũa angelica Sirena.

6. Cantava a bella Nympha, e cos accentos
Que pelos altos paços vão ſoando,
Em conſonancia igual os inſtrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando.
Hum ſubito ſilencio enfreia os ventos,
E faz hir docemente murmurando
As agoas e nas caſas naturais
Adormecer os brutos animais.

7. Com doce voz eſtá ſubindo ao ceo

‖ 6 rey. nus (v. VI 18, VII 37) ‖ 8 dhũa (v. *R Ph* em «Elisão») Syr.

6 1 *A* Ninſa *B* Minſa accn. ‖ 2 pellos (v. IV 64) vão ‖ 3 ygo. (v. I 5) instro. (instru.: II 107, VII 12, 76; X 5) ‖ 5 .frea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 6 *B* doç.

7 1 *A* .tâ *B* .tà

6-7. Quais.. | Fizeram]=como aquelles que fizeram, ou=taes que fariam. Julgo preferivel a primeira interpretação. Quando Orpheo desceu aos infernos para solicitar que a sua esposa Eurydice voltasse á vida, os sons harmoniosos que elle desferia da lyra, fizeram parar por algum tempo os supplicios dos criminosos (Ov. *Met.* X 40-44). os nús espritos] equivale a: «as sombras nuas» de V 89 (FS).

8. Vae ligar-se a «Musicos instrumentos». Sobre as Sirenas, v. V 88, 4. A «angelica Sirena» é a nympha de que se falla nas est. seguintes; cf.: *Questa sola fra noi del ciel sirena* (Petr., son. «*Quando amore..*», fallando de Laura).

6 3. igual] equivale, neste caso, a «perfeita».

7. as casas naturais] as covas e jazidas dos animaes bravios.

7 No *De partu virginis* (III) de Sannazzaro (cit. por FS), o nome do rio Jordão, encostado a uma urna de crystal—presente do Ceo—(*Nitet urna novis variata figuris | Crystallo ex albo et puro perlucida vitro*), na qual está figurado o baptismo de Christo, conta um dia ás nymphas maritimas, que Proteo, vindo uma vez fallar-lhe á sua gruta, lhe predissera que elle havia de sobrepujar em celebridade os mais famosos rios da terra, sendo que alli havia de surgir o novo sol que renovaria a face do mundo (*Haec*

Altos barões que eſtão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
Num globo vão, diaphano, rotundo—
Que Jupiter em dom lh'o concedeo,
Em ſonhos—, e deſpois no reino fundo
Vaticinando o diſſe, e na memoria
Recolheo logo a Nympha a clara hiſtoria.

8. Materia he de coturno e não de ſoceo

‖ 2 var. (v. *R Ph*) ‖ 3 Id. .theo ‖ 4 vão .afano (sem parenth.) ‖ 8 Ninf.
8 1 Cot. Soco

8 1 Materia da coturni, e non da socchi (Petr. *Tri. d'Amore* IV) (F S).

senior quondam felici pectore Proteus | Vaticinans ut forte meo diverterat antro.. | praemonuit). Cam. imagina tambem que o rei dos deoses fizera a Proteo a mercê de lhe deixar ver em sonhos um globo de crystal onde estava representada a futura historia dos principaes herocs portugueses das guerras de Africa e Asia, e que tendo Proteo depois contado no seio dos mares o que lhe fôra dado conhecer, a nympha por sua vez revelava agora a V. da Gama o que então ouvira da boca d'aquella divindade maritima. Platão chama aos typos geraes e imperccedouros, de que os seres e objectos individuaes são manifestações particulares e transitorias, «idcas», termo que Cicero traduz por *species* (*Tusc.* 1 § 58, *Acad.* 1 § 30), c que Seneca define por estas palavras: *idea est eorum, quae natura fiunt, exemplar aeternum* (*Epist.* 58). Cam. aproveita o termo de Platão, apartando-o do sentido proprio que elle tem no philosopho grego, para significar os debuxos que Jupiter, em virtude da sua presciencia, fizera delinear a esphera de crystal, e que eram, por assim dizer, os modelos (*exemplaria*) que posteriormente a realidade historica havia de reproduzir (*eorum quae natura fiunt*).

2. Poderá entender-se que estas palavras não hão-de tomar-se em sentido rigoroso, por isso que alguns dos heroes já eram nascidos, e que o Poeta quer só dizer que ainda não tinham nome no mundo; mas o que se lê em II 55, 6, leva antes a suppor que tambem aqui o Poeta cahiu em uma incongruencia chronologica.

4. Segundo sc collige do que acima vae dicto, este globo nada tem que ver, como sonha Burton, com os «espelhos magicos». vão] =ouco.

5. O pronome «o» reprcsenta o conceito de «ver as ideias no globo».

7. disse] sc. Proteo.

8 1. O «coturno» e o «socco» (*cothurnus* ou *coturnus* e *soccus*)

A que a Nympha aprendeo no immenſo lago,
Qual Iopas não ſoube ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neſte trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que eſcrevo, e em vão pretendo,
O goſto de eſcrever, que vou perdendo.

9. Vão os annos decendo, e já do eſtio
Ha pouco que paſſar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os deſgoſtos me vão levando ao rio
Do negro eſquecimento e eterno ſomno:
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Muſas, co que quero á nação minha.

‖ 2 Nim. ‖ 3 Yo. ‖ 5 Cali. ‖ 7 q̃ vão
9 1 Vão Est. ‖ 2 ate Otono ‖ 4 não ‖ 5 vão
‖ 6 sono (v. 11 60) ‖ 7 *A* dâ *B* dà ò ‖ 8 *A* cô aa

---

8 6. Extremum hunc, Arethusa, mihi concede laborem (Verg. *Buc.* x) (FS).

eram generos de calçado usados particularmente em scena, o primeiro pelos actores tragicos, o segundo pelos comicos. Estes dous termos empregavam-se para significar respectivamente o estilo sublime e o estilo simples; cf.: *an juvat ad tragicos soccum transferre cothurnos?* (Mart. VIII 3, 13) e Hor. *Epist. ad Pisones* 80 (cit. por FS).

2. no immenso lago] diz o mesmo que «no reino fundo» na est. precedente; cf.: nos tanques naturaes (x 1, 6).

3-4. Iopas é o cantor no banquete dado a Eneas por Dido, rainha de Carthago (Verg. *En.* I 740-746); Demódoco é o cantor da côrte de Alcinoo, rei dos Pheaces (*Odyss.* VIII 71-92; 266-366; 499-520; XIII 27-28). Sobre a accentuação de «Demodoco» v. *R Ph* em «Taprobana».

9 3. A fortuna]=a má ventura (tambem *fortuna* está ás vezes por *fortuna adversa*). faz.. frio] V. o com. a I 13.

5-6. ao rio | Do negro esquecimento] V. o com. a VIII 27, 8; corresponde a *ingratae flumina Lethes* (Mart. X 2). eterno somno] i. é, ao eterno somno (a morte); é o *perpetuus sopor* de Horacio (*Od.* I 24, 5; FS), *aeternum.. soporem de* Lucrecio (III 466).

10. Cantava a bella Deoſa, que virião
Do Tejo, pelo mar que o Gama abríra,
Armadas que as ribeiras vencerião
Por onde o Oceano Indico ſuſpira;
E que os gentios Reis que não darião
A cerviz ſua ao jugo, o ferro e ira
Provarião do braço duro e forte
Até render-ſe a elle ou logo á morte.

11. Cantava de hum que tem nos Malabares
Do ſummo ſacerdocio a dignidade,
Que ſó por não quebrar cos ſingulares
Barões os nós que dera de amizade,
Soffrerá ſuas cidades e lugares
Com ferro, incendios, ira e crueldade

10 1 *B* Cantando || 2 pello (v. IV 64) *A* . îra *A* . ira || 5 Gen. || 6 yra || 8 Ate aa

11 1 dhum (v. *R Ph* cm «Elisão») || 2 sumo (v. *R Ph* em «immigo») || 3 so || 4 nos dami. || 5 *A* sofrerâ *B* sofrerà (v. I 65)

---

10 4 ..ove l'Egeo sospira e piagne (Petr. *Tri. d'Am.* IV) (FS).

---

10 1. Cantava a bella] é tambem o principio de x 6, 1.

4. Cf.: Onde o grão pego horrisono suspira (Cam., ecl. «A rustica contenda..»; FS).

5. darião] em lugar de «dessem», por necessidade metrica.

11 Pedro Alv. Cabral, quando esteve na India (para onde partiu por capitão-mór de uma armada em Março de 1500), assentou amizade com o rei de Cochim, e estabeleceu alli uma feitoria (Cast. I 40). Quando V. da Gama tornou á India (em 1502), o rei de Calecut (v. VII 36) «quis atentar se podia fazer com el rey de Cochim que não consentisse na sua cidade a feytoria del Rey de Portugal, nem desse carrega a dom Vasco» (Cast. I 47); mas debalde, e o rei de Cochim affirmou a V. da Gama «que era tamanho amigo del Rey de portugal que perderia Cochim se fosse necessario pera mostrar sua amizade» (Cast. I 48). Da guerra que o rei de Calecut fez ao de Cochim, depois de V. da Gama deixar a India, falla Cast. em I 52-53.

Ver deſtruir do Samorim potente,
Que tais odios terá co a nova gente.

12. E canta como lá ſe embarcaria
Em Bellem o remedio d'eſte damno,
Sem ſaber o que em ſi ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Luſitano.
O peſo ſentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o fervido Oceano,
Quando mais na agoa os troncos, que gemèrem,
Contra ſua natureza ſe meterem.

‖ 8 *A* . erâ *B* . erà

12 1 . la ‖ 2 dano (v. 1 93) ‖ 4 . iles ‖ 5 . irão ‖ 6 nag. (v. *R Ph* em «Crase»)

---

12 5-6 [a serpente sagrada de Esculapio] corpus in Ausonia posuit rate. Numinis illa | sensit onus, pressaque dei gravitate carina | Aeneadae gaudent (Ov. *Met.* xv 693-695) (F S). L'alto mar d'Adria già sospira e geme | Sotto i Veneti legni (B. Tasso, *Degli amori*, II, pag. 59 da ed. de Veneza de 1560) (F S).

12 1-4. Duarte Pacheco Pereira foi por capitão de uma das tres náos que compunham a armada de que era capitão-mór Aff. de Albuquerque, o que levantou ferro do porto de Lisboa aos 6 de Abril de 1503 (Cast. I 55). (Aos 14 do mesmo mês largou de Lisboa uma segunda armada, tambem de tres navios, de que era capitão Francisco de Albuquerque). em si] = na sua pessoa. (O Dr. J. M. Rodrigues, não entendendo o sentido, crê que deve ser «o mar» e não «ao mar» [*O Instituto* de 1908]). Entre os Romanos tiveram o cognome de *Achilles* alguns guerreiros que se assignalaram pela bravura militar; taes foram Quinto Occio, de quem Val. Maximo diz: *Q. Occius qui propter fortitudinem Achiles cognominatus est* (III 2, 21), e Lucio Sicinio Dentado, de quem A. Gellio (cit. por F S) escreve: *L. Sicinium Dentatum.. scriptum est in libris annalibus.. appellatum.. esse Achillem Romanum* (II 11).

5-6. quando entraria] = quando nelles entrar Du. Pacheco. «entraria» em vez de «entrar», por necessidade metrica.

7-8. os troncos] diz o mesmo que «o lenho» do verso precedente,

Contra sua natureza] porque era o peso miraculoso de Du. Pacheco — da mesma maneira que o da serpente de Esculapio, de que falla Ovidio — o que fazia mergulhar nas agoas o casco do navio mais do que era de esperar da ordem natural das cousas.

13. Mas já chegado aos fins Orientais
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturais
Nos braços do ſalgado e curvo rio
Deſbaratará os Naires infernais
No paſſo Cambalão, tornando frio
De eſpanto o ardor immenſo do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

14. Chamará o Samorim mais gente nova,
Virão Reis de Bipur e de Tanor

13 3 Rey || 5 *A* . arâ B . arà || 6 . alão || 7 Desp. (v. *R Ph* em «Elisão») || 8 *A* . erâ *B* . erà
14 1 *A* . arâ *B* . arà || 2 Virão Reis Bi. (sem «de») *A* Tânôr *B* Tànor

13 Voltando para Portugal no ultimo de Janeiro de 1504, os Albuquerques deixaram na India por capitão-mór Du. Pacheco «a quem deixarão na sua nao, e mais duas caravelas.. e hum batel de hũa nao, e deixarãlhe nouenta homens» (Cast. 1 63). (Dos feitos de Du. Pacheco nas guerras dos Portugueses contra os inimigos do rei de Cochim durante o tempo que os Albuquerques estiveram na India, falla Cast. em 1 56-60).

1. fins Orientais] «fins» no sentido do latim *fines*.

3. naturais] de Portugal.

4. Não é claro o que o Poeta quer significar dizendo «Nos braços do salgado e curvo rio». Storck pensa que é o canal (*der Sund*) entre a ilha de Cambalão e a terra firme, e compara II 14, 8, onde «o salso rio» é o canal que fica entre Mombaça e o continente africano vindo assim *No passo Cambalão* a designar mais precisamente o que foi dicto com *Nos braços do salgado e curvo rio*. Em geral entende-se que é o rio de Cochim, sendo o epitheto «salgado» explicado pelas palavras de Castanheda: «hum esteiro de marć que se metia no rio de Cochim» (1 70).

Os Albuquerques, ao fazerem-se de volta para Portugal, deixaram Du. Pacheco em Cananor, e d'aqui foi que elle partiu para Cochim «onde soube do feytor que a noua da guerra del rey de Calicut [contra o de Cochim] era verdadeira» (Cast. 1 65).

5-7. Du. Pacheco «partio pera ho passo de Cambalão a esperar el rey de Calicut.. em sesta feyra de ramos..» (Cast. 1 67). A batalha foi no domingo de Ramos. Em «tornando frio.. o ardor immenso» ha trocadilho semelhante ao de II 49, 1-2.

14 1-2. Segundo Cast. (1 68), o Samorim, quando foi a batalha do passo de Cambalão, já vinha «acompanhado de Betacorol rey de Tanor, Cacatanãbari rey de Bipur,..».

Das ſerras de Narſinga, que alta prova
Eſtarão prometendo a ſeu ſenhor;
Fará que todo o Naire em fim ſe mova,
Que entre Calecú jaz e Cananor,
De ambas as leis immigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios pola terra.

15. E todos outra vez deſbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ouſado,
A grande multidão que hirá matando
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apreſſado,
Injuriando os ſeus, fazendo votos
Em vão aos Deoſes vãos, ſurdos e immotos.

‖ 5 *A* .arà *B* .ara ‖ 6 *A* .icû *B* .ecù ‖ 7 Dam. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 8 *A* polla

15 3 *A* yrâ *B* yrá (v. 1 9) ‖ 4 *A* terâ *B* terà ‖ 5 *A* .erâ *B* .erà ‖ 8 vão

3-4. alta prova | Estarão prometendo] Cf.: fazer feitos grandes de alta prova (VI 42, 6)..

5-7. De ambas as leis immigas] sc. a dos mouros e a dos gentios, como se explica no ultimo verso («immigas» convem a saber, do christianismo); liga-se, como complemento, a «todo o Naire» (tomado em sentido geral, por: guerreiro indiano). «pera a guerra» pertence para «se mova». O Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto* de 1906, pag. 53-57), não entendendo a syntaxe d'este passo, em que ha um hyperbato semelhante a tantos dos poetas gregos e romanos, pensa que «Dambas» é erro typographico por «E ambas», e que as traducções de Macedo, Storck e Burton favorecem a sua opinião. A pretensa correcção é claramente de todo despropositada, e as traducções de que falla, de modo nenhum apadrinham o seu parecer.

15 1-4. O segundo combate foi em dia de Paschoa (Cast. I 70). A maneira de dizer nos versos 3.º e 4.º é a mesma que em III 127, 8.

5-8. O terceiro combate, no qual o Samorim tinha «corenta mil homens por mar e por terra» foi logo na segunda feira de Paschoa (Cast. I 71). injuriando os seus] *increpat ore suos* (Macedo).

immotos] Cam. tinha de certo na mente o lugar da *Eneida*.. *nec magis*.. *voltum*.. *movetur* | *quam si dura silex aut stet Marpessia cautes* (VI 470-471). «deoses immotos» corresponde ao «deuses impassiveis» do conhecido soneto de Anthero de Quental.

16. Já não defenderá ſòmente os paſſos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, caſas:
Acceſo de ira o cão, não vendo laſſos
Aquelles que as cidades ſazem raſas,
Fará que os ſeus, da vida pouco eſcaſſos,
Cometão o Pacheco, que tem aſas,
Por dous paſſos num tempo; mas voando
De hum noutro, tudo hirá deſbaratando.

17. Virá ali o Samorim, porque em peſſoa
Veja a batalha e os ſeus eſforce e anime;
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De ſangue o tingirá no andor ſublime.
Já não verá remedio ou manha boa

16 1 *A* .erâ so. ‖ 3 Ace. (v. 1 5) yra Cão ‖ 5 *A* .arà de (a corr. é já antiga) ‖ 6 .etão ‖ 8 Dhum (v. *R Ph* em «Elisão») *A* yrâ *B* yra (v. 1 9)
17 1 *A* .irâ *B* .irà ‖ 4 *A* .irâ *B* andar ‖ 5 *A* verâ *B* vera

16 1-2. «despois [do combate, Du. Pacheco] saltou em terra e queimou.. dous lugares.. E logo na noyte seguinte.. foi Duarte pacheco com corenta e cinco Portugueses nos bateis queimar hũa grande pouoação» (Cast. 1 71).

4. fazem rasas] V. o com. a 1 13, 4.

5. da vida pouco escassos] é litotes; corresponde a *animaeque magnae | prodigum Paullum* (Hor. *Od.* 1 12, 37-38) e *prodiga gens animae* (Sil. Ital. 1 225).

7. Os dois passos eram o passo de Palurte e o «passo do váo», que distavam um do outro «dous terços de legoa» (Cast. 1 73).

8. noutro] V. o com. a II 32, 5.

17 Este quarto combate foi nos principios de Maio.

1-4. «E nisto se auiuou mais a peleja porque chegou el rey de Calicut, que Duarte pacheco conheceo por a bandeira e sombreiro que leuaua, e mandou tirar com hum berço ao lugar onde parecia com tenção de ho matar, e não foy morto por se ele baquear do andor em que ho leuauão, e ho pelouro matou dous homens junto dele.. E indo el rey fugindo pela borda dum palmar defronte das caruelas; mandou-lhe Pero rafael tirar com hũa bombarda grossa que lhe matou dum tiro treze homens e hum deles daua ho betele a el rey, e matou ho tão perto dele que ho encheo de sangue: e el rey se baqueou do andor com medo» (Cast. 1 75).

5-8. «..e conselhoulhe [o senhor de Repelim ao Samorim] que mandasse deitar peçonha na agoa de que se presumisse que os nossos podião beber: e assi os manti-

*

Nem força, que o Pacheco muito eſtime;
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre — o Ceo querendo — fará menos.

18. Que tornará a vez ſeptima, cantava,
Pelejar co invicto e forte Luſo,
A quem nenhum trabalho peſa e aggrava,
Mas com tudo eſte ſó o fará confuſo.
Trará pera a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uſo,
Pera lhe abalroar as caravellas,
Que atèli vão lhe fôra cometê-las.

19. Pela agoa levará ſerras de fogo

‖ 7 .ara ‖ 8 ceo *A* .arâ *B* .ara
18 1 *A* .arâ *B* .arà ‖ 2 Pelle. (v. IV 100) ‖ 3 agra. ‖ 4 so *A* .arâ *B* .ara ‖ 5 *A* .arâ *B* .ara ‖ 6 fo. ‖ 7 Car. ‖ 8 ate li vão fo. .ellas (v. I 80)
19 1 Pella (v. IV 49) *A* .arâ *B* .ara

mentos que lhe vendessem e que mandasse Nairés a Cochim, que matassem secretamente dos nossos os mais que podessem, e por esta maneyra os apouquentaria pois não podia por outra. E este conselho mandou fogo el rey que se posesse em obra: e ouuera dauer efeyto se não fora..» (Id. I 77). manha boa] («boa» = moralmente licita) contrapõe-se a «traições e venenos» do verso 7.º estime] «estimar» na accepção de «ter em conta» (*aestimare*): cf.: por isso [Du. Pacheco] não temia ho lião del rey de Calicut nem fazia estima dele nem de seus feros (Cast. I 82). o Ceo querendo] = por mercê do Ceo. fará menos] = verá frustrados os seus designios.

18 1-2. Esta batalha foi no dia de Ascensão (Cast. I 83). «tornar pelejar» por «tornar a pelejar» é construcção que já no tempo de Cam. ia caindo em desuso.

4. V. o texto de Cast. transcripto adiante. Mas com tudo] = *sed tamen*.

4-8. «De como hũ mouro [Coje Alle] inuentou a el rey de Calicut huns castelos de madeira, com que podessem aferrar as nossas caraueles» (Cast. I 81). Cada um dos castellos, que foram ao todo oito, assentava «sobre dous paraós» (Cast. ibd.) «E com quanto ele [Du. Pacheco] dissimulaua que não tinha em conta os castelos del rey de Calicut, elles lhe dauão assaz de trabalho do spirito» (Cast. I 82). fóra de uso] pertence para «machinas»; vem a dizer o mesmo que «inteiramente novas, que eram completa novidade».

Pera abraſar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Fará ſer vã a braveza com que venha.
«Nenhum claro barão no Marcio jogo,
Que nas aſas da fama ſe ſoſtenha,
Chega a eſte, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illuſtre Grecia ou Roma.

20. Porque tantas batalhas ſuſtentadas,
Com muito pouco mais de cem ſoldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães, não imbelles, profligados,
Ou parecerão fabulas ſonhadas,
Ou que os celeſtes Coros invocados
Decerão a ajudá-lo e lhe darão
Eſforço, força, ardil e coração.

21. Aquelle que nos campos Marathonios

‖ 4 *A* . arâ *B* . arà vãa (v. IV 95) ‖ 5 barão Martio. (a corr. é já antiga)

20 1 sost. (v. I 39) ‖ 4 Cães ‖ 7 . allo (v. I 80) ‖ 8 darão . ação

21 1 Cam. . atonios

19 3-4. «Do ardil que inuentou Duarte pacheco pera que lhe não abalroassem as caravelas com os castelos» (Cast. I 82). «e despois desta victoria perderão os de Cochim ho medo del rey de Calicut e ho não tinhão em conta» (id. ibd. 83). O conjunctivo potencial «venha» está da mesma maneira que em «qualquer que seja».

5. Marcio jogo] é tambem o final de IV 39, 4.

20 3. Com]=contra; liga-se a «sustentadas». Quanto ao emprego de «com» em dois sentidos differentes, cf.: *..ut cornu extenderent in sinistram partem ..et cum expeditis peditum equitumque prius pugnam consererent cum hoste* (T. Liv. XXVIII 14).

5. «tantas batalhas sustentadas» e «tantos cães.. profligados» são o sujeito de «parecerão».

fabulas sonhadas] é tambem o final de VI 66, 4.

6. «Ou [parecerá] que..». os celestes Coros]=«os Coros soberanos» (IV 50, 3).

21 «Aquelle.. | Ou quem.. | Nem o mancebo.. | ou Quinto Fabio | Foi..»] Cf. IX 42, 5-6.

1-2.] Milciades, o vencedor dos Persas na batalha de Marathona (em Setembro de 490 a. Chr.). Das for-

O grão poder de Dario eſtrue e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O paſſo de Thermopylas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Auſonios
Que com todo o poder Tuſco contende
Em defenſa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como eſte na guerra forte e ſabio.»

22. Mas neſte paſſo a Nympha o ſom canoro

‖ 4 Termopilas ‖ 8 Foy
22 1 Nim.

ças gregas e persianas diz Justino: *Athenienses instructis decem milibus civium et Plataeensibus auxiliaribus mille adversus sexcenta milia hostium in campos Marathonios in proelium egrediuntur* (II 9). Corn. Nepote dá aos Persas cem mil homens de pé e dez mil de cavallo, mas ainda assim considera esta batalha a mais notavel da historia: *Qua pugna nihil adhuc exstitit nobilius, nulla enim umquam tam exigua manus tantas opes prostravit* (*Milt.* 5). poder] como em outros lugares, fallando das forças militares. Cam. accentuou «Dário» por influencia da lingoa italiana, em que tal accentuação é a corrente, embora opposta á accentuação latina e á grega. (Em III 41 o metro permitte que se diga «Dario» ou «Dário», mas o verso fica mais sonoro accentuando-se do segundo modo).

3-4. E' Leonidas, que teve a missão de defender o desfiladeiro das Thermopylas (por onde se passa da Thessalia para a Grecia propriamente dicta), quando Xerxes, rei da Persia, invadiu a Grecia no anno de 480. Em Justino lê-se: *..cum Leonidas, rex Spartanorum, cum quattuor milibus militum angustias Thermopylarum occupasset* (II 11). Cam. equivocou-se pensando que as forças capitaneadas por Leonidas eram todas de Lacedemonios, quando pertencentes a este Estado, eram só 300 homens.

5-8. Segundo uma lenda referida por T. Livio (II 10) e tocada por Vergilio (*En.* VIII 646-650, FS), quando os Etruscos (ou Tuscos), com o fim de repor Tarquinio no throno de Roma, vieram sobre esta cidade, Horacio Cocles susteve o impeto do inimigo na ponte sublicia, emquanto os Romanos na rètaguarda cortavam a ponte. Petrarca tambem memora o feito no *Tri. della Fama* (I): *e quel che solo | Contra tutta Toscana tenne il ponte* (F S). Quinto Fabio Maximo, cognominado *Cunctator*, foi general romano na segunda guerra carthaginesa. «Ausonios» ou «Ausones», propriamente nome de um povo primitivo da Italia central e meridional, designa entre os poetas os Italos em geral. Horacio Cocles e Quinto Fabio, como ausonios, correspoudem aos gregos Milciades e Leonidas. forte e sabio] cf. *bello strenuus, bonus consilio* (Sall. *Jug.* 7). De commentario ao segundo epitheto serve á est. 89 do canto VIII.

22 1. Mas neste passo] é tambem o principio de VI 70, 1.

Abaxando fez ronco e entriſtecido,
Cantando em baxa voz envolta em choro
O grande eſforço mal agradecido.
«Ó Belifario» diſſe «que no coro
Das Muſas ſerás ſempre engrandecido,
Se em ti viſte abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes conſolar-te.

23. Aqui tens companheiro aſſi nos feitos
Como no galardão injuſto e duro;
Em ti e nelle veremos altos peitos
A baxo eſtado vir, humilde e eſcuro,
Morrer nos hoſpitais em pobres leitos
Os que ao Rei e á lei ſervem de muro.
Iſto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a juſtiça e que a verdade.

24. Iſto fazem os Reis, quando embebidos

‖ 4 *A* agard. ‖ 5 O ‖ 6 . eras
23 4 *B* stado ‖ 6 Rcy aa lcy

5. Belisario (505-565), famoso general do imperio byzantino, do tempo de Justiniano, tendo sido accusado de entrar em uma conspiração, esteve recluso scis meses. Uma lenda posterior dizia quc ellc se vira reduzido a pedir esmola pelas ruas dc Constantinopla: *Justiniani jussu.. effossis oculis mendicabat* (Raf. Volat., *Com.* pag. 545).

7. =se te viste abaixado a miserrimo estado, embora fosscs esforçadissimo cabo de guerra; cf. os versos 3.º e 4.º da est. seguinte.

23 5-6. Estes versos são apposto explicativo do verso precedente. lei] como em 1 64, 4, e em outros lugares. muro] como em: *Grajum murus, Achilles* (Ov. *Met.* XIII 281) e: *Tu praesidium Phrygibus fessis, | tu murus eras* (Sen. *Troas* 125-126). Dam. dc Goes na *Chron. de D. Manuel*, parte I, cap. 100, fallando dos ultimos tempos da vida de Du. Pacheco, cscreve: «E assi viuco todo o mais do discurso de sua vida, com muito desgosto, e em tanta pobreza, que seu filho.. e sua mãi, que ao presente viuem.. passam tão estreita vida, quc sam constrangidos a viuer, elle nam como os seus proprios serviços (allem dos de scu pai) merecem, e ella de pouco quc lhe ellc podc dar, c esmolas que lhe fazem pessoas honrradas» (ed. de 1619).

24 1-2. Cf.: Embevecido todo

Nũa aparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos
A' lingoa vã de Uliſſes fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem ſó doces ſombras apreſenta,
Se não os dão a ſabios cavalleiros,
Dã-os logo a avarentos liſongeiros.

25. Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vaſſallo, ó Rei, ſó niſto inico,
Se não és pera dar-lhe honroſo eſtado,
He elle pera dar-te hum reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle ſeja entre a gente illuſtre e claro;
E tu niſto culpado por avaro.»

24 3 Dão || 4 Aa vãa (v. IV 95) || 5 so || 7 não .aleiros (v. V 46) || 8 Dãos os (repetido) (a corr. é já antiga)

25 2 .alo (v. II 84) o Rey so || 3 es || 6 Apoli. .ayos

na apparencia (Cam., eleg. «Entre rusticas serras..»): branda]=lisongeira (*blandus*).

3-4. Ajax, filho de Télamon, em Homero, o mais esforçado, depois de Achiles, dos Gregos que estiveram no cerco de Troia, pretendeu a posse das armas de Achilles, depois da morte d'este guerreiro, mas encontrou competidor em Ulisses, ao qual foram adjudicados pelos capitães que se encarregaram de dirimir o pleito (*Odyss.* XI 542-546; Ov. *Met.* XII 620-XIII 383). Cam. tinha na mente as palavras de Ovidio: *quid facundia posset,* | *tunc patuit, fortisque viri tulit arma disertus.* «Aiace» corresponde ao «Aiace» da lingoa italiana. «de Aiace» pertence para «merecidos». vã=enganadora (cf. *vanum etiam mendacemque,* Verg. *En.* II 80).

5. vingomc]=fico vingado. que] é particula causal.

8. Em «Dã-os», ha suppressão da vogal subjunctiva do ditongo «ão»; cf. *R Ph* em «-an».

25 5-6. Cf. VIII 32, 6-7.

6-7. A construcção é semelhante á de «eu me obrigo | Que nunca as queiras ver» em I 66, 7-8.

26. «Mas eis outro» cantava «intitulado
Vem com nome Real, e traz comſigo
O filho, que no mar ſerá illuſtrado
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte armado
A Quiloa fertil aſpero caſtigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido tyranno.

27. Tambem farão Mombaça, que ſe arreia
De caſas ſumptuoſas e edificios,
Co ferro e fogo ſeu quimada e feia
Em pago dos paſſados maleficios.
Deſpois na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Luſos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará eſtremos.

26 2 re. cons. (v. I 57) || 3 *A* .erâ *B* .era || 5 .arão || 7 Rey || 8 fo. Tirano
27 I arrea (v. *R Ph* em «-eia») || 3 fea || 5 chea | 6 artef. (v. II 90) || 7 vellas (v. I 19) || 8 .arà

26 1-3. D. Francisco de Almeida, filho do primeiro conde de Abrantes, «partio pera a India por Viso rey» com seu filho D. Lourenço de Almeida na armada de quinze náos e seis caravellas, que largou de Lisboa aos 25 de Março de 1505 (Cast. II 1).

5-8. «De como não querendo el rey de Quiloa pagar as parias que era obrigado, ho gouernador lhe tomou a cidade» (Cast. II 2). «De como ho gouernador fez hũa fortaleza na cidade de Quiloa, e de como fez nela nouo rey» (id. II 3). Referindo-se ao principe deposto, diz Castanheda: «por este que reynaua ter assi aquelle reyno tirãnicamente» (id. II 2).

27 «De como ho gouernador mandou por fogo á [no texto, neste lugar, «a»] cidade de Mombaça, e de como foy queimada grande parte dela» (em Agosto de 1505) (Cast. II 5). «De como ho governador tomou a cidade de Mombaça» (id. II 6).

1-2. farão] D. Francisco de Almeida e D. Lourenço. que se arreia] V. I 103, 3-6. casas sumptuosas e edificios] O epitheto pertence para os dois substantivos entre os quaes está intercalado.

4. V. I 105-II 17.

5-8. «De como dõ Lourenço queymou em Coulão vinte sete naos de Calicut [em 1506]» (Cast. II 19).

28. Das grandes naos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co a ferrea pela,
Que ſae com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, maſto, vela;
Deſpois lançando arpeos ouſadamente
Na capitaina immiga, dentro nella
Saltando, a fará, ſó com lança e eſpada,
De quatro centos Mouros deſpejada.

29. Mas de Deos a eſcondida providencia
—Que ella ſó ſabe o bem de que ſe ſerve—
O porá onde eſforço nem prudencia
Poderá haver, que a vida lhe reſerve.

28 3 (v. o com.) trouão ‖ 4 *A* Farà *B* Fâra ‖ 6 nela ‖ 7 *A* ſarâ *B* fara so
29 2 so (sem parenth.) ‖ 3 *A* porâ *B* pora ‖ 4 *A* .crâ *B* .era aucr (v. 1 74)

28 1-4. «De como dõ Lourenço foy buscar a grande armada de Calicut, e ouue vista dela [em Março de 1506]» (Cast. II 25). Esta armada constava de «duzentas e oytenta velas». do Samorim potente] é tambem a 2.ª metade de X 11, 7.

No 3.º verso a lição não é de todo segura. As ed. de 1572 tem «com trouão», que ha-de entender-se equivalente a «troando»; mas é necessario considerar «sae» disyllabo, como «cae» em IX 47, 7. FS escreveu «como trovão», sendo o substantivo tomado no sentido de «raio», sentido que tem adiante na est. 66. Sinto-me inclinado a crer que assim escreveu Camões.

5-8. «dom Lourenço.. foy abalrroar a maior das capitainas que trazia sciscentos homens de peleja e trez vezes deytou ho arpeo.. Mas da quarta vez foi aferrada, e os nossos saltarão logo dentro muy ousadamente.. e dom Lourenço pelejaua com hũa alabarpa pequena com que fazia assaz de dano nos immigos.. tambem os nossos vendo a valentia do seu capitão môr, por se parecerem coele faziam cousas muito assinadas: e de tal maneyra pelejarão que quantos immigos estauão na nao forão todos môrtos» (Cast. II 26).

O participio «lançando» está subordinado ao participio «saltando» e por isso estes participios não estão ligados por conjuncção, á semelhança d'este passo de Cesar: *Lissum expugnare conatus.. triduum moratus.. re infecta inde discessit* (*b. civ.* III 40). com lança e espada] é tambem o segundo hemistichio de VII 45, 1. fará.. despejada] V. o com. a I 13, 4.

29 1-2. A reflexão do Poeta—que assenta no dicto de S. Paulo: «O' profundidade das riquezas de

Em Chaul, onde em ſangue e reſiſtencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida ſe não ſaia,
As armadas de Egypto e de Cambaia.

30. Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande eſforço ſó com força rende,

‖ 7 .aya ‖ 8 Egi. .aya
30 2 so

sabedoria e de seieneia de Deos: quão ineomprehensiveis são os seus juizos, e quão inexcrutaveis os seus eaminhos! Porque quem conheceo a mente do Senhor?» (aos Romanos XI 33-34) — responde aos que estranharem o fim desditoso de quem, eomo D. Lourenço de Almeida, andava, consoante a fórmula d'aquelles tempos, no serviço de Deos, exterminando os inimigos do nome christão; cf. X 38, 5-8. eseondida] á mente humana. o bem] = os bons meios. esforço nem prudencia] eomo em IV 53, 7-8.

5-8. Antes do estabeleeimento dos Portugueses na India, o eommercio entre o Oriente e a Europa fazia-se por intermedio do Egypto, aonde eram trazidas as mereadorias que depois os Venezianos iam alli buscar. Assim que o novo caminho agora seguido pelo eommereio, eessando o Egypto de cobrar os direitos que os negociantes alli pagavam, estancava uma fonte uberrima das receitas d'aquelle país, e por isso o soldão do Egypto (el-Ghuri: 1501-1516) «determinou de mandar â India hũa grossa armada pera deytar fora dela os nossos» (Cast. II .75). Entretanto o Samorim e outros prineipes da India mandaram uma embaixada ao soldão pedindo-lhe soccorro «porque os mouros não fossem destruidos pelos nossos, e a ley de Mafamede se perdesse na India» Cast. ibd.). «Ouuida esta embaxada pelo Soldão forneceo logo de gente a frota que estava feyta, e deu a capitania môr dela a hum Mameluco seu parente chamado Miroeem» (id. ibd.). Em Setembro chegou o capitão egypeio a Diu. Mélique Iaz era o senhor d'esta eidade «que el rey de Cambaya lhe deu» («e alem de Diu pera o norte lhe deu as cidades de Mangalor, e Patane, e na enseada de Cambaya Guoga, Çurrate, e Reynal, cidades rieas» [Cast. ibd.]). Na entrada de Janeiro de 1508 «se partio dom Lourenço com sua armada ao longo da eosta ate Chaul pera dar guarda ás naos de Cochim» (Cast. II 76). «Estando Mirocem em Diu.. soube eomo dom Lourenço estaua em Chaul, e a armada que tinha com que logo determinou de ir pelejar.. E deu disto eonta a Meliquiaz: a quem prouocou que fosse eoele eom trinta e quatro fustas bem artilhadas e tornecidas de muyta e boa gente..» (Cast. II 76). «E ajuntada a frota de Meliquiaz com a de Mirocem que eram ambas [no texto: erambas] de XLV velas.. partiranse de companhia pera Chaul» (id. II 77).

6. com fogo e ferro ferve] Note-se a alliteração.

30 2. só com força] i. é, só com a superioridade numerica das forças.

Os ventos que faltárão, e os perigos
Do mar que ſobejárão, tudo o offende.
Aqui reſurjão todos os antigos
A ver o nobre ardor que aqui ſe aprende:
Outro Sceva verão, que eſpedaçado
Não ſabe ſer rendido nem domado.

31. Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que paſſára,
Se ſerve inda dos animoſos braços
E do grão coração que lhe ficára;
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co a alma o corpo ſe liára:
Ella ſolta voou da priſão fóra,
Onde ſubito ſe acha vencedora.

32. Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,

‖ 3 *A* faltâr. *B* faltàr. ‖ 4 *A* ſobejâr. *B* ſobejàr. ‖ *A* ofen. (offende: VI 82) ‖ 7 verão

31 1 fo. ‖ 2 *A* .àra *B* .ara ‖ 4 *A* .âra *B* .àra ‖ 5 Ate pil. (v. I 67) ‖ 6 co alma (sem artigo; a corr. é já antiga) *A* .âra *B* .ara ‖ 7 .isam fo.

32 1 *A* Vây *B* Vay

3-4. «E sendo assi acalmou ho vento c como a carrente da agoa que dećia fosse muito tesa, e nã auia vento que ajudasse a nao, deu a corrente coela antre hũa estacada de pescadores..» (Cast. II 79). Os ventos que faltárão] é maneira de dizer semelhante a: a culpa que não tinha (III 127, 8).

«offender» por «fazer mal, ser contrario» era usual no tempo de Camões.

7-8. O caso de Sceva, centurião do exercito de Cesar na guerra contra Pompeio, é contado por Suetonio nestes termos: *Scaeva excusso oculo, transfixus femore et umero, centum et viginti ictibus scuto perforato custodiam portae commissi castelli retinuit* (*Ces.* 68), e por Lucano (VI 214-262). A elle se refere tambem J. de Mena na copla 191.

31 Castanheda relata a morte de D. Lourenço de Almeida em II 80.

1. A anteposição de «todo» a um substantivo precedido do artigo indefinido está antiquada.

5-7. Cf. V 48, 7-8.

8. Onde] como em VII 87, 3.

32 1-2. Vai-te, alma, em paz]

Na qual tu mereceſte paz ſerena,
Que o corpo que em pedaços ſe apreſenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De eſperas, baſiliſcos e trabucos
A Cambaicos crueis e Mamelucos.

33. Eis vem o pai com animo eſtupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe eſtá movendo
Fogo no coração, agoa nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o ſangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: ſenti-lo-ha o Nilo,
Podê-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

‖ 7 Es. Bas. Tra. ‖ 8 *B* e a Mam.

33 1 . ay ‖ 3 *A* . tâ ‖ 5 yra ‖ 6 *A* . arâ *B* . ara pellos (v. IV 49) ‖ 8 *A* Podé.

---

33 ..al loco | Ov'or mi trovo, mesto e doloroso | Versando umor dagli occhi, e dal cor fuoco (Di Costanzo, *Stanze*, ed. de 1782) (FS); De encher de fogo o peito, e os olhos de agoa (Sá de Miranda, em um soneto).

---

tambem na eleg. (á morte de D. Miguel de Meneses) «Que tristes novas..». «Ir em paz» é phrase usual do estilo religioso. paz serena] é a *requies aeterna* da religião ehristã. Note-se a antithese de «paz» e «guerra».

4. ordena] eomo em VIII 86, 7.

6. eterna] por isso que os «Cambaicos e Mameluecos», como infieis, ficam privados da bemaventurança para sempre.

7. As esperas (assim chamadas por serem marcadas eom uma esphera ou, eomo antigamente se dizia, espera) eram canhões mais pequenos; os basiliscos eram eanhões grandes. Os trabucos já foram meneionados em III 79.

8. Os Mamelucos, estirpe guerreira, constituida originariamente por prisioneiros turanieos, ehegaram a dar ao Egypto duas dynastias que duraram de 1354 a 1515.

33 2. Cf.: Eu, trazendo lembranças por antolhos.. (Cam., eleg. «O poeta Simonides..»).

7. Podê-lo-ha o Indo ver] V. x 35.

34. Qual o touro cioſo, que ſe enſaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco de hum carvalho ou alta faia
E o ar ferindo as forças exp'rimenta:
Tal antes que no ſeio de Cambaia
Entre Franciſco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a eſpada afia,
Abaxando-lhe a tumida ouſadia.

35. E logo entrando fero na enſeada
De Dio, illuſtre em cercos e batalhas,
Fará eſpalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas;

34 1 . aya ‖ 2 pelle. (v. IV 100) ‖ 3 dhum (v. *R Ph* em «Elisão») Car. Fay. ‖ 4 *A* âr esp. (v. IV 95) ‖ 5 . eyo . aya
35 3 *A* . arâ *B* . ara

---

34 (o touro que foi vencido por seu rival) et tentat sese atque irasci in cornua disciti (Verg. *Georg.* III 232) (FS). Pulsus ut armentis primo certamine taurus | silvarum secreta petit, vacuosque per agros. | exsul in adversis explorat cornua truncis (Lucano, II 601-603) (FS).

34 5-8. «..e indo [D. Franc. de Almeida, que partira de Cananor para Diu aos 12 de Dezembro de 1508] na volta de Dabul onde auia de dar pera começar de mostrar aos mouros a vingança que auia de tomar pela morte de seu filho..» (Cast. II 95). «De como ho uisorey peleiou com ho capitão de Dabul e o desbaratou e queymou a cidade» (id. II 96). seio] no sentido geographico de *sinus*. opulenta | Cidade de Dabul] «E na cidade [Dabul] ha muytos nobres edificios de casas de pedra e cal e de mezquitas: he pouoada de muytos mercadores e por isso he de grande trato» (Cast. II 95).

35 1-2. D. Franc. de Almeida chegou á vista de Diu aos 2 de Fevereiro de 1509 (Cast. II 98). illustre em cercos] Do primeiro cerco falla Cam. adiante na est. 62, e do segundo nas est. 68 a 71.

3-8. «De como o Viso rey peleiou no porto de Diu com Mirocem capitão môr do Soldão, e com a armada del rey de Calicut, e com a de Meliquiaz: e os desbaratou a todos» (Cast. II 100). A batalha foi aos 3 de Fevereiro (ib. ibd.). remos tem por malhas] (v. VI 65, 8) equivale a: põe na fuga a sua defesa (*in fuga sibi praesidium ponere* em Cesar *b. G.* II 11). A de Melique] «A» é complem. de

A de Melique Iaz acautelada,
Cos pelouros que tu, Vulcano, eſpalhas,
Fará hir ver o frio e fundo aſſento,
Secreto leito do humido elemento.

36. Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia eſperará dos vingadores,
Verá braços e pernas hir nadando
Sem corpos pelo mar de ſeus ſenhores.
Raios de fogo hirão repreſentando
No cego ardor os bravos domadores;
Quanto ali ſentirão olhos e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas e alaridos.

37. Mas ah, que d'eſta proſpera victoria
Com que deſpois virá ao patrio Tejo,
Quaſi lhe roubará a famoſa gloria
Hum ſucceſſo que triſte e negro vejo!

‖ 5 Yaz ‖ 7 *A* . âra *B* . ara yr (v. 1 9)
36 2 *A* . arâ *B* . ara ‖ 3 *A* . erâ *B* . erà yr (v. 1 9) ‖ 4 pello (v. IV 49) ‖ 5 . ayos yr. ‖ 8 E (a corr. é já antiga) flamas (v. II 36)
37 1 vit. (vict.: III 118) ‖ 2 *A* . irâ *B* . irà ‖ 3 *A* . arâ *B* . arà

«Fará»; algumas ed. tem posto desnecessariamente «A'». «Mélique» é nome appellativo que «quer dizer gouernador ou capitão» (Cast. II 75). Em «Mir Hocem» «Mir» está por «Emir».

36 «..confiado [Mirocem] no poder que tinha no mar que erão passante de cem velas..» (Cast. II 98). Mas] contrapõe a armada de Mir Hocem á do Samorim e á de Mélique Iaz.

4. FS faz pertencer «seus senhores» para «mar», quando realmente pertence para «corpos».

5. Raios de fogo] é compl. de «representando».

8. Note-se a alliteração.

37 «De como ho uisorey se partio pera Portugal [em Dezembro de 1509]; e de como ho matarão cafres na agoada de Saldanha, e a outros muytos fidalgos» (Cast. II 122).

1. prospera victoria] é tambem o final de III 118, 1.

4. triste e negro] Estes epithetos estão transportados de junto de «successo» para a oração relativa; cf. I 26, 7; V 60, 7-8.

O cabo Tormentorio, que a memoria
Cos oſſos guardará, não terá pejo
De tirar d'eſte mundo aquelle eſprito
Que não tirárão toda a India e Egypto.

38. Ali Cafres ſelvagens poderão
O que deſtros immigos não podérão,
E rudos paos toſtados ſós farão
O que arcos e pelouros não fizerão.
Occultos os juizos de Deos ſão;
As gentes vãs que não nos entendêrão,
Chamão-lhe fado mao, fortuna eſcura,
Sendo ſó providencia de Deos pura.»

39. «Mas ó que luz tomanha que abrir ſinto»
Dizia a Nympha, e a voz alevantava

‖ 5 Ca. ‖ 6 *A* . arâ *A* . erâ *B* . era ‖ 8 tira. . gito
38 2 *A* . êrão *B* . èram ‖ 3 sos ‖ 5 sam ‖ 6 vãas (v. IV 05) cntende. ‖ 7 chamão ‖ 8 so
39 1 ô ‖ 2 Ninf.

---

37 5-6 Et nunc servat honos sedem tuus, ossaque nomen | Hesperia in magna, si qua est ea gloria, signat (Verg. *En.* VII 3-4) (FS).

5-6. D. Franc. de Almeida ficou enterrado no lugar onde acabou os seus dias (Cast. II 123).

38 1-4. «E perto dagoada sahio dantreles [negros] hũa lança darremesso sem ferro, e deu pela garganta ao visorey, e passoulhe a guela.. e assi cahio morto» (em 1 de Março de 1510) (Cast. II 122).

5-8. «*Quae* [os acontecimentos humanos] *impium tamen et fidei nostrae inimicum, principiis etiam philosophiae omnino contrarium est ea* [sic] *alicui praeterquam providentiae divinae ascribere quae justis occultisque judiciis secunda et adversa communicat, prout voluerit*» (*Marg. philos.* pag. 712).

39 Tristão da Cunha partiu de Lisboa por capitão-mór da armada que em 1506 foi para a India (e onde tambem ia Aff. de Albuquerque, que havia de succeder a D. Franc. de Almeida no governo da India). Tendo apanhado máo tempo, que o levou ás costas do Brasil, só em Dezembro chegou a Moçambique (Cast. II 30), havendo descoberto, no trajecto entre a America meridional e a Africa, as ilhas

«Lá no mar de Melinde, em ſangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será ſeu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Auſtro e praias que ſe chamão
De São Lourenço e em todo o Sul ſe afamão!

40. Eſta luz he do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque hirá amanſando

‖ 3 La ‖ 5 Pello (v. IV 64) ‖ 6 *A* .erâ *B* .era ‖ 7 *B* q̃ .amão ‖ 8 sam Lourẽ. *B* ẽ .amão
40 2 *B* q̃ o Alb. yra (v. I 19) amãs.

que do seu nome foram chamadas *de Tristão da Cunha* (Cast. ibd.); obrigado pois a aguardar a primavera de 1507 para proseguir a derrota, aproveitou aquelle intervallo para haver pessoalmente noticias mais amplas sobre a ilha de S.ᵗ Lourenço ou de Madagascar (Cast. II 31), e ahi tomou uma povoação que havia em uma ilha do rio Lulangane (Barros II 8, 1). Em Fevereiro de 1507 partiu, em fim, de Moçambique para Socotorá (Cast. II 36), e no caminho, conjunctamente com Aff. de Albuquerque, tomou, saqueou e incendiou Oja («que he vinte legoas de Melinde» [para o norte], Dam. de Goes, *Chr. de D. Man.* II 22) e Brava (a «oytenta legoas de Hoja», Gast. II 37), e fez tributaria Lamo («que he maes adiante [de Oja] quinze legoas», Barros II 1, 2. De Lamo, que não foi rendida á força, não falla Castanheda). De Socotorá partiu para a India aos 10 de Agosto d'este anno de 1507 (Cast. II 53).

40 Partido Franc. da Cunha de Socotorá, Aff. de Albuquerque «entendeo em ir darmada por aquella costa [da Arabia] contra a ilha Dormuz para a descobrir e conquistar e a todo ho que podesse de seu senhorio» (Cast. II 53). Levantou ferro de Socotorá com sete velas (Barros II 2, 1) aos 20 de Agosto d'aquelle anno de 1507. O primeiro lugar do reino de Ormuz, na costa de Oman, aonde chegou, foi Calaiate, em que assentou «paz e amizade» (Barros II 2, 1); d'ahi continuando ao longo da costa, saqueou e incendiou Curiate, saqueou Mascate, acceitou a submissão de Soar, saqueou Orfacão, chegando emfim a Ormuz pelos fins de Setembro (Cast. II 53 a 57 e 60; Barros II 2, 1). Recusando o rei de Ormuz fazer-se tributario da coroa portuguesa, deu-se uma grande batalha naval em que os Portugueses ficaram vencedores e depois da qual o rei pediu paz a Aff. de Albuquerque, sendo-lhe concedida (Cast. II 61-62). Ao «terceyro dia despois da batalha quis nosso senhor manifestar ho milagre que fizera nella por parte dos nossos. E foy que começarão daparecer sobre a agoa do mar muytos corpos mortos de mouros, pregados de muitas frechas, ho que foy dito ao capitão môr, que espantado daquilo mandou tomar alguns daqueles corpos: e vio que verda-

De Ormuz os Parſeos, por ſeu mal valentes,
Que refuſão o jugo honroſo e brando.
Ali verão as ſetas eſtridentes
Reciprocar-ſe, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem eſtende a Fé da madre Igreja.

41. Ali do ſal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar ſe eſtendem

‖ 4 . usam ‖ 5 verão ‖ 8 fe.
41 3 *A* pella (v. IV 64) *B* polla . aya

deyramente erão de mouros, e as frechas taes como aquelas com que os mouros tirauão na batalha. E chorando de prazer disse a todos que ali conhecião ho milagre que nosso Senhor fizera por eles, que as mesmas frechas que os mouros lhes tirauão tornauão sobreles e os matauão. . E oyto dias a reo sairão estes corpos sobre agoa: e por isso os mouros da cidade os poderão bem ver: e estauão pasmados de tal cousa, e dezião que deos pelejaua pelos nossos» (Cast. II 62). A isto referiu-se Cam. tambem na epistola «Mui alto Rey..», escripta por occasião da setta enviada pelo Papa a D. Sebastião em 1575. (A paz durou pouco, rompendo novamente a guerra pelos fins de Novembro; Albuquerque porêm não chegou a assenhorear-se da cidade e ao cabo de um anno, aos 3 de Novembro de 1508, partiu para a India [Cast. II 89]. O inverno de 1507 para 1508 passou-o em Socotorá e na volta tomou e queimou Calaiate em vingança «da descortesia que lhe fizera quando per hi passou da outra vez» [Cast. II 67, 68, 73, 85]).

3. Parseos] são propriamente os habitantes da Persia antiga, que depois da conquista arabe, no VII sec., se conservaram fieis á religião de Zoroastro e, sendo perseguidos pelos mahometanos, emigraram na maior parte para o noroeste da India. Os nossos escriptores antigos empregam o termo na accepção geral de: os da Persia moderna, por ex. Orta que no col. 15 diz «Parsio» e (duas vezes) «Parsios» (o Conde de Ficalho alterou para «persio» «persios»).

4. o jugo honroso e brando] dos Portugueses, e não do Evangelho, como FS entende.

6. reciprocar-se] é latinismo; equivale a «voltar pelo mesmo caminho» o (Dicc. de Moraes dá interpretação errada); T. Liv. diz: *quinqueremen satis credens deprensam rapido in freto in adversum aestum reciprocari non posse..* (XXVIII 30).

41 1-2. «Ha nella [Ormuz] hũa pequena serra que dhũa parte he hũa pedreyra de sal, e da outra he de ueeyros denxofre» (Cast. II 58).

De Gerum, de Mazcate e Calaiate,
Até que a força ſó de braço aprendem
A abaxar a cerviz, onde ſe lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

42. Que glorioſas palmas tecer vejo
Com que Victoria a fronte lhe coroa,
Quando ſem ſombra vã de medo ou pejo
Toma a ilha illuſtriſſima de Goa!
Deſpois obedecendo ao duro enſejo
A deixa, e occaſião eſpera boa
Com que a torne a tomar, que eſforço e arte
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.

‖ 4 .ayate ‖ 5 Ate so ‖ 7 rey.
42 2 vict. ‖ 3 vãa (v. IV 95) ‖ 6 *A* ocas. ‖ 7 *B* q̃ a t.

4. «A cidade de Ormuz está situada em hũa pequena ilha chamada Gerum» (Barros II 2, 2).

5. a força.. de braço] V. *R Ph* em «a» preposição. aprendem] os do reino de Ormuz.

6. onde] parece-me que está na accepção de: para que assim; cf. VII 25, 8.

8. «E a outra cousa que a mais nobrece [Baharem], he a pescaria das perlas e aljofre, que se ali pescão» (Barros III 6, 4). «Barem» ou «Baharem» é propriamente o nome de um archipelago no golfo Persico.

42 Em 1509 Aff. de Albuquerque determinou tomar Goa «cabeça do senhorio do çabayo» (Cast. III 8), que se tinha tornado independente do rei de Narsinga; a cidade entregou-se com condições (Cast. III 11); mas o antigo senhor não tardou a apparecer «com grande exercito» (Cast. III 15) para retomar a sua capital. Aff. de Albuquerque teve por fim de deixar a cidade e de recolher-se, no ultimo de Maio, ás náos ancoradas no rio de Pangim, onde passou aquelle inverno (Cast. III 25), largando d'alli para Cananor em Agosto (Cast. III 34).

2. Victoria] a deosa da victoria entre os Romanos: *Neptunum, Virtutem, Victoriam | Martem, Bellonam* (Plaut. *Amph.* Prol. 42); por isso FS escreveu a palavra com inicial maiuscula. (G. de Amorim, aproveitando uma lembrança pouco feliz de Freire de Carvalho, pôs «a victoria»).

3. pejo] antigamente tambem tinha o sentido contrario ao que tem «despejo» em IV 84. 6.

5. obedecendo]=cedendo, submettendo-se (é o latim *parere* em *tempori parere*). ensejo] está, menos propriamente, applicado a «circumstancias adversas».

7. esforço e arte] é tambem o final de II 59, 5.

*

43. Eis já ſobre ella torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a eſpada o eſpeſſo e horrendo
Eſquadrão de Gentios e de Mouros;
Hirão ſoldados inclitos fazendo
Mais que liões famelicos e touros
Na luz, que ſempre celebrada e dina
Será da Egypcia ſancta Catherina.

44. Nem tu menos fugir poderás d'eſte,
Poſto que rica e poſto que aſſentada
Lá no gremio da Aurora onde naceſte,
Opulenta Malaca nomeada.

43 1 sobrel. (v. *R Ph* em «Elisão») *A* vây *B* vày || 2 pil. (v. 1 67) || 3 *A* cõ *B* horen. || 5 Ir. (v 1 9) || 6 Li. Tou. || 8 .era Egip. Cater.
44 1 .eras || 3 La

43 «De como ho gouernador tomou a cidade de Goa em dia de sancta Caterina [do anno de 1510] com grande destroyção dos immigos» (Cast. III 42). «E em os nossos desembarcando começa a artelharia dos immigos a desparar da tranqueyra e cobrirse tudo de fumo, e soar muyto grande toruoada de bombardadas, que os nossos parecia, que não tinhão em conta, assi rompião por entre os pelouros..» (id. ibd.).

7-8. O dia da festa de S.ta Catharina (de Alexandria do Egypto) é o dia 25 de Novembro. Aff. de Albuquerque tomou esta santa para protectora e padroeira da cidade de Goa, e a roda de navalhas, instrumento do martyrio da santa, é ainda parte integrante das armas do municipio de Goa; v. o *Oriente Português* III pag. 186. luz] = dia (*lux* em *lux natalis* em Ovidio).

dina] = glorificada, gloriosa. «Catherina» representa a pronuncia que é ainda hoje a das pessoas que fallam desaffectadamente.

44 Foi em 1511 que Aff. de Albuquerque tomou Malaca, tendo-a acommettido duas vezes, a primeira aos 24 de Julho (Cast. III 56), a segunda aos 10 de Agosto (id. III 58, 59).

1. Nem — menos] (em italiano: *nemmeno*) = tambem não, nem tão pouco; tambem no *Cancioneiro* Ger. II 218. d'este] sc. Aff. de Albuquerque.

2-4. «Em que se escreue ho sitio da cidade de Malaca, e sua grande riqueza: e como se fez reyno» (Cast. II 112); «..e por isso era este porto a mayor escala e das mais ricas mercadorias que se então sabia no mundo» (id. ibd.).

As ſetas venenoſas que fizeſte,
Os criſes com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luſo obedientes.»

45. Mais eſtanças cantára eſta Sirena
Em louvor do illuſtriſſimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe hũa ira que o condena,
Poſto que a fama ſua o mundo cerque.
O grande capitão que o ſado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha-de ſer um brando companheiro
Pera os ſeus, que juiz cruel e inteiro.

‖ 6 Cri. (cf. Condição: IV 104) ‖ 8 .ras *B* .dentes
45 1 *A* .âra Syr. ‖ 3 *B* alembrote yr.

5-8. A syntaxe e a ligação das ideias da segunda metade da est. não são claras. FS não dá explicação. A traducção de Macedo dá sentido perfeitamente satisfatorio, mas está longe de corresponder á letra do original: *Letifero armatis frustra hic tela veneno, | Nequiquam in pugna sicis utere cruentâ, | Malayos molles, Jos Mavortis alumnos | Adduces frustra: cogeris cedere Lusis.* Effectivamente o sentido deve ser, que não obstante as settas hervadas e os crises, e a valentia dos defensores, Malaca terá de render-se aos Portugueses. Quanto á fórma não parece poder admittir-se senão que «setas, crises, Malaios, Jaos», nomes a que se junta em apposição «todos», são o compl. objectivo de «farás».

«os inimigos crão muytos em demasia, e a mõr parte delles bem armados darmas defensiuas, e todos ofensiuas, huns.. outros com zarauatanas com que tirauão hũas frechas.. emheruadas com tanta força que logo trancauão: e as feridas d'estas sam sem cura» (Cast. III 56).

crises] «que são como adagas» (Cast. II 112). FS interpreta erradamente como nome ethnico. Malaios .. Jaos] «porém entre elles [Malaios] se traz em prouerbio 'Malayos namorados, láos caualleiros'» (Barros II 6,1). «Nesta cidade [Malaca] hauia muytos laos, que sam os mais valentes homens, e mais determinados de todas aquellas partes» (Cast. III 57).

45 O facto a que o Poeta allude nas est. 45 a 48 passou-se em 1509 durante o tempo em que Aff. de Albuquerque se viu obrigado a estar recolhido nas suas náos, segundo vae dicto no com. a x 42, e foi que «soube ho governador que hum Ruy diaz natural Dalanquer entraua de noyte na sua camara do leme pola parte de fora, e dormia com hũa moça noua destas que

46. Mas em tempo que fomes e aſperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A fazão e o lugar fazem cruezas
Nos ſoldados a tudo obedientes,
Parece de ſelvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e inſolentes,
Dar extremo ſupplicio pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

47. Não ſerá a culpa abominoſo inceſto,
Nem violento eſtupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deſhoneſto,
Mas cũa eſcrava vil, laſciva e eſcura.
Se o peito, ou de cioſo ou de modeſto
Ou de uſado a crueza fera e dura,
Cos ſeus hũa ira inſana não refreia,
Põe na fama alva noda negra e feia.

46 4 todo (a corr. é já antiga) || 7 supl. pella (v. IV 64)

47 1 *A* . rã *B* . rà || 3 deson. (v. III 92) || 7 . ea (v. *R Ph* em «-eia») || 8 Poẽ . ea

digo [«que forão tomadas em Goa nas casas do çabayo, que elle tinha com outras na camara do leme da sua nao, pera mandar a Portugal aa rainha»], pelo que ho gouernador ho mandou prender.. E mandando proceder contrele ordinariamente julgou com seu ouuidor.. que Ruy diaz fosse enforcado» (Cast. III 29). Os capitães — um dos quaes, Manoel de Lacerda, era parente do reo — intercederam a favor d'elle, pedindo a Aff. de Albuquerque «que ho mandasse degolar, e não enforcar» e Jorge Fogaça até estranhou que o governador mandasse «enforcar hum caualleyro sem dar conta aos capitães, e sem lhes mostrar as suas culpas» (id. ibd.); mas o governador mostrou-se inflexivel e Rui Dias foi enforcado.

46 2. trovões] = raios; «trovões ardentes» são as balas.

8. Amor] Cf. x 49, 2.

47 1-4. N'estes versos a moral de Cam. não é muito superior á da antiguidade greco-romana, tal como se encontra, por exemplo, em Horacio, *Sat.* I 1. será] Está este tempo, por se fallar de um caso futuro com respeito á prophecia da nympha. (A ed. de 1637 pôs «era»).

5. modesto] = que sabe moderar e conter as paixões (amorosas).

48. Vio Alexandre Apelles namorado
Da ſua Campaſpe, e deu-lh'a alegremente,
Não ſendo ſeu ſoldado exp'rimentado
Nem vendo-ſe num cerco duro e urgente.
Sentio Cyro que andava já abraſado
Araſpas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mao deſejo o venceria;

49. Mas vendo o illuſtre Perſa, que vencido
Fôra de Amor, que em fim não tem defenſa,
Levemente o perdoa, e foi ſervido
D'elle num caſo grande em recompenſa.
Per força, de Judita foi marido

48 1 Apeles || 3 esp. (v. IV 95) | 5 Ciro || 6 .tea
49 1 II. || 2 Fo. não || 3 .oy || 5 .oy

48 1-4. *Alexander honorem ei* [*Apelli*] *clarissimo perhibuit exemplo; namque cum dilectam sibi ex pallacis suis praecipue, nomine Pancaspen* [*campaspen* em um codice, *campaspem* noutro], *nudam pingi ob admirationem formae ab Apelle jussisset eumque, dum paret, captum amore sensisset, dono dedit ei magnus animo, major imperio sui, nec minor hoc facto quam victoria aliqua* (Plin. *N. H.* XXXV § 86; lugar citado na *Officina* de Rav. Textor. urgente]=que não deixa descansar, apertado (fallando de cerco); é latinismo

5-8. Araspas era um Medo a quem Cyro confiara a guarda de Pantheia, esposa de Abradátes (rei da Susiana e alliado dos Assyrios), que fôra aprisionada no acampamento dos Assyrios, onde então não estava o marido. Araspas asscgurára a Cyro que «ainda quando nunca cessasse de a estar contemplando, jàmais seria levado a praticar acto algum contrario ao dever». Todavia enamorou-se violentamente da princesa e chegou a diligenciar seduzi-la. Cyro, quando soube que em Araspas o amor levara de vencida o sentimento do dever, perdoou-lhe e confiou-lhe a missão de, fingindo-se transfuga, ir descobrir os planos militares dos Lydios, missão de que ella soube desempenhar-se cabalmente (Xenoph. *Cyr.* V 1, VI 1). Do caso falla L. C. Rhodigino, XIII 33, cit. por Man. Corrêa.

49 3. levemente]=sem difficuldade, facilmentc.

5-8. Judith, filha devassissima do rei de França Carlos, o Calvo († 877), deixou-se raptar por Balduino, Braço de ferro. Por intervenção do papa Nicolau I, Carlos reconciliou-se com a filha e constituiu o genro, em 862, conde de Flandres. O *Catalogus annorum* diz: *Carolus II Franciae rex, cognomento Caluus.. Balduinum*

O ferreo Baldovino; mas diſpenſa
Carlos, pai d'ella, poſto em couſas grandes,
Que viva e povoador ſeja de Frandes.

50. Mas proſeguindo a Nympha o longo canto,
De Soarez cantava, que as bandeiras
Faria tremolar e pôr eſpanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.

‖ 6 *A* . duuino *B* . douino ‖ 7 . ay
50 1 Nim. ‖ 3 por ‖ 4 Pellas (v. IV 49).

Flandriae, quae tum syluestris erat, in raptae ab illo filiae honestationem, generum factum, Comitem dixit (fol. 42 e v.); no fol. 66 nomeia a filha: *Hic Balduinum.. Flandriae.. raptae Iudite filiae coniugium honestaturus, Comitem dixit.* por força] = por meio de rapto. Baldovino] que tambem occorre, por ex., em Rui de Pina, é a fórma que mais provavelmente Cam. empregou, sendo que em italiano tambem se diz «Baldovino».

dispensa] = outorga. posto em cousas grandes] não é claro para quem pertence. Parece-me que se refere á dignidade de «conde» (cf. «poder em que está posto» em x 58) e que por isso pertence para o sujeito das duas orações do ultimo verso (v. *R Ph* em «Transposição»). FS não explica. Macedo liga este attributo a «Carlos»: *Carolus qui sceptra tenebat;* Stock tambem o faz pertencer para «Carlos», mas, entendendo-o de outro modo, inexactamente a meu juizo, traduz: *..doch nannt' ihn Sohn] Alsbald in schwier ger Lage Karl, ihr Vater.* cousas grandes] é tambem o final de VI 56 7, onde tambem rima com «Frandes».

50 Lopo So. de Albergaria foi mandado por successor de Aff. de Albuquerque no governo da India em 1515 (Cast. III 152). Na entrada de Fevereiro de 1517 partiu «com hũa armada de trinta e seys velas» «pera ho Estreito [do mar Vermelho] a buscar a armada do Soldão» (Cast. IV 10). Nesta expedição tentou, porêm não conseguiu, tomar Gidá (v. IX 3; Cast. IV 12) e pôs fogo a Zeila «que está na costa de Ethiopia.. em onze graos da banda do norte», e a cidade «ardeo toda em quatro dias que não ficou casa nem cousa nenhũa que não fosse queimada» (id. IV 19). De Zeila, aonde fôra para tomar mantimentos, partiu, para o mesmo fim, para Aden, e não logrando ainda o intento, ia atravessar para Barborá (em mappas allemães «Berbera»), que fica a «vinte legoas de Zeila» para o sueste; mas com o tempo contrario desistiu de proseguir e resolveu ir a Ormuz (id. ibd.), d'onde tornou para a India, chegando a Goa ainda no anno de 1517 (id. IV 26).

Nesta estancia Cam., sem propriamente faltar á verdade, faz parecer a carreira militar de Lopo Soares muito mais brilhante do que na realidade foi.

4. roxas.. ribeiras] = ribeiras do mar Roxo.

«Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca e Gidá co as derradeiras
Praias de Abaſſia; Barborá ſe teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

51. A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famoſa,
Quanto agora ſoberba e ſoberana
Pela cortiça calida, cheiroſa,
D'ella dará tributo á Luſitana
Bandeira, quando excelſa e glorioſa,
Vencendo, ſe erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

52. Tambem Sequeira, as ondas Erythreas

‖5 *B* Mid. ‖6 .dâ ‖7 .ayas Abasia [Abassis: x 68, 95] *A* .borâ *B* .borà ‖8 Emp.
51 2 pello (v. IV 49) ‖4 Pella Cort. ‖5 *A* darâ *B* dara aa ‖7 *A* .guerâ *B* .gucrà ‖8 tam
52 1 Eritreas

5. Medina abominavel] por ser a segunda cidade santa dos mahometanos, onde está a sepultura de Mahomet.

7. Abassia] = Abissynia (ou antes: Abessinia); correspondc-lhe o nome ethnico «Abassís».

51 Em 1518 Lopo Soares «se partio pera a ilha de Ceilão a fazer hũa fortaleza» em uma ponta do porto de Columbo para defesa da feitoria que alli havia de assentar. O principe concedeu a licença pedida, mas a instancias dos mouros de Calecut que estavam em Columbo, voltou atrás com a palavra (Cast. IV 42). Teve pois Lopo de recorrer ás armas, assenhoreando-se assim do ponto onde queria construir a fortaleza, e obrigou o principe a pagar á coroa de Portugal o tributo de «dez alifantes cadãno, e quatro centos bahares de canela, e vinte aneis de senhas pedras finas das que se achauão na ilha» (id. IV 43). A fortaleza estava quasi acabada no fim de Novembro (id. V 1).

1-2. V. X 107.

4. a cortiça calida, cheirosa] a canella. «cortiça» no sentido geral de «casca» (*cortex*) é latinismo.

52 1-4. Diogo Lopes de Sequeira, que, na qualidade de novo governador da India, largára de Belem em Março de 1518, obedecendo ás instrucções que recebêra, de ir a Judá destruir as galés do soldão, partiu em Fevereiro de 1520

Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande Imperio, que te arreas
De ſeres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá com ciſternas de agoa cheas
Verá e o porto Arquico ali vizinho,
E fará deſcobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

53. Virá deſpois Meneſes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá, terá provado;

‖ 2 *A* . irâ *B* . ira ‖ 3 *B* imp. ‖ 4 *A* Sabâ *B* Sobá ‖ 5 . çuà Cist. ‖ 6 *A* . erâ *B* . era ‖ 7 *A* . arà *B* . ara
53 1 *A* . irâ *B* . ira ‖ 2 *A* câ *B* cà *A* . erâ *B* . era

com uma frota de 24 velas em direcção a Judá, mas sobrevindo-lhe vento contrario, depois de já ter passado o Estreito, «desesperado de poder ir auante chamou a conselho todos os capitães da frota», os quaes «acordarão que deixassem a viagem de Iudá.. e fossem á costa da Abexia ao porto da ilha de Maçua que lhe Mateus dizia, donde se podia ir á corte do Preste» (Cast. v 23). (Mattheus era o embaixador do imperador da Abessinia, que viera a Portugal e agora voltava na frota de Diogo L. de Sequeira). O governador seguiu o parecer do conselho, e a 10 de Abril chegou ao porto da ilha de Maçuá, «que estará dous tiros de bésta da terra firme em quinze graos da banda do norte» (id. ibd.).

1. as ondas Erythreas] é tambem o final de IV 63, 1.

3-4. «Como a Rainha Sabà se foi ver a Ierusalem com Salamão [do que falla a Biblia nos *Reis* III 10, 1-13, etc.] ..de que ouue hum filho chamado Dauid: do qual segundo dizem os pouos Abassijs, procedem os seus Reys, e o mais que elles dizem desta Rainha Sabá, e assi da chamada Candace» (Barros III 4, 2). Candace é a rainha da Ethiopia, que invadiu o Egypto, mas foi vencida por Petronio, governador d'esta província romana (Estrabão, C 820-821).

5-6. Sequeira «foy ver a ilha de Maçua pera repartir polas naos muytas cisternas dagoa doce que lhe dizião que auia nela: e assi achou que erão XLIX e todas cheas e fechadas com chave pera ho tempo da necessidade» (Cast. v 24); tambem visitou o capitão de Arquico (id. v 25) «lugar da costa.. que estaua duas legoas da ilha [de Maçuá]» (id. v 23).

7. O contexto parece indicar que se falla de ilhas do mar Vermelho; mas estas foram exploradas por occasião da viagem de 1541; talvez, porêm, Cam. se refira ao descobrimento de Borneo.

53 Em Abril de 1521 partiu de Lisboa para o governo da India o filho do conde de Tarouca, «dom Duarte de meneses capitão da cidade de Tangere em Africa, onde em muytos annos tinha dado assaz de testemunho de seu esforço e valentia contra os mouros em muytas batalhas que vencera: e em

Caſtigará de Ormuz ſoberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do deſterro
Em que eſtás e ſerás inda tornado,
Cos titulos de Conde e de honras nobres
Virás mandar a terra que deſcobres.

54. Mas aquella fatal neceſſidade,
De quem ninguem ſe exime dos humanos,
Illuſtrado co a Regia dignidade,
Te tirará do mundo e ſeus enganos.

‖ 3 *A* . arâ *B* . ara Sob. ‖ 6 *A* estâs *B* estàs *A* serâs *B* seras ‖ 7 . tolos (v. IX 22) . dhon. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 8 *A* . irâs *B* . iras

54 4 *A* . arâ *B* . ara

---

54 4 In te lungi dal mondo, e da 'suoi inganni | Farò sicuro omai dolce soggiorno (Ben. Varchi, *Son.*, pag. 26 da ed. de 1555) (FS).

---

lhe entrar tanto pola terra dentro que chegou aos Montes claros (cousa que os mouros nunca cuidarão, e os muyto mais espantou que todo ho passado)» (Cast. v 69).

3-4. Ainda no tempo do governo de Du. de Sequeira, o rei de Ormuz levantou-se «contra os nossos que estauão na cidade e na fortaleza [de Ormuz]» (Cast. v 82). Depois de varios successos, quando Du. de Meneses foi pessoalmente a Ormuz, Raix Xarafo, o promotor do levantamento, e que, sendo o actual rei ainda menor, era quem na realidade «gouernaua o Reyno» (id. VI 40), obrigou-se a pagar annualmente de pareas á coroa portuguesa mais 35 mil xerafins alêm dos 25 mil que desde o tempo de Aff. de Albuquerque o rei de Ormuz era obrigado a pagar (Barros III 7, 9; a integra do contracto, datado de 15 de Julho de 1523, vem em *Alguns documentos*, pag. 476 e seguintes).

5-8. Como successor de Du. de Meneses, veiu «dom Vasco da gama, conde da Vidigueira e almirante do mar indico.'. com titulo de viso rey» (Cast. VI 71). «desterro» é o estar V. da Gama em regiões tão distantes da patria (cf. VI 24), já na primeira viagem do descobrimento, já quando voltou á India em 1502 (Cast. I 44). descobres] é presente historico em oração relativa, da mesma maneira que em: *cratera antiquum, quem dat Sidonia Dido* (Verg. *En.* IX 260).

54 1-4. V. da Gama largando

Outro Meneſes logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos annos,
Governará, e fará o ditoſo Henrique
Que perpetua memoria d'elle fique.

55. Não vencerá ſòmente os Malabares
Deſtruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que nos ares
Se vingão ſó do peito que as comete;
Mas com virtudes certo ſingulares
Vence os immigos da alma todos ſete;

‖ 5 yda. ‖ 6 may. anos (v. VI 29) ‖ 7 *A* . narâ *B* . narà *A* farâ *B* fara

55 1 Não *A* . erâ *B* . cra som. ‖ 3 Bom. ‖ 4 . gão so ‖ 6 dal. (v. *R Ph* em «Crase»)

de Lisboa aos 9 de Abril de 1524, «ſoy surgir na barra de Chaul» (Cast. VI 71); d'alli partiu para Goa, e na detença que fez nesta cidade, «se lhe começou hũa doença de que despois morreo, e antes que fosse em crecimento se partio pera Cochim» (id. VI 72) onde falleceu aos 24 de Dezembro do mesmo anno.

5-7. V. da Gama tinha levado de Portugal pela primeira vez as que eram chamadas «successões» (1.ª successão, 2.ª successão, etc.), quer dizer, cartas regias da nomeação das pessoas que haviam de succeder uma a outra no governo da India. O primeiro que veiu nomeado d'este modo, foi o capitão de Goa, D. Henrique de Meneses, que havia nascido em 1496. prudencia] no sentido geral do latim *prudentia*.

55 «De como ho gouernador deu em Panane e da destruyção que fez» (em 1525) (Cast. VI 84) Panane «serà abaixo de Calecut contra Cochij quatorze legoas» (Barros II 1, 6). «Embarcado ho governador com determinação de prosseguir a guerra contra el rey de Calicut, determinou de ir a hum lugar muyto grande de seu reyno chamado Coulete, e ho principal porto dele, e onde auia mais gẽte, mais paraós e mais naos que em outro nenhum» (Cast. VI 86). «E com este feyto [o de Coulete] que os mouros ouuerão por muyto grande cobrarão os Portugueses ho credito que tinhão perdido na India» (id. VI 88).

3-4. Nestes versos, que não são em verdade muito claros, e que F S não explica, o verbo «commetter» tem a significação de «afrontar, arrostar-se com».

6. os immigos da alma todos sete] os sete peccados capitaes.

De cobiça triumpha e incontinencia,
Que em tal idade he ſumma de excellencia.

56. Mas deſpois que as eſtrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mazcarenhas,
E ſe injuſtos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confeſſarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado
Que de fortuna juſta acompanhado.

‖ 7 cub. (cob.: IX 93) ‖ 8 .uma (v. *R Ph* em «immigo»)
56 2 *A* Socederâs *B* Socederas ô

7. incontinencia] é aqui quasi synonymo de «cobiça»; é o contrario do que em latim se diz *abstinentia*. Castanheda fallando de Henrique de Menezes diz: «..todo seu pensamento e cuydado era em seruir a Deos e a el Rey em tanto que isto lhe tiraua ho cuydado de sua fazenda, que auendo dous annos que estaua na India e com tão bons dous cargos como teue não tinha de seu cousa algũa como se vio claramente em não lhe acharem na sua bueta mais que até noue tangas, que fazião na moeda portuguesa seyscentos e corenta r.^{s}» (VI 133).

8. summa]=o gráo mais alto.

A D. Henrique de Menezes é dedicado o soneto de Camões «Esforço grande..».

56 1. as estrellas] (*sidera* nos poetas latinos)=o Ceo. H. de Meneses falleceu aos 2 de Fevereiro de 1526 (Cast. VI 133).

2-8. «Enterrado dom Anrique de Meneses ajuntarãse todos os capitães, fidalgos, e pessoas principais na igreja de Cananor, com Afonso mexia védor da fazenda [àcerca d'elle v. a noticia dada por Braamcamp Freire no *Archivo Hist. Port.*, II pag. 214-222] ..e ho licenciado Ioão dé soiro ouvidor géral da India, pera abrirem a segunda subcessão da gouernança da India. Em que se achou que socedia Pero mazcarenhas» (Cast. VII 1). Estando porêm P. Mascarenhas em Malaca, de que era capitão, e sendo urgente a presença na India de uma autoridade superior, por vontade de Aff. Mexia foi indevidamente aberta a terceira successão, e resolveu-se que até a vinda de P. Mascarenhas governasse a India o que vinha designado na terceira successão, Lopo Vaz de Sampaio, que então estava em Cochim (Cast. VII 11). Depois Aff. Mexia, inimigo pessoal de P. Mascarenhas e amigo de Lopo Vaz, forjou uma provisão regia, datada de 4 de Abril de 1526 na qual se designava Lopo Vaz para successor de Henr. de Meneses, e á vista d'ella foi declarado governador Lopo Vaz, que, antes de chegar a participação official, recebeu a nova por via particular em Dabul onde estava de caminho para Goa. Os quatro ultimos versos alludem ao que se diz na est. immediata.

57. No reino de Bintão, que tantos damnos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num ſó dia as injurias de mil annos
Vingarás co valor de illuſtres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, paſſos eſtreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, ſetas,
Tudo fico que rompas e ſometas.

58. Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente põe aberto o roſto

57 1 . anos (v. 1 93) || 2 *A* . erâ *B* . ara || 3 so anos (v. VI 29) || 4 *A* . arâs *B* . aras || 7 Bal. Set.
58 1 cub. (v. x 55) || 2 poem (v. 1 86)

57 P. Mascarenhas, recebida a notificação de que era gôvernador «fezse prestes pera sc partir pera a India em Agosto [de 1526]»; mas um temporal obrigou-o a arribar a Malaca. Vendo «que lhe cra forçado esperar a monção grande pera a India: e achandose com a gente que Francisco de sa leuara, determinou de ver se podia coela tomar Bintão que tanta. guerra fazia a Malaca» (Cast. VII 20). «Iaz esta ilha [de Bintão] sessenta legoas de Malaca auante do estrcito de Cingapura pegada com a terra firme, que hum estreito rio que se vay meter no mar aparta dela» (id. ibd.). O rei de Bintão tinha fortificado a ilha «grandemente pera a dcfender dos Portugueses» (id. ibd.; aqui vem a descripção das fortificações). O feito da tomada de Bintão «foi hum dos marauilhosos quc os Portugueses fizerão naquellas partes» (id. VII 24).

4. de illustres peitos] tanto pode referir-se aos valentes que tomaram parte naquelle feito, como significar: proprio de illustres peitos (F S).

6. abrolhos ferreos] são os que o historiador Castanheda, com expressão synonyma, chama «estrepes».

8. fico] como em x 25.

58 Depois do feito memorado na est. precedente, P. Masc., vinda a monção, partiu para a India, chegando a Cochim no ultimo de Fevereiro dc 1527 (Cast. VII 27). Lopo Vaz tinha deixado ordem em Cochim a Aff. Mexia de «que não recebesse a Pero mazcarenhas como a gouernador, antes se quisesse desembarcar em Cochim como gouernador lho defendesse por armas» (id. VII 16). Aff. Mcxia fez saber a P. Masc., que não o receberia como governador em vista da nova provisão regia, ao que Masc. respondeu «que aquela prouisão não cra assinada por el Rey e por isso não era obrigado a conhecela por sua: e que Affonso mexia como seu ĩmigo a poderia fazer, e por essa causa lhe não auia dobedecer» (id. VII 27). Então Aff. Mcxia deu-lhe conhecimento da ordem que tinha dc não

Contra Deos e Juſtiça, te farão
Vituperio nenhum, mas ſó deſgoſto.
Quem faz injuria vil e ſem razão
Com forças e poder em que eſtá poſto,
Não vence, que a victoria verdadeira
He ſaber ter juſtiça nua e inteira.

59. Mas com tudo não nego que Sampaio
Será no eſforço illuſtre e aſſinalado,
Moſtrando-ſe no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.

‖ 4 -so ‖ 5 rez. (v. v 97) ‖ 6 *A* .tâ *B* .tà ‖ 7 vito. (vieto.: I 13, 25, 90; II 52, etc.)

59 1 .ayo ‖ 2 *A* .râ *B* .ra *A* asin. ‖ 3 .ayo ‖ 4 *A* .erâ *B* .cra qualhado (v: III 81)

o deixar desembarcar, e de facto impediu-lhe o desembarque por força d'armas (id. ibd.) P. Mase. partiu para Cananor, mas tambem ahi Lopo Vaz tinha dado «a dom Simão de meneses ho mesmo regimento que deixara a Afonso mexia» (id, VII 16). Tolhido pois o desembarque tambem neste porto, dirigiu-se para Goa «parecendolhe que ho gouernador [Lopo Vaz] se queria poer coele em justiça» e «determinou de não fazer nada por força senão por justiça» (id. VII 28). Chegado á barra de Pangim aos 16 de Março foi levado á presença de Antonio da Silveira, e como não lhe quis «dar menagem de se ir meter na fortaleza de Cananor e não sair sem mandado do gouernador, lhe foy deitado hum grilhão [conformemente ás ordens de Lopo Vaz, Cast. VII 30]. E entregue a Simão de melo ho levou a Cananor» (id. VII 31), onde ficou preso. Ulteriormente porêm o mesmo capitão de Cananor, Simão de Meneses, soltou P. Mase. e reconheceu-o por governador (id. VII 35). Depois de varios acontecimentos. um tribunal arbitral que havia unicamente de julgar «quem era bem que gouernasse pera paeificação da India; porque cuja era a governança por dircito, el rey ou seus desembargadores ho auião de determinar» (id. VII 47), proferiu em Dezembro sentença contra P. Mascarenhas (id. VII 51). (Mase. partiu para Portugal em Janeiro de 1528).

4. vituperio]=humilhação vergonhosa, como em I 8, 5.

8. Cam. deu a «justiça» o epitheto de «nua», que usualmente se applica a «verdade».

59 1. com tudo] i. é, não obstante as vilanias de Lopo Vaz.

3. fero raio] como em Lucrecio: *Scipiadas, belli fulmen* (III 1034), imitado por Vergilio: *geminos, duo fulmina belli,* | *Scipiadas* (*En.* VI 843-844; FS). O epitheto é o mesmo que em I 22, 2.

4-5. «De como Lopo vaz de São Payo desbaratou hũa armada

Em Bacanor fará cruel enſaio
No Malabar, pera que amedrontado
Deſpois a ſer vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

60. E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ouſada,
Fará co a viſta ſó perdida e rota
Por Heitor da Silveira e deſtroçada,
Por Heitor Português, de quem ſe nota
Que na coſta Cambaica ſempre armada
Será aos Guzarates tanto damno,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

‖ 5 *A* .anôr *A* .arâ *B* .ara .ayo ‖ 8 *A* Cutîa. *B* Cutiá.
60 1 não ‖ 2 *A* .erâ *B* .erà ‖ 3 *A* .arâ *B* .ara so ‖ 5 .gues ‖ 6 Cos. ‖ 7 *A* .erâ *B* .era .ano (v. 1 93) ‖ 8 .oy Troy.

de Mouros de Calicut no rio de Bacanor» (a 25 de Fevereiro de 1526) (Cast. VII 2).

6-8. Em 1528 Lopo Vaz desbaratou uma frota de Calecut de 130 velas, de que era capitão-mór «Cutiale de Tanór valente caualeyro» (Cast. VII 90).

60 1-4. Estando em Goa, Lopo Vaz recebeu «hum recado muito apressado de Francisco pereira de berredo capitão de Chaul em que lhe dizia que as fustas de Diu que erão cincoenta e tantas chegauão á boca da barra de Chaul.., que se temia.. que entrassem no rio e tomassem a fortaleza» (Cast. VII 92). Lopo Vaz partiu de Goa a 5 de Janeiro de 1509 com uma armada de cincoenta e duas velas.. «E chegando a Chaul achou que as fustas fugirão com medo da sua ida» (id. ibd.). Depois de obter noticia de ònde as fustas paravam, determinou ir pelejar com ellas e «foyse ao bargantim Deitor da silueira e disselhe que ao outro dia [6 de Fevereiro] ..esperaua que pelejassem com as fustas, e deu-lhe ho regimento de que auia de fazer porque elle [L. Vaz] auia destar nos galeões fauorecendo a batalha» (id. VII 94). Effectivamente ao outro dia as velas portuguesas «chegarão a Bombaim ondc as fustas estauão pegadas com hũa ponta, e erão por todas sessenta e quatro» (id. ibd.). A victoria foi dos Portugueses; foram tomadas «corenta e seys fustas com toda sua artelharia e queimadas tres» (id. ibd.). grande e ousada] pertence para a «fera frota».

5-8. «Ficando Eytor da silueira por capitão moor na costa de Cambaya.. foyse por essa costa a destruir muytas pouoações: de que a gente fugia com medo, e os nossos queimauão os lugares e destruyão tudo» (Cast. VII 97).

61. A Sampaio feroz ſuccederá
Cunha, que longo tempo tem o leme.
De Chale as torres altas erguerá
Em quanto Dio illuſtre d'elle treme;
O forte Baçaim ſe lhe dará,
Não ſem ſangue porem, que nelle geme
Melique, porque a força ſó de eſpada
A tranqueira ſoberba vê tomada.

62. Trás eſte vem Noronha, cujo auſpicio

61 1 .ayo *A* socederà *B* socederá (v. 1 44) || 3 *A* .erâ *B* .erà || 5 .çaîm *A* .arâ *B* .arà || 7 so || 8 vc
62 1 Tras *A* Aus.

Heitor Português] em contraposição a Heitor *(Hector)*, filho de Priamo, e heroe da guerra de Troia.

Cuzarates] V. o com. a VII 21.

61 1. feroz] em bom sentido (*ferox*); v. o com. a «ferocidade» em III 103.

2. Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, partiu de Lisboa por governador da India em Abril de 1528 (Cast. VII 86); mas só aos 24 de Outubro de 1529 «foy surgir na barra de Goa» (id. VIII 1). Serviu o cargo nove annos (v. o com. á est. seguinte).

3-4. N. da Cunha fôra em 1530 com uma grande armada sobre Diu; não logrando porêm tomar esta praça «determinou de emendar este auesso com fazer hũa fortaleza em Chale duas legoas de Calicut, que tem hum rio tão alcantilado.. que podião entrar nele carauelas e galés, e auendo ali fortaleza podia inuernar a nossa armada, e andar pola costa ate Mayo ..e não se ordenaria cousa algũa contra os portugueses que se logo não soubesse em Chale (Cast. VIII 43). (A descripção da fortaleza vem no cap. 48).

5-8. Nos principios de 1533 N. da Cunha partiu com uma armada sobre Baçaim. Alli «porque os Portugueses não podessem desembarcar junto da fortaleza.. fizerão hũa tranqueyra de valos de terra que começaua do baluarte e se estendia até mea legoa alem da fortaleza pera a pouoação, era de altura de braça e mea e muito larga e dos mesmos valos tinha muitos baluartes em que estauão assentadas trezentas peças dartelharia» (Cast. VIII 59); mas «Diogo da silueyra, Martim afonso de melo jusarte: e Manuel dalbuquerque desbaratarão a tranqueira dos ĩmigos» (id. VIII 61). Os inimigos fugiram, uns para a povoação, outros para a fortaleza, e vendo a povoação incendiada pelos Portugueses, por fim «despejarão a fortalcza» (id. VIII 62). sanguc] como *sanguis*, por: derramamento de sangue.

Melique] o governador muçulmano de Beçaim.

62 1-4. Em 1538, ainda durante o governo de N. da Cunha, o rei de Cambaia mandou pôr cerco á fortaleza de Diu (v. o com. a X 64), ajudado de uma grossa armada que o sultão da Turquia, Solimão II

De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem ſuſtenta.
Fará em Noronha a morte o uſado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, ſe exp'rimenta
No governo do Imperio, cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

63. Das mãos do teu Eſtevão vem tomar
As redeas hum, que já ſerá illuſtrado

‖ 4 sil. ‖ 5 *A* . arâ *B* . ara ‖ 6 *A* ô *B* ò esprimẽ. (v. IV 95) ‖ 8 ro. *A* . arâ *B* . ara . relo (. rello: II 49 . rellos: V 39)

63 1 . euão ‖ 2 . era

(1520-1566), enviara em seu favor (Cast. VIII 172). Sustentou heroicamente o cerco o capitão da fortaleza, Antonio da Silveira, de modo que depois de assaltos infruetiferos a armada turca retirou em Novembro do mesmo anno (Couto *Dec.* V 5, 3). Entretanto D. Garcia de Noronha, nomeado vice-rei da India em 1538, veiu surgir na barra de Goa em Setembro d'aquelle anno (id. V. 3, 9). Informado por cartas de Antonio da Silveira do estado da praça, mandou-lhe Antonio da Silva com quarenta navios (id. V 4, 12), que chegaram quando o cerco já estava levantado (id. V 5, 4). G. de Noronha aprestára-se para ir pessoalmente em soccorro da fortaleza, mas no meio da sua indecisão chegou-lhe a nova da retirada dos Turcos, o que tornou desnecessaria a sua partida (id. V 5, 5). Não é portanto senão com muita propriedade que o Poeta empregando um termo romano (por ex., em *Domuit autem partim ductu partim auspicio suo Cantabriam, Aquitaniam*, Suet. *Oct.* 21), diz que o auspicio de Noronha afugentou de Diu os Rumes. Sobre «Rumes» v. o com. a X 68.

5-6. G. de Noronha, que ao tempo da sua nomeação para vice-rei da India contava perto de setenta annos de idade (Couto V 3, 8), falleceu a 3 de Abril de 1540 (id. V, 6, 8). Succedeu-lhe o segundo filho de V. da Gama, Estevão da Gama, que assistiu ao abrir das successões (id. V 7, 1).

Quando] como em I 23, 7.

7-8. Estevão da Gama, vendo nas instrucções regias dadas ao seu antecessor, que o monarcha lhe recommendava que mandasse a Suez queimar as galés muçulmanas, resolveu ir elle proprio (Couto V 7, 1), e assim, no anno de 1541 partiu com uma grande armada para o Estreito do mar Roxo (id. V 7, 5). Nesta expedição destruiu Suaquem e Alcoar (id. V 7, 6-8) e chegou a Suez; mas impedindo-lhe a guarnição da cidade o desembarque, teve de retirar-se (id. V 7, 8). O trocadilho no ultimo verso é o mesmo que o de II 49, 1-2.

63 2-4. hum, que —] é Mar-

No Braſil com vencer e caſtigar
O pirata Francês ao mar uſado.
Deſpois, Capitão mór do Indico mar,
O muro de Dàmão ſoberbo e armado
Eſcala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão cuberta.

64. A eſte o Rei Cambaico ſoberbiſſimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderoſiſſimo
Lhe ajude a defender o ſenhorio.

‖ 4 Pir. . ances ‖ 5 . itão mor ‖ 6 *A* Dâmão *B* Dàmão
64 1 . ey ‖ 2 . arà

tim Affonso de Sousa, que o Poeta nomeia adiante na est. 67. Mandado por D. João III, com uma frota de cinco vasos, a fundar no Brasil uma colonia, chegou diante do Cabo de S.to Agostinho aos 31 de Janeiro de 1531 (Varnhagen *Hist. ger. do Brazil* pag. 43 e segg.). «Acabava de avistar a costa de Pernamhuco quando descobriu ao longe uma não franceza. Pouco lhe custou dar-lhe caça e rendel-a. Seguiu-se a esta preza a de outras duas náos tambem francezas, e carregadas, como estava tambem a primeira, de brazil» (id. ibd. pag. 47). Sobre as piratarias dos Franceses nas costas do Brasil, v. a mesma obra, pag. 36 e 37.

5. Em 1534 «chegou á India Martim afonso de sousa . .a quem por seus serviços el rei fez merce da capitania mór do mar da India» (Cast. VIII 81); dos feitos que nesta qualidade elle praticou, é que o Poeta falla até o primeiro verso da est. 66.

6-8. Quando o capitão muçulmano de Dàmão soube que Mart. Aff. de Sousa vinha sobre aquella villa, «queymou ho lugar, e destruyo tudo ao derredor, e recolheo a gente na fortaleza» (id. VIII 82), que oppôs viva resistencia aos assaltos dos Portugueses. Então, «tanto que Martim afonso vio que Diegualuarez e os outros sobião pela escada [arvorada ao muro], acodio a esforçar os que estauão á porta, e a força dombros que pos com outros deu cocles dentro» (id. ibd.). primeiro entra] (á latina)=é o primeiro a entrar.

64 1-4. Nas primeiras décadas do sec. XVI, Baber (1483-1530), descendente de Namur (ou Tamerlão), fundou na India septentrional um Estado poderoso, conhecido pelo nome de «imperio do Grão Mogol» (ou Mogor, como diziam os nossos escriptores antigos), tomando Deli (Delhy) para capital. Em 1535 ateou-se guerra entre o Grão Mogor e o rei de Cambaia (o sultão Badur). Sendo a sorte das armas adversa a este ultimo, Coge Sofar aconselhou-lhe «que desse fortaleza em Diu ao gouernador [Nuno da Cunha] e que [este] o ajudaria, porque lhe parecia que sem sua ajuda se não podia restaurar» (Cast. VIII 99). O rei, abraçando o conselho, es-

*

Deſpois hirá com peito eſforçadiſſimo
A tolher que não paſſe o Rei gentio
De Calecu, que aſſi com quantos veio,
O fará retirar de ſangue cheio.

65. Deſtruirá a cidade Repelim
Pondo o ſeu Rei com muitos em fugida,
E deſpois junto ao cabo Comorim

‖ 5 *A* yrà *B* yra (v. 1 9) ‖ 6 . ey Gen. ‖ 7 . eyo ‖ 8 *A* . arâ *B* . ara . eyo

65 1 *A* Destroirâ *B* Destroirà (v. VI 19) ‖ 2 . ey ‖ 3 Cab.

creveu a Martim Aff. e a N. da Cunha (id. ibd.). Martim Aff. partiu logo de Chaul para Diu, e alli o rei disse-lhe que «queria que o gouernador o ajudasse contra seus ĩmigos.. e em galardão desta ajuda que queria do gouernador lhe daria hũa fortaleza em Diu»; que por estar o governador mais longe do que Martim Aff., «mandara chamar a elc Martim afonso assi para o ajudar a defender de seus immigos se fossem sobrele, como pera coele assentar o dar da fortaleza e capitulação das pazes» (id. VIII 100). Com effeito o rei concertou com Martim Aff. as capitulações, que, assignadas pelo rei, foram mandadas por Martim Aff. a N. da Cunha «pera que as assinasse» (em Setembro dc 1535) (id. ibd.). (N. da Cunha chegou a Diu em Outubro d'este anno [id. VIII 102], e logo em Novembro se deu principio á fortaleza [id. VIII 108]).

5-8. Quando os reis de Calecut se coroavam em «hum pagode que está em terras de Repelim», «era costume irẽlhe os outros reis do Malabar fazer reverencia como seus sojeitos que erão dali por diante» (Cast. VIII 126). O que era neste tempo rei de Calecut, quis ter esta consagração para receber homenagem do rei de Cochim «e tambem pera que se tivesse tempo passar [*sic*] dali a Cochim e destruila» (id. ibd.). Tentou pois varias vezes ir a Repelim pelo passo de Cranganor, mas sempre impedido pelos Portugueses (id. VIII 140-141) assentou por ultimo «com grande poder de gente» seguir pelo passo do Vão «duas legoas acima do passo de Cranganor»; Martim Aff. dirigiu-se àquelle porto, desembarcou e venceu o inimigo em uma batalha em que o rei esteve em pessoa (id. VIII 144), e seguidamente em outra em que lhe matou «mays gente que da outra vez»; depois do que o rei «recolheo se pera dentro de suas terras» (id. VIII 145).

65 1-2. A expedição contra o rei de Repelim, que era nosso inimigo e amigo do rei de Calecut, foi antes das duas batalhas de que se fallou no com. á est. precedente. Martim Aff. «desbaratou el-rei de Repelim, e lhe queymou a cidade» (Cast. VIII 143). cidade Repelim] V. o com. a III 27.

3-8. Martim Aff., que andava com a sua armada na costa do

Hũa façanha faz eſclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que deſtruir o mundo não duvida,
Vencerá co furor do ferro e fogo;
Em ſi verá Beadála o Marcio jogo.

66. Tendo aſſi limpa a India dos immigos,
Virá deſpois com ſceptro a governá-la
Sem que ache reſiſtencia nem perigos,
Que todos tremem d'elle e nenhum falla.
Só quis provar os aſperos caſtigos.
Baticalá, que vira já Beadala;
De ſangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões deſſeita e feia.

‖ 6 . troir ‖ 7 *A* . erâ *B* . erà ‖ 8 *A* . erâ *B* . era *A* . dâla *B* . dàla

66 2 *A* . irâ *B* . ira cetro . ala ‖ 4 . ala (v. I 78) ‖ 5 So ‖ 6 *A* . calâ *A*' virâ *B* virà (a corr. é já antiga) *B* ja de B. ‖ 7 . ea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 8 . ea

Malabar, indo em busca da frota do rei de Calecut, dobrou o cabo de Comorim e «proseguindo daqui em busca dos Mouros, foy os achar na enseada de Beadalá, hũa grande pouoação perto dos baixos de Chilã»; chegou á vista dos inimigos nos fins de Janeiro; deu-lhes batâlha em terra (Cast. VIII 174), e depois queimou-lhes 25 fustas; «Assi que foy esta vitoria muy importante pera se segurar a India» (id. VIII 176). Marcio jogo] é tambem o final de X 19, 5.

66 1-4. Martim Aff. de Sousa embarcou para Portugal em 1538 (em companhia de Nuno da Cunha, que falleceu na viagem). Nomeado governador da India em 1541, partiu de Lisboa em Abril d'este anno, e tendo invernado em Moçambique, chegou a Goa em Maio de 1542.

5-8. O governador surgindo em Baticalá (na costa occidental da India, para o norte de Bacanor) mandou requerer á rainha que pagasse os tributos atrasados e lhe entregasse os navios de remo que estivessem no porto, por isso que andavam em piratarias. Mostrando a rainha pouca vontade de satisfazer cabalmente á intimação, Martim Aff. desembarcou as tropas, tomou a cidade e deu-a «a saco aos soldados que se cevàrão bem à sua vontade não perdoando a sexo nem a idade, mettendo tudo a ferro, e depois que se carregàrão, e fartàrão derão fogo à cidade que por todas as partes ardeo toda sem ficar cousa em pé» (Couto V 9, 2).

que (no 6.º verso)] refere-se a «castigos». trovões] como em X 46, 2.

67. Eſte ſerá Martinho, que de Marte
O nome tem co as obras derivado,
Tanto em armas illuſtre em toda parte,
Quanto em conſelho ſabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Caſtro, que o eſtandarte
Português terá ſempre levantado,
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido,
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

68. Perſas feroces, Abaſſis, e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de geſtos, varios de coſtumes

67 1 .era || 2 diri. (v. III 21) || 5 Socod. (v. I 44) || 6 .ugues *A* .erâ *B* .era || 8 *B* hũ
68 1 *A* .assîs *B* .assis || 3 cust. (v. V 1)

67 1-2. «Martinho» e «Martim» são fórmas parallelas, representativas de *Martinus*, que é derivado de *Mars*.

3-4. em toda parte] como em IV 25, 7—onde tambem rima com «Marte»—. conselho] está em sentido collectivo; «bem cuidado» como epitheto de «conselho» tambem em VI 35, 3—onde igualmente é final de verso—e em IX 95, 2.

5-6. D. João de Castro, nomeado governador da India—só pouco antes de fallecer foi que recebeu o titulo de vice-rei—desaferrou de Lisboa em Março de 1545, levando comsigo seus filhos Fernando e Alvaro, e chegou á barra de Goa em Setembro do mesmo anno (Couto VI 1, 1). conforme] =que se emparelha, que corre parelhas com. No português archaico «succeder» empregava-se tambem transitivamente (v. o *Dicc.* de Moraes); d'ahi Cam. empregou o participio passivo na accepção de «aquelle a quem outro succedeu». Sobre a construcção da fortaleza de Diu, v. o com. a X 64, 1-4; a defesa de Diu é celebrada nas quatro est. seguintes. Sobre o primeiro cerco v. X 62, 1-4.

68 O segundo cerco de Diu, posto pelo rei de Cambaia, Mahamude—successor de Badur, que morreu em Fevereiro de 1537 (v. a narrativa da morte no *Oriente Português* II pag. 531 e segg.)—teve principio em Maio de 1546. (Em J. Freire a historia d'este cerco occupa o livro II e parte do III da *Vida de D. João de C.*).

1-2. Abassís] V. o com. a X 50. Rumes] geralmente fallando, são os mahometanos da Turquia. O nome «Rumes», bem como «Rumelia» e «Rumania», liga-se etymologicamente ao nome «Roma», sendo que o imperio Byzantino, de que os Turcos se assenhorearam no sec. XV, era de principio o imperio Romano Oriental, trazido de Roma o nome tem] é locução correspondente ao *nomen quoque traxit ab illis* de Ovidio (*Met.* IV 291).

—Que mil nações ao cerco feras vem—,
Farão dos Ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detém;
Em ſangue Portuguêſ jurão deſcridos
De banhar os bigodes retorcidos.

69. Baſiliſcos medonhos e liões,
Trabucos feros, minas encubertas
Suſtenta Mazcarenhas cos barões
Que tão ledos as mortes tem por certas;
Até que nas maiores opreſſões
Caſtro libertador, fazendo offertas
Das vidas de ſeus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deos ſe ſacrifiquem.

70. Fernando, hum d'elles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Ceo ſubido.

‖ 4 (sem parenth.) ‖ 5 ce. ‖ 6 hũs . tem ‖ 7 . ugues juram

69 1 Li. ‖ 4 tam ‖ 5 Ate may. opr. (v. III 95)
70 4 *A* . erâ *B* . cra cco

4. Que] é particula causal.

5. =Queixar-se-hão em vão [dos decretos] dos Ceos [que lhes parecem injustos,] ao mundo. G. de Amorim mudou arbitrariamente para «aos ceos do mundo», o que, diz elle, já lembrára a Freire de Carvalho.

69 1-2. «basiliscos» e «líões» eram peças de artilharia antigas.

3. D. João Mascarenhas era naquelle tempo capitão-mór de Diu.

5-8. maiores oppressões] é tambem o segundo hemistichio de v 95, 5. libertador] V. adiante a est. 71. offertas] é termo da lingoagem religiosa. e a Deos se sacrifiquem] equivale a: sacrificando-se a Deos. Os filhos de D. João de Castro sacrificam-se a Deos, porque dão a vida batalhando contra os inimigos da religião christã. Nas duas ultimas orações ha a figura que em rhetorica se chama «hysteron-proteron»; cf. *moriamur et in media arma ruamus* (Verg. *En.* II 353).

70 1-4. Os cercadores minaram um dos baluartes; quando a

Alvaro, quando o inverno o mundo eſpanta
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o vence as ondas e os perigos,
Os ventos e deſpois os inimigos.

71. Eis vem deſpois o pai, que as ondas corta,
Co reſtante da gente Luſitana,
E com força, e ſaber, que mais importa,
Batalha dá felice e ſoberana.
Huns paredes ſubindo. eſcuſão porta,
Outros a abrem na fera eſquadra inſana;
Feitos farão tão dinos de memoria,
Que não caibão em verſo ou larga hiſtoria.

71 1 .ay || 2 *B* Com r. || 4 *B* dà || 5 Hũs .usam || 8 *A* vêrso

mina rebentou, aos 10 de Agosto, um dos que então foram pelos ares, foi D. Fernando de Castro, que apenas contava 19 annos de idade (Couto VI 2, 9). ao Ceo] =á mansão dos bem-aventurados. Cco. subido] é tambem o final de II 42, 3.

5-8. D. João de C. enviou em soccorro de Diu «seu filho Dom Alvaro de Castro com hum troço da armada, contra o parecer dos mareantes, que hauião por temerario este acometimento no principio do inuerno» (J. Freire, II 87). E de feito a viagem foi mui tormentosa e cheia de perigos (v. Couto VI 3, 1). o caminho humido] Cf.: as vias humidas (II 67, 1) vence.. os inimigos] Cam. refere-se em particular ao que D. Alvaro praticou em uma sortida que os cercados fizeram; (v. J. Freire II 161-169).

71 D. João de C. determinado a ir elle proprio descercar Diu, partiu com uma armada, composta de doze galcões grossos alêm dos navios de remo, aos 17 de Outubro do mesmo anno de 1546 (J. Freire, III 1-2; Couto VI 3, 9, não assignala o dia). Chegado ao termo da viagem «em tres noites passou a gente à fortaleza por escadas de corda» (J. Freire, III 10). Ordenadas as cousas para ir acommetter o exercito sitiador, sahiu da fortaleza aos 11 de Novembro e deu aos inimigos uma dupla batalha, desbaratando-os completamente, com o que teve fim o cerco (Couto VI 3, 10; 4, 1-2; J. Freire III 12-25).

3. Acerca da superioridade do saber (*conſilium*) sobre a força (*vires*) cf.: *non viribus aut velocitatibus aut celeritate corporum res magnae geruntur, sed conſilio, auctoritate, ſententia* (Cic. *Cat. m.* 6).

4. soberana] =decisiva.

5-8. paredes] são o muro das «estancias» — como diz Couto em VI 4, 1 — do inimigo. Depois de os Portugueses se assenhorearem das estancias do inimigo, foi que «no

72. Eſte deſpois em campo ſe apreſenta
Vencedor forte e intrepido ao poſſante
Rei de Cambaia, e a viſta lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos ſuas terras mal ſuſtenta
O Hidalcham do braço triumphante
Que caſtigando vai Dabul na coſta,
Nem lhe eſcapou Pondá, no ſertão poſta.

72 3 Rey . baya ‖ 4 . idão pradrup. (a corr. é já antiga) ‖ 5 Não ‖ 6 Hyd. ‖ 7 . ay *A* Dâb. *B* Dáb. ‖ 8 *A* . dâ *B* . dà sertão

campo largo» se deu a grande batalha (Couto VI 4, 2). Note-se o trocadilho que ha na palavra «porta», empregada no sentido proprio no 6.º verso, e no translato no 7.º esquadra]=exercito (inimigo). insana]=cheia de furor; cf.: os insanos mares (X 91). larga historia] é tambem o final de IV 64, 6.

72 1-4. Depois de voltar de Diu em 1547, D. João de C. partiu de Goa novamente para o norte com grossa armada, e chegando a Baroche (em 21° 42′ de lat. boreal) subiu o rio até o ponto onde, em dilatada campina, se descobria o exercito do rei de Cambaia, que contava, segundo Couto, mais de 150 mil homens; desembarcou desejando apresentar batalha, mas em vista da desproporção das forças desistiu do intento, e depois de estar tres horas em campo, tornou a embarcar «muito a seu salvo sem os inimigos o inquietarem» (Couto VI 5, 7; J. Freire IV 42-51). da fera multidão quadrupedante] designa, segundo Man. Corrêa, não os cavallos, mas os elephantes do rei de Cambaia. quadrupedante] é o *quadrupedans* da *En.* VIII 596 (F S), XI 614.

5-7. Ainda no anno de 1547, D. João de C., avisado em Baçaim de que o Hidalcão tornara a occupar as terras de Bardez e Salsete, «desamarrou a armada, e indo costeando, auistou a cidade de Dabul, jà famosa pelo castigo que lhe derão nossas armas, e agora dos pórtos do Hidalcão a principal escala» (J. Freire IV 60; cf. Couto VI 5, 9); saltou em terra, tomou a cidade e lançou-lhe fogo (J. Freire IV 61). mal sustenta.. do braço triumphante] é construcção semelhante a: defender de. Hidalcham] parece corresponder ao «Idalxá» (=Adel Xá) de Couto.

8. O feito a que este verso se refere, é anterior aos successos a que alludem os 4 primeiros versos. O Hidalcão tinha-se apoderado das terras de Bardez e Salsete, a que se julgava com direito. D. João de C., antes de partir para o norte, resolveu readquiri-las. Informado de tal resolução, o principe muçulmano mandou retirar das terras a guarnição, que se recolheu a Pondá, situada mais no interior, além de um pequeno rio. D. João todavia «mandou passar avante» e apesar da resistencia que lhe oppôs um destacamento inimigo, atravessou o rio, e chegando junto de Pondá

73. Eſtes e outros barões, por varias partes
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-ſe na terra bravos Martes,
Virão lograr os goſtos d'eſta ilha,
Varrendo triumphantes eſtandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha,
E acharão eſtas Nymphas e eſtas meſas,
Que glorias e honras ſão de arduas empreſas.»

74. Aſſi cantava a Nympha; e as outras todas
Com ſonoroſo applauſo vozes davão,
Com que feſtejão as alegres vodas
Que com tanto prazer ſe celebravão.
«Por mais que da Fortuna andem as rodas»
Nũa conſona voz todas ſoavão
«Não vos hão-de faltar gente famoſa,
Honra, valor e fama gloriosa.»

75. Deſpois que a corporal neceſſidade
Se satiſſez do mantimento nobre,

73 1 Bar. || 4 Ilh. || 6 Pellas (v. IV 64) || 7 .arão Nim. || 8 hõr. sam
74 1 Nim. || 2 apl. || 3 .ejão || 7 hão

viu «todos os capitães do Hidalcão» em ordem de batalha; «com o mesmo passo da marcha, que levava», mandou acometter o inimigo, que sem pelejar se retirou, desamparando Pondá e internando-se no sertão «onde pela aspereza da terra não podia ser seguido». Assim ficaram as terras novamente á obediencia de Portugal (J. Freire, IV 31-41; Couto, V 15, 4).

73 1. partes] = qualidades.
2. maravilha] = grande admiração.

74 3. vodas] V. *R Ph* em «barão».
5. da Fortuna.. as rodas] é expressão proverbial, que ascende á litteratura latina: *Fortunae rotam pertimescebat* (Cic. *in Pis.* § 22); v. Otto, *Die Sprichw. der Römer*. Por causa da rima Cam. empregou o plural em vez do singular.
6. cônsona] Em Sil. Italico: *vox consona linguae* (XVII 444). Na propria lingoa latina é vocabulo raro.

75 1-2. Estes versos representam o *Postquam exempta fames*

E na harmonia e doce ſuavidade
Virão os altos feitos que deſcobre,
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta gloria dobre
As feſtas d'eſte alegre e claro dia,
Pera o felice Gama aſſi dizia:

76. «Faz-te mercê, barão, a Sapiencia
Suprema de cos olhos corporais
Veres o que não pode a vã ſciencia
Dos errados c miſeros mortais.
Siguc-me firme e forte, com prudencia,
Por eſte monte eſpeſſo, tu cos mais.»
Aſſi lhe diz, e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

77. Não andão muito, quc no erguido cume
Se achárão, onde hum campo ſe eſmaltava
De eſmeraldas, rubis, tais que prefume
A viſta, que divino chão piſava.

75 3 arm. ‖ 4 .irão ‖ 5 Thetis
76 1 .ee barão ‖ 3 eiencia (v. v 17)
77 1 .dão ‖ 2 .arão ‖ 3 Esm. Ru. ‖ 4 ehão

epulis da *Eneida* (I 216, que corresponde a *Il.* I 469 e *Odyss.* III 473) (FS). do mantimento nobre] Cf. x 3, 5-6.

4. deseobre] Para sujeito subentende-se «ella» («a harmonia e dòee suavidade» do eanto da nympha).

5. de graça.. e gravidade] = de gravidade graeiosa; ef.: soberba graeiosa (IX 54, 2); quanto á fórma, v. o eom. a «valia e obras» em 138.

6. dobre] V. o eom. a v 59.

76 5. sigue] é fórma archaica.

77 1. que] equivale ao «quando» de I 49, 1.

3-4. Cam., que dizendo «presume a vista» tinha na mente «quem vê», pôs na oração subordinada «pisava», eomo se realmente antes estivesse «quem vê». Semelhantemente esereveu T. Livio (II 59): *quibus nihil in fractus ferox animus Appii cum insuper saevire vellet contionemque advocaret.*., onde para sujeito de *advocaret* tem de subentender-se *Appius*. (G. de Amorim ehegou a pensar ser possivel que o Poeta, por uma sup-

Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clariſſimo por elle penetrava,
De modo que o ſeu centro eſtá evidente,
Como a ſua ſuperficie, claramente.

78. Qual a materia ſeja, não ſe enxerga,
Mas enxerga-ſe bem, que eſtá compoſto,
De varios orbes, que a divina verga
Compôs, e hum centro a todos ſó tem poſto;
Volvendo, ora ſe abaxe, agora ſe erga,

‖ 7 esta ‖ 8 .ficia
78 2 .gasse (v. *R Ph* cm «s») *A* .tâ ‖ 4 .pos so

posta apocope, dissesse «pisava» em vez de «pisavam»!).

5-8. Nas suas *Mythologiae* Planciades finge que lhe appareceu de noite Calliope acompanhada de Urania e da Philosophia, das quaes a primeira trazia na mão uma esphera de crystal: *hyalinae cavitatem sperae.. versabat* (I § 26). vem] de «ver». que] = tal que.

78 As est. 78-90 contêm uma cosmographia segundo o chamado systema de Ptolemeu. (O systema de Copernico, publicado em 1543, só muito posteriormente começou a ter voga). O globo terraqueo, collocado immovel no centro do Universo, é cercado pelo ar, e o ar pelo fogo, i. é, por uma como que atmosphera ignea. Este conjuncto está dentro de uma serie de onze espheras (ou «ceos») concentricas (78, 3-4), pela seguinte ordem: esphera da Lua, de Mercurio, de Venus, do Sol, de Marte, de Jupiter, de Saturno (os sete planetas da antiguidade), esphera das estrellas fixas (v. o com. a II 33) ou Firmamento, o Crystallino, o Primeiro Movel (que imprime o movimento a todas as espheras inferiores), o Empyreo. A descripção do Poeta vae da peripheria para o centro.

1. a materia] do globo. Segundo Aristoteles as espheras celestes não são formadas dos elementos que constituem a região sublunar; v. Weber, *Hist. de la phil. europ.* § 17.

3. orbes]=espheras: *novem tibi orbibus vel potius globis conexa sunt omnia* (Cic. *Somn. Scip.* 4, cit. já por Man. Corrêa). verga] (que representa *virga,* vara) está por «poder». Nesta accepção a palavra — que se encontra no *Orl. fur.* XVII 79 — foi empregada, na nossa litteratura, a primeira vez, ao que parece, por Camões.

4. e hum centro a todos só tem posto] equivale a: pondo a todos um só centro. A oração está coordenada á oração relativa precedente sem que o relativo pertença tambem para ella, como em II 36.

5-6. ora se abaxe, agora se erga, | nunca se ergue ou se abaxa] Quer dizer: A superficie do globo, quer ella desça, vista do equador para o polo austral, quer suba, vista do equador para o polo bo-

Nunca ſe ergue ou ſe abaxa, e hum meſmo roſto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, em fim, por divina arte,

79. Uniforme, perfeito, em ſi ſoſtido,
Qual em fim o archetypo que o criou.
Vendo o Gama eſte globo, commovido
De eſpanto e de deſejo ali ficou.

‖ 6 Nũca sergue (v. *R Ph* em «Elisão») hũ
79 2 Archetipo ‖ 3 eomo. (v. *R Ph* em «immigo»)

real (ef.: *Mundus, ut ad Scythiam Rhipaeasque arduus arces | consurgit, premitur Libyae devexus in austros;* Verg. *Georg.* I 240-241), i. é, tanto em um como em outro hemispherio, em parte nenhuma apresenta elevação ou depressão alguma (*nihil eminens, nihil lacunosum*, diz Cicero na traducção do *Timeo*, 6, — palavras que um critico moderno julga serem interpolação, tomada da obra do mesmo Cicero *De nat. deorum*, II, 18, o que, para este caso é de todo indifferente —), em ponto nenhum a peripheria está a maior ou menor distancia do centro (*cujus omnis extremitas paribus a medio radiis attingitur*, Cic. no lugar cit.), em summa, o globo é perfeitamente, rigorosamente espherico. — Cam. faz trocadilho empregando os verbos «abaixar-se» e «erguer-se» em um sentido no primeiro d'estes versos, e em outro no segundo. — «Volvendo» (intransitivamente, como «revolvendo» em II 92) não se refere a movimento (v. adiante a est. 85, 5-6), como tem pensado traductores e commentadores, que não tem entendido bem estes dois versos, mas sim á fórma de abobada (em italiano «*volta*») que por toda a parte o globo apresenta aos olhos: «hum mesmo rosto | Por toda a parte tem».

7-8. em toda a parte | Começa e acaba] «*Hujus* [*sphaerae*] *autem neque exitus neque initium potes definiri* (Hyg. *Astr.* I).

79 1-2. Uniforme] «*..omnesque partes simillimas omnium* [*habet*]» (Cic. *Tim.* 6). em si sostido] corresponde ao *ponderibus librata suis* de Ovidio, fallando da Terra (*Met.* I 13; FS). o archetypo que o criou] = o archetypo pelo qual (= segundo o qual) foi criado: *Factus est enim mundus sensibilis ad similitudinem et exemplar mundi intellectualis archetypi et ideae mentis divinae* (*Marg. phil*, pag. 518); *Sensibilis mundus mundo defluxit ab illo | mentali archetypo et quaedam est illius imago* (Palingenio, *Zodiacus vitae* VII 483-484); *ex quo efficitur, ut sit necesse hunc, quem cernimus, mundum simulacrum aeternum esse alicujus aeterni* (Cic. *Tim.* 2). Cf. o com. a x 7. O geral dos commentadores entende por «archetypo» não o modelo existente na mente divina, mas sim o Criador, Deos (o «Demiurgo» de Platão; v. Weber, obr. cit. § 16); mas a semelhante conceito não quadram os attributos

Diz-lhe a Deosa: «O trasunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas e hirás e o que desejas.

80. Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber alto e profundo,
Que he sem principio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superficie tão limada,
He Deos; mas o que he Deos, ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

‖ 8 *A* yrâs *B* yras (v. 1 9)
80 1 Ves ‖ 2 Ete. ‖ 3 . .oy sab. ‖ 6 .ficia ‖ 7 q̃ .guẽ ‖ 8 não .tẽde

materiaes de «uniformc» e «cm si sostido». Sobre a accentuação de «archetypo» v. *R Ph* em «Taprobana».

5. trasunto]=transumpto.

6. aqui] i. é, neste globo.

80 1-2. No systema exposto por Cam., a terra (em sentido estricto) e a agoa, (o globo terraqueo), o ar e o fogo—os quatro elementos de Empédocles—constituem a região elemental; a serie de ceos que envolve a região dos elementos, constitue a região celeste ou etherea: *Universalis autem mundi machina in duo dividitur, in aetheream scilicet et elementarem regionem* (J. de Sacrobosco, *Sphaera*, II, ed. de 1556); «A universal machina do mundo se diuide em duas partes—Celestial: e elemental» (P. Nunes, *Trat. da sphera*).

3. o Saber alto e profundo]=«a Sapiencia suprema» de x 76.

5-7. Quem cerca.. | He Deos] A especie de panentheismo contida nesta affirmação assenta no conceito christão que em S.to Anselmo é expresso d'este modo: *ex quo et per quem et in quo sunt omnia* (*Monol.* 79, pag. 40 da ed. de Veneza de 1744), e: *licet nihil sit sine te, non es tamen in loco aut tempore; sed omnia sunt in te: nihil enim te continet; sed tu contines omnia* (*Prosl.* 19, pag. 47). Cam. esquiva a difficuldade de dizer como entende esta «continencia», appellando para a incomprehensibilidade de Deos. superficie tão limada] *Omni autem totam figuram mundi levitate circumdedit* (Cic. *Tim.* 6).

7-8. mas o que he Deos—] *Deus et divina omnia non possunt humana industria aut ingenio comprehendi* (*Index biblicus* da ed. da Vulgata, de Veneza de 1748).

81. Eſte orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em ſi tem,
Que eſtá com luz tão clara radiando,
Que a viſta cega e a mente vil tambem,
Empyreo ſe nomeia, onde logrando
Puras almas eſtão de aquelle Bem
Tamanho, que elle ſó ſe entende e alcança,
De quem não ha no mundo ſemelhança.

82. Aqui ſó verdadeiros, glorioſos
Divos eſtão, porque eu, Saturno e Jano,
Jupiter, Juno fomos fabuloſos,

81 1 . ay ‖ 3 *A* está *B* está tão ‖ 5 Empi. . ca (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 6 estão bem ‖ 7 so ‖ 8 não
82 1 so ‖ 2 . tão

Empyreo

81 1. primeiro] está posto, á latina, na oração relativa; propriamente: Este orbe primeiro, que—.
2. tem]=contêm.
3-4. *Coelum undecimum immobile.. est corpus subtilissimum.. figuratione lucidum.. dei summum habitaculum* (*Marg. phil.* pag. 526). Chegado ao ultimo céo, Dante diz que: *Così mi circonfulse luce viva, | E lasciommi fasciato di tal velo | Del suo fulgòr, che nulla m'appariva* (*Par.* xxx; FS). vil] como *vilis*, de menos valor; réfere-se ao homem terreno em contraposição ás creaturas celestiaes e aos bem-aventurados.
5-8. Entre os christãos o Empyreo tornou-se a mansão dos bem-aventurados (v., por ex., Dante no *Par.* xxx). puras almas]=puros espiritos. aquelle Bem] o Summo Bem, Deos. O gozo consiste na contemplação das perfeições divinas; é o que na lingoagem mystica se chama «visão beatifica». aleança] é synonymo de «entende»; «elle só se entende e aleança»=elle só se comprehende a si cabalmente. De quem não ha no mundo semelhança] pertenee para «aqnelle Bem». *Amor di vero ben pien di letizia, | Letizia, che trascende ogni dolzore* (Dante *Par.* xxx). E' de estranhar que FS pense que esta oração se refere a «Empyreo».

82 1-2. Divios] O termo *divus*, com que a Roma imperial designava os imperadores divinizados, serviu aos Ciceronianos da Renascença para exprimir a ideia de «Santo» (v. g. *divus Antonius*, S.to Antão).
2-4. A conhecidissima theoria apresentada por Euhémero — ou, com a pronuncia do grego decadente, Evhémcro —, no IV sec. a. Chr., de que os deoses outra cousa

Fingidos de mortal e cego engano;
Só pera fazer verſos deleitoſos
Servimos; e ſe mais o trato humano
Nos pode dar, he ſó que o nome noſſo
Neſtas eſtrellas pôs o engenho voſſo.

83. E tambem, porque a ſancta providencia,
Que em Jupiter aqui ſe repreſenta,
Por eſpiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que ſuſtenta
—Enſina-o a prophetica ſciencia
Em muitos dos exemplos que apreſenta—,

‖ 5 So ‖ 7 so ‖ 8 pos
83 1 santa (sanet.: II 11, 13, 15, 64, 73; III 56, 72, 74, 87, 88, 140; IV 52, 62, 75, 76, 87, etc.) ‖ 5 Insinalo (a correcção é já antiga; v. II 70) (sem parenth.)

não eram senão homens que tendo-se assignalado por feitos militares ou por serviços prestados á humanidade, foram divinizados depois da morte, teve acceitação entre os Padres da Igreja: por ex., S. Cypriano escreve: *Deos non esse quos colit vulgus, hinc notum est. Reges olim fuerunt, qui ob regalem memoriam coli apud suos postmodum etiam in morte coeperunt* (*Quod id. dii non sint*, 1, pag. 19 do 1 volume do *Corpus script. eccl. Lat.*). E' a theoria seguida por Cam. aqui e em IX 90-92. O 4.º verso explica e desenvolve a ideia de «fabulosos» do verso preeedente.

5. deleitosos] é nome predicativo de «fazer».

6. o trato humano] a sociedade humana, a que perteneemos.

7-8. estrellas] em sentido lato (v. o com. a II 33): as estrellas propriamente dictas, v. g. Pollux, as constellações, v. g. a Virgem, e os planetas, v. g. Jupiter.

83 A oração causal de «porque» está subordinada á primeira oração da est. seguinte; por outra, a est. 83 é prótase em relação á 84, que é apódose.

2. Que em Jupiter aqui se repreſenta] por isso que Jupiter é na mythologia classica o deos supremo.

3-4. L. C. Rhodigino no summario de II 1 tem: *Angelos à Deo praefectos humanis rebus;* cf. [*Deus*] *mundum gubernari voluit per angelos* (Ps.-Cypr. *De dupl. mart.* 11).

espiritos] os espiritos angelicos, tanto os bons como os máos (v. os dois ultimos versos da est.). «mil» designa um numero grandissimo: Acaso cuidas tu, que eu não posso rogar a meu Pai, e que elle me não porá aqui logo promptas mais de doze legiões de Anjos? (S. Matth. XXVI 33). prudencia] = intelligencia.

5-6. V. o texto de S. Mattheus acabado de citar e o de Job citado adiante. a prophetica sciencia] está em sentido lato e designa

Os que ſão bons, guiando, favorecem,
Os maos, em quanto podem, nos empecem;

84. Quer logo aqui a pintura, que varía,
Agora deleitando, ora enſinando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poeſia
A ſeus Deoſes já dera fabulando;
Que os Anjos da celeſte companhia
Deoſes o ſacro verſo eſtá chamando,
Nem nega que eſſe nome preminente
Tambem aos maos ſe dá, mas falſamente.

|| 7 bõs || 8 *A* ompecem
84 1 *A* .îa *B* .ia || 2 insin. (v. 11 70) || 5 de (a corr. é já antiga) || 6 *A* .tâ *B* .tà || 8 *A* dà

a Escriptura Sagrada em geral. (Entre os Hebreus «a Lei e os Prophetas» era modo usual de designar os Livros Santos).

7-8. em quanto podem]=dentro dos limites do poder que Deos lhes concede; assim no Livro de Job lê-se: Disse pois o Senhor a Satanaz: Olha, tudo o que elle tem, está em teu poder; somente não estendas a tua mão contra elle (1 12).

O parenthese dos versos 5 e 6 deu lugar a que as orações de «favorecem» e «empecem» ficassem anacoluthicamente coordenadas á de «Por espiritos mil.. | Governa o mundo todo», quando, em rigor, haviam de ter a fórma de subordinação: servindo os bons de favorecerem e os máos de empècerem.

84 1-2. logo]=por isso; refere-se á oração causal da est. precedente: «porque—»; cf.: *Quia natura mutari non potest, idcirco verae amicitiae sempiternae sunt* (Cic. *Lael.* § 32). a pintura que varía] é a poesia; «agora deleitando, ora ensinando» é o *lectorem delectando pariterque monendo* de Horacio (*Épist. ad Pisones*, 344).

3-4. lhe] i. é, aos espiritos angelicos, ministros da Providencia no governo do mundo.

5-8. Cam. quer dizer, que o designar a Poesia os ministros da Providencia com os nomes dos deoses do paganismo é tanto menos de estranhar, porque já nos Livros Santos se applica aos anjos o nome de «deoses». os Anjos da celeste companhia] os anjos bons, que estão no Ceo, «o sancto coro dos Anjos, de v 60, em contraposição aos «[anjos] maos» do verso 8.º o sacro verso]=a Escriptura sagrada («verso»=*versus*, i. é, a linha de escripta, está em sentido collectivo). O bispo Gilbert Génébrard (1537-1597), annotando o psalmo 49, escreve: «*Deus Deorum, Angelorum, vel juxta Iudaeos principumr te judicum*».

A ligação das ideias nas est. 82 a 84 não tem sido comprehendida. Bastará dizer que A. Coelho

85. Em fim que o ſummo Deos, que por ſegundas
Cauſas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaxo d'eſte circulo, onde as mundas
Almas divinas gozão, que não anda,

85 1 sumo (v. *R Ph* em «immigo») || 4 mão || 6 gozão

(a quem segue D. Car. M. de Vasconcellos) pôs ponto e virgula no fim da est. 82 (Burton pôs dois pontos), e, com os demais editores, ponto final no fim da est. 83, e igualmente no cabo do 4.º verso da mesma est., e, com os demais editores, traductores e commentadores, não viu que os versos 5 e 6 da est. 83 constituem um parenthese; e o Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto*, 1908, pag. 152) suppôs que o primeiro verso da est. 83 era, no manuscripto de Cam.: E tambem que a Divina Providencia. Só Barb. de Bettencourt, que eu saiba, indicou claramente, que é á est. 83, no seu conjuncto, que se liga a est. 84.

85 1-2. Em fim que]=em summa; «em fim que» do mesmo modo que em «certamente que, talvez que» etc.; cf. v 83, 1.

«causas segundas» é expressão da lingoagem philosophica; contrapõe-se a «a causa primaria, a causa das causas» i. é, Deos. Estes dois versos exprimem o conceito de que, quaesquer que sejam os agentes que se apresentem nas ficções poeticas, não se ha-de perder de vista, que é Deos quem primariamente dispõe tudo.

Primeiro Movel

Em 3-8 ha um modo abreviado de dizer, usado tambem na prosa, v. g. «Descendo ao material destas casas, concordando ambas em estarem afastadas do pouoado, differença faz não pequena..» (Luis de Sousa, *Hist. de S. Dom.* II 2, 3; rigorosamente: Descendo ao material desta casa, direi que—).

3. E] serve de reatar o fio do discurso depois da interrupção que vae da est. 82 ao fim do 2.º verso da presente estancia. profundas]=altas; é latinismo: *caelumque profundum* (Verg. *Georg.* IV 222).

5-6. circulo]=esphera; *orbis* é tanto «circulo» como «esphera».

que não anda] O Empyreo, no systema exposto por Cam., não tem movimento absolutamente nenhum: *Caelum autem empyreum non est mobile* (S. Thomás, *Summa* I 66, 3); *Caelum undecimum immobile* (*Marg. phil.* já cit.); *Caelum autem Empyreum omni motu caret* (*Comm. Collegii Conimbr... in quatt. libr. de Caelo..*, 5.ª ed., 1618, pag. 207).

Outro corre tão leve e tão ligeiro,
Que não ſe enxerga: he o Mobile primeiro.

86. Com eſte rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro no ſeio;
Por obra d'eſte o Sol andando a tento
O dia e noite faz com curſo alheio.
Debaxo d'eſte leve anda outro lento,
Tão lento e ſojugado a duro freio,
Que, em quanto Phebo, de luz nunca eſcaſſo,
Dozentos curſos faz, dá elle hum paſſo.

‖ 7 tam tam ‖ 8 não
86 2 Vão .eyo ‖ 3 *A* atento ‖ 4 .eyo ‖ 6 Tam *A* sojuzgado .eyo ‖ 8 *A* dâ *B* da

7. Cf.: o ceo ligeiro e leve (III 22, 6).

8. Que não se enxerga] i. é, que a vista não pode descobrir que elle se move.

A razão do nome «Primeiro Movel» é dada na primeira metade da est. immediata.

86 1-2. rapto] era o termo technico designativo do movimento do Primeiro Movel. Neste systema o Primeiro Movel imprime o movimento de oriente para occidente a todas as espheras celestes inferiores, fazendo-lhes dar uma volta completa em 24 horas.

todos] sc. os circulos ou espheras: (*Caelum decimum*).. *illo motu secum rapit omnes sphaeras inferiores* (*Marg. phil.*, pag. 526); *mobile primum | intra se positas sphaeras rapit* (Paling., *Zod. vit.* XI 353-354).

3-4. d'este] Primeiro Movel.

com curso alheio] O movimento do sol, de que resulta o dia e a noite, não é movimento proprio, mas effeito do Primeiro Movel.

Crystallino

5-8. «*Coelum nonum.. a quibusdam aqueum, ab aliis crystallinum appellatur* (*Marg. phil.* pag. 527-528). Pedro Nunes no *Tratado da sphera* publicado em 1537, diz em nota marginal do fol. 2.º *v.*, fallando do movimento do Crystallino: «nã he em cem ãnos hũ grao mas em 200 hũ grao e 23 minutos». Cam. arredonda o numero de gráos, quando diz que no espaço de 200 annos solares o Crystallino anda um passo ou gráo.

87. Olha o outro debaxo, que eſmaltado
De corpos liſos anda e radiantes,
Que tambem nelle tem curſo ordenado
E nos ſeus axes correm ſcintillantes.
Bem vês como ſe veſte e faz ornado
Co largo cinto de ouro, que eſtellantes
Animais doze traz afigurados,
Apouſentos de Phebo limitados.

88. Olha por outras partes a pintura
Que as eſtrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cynoſura,
Andromeda e ſeu pai, e o Drago horrendo;

87 1 *B* estouro (em vez de «o outro») || 4 .tilantes || 5 ves || 6 dou. (v. *R Ph* em «Elisão») *B* estrellan. || 8 Apos. (a corr. é já antiga)
88 2 vão || 3 car. Cin. || 4 .ay dra. .ẽdo

Firmamento

87 1. debaxo] sc. do Crystallino.

2. corpos lisos.. e radiantes] as estrellas (fixas).

3. tem curso ordenado] «[*stellae*] ..*ita semper se habentes* [i. é, guardando sempre as mesmas distancias umas em relação ás outras] *tendunt in occasum continue et uniformiter* (Sacrobosco, *Sphaera*, II).

4. nos seus axes] nos axes ou pólos, i. é, no eixo (ou, como se diz modernamente, sobre o eixo) da esphera. Em latim *axis* toma-se tambem por «pólo»: *axis inocciduus* (o pólo boreal) em Lucano, *axis meridianus* em Vitrubio.

5. O largo cinto de ouro]=o Zodiaco.

7. Nem todas as figuras dos doze signos são de animaes; mas este modo geral de dizer occorre nos proprios tratados technicos, por ex. Sacrobosco diz:.. *quaelibet pars appellatur signum et nomen habet speciale a nomine alicujus animalis.*

8. Os signos do Zodiaco appellidam-se tambem «casas do sol».

limitados] emquanto cada um pertence a seu mês.

88 1-2. por outras partes] sc. do Firmamento, fóra do Zodiaco.

a pintura | Que as estrellas fulgentes vão fazendo] corresponde ao *stellisque quibus pingitur aether* de Seneca na *Medea*, 310.

3. a Carreta] é traducção de *Plaustrum*, nome com que tambem se designa a Ursa Maior (Hyg. *Astr.*, II). a Cynosura] a Ursa Menor.

4. Andromeda] era filha de Cepheo e de Cassiopea. o Drago] ou Dragão.

Vê de Caſſiopea a fermoſura,
E do Orionte o geſto turbulento;
Olha o Ciſne morrendo que ſuſpira,
A Lebre e os Cães, a Nao e a doce Lyra.

89. Debaxo d'eſte grande Firmamento
Vês o ceo de Saturno, Deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,

‖5 *A* Ve *B* Vè‖6 *A* Oriente (v. o com.)‖7 sosp. (v. IV 38)
‖8 *B* Lebre, os Cães (sem «e» depois de «Lebre») Lir.
89 1 fir. ‖ 2 Ves ‖ 3 *A* Iupî.

6. Crendo haver erro typographico em «turbulento», que não rima com «horrendo», uns tem escripto «vê tremendo», lição que F S diz ter achado no supposto 2.º manuscripto de Man. Corrêa (Caldera traduz: *y de Orion la cara horrible viendo*), outros «metuendo» lição proposta por Freire de Carvalho. Não é nada provavel, que um compositor, vendo escripto «metuendo» ou «vê tremendo» lesse «turbulento». Parece-me pois, que, segundo digo na *Introducção* a pag. 11, foi o proprio Cam. que distrahidamente escreveu «turbulento». A constellação de Orion suppunha-se trazer chuvas e tempestades, e d'ahi vem os epithetos que lhe dão os poetas, de *nimbosus* (Verg. *En.* I. 535), *aquosus* (id. ibd. IV 52) *saevus* (id. ibd. VII 719), *tristis* (Hor. *Epod.* X 10), *nautis infestus* (id. ibd. XV 7). Por outro lado *turbidus* e *turbulentus* tem frequentemente a accepção de «procelloso» v. g. em *turbida tempestas* (Cic.), *turbidus Auster* (Hor.), *turbida nubila* (Verg.), *turbulenta tempestas* (Cic.). Conseguintemente Cam. havia de achar o epitheto muito apropriado àquella constellação. F S suppõe, com pouca probabilidade, que o Poeta pretendia que se pronunciasse «turbulendo», assim como em IV 32 escrevendo «Magno», queria que se pronunciasse «Manho» para rimar com «tamanho». (Man. Corrêa não faz o mais pequeno reparo a «turbulento»). Sobre a forma «Orionte» v. o com. a VI 85.

7. Allude á lenda de que se falla em IX 43. «morrendo» foi transposto para antes do relativo.

8. Mablin (*Lettre . . sur le texte des Lusiades*) observa finamente que a conjuncção «e» entre os dois primeiros termos serve, como em «Andromeda e seu pai» de indicar que «a Lebre» e «os Cães» formam um grupo: *le lièvre Et les chiens* (*qui le poursuivent*).

os Cães] o *Canis major* (a que pertence o Sirio) e o *Canis minor* ou *Procyon*. a Nao] Argo; v. IV 85, 7-8. e a doce Lyra]. Cf. *dulcemque Lyram* (Paling. *Zodi. vit.* XI 142).

CEOS DOS SETE PLANETAS

89 2. Deos antigo] como pae de Jupiter. 3. logo] = em seguida (a Saturno).

E Marte abaxo, bellico inimigo;
O claro olho do ceo no quarto aſſento,
E Venus, que os amores traz comſigo,
Mercurio, de eloquencia ſoberana;
Com trez roſtos debaxo vai Diana.

90. Em todos eſtes orbes differente
Curſo verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra eſtão caminho breve,
Bem como quis o Padre omnipotente,

‖ 6 cons. (v. 1 57) ‖ 8 *B* debai. vay
90 2 .eras nūs ‖ 5 pa.

---

89 5 Ille ego sum, dixit, qui longum metior annum, | omnia qui video, per quem videt omnia tellus, | mundi oculus (Ov. *Met.* IV 226-228) FS.

8 tria virginis ora Dianae (Verg. *En.* IV 511) FS.

5. claro]=brilhante, como em 1 24. quarto assento] equivale a: quarto céo (tanto contando da peripheria para o centro como vice-versa).

8. com tres rostos] *triformis* é epitheto dado á deosa que no Ceo tem o nome de Lua, na terra o de Diana, nos infernos o de Hécate: *diva triformis* (Hor. *Od.* III 22, 4), *Hecate triformis* (Sen. *Medea* 7).

90 1-2. estes orbes] os ceos dos sete planetas. grave]=lento leve]=ligeiro. Os planetas completam a sua revolução propria em tempos differentes; por outra, cada planeta tem o seu anno.

3-4. O centro dos céos dos sete planetas coincide com o da Terra (x 78, 4). Para explicar a differente distancia em que os pontos da orbita dos planetas estão em relação á Terra, este systema suppõe que a orbita de cada planeta — considerada circular ainda por Copernico — está incluida na espessura do respectivo céo, porêm mais chegada de uma parte do que da outra á superficie do seu céo, de modo que o centro da orbita planetaria não coincide com o centro da Terra: a orbita é, segundo a expressão technica, excentrica. (A *Marg. phil.* traz desenhos elucidativos a pag. 561 e seguintes). longamente]=a grande distancia.

Região elemental

5-6. A oração «Que o fogo—» não tem, em rigor, connexão com o que vae dicto antes, servindo o pronome relativo unicamente de

Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por ſeu centro.

91. Neſte centro, pouſada dos humanos
Que não ſòmente, ouſados, ſe contentão
De ſoffrerem da terra firme os damnos,
Mas inda o mar inſtabil exp'rimentão,
Verás as varias partes que os inſanos
Mares dividem, onde ſe apouſentão
Varias nações, que mandão varios Reis,
Varios coſtumes ſeus e varias leis.

92. Vês Europa Chriſtã, mais alta e clara
Que as outras em policia e fortaleza;
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza,
Co cabo que atèqui ſe vos negára,
Que aſſentou pera o Auſtro a Natureza;

‖ 7 .eras

91 2 so. ‖ 3 .anos (v. I 93) ‖ 4 esp. (v. IV 95) ‖ 5 *A* .crâs *B* .eras ‖ 7 .andão

92 1 Ves .tãa (v. IV 95) ‖ 3 Ves ‖ 4 .ca (v. *R Ph* em «-cia») ‖ 5 Cab. ate qui *A* .gâra ‖ 6 nat.

assignalar a transição para o que vae dizer-se do mundo sublunar.

o ar, o vento e neve] designam um e mesmo elemento.

8. co mar] pertence para «a terra» («a terra com o mar» = o globo terraqueo»): *Terra unam cum aqua.. constituens sphaeram* (*Marg. phil.* VII 1, cap. 43).

TERRA

91 2. não sòmente.. se contentão] por: não se contentão sòmente.

5-6. os insanos mares] Em Seneca: *insanum mare* (*Agam.* 538); em Garcilaso: *la mar insana* (ecl. III, pag. 473 da ed. de 1580).

8. leis] como em I 64, 4; cf. na est. seguinte: Europa Christã.

92 2. as outras] sc. partes do mundo; v. na est. anterior o 5.º verso.

5-6. o cabo—] de Boa Espe-

Olha eſſa terra toda, que ſe habita
D'eſſa gente ſem lei, quaſi infinita.

93. Vê do Benomotapa o grande imperio,
De ſelvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pola fé ſancta ſua.
Nace por eſte incognito Hemiſperio
O metal por que mais a gente ſua;
Vê que do lago d'onde ſe derrama
O Nilo, tambem vindo eſtá Cuama.

‖ 8 .ey

93 1 *A* Vé *B* Vè ‖ 4 *A* .erâ *B* .erà polla (v. IV 48) ‖ 5 aste ‖ 6 *A* metâl ‖ 7 Ve ‖ 8 *A* estâ

rança. «assentar» é termo geographico antigo.

7-8. Sobre a syntaxe, v. o com. a I 52.

93 «*Grand empire nègre de l'Afrique australe.. Il paraît avoir été situé sur les rives du Zambèze inférieur, côte de Sofala. L'empire de Monomotapa a disparu au milieu du XVIIIe siècle*» (*La Grande Encycl.*, em «Monomotapa»). «hũa grande região que senhorea hum principe gentio chamado Benomotapa» (Barros I 10, 1). «Este principe que chamamos Benomotapa ou Monomotapa..» (id. ibd.). Theal, na obra já cit., *The Port. in South Afr.*, explica a pag. 122 a concorrencia das duas fórmas «Monomotapa» e «Benomotapa».

3-4 Gonçalo da Silveira, tendo entrado para a Companhia de Jesus, missionou no Monomotapa, onde, por instigação de um caciz mahometano, foi, como feiticeiro, assassinado de ordem do monarcha (que fôra baptizado por elle) aos 16 de Março de 1561). Cam., que era amigo d'elle, celebra-o tambem no soneto «Não passes caminhante..».

vituperio] como em I 65, 5.

5-6. Barros (I 10) falla das minas de ouro da região de Sofala.

Tratando-se de substancias pertencentes ao reino mineral, era corrente entre os latinos o emprego do verbo *nasci* (v. um texto de Cesar e outro de Plinio no *Dicc.* de Freund); tambem J. de Barros diz: «o lugar onde se cria o ouro» (I 10, 1). Quanto ao 6.º verso cf. «sendo [o ouro] a cousa por que o gêral dos homens maes trabalha» (Barros III 3, 5); v. tambem VII 62, 6.

7-8. «E destes tres notaueis rios que ao presente sabemos procederem deste lago.. o que corre per maes terras, he o Nilo. O rio que vem contra Sofala, despois que sae deste lago e corre per muita distancia se reparte em dous braços.. o outro braço sae abaixo de Sofala vinte cinco legoas chamado Cuama» (Barros I 10, 1). No Atlas de Mercator, a pag. 36 da ed. augmentada que J. Hondt publicou em 1613, lê-se: *Lacus aliquot immensi sunt in Africa ..quorum praecipuus est Zembe monnullis*

94. Olha as caſas dos negros, como eſtão
Sem portas, confiados em ſeus ninhos,
Na juſtiça real e defenſão,
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha d'elles a bruta multidão,
Qual bando eſpeſſo e negro de eſtorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com deſtreza.

95. Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não ſouberão os antigos;
Vê-lo rega, gèrando o cocodrilo,
Os povos Abaſſis, de Chriſto amigos;

94 3 .fensam ‖ 6 *B* bãdo Est. ‖ 7 .terà ‖ 8 *A* .derà *B* .dera Nhaya

95 1 la ‖ 3 *A* ve *B* Ve ger. (v. 1 65) *A* Cocodrilo *B* Crocodilo ‖ 4 .assis

---

94 6 Entonces siempre (como sabes) anda | d'estorninos bolando a cada parte | d'aca i alla la espessa i negra vanda (Garcilaso, ecl. II pag. 458 da ed. de 1580) (FS).

dictus.. distans ab Aequatore versus meridiem gradibus undecim.. ex quo profluunt Nilus, Zaire, et Cuama amnes.

94 1-4 «[No Monomotapa] toda a outra gente [afora nos grandes senhores] não tem portas: e diz elle [o imperador] que as portas não se fizerão senão por temor dos malfeitores, e pois elle he justiça que os pequenos não tem que temer, e se as dà aos grandes he por reuerencia de suas pessoas» (Barros I 10, 1). real] pertence tambem para «defensão».

5-8. Pero da Nhaia, castelhano de nação, levantou em 1505 a fortaleza de Sofala. Barros, em I 10, 3, refere «Como Pero da Nhaya, foi cercado per os cafres da terra».

bando.. de estorninhos] ψαρῶν νέφος na *Iliada* XVII 755 (FS). Burton vê no simile reminiscencia d'este passo de Varthema: *e quamdo vanno a far qualche corrèria vanno stretti, come stornelli* (cap. 7.°).

95 1-2. Segundo Ptolemeo, existiam ao sul do equador duas lagoas — a oriental e a occidental — das quaes sahiam dois rios que se juntavam no equador formando um só curso. A determinação precisa das origens do Nilo data, como é sabido, da 2.ª metade do sec. XIX, e então se reconheceu que o antigo geographo não andou muito longe da verdade.

3-4. O Nilo Azul é o que rega a Abessinia (v. o com. a IX 50, 7), cujos habitantes são, na maioria,

Olha como sem muros — novo estilo —
Se defendem milhor dos inimigos;
Vê Meroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

96. Nesta remota terra hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro:
Ha-de ser Dom Cristovão o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obí: entra em Quilmance.

‖ 7 Ve .oy ‖ 8 *A* .bâ
96 2 *A* coutra *A* .râ *B* .ra ‖ 3 dom ‖ 5 Ve ca Cos. ‖ 8 .bî *B* .mance

christãos pertencentes á seita monophysita, introduzida neste país no IV seculo. gèrando o cocodrilo] [*Nilus*] *hippopotamos crocodilosque vastas beluas gignit* (Pomp. Mela I § 52). A fórma «cocodrilo» — em castelhano «cocodrilo», em italiano «coccodrillo» — é corrente no sec. XVI.

7-8. «..ao fim da ilha Meroe, que ao presente se chama Nobá» (Barros III 4, 1). «Meroe» é a fórma greco-romana do nome de uma região da Nubia, que tida outr'ora por ilha (*circa Meroën late patentem insulam*, Pomp. Mela I § 5) e como tal representada nos mappas antigos, é limitada, por tres dos seus lados, pelo Nilo Azul, pelo Nilo Branco, e pelo Astabar, affluente do Nilo Branco. Sobre a syntaxe «dos naturaes.. se chama» v. o com. a I 52.

96 1-4. Na 3.ª decada do sec. XVI o xeque de Zeila, que se tinha feito vassallo do sultão da Turquia, aproveitando-se de o principe da Abessinia ser ainda menor, invadiu-lhe os Estados auxiliado pelos Turcos e apoderou-se de grande parte do imperio. A mãe do imperador, sabendo que o governador da India estava em Massuá, enviou-lhe uma embaixada a pedir-lhe soccorro. O governador, D. Estevão da Gama, accedeu ao pedido e deu o mando da pequena força expedicionaria a seu irmão Christovão, que partiu em Julho de 1541. Depois de alguns recontros de exito prospero para os Portugueses, feriu-se uma grande batalha em que a victoria se declarou pelo xeque de Zeila, e D. Christovão cahiu prisioneiro e foi degolado pelo proprio xeque. Note-se o quão de leve e obscuramente a nympha se refere ao fim desastrado de D. Christovão, para não magoar o coração do pae.

5-6. V. II 72 e seguintes e VI 1-5.

7-8. «..ao Reyno Adeà [na

97. O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Goardafú dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
Eſte como limite eſtá lançado
Que divide Aſia de Africa; e as milhores
Povoações que a parte Africa tem,
Maçuá ſão, Arquico e Çuaquem.

97 1 *A* Ca. ve *A* Aromâta *B* Aromatà || 2 *A* .afu *B* .afû || 4 roxo cor. || 5 esta || 7 *B* que parte (sem «a») || 8 *A* .açuâ *B* .çuà sam *A* .quiro *A* Cuamquem *B* Suamquem (a nasalação do *a* é devida, no compositor, a influencia da syllaba nasal seguinte)

Abessinia].. nas serras do qual nasce o Obij, a que Ptolemeu chama *Raptus*, que vai sair ao Oceano na pouoação de Quilmance junto de Melinde» (Barros III 4, 1). (Barros tambem falla do Rapto em II 1, 2, e em I 8, 4, onde diz que o Obi na parte inferior do curso é chamado «Quilmance pelos mouros que o vizinhão; por causa de hũa pouoação assi chamada que. estâ em hũa das principaes bocas delle junto do Reyno de Melinde»). Segundo se vê, Barros, ao passo que identifica o Rhapto da geographia antiga com o rio Sabaki, que entra no mar ao norte de Melinde, suppõe erradamente que é um dos rios que nascem na Abessinia.

romance] (representante do adverbio *romanice* do baixo-latim) designa originariamente as lingoas romanicas em contraposição ao latim-litterario; mas tomou em português tambem a significação de «lingoa vulgar de uma terra».

entra] sc. no mar.

97 1-2. «..no promontorio Aromata a que ora chamamos cabo de Guardafu (Barros I 8, 4). H. Schlichter quer que o Aromata seja o moderno Ras Aswad (*The Academy*, 1891, n.º 1010). Nos nossos escriptores antigos tambem occorrem as fórmas «Guardafum» (Cast. I 53) e «Guardafui» que é a fórma actual.

4. «Da cidade de çuaquem ate Alcocer, que sera caminho de 136 legoas, he o mar todo coalhado de restingas, e parcees; e o fundo destas restingas he de huma pedra chamada pedra coral.. e he esta pedra tam semelhante a elle [coral] que enganara toda pessoa que não for muito pratica em seu nascimento e natureza. A cor desta pedra he em duas maneiras huma muito branca a maravilha, e a outra grandemente vermelha.. por caso que a pedra das restingas era a maior parte de coral vermelho: creio ser a rezam porque ganhou o nome de Mar Roxo» (D. João de Castro, *Roteiro*, já citado por outros commentadores).

5. Este] sc. Mar Roxo.

7. a parte Africa] i. é, a costa africana do mar Vermelho. «Africa» é adjectivo.

98. Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arſinoe, e ao preſente
Tem das frotas do Egypto a poteſtade.
Olha as agoas, nas quaes abrio patente
Eſtrada o grão Mouſés na antiga idade.
Aſia começa aqui, que ſe apreſenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

99. Olha o monte Sinai, que ſe ennobrece
Co ſepulchro de ſancta Catherina;
Olha Toro e Gidá, que lhe fallece
Agoa das fontes, doce e cryſtallina;

98 1 Ves‖2 .oy‖3 qne‖4 Egi.‖6 gram .ses yd.‖8 *A* terrás
99 1 .ay‖2 Cater.‖3 *A* .dâ *B* .dà fale. (v. VI 17)‖4 cristali.

98 1-3. «..ao porto de Suez que està no ultimo seo do mar roxo, onde antigamente foi a cidade dos Heroas» (Barros I 9, 1). A mesma identificação se encontra no *Roteiro* de D. J. de Castro, pag. 212, cit. já por outros commentadores. «a cidade dos Heroas» traducção do *Heroon oppidum* de Plinio (*N. H.* VI § 165), ficava muito mais ao noroeste da moderna Suez, perto de Ismaïlia. O equivoco é já de Plinio que a colloca á beira do golfo de Suez, o *sinus Heroopolitanus* dos antigos. Cam., accentuando «Héroas» (representativo do accusativo do plural do nome grego), pronuncia em conformidade com a accentuação grega. Sobre Arsinoe, v. IX 2.

3-4. «Esta pouoação Suez ao presente não he habitada de maes gente, que de officiaes de fazer nauios pera as armadas que o Soldão fazia, e ora o Turco faz pera a India, e de gente que está em guarda destas velas» (Barros II 8, 1).

5-6. «Entre os moradores deste lugar Tor hc fama que per ali passou Moyses o pouo de Israel vindo fugindo de Pharaó» (id. ibd.); cf. IV 63, 1-2. patente]=larga. «Mousés» é fórma parallela de «Moysés»—como «ouro» e «oiro»—; occorre tambem no *Roteiro* de D. J. de Castro, pag. 201, 202, 210.

99 2. o sepulchro de Sancta Catherina] no mosteiro de S.ta Catharina Egypcia (v. X 43, 8), no cimo do Sinai. «sancta Catherina» é tambem o final de X 43, 8.

3. Toro] na peninsula do Sinai, na costa occidental. De Gidá já Cam. fallou em IX 2 e 3. que lhe]=a que; v. o com. a I 95.

Olha as portas do eſtreito que fenece
No reino da ſeca Adem, que confina
Com a ſerra Darzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos ſe não deriva.

100. Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomão, todas da gente vaga e baça,
D'onde vem os cavallos pera a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a coſta que corre até que cerra
Outro eſtreito, de Perſia; e faz a traça
O cabo que co nome ſe appellida
Da cidade Fartaque ali ſabida.

‖ 6 rey. ‖ 8 Ce. não
100 2 Tomão ‖ 3 .alos (v. VI 52) ‖ 5 ate ‖ 7 Ca. ape.

5. as portas do estreito] que se chamava «de Meca», — o estreito de Bab-el-Mandeb.

6-8. «..a serra que está sobre ella [Aden].. a que os Mouros chamão Darzira a qual he toda de hũa pedra viua sem aruore, nem herua verde» (Barros II 7, 8). No cap. anterior Barros diz: «hũa serra a que os da terra chamão Darzina, que vae fenecer em Aden». «[Aden] está quasi como em ilha situada ao pé de hũa serra.. Esta serra que digo se chama aizina e he toda de pedra sem nenhũa aruore nem herua.. he a terra tão quente e seca que logo se faz dous tres annos que não choue se não se ha algũa toruoada» (Cast. III 104).

100 1. as Arabias tres] V. IV. 63, 7-8.

2. vaga] = nomada: *Gaetuli et Lubies.. vagi palantes* (Sall. *Jug.* 18).

3-4. «*bello armantur equi*» (Verg. *En.* III 540); «*utilium bello ..equorum*» (Ov. *Met.* XIV 321). feroces] como em VII 53. Segundo é sabido, a raça arabe de cavallos é a mais nobre.

5-8. Barros descrevendo a costa maritima da Asia, divide-a em nove partes, e diz: «A primeira tem seu principio na boca do estreito do mar a que propriamente chamamos Roxo e acaba na boca do outro Parsio [o estreito de Ormuz]» (I 9, 1). a costa que corre até que cerra | Outro estreito, de Persia] = a costa (da Arabia) que vae do estreito do mar Vermelho até onde a termina outro estreito, o da Persia (cf. «Outro mestre cruel, de Calatrava» IV 40). faz a traça | O cabo —] = a linha da costa fórma (bojando) o cabo de Fartaque. Da cidade Fartaque ali sabida] i. é: da sabida [= conhecida] cidade de Fartaque ali situada.

101. Olha Dofar inſigne porque manda
O mais cheiroſo encenço pera as aras;
Mas atenta: já cá d'eſt'outra banda
De Roçalgate e praias ſempre avaras
Começa o reino Ormuz, que todo ſe anda
Pelas ribeiras, que inda ſerão claras,
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a eſpada.

102. Olha o cabo Aſaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes;
Por aqui entra o lago que he fechado

101 3 ca *A* estroutra || 4 pray. || 5 *A* rcy. || 6 Pellas (v. IV 49) || 7 .les || 8 Castcl br.
102 1 Ca. || 2 .andão

101 1-2. «fica neste meio [entre o cabo de Fartaque e as ilhas de Curia Muria] a cidade de Dofar.. donde ha o melhor e maes encenso de toda esta Arabia» (Barros I 9, 1). «enccnço» como «enveja». Dófar (Dhafar) está em ruinas (E. Reclus, *Nouv. Geogr.* IX pag. 897-898).

3-5. d'est'outra banda | De Roçalgate] = da partc de lá do cabo de Rozalgate — indo do poente para o nascente —. praias sempre avaras] «De Curia Muria te o cabo Rozsalgate.. sera de costa cento e vinte legoas: toda he terra estrele e deserta» (Barros I 9, 1). Sobre o epitheto «avaras», cf. «Africa dos bens do mundo avara» em X 92, 3.

5. que todo se anda | Pelas ribeiras] = quc se extende todo ao longo das costas (do golfo de Oman): «O cstado do Reyno Ormuz está em estas duas costas, Arabia ao longo do mar.. e na Persia» (Barros II 2, 2).

7-8. Falla-se de D. Pedro de Castello-Branco, capitão de Ormuz. Em carta de 5 de Novembro dc 1541, dirigida ao rei de Portugal, os moradores de Ormuz dizem d'este D. Pedro «que sua pessoa e fazenda foy um dos principays esteos da defensão da India na vinda dos Rumes» (*Corpo Chronol.*, Part. I, maç. 70, doc. 120). Esta informação, recebi-a do crudito Conservador do Archivo da Torre do Tombo, Pedro de Azevedo.

102 1-2. «Ao cabo chamado Moçandam a que Ptolemeu chama Asaboro promontorio..» (Barros III, 6, 4). Ptolemeu (VI 7) diz Ἄσαχβῶν ἄκρον — *Asaborum promont.* na antiga versão latina —; o genetivo do plural *Asaborum* acha-se representado em Barros, inexactamente, por «Asaboro».

3-4. o lago —] é o golfo Persico: *on a appelé le golfe Persique un lac anglais* (*Rev. des d. Mondes* 1903 V pag. 357). A qualificação de «terra abundante» dada á Arabia («a rica Arabia» III 72),

De Arabia e Perſia, terras abundantes;
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das ſuas perlas ricas e imitantes
A' côr da aurora; e vê na agoa ſalgada
Ter o Tigris e Euphrates hũa entrada.

103. Olha da grande Perſia o imperio nobre,
Sempre poſto no campo e nos cavallos,
Que ſe injuria de uſar fundido cobre
E de não ter das armas ſempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum como deſcobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Armuza que ali eſteve,
Ella o nome deſpois e a gloria teve.

|| 4 Persias (Persia, na ed. de 1613; na tr. de B. Caldera: De Arabia y Persia, tierras abundantes) || 7 Aa cor Aur. vc || 8 Eufr.

103 2 .alos (v. VI 52) || 4 .alos || 5 vc || 6 .alos

que, segundo G. de Amorim, Cam. não podia dar a esta região, é inteiramente conforme ás tradições da poesia romana do tempo de Augusto: *nec | otia divitiis Arabum liberrima muto* (Hor. *Epist.* I 7, 35-36; v. tambem Hor. *Od.* I 29, 1-2; II 12, 24; III 24, 1-2). Com respeito á Persia, cf. *Persarum | montes qui esse aurei perhibentur* (Plaut. *Stich,* I 1, 24); *regnumque Persidis inclutis divitiis* (Sall. *epist. Mithr.*).

5-7. V. x 41, 8. imitantes | A' côr da aurora] do mesmo modo que ainda se diz «temente a Deos».

7-8. V. IV 64, 3. hũa]=uma só, commum aos dois rios.

103 2. Quer dizer, que os habitantes não vivem em povoados, e são, como se exprime Dam. de Goes, grandes cavalgadores. Os verdadeiros dominadores do país são tribus nomadas guerreiras, e a sua cavallaria constitue o nucleo do exercito persa.

3. se injuria]=despreza-se, dedigna-se. Em «injuría», *-ria* fórma uma só syllaba; v. o com. a VII 59; G. de Amorim attribue a Cam. a pronuncia barbara «injúria». fundido cobre] i. é, peças de artilharia.

5-8. «..hũa cidade d'este nome [a antiga Ormuz do continente, na Carmania], que nos tempos passados foi tão celebre, que Ptolomeu em a sua Geographia a situou na sexta taboa da Asia, chamandolhe Armuza, a qual ao presente he destruida» (Barros II 2, 2; e ahi falla da fundação da nova Ormuz na ilha de Gerum); «da cidade Ormuz que ali estcue, a que Ptolemeu chama Armuza, que se trespassou

104. Aqui de Dom Felippe de Meneſes
Se moſtrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueſes
Os muitos Parſeos vencerá de Lara;
Virão provar os golpes e reveſes
De Dom Pedro de Souſa, que provára
Já ſeu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força ſó de eſpada.

105. Mas deixemos o eſtreito e o conhecido
Cabo de Jaſque, dito já Carpella,

104 1 dom .ipe || 2 *A* .arâ *B* .arà || 4 *A* .erâ || 5 Virão || 6 dom *A* .âra *B* .àra || 8 *A* Terâ so

na ilha Gerú, que hc a que hoje chamamos Ormuz» (id III 6, 4).

Que] é particula causal. ali] quer dizer «naquellas paragens», isto é, na beiramar da Carmania, onde ficava Harmozia (que é a fórma correcta do nome grego).

104 1-4. D. Filippe de Meneses, filho de D. Henrique de Meneses, recebeu carta de capitão de Ormuz datada de 18 de Fevereiro de 1566, segundo me informa o Conservador da Torre do Tombo, já nomeado no com. a x 101. Não pude achar mais noticias do que as dadas pelo Poeta, àcerca da victoria d'este capitão sobre os Persas de Lara ou Lar (capital do Laristão).

5-8. D. Pedro de Sousa, filho de D. Manoel de Tavora e Sousa, e aparentado com Camões, foi nomeado capitão de Ormuz por carta de 26 dc Fevereiro de 1563 (Chancellaria de D. João III, livro 11, fl. 115—noticia que devo tambem ao Conservador Pedro de Azevedo—). Segundo Couto, partiu para Ormuz com o vice-rei D. Aff. de Noronha nos fins de Outubro de 1552 (VI 10, 6); embarcou para o norte na armada do governador Francisco Barreto (VII 3, 8); foi ferido em Parnel—a duas legoas de Damão—durante o governo de D. Constantino de Bragança (VII 6, 6); falleceu na entrada de 1566. De haver destruido Ampaza não vem noticia em Couto. Man. Corrêa diz que a Ampaza a que o Poeta se refere, é na Persia; Storck, com FS, que é a da costa oriental de Africa, ao norte de Melinde. Couto (X 9, 1) falla de ter a Ampaza africana sido destruida, mas por Martim Affonso de Mello, que o vice-rei D. Duarte de Meneses mandára em 1587 por capitão de uma armada a Melinde. os golpes e reveses] Cf.: Que lançadas, que golpes, que reveses (Cam. eleg. «Que tristes novas..»).

105 1-2. «Atravessando deste cabo Mocandan ao de cima a elle opposto [na costa meridional da Persia] chamado Iasque com que a boca do estreito [de Ormuz] fica feita..» (Barros I 9, 1); «o cabo Iásque..o qual nós situamos em..

Com todo o ſeu terreno mal querido
Da Natura e dos dões uſados d'ella—
Carmania teve já por appellido—;
Mas vês o fermoſo Indo, que d'aquella
Altura naçe, junto á qual tambem
De outra altura correndo o Gange vem.

106. Olha a terra de Ulcinde fertiliſſima,
E de Jaquete a intima enſeada,
Do mar a enchente ſubita grandiſſima
E a vazante que foge apreſſurada.
A terra de Cambaia vê riquiſſima,
Onde do mar o ſeio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou paſſando,
A vós outros aqui ſe eſtão guardando.

105 4 nat. || 5 . apelido (sem parenth.) || 6 ves || 7 aa || 8 Dout. (v. *R Ph* em «Elisão»)
106 5 *A* cam. . aya ve *A* rîq. || 6 seo (seios: II 45) || 8 vos

e Ptolemeu em vinte dous [gráos] e meyo; chamando lhe Carpella promontorio..» (id. III 6, 4).

3-5. «A qual costa [do cabo de Jasque á foz do Indo] he pouco pouoada por o maes della ser apparcelada e de perigosa nauegação, e a terra per dentro quasi deserta chamada dos Geographos Carmania» (id. I 9, 1).

6-8. Na foz do Indo começa a 3.ª das nove secções em que Barros divide o maritimo da Asia.
d'aquella | Altura] no Tibet. De outra altura] do Himalaia. Cf. IV 69, 7-8.

106 1. «*Vscito del regno d'Ormuz si entra in quel di Vlcinde ch'é posto fra la Persia e l'India*» (Ramusio, *Raccolta* I fol. 295); «..sendo Diul nome de cidade [junto da boca occidental do Indo], e Cinde de todo o Reyno [dos Diulís], e daqui ficàrão os Geographos modernos chamando a todo este Reyno Dulcinda» (Couto, VII 3, 1).

2. «a enseada de Iaquete.. mui penetrante na terra» (Barros I 9, 1). E' o golfo de Kutch da geographia moderna.

3-4. E' «o phenomeno a que os modernos geographos francezes dão o nome de *raz-de-marée*» (Alm. d'Eça, *L. de Camões marinheiro*, pag. 59).

5-6. Cambaia, capital do Estado do mesmo nome, contou em tempo 200 mil habitantes (Meyer, *Hand-Lexik.*). o seio] é o golfo de Cambaia.

7. vou passando] é dicto abreviadamente, por: passo em silencio.

107. Vês, corre a coſta celebre Indiana
Pera o Sul até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana—
Que ora he Ceilão—de fronte tem de ſi
Por eſte mar a gente Luſitana,
Que com armas virá deſpois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hão-de viver muitas idades.

108. As provincias que entre hum e o outro rio
Vês, com varias nações, ſão infinitas:
Hum reino Mahometa, outro Gentio
A quem tem o Demonio leis eſcriptas.
Olha que de Narſinga o ſenhorio
Tem as reliquias ſanctas e benditas
Do corpo de Thomé, barão ſagrado,
Que a Jeſu Chriſto teve a mão no lado.

109. Aqui a cidade foi, que ſe chamava

107 1 Ves || 2 ate *A* Cabo || 4 .lão || 6 Qua *A* .râ *B* .rà || 7 *A* .erâ *B* .erà || 8 ham yda.
108 2 Ves sam || 3 rey. || 7 Thome barão || 8 Qut mão
109 1 .oy

107 1-4. «o cabo Comorij.. a que Ptholomeu chama Cori» (Barros 1 9, 1. O que porêm se lê no texto de Ptolemeu, é «Komaria»; no Indice latino é que vem «Cory pr.»). «..da sua [de Ptolemeu] Taprobana a que nôs chamamos Ceilão, que estâ defronte delle [cabo Comorim]» (id. ibd.).

108 1. entre hum e o outro rio] entre o Indo e o Ganges, quer dizer: na India cisgangetica.

3-4. «dissemos que toda a terra de Asia era habitada destas quatro nações de gente, Christãos, Iudeus, Mouros, e Gentios: as primeiras duas podemos dizer que naquellas partes são mais captiuos que liures» (Barros 1 9, 2); «..posto que toda esta prouincia Indostan seja pouoada de dous generos de pouo em crença, hũ Idolatra e outro Mahometa» (id. 1 4, 7).

5. de Narsinga o senhorio]= o reino de Narsinga; cf. VII 21, 3-4.

8. allude ao que se lê nò evangelho de S. João XX 24-29.

109 1. Aqui] i. é, no reino de Narsinga, na costa do Coromandel.

Meliapor, fermoſa, grande e rica;
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar naquelle tempo eſtava,
Quando a fé que no mundo ſe pubrica,
Thomé vinha prègando, e já paſſára
Provincias mil do mundo, que enſinára.

110. Chegado aqui, prègando e junto dando
A doentes ſaude, a mortos vida,
A caſo traz hum dia o mar, vagando,
Hum lenho de grandeza deſmedida;
Deſeja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Poder tirá-lo a terra com poſſantes
Forças de homens, de engenhos, de aliphantes.

111. Era tão grande o peſo do madeiro,
Que ſó pera abalar-ſe nada abaſta;
Mas o nuncio de Chriſto verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gaſta:

‖ 3 Ido. ‖ 6 fe ‖ 7 Thome *B* prêg. *A* .àra ‖ 8 ins. (v. II 70) .àra

110 1 *B* prêg. ‖ 5 Rey ‖ 7 tira. ‖ 8 dho .mẽs (v. Boh. em «Elisão») Ali.

111 1 *A* gránde ‖ 2 so

4. inica] por não ser christã.
5. «estando a cidade de Meliapor doze legoas ha mil e quinhentos e tantos annos afastada do mar, comeo elle tanto da terra, que ao presente está hum tiro de pedra desta pouoação» (Barros III 2, 1).
6. que no mundo se pubrica] = catholica.

110 3. vagando] pertence para «lenho».
6. madeira] sc. de construcção: *materia*.
8. aliphantes] é fórma corrente na litteratura do sec. XVI.

111 Em Castanheda (I 61) e em Barros (III 2, 1) vem esta lenda, que debaixo de outra fórma e applicada a outro santo existe em Portugal e cujo protótypo está nos *Fastos* de Ovidio.
2. abalar-se] = ser movido.
3. nuncio] = mensageiro, i. é, apostolo.

Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arraſta
Pera onde faça hum ſumptuoſo templo,
Que ficaſſe aos futuros por exemplo.

112. Sabia bem, que ſe com fé formada
Mandar a hum monte ſurdo, que ſe mova,
Que obedecerá logo á voz ſagrada,
Que aſſi lh'o enſinou Chriſto e elle o prova.
A gente ficou d'iſto alvoroçada;
Os Bramenes o tem por couſa nova;
Vendo os milagres, vendo a ſantidade,
Hão medo de perder autoridade.

113. São eſtes ſacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buſcão maneiras mil, buſcão deſvios,
Com que Thomé não ſe ouça ou morto ſeja.
O principal, que ao peito traz os fios,

‖ 5 .dão
112 1 fe *B* formoda ‖ 3 .cerà aa ‖ 4 ins. (v. II 70) ‖ 5 *A* ficon ‖ 8 Hão
113 1 Sam ‖ 3 Buscão ‖ 4 Thome

5. por derradeiro] em II 12, 7 e IV 74, 6, tambem rima com «verdadeiro».

8. por exemplo]=para memoria (do milagre).

112 1-4. «Jesus lhes disse: Por causa da vossa pouca fé. Porque na verdade vos digo, que se tiverdes fé, como hum grão de mostarda, direis a este monte, Passa daqui para acolá, e elle ha de passar, e nada vos será impossivel» (S. Matth. XVII 19). fé formada] é expressão perfeitamente theologica: *Fides in Scripturis accipitur.. pro fide viva et formata per caritatem* (*Index biblicus* já cit.).

«Que» no 3.º verso está repetido como em I 55. O 4.º verso serve de justificar «Sabia bem». prova]=reconhece por experiencia.

6. Bramenes] V. VII 40.

8. perder autoridade] (sem artigo)=padecer quebra na autoridade.

113 3. desvios]=impedimentos.

5. os fios] são os tres fios que formam o cordão que na qualidade

Hum caſo horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falſa da ſincera.

114. Hum filho proprio mata, e logo accuſa
De homicidio Thomé, que era innocente;
Dá falſas teſtemunhas, como ſe uſa;
Condenárão-no a morte brevemente.
O Sancto, que não vê milhor eſcuſa,
Que appellar para o Padre omnipotente,
Quer, diante do Rei e dos ſenhores,
Que ſe faça hum milagre dos maiores.

115. O corpo morto manda ſer trazido,
Que reſucite e ſeja perguntado
Quem foi ſeu matador, e ſerá crido
Por teſtemunho, o ſeu, mais approvado.
Virão todos o moço vivo erguido

‖ 7 não

114 1 *B* mata, logo (sem «e») acus. ‖ 2 *A* homec: Thome ‖ 3 *A* Dâ *B* Dà ‖ 4 .narã (Çurãono: IX 33; a corr. é já antiga) ‖ 5 Santo (v. x 83) vè ‖ 6 ape. ‖ 7 .ey ‖ 8 may.

115 3 foz *A* .erâ *B* .era ‖ 4 apr. ‖ 5 Viram

de insignia os bramanes trazem a tiracollo.

6. que o mundo veja] = tal que o mundo possa ver.

8. E' expressão abreviada por: como a virtude falsa o é da sincera.

114 A lenda vem em Barros.

3. como se usa] = segundo é costume.

4. a morte] sem artigo, como ainda se diz, por ex., «condemnar a trabalhos publicos».

5. escusa] = meio de provar a sua innocencia.

6. o Padre omnipotente] é tambem o segundo hemistichio de x 90, 5.

7. senhores] = grandes da côrte.

115 2. resucite] como «decer» etc.

2-3. «ser alguem perguntado» seguido immediatamente de oração interrogativa é construcção usual no português antigo.

4. = por testemunho mais approvado (= mais digno de fé) o seu.

Em nome de Jeſu crucificado;
Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,
E deſcobre ſeu pai ſer homicida.

116. Eſte milagre fez tamanho eſpanto,
Que o Rei ſe banha logo na agoa ſancta,
E muitos após elle; hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Bramenes ſe enchêrão de odio tanto,
Com ſeu veneno os morde enveja tanta,
Que perſuadindo a iſſo o povo rudo
Determinão matá-lo em fim de tudo.

117. Hum dia que prègando ao povo eſtava,
Fingírão entre a gente hum arroido:
Já Chriſto neſte tempo lhe ordenava
Que padecendo foſſe ao Ceo ſubido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido;
Hum dos máos, por fartar-ſe mais de preſſa,
Com crua lança o peito lhe atraveſſa.

|| 7 *A* Dâ *B* Da Thome || 8 pay *B* homec.
116 2. Rey *A* ago .anta (v. x 83) || 3 apos || 4 Thome || 5 enche. || 8 .ião .talo
117 1 *B* prêg. || 2 .girão || 5 .idão || 6 .anto (v. x 83) *A* dâ || 7 maos

116 «A qual cousa fez tão grande admiração, que el Rey se conuerteo, e com elle se bautizou muita gente» (Barros III 7, 11).
2. na agoa sancta] do baptismo.

117 «Estando hum dia prêgando ao pouo junto dum tanque..» «era tão auorrecido dos Brammanes da terra, pelo credito que perdião em seus errores: que ordenarão hum arroido per alguns de sua opinião, na revolta do qual o Santo foi apedrejado. E jazendo no chão quasi morto de pedradas, per derradeiro veyo hum daquelles Brammanes, e com hũa lança o atravessou..». (Barros III 7, 11; passo transcripto por FS).
4. ao Ceo subido] é tambem o final de x 70, 4.

118. Chorárão-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que piſaſte;
Mais te chórão as almas que veſtindo
Se hião da ſancta fé que lhe enſinaſte;
Mas os Anjos do Ceo cantando e rindo
Te recebem na gloria, que ganhaſte.
Pedimos-te que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Luſitanos favoreças.

119. E vós outros que os nomes uſurpais
De mandados de Deos, como Thomé;
Dizei, ſe ſois mandados, como eſtais
Sem hirdes a prègar a ſancta fé?
Olhai, que, ſe ſois ſal e vos danais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Com que ſe ſalgarão em noſſos dias
—Infieis deixo—tantas hereſias?

118 1 .arão Thome || 3 cho. || 4 yão (v. 1 9) Fe ins. (v. 11 70) || 5 cco
119 1 vos || 2 Thome || 3 .ey || 4 yrd. (v. 1 9) ſe || 5 .lhay Sal || 6 na p. Pro. || 7 .arão || 8 Her.

118 1-2. Cf. III 84.

119 1. usurpais] Este verbo não está no máo sentido em que actualmente só se emprega, mas, á imitação de *usurpare*, na accepção de «usar de», equivalendo «usurpais o nome de» a «vos chamaes» (exactamente como *quicumque veraciter catholicorum nomen usurpant* em S.to Avito, *Epist.* 82). (Esta significação não tem sido registada nos diccionarios).

2. «mandado» i. é, «enviado» traduz exactamente o termo grego «apostolo». Está empregado substantivamente, correspondendo «de Deos» ao genetivo latino (na Vulgata: *Paulus apostolus Jesu Christi*, 1 *ad Tim.* 1 1).

4. Sem hirdes a prègar a sancta fé] como fez o jesuita Gonçalo da Silveira (x 93, 1-4).

5-6. Allude ao texto de S. Matheus: Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? (v 13; FS), e ao de S. João: hum profeta não tem honra na sua patria (evang. VI 44, FS). «damnar» na accepção de «deitar a perder, estragar»; «damnar-se» corresponde ao *evanescere* da Vulgata.

Em «que—Com que—?» ha anacoluthia.

7-8. Infieis] Cam. refere-se em

120. Mas paſſo eſta materia perigoſa,
E tornemos á coſta debuxada.
Já com eſta cidade tão famoſa
Se faz curva a Gangetica enſeada;
Corre Narſinga, rica e poderoſa;
Corre Orixá, de roupas abaſtada;
No fundo da enſeada o illuſtre rio
Ganges vem ao ſalgado ſenhorio,

121. Ganges, no qual os ſeus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que ſejão grandes peccadores,
Eſta agoa ſancta os lava e dá pureza.

120 2 aa ‖ 6 .xa
121 4 .da

particular aos mahometanos.
tantas hercsias] as que surgiram da Reforma do sec. XVI. Em «salgarão» ha trocadilho, por isso que no sentido em que este verbo se emprega neste lugar, o sal é considerado meio de tolher o desenvolvimento das plantas, ao passo que no texto biblico o sal é considerado meio de preservar da corrupção.

Já no tempo de Man. Corrêa havia quem entendesse a apostrophe como dirigida aos jesuitas. Com razão diz este commentador, que o Poeta tinha em vista os sacerdotes em geral, e nota que os governadores da India se queixavam para a metropole da falta de missionarios naquellas partes.

120 1. materia perigosa] por serem assumptos religiosos.
2. debuxada] equivalc a: que estava a ser descripta (cm x 108).
3. esta cidade] de Meliapor.
4. Se faz curva] na direcção do nordeste. a Gangetica enseada] o golfo de Bengala.
5-8. Cam., seguindo Barros («A qual enseada repartimos em tres estados de principes que a senhoreão..» I 9, 1), enumera, do sul para o norte, os tres Estados da India cisgangetica oriental: o reino de Bisnaga ou de Narsinga, o de Orixá («as cento e dez legoas do Reyno Orixâ») e o de Bengala.
Narsinga] Cf. VII 21, 3-4. o illustre rio] O Padre José Ag. de Macedo moteja do epitheto «illustre» dado a um rio, não se lembrando de que Barros disse «os dous illustres rios Indo e Gange» em III 2, 1.. .senhorio] como em X 108, 5.

121 1-4. «De maneira que.. elles mandanse leuar ás correntes deste rio Gange onde lhe fazem hũa choupana, e alli morre com os pees náguoa crendo que no lauatorio destas aguoas correntes de sanctidade deste Gange laua seus [«seis» emendado na 2.ª ed.] peccados e vay saluo» (Barros I 9, 1 1.ª ed.).

Vê Chatigão, cidade das milhores
De Bengala, provincia que ſe preza
De abundante; mas olha que eſtá poſta
Pera o Auſtro d'aqui virada a coſta.

122. Olha o reino Arracão, olha o aſſento
De Pegu, que já monſtros povoárão,
Monſtros filhos do feio ajuntamento
De hũa molher e hum cão, que ſós ſe achárão.
Aqui ſoante arame no inſtrumento
Da gèração coſtumão, o que uſárão
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uſo, deitou fóra o error nefando.

‖ 5 Ve . *B* Cathigão ‖ 7 *A* estâ
122 1 rey. .aeão ‖ 2 mõs. pouoa. ‖ 3 Mõs. feo (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 4 Dhũa (v. *R Ph* em «Elisão») *B* hũ cão sos acha. ‖ 5 Ara. instro. (v. x 6) ‖ 6 geraç. (v. 1 64) custumão (v. v 1) vsa. ‖ 7 Ray. ‖ 8 ſo.

5. «A primeira boea [do Ganges] que he Occidental se chama de Satigam por causa de hũa cidade deste nome situada na corrente delle.. e a outra Oriental, sãe mui vizinha a outro [acerescente-se «porto»] mais celebre chamado Chatigam, por que a elle geralmente concorrem todalas mercadorias que vem e saem deste Reyno» (id. ibd.). (Cast., em IV 38, diz «Chetigão»). cidade das melhores] é tambem o segundo hemistichio de VII 16, 6.

6-7. Cf. VII 20, 7-8.

7-8. A ordem é: a costa virada (=mudando de direcção, formando angulo) d'aqui (de Chatigão, da foz oriental do Ganges) está posta pera o Austro (corre para o sul).

122 «..do Reyno Arracã, que vizinha com o de Bengalla que lhe fica ao Norte, e o de Pégu que jaz ao Sul» (Barros III 2, 5). «Porém quanto á maneira de sua religião [dos do Pegú].. e torpeza de trazer cascaueis soldados no instrumento da geração: conuem muito com os Siames».. «Donde se pode crer ser verdade o que elles contão, que aquella terra se pouoou do ajuntamento de hum cão e hũa molher:» (id. III 3, 4).

1. assento] corresponde ao substantivo *situs*.

3. feio]=hediondo: *foedus*.

5. soante arame]=caseavel.

6. «costumar» como verbo transitivo, por «usar», está antiquado.

8. o error nefando] é o «feio ajuntamento» do 3.º verso.

123. Olha Tavai, cidade onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido,
Tenaſſarí, Quedá, que he ſó cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Mais avante fareis que ſe conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

124. Dizem que d'eſta terra co as poſſantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre ilha Samatra, que já de antes
Juntas ambas a gente antiga vio;
Cherſoneſo foi dita, e das preſtantes

123 1 ·ay ‖ 2 Sião ‖ 3 .arî *A* .edâ so ‖ 4 Pim. ‖ 6 Emper. (a corr. é já antiga)
124 3 dant. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 5 .oy

123 1-2. «..a cidade de Táuay quc he a ultima do Reyno de Pegu» (Barros I 9, 1). «Na qual cidade de Tâuay pouco tempo ante que entrassemos na India, começaua o Reyno de Sião» (id. ibd.).

3-8. «..e as pouoações que auera de Tauay ate Malaca são estas, Tenassarij cidade notauel, Lungur, Torrão, Quedâ frol da pimenta de toda aquella costa.. e a nossa cidade de Malaca, cabeça do Reyno assi chamado» (id. ibd.). «aquelle illustre emporio e lugar de feira, que he Malaca..» (id. III 5, 5); «como ella [Malaca] era hũa feira do Oriente e Ponente» (id. III 5, 6). provincia] no sentido amplo que este vocabulo tem em IV 15. do mar grande] = banhada pelo vasto mar (do oriente e do occidente da India transgangetica).

124 1-4. «Entre estes dous tão celebres e illustres cabos Comorij occidental, e Cingapura oriental (dos quaes podemos crer que o mar cortou as ilhas Ceilão e Çamatra, assi como da Italia Cezilia segundo se escreue) jaz aquelle mui celebrado sino [no texto «signo»] Gangetico» (Barros I 9, 1).

5-7. «E nauegando deste cabo Comorij.. contra o Oriente per distancia de quatrocentas legoas.. está outro tão illustre cabo com outra maes notauel ilha [Sumatra], ao qual juntamente com ella Ptholomeu chama Aurea Chersoneso» (id. ibd., antes do texto transcripto precedentemente). (Ptolemeu [I 13] designa com a expressão «Aurea Chersoneso» a peninsula de Malaca, não separada de Sumatra). Cam. accentuou irregularmente na penultima o vocabulo grego «epitheto»; v. *R Rh* em «Taprobana».

Veias de ouro que a terra produzio,
«Aurea» por epitheto lhe ajuntárão;
Alguns que foſſe Ophir imaginárão.

125. Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos ſe estreita;
D'aqui tornando a coſta á Cynoſura
Se encurva, e pera a Aurora ſe endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que eſtes e outros mais ſugeita
Olha o rio Menão, que ſe derrama
Do grande lago que Chiamai ſe chama.

‖ 6 Veas (v. *R Ph* em «-eia») dour. (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 7 ajunta. ‖ 8 ymagina.
125 2 .ras aas ‖ 3 Cost. aa ‖ 4 ender. (v. 1 76) ‖ 5 Ves ‖ 6 Syão ‖ 7 Menão ‖ 8 .amay

8. «..em busca de ouro, que leuauão de Offir, que elles [Judeus do Pegú] tem ser na ilha Çamatra, que naquelle tempo auião ser terra continua a esta [peninsula de Malaca]» (id. 1 3, 4). Ophir é a região aonde, segundo a Biblia (III Reis IX 28), Salomão enviou uma frota a buscar ouro. Não foi ainda identificada definitivamente, parecendo entretanto mais provavel que fosse na Arabia meridional ou na India cisgangetica.

125 1. da terra] i. é, da peninsula de Malaca.

2. onde o caminho ás naos se estreita] quer dizer: onde é o estreito de Singapura.

3-4. Quer dizer: A costa em Singapura volta ao norte («tornando á Cynosura», cf. x 88, 3), fórma o golfo de Sião («se encurva»), e depois — passado o cabo Camao na Cochinchina meridional — corre na direcção do nascente («pera a Aurora se endireita»).

5-6. «na qual costa [a costa oriental da peninsula de Malaca] ha estas notaueis pouoações Pam.. Patane.. Bamplacot que estâ na boca do rio Menão» (Barros 1 9, 1).

7-8. «..te o rio de Sião que (como dissemos) a maior parte delle procede do lago de Chiamay. Ao qual rio.. os Siames lhe chamão Menão que quer dizer a mãe das agoas» (id. ibd.). Em Ortelio, no mappa da India oriental, vem assignalado, em 23 gráos de latitude boreal, o lago «Chyamai» e o rio «Menan» a sahir d'elle. Este lago porêm é supposto; o que ha com o nome de «Xieng-mai» é uma cidade nas margens do «*Meping, revière supérieure de la Menam*» (Reclus, *Nouv. Geogr. Univ.* VIII pag. 830).

126 Vês neſte grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca ſabidas:
Os Laos, em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por ſerras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos ſe chamão, de ſelvagens vidas;
Humana carne comem, mas a ſua
Pintão com ferro ardente, uſança crua.

127. Vês, paſſa por Camboja Mecom rio,
Que «capitão das agoas» ſe interpreta;
Tantas recebe de outros, ſó no eſtio,

126 1 Ves || 4 *A* Auâs *B* Auàs .màs || 5 Ve *B* vcntos (em vez de «montes») || 6 .amão .ages (seluagem: v 28; houve esquecimento do til em «selvagẽs») || 8 Pintão
127 1 Ves Rio || 2 .itão || 3 doutro (v. o com.; v. *R Ph* em «Elisão») so

126 1. neste grão terreno] onde está o reino de Sião.

3. «..os pouos Laos, que cercão todo este Reyno de Sião, assi per cima do Norte, como do Oriente ao longo do rio Mecon..» (Barros III 2, 4).

4. «O outro [rio] de Pegu passa pelo Reyno Auà que he no interior da terra» (na Birmania) (id. I 9, 1); «..dos pouos Brammás, os quaes confinão dentro pelo sertão com Pêgu..» (id. III 2, 5).

5-8. «..hũas serranias tão asperas, como os Alpes, em que habitão os pouos chamados Gueos ..homens tão feros, e crueis, que comem carne humana».. «estes Gueos geralmente se pintão e ferrão per todo corpo» (id. III 2, 4).
A prática de que falla o ultimo verso, diz-se, com expressão estrangeira que se tornou technica, «tatuagem». Em bom português o verbo é «marcar».

127 «o primeiro estado que està vezinho a Sião he o Reyno de Camboja per meio do qual corre aquelle soberbo rio Mecon..: ao qual se ajuntão tantos e tão cabedaes [na 2.ª ed.: cabdaes] rios.. que quando quer sahir ao mar faz hum lago de maes de sessenta legoas de comprimento» (Barros I 9, 1).

1. Mecom rio] como: Ceilão insula (VII 19).

2. «..Mecon, que quer dizer capitão das aguoas» (id. III 2, 5).
se interpreta]=(na lingoa original) quer dizer. E' expressão empregada tambem por Barros: «no grande rio chamado Menão interpretado mãe das agoas» (I 9, 1). No latim da decadencia *interpretari* emprega-se tambem neste sentido como verbo passivo, v. g. em Amm. Marcellino (XXIV 6) e na Vulgata.

3-4. O lugar de Barros acima

Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quaes o Nilo frio;
A gente d'elle crê, como indiſcreta,
Que pena e gloria tem deſpois de morte
Os brutos animais de toda ſorte.

128. Eſte receberá placido e brando
No ſeu regaço o Canto que molhado
Vem do naufragio triſte e miſerando,

‖ 6 *A* crè

128 1 *A* .berâ‖2 os Cantos que molhados (a corr., aqui e no 4.º verso, é já antiga)

transcripto mostra, segundo notou o Dr. J. M. Rodrigues no *Instituto* (1906), que ha-de lêr-se no 3.º verso «Tantas recebe de outros». O erro do compositor é devido á mesma causa que originou em 1 71 «Os segredos» em vez de «O [= O'] segredos». A circumstancia «só no estio» pertence para a oração «que alaga os campos»; v. *R Ph* em «Transposição».

«só» — em francês *rien que* — está no sentido em que, por ex., se diz «só de juros de inscripções recebe elle seis contos de reis».

5. O tempo de cheias periodicas do Mekon é de Junho a Outubro (Reclus, *Nouv. Geogr. Un.* VIII pag. 852).

6-8. «*La première et la plus inébranlable théorie de la métaphysique du Bouddhisme, empruntée d'ailleurs au brahmanisme, c'est celle de la transmigration. L'homme a fourni une multitude d'existences les plus diverses avant de vivre de la vie qu'il mène ici-bas. S'il n'y applique ses efforts les plus sérieux, il court risque d'en fournir une multitude plus grande encore.. l'idée de la transmigration s'étend pour le Bouddhisme aussi loin que possible; elle embrasse tout, depuis le Bodhisattva, qui va devenir un Bouddha parfaitement accompli, et depuis l'homme jusqu'à la matière inerte et morte. L'être peut transmigrer sans aucune exception dans toutes les formes quelles qu'elles soient; et, suivant les actes qu'il aura commis, bons ou mauvais, il passera depuis les plus hautes jusqu'aux plus infimes*» (Barth. Saint-Hil., *Le Bouddha*, pag. 122 e 123 da 3.ª ed.). Cam. fallando das povoações buddhistas do Camboja, em que esteve quando naufragou (v. a est. seguinte), refere-se a esta crença, mas de modo pouco exacto. indiscreta] = carecida de bom discernimento. de toda sorte] é tambem o final de v 44, 7.

128 Todos os annos partia de Goa — em Abril — uma náo, que fazia a carreira da China e do Japão, gastando na ida e volta tres annos. O capitão era ao mesmo tempo negociante. Tanto na ida como na volta estacionava em Macao aguardando a monção para o proseguimento da viagem. Este capitão emquanto estacionava em

Dos procelloſos baxos eſcapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injuſto mando executado
Naquelle cuja lyra ſonoroſa
Será mais afamada que ditoſa.

129. Vês, corre a coſta que Champá ſe chama,
Cuja mata he do pao cheiroſo ornada;
Vês, Cauchichina eſtá de eſcura fama,
E de Ainão vê a incognita enſeada;
Aqui o ſoberbo imperio, que ſe afama
Com terras e riqueza não cuidada,

‖ 4 .celosos .ados ‖ 6 *A* .erâ *B* .era ‖ 7 Lir. ‖ 8 *B* Sera affam. (v. 1 26)

129 1 Ves Champà ‖ 3 Ves *A* .tâ *B* .tà ‖ 4 Ainão ve

Macao, exercia alli o poder soberano. Foi um d'estes capitães mercadores, que na torna-viagem, dando ouvidos a mexericos, trouxe Cam., debaixo de prisão, de Macao pera responder em Goa; mas o navio perdeu-se nos baixos da foz do Mecon. Cam., que logrou salvar a vida e o manuscripto dos *Lusiadas*, esteve alguns meses no Camboja, até que pôde passar-se a Malaca, d'onde embarcou para a capital da India portuguesa; v. Storck, *V. de Cam.* pag. 582-598.

4-5. Das fomes, dos perigos grandes] depende de «escapado», que pertence para «o Canto», mas que, nesta parte, tem de referir-se ao «auctor» do Canto.

5-6. quando | será.. executado] = no tempo em que ha-de ser executado. o injusto mando] a ordem injusta (de prisão).

129 1-3. «Passado este reino Camboja entra outro Reyno chamado Champá nas montanhas do qual nace o verdadeiro lenholoe a que os mouros daquellas partes chamam Calambuc: com o qual confina o reyno a que os nossos chamão Cauchij China.. O qual acerca de nós é o menos sabido reyno daquellas partes, por a sua costa ser de muitas tormentas e grandes baixos» (Barros 1 9, 1, 1.ª ed.). Champá] corresponde em geral á moderna Cochinchina.

o pao cheiroso] é o calambuco ou linaloes. Cauchichina] é parte septentrional do moderno Annam. de escura fama] refere-se ao que Barros diz d'aquella costa no lugar acima transcripto; corresponde ao *infamis* de Horacio em *infames scopulos, Acroceraunia* (*Od.* 1 3, 20); cf. VI 82, 4.

4-8. «Adiante delle [reino de Cauchichina] entra a região da China repartida em quinze gouernanças.. contando da ilha de Aynão.. que he o principio da gouernança de Cantão» (id. ibd.); «..a parte della [China] de que

Da China corre, e occupa o ſenhorio
Deſde o Tropico ardente ao Cinto frio.

130. Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio e o outro ſe edifica,
Certiſſimo final e conhecido
Da potencia real, ſoberba e rica.
Eſtes, o Rei que tem, não foi nacido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoſo
Por cavalleiro, ſabio e virtuoſo.

131. Inda outra muita terra ſe te eſconde,

‖ 7 occupa (v. VII 65) ‖ 8 Desdo (v. *R Ph* em «Elisão»)
130 5 Rcy não foy ‖ 6 *A* .cepe ‖ 8 .aleiro (v. V 46)

temos noticia, acaba em cincoenta graos de altura, afora o maes que a ellá vae continuado» (id. III 2, 6); «He [a China] hũa prouincia muy grande segundo se diz, abastada de todos os generos de mantimentos que se podem pedir..: ha nella muytas minas douro, prata e de todos os outros metaes, criasse [=cria-se] nella muyta seda e mui fina» (Cast. IV 27). Aqui] em Ainão. não cuidada]=não imaginada, de que não se faz ideia; é tambem o final de I 57 e 100. o senhorio] (=o seu imperio, o imperio da China) é o sujeito de «occupa». O Cinto frio]=o circulo polar arctico. No dicto de Cam. ha grande exaggero.

130 1. o muro e edificio] é a celebre muralha da China; d'ella falla Barros em III 2, 6. «edificio» está no sentido geral de «construcção»; em «muro e edificio» ha hendiadys, de modo que este conjuncto se contrapõe a «muralha natural», como são os Alpes em relação á Italia (v. III 15, 2). (G. de Amorim escreveu indevidamente: o muro, o edificio).

2. hum imperio e o outro] o da China e o dos Mogoes.

4. «he [o rei da China] hum dos maiores principes que se sabe no mundo assi de tesouros como de gente (Cast. IV 27). soberba e rica] cf.: o dom soberbo e rico (VIII 68; FS).

5-8. «Os reys da China soyão de ser antigamente por eleyção, e de pouco tempo pera ca herda o filho primeiro de qualquer de suas molheres» (id. ibd.).

«Estes», propriamente sujeito da oração relativa, foi transposto para antes da primeira palavra («o Rei») da oração subordinante. cavalleiro] como em I 8.

131 1. Refere-se ás partes que ficam ao norte da China; v. o texto de Barros transcripto no com. a X 129, 4-8.

Até que venha o tempo de moſtrar-ſe;
Mas não deixes no mar as ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-ſe.
Eſta, meia eſcondida, que reſponde
De longe á China, d'onde vem buſcar-ſe,
He Japão, onde nace a prata fina,
Que illuſtrada ſerá co'a Lei divina.

132. Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas eſpalhadas:
Vê Tidore e Ternate co fervente
Cume que lança as flammas ondeadas
As arvores verás do cravo ardente

131 2 Ate ‖ 3 Ilh. ‖ 4 nat. affa. (v. I 26) ‖ 5 mea (v. *R Ph* em «-eia») ‖ 6 aa ‖ 7 .pão ‖ 8 *A* .erà *B* .era .ey.

132 1 . ca pellos (v. IV 49) ‖ 2 Ilh. ‖ 3 Ve Tarn. (Ternate: Cast. VI 10, 11, 12; VII 74, etc.) ‖ 4 flamas (v. II 36) ‖ 5 *A* .râs *B* .ràs Cr.

5. responde]=fica fronteira; de igual modo: a qual [peninsula de Corea] pelo lado occidental responde á provincia de Nanquim (Lucena, X 17).

6. d'onde vem buscar-se] sc. esta ilha (o Japão). O sentido é que os navios que se dirigem ao Japão, tocam primeiro na China.

7. Japão] Na carta de Ortelio as ilhas de Nippon, Sikoko, Kinsiu e Jeso constituem uma ilha grandissima que tem ao norte e ao sul muitas ilhotas. nace] V. o com. a X 93. 5.

8. Que] tem por antecedente «Esta» (ilha); FS suppôs estranhamente que se referia a «prata».

illustrada]=illuminada; é latinismo: *qua sol habitabiles | illustrat oras* (Hor. *Od.* IV 14, 5-6).

132 «E o [nome] de cada hũa destas [ilhas Maluco] começando da parte do Norte vindo pera o Sul; o da primeira he Ternate, que se aparta meyo grao da linha Equinocial, e a segunda se chama Tidore..» (Barros III 5, 5).

3-4. Cf. o com. a IX 14, 6-7.

o fervente | Cume] designa o monte volcanico de Ternate; d'elle falla Barros em III 5, 5, e Cast. em VI 11 nestes termos: «em hũa [serra] da ilha de Ternate está hũa boca que continuamente lança espantosas labaredas de fogo».

lança as flammas ondeadas] Cf. VI 13, 4 (FS).

5. Do cravo das Molucas já Cam. fallou em IX 14. cravo ardente] Cf. «ardente especiaria» (II 4, 3; VII 31, 8).

Co ſangue Português inda compradas.
Aqui ha as aureas aves que não decem
Nunca a terra e ſó mortas aparecem.

133. Olha de Banda as ilhas, que ſe eſmaltão
Da varia côr que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que ali ſáltão,
Da verde noz tomando ſeu tributo.
Olha tambem Bornéo, onde não faltão

‖ 6 .gues ‖ 8 so
133 1 Ilh. ‖ 2 cor ‖ 3 sal. ‖ 4 Noz ‖ 5 .nèo

6. Cf.: «Estas Ilhas descubertas com trabalho, defendidas com o sanguc..» (J. Freire, *V. de D. João de Castro* II). Sobre as guerras das Molucas v. as *Decadas* de Couto.

7-8. as aureas aves] são as «aves do Paraiso». «[Na Java maior] *trouansi ucelli.. che sono senza piedi.. con la coda lunga, i quali sempre si posano sopra gli arbori*» (N. de Conti, em Ramusio *Racc.* I fol. 341 da 3.ª ed. de 1563). «***Le Paradisier grand émeraude*** (*Paradisea apoda*) *a reçu de Linné ce nom latin pour rappeler les légendes que les naturalistes du moyen âge ont gravement reproduites en parlant de cet oiseau. Comme il n'était connu, à cette époque, que par les dépouilles mutilées grossièrement préparées par les chasseurs papous, et recherchées surtout pour les longues plumes des flancs, on croyait naïvement que c'était un Oiseau sans pieds, volant sans jamais se reposer.. Pigafetta* [† 1534, cit. por Man. Corrêa] *cependant, le premier Européen qui vit de ces oiseaux vivants, avait affirmé qu'ils avaient des pieds comme tous les oiseaux; on refusait de le croire*» (*La Gr. Encycl.* em *Paradisier*). Segundo Man. Corrêa, estas aves «entre nos chamanse passaros celestes».

133 1-2. «Nestas.. ilhas [do Banda, ao sul das Molucas propriamentc dictas] nasce toda a noz [moscada] e massa [v. o com. a IX 14], quc se leua pcr todalas partes do mundo.. as quaes aruores [as da noz moscada] no parecer qucrem imitar hũa pereira.. Passado o tempo das florcs, em que as nozcs já cstão coalhadas, e de cor verde.. vaese pouco c pouco tingindo aquelle pomo: da maneira quc vemos neste Reyno de Portugal hũs pessegos a que chamão caluos, que parecem o arco do ceo chamado Iris..» (Barros III 5, 6).

3-4. «E porque neste tempo quc começão amadurecer, acodem da serra, como a nouo pasto, muytos papagayos e passaros diuersos: he outra pintura ver a variedade da feição, canto, e cores, de que a natureza os dotou» (id. ibd.).
variadas] como em III 81, 6.

5-8. «He [a camphora] goma ..que deita per hũas gretas, de maneira que veedes suar a canfora por alli» (Orta, *Col.* 12, obra pu-

Lagrimas no licor, coalhado e enxuto,
Das arvores, que cânfora he chamado,
Com que da ilha o nome he celebrado.

134. Ali tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo ſalutifero e cheiroſo;
Olha a Sunda, tão larga, que hũa banda
Eſconde pera o Sul difficultoſo.
A gente, do ſertão que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoſo,
Que por onde elle ſó ſem outro vae
Converte em pedra o pao que nelle cae.

135. Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha

‖6 qualh. (v. III 81) ‖7 *B* qne *A* Cânf. *B* Cánf. ‖8 Ilh.
134 2 Sànd. ‖ 5 Sertão ‖ 7 so
135 1 Ve Ilh. ‖ 2 *B* Que .amas (v. II 36) *A* .pôra *B* .pòra

blicada na India em 1563 com uma ode de Camões). A arvore de que provêm a camphora de Borneo, é a *Dryobalanops camphora*.

134 1-2. «sandalos.. de Timor» (Cast. II 112), «na parte onde ho sandalo he milhor (que he em timor..) ..» (Orta, *Col.* 185); «He o sandallo muyto neseçario por ser muyto cordial» (id. ibd.).

3-4. a Sunda] Este nome designava primitivamente a parte occidental da ilha de Java, parte que se cria formar uma ilha sobre si: «..e passada çũda estâ pera leste a ilha da jaoa, q̃ jaz leste oeste.. e a [costa] do sul não he aĩda descuberta» (Cast. III 62); «Da terra da Iaoa fazemos duas Ilhas, hũa ante outra» (Barros IV 1, 12); «Esta Iaoa assi como vai em comprimento, leua pelo meio hũa corda de serranias mui altas.. e dellas para o Sul os mesmos naturaes da terra não sabem o que vai..» (id. ibd.). difficultoso] se. de ser explorado.

5-8. Cam. falla d'este rio tambem na «Carta a hũa dama».

135 1. Refere-se a Sumatra; v. x 124, 1-4.

2. =que tem volcões em actividade.

3-8. «Alem da muita quantidade de ouro que nella [Sumatra] ha, tambem se acha.. hũa fonte de que maña oleo, a que chamão napta em o Reyno de Pacem..» «..tem as [arvores] do sandalo branco, aguila, beijoim, e as que

Do cheiroſo licor que o tronco chora,
Cheiroſo mais que quanto eſtilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda ſeda e fino ouro dá tambem.

136. Olha em Ceilão que o monte ſe alevanta
Tanto, que as nuvens paſſa, ou a viſta engana;
Os naturaes o tem por couſa ſancta,
Pola pedra onde eſtá a pègada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das agoas, ſoberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

|| 5 .tila || 6 Cyniras || 7 ve || 8 dà
136 1 .lão || 2 .uẽs || 4 Polla (v. IV 48) *A* cstâ
B pêga. || 8 Ant. .elente (v. II 99)

dão a canfora, como a da ilha Burneo.. e cria seda em tanta quantidade, que ha hi grande carregação pera muitas partes da India» (Barros III 5, 1). o cheiroso licor] o beijoim. o tronco] do *Styrax Benjoin* Dryand. chora] «chorar» no sentido de «estillar», mas como verbo intransitivo, corresponde a *flere* em *flevit in templis ebur* (Sen. *Thyestes* 701). a filha de Cinyras] Myrrha; v. o com. a IV 63 e a IX 60. A myrrha é da Arabia e da costa dos Somalis. as outras] ilhas, que se subentende do 1.º verso. branda] =macia.

136 1-4. «No meo desta ilha [de Ceilão] se leuanta hũa serra muy alta, e sobrela hum altissimo pico em que cstà um tanque dagoa nadiuel. E em hũa lagia que estâ junto dele estâ hũa pegada dhomem, que dizem os mouros que hc de nosso padre Adão.. e crem que dali subio aos ceos» (Cast. II 22). O «Pico de Adão» tem 2262 metros de altura (Meyer, *Hand-Lexik.*).

5-8. «as quaes [palmeiras que nascem «debaixo da aguoa salgada»] dão hum pomo mayor, que o coco, e tem cxperiencia que a segunda casca delle he muito maes efficaz contra a peçonha, que a pedra Bezoar» (Barros III 3, 7). Os habitantes das Maldivas, a cujas praias o mar arrojava os fructos da *Lodoicea Sechellarum* Labill., suppunham que eram produzidos por plantas submarinas, e esta crença reinou por muito tempo ainda entre os homens de sciencia. A palmeira que dá os chamados cocos das Maldivas só foi descuberta no sec. XVIII (C. de Ficalho, *Flora dos Lus.* pag. 87 e seguintes). urgente] é latinismo: *mala quem scabies aut morbus regius urget* (Hor. *Epist.* II 3, 453).

137. Verás de fronte eſtar do Roxo eſtreito
Socotorá, co amaro aloe famoſa;
Outras ilhas no mar tambem ſugeito
A vós, na coſta de Africa arenoſa,
Onde ſae do cheiro mais perfeito
A maſſa ao mundo occulta e precioſa;
De São Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagaſcar he de alguns chamada.

138. Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,

137 1 *A* .râs *B* .ras ro. || 2 *A* .torâ *B* .torà Al. || 3 sog. (v. 1 31) || 4 vos Aff. (v. *R Ph*) || 6 (Em *B* a tinta não chegou ao *o* de «preciosa») || 7 ſam ve Ilh. || 8 dalguũs (v. *R Ph* em «Elisão»)
138 2 vos

137 1. o Roxo cstreito] abreviadamente, por: o cstrcito do mar Roxo (estr. de Bab-e[-Mandeb).

2. «..algũas naós que ali [a Socotorá] vã ter que vão da India pera o mar roxo a buscar.. ho Alocs que se chama çacotorino, por tomar ho nome desta ilha onde se apanha» (Cast. II 39). «*L'A. Perryi Bak croît abondamment dans l'île de Socotora. On en extrait les aloès de diverses qualités qui viennent de cette île et qu'on croyait à tort, autrefois, produits par l'A.* ***socotrina*** *L, qui habite essentiellement le sud de l'Afrique*» (*La Gr. Encycl*, em *aloès*).

O vocabulo «aloe» designa tanto o suco solidificado das folhas da planta, como a mesma planta. A accentuação classica, e ainda na pronuncia popular, é «aloé» (=aloés).

5-6. Falla do ambar cinzento: «*L'ambre gris.. est en masses irrégulières. Ces masses.. flottent sur les mers, au voisinage du Japon, des îles Moluques, de Madagascar et même jusqu'aux Antilles et aux îles Lucayes*» (*La Gr. Encycl.* em *ambre*). Do ambar das Maldivas falla Castanheda em IV 35.

7-8. «*M. Grandilier.. lit une note sur l'origine du nom de Madagascar. Ce nom a d'abord été employé par Marco Polo, pour désigner le pays de Madgocho, situé sur la côte orientale d'Afrique, au nord de l'Equateur. Martin Beham auteur d'un célèbre globe executé en 1492 comprit mal Marco Polo et figura une île imaginaire, à l'aquelle il donna ce même nom. Quand l'île que nous nommons aujourd'hui Madagascar fut découverte par les Portugais em 1500, on l'appela d'abord l'île Saint-Laurent, et certaines cartes figurent Saint-Laurent et Madagascar comme deux îles distinctes. Enfin Oronce Finé, em 1531, s'aperçut de l'erreur, mais, au lieu de supprimer purement et simplement la*

Abrindo a porta ao vaſto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão que no Ponente
De hum Luſitano hum feito inda vejais,
Que de ſeu Rei moſtrando-ſe aggravado,
Caminho ha-de fazer nunca cuidado.

139. Vêdes a grande terra que contina
Vai de Calliſto ao ſeu contrario pólo,
Que ſoberba a fará a luzente mina
Do metal que a côr tem do louro Appollo.
Caſtella, voſſa amiga, ſerá dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo;
Varias provincias tem de varias gentes
Em ritos e coſtumes differentes.

140. Mas cá onde mais ſe alarga, ali tereis
Parte tambem, co pao vermelho nota:

‖ 5 .azão ‖ 6 Dhum (v. *R Ph* em «Elisão») ‖ 7 .ey agr.

139 1 Ve. ‖ 2 Vay Calis. po. ‖ 3 *A* .arâ *B* .arà ‖ 4 cor .olo ‖ 5 *A* .erà *B* .era ‖ 6 .olar .olo (v. II 36) ‖ 8 cust. (v. V 1)

140 1 ca

fabuleuse Madagascar, il en donna le nom à l'île Saint-Laurent, qui l'a gardé» (*Rev. Archéol.* 1891, I pag. 114-115). A accentuação antiga era: Madagáscar.

138 5. Ponente] era fórma usada antigamente tambem na proſa, v. o *Dicc.* de Moraes.

6-8. Allude-se a Fernão de Magalhães, nomeado na est. 140; v. o com. á est. 141.

139 1-2. Designa-se a America. Callisto=o pólo arctico; cf. I 51, 2.

4. Em Vergilio: *flavo.. auro* (*En.* I 592-593).

6. o collar] da sujeição; representa *collare* (v. Rich, *Dict. des antiqu. rom. et gr.*).

8. differentes] pertence para «gentes».

140 1. Mas] contrapõe-se ao que está dicto nos versos 5.º e 6.º da est. precedente. onde mais se alarga] sc. «a grande terra» da est. precedente; designa-se a America meridional. onde — ali] como em latim *ubi — ibi*.

2-3. o pao vermelho] o pao

«De Sancta Cruz» o nome lhe poreis;
Deſcobri-la-ha a primeira voſſa frota.
Ao longo d'eſta coſta, que tereis,
Hirá buſcando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Português, porem não na lealdade.

141. Deſque paſſar a via mais que meą
Que ao Antarctico pólo vai da Linha,
De hũa eſtatura quaſi gigantea
Homens verá da terra ali vizinha,
E mais avante o eſtreito que ſe arrea

6 *A* Yrâ *B* Yrá (v. 1 9) || 8 .gues não
141 2 .artico po. .ay li. || 3 Dhũa (v. *R Ph* em «Elisão») Gig. || 4 .mẽs *A* .râ *B* .ra

brasil (da *Caesalpina brasiliensis*), d'onde procedeu o nome — «Terra do brasil» e abreviadamente «Brasil» — dado á região que precedentemente se chamava «Terra de Santa Cruz»: «da nossa prouincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamão Brasil» (Barros III 5, 9).

4. a primeira vossa frota] equivale a: a vossa frota que será a primeira a chegar àquellas paragens. Cam. em lugar nenhum dos *Lusiadas* nomeia o descobridor do Brasil, Pedro Alvares Cabral.

5-8. V. o com. á est. seguinte.

141 Fernão de Magalhães, tendo-se por aggravado de D. Manoel, por este lhe não augmentar cem reaes por mês na moradia (segundo G. Corrêa; v. o *Arch. Hist. Port.* II pag. 322-323), passou á corte de Carlos V, rei de Castella, a quem prometteu descobrir novo caminho, pelo occidente, para as Molucas. Partindo a este fim, com uma armada de cinco velas, de S. Lucar de Berrameda em Setembro de 1519 seguiu a costa oriental da America do sul, descobrindo em Outubro de 1520 o estreito que fica entre a Patagonia e a Terra do Fogo, em Novembro do mesmo anno o mar Pacifico, em Março de 1521 as ilhas primeiro chamadas «dos Ladrões», e depois «Marianas»; pereceu aos 27 de Abril de 1521 em uma batalha contra o rei da ilha de Matan (Barros III 5, 8-10; Cast. VI 6-8), «que he junto da de Zubu» (Goes, *D. Man.*, IV 37).

1-4. Aos 2 de Abril de 1520, Magalhães chegou ao rio de S. Julião «que está em 50 gráos». Homens mandados por Magalhães «entrarão vinte legoas pelo sertão.. e trouxerão comsigo huns homens da terra cujos corpos passavão de doze palmos» (Barros III 5, 9). Os typos de mais alta estatura que existem no globo, são os Patagões e os Polynesios (*Rev. des deux Mondes*, 1904, V, pag. 206).

Co nome d'elle agora, o qual caminha
Pera outro mar e terra que fica onde
Com ſuas frias aſas o Auſtro a eſconde.

142. Atèqui, Portugueſes, concedido
Vos he ſaberdes os futuros feitos
Que pelo mar, que já deixais ſabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos fação ſer acceitos
A's eternas eſpoſas e fermoſas,
Que coroas vos tecem glorioſas,

143. Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo, pera a patria amada.»
Aſſi lhe diſſe, e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levão refreſco e nobre mantimento;
Levão a companhia deſejada
Das Nymphas, que hão-de ter eternamenté,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

144. Aſſi forão cortando o mar ſereno
Com vento ſempre manſo e nunca irado,

142 1 Ate qui ‖ 3 pello (v. IV 49) ‖ 6 acei. (acceito IV 68 em *A*) ‖ 7 *A* Aas *B* As
143 2 .quilo (v. VI 38) ‖ 4 Ilh. ‖ 5 .evão ‖ 6 .evão ‖ 7 Nim. ham
144 2 yr.

7-8. outro mar] o Oceano Pacifico, «o outro mar do Ponente» (Barros III 5, 9). terra que fica—] a terra que se julgava existir no pólo austral.

142 6-7. «acceito a» como *acceptus alicui*.

7. V. os versos 6.º e 8.º da est. seguinte.

143 2. pera a patria amada] é tambem o 2.º hemistichio de IX 51, 2.

144 2. sempre manso e nunca irado] V. o com. a III 127, 3.

Até que houverão viſta do terreno
Em que nacêrão, ſempre deſejado;
Entrárão pela foz do Tejo ameno,
E a ſua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, por que mandou
E com titulos novos ſe illuſtrou.

145. No'mais, Muſa, no'mais, que a lyra tenho
Deſtemperada e a voz enrouquecida,

‖ 3 Ate ou. (v. I 74) ‖ 4 nacc. ‖ 5 .trarão pella (v. IV 49) ‖ 6 .ey ‖ 7 dão ‖ 8 tito. (v. IX 22)
145 1 Li.

5. Na volta para o Reino, Nicolau Coelho apartou-se de Vasco da Gama, propositadamente segundo Castanheda, antes de alcançar as ilhas de Cabo Verde, e dirigindo-se para Portugal chegou a Cascaes aos 10 de Julho de 1499. V. da Gama, que trazia seu irmão muito doente, passou-se, na ilha de Santiago, para uma caravella que alli fretou, e teve de arribar á ilha Terceira, onde Paulo da Gama falleceu e ficou enterrado; depois singrando para o continente chegou a Belem em Setembro do mesmo anno «auendo dous annos e dous meses que dali partira [em 8 de Julho de 1497]» (Cast. I 29; v. tambem o *Esmeraldo*, IV 2).

6-8. O sentido não é claro. «O premio e gloria» poderá ser a noticia do descobrimento a que D. Manoel os .tinha mandado («por que mandou»), glorioso galardão da determinação do monarcha e que foi para elle origem de novos titulos illustres («senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India»). Outra interpretação é: que os navegadores portugueses, voltando da empresa com feliz exito, glorificaram a patria e o rei, gratos por o monarcha os ter mandado àquelle descobrimento, que foi para elle origem de novos titulos illustres. (Neste caso ha-de ler-se no texto «porque mandou»). Em Barros — I 4, 1 — vem, que tendo D. Manoel acabado de convidar V. da Gama para esta empresa, «Vasco da Gamma e todalas notaueis pessoas lhe beijarão a mão: assi pola merec que fazia a elle como ao reyno em mandar a este descobrimento..».

rei temido e amado] é fórmula litteraria; cf. II 79, 4; «Era tymydo e amado em Espanha» [D. João II] (Canc. Ger., II 195); «Com duas canas diante | His amado e his temido» (Sá de Miranda, *Carta a D. João* III); «[Nero] *Decet timeri Caesarem*, [Seneca] *at plus diligi*» (trag. *Octavia*, 455); *Frustra se terrore succinxerit, qui saeptus caritate non fuerit* (Plinio, *Panegyrico*, 49). premio e gloria] é hendiadys, como «peccado e desobediencia» em IV 98.

145 1. No'mais] V. o com. a III 67.

2. «temperar» e «destempe-

E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente ſurda e endurecida.
O favor com que mais ſe accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que eſtá metida
No goſto da cubiça e na rudeza
De hũa auſtera, apagada e vil triſteza.

146. E não ſei porque influxo de deſtino
Não tem um ledo orgulho e geral goſto,
Que os animos levanta de contino
A ter pera trabalhos ledo o roſto.
Por iſſo vós, ó Rei, que por divino
Conſelho eſtais no regio ſolio poſto,
Olhai que fois — e vêde as outras gentes —
Senhor ſó de vaſſallos excellentes.

‖ 3 não ‖ 5 aeen. (v. 1 5) ‖ 6 Não *A* dâ *B* dà não *A* esta ‖ 8 Dhũa (v. *R Ph* em «Elisão») austè.

146 1 não sey ‖ 2 Não ‖ 5 vos *A* ò *B* ô .ey ‖ 7 .ay vede ‖ 8 so

rar» cram os verbos que antigamente se empregavam com o sentido que no português moderno tem «afinar» e «desafinar».

5. favor] no sentido de *favor*.

8-10. O deseobrimento do novo caminho maritimo para a India levou ao auge a febre de ganhar riquezas. As queixas a este respeito abundam na litteratura nacional do sec. XVI, v., por ex., as *Poesias* de André Falcão de Rèsende, o 1.º cap. do livro VII de Lucena.

No que toca á tristeza de que o Poeta falla, é muito verdade que o nosso povo, bem longe de ter a vivacidade e alegria dos nossos vizinhos, é por natureza soturno, e esta disposição ingenita veiu receber no sec. XVI novo alento da desconfiança que no trato social a ferocidade da intolerancia religiosa necessariamente gerava. cubiça] como em IX 93. austera] em máo sentido; cf. v 98, 6. apagada] como a luz dos olhos de um moribundo. vil] por deprimir o animo; cf. o 3.º verso da est. seguinte.

146 4-8. «Por isso» pertence logicamente não para a oração de «Olhai», mas para a de «Favorecei-os» no principio da est. 149, onde novamente se encontra uma particula conclusiva («logo»); e rigorosamente as orações de «Olhai» até o fim da est. 148 haviam de estar em fórma de subordinação (v. g. «olhando» etc.). A mesma inexactidão logica se encontra por vezes na litteratura latina e na grega. divino | Conselho] = providencia divina; é latinismo. só] = unico; pertence para «Senhor».

147. Olhai que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes liões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a ſetas c pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo,

148. Por vos ſervir a tudo aparelhados,
De vós tão longe ſempre obedientes
A quaeſquer voſſos aſperos mandados,
Sem dar repoſta, promptos e contentes.
Só com ſaber que ſão de vós olhados,
Demonios infernais, negros e ardentes,
Cometerão comvoſco, e não duvido
Que vencedor vos fação, não vencido.

149. Favorecei-os logo e alegrai-os
Co a preſença e leda humanidadc;
De riguroſas leis deſalivai-os,
Que aſſi ſe abre o caminho á ſanctidade;

147 1 .ay vão ‖ 4 pil. (v. I 67) ‖ 8 pcx. (v. IV 90)
148 2 vos tam ‖ 5 So sam vos ‖ 7 .terão con. (v. I 57) ‖ 8 .ação
149 1 .cey .gray ‖ 3 .ay ‖ 4 aa

147 6. Idolatras] Sobre a accentuação, v. *R Ph* em «Taprobana».

148 2. De vós tão longe] está em sentido concessivo.

3-4. A' maneira de proverbio o povo diz: O rei manda marchar, não manda chover.

8. V. o com. a III 127, 3.

149 2. humanidade]=affabilidade, amabilidade no trato; é latinismo.

3. «desalivar» por «aliviar» era ainda usual no sec. XVI; v. o *Dicc.* de Moraes.

4. Parece querer dizer, que d'este modo um principe chega a lograr a profunda veneração dos subditos; Macedo traduz: *Sic*

Os mais exp'rimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade
Pera voſſo conſelho, pois que ſabem
O como, o quando, e onde as couſas cabem.

150. Todos favorecei em ſeus officios
Segundo tem das vidas o talento:
Tenhão Religioſos exercicios
De rogarem por voſſo regimento,
Com jejuns, diſciplina, pelos vicios
Communs; toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioſo verdadeiro
Gloria vã não pretende nem dinheiro.

151. Os Cavalleiros tende em muita eſtima,

‖ 5 esp. (v. IV 95) .ay ‖ 6 esp. (exp.: III 143; IV 94; V 17, 96)

150 3 Tenhão ‖ 5 pellos (v. IV 49) ‖ 6 .omuns (v. *R Ph* em «immigo») .ição ‖ 8 vãa (v. IV 95) não

151 1 Caualei. (v. V 46)

via virtuti se pundit et itur ad astra.

6-7. bondade] = capacidade. Pera vosso conselho] = para vos aconselhardes com elles.

150 2. das vidas o talento] parece estar na accepção de: capacidade natural para um determinado genero de vida.

3. exercicios] no sentido de: officio, occupação, funcções, como em II 84, VII 38. O plural está unicamente para poder rimar com «vicios»; cf. VII 38, onde rimam, nos versos 1.º, 3.º e 5.º, «officio», «exercicio» e «vicio».

4-6. «por vosso regimento» e «pelos vicios communs» estão coordenados, tendo interposto «com jejuns, disciplina» (v. *R Ph* em «Interposição»); mas as preposições não tem o mesmo sentido no primeiro e no segundo membro; «por [= a bem de] vosso regimento» é «para que vós na governação sejaes bem inspirado»; «pelos vicios communs» é «para que sejam perdoados os delictos de todos e os culpados voltem ao bom caminho»; cf. em S. Cypriano: *quod si pro nobis ac pro delictis nostris ille* [Christo] *et laborat et precatur* (*epist.* II, 5). «Com jejuns, disciplina» liga-se a «rogarem», e quer-se dizer que as orações dos religiosos hão-de ser acompanhadas de jejuns e mortificação do corpo. (A. Coelho pôs erradamente ponto e virgula depois de «regimento»).

vento] no sentido de «cousa vã».

8. o bom Religioso verdadeiro] = o que verdadeiramente é bom religioso.

Pois com ſeu ſangue intrepido e fervente
Eſtendem não ſómente a lei de cima,
Mas inda voſſo imperio preeminente;
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão ſervir com paſſo diligente,
Dous inimigos vencem: huns os vivos,
E — o que he mais — os trabalhos exceſſivos.

152. Fazei, ſenhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos e Ingleſes
Poſſão dizer que ſão pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueſes.
Tomai conſelhos ſó de exp'rimentados,
Que vírão largos annos, largos meſes,
Que poſto que em ſcientes muito cabe,
Mais em particular o experto ſabe.

153. De Phormião, philoſopho elegante,
Vereis como Annibal eſcarnecia,
Quando das artes bellicas diante
D'elle com larga voz tratava e lia.

‖ 3 não ley ‖ 6 vão ‖ 7 hũs
152 1 .zey ‖ 2 .alos ‖ 3 .ossam sam ‖ 5 .ay so desp. (v. *R Ph* em «Elisão» c IV 95) ‖ 6 virão anos (v. VI 29) ‖ 7 cientes (scicnte: V 97)
153 1 .mião Phil. ‖ 2 Ani.

151 3. de cima] = do Ceo; «a lei de cima» = a religião christã.
7-8. Como se em lugar de «dous inimigos» tivesse dicto «duas ordens de inimigos», Cam. escreveu: huns [inimigos] os vivos [= os homens], e.. [os outros] os trabalhos excessivos.

152 2. Gallos] como em VII 6, 5.
3. pera mandados] = para serem mandados; é maneira de dizer usualissima no português classico.
7-8. Cf. V 17.

153 1-4. A anecdota de Phormião, philosopho peripatetico, vem em Cicero no *De oratore* II 18; o caso passou-se em Ephcso. Annibal] com a mesma accentuação que em VII 71. com larga voz] Cicero, no lugar citado, escreve: *locutus esse dicitur homo copiosus ali-*

A diſciplina militar preſtante
Não ſe aprende, ſenhor, na phantaſia,
Sonhando, imaginando ou eſtudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

154. Mas eu que fallo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido, nem ſonhado?
Da boca dos pequenos ſei com tudo
Que o louvor ſae ás vezes acabado.
Nem me falta na vida honeſto eſtudo
Com longa experiencia miſturado,
Nem engenho, que aqui vereis preſente,
Couſas que juntas ſe achão raramente.

155. Pera ſervir-vos, braço ás armas feito;
Pera cantar-vos, mente ás Muſas dada;
Só me fallece ſer a vós acceito,
De quem virtude deve ſer prezada.

‖ 6 fant. ‖ 8 Se não
154 1 falo (v. I 78) ‖ 2 vos não ‖ 3 sey ‖ 4 as (v. III 69, VI 23) ‖ 6 esp. (v. X 149) ‖ 8 achão
155 1 aas ‖ 2 aas ‖ 3 So fale. (v. VI 17) vos acci. (v. X 142)

quot horas. lia] como lente, como doutor; «tratava e lia» = dissertava doutoralmente.

5-8. Lembra: *Quae illi audire et legere solent, eorum partem vidi, alia egomet gessi; quae illi litteris, ea ego militando didici. Nunc vos existumate, facta an dicta pluris sint* (Sall. *Jug.* 85).

154 3-4. E' o que diz o Psalmo VIII: Tu fizeste sahir da boca dos infantes e dos que mammão, hum louvor perfeito (cit. por FS). «com tudo» exprime que se apresenta uma rectificação ao conteudo dos dois versos precedentes.

5. Nem] = e não, como *neque.*
honesto estudo] refere-se aos conhecimentos theoricos. «honesto» no sentido de «que traz comsigo estima ou a merece» O dar a «estudos» o epitheto de «honestos» foi provavelmente suggerido a Cam. pelo lugar de Horacio: *si non | intendes animum studiis et rebus honestis* (*Epist.* I 2, 35-36).

155 1. feito] = afeito, acostumado; v. mais exemplos no *Dicc.* de Moraes.
2. dada] = dedicada.
4. virtude] = merecimento: *virtus.*

Se me iſto o Ceo concede, e o voſſo peito
Dina empreſa tomar de ſer cantada
— Como a preſaga mente vaticina,
Olhando a voſſa inclinação divina —,

156. Ou fazendo que mais que a de Meduſa
A viſta voſſa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampeluſa
Os muros de Marrocos e Trudante;
A minha já eſtimada e leda Muſa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De ſorte que Alexandro em vós ſe veja
Sem á dita de Achilles ter enveja.

‖ 5 ceo ‖ 7 (sem parenth.) ‖ 8 *B* .noção
156 1 *B* mais qne | 4 *A* muros *B* mouros | 6 vos
‖ 7 vos ‖ 8 aa .iles

8. inclinação=indole (emquanto propensa para alguma cousa).

156 1-4. Cf.: ..a ser conservado do Destino, | As benignas estrellas promettendo | Lhe estão o largo pasto de Ampelusa | Co monte que em mao ponto vio Medusa (Cam., ecl. «Que grande variedade»). V. III 77 e 142. rompendo] como em x 57; cf.: Intenta ver a hum tempo destruido | De Marrocos o muro e Tarudante *Lisb. edif.* IV 105).

6. Fico] com a mesma significação e construcção que em x 57, 8.

8. E' reminiscencia do passo de Cicero: *Quam multos scriptores rerum suarum magnus ille Alexander secum habuisse dicitur! Atque is tamen, cum in Sigeo ad Achillis tumulum adstitisset, "o fortunate" inquit "adulescens, qui tuae virtutis Homerum praeconem inveneris"*. (*pro Arch.* 24).

Camões, ao fechar a sua epopeia, entra de novo no côro geral que incitava imprudentemente o monarcha a ir guerrear os Muçulmanos de Marrocos; v. o com. a 1 8.

A comparação das duas ultimas estancias com os dois primeiros versos de 1 15 patenteia o longo intervallo de tempo que mcdeou entre o começo e o acabamento do Poema.

Alvará regio

e

Parecer do Censor do Santo Officio

Que antecedem o Poema nas edições de 1572

Eu el Rey faço ſaber aos que eſte Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoẽs pera que poſſa fazer imprimir neſta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Luſiadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em verſos ſe declarão os principaes feitos dos Portugueſes nas partes da India depois que ſe deſcobrio a nauegação pera ellas por mãdado del Rey dom Manoel meu viſauo que ſancta gloria aja, & iſto com priuilegio pera que em tempo de dez anos [«annos» em *B*] que ſe começarão do dia que ſe a dita obra acabar de emprimir [«imprimir» em *B*] em diãte, ſe não poſſa imprimir nẽ vender em meus reinos & ſenhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera ſe vender ſem licẽça do dito Luis de Camoẽs ou da peſſoa que pera iſſo ſeu poder tiuer ſob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquoenta cruzados & perder os volumes [«volmes» em *A*] que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acuſar. E antes de ſe a dita obra vender lhe ſera poſto o preço na meſa do deſpacho dos meus Deſembargadores do paço, o qual ſe declarará & porá impreſſo na primeira folha da dita obra pera ſer a todos notorio, e antes de ſe imprimir ſera viſta e examinada na meſa do conſelho geral [«geeral» em *B*] do ſanto officio da Inquiſição pera cõ ſua licença ſe auer de imprimir, & ſe o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais algũs Cantos, tambem ſe imprimirão auendo pera iſſo licença do ſanto officio, como acima he dito. E eſte meu Aluara ſe imprimirà outroſi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como ſe foſſe carta feita em meu nome por [«per» em *B*] mim aſsinada & paſſada por minha Chancellaria ſem embargo da Ordenação do ſegundo liuro, tit. xx. que diz que as couſas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano paſſem per cartas, & paſſando por [«per» em *B*] aluaras não valhão. Gaſpar de Seixas o fiz em Lisboa, a. xxiiii: de Setembro [«a vinte & quatro dias do mes de Setembro» em *B*], de mdlxxi. Iorge da Coſta o fiz eſcreuer. (*)

(*) A orthographia é a de *A*.

* * *

Vi por mandado da ſanta & geral inquiſição eſtes dez Cantos dos Luſiadas de Luis de Camões, dos valeroſos feitos em armas que os Portugueſes fizerão em Aſia & Europa, e não achey nelles couſa algũa eſcandaloſa, nem contraria â fe & bõs cuſtumes, ſomente me pareceo que era neceſſario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a diffieuldade da nauegação & entrada dos Portugueſes na India, vſa de hũa fição dos Deoſes dos Gentios. E ainda que ſaneto Auguſtinho nas ſuas Retractações ſe retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Muſas Deoſas. Toda via como iſto he Poeſia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o eſtilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr eſta fabula dos Deoſes na obra, conhecendo a por tal, & ficando ſempre ſalua a verdade de noſſa ſancta fe [«fee» em *B*], que todos os Deoſes dos Gẽtios ſam Demonios. E por iſſo me pareceo o liuro digno de ſe imprimir, & o Autor moſtra nelle muito engenho & muita erudição nas ſciencias humanas. Em fe do qual aſſiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira.

ARGUMENTOS DOS CANTOS DOS LUSIADAS.

Attribuidos a JOÃO FRANCO BARRETO

Publicados pela primeira vez na edição dos LUSIADAS de 1644

I

Fazẽ conſilio os Deoſes n'alta corte,
Oppoemſe Baccho à Luſitana gente,
Fauorecea Venus, & Mauorte;
E em Moçambiquc lança o ferreo dẽtc:
Deſpois de aqui moſtrar ſeu braço fortc,
Eſtruindo, & matando juntamente,
Torna as partes buſcar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça ſurge fora.

II

Dar el Rey do Mõbaça o fim prepara
Ao Gama illuſtre cõ mortal engano:
Dece Venus ao mar, a frota ampara,
E fallar ſobe ao Padre ſoberano:
Iove os caſos futuros lhe declara,
Aparecc Mercurio ao Luſitano:
Chega a frota a Melinde, & o Rcy potẽte
Em ſeu porto a rccebe alegremente.

III

A populoſa Europa ſe deſcreue,
De Egas Moniz o feito ſublimado,
Luſitania, que Reys, q̃ guerras teuc,
Chriſto a Affonſo ſe expoẽ Cruceficado:
De Dona Ines dc Caſtro a pura neve
Em purpura conuerte o povo irado,
Moſtra ſc o uil deſcuido de Fernãdo,
E o grãð poder de hũ geſto ſuave & brãdo.

IV

Aclamado Ioão de Pedro herdeiro,
Conuoca Lianor ao Caſtelhano,
Oppoẽſe Nuno intrepido guerreiro,
Daſe batalha, vencc o Luſitano:
Quẽ a Aurora buſcar tentou primeiro,
Pellas tumidas ondas do Oceano:
E como ao Gama coube eſta alta ẽpreſa
Para afinar a gloria Portugueſa.

V

Relata o Gama illuſtre ao Rey potẽtc
Sua viagem longa & incerta via,
As eſtranhas naçoẽs de Africa ardentc
E de Fernão Velloſo a ouſadia:
Como Adamaſtor vio, gigante ingente,
Que hũ dos filhos da Terra ſe dizia;
E as couſas que paſſou atè ſeu porto,
Onde repouſo achou & ſaõ conforto.

VI

Parteſe de Melinde o illuſtre Gama
Com pilotos da terra & mantimento:
Dece Liêo ao mar, Neptuno chama
Todos os Deoſes do humido elemento:
Cõta Velloſo, aos ſeus dãdo hõra & fama
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a afligida armada,
E à India chega tanto deſejada.

VII

Dà fundo a frota a Calecut chegada,
Mandaſe menſageiro ao Rey potente:
Chega Monçaide a uer a Luſa armada,
E da prouincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori ſua Embaixada,
E recebido bem da Indica gente,
Co Regedor da terra ao mar ſe torna,
Que de toldos & flamulas ſe adorna.

VIII

Vemſe de Luſitania os fundadores,
E aquelles que por feitos valeroſos
De alta memoria ſaõ merecedores,
De himnos, & de verſos numeroſos:
Como de Calecut os Regedores
Conſultaõ os Aruſpices famoſos,
E corruptos com dadiuas poſſantes
Tratаõ de deſtruir os nauegantes.

IX

Parte de Calecut o Luſitano
Com as alegres nouas do Oriente,
E no meyo do tumido Oceano
Venus lhe moſtra hũa inſula excellente
Aqui de todo bem ſofrido dano
Acha repouſo aſſaz conueniente,
E com ninfas gentis o mais do dia
Em feſtas paſſa & jogos de alegria.

X

A meſas de viuificos manjares
Com as Nimphas os Luſos valeroſos,
Ouuem de ſeus vindouros ſingulares
Façanhas, em acentos numeroſos:
Moſtralhe Tethis tudo quanto os mares,
E quanto os Ceos rodeaõ luminoſos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo taõ querido.

INDICE DOS NOMES PROPRIOS

(As latitudes são dadas segundo o *Imperial Atlas* de Phillips)

Abassia (cm Castanheda [v 23] *Abexia*, a que corresponde o nome ethnico *Abexins*): x 50.

Abassís: x 68, 95.

Abrahão: i 53.

Abranches = Avranches, cid. do occidente da Normandia: iv 25.

Abrantes: iv 23 (2-3); viii 22.

A'byla: iii 77, iv 49; viii 17, 71.

Achemenia: ix 60.

Acheronte: i 51.

Achilles: iii 131; v 93, 98; x 12, 156.

Acidalia: viii 64, ix 52.

Acroceraunios: vi 82.

Acriso (Acrisio): vii 97.

Acteon: ix 26, 63.

Actio: ii 53.

Adamastor: v 51, 60.

Adão: iv 70, viii 65.

Adem (Aden) cid. da costa merid. da Arabia: x 99.

Adonis: iv 63.

Adriatico: ii 97.

Affonso *a*) de Port.: 1) A. i († 1185): i 13; iii 30, 42, 45, 46, 58, 64, 67, 73, 79, 83, 84; viii 11; 2) A. ii († 1223): iii 90, 91; 3) A. iii († 1279): i 13; iii 94, 96; 4) A. iv († 1357): i 13; iii 98, 99, 108, 109, 118; 5) A. v († 1481): i 13; iv 54, 60; *b*) 1) A. vi (de Leão e Castella) († 1109): iii 23, 24; 2) A. ix (de Castella) (alias viii, v. o *Dicc. encicl. hispano-americano* em «Alfonso ix») († 1214): viii 22; 3) A. xi (de Castella) († 1350): iii 109.

Africa: i 2, 15; ii 103, 110; iii 20, 103; iv 54; v 10, 65; vi 11, 14; viii 72; x 53, 92, 97, 137.

Africano: i 29, 51, 77; iv 20, 48; v 50; vi 83; vii 70; ix 15.

Africo *a*) (substantivo): i 27; *b*) (adjectivo): x 97.

Aganippe: iii 2.

Agar: iii 26, 110; viii 47.

Agareno: iii 110; viii 51.

Agrippina († 59 p. Chr.): iii 92.

Aiace: x 24.

Ainão, ilha ao sul da China: x 129.

Alanquer (Alenquer): iii 61.

Albis: iii 11, 58.

Albuquerque, Affonso de —: i 14; x 40, 15.

Alcacer [Ceguer], em Marrocos, na parte septentrional: iv 55; viii 38.

Alcacer do Sal: III 62, 90; VIII 24.
Alcides: III 137; IV 49, 80; IX 57.
Alcino (Alcinoo): II 82.
Alcmena: III 141.
Alcorão: III 50; VII 13.
Alcyoneo: VI 77.
Alecto: VII 10.
Alemanha: III 11; VI 69 (1-8).
Alemão: VII 4, X 152.
Alemtejo: III 75.
Alencastro, duque de —: VI 46.
[**Alenquer**] v. Alanquer.
Alexandrino: III 96.
Alexandro: I 3; V 93, 95, 96; VIII 12 (Alexandre); X 48 (Alexandre), 156.
Algarves: III 95; VIII 25.
Almeidas: I 14.
Alpheo: IV 72.
Alvaro 1) (de Castro): X 70; 2) (de Braga) VIII 94.
Amalthea: II 72.
Amasis: III 11.
Ammon: VII 48.
Amor: II 36; III 56, 119, 132, 142; V 46; IX 75, 81; X 46.
Ampaza: X 104.
Ampelusa: III 77; X 156.
Amphioneo: IX 19.
Amphitrite: I 96; VI 22.
Anchises: IX 23.
Andaluzia: III 85; IV 9.
Andrómeda: X 88.
Annibal: VII 71; X 153.
Antão Vasquez de Almada: IV 25.
Antarctico: I 51; V 50, 65; VIII 67; X 141.
Antenor: II 45; III 14.
Anteo: III 77; V 4; VII 24.
Antonio *a*) = Marco Antonio: III 136; IV 59; V 95; VI 2; *b*) A. da Silveira: X 62.
Anubis: VII 48.
Aonio: V 87.
Apelles: X 48.
Apeninno: III 15.
Apollineo: I 84; X 25.
Apollo: I 37; II 105; III 2, 8, 97; V 15; VII 87; X 139.
Appio: III 140.
Apulia, região da Italia meridional: III 141.
A'quilo: VI 31, 76.
Ara: VIII 71.
Arabia: III 72; IV 63, 101; VI 25; X 100, 102, 135.
Arabico: I 50; V 77; VII 33; IX 7; X 50.
Arabio: IV 100; V 76.
Aragão: IV 57.
Araspas: X 48.
Arcadia: IV 72.
Arcturo: I 21; III 6.
Arethusa: IV 72.
Argo (usualmente diz-se *Argos*), cid. da Grecia, no Peloponneso: V 87.
Argonautas: I 18; IX 64.
Argos *a*) o constructor da náo Argo: IV 85; *b*) (incorrectamente, por *Argo*) constellação: VIII 71.
Armenia: III 72.
Armenios: VII 13.
Armusa: X 103.
Arômata: X 97.
Arquico: X 52, 97.
Arracão, na Birmania: X 122.
Arronches: III 55; VIII 19.
Arsinario, cabo: V 7.
Arsinoe: IX 2; X 98.
Artabro: IV 28.

Arzilla: eid. de Marrocos, em 35°, 32′: IV 55.
Asaboro: X 102.
Asia: I 2; III 7; VII 14, 18; VIII 5; X 97.
Asiano: I 60.
Assyria: VII 11; IX 34.
Assyrio: I 24; VII 53.
Astrea: IV 27.
Asturias: III 19; IV 11.
Astyanás (Astyanax): IV 5.
Athamante: VI 23.
Athenas: III 97; V 87.
Atlante *a*) pers. mythol.: I 20; *b*) monte: II 73, X 156.
Atlantico *a*) como substantivo: V 10; *b*) adjectivo: X 3.
Atreo: III 133.
A'tropos: III 98.
Attila († 453): III 100.
Augusto († 14 p. Chr.): II 53; III 136; V 95.
Aurea Chersoneso: II 54; X 124.
Aurora: I 14, 21, 59; II 53, 110; IV 60; IX 13, 61; X 44, 102, 125.
Ausonia: V 87.
Ausonio: X 21.
Austro (vento) I 35; VI 76.
Avás: X 126.
Axio: III 13.
Azenegues: V 6.

Babel: IV 64; VI 74; VII 45.
Babylonia: III 41.
Baçaim, na costa occ. da India, em 19°, 19′: X 61.
Bacanor, na costa occ. da India, entre Batecalá, ao norte, e Mangalor (12°, 54′), ao sul: X 59.
Baccho: I 30, 39, 97, 104; II 12, 39; III 21; IV 27; VI 10, 15, 86; VIII 4, 47, 49; IX 39, 46.
Bactro *a*) rio: VI 60; *b*)=da Bactriana: II 53.
Badajoz, na Extremadura hespanhola, sobre o Guadiana: III 66, 68.
Baldovino: X 49.
Banda: IX 14; X 133.
Barbaria, v. Berberia.
Barborá, na costa Africana do golfo de Aden: X 50.
Barem (Baharem): X 41, 102.
Baticalá, na costa occ. da India, entre Onor e Bacanor: X 66.
Beadala, na costa or. da India, ao nordeste de Tutieorim: X 65, 66.
Beatriz: IV 7.
Beja: III 64, 76, 85.
Bellem (Belem): X 12.
Belisario: X 22.
Bellona: VIII 27.
Bengala: VII 20, X 121.
Benjamim: III 140.
Benomotapa: X 93.
Berberia: V 6 (Barbaria), VII 24, (Barbaria) VIII 38.
Betico: IV 46.
Betis: III 19, 60, 85.
Bintão: X 57.
Bipur, na costa occ. da India: X 14.
Bizcainho: IV 11.
Boa Esperança, cabo de —: IX 16.
Boemios: III 11.
Bolonhês: III 94.
Bons Sinaes, rio dos —: V 78.

Bootes: III 71.
Boreas: I 35; III 49; V 9; VI 31, 76, 88, 89.
Borneo: X 133.
Bramás: X 126.
Brasil: X 63.
Brava, na costa or. da Africa, em 1°, 12′ de lat. boreal: X 39.
Bretanha: III 58.
Briareo: VII 48.
Brigo: IV 8.
Brusio: III 10.
Busiris: II 62.
Bybil: IX 34.
Byzancio: III 12; VII 12.

[**Cádiz**] v. Caliz.
Cadmo: VII 9.
Cães: X 88.
Cafres: V 47, X 38.
Calaiate, na costa da Arabia da parte do golfo de Oman: X 41.
Calatrava: IV 40.
Calecu (Calecut), na costa occ. da India, em 11°, 15′: II 52; VI 92; VII 16, 22, 35; IX 10; X 14, 35, 64.
Caliz (= Cádiz), na Andaluzia: IV 57.
Calliope: III 1; V 99; X 8.
Callisto: I 51; V 13; X 139.
Calpe: III 23.
Calypso: V 89.
Cambaia: VII 21; X 29, 34, 72, 106.
Cambaico: X 32, 60, 64.
Cambalão: X 13.
Camboja: X 127.
Camenas: V 63, VII 85.
Campaspe: X 48.
Canace: VII 79.
Cananor, na costa do Malabar, em 11°, 51′; II 52; VII 35; X 14.
Canará: VII 21.
Canarias: V 8.
Cancro: III 6.
Candace: X 52.
Cannas: IV 20.
Canusio (hoje Canosa): IV 20.
Cappadoces: III 72.
Carlos *a*) C. Magno († 814): I 13; VII 7; *b*) C. o Calvo († 877); X 49.
Carmania: IV 65; X 105.
Carneiro: VIII 67.
Carpella: X 105.
Carreta: X 88.
Carthago: X 8.
Caspio: I 60; III 23; VII 12.
Cassiopea: X 88.
Castel-Branco: X 101.
Castella: III 19, 37, 99, 105, 108; IV 6, 7, 42, 57; VI 47, 56; VII 29; VIII 25, 27, 29; X 139.
Castelhano: I 25; III 19, 25, 34, 36, 37, 99, 101, 112, 114, 138; IV 7, 24, 28, 41, 47; VIII 14, 22, 34, 35.
Castro, D. João de —, natural de Lisboa (1500-1548): I 14; X 67, 69.
Catharina, S.ta: X 43, 99.
Catilina († 62 a. Chr.): IV 33.
Cauchichina: X 129.
Caudinas, Forcas: VIII 15.
Ceilão: VII 19; IX 14; X 107, 136.
Ceita (Ceuta): IV 34, 49, 52; VIII 37.
Celo: VI 21; IX 85.
Centimano: V 51.
Cephisio: IX 60.

Ceres: III 62; IV 27; VIII 32; IX 91.
Cesar († 44 a. Chr.): I 13; IV 59; V 95, 96; VIII 12.
Cesareo: I 7; III 16.
Cezimbra: III 65.
Chalé: VII 35; X 61.
Champá: X 129.
Charybdis: II 45, VI 82.
Chatigão: X 121.
Chaul, cid. da costa occ. da India, da parte do sul de Bombaim: X 29, 60.
Chiamai: X 125.
Chimera: VII 47.
China *a*) VII 41; X 129, 131; *b*) = Chinês: II 54.
Chloris: IX 62.
Christianissimo: I 7; VII 6.
Christo: I 7, 63, 102; II 6, 14; III 87, 109; IV 48, 62, 100; V 13; VII 3, 5, 10, 15; VIII 18; IX 15; X 95, 108, 111, 112, 117.
Christovão (da Gama): X 96.
Cicero, Marco Tullio — († 43 a. Chr.): V 96.
Cicones: V 88.
Cilicios: III 72.
Cingapura: X 125.
(Cintra) v. Sintra.
Cinyphio: VII 7.
Cinyras: IX 60; X 135.
Cinyrea: IX 34.
Cirees: V 88; (Circe) VI 24.
Cisne: X 88.
Cleonco: IV 80.
Cleopatra, rainha do Egypto († 30 a. Chr.): III 141.
Clieie: III 1.
Clotho: II 20.
Clymene: V 7.
Coehim, cid. na costa do Malabar, em 9°, 57′: II 52; VII 35; X 13.
Coeles, Horacio —: X 21.
Coeyto: III 117.
Codro: IV 53 (1-7).
Coelho, Nicoláo —: V 32; VI 75; VII 77; VIII 88.
Coimbra: III 97.
Colchos: III 72; V 28.
Colophonia (Colophon), cid. da Asia Menor, na Lydia: V 87.
Columbo (Colombo), cid. maritima da ilha de Ceilão: X 51.
Comori, Comorim, cabo: X 65, 107.
Conca (Cuenca), serra de —, na Castella a Nova: IV 10.
Congo: V 13.
(Constantino) *a*) C. Magno († 337), imperador romano: I 60 (?), III 12; *b*) C. Dragades († 1453), imperador byzantino: I 60 (?).
Cordova: VIII 24.
Cori: X 107.
Coriolano: IV 33.
Cornelio = Publio Cornelio Scipião: IV 20.
Corvino, Marco Valerio —: VI 68.
Costantino, v. Constantino.
Coulão, cid. da costa do Malabar, em 8°, 52′: VII 35.
Coulete, na costa do Malabar, X 55.
Cranganor, cid. da costa do Malabar, em 10°, 14′: VII 35.
Credulidade: IX 45.
(Ctesiphonio): II 113.
Cuama (Zambeze): X 93.
Çuaquem, nas costas da Nubia, em 19°: X 97.
Cunha *a*) Nuno da C. (nascido provavelmente em 1847, v. Braamcamp Freire na *Rev. Lusitana* X pag. 283-284): X 61; *b*) Tristão da Cunha: X 39.

Cupido *a*) II 42; IX 23, 44; *b*) Cupidos: IX 36.
Curcio, Marco —: IV 53.
Cutiale: X 59.
Cybele: IX 57.
Cyclopas: II 90.
Cylleneo: II 57, 71.
Cynosura: X 88, 125.
Cyprio: IX 18, 43.
Cypro: V 5.
Cyro († 529): X 48.
Cythera, ilha ao sul da Morea, que os Italianos chamam «Cerigo»: I 100; V 5.
Cytherea: I 34; IX 53, 57.

Dabul, ao sul de Chaul: X 34, 72.
Dalmatas: III 14.
Damão, cid. da costa occ. da India, em 20°, 25′: X 63.
Damasceno: III 9.
Dano: III 10.
Danubio: III 11.
Daphne: III 1; IX 56.
Dardania: III 57; VI 19.
Dario, filho de Hystaspes († 485): III 41; X 21.
Darzira: X 99.
David, 2.° rei de Israel († 993): I 71; III 140.
Deccanis: VII 20.
Decios: IV 53.
Dedáleo: VII 51.
Delis: VII 20.
Delio: V 91; VII 67.
Delos, uma das ilhas Cycladas: IX 53.
Demodoco: X 8.
Deserta, Arabia —: IV 63.
Diana: II 35. 113; IX 26, 91; X 89.
Dina: III 140.
Dinis, 6.° rei de Portugal († 1325): III 96; IV 17.
Dio, no Guzarate, em 20°, 42′: II 50; X 35, 60, 61, 62 (2-3), 64, 67.
Diogo: VIII 94.
Diomedes: II 62.
Dione: II 21, 33; IX 36.
Dite: IV 80.
Dófar, na costa meridional da Arabia: X 101.
Dórcadas: V 11.
Doris: I 31; V 53, 55; VI 20.
Douro: IV 28; VI 53, 54; VIII 3.
Drago: X 88.
Duarte, 11.° rei de Portugal († 1438): IV 51.

Eborense: III 107.
Egas: I 12; III 35, 37, 40; Egas Moniz: III 36; VIII 13.
Egeo: V 51.
Egypcio: II 53; III 9; IX 2; X 3, 43.
Egypto: IV 62; X 29, 37, 98.
Elvas: III 62; VIII 34.
Elysio: VIII 3.
Emanuel, v. Manoel.
Emathio: III 73.
Emodio: VII 17.
Empyreo: X 81.
Encélado: V 51.
Eneas: I 12; II 45; III 106; V 86, 94, 98; IX 91.
Eniochos, v. Heniochos.
Eolo: II 105; III 8; V 15; VI 35.
Eoo: VI 38; VIII 84.
Ephyre: IX 76.

Epicurêo: VII 75.
Erinys: VI 43.
Erycina: II 18; IX 66.
Erymantho: IV 80.
Erythreo: IV 63; VI 81; IX 2; X 52.
Escandinavia: III 10.
Estevão (da Gama): X 63.
Estrabo: V 50.
Estremadura: III 61.
Estyge: IV 80.
Estygio: IV 40; VIII 11.
Ethiope: V 32, 62, 76.
Ethiopia: I 43; IV 62, 101; V 6; VII 61.
Ethiopico: I 42.
Etna: VI 13.
Euphrates: IV 64; X 102.
Europa *a*) I 64; II 80; III 6, 17, 20; VII 12; VIII 5; X 92; *b*) person. mythol.: II 72.
Europeo: VI 1.
Eurydice: VII 29.
Eurystheo: IV 80.
Euxino, mar —: IV 83.
Evora: IV 3.

Falerno: X 4.
Fama: II 58; IX 45.
Fartaque, na Arabia meridional: X 100; o cabo d'este nome fica em 15°, 30′.
Favonio: X 1.
Federico (Barbaroxa) († 1190): III 87.
Feliz, Arabia —: IV 63.
Fernando *a*) 9.° rei de Portugal († 1383): III 138, 143; IV 1, 2, 7, 17; *b*) F. o Magno, rei de Leão († 1067): IV 8 (?); *c*) = Fernan Gonçález: IV 8 (?); *d*) F. o Catholico, rei de Aragão († 1516): IV 57; *e*) filho de D. João I († 1443): IV 52; *f*) F. de Castro, filho do vice-rei da India, D. João de Castro: X 70.
Fernão Martins: V 77.
Fernão Velloso: V 30 (v. tambem « Velloso »).
Filippe de Meneses: X 104.
Firmamento: X 89.
(Flandres) v. Frandes.
Flora: II 72; IX 40, 61.
Fortunadas, ilhas —: V 8.
França: IV 61; V 96; VI 56); VIII 26.
Francês: II 97; IV 24; VI 68; X 63.
Francisco (de Almeida), vice-rei da India: X 34.
Frandes (Flandres): VI 56, 68; X 49.
(Frederico) v. Federico.
D. Fuas: I 12; F. Roupinho: VIII 17.
Fulvia: V 95.

Gabello: V 78.
Gaditano: II 55.
Galatea: VI 90.
Galego (Gallego): III 19; IV 10; VIII 9.
Gallia: III 16; VI 56.
Gallo: VII 6; X 152.
Gama *a*) Vasco da Gama: I 12, 84; II 16, 29, 70, 97, 103, 107; III 1, 3; V 99; VI 93; VII 44, 46, 58, 59, 66, 73; VIII 56, 64, 76, 77, 80, 82, 84, 86, 88, 92.

94; IX 5, 7, 8; X 3, 10, 53, 62, 75, 79; v. tambem «Vasco da Gama»; *b*) Paulo da Gama: VII 75, 77; VIII 6, 11, 43; v. tambem «Paulo da Gama».
Gambea: V 10.
Ganges: IV 74; VI 92; VII 1, 17 (Gange), 20 (Gange); X 33 (Gange), 105 (Gange), 118 (Gange), 120, 121.
Gangetico: II 55; VII 19, 54; VIII 78; X 120.
Garunna: III 16.
Gate: VII 22.
Gedrosia: IV 65.
Gelanda: VII 61.
Georgianos: VII 13.
Germania: VIII 37.
Germanico: III 58, 86.
Germano: III 88; VI 69; VIII 18.
Gerum: X 41, 103.
Gidá, na costa occ. da Arabia, em 21°, 27′: IX 3; X 50, 99.
Gigante: II 112; V 53, 61; VI 13, 78.
Gil Fernandes, de Elvas: VIII 34.
Giraldo: III 63; G. Sem pavor: VIII 21.
Gláphyra: V 95.

Harpya (Harpyia): IV 80; V 89.
Hebreo: I 53; IV 12.
Heitor: X 60.
Heitor da Silveira: X 60.
Helena: III 140.
Helicona (Hélicon): III 97.
Heliogabalo († 222): III 92.
Helle: III 12; VI 63.
Hellesponto: IV 23.
Hemo: III 12.
Heniochos: III 72.
Guido: V 5.
Goa: II 51; X 42.
Goadalquibir, v. Guadalquibir.
Gonçalo (da Silveira) († 1561): X 93. (A sua morte vem contada em uma carta do jesuita Luis Froes, publicada por Paiva e Pona em *Dos primeiros trabalhos dos Port. no Monomotapa*).
Gonçalo Ribeiro: VIII 27.
Gotfredo (Godofredo) (de Bulhão) († 1100): III 27.
Gotico: III 100.
Granada: III 19, 100, 112.
Granadil: III 114.
Grecia: III 13; VII 54; X 19.
Grego: I 3, 24; II 44; III 7; V 97; VI 19; VII 13, 77; X 60.
(Guadalquibir): IV 9.
Guadiana: IV 28; VII 70; VIII 3, 29.
Guardafú (Guardafui) cabo da Africa or., em 22°, 30′ de lat. boreal: X 97.
Gueos: X 126.
Guido: III 87 (5-8).
Guimarães: III 31, 35.
Guipúscua: IV 11.
Guzarates: X 60.

Henrique *a*) o pae do primeiro rei de Portugal († 1114): III 25, 27; VIII 9; *b*) filho de D. João I († 1460): V 4; VIII 37; *c*) H. de Meneses, natural de Lisboa, († 1526), setimo governador da India: X 54; *d*) um Cruzado allemão: VIII 18.
Henriquez, D. Affonso—: IV 16.
Herculano: III 23; IX 21.
Herculeo: IV 9.

Hercules: VI 1.
Hercyna, montanha —: III 11.
Hermo: VII 11.
Héroas, cidade dos —: X 98.
Heróstrato: II 113.
Hespanha: I 31; III 17; 19, 23, 103; IV 49, 53, 61; VI 56; VII 68, 71; VIII 26, 45.
Hespanhol: V 9.
Hesperia: (ultima) IV 54; H. ultima: II 108; VIII 61, 69.
Hesperico: III 99.
Hespcridas: II 103; V 8.
Hesperio: V 8.
Hidalcham: X 72.
Hierosólyma: III 27; VII 6 (2-4).
Hippocreue: I 4.
Hippótades: VI 37.
Hispalico: VIII 20.
Hispano: II 97; III 53, 101; IV 61; VII 25; VIII 3, 93.
Homero: V 96, 98.
(Hungria) v. «Ungria».
(Hungaro) v. «Ungaro».
Hunno: IV 24.
Hyacinthino: IX 62.
Hydaspe: I 55; VII 52;
Hydaspico: III 100.
Hydra: VIII 71.
Hyperboreo: III 8.
Hypcrionio: I 59.

Iberino: VI 48.
Iberio: IV 54.
Ibéro: III 60.
Idalio: IX 25.
Ideo: II 35.
Illyrico: II 45.
India: I 31, 32, 40, 52, 64, 70, 96, 97; II 46, 63, 70 (2-6), 80, 101; IV 65, 101; V 34, 69; VI 6, 93; VII 31, 51, 60; IX 1, 39; X 27, 37; 58, 66.
Indiano: I 74, 97; VI 32.
Indico: VII 1, 18, 66; IX 3; X 10, 63.
Indo *a*) rio: I 32, 52, 95; II 47; IV 64, 74; VII 17, 25; X 33, 105, 118; *b*)=Indico: I 55.
Inês (de Castro): III 120, 123, 132, 135.
Inglaterra: I 12; VI 42, 43, 54, 57, 67.
Inglês: IV 47; VI 44, 47, 53, 58, 59, 60 (2-7), 65; VII 5; X 152;
Iopas: X 8.
Ios, uma das Cycladas: V 87.
Ismael: IV 63.
Ismaelita: I 8; III 85; IV 100; VII 5.
Ismar: III 44.
Israel: IV 63; VI 81.
Istro: III 12.
Italia: III 10, 100; IV 61; VII 8.
Italiano: IV 24.
Italico: II 98; X 4.
Italo: X 152.
Ithaco: II 82.

Jalofo: V 10.
Jano: VII 48; X 82.
Jaos: X 44.
Japão: X 131.
Jápeto: IV 103.
Jáquete: X 106.
Jasque, cabo de —: X 105.
Jesu: III 117; X 115; J. Christo: X 108.
Joanne *a*)=D. João I († 1433):

IV 2, 12, 23, 25, 36, 37, 45; *b*) =D. João II († 1495), I 13; IV 58, 60, 66.
João, 10.º rei de Portugal: IV 3; VI 43; (v. tambem «Joanne»).
Jordão: III 27.
Jove: X 4.
Juba: III 77
Judaico: VII 39, 80.
Judea: III 27, 72, 86; IX 34.
Judita: X 49.
Juliano (adject.): IV 49.
Julio (Cesar) († 44 a. Chr.): IV 32.
Juno: V 15; IX 91; X 82.
Jupiter: I 23, 30, (1-6), 37, III 106; VII 48 (J. Ammon), 54; VIII 8; IX 91; X 7, 82, 83, 89.

Lacedemonio: X 21.
Lacio (adject.): V 97.
Lacteo; Via Lactea: I 20; Caminho Lacteo: I 41.
Lageio: VI 2.
Lamo, na costa or. da Africa, em 2°, 13′ de lat. austral: X 39.
Lampecia: V 91.
Lampethusa: I 46.
Laudroal (Alandroal): VIII 33.
Laos: X 126.
Lappia: III 10.
Lara (Lar), eid. da Persia a 70 kil. do golfo Persico (*Dicc. enc. hisp. amer.*): X 104.
Lara, (condes de—): VIII 22.
Larisseo: X 1.
Latino: I 33.
Latona: II 89; IX 53, 62.
[Leão] v. Lião.
Lebre; VIII 71; X 88.
Leiria: III 55; VIII 19.
[Leoa] v. Lioa.
[Leonardo] v. Lionardo.
[Leonês] v. Lionês.
[Leonor] v. Lianor.
Lépido, Marco Emilio—(† 13 a. Chr.): III 136.
Letheo: VIII 27.
Leucate: II 53.
Leucothoe: III 1.
Levante: II 4; V. 61.
Lianor (Telles) mulher de D. Fernando: III 139; IV 6.
Lião, antigo reino da Hespanha occidental: III 19, 70; VI 56.
Libitina: III 83.
Libya: III 128; VII 48.
Linha: III 71.
Lioa, serra—: V 12.
Lionardo: VI 40; IX 75.
Lionês: III 70, 89; IV 8; VIII 9.
Lisboa: III 57, 61, 88; VI 7; VIII 5, 18, 24; IX 16.
Livonios: III 11.
Londres: VI 57.
Lotharingia: VIII 9.
Lourenço *a*) filho de D. Francisco de Almeida: X 27; *b*) S. Lourenço, ilha de—: I 42; X 39, 137.
Lua: I 58; II 93; III 59; IX 48; serras da L.: III 56.
Luis, IX, rei de França († 1270): VII 7.
Lusitania: III 21, 31, 82, 95; IV 6; VI 43; VIII 2.
Lusitanico: IX 38.
Lusitano: I 1, 3, 6, 30, 33, 48, 50, 60, 73, 75, 83, 94; II 44, 50, 55, 58, 61, 69, 74, 97, 102, 104; III 2, 20, 26, 34, 42, 53, 99, 101, 118; IV 24, 41, 50; V 71, 95, 100; VI 2, 6, 48;

vii 14, 24, 25, 26, 79; viii 30, 35, 59, 69, 77, 84; ix 12, 18, 40; x 12, 51, 71, 107, 118, 138.
Luso *a*) person. mythol.: i 24. 39, 62; ii 17, 103; iii 21, 51, 95; vi 26; vii 2; viii 2; *b*) = Lusitano: ii 48; iii 114; vii 45; x 18, 27, 44.
Lycio: ii 27.
Lydia: vii 11.
Lyeo: i 49; vi 14, 20.
Lyra: x 88.
Lysa: iii 21.

Macedonia: iii 13.
Macedonio: i 75.
Maçuá (em mappas allemães: Messaua), na costa occ. do Mar Vermelho, em 15°. 35′: x 52, 97.
Madagascar: x 137.
Madeira, ilha da —: v 5.
a) **Mafamede**: iii 113; iv 48; viii 19, 47; *b*) Mahamede: i 99, 102; ii 50; *c*) Mahoma: vii 17; *d*) Mafoma: ii 108.
Mafoma, v. Mafamede.
Mafra: iii 56.
Magalhães (Fernão de —): x 140.
Magno (Pompeio): iv 32, 62.
Magriço: i 12; vi 53, 59, 62, 68, 69.
Mahamede, v. Mafamede.
Mahoma, v. Mafamede.
Mahometa: iii 19, 89; iv 49; vii 24; x 108.
Mahometico: vii 33; viii 64.
Maia: ii 56.
Malabar *a*) nome ethnico: vii 21, 41, 45; viii 10, 90; ix 3, 14; x 11, 55, 59; *b*) nome de região: vii 16, 32; x 15.
Malaca: x 44, 57, 123.
Malaios: x 44.
Maldiva: x 136.
Maluco: ix 14.
Mamelucos: x 32.
Mandinga: v 10.
Manoel, 14.° rei de Portugal († 1511): iv 66 (2 5), 75, 83; viii 57.
Mantuano: v 94.
Marathonio: x 21.
Marcello (Marco Claudio): vii 71.
Marcio: iv 39; x 19, 65.
Marco Antonio († 30 a. Chr.): iii 141.
Marcomanos: iii 11.
Maria *a*) mãe de Christo: iii 45; *b*) filha de D. Affonso iv de Portugal: iii 102, 106.
Mario († 86 a. Chr.): iii 116; iv 6.
Marrocos: iii 103, 112; x 156.
Marte: i 3, 5, 36, 75; ii 37, 53, 69; iii 12, 15, 30, 88, 95; iv 15, 25, 84; vi 56, 68; viii 38, 89; ix 91; x 22, 42, 67, 73, 89.
Martim López: viii 23.
Martinho = Martim Affonso de Sousa: x 67.
(Mascarenhas) v. Mazcarenhas.
(Mascate) v. Mazcate.
Massylia: iv 34; v 6.
Matheus (Mattheus): viii 24.
Maumetano: viii 81, 84, 88; ix 2, 8, 12.
Mauritania: v 4.
Mauritano: iii 20, 77, 99, 114; vi 83; vii 77; viii 1.
Mauro: i 6, 76, 93; ii 25, 68; iii 53, 75, 80, 104, 123, 128; iv 8; viii 17, 37, 77.

Mavorcio: VII 79.
Mavorte: I 41; II 50; III 89; VI 58; VIII 16.
Mazcarenhas *a*)=Pedro M.: X 56; *b*) João M.: X 69.
Mazcate, na costa or. da Arabia, em 23°, 37′: X 41.
Meca, na Arabia occ.: IX 1, 2, 4, 7; X 50.
Mecom: X 127.
Medea: III 32.
Medina, na Arabia occ.: X 50.
Mediterrano (Mediterraneo), mar M.: III 6, 18.
Medusa: III 77, 142; X 156.
Meliapor, na parte or. da India; X 109.
Melindano: II 74, 92, 97, 111; VI 2, 92.
Melinde, na costa or. da Africa, em 3°, 17′ de lat. austral: II 57, 58, 70, 73, 94; X 39, 96.
Melique (isto é, Melique Iaz): X 61; Melique Iaz: X 35.
Mem Monlz: VIII 20.
Mem Rodriguez de Vasconcellos: IV 24.
Memnon: II 92.
Memnonio: IX 51.
Memphis: IV 62.
Memphitico: VII 48.
Menão: X 125.
Meneses *a*) Duarte de M., 5.° governador da India: X 53; *b*) Henrique de M.: X 54.
Meotis: III 7.
Mercurio: I 40; II 61, 64; IX 91; X 89.
Méroe: X 95.
Milciades († 480): V 93.
Mincio, affluente do Pó: V 87.
Minerva: III 97; VI 13.
Minho, rio: VII 30.
Minyas: IV 83; VI 31.
Mir Hocem: X 36.
Mobile primeiro: X 85.
Moçambique, na costa or. da Africa: I 54, 77, 99; II 17; V 84.
Moçandão, cabo; X 102.
Mogor: X 64.
Moloso (por: Molosso): III 47.
Moluca, hoje Moluya (na transcripção inglesa), rio de Marrocos, que desagôa no Mediterraneo: III 105.
Mombaça, na costa or. da Africa, em 4°, 5′ de lat. austral: I 54, 103; II 56, 59; V 45, 84; X 27.
Monçaide: VII 26, 28 (2-8), 46, 67, 68; IX 5, 15.
Mondego: III 80, 97, 120, 135; VII 78.
Morpheo: IV 68.
Moscos: III 11.
Moscovia: VI 95.
Moura: III 62.
Mouro: I 16, 25, 56, 61 (2-7), 62, 69, 70, 72 (2-8), 73, 77, 82, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 96, 97, 99, 101 (1-8), 102, 104; II 7, 9, 14, 16, 28, 29, 49, 50, 51, 54, 66, 70, 71 (1-8), 74, 100 (3-8), 101, 106 (2-8), 107, 108; III 42, 43, 44, 50, 62, 66, 67, 76, 78, 79, 81, 87, 90 (5-7), 95, 112, 115; IV 8, 55; V 9; VII 26, 28, 29, 42, 73; VIII 9, 11 (2-6), 16, 17, 20, 22, 23, 26, 48, 56, 58, 80, 81; IX 4, 6 (1-2); X 28, 43, 147, 156.
Mousés (Moysés): X 98.
Musa: III 97; V 99; VII 87; X 6, 9, 22, 145, 155, 156.

Nabateo (Nabatheo): I 84; IV 63.
Naiades: III 56.
Náo: X 88.
Napoles: IV 61.
Narsinga: VII 21; X 14, 108, 120.
Navarra: VI 56.
Navarro: III 19.
Nemeo: V 2.
Nêmesis: III 71.
Neptunino: I 58, III 15; IX 42, 49.
Neptuno: I 3, 72; II 2, 47; III 51; IV 21, 84; V 11, 15, 51; VI 8, 13, 14, 15, 16, 21, 35, 36, 76; VIII 32.
Nereidas: II 20; VI 8; IX 50.
Nereo: I 96; II 19, 112; V 52; VI 20; IX 40.
Nerine: II 20.
Nero († 68 p. Chr.): III 92.
Nhaia (Pero da —): X 94.
Nicoláo *a*)=S. Nicoláo: V 74; *b*) Nicoláo Coelho: IV 82.
Nilo: II 53; VII 7, 41, 61; X 33, 93, 95, 127.
Nilotico: IV 62.
Nino: III 126.
Nisa: I 31; VII 52.
Nise: II 20.
Nobá: X 95.
Nocturno: II 1.
Noé: VIII 75.
Noronha (Garcia de —): X 62 (1-5).
Norte, mar do —: VI 57.
Noruega; III 10.
Noto: I 27; V 67, 73; VI 76, 90.
Nuno (Alvarez Pereira): I 12; IV 21, 31, 34, 36, 45; Nuno Alvarez (Pereira): VI 14, 24; VIII 32.
Nympha: II 13, 33, 63, 99; III 2, 16; V 53, 57; VI 14, 20, 86, 87; VII 78, 81, 82, 84; VIII 50, 51; IX 32, 41, 47, 48, 70, 77, 82, 84, 85, 89; X 2, 7, 8, 22, 39, 50, 73, 74, 143.

Obi: X 96.
Obidos: III 61.
Oceano (divindade): VI 20, 27.
Occidente (região): I 50; II 48.
Octaviano (Cesar O. Augusto) († 14 p. Chr.): IV 59.
Octavio: V 95.
Ogygia: II 45.
Oja, na costa or. da Africa: X 39.
Olympico: I 17.
Olympo: I 20, 35, 42; II 79, 112; IV 85; VI 7, 34; IX 90.
Omphale: III 141.
Ophir: X 124.
Oriás: VII 20.
Oriente (região): I 15, 20, 30, 42, 50, 76; II 44, 51, 54, 79; V 68; VI 6, 32; VIII 57; X 132, 138.
Orionte: VI 85; X 88.
Orithyia: VI 88.
Orixá: X 120.
Oriando: I 11.
Ormuz, na entrada do golfo Persico: II 49; X 40, 53, 101.
Orpheo: III 1, (Orpheio) 2.
Ottomano: III 12; VII 4.
Ourique, campo de —, no districto de Beja; III 42. (Ha quem pense que o «campo de Ourique» onde se deu a celebre batalha, é o que actualmente fica dentro da circumvallação de Lisboa).

Pacheco (Duarte P. Pereira): I 14; X 12, 15, 16, 17.
Pactólo: VII 11.
Pado: I 46.
Paio Corrêa: VIII 26.
Pallas: II 78; VIII 4; IX 91.
Palmas, cabo das —, na Africa occidental, nas costas da Liberia: V 12.
Palmella: III 65.
Pam (Pahang), na costa or. da peninsula de Malaca: X 125.
Panane, na costa do Malabar: X 55.
Panchaia: II 12.
Pannonios: III 11.
Panopea: VI 23.
Panthea: X 48.
Paphio: IX 60.
Paphos: V 5.
Parcas: I 34; IX 38.
Parnaso: I 32.
Párseos: X 40, 104.
Parthénope *a*) cid.: III 19; *b*) person. mythol.: IV 61.
Patane, na costa or. da penins. de Malaca, em 6°, 53′: X 125.
Patanes: VII 20.
Paulo *a*) o apostolo: VI 81; *b*) irmão de Vasco da Gama: VII 73; VIII 1; P. da Gama: IV 81; VI 75.
Pedro *a*) o apostolo: IV 13; VII 4; *b*) o 8.° rei de Portugal († 1367): III 133, 136, 138; IV 2; VI 43; *c*) P. I de Castella († 1369): III 136; *d*) filho de D. João I: VIII 37; *e*) o conde D. P., governador de Ceuta: VIII 38; *f*) P. de Sousa: X 104.
Pegú, na India transgangetica: X 122.
Peleo: V 52.
Peno: III 116, 141.
Perelra *a*) (Nuno Alvares P.: IV 30; *b*) Pereiras, os irmãos de Nuno Alv. P.: IV 40.
Perillo: III 39.
Perimal: VII 33; VIII 82; v. tambem «Saramá».
Perineo (Pyreneo): IV 57; VI 56.
Peristera: IX 24.
Peritho (Pirithoo): II 112.
Pero Rodriguez, do Landroal: VIII 33.
Persa: I 24; III 41; X 49, 68.
Persia: IV 101; IX 58; X 100, 102 (?), 103.
Persico: IV 64.
Perslo: X 102 (?).
Petrea, Arabia: IV 63.
Phaethon: I 46, 49.
Phaethonteo: IX 43.
Phálaris: III 93.
Pharaó: III 140.
Phasis: III 71.
Pheaces: X 8.
Phebe: VI 18.
Phebeo: II 72.
Phebo: I 4, 56; III 20; IV 75; IX 53, 74, 91; X 86, 87.
Phllippico: IV 59.
Phllippo, pae de Alexandre Magno († 336 a. Chr.): I 75; VII 54.
Philomela: IX 63.
Phlegon: V 61.
Phormião: X 153.
Phrygio: I 98.
Pimenta, ilha da —: VII 35.
Pindo: III 2.
Plinio (Caio P. Secundo) († 79 p. Chr.): V 50.
Plutão: II 112.
Polonios: III 11.
Polycena (Polyxena): III 131.
Polydoro: VIII 97.

Polyphemo: v 28, 88.
Pomona; ix 58, 62.
Pompeio († 48 a. Chr.): iii 71.
Pompilio (Numa P.): viii 31.
Pomponio (Mela): v 50.
Pondá: x 72.
Ponente: x 138.
Poro: vii 21.
Portugal: iii 25, 46, 78; iv 3, 50; vi 51, 52; viii 11, 22, 82.
Português: i 32, 50, 74, 82, 87, 90, 92; ii 14, 23, 66, 75, 85, 111; iii 46, 50, 57, 70, 81, 112; iv 15 (1-7), 33, 38, 46, 56 (3-8); v 72, 97; vi 47, 58, 60; vii 3, 23, 28, 43, 45, 55, 66; viii 22, 25, 32, 56; x 60, 67, 68, 104, 132, 140, 142, 152.
Praso (Prasso), promontorio: i 43, 77.
Progne: iii 32.
Prometheo: iv 103; vi 11.
Proteo: i 19; vi 20, 36; (Proteio) vii 85; x 7.
Ptolomeo *a*) Claudio P. (2.º sec. p. Chr.): v 50; *b*) Pt. Philadelpho († 247 a. Chr.): ix 2.
Pyrene *a*) person. mythol.: iii 16; *b*) = Pyreneos: vii 71.
[Pyreneos] v. «Perineo».
Pyrois; v 61.
Pyrrho *a*) filho de Achilles: iii 131; *b*) rei do Epiro († 272 a. Chr.): viii 6.

Quedá, no oriente da peninsula de Malaca, (a cidade antiga) em 5°, 44′: x 123.
Quilmance: x 96.
Quiloa (em mappas ingleses Kilwa), na costa or. da Africa, em 9°, 30′ de lat. austral: i 54, 99; v 45; x 26.
Quinto Fabio: x 21.
Quirino: ix 91.

Rapto (Rhapto): x 96.
Régulo: iv 53.
Repelim, na costa do Malabar: x 65.
Rhamnusia: v 80.
Rhódano: iii 16.
Rheno: iii 11, 16, 58.
Rhodes: ilha a 15 kil. das costas meridionaes da Asia Menor: iv 62; v 40, 87.
Rhódope: iii 12, vii 29.
Riphelos, montes: 7iii.
Roçalgate (em mappas ingleses, Ras-al-Hadd) cabo da Arabia, em 22°, 30′: x 101.
Rodamonte; i 11.
Rodrigo = Ruy Diaz de Bivar: iv 8.
Rogeiro: i 11.
Roma: iii 22, 116, 126; vi 7, 30; viii 6, 11; x 19, 68.
Romano: i 24, 26, 33, 75; ii 44, 53; iii 116; iv 20; v 94; viii 36; ix 38; x 26.
Romulo: i 26.
Roxo *a*) mar R.: ii 49; ix 3; x 62, 97; *b*) estreito R. = estreito do mar Roxo = estreito de Bab-el-Mandeb: x 137.
Rui Pereira: viii 34.
Rumes: x 62, 68.
Ruthenos: iii 11.

Sabá: x 52.
Sabeo: iv 63.
Sacro Promontorio (= cabo de S. Vicente): iii 74.
Salacia: vi 16.
Saladino († 1193): iii 87.
Salamina: v 87.
Samaria: districto da Palestina, entre a Galilea e a Judea: vii 39.
Samatra (Sumatra): x 124.
Samnitico: viii 15.
Sampaio (Lopo Vaz de —), natural de Anciães: x 59, 61.
Sanagá (Senegal): v 7.
Sancho *a*) S. i († 1211): iii 75, 78, 85, 88, 89; viii 20; *b*) S. ii († 1248): iii 91, 92, 94.
Sancta Cruz, Terra de —: x 140.
Sanctiago (Sanct'Iago): iii 113; iv 40; v 9.
Sansão: iv 12.
Santarem: iii 74, 78, 80; (Sanctarem) viii 19.
[**Sara**] v. Sarra.
Saramá Perimal: vii 32; v. tambem «Perimal».
Sardanapalo (Sardanapallo): iii 92.
Sármatas: iii 11.
Sarmatico: iii 10.
Sarra: iii 140.
Sarracenos: iii 23, 42, 58, 74, 100, 110; iv 52; ix 6, 94.
Saturno: x 82, 89.
Saul, 1.º rei dos Israelitas († 1033 a. Chr.): iii 111.
Saxones: iii 11.
Scabelicastro: iii 55.
Sceva (Cassio Sc.): x 30.
Scinis (Sinis): iii 39.
Scipião *a*) Publio Cornelio Sc.: viii 32; *b*) Publio Cornelio Scipião Emiliano: v 96; *c*) Scipiões: v 95.
Scylla *a*) filha de Crateis: ii 45; vi 24, 82; *b*) filha de Niso: iii 32.
Scythas: iii 9.
Scythia: iii 128; vii 12.
Scythico: ii 53; iii 60, 73.
Semele: vii 52.
Semicapro: v 27.
Semiramis: iii 100.
Séquana: iii 16.
Sequeira (Diogo Lopes de —): x 52.
Serpa: iii 62.
Sertorio: iii 63; iv 33; viii 8.
Sete Irmãos, montes —: iv 37.
Sevilha, cid. da Andaluzia, junto do Guadalquivir: iii 75; iv 46; viii 24.
Sião, Estado da India transgangetica: x 123, 125.
Sichem: iii 140.
Sicilia: iii 93.
Siculo: iv 62.
Siene: iii 71.
Silves: iii 86, 88; viii 26.
Sinai: x 99.
Sinon: i 98.
Sintra: iii 56 (4-5); v 3.
Sirena: v 88; x 5, 45.
Smyrna, cid. do litoral da Asia Menor, em 38°, 24′: v 87.
Soarez (Lopo S. de Albergaria): x 50.
Socotorá, ilha fronteira ao cabo de Guardafui: x 137.
Sofala, na costa or. da Africa, em 20°, 6′ de lat. austral: i 54; v 73; x 94.
Sol: i 8, 21, 28, 42; ii 5, 13, 63, 68, 72, 98, 100, 110, 111; iii 6, 107, 115; iv 27; v 2, 7, 26, 68,

77 (5·7); VI 6, 14, 22, 60, 61, 85; VII 61, 68; X 1, 86, 143.
Solar: II 96; VII 60; VIII 87.
Sophenos: III 72.
(Suaquem) v. Çuaquem.
Suecio: III 10.

Tágides: I 4; V 100.
Tanais: III 11.
Tangere (Tanger), cid. de Marrocos, junto do estreito de Gibraltar: IV 55.
Tanor, cid. do Malabar, ao sul de Calecut: X 14.
Taprobana: I 1; X 51, 107.
Tarifa, cid. da Andaluzia, na parte mais meridional da Hespanha: III 109.
Tarpeia: VIII 97.
Tarquino (Tarquinio): III 140.
Tarragonês: III 19.
Tartesio: III 100.
Tarteso: VIII 29.
Tauro: III 73.
Tavai, na Birmania, em 14°, 8′: X 123.
Tavilla (Tavira): VIII 25.
Tejo: I 14, 25; III 2, 42, 55, 58, 60; IV 10, 23, 28, 84; V 3, 99; VI 54, 60; VII 30, 61, 70, 78, 79, 82; VIII 4; X 10, 37, 144.
Temistião: X 1.
Tenessari (Tenasserim), na penins. de Malaca, em 12°, 7′: X 123.
Teotonio: VIII 19.
D. Teresa, [mulher do conde D. Henrique] († 1130): III 25, 32, 34.
Ternate, uma das Molucas, ao poente de Gilolo: X 132.
Suez: IX 2; X 98.
Summano: IV 33.
Sunda: X 134.
Sylla (Sulla) († 78 a. Chr.): IV 6.
Syracusa, cid. da costa or. da Sicilia, em 37°, 4′: IV 72.
Syrtes: VI 81, 82.

Tesifonio, v. Ctesiphonio.
Tethys: I 16; III 115; IV 49; VI 36; VIII 74; IX 48, 89; X 75.
Tethyo: V 91.
[Tetuão] v. Tutuão.
Thaumante: II 99.
Thebano: I 73; III 18; VI 25; VIII 3; IX 91.
Thebas, da Beocia: IX 19.
Themistocles († 449 a. Chr.): V 93.
Thermodonte: III 44.
Thermópylas: X 21.
Theseu: II 112; III 137.
Thetis: V 55, 59.
Thomé, apostolo: X 108, 109, 113, 114, 115, 116, 118, 119.
Thraces: III 12; VII 13.
Threicio: VIII 97.
Thyestes: III 133.
Thyoneo: II 12; VI 6, 26.
Tibre: V 87.
Tidore, uma das Molucas, ao sul de Ternate: X 132.
Tigre: IV 64; (Tigris) X 102.
Timavo: II 45.
Timor: X 134.
Tinge: III 77.
Tingitania: III 18.
Tingitano: I 33.
Tirynthio: IV 55.
Tithão: II 13.
Tito († 81 p. Chr.): III 117.
Tityro: V 63.

Tobias: v 78.
Toledo, cid. da Castella a Nova, junto do Tejo: iv 10.
Tonante: i 20; ii 41; vi 78.
Torcato (Torquato): vi 68.
Tormentorio, cabo — (= cabo de Boa Esperança): v 50, 65; x 37.
Toro, na costa occ. da penins. do Sinai, em 28°, 12′: x 99.
(Torquato) v. Torcato.
Torres Vedras: iii 61.
Trajano († 117 p. Chr.): i 3; iv 64.
Trancoso: iii 64.
Transtagano: iii 72; iv 28, 45.
Tritão: ii 21; vi 16 (3-5).
Troia: iii 7; viii 5.
Troiano: i 3, 35; iii 44; x 60.
Trudante (Tarudant), cid. de Marrocos, em 35°, 40′: x 156.
Turco: i 8; ii 46; v 45; vii 12; x 96, 101.
Turquia: i 62, 64; vii 12.
Tusco: x 21.
Tutuão (Tetuão, Tetuan), cid. de Marrocos, perto das costas do Mediterraneo, em 35°, 40′: iv 34.
Tui (Tuy), cid. da Galliza, junto do rio Minho: iii 89.
Typheo *a*) subst.: i 42; vi 13; *b*) adj.: ix 37.
Tyrio: ii 95; iv 9.

Ulcinde: x 106.
Ulissea: iv 84.
Ulisseo: iii 58, 74.
Ulisses: ii 45; v 86; viii 5; x 24.
Ungaro: iii 28; viii 9.
Ungria: iii 25.
Ursas: v 15.

Vandalia: iii 60; viii 20.
Vandalos: iv 9, 46.
Vasco da Gama († 1524): i 44; v 94; vi 80; v. tambem «Gama».
Velloso (Fernão—): v 31, 32, 34, 35 (1-3); vi 41, 42, 69; ix 69.
Veneza: ii 97; iii 14.
Venus: i 33; iii 106; v 5; vi 91; vii 15; viii 64; ix 43, 49 (2-8), 50, 52, 83, 95; x 83, 89.
Verde, cabo —, na Africa occ., em 14°, 45′ de lat. boreal: v 7.
Vespero: iii 115.
Vesta: vi 21; ix 85.
Vicente (S.): iii 74.
Virgilio (Vergilio): v 98.
Viriato: i 26; viii 6, 36.
Vulcaneo: ix 35.
Vulcano: i 22, 68; ii 37, 69, 106; v 51; ix 7; x 35.

Xerez: viii 34.
Xerxes: († 465 a. Chr.): iv 24.

Zaire: v 13.
Zeila, cid. da costa africana do golfo de Aden: x 50.
Zéphyro: ix 40, 61.
Zópyro: iii 41.

REGISTO PHILOLOGICO

a (preposição), com substantivos desacompanhados do artigo definido, differentemente do uso hodierno, em locuções modaes: a boca aberta: IV 21; a escala vista: VIII 25; a força de: X 41, 61, 104; a maneira de: V 25; a porfia: VI 87 (tambem em castelhano: *á porfia*); cf.: a pé enxuto, a redea solta (H. Pinto, II 587 *v* da 1.ª ed.); a voga surda (J. Freire, *Vida de D. João de C.*, II § 37, e não «á v. s.», como vem no *Dicc.* de Moraes, infidelissimo na transcripção dos textos); a força dombros (Cast., VIII 32); tomada a força de armas a cidade (Soares Toscano, 22); antigos enxempros a parte deixados (=*omissis*, Diogo Brandão no *Canc.* de Rèsende I 192); «a maneira de» tambem, por ex., na *Visão de Tundalo* na *Rev. Lusitana*, III pag. 110, em F. Mendes Pinto, cap. 16.

acerto; «por a.»: II 67; tambem na comedia *Filodemo*, II 5.

acudir; «acude» (imperat.; fórma antiquada): III 105.

Adjectivo em vez de nome abstracto precedido da preposição «de»: cauta phantasia: II 6; ledo fingimento: I 69; sancto fingimento: II 13; leis magnanimas: VIII 7.

afeitar-se: IX 55.

Africa. «Affrica» (e «Affricano») era graphia vulgar na Idade Media, e ainda no sec. XVI, até em obras latinas: *Affricani* e *Affricanus* em um codice, do sec. XI de Favonio Eulogio (segundo Holder; a pag. 12 e 19, respectivamente, da ed. Teubneriana).

Alanquer. A graphia erronea com *m* — Alemquer —, devida a falsa comparação com palavras compostas com «alêm», é moderna; a graphia correcta vem ainda, por ex., em um sermão de J. Rod. Pereira, impresso em 1737, na dedicatoria, e no texto a pag. 2.

Alcino. Em nomes proprios gregos e latinos os escriptores antigos reduziam frequentemente «oo» final a «o» segundo a analogia de

«cabido», «perigo», etc., fórmas posteriores a «cabidoo», «perigoo». Nos *Lusiadas* occorrem: Alcino, Peritho. Tambem nos nomes proprios litterarios e nos appellativos e adjectivos litterarios ou semi-litterarios, em que o «o» ou «a» final é precedido de «e» ou «i» átonos, supprimiam frequentemente estas ultimas vogaes. Nos *Lusiadas* temos: Acriso (Acrisio), Tarquino (Tarquinio; «Tarquino» tambem em Dam. de Goes, *Cat. maior*, pag. 100 da 2.ª ed., 4 vezes), Ampelusa (Ampelusia), Terintho (Tirynthio), Mediterrano (Mediterraneo; tambem no *Esmeraldo*), sanguino (sanguineo; v. o *Dicc.* de Moraes). Outro tanto faziam os escriptores italianos antigos; por ex., nas *Stanze* colligidas por Lud. Dolce, o cardeal Egidio diz *Tarquino* em rima com *camino* (pag. 79). Facto semelhante é o que se dá em «contino» de *continuus*.

Alexandro; é a fórma verdadeiramente portuguesa, como «Anaximandro», «Evandro», «Lysandro». «Alexandro» occorre nos *Lusiadas* em v 93, 95, 96; «Alexandre» em VIII 12, X 48.

aliphante: X 110 (em H. Pinto, II 32, 4 vezes).

ambos de dous: IV 72; v. Jul. Moreira, *Estudos da ling. port.*, I pag. 6-8.

-an,-en. No português archaico e ainda na 2.ª metade do sec. XVI, era vulgar reduzir-se a «-an» o ditongo final «ão» dos verbos, quando seguido de enclitica: fazian-lhe (*Vida de S.to Alcixo* na *Rev. Lus.*, I pag. 336), deitauannas (*Visão de Tundalo*, ibd., III pag. 106), achegauansse (*Vida de Josaphat*, fol. 1), faziansse (id. ibd.), assentaransse (*Vida de Euphrosina*, fol. 45 *v*), Chamanlhes (F. de Oliveira, *Gramm.*, pag. 16 da 2.ª ed.), prezanse (Castanh., I 9), disseranlhe (id. ibd.), deranlhe (ib. ibd.), espctaranse (id. VIII 82), chaman-se (D. João de Castro, *Rot.* pag. 17), acharanse (Barros, *Asia*, I 10, 6), queiman-lhe (Dam. de Goes, *D. Man.*, II 6), accusarana (=accusaram-na, H. Pinto, II pag. 562 da 1.ª ed.), danlhe (Castanh., I 14), assanno (id. III 62), vanse (id. ibd.), tratanse (id., VI 11), onde an de ir ter (Dam. de Goes, *Cat. maior*, pag. 110 da 2.ª ed.). Nos *Lusiadas* vem: ande (II 25, IX 38), chamante (IV 96, 3 vezes), armanse (VI 58), Dãos (X 24 em *A*).

Outrosim «em» final atono de verbos, quando seguido de enclitica, tomava frequentemente a fórma «en»: seruense (Castanh., I 14). Nos *Lusiadas* occorrem: Rompense (I 35), Repartense (II 21), Esquecerense (II 44), Vense (IX 62).

antigo, antiguo. A segunda graphia é tradição do tempo em que, ainda antes de «a» e «o», o som do «g» era representado por «gu». Escrevendo «antiguo», Cam. pronunciava «antigo», segundo se vê, de I 26, onde «antigua» rima com «inimiga», e de I 43 (em. *A*), onde «antiguo» rima com «perigo».

apousentar; ascende etymologicamente a «pousar», que é o representante regular de *pausare*; é a fórma do português antigo, e de

igual modo nos vocabulos cognatos, v. g. «apousento». Na fórma posterior «aposcntar» ha suppressão da 2.ª vogal do ditongo situado antes da syllaba tonica, assim como em «Alcochete» (antigamente: «Alcouchete»). Nos *Lusiadas:* apousentar (IV 60, VI 1, X 91), apousento (I 41, 60, 72 em *A*).

appetito: VI 96, X 5; é, ao lado de «appetite», fórma corrente no scc. XVI: Sá de Miranda, *Vilhalp.* 1, 3 (pag. 5 da ed. de 1622).

Assimilação de modos (e tempos): VII 33, VIII 65, X 10.

Astyanás por «Astyanax»: IV 5; cf. *Polus* por *Pollux* em uma poesia castelhana do *Canc.* de Rèsende, II 26, 8.

até. Até o sec. XVII sempre se disse «até» e não (com a preposição «a») «até á»; no sec. XVII principia a apparecer «até a» com o artigo feminino («até á, até ás») e só posteriormente tambem com o artigo masculino («até ao, até aos»); mas os escriptores mais aprimorados observam a prática antiga. (Na conversação, porêm, hoje em dia toda a gente, quando emprega o artigo feminino, diz «até á, até ás»). Exemplos da praxe antiga são: ate a pia [baptismal] (*Constit. synodaes do bisp. de Coimbra*, de 1548, fol. 1); dcce a pique a. o mar (D. João de Castro, *Roteiro*, pag. 12); amigo [é vocativo] a. o altar podes usar da minha amizade (Barros, *Dial. da vic. verg.*, ed. da *Compilação*.., pag. 323; o *Dicc.* de Moraes traz erradamente «amigo até ao altar»); a. a outra enseada (Castanh. III 62); a. o porto Dadem (id. VIII 192); a. o, extremo e derradeiro dia (Dam. de Goes, *Cat. maior*, pag. 45 da 2.ª ed.); a. o cabo de boa Sperança (id., *D. Man.*, II 10); a. o mês Dabril (id. ibd. II 14); a. o começo do verão (id. ibd. IV 34); a. os geolhos (id. ibd. III 41); a. o Cabo de boa esperança (Pero de Magalhães, *Hist. da prov. de S.ta Cruz*); a. o presente (Orta, *Col.* XV; alterado para «ate ao» na ed. do Conde de Ficalho); a. a ponta (Cam., *El Rei Seleuco*); a. as partes remotas (Jer. Corte Real, *Naufr.*, II); a. a terça feira (F. Mendes Pinto, cap. 20); a. o meyo (Sousa, *Hist. de S. Dom.*, I 2, 1); a. a vinda (id. ibd. I 2, 4); a. o largo mar (*Lisb. edifi.*, III 119); a. o Herculeo estreito (ibd. VI 3); a. o estado presente (Lobo, *Primavera*, dial. 16); a. as portas (J. Freire, *V. de D. João de Castro* II 52); a. as tres da tarde (id. ibd. II 102); desde o Indo a. o Ganges (Man. Godinho, *Relação*.., cap. 1); a. o primeiro sobrado (id. ibd. cap. VI); a. aquella hora (Barreto, *En. Portug.* V 203); a. o fim do tratado (Greg. Bapt., *Completas da vida de Christo*, fol. 8, col. 2.ª da ed. de 1623); de Cascais a. o Mondego (Man. dos Anjos, *Hist. Univ.*, pag. 12 da ed. de 1702); do Oceano.. a. as Rybeiras do rio Minho (D. Fern. de Meneses, *V. d'elrei D. João I*, 1ª pag. 4); a. o fim (João da Fons., *Sylva moral*, pag. 348); a. os pés (Fons., *Parvum Lex.* em *palla*); a. o cabo (Per. de Figueiredo, *Novo Meth.*); a. o Mondego (A. Herc., *Hist. de Port.* I pag. 167); a. a tomada de Toledo (id. ibd.); a. as serras de Albarracin (id. ibd., 174); a. a foz do Tejo (id. ibd.,

182); Desde o palacio a. a taberna (id. *Eur.* pag. IX); a. a hora da grande provação (id. *Lendas* e *Narrat.* II 104); o sufficiente para viver a. as primeiras colheitas (id. *Opusc.* I 189); a. o fim do seculo XV (Gama Barros, *Hist. da administr.* II 149); a. o Vouga; depois a. o Mondego; e d'aqui a. o Tejo (id. ibd. II 23). Nos *Lusiadas:* II 54 (onde Barr. Feio pôs: até ao); III 73; VI 80; VII 38, 54; X 9, 107.

aventajar-se: II 113; V 5; é, como «ventagem», a fórma usual do português antigo.

baixo, baxo. Nos *Lusiadas* occorrem ambas as fórmas — das quaes só a primeira é agora a litteraria — já como adjectivo ou adverbio, já nos derivados e compostos: baixo: VI 33 em *B*, 99 em *B;* VIII 15 em *B*, 59; IX 35; baxo: III 14, 139; IV 54; VI 33 em *A*, 99 em *A;* VIII 15 em *A;* X 22, 23, 154; abaixo: I 23; V 61, 84; abaxo: IX 13; X 89; debaixo: IV 16, 97; VI 64; X 89 (uma vez) em *B;* debaxo: I 105; II 77; III 8; IV 31; X 89; abaixar: VI 63 em *B* VIII 11 em *B;* abaxar; IV 56; VI 63 em *A;* VIII 11 em *A;* X 22, 41.

barão; representa *baro,-onis*, que no baixo latim tambem corresponde a *vir* (v. W. Heraeus, *Die Sprache des Petronius u. die Glossen*, cit. na *Berliner Philol. Wochenschrift*, 1899, n.º 49). No português moderno «barão» só existe como termo nobiliario. Camões diz «barão» (I 1; VI 4, 33; IX 22, 65; X 11, 19, 69, 73, 76, 108, 142); só em VI 37, IX 91, X 7, occorre «varões», o que parece dever considerar-se erro typographico.

Em outras palavras mais, em que havia antigamente «b» na propria lingoa litteraria, hoje este som só se conserva na pronuncia popular, v. g. em «vespa»; ao inverso, em algumas dicções o «v» antigo foi substituido por «b», v. g. em «aborrecer» (com «v» nos *Lusiadas:* I 73, 106; VII 80), «assobiar» (com «v» nos *Lusiadas:* I 89; VI 84, 98); em outras a pronuncia culta é com «b», a popular com «v», v. g. em «bergamota»; em um pequeno numero de vocabulos o uso ainda vacilla entre as proprias pessoas cultas, v. g. em «covarde» e «cobarde», «sebe» e «seve».

-bil,-vel. Os adjectivos derivados terminados em «-vel» tem nos *Lusiadas* a fórma latina «-bil» (*-bilis*): a affabil: II 39; immobil: IX 53, 86; implacabil: V 48; impossibil: IV 54, V 53, VI 80, VIII 29; incansabil: III 68; inexpugnabil: II 50, III 101; insensibil: I 65; insoffribil: I 65; instabil: X 91; invencibil: VIII 6; invisibil: I 65, VI 11; possibil: VIII 69; terribil: I 14; IV 28, 54; vendibil (que A. Gomes de Amorim substituiu pelo barbarismo «vendavel»): VIII 92; visibil: I 65; volubil: VII 60.

bivora: V 11, onde alguns editores têm posto injustificadamente «viboras»; aquella fórma antiga occorre ainda em tempos posteriores ao dos *Lusiadas*, v. g. nas *Completas da vida de Christo*, fol. IV col. 1.ª

ç inicial, v. s.

cahir em uma cousa, conhecendo o que ella é: I 96, v 54; cf. «ate que eayrão no que era» (Castanh. VI 71); «por não cair bem na obrigação que a jsso tinha» (Processo de Dam. de Goes nos *Ineditos Goesianos*, II pag. 25).

cangrejo: VI 18; é a fórma usual antiga: Barros, *Asia*, II 8, 4.

-ce. Nos adjectivos representantes de adjectivos latinos em *-ax*, *-ix*, *-ox*, Camões emprega quasi sempre a fórma latina *-ce*: atroce: I 88, III 72; audace: VI 37; felice: VIII 17, X 75; feroce: III 72, X 68, 100; fugace: IX 63; pertinace: V 44; rapace: VII 86; sequace: I 71; tenace: II 18; veloce: I 46, II 26, IX 70.

certo (adverbio): V 18, 49; X 55; cf. «do qual tẽpo certo sñor eles mereçião muyto mjlhor jornall» (Carta autographa de Du. Pacheco Pereira).

cetim: II 97; tambem em Castanh. II 112; Dam. de Goes, *D. Man.*, I cap. 38; *Inventario do Guarda-roupa de D. Manoel* no *Arch. historico português*, II pag. 404 (mais de 5 vezes); *Carta de quitação de D. João III*, no mesmo *Archivo*, II pag. 417, etc.

com; antes do artigo definido: com os: VII 64; com a: I 13, 87; II 18; X 43, 149; com as: II 20, 76; IV 34; V 78; IX 72; antes de «hum»: III 24.

Conjugação reflexa *a*) servindo de passiva, com a designação do agente: I 52; III 10; IV 62; V 7, 77; VII 54, 55, 57; VIII 48, 58; IX 6; X 92, 95; *b*) funccionando o pronome como o dativo latino: III 41, (em sentido reciproco) IX 84.

consumir; «consume»: V 2, IX 31; é fórma ainda corrente no sec. XVI: v. H. Pinto, II pag. 6 da 1.ª edição.

convir = quadrar, ser apropriado: VIII 1; é significado que Moraes não regista.

Constantino: I 60, III 12; é fórma popular, em que se supprimiu a nasalação da primeira syllaba de «Constantino», da mesma maneira que em «Vicente» de *Vincentem* (accusativo de *Vincens*) e em fórmas archaicas taes como «ifante».

Crase. Camões escreve: da agoa: II 20, 27; V 87; VI 16; IX 49, 63, 67; da alimaria: V 21; da alma: III 120; na Africa: X 53; na agoa: II 20, 27, 28, 35; IX 65, 73 (8), 74 (2); X 116; na alagoa: III 7; na alma: I 66, II 85, III 121, VI 6; na autoridade: VIII 76. Quando occorre a graphia que denota a crase, é, em geral, visivel que foi por falta de espaço: dagoa: V 20, X 4; dalma: IV 96, X 55; nagoa: IX 63, 73, 74 (6); X 12.

cris: X 44: «Kris. — Punhal javanês, ou, melhor, malaio, cuja lamina é em geral de uma fórma ondulada ou serpentina» (Alberto Osorio de Castro, *Flores de coral*, pag. 137).

Cyclopa: II 90. Os nomes provindos da terceira declinação grega

(masculinos e femininos) não tem uniformidade de terminação em português, sendo que umas vezes se lhe conserva a fórma do accusativo grego (*-a, -as*), e é, em geral, a pratica mais antiga; v. g. «antipoda, decada, chiliada», outras vezes da-se-lhes a do accusativo latino v. g. «myope». Ordinariamente diz-se «Cyclope» (v. J. Franco Barreto, *Eneida Port.*, VIII 99, 102, 106).

dar. «dem»: IX 94. «dem» (de *dent*) é a fórma correcta; o barbarismo «deem» é muito moderno; a *Grammatica* do Lobato ainda na ed. de 1852 diz «dem».

dentro em: II 14, IX 43, X 28.

descuidado = *securus*: III 65, 66, V 37.

despois, fórma, hoje só popular, antigamente tambem litteraria, ao lado de «depois», é a que se encontra nos *Lusiadas*, excepto em III 27.

desposto: V 6, 100; IX 75; era no sec. XVI fórma usada tambem na litteratura; Cardoso, *Dicc.;* Barros, *Asia*, I 1, 3.

desterro *a*) = ausencia da patria; X 53; *b*) = terra distante da patria: VII 24. São significados que Moraes não regista

destruir; «destruc» (III 88); é fórma antiquada.

dezaseis, dezasete, dezanove; é a graphia correspondente á pronuncia tradicional. No portuguêz archaico tambem se dizia, separando os elementos da composição «dez e seis, dez e sete, dez e nove», por ex.: dez e seis, em um lugar das *Historias d'abreviado testamento velho,* transcripto por J. J. Nunes na *Chrestomathia archaica* a pag. 84.

digno, dino. Ao «-gn-» latino corresponde, em palavras de introducção antiga, erudita ou semi-erudita, «-n-», v. g. «sino, malino». Nos *Lusiadas* vem: 1) dino *a*) na rima: I 22; II 95; III 71, 96; VI 6; VII 37 (escripto «digna»); IX 60; X 43, 139; *b*) fóra da rima: III 118; IV 56, 96, 102; X 71, 73; digno (fóra da rima): III 24; VII 36; VIII 16, 20, 35, 71; 2) indino (na rima): III 12, 123; VIII 58; IX 35; indigno (fóra da rima): VII 6, IX 76; indignamente: IX 93; 3) indinado: III 40; VI 36, 71, 79; IX 46, 71; indignar-se: I 106; 4) benino (na rima): II 82 (escripto «benigno»), III 130 (escripto «benigno»), IX 66; benigno (fóra da rima): II 104, VI 3, VIII 25; benignidade: I 9; 5) malino (na rima): I 99, VIII 58, IX 42; maligno (fóra da rima): IX 6; 6) sino (= signo): V 23. Pareee-me que ainda na segunda metade do sec. XVI e na primeira metade, pelo menos, do sec. XVII, «digno» etc., era apenas graphia erudita, como «octavo» em Barros e nos *Lusiadas,* e «Hector» em H. Pinto, continuando a pronuncia a ser «dino» etc.

dom, no plural «dões»: III 24; V 94, 95; VIII 62; IX 40, 58. O plural «dons» é «moda nova», diz Luís do Monte Carmelo a pag. 21 do *Comp. de Orthographia* publicado em 1767.

duro; é epitheto favorito de Camões: I 28 (inverno), 37 (Marte), 88 (animal), 89 (artilharia); II 22 (madeiro), 42 (peito), 46 (Turcos), 51

(freio), 79 (povo), 81 (gèração), 112 (trabalho); III 30 (Marte), 35 (morte), 56 (braço), 59 (cerco) 61 (força), 64 (espada), 98 (Atropos), 104 (golpe), 118 (guerra), 131 (Pyrrho, sacrificio), 136 (concêrto), 138 (Pedro); IV 8 (arado), 10 (bando), 14 (palavras), 19 (força), 29 (immigo), 31 (pés, armas), 44 (sêde), 55 (Arzilla), 70 (montanhas), 74 (guerra), 79 (trabalho), 80 (Harpyas), 96 (inquietação); V 31 (monte), 42 (guerra), 45 (armada), 46 (terreno), 56 (monte), 59 (terra), 60 (casos), 80 (condição), 84 (Moçambique), 95 e 98 (Portugueses); VI 43 (cizania), 73 (marinheiros), 77 (ventos), 98 (virtude); VII 5 (Inglês), 9 (morte), 12 (provas), 13 (tributo), 81 (estado); VIII 22 (infieis), 28 (hombros), 31 (nova); IX 10 (peito), 16 (medos), 29 (castigo), 32 (corações), 79 (força), 81 (estrella), 93 (freio): X 10 (braço), 23 (galardão), 32 (pena), 42 (ensejo), 47 (crueza), 48 (cerco), 76 (mato), 113 (inimiga).

-eia,-eio. Nos *Lusiadas* vem indifferentemente, nas diecções da lingoa commum, a graphia em que é assignalado o ditongamento do «e» («eia» ou «eya», «eio» ou «eyo»), e a graphia correspondente á pronuncia do tempo em que o «e» ainda não era ditongado («ea», «eo»), por ex.: 1) em nomes: 1) «alheio» ou «alheia»: II 9, 60, 110; III 4, 32 («alheia» na rima, entre «Medea» e «fea»); IV 18, 35; V 21, 81; VI 26; VII 80, 86; VIII 28, 74; IX 58; X 86; «alheo» ou «alhea»: I 39, III 110; IV 30, 44; V 92; VII 11; 2) «cheio»: III 14, 59; IV 87; X 64; «chea»: III 81, X 66; 3) «feio» ou «feia»: V 81; VI 16, 24, 76; VII 85; «feo» ou «fea»: I 52; II 81; III 32; IV 32; V 11, 34, 53; VI 45, 81 («feas», na rima com «Erythreas»); VII 4, IX 26, 28, 33; X 47, 66, 122; 4) «freio»; II 110; IV 74, 87; VI 89; VIII 28; IX 93; X 86; «freo»: II 51; VI 61; 5) «meio»: I 8; III 6, 14, 54, 108, 113; V 13, 24, 65; VI 75, 95; IX 21; «mea»: IV 19; 6) «seio»: II 45; III 14; VII 33; IX 21; X 86; «seo»: X 106; 11) em verbos: 1) «arrea»: III 10; VIII 32; 2) «arreceia»: II 60, 81; III 6; «arreceio»: III 4; 3) «creio»: III 4, 45; VI 89; IX 35; «creia»: V 81; «crea»: VIII 69; «creas»: VI 89; VIII 12; IX 77; 4) «enfreas»: VI 27; 5) «esbombardea»; I 90; 6) «mareão»: II 24; 7) «nomea»: III 10; VII 5; VIII 32; 8) «Ondeão»: IV 85; 9) «recreia»: II 60; «recrea»: VII 5; 10) «refrea»: III 10; X 47; 11) «rodea»: III 6; VII 32; «rodeas»: VI 27; «rodeão»: II 21; 12) «saltea»: III 66; 13) «semea»: IV 30; 14) «senhorea»: III 6; VII 5; «senhoreas»: VI 27, 81; 15) «veio»: III 15, 54; V 65; VI 75; VII 85; IX 58; X 64; «veo»: III 22; 16) «volteão»: IV 27.

Elisão. Camões não costuma elidir o «e» da preposição «de», excepto antes do artigo definido, dos pronomes «elle, este, esse, aquelle», dos adverbios «aqui (menos em V 19), ali, onde, alêm». Para prova, bastará citar os lugares em que não se dá esta elisão nos tres primeiros Cantos. No Canto I, «de» permanece intacto antes de: antes: 1, 85. 104; Africa: 2, 15; Asia: 2; Alexandro: 3; Hippocrene: 4; agreste: 5; aumento: 6; hũa: 7; amor: 9; engrandecer: 11; Homero: 12; Ingla-

terra: 12; Eneas: 12; outra: 22; estrellas: 22; ouro: 23; Assyrios: 24; Africo: 27; Hespanha: 31; antre: 36; estamago: 39; Ethiopia: 43; altivo: 44; alegria: 45; ousado: 46; algodão: 47; Achcronte: 51; Abrahão: 53; habitá-la: 54; admirada: 62; aço: 67; escudo: 86; azagaia: 86; arco: 86, apressado: 91; Amphitrite: 96; antiga: 103; no II, antes de: alguns: 7; hum: 21, 26, 42, 80; altos: 47; armas: 50; amizade: 63; hũa: 64, 65; outra: 65; argento: 67; Europa: 72; Amalthea: 72; arte: 73; artificio: 90; ouro: 94; aspero: 96; espanto: 101; Eolo: 105; no III, antes de: Apollo: 8; Alemanha: 11; humildade: 15; ouro: 16, 66, 97, (igualmente em: VI 58; VII 11, 21, 29, 31, 57; VIII 23; IX 43, 64, 71, 80, 84, 87); Europa: 17, 20: Hespanha: 19; homem: 22; Ungria: 25; ira: 33; infinito: 35; outra: 35, 106, 122; Egas: 36; Ourique: 42; argento: 63; Atlante: 73; Ampelusa; 77; Anteo: 77; Abyla: 77; Affonso: 79; Andaluzia: 85; armas: 86; outrem: 91; altivo: 93; Athenas: 97; Africa: 103; Agar: 110; aço: 114, 130; alcançar: 114; aneis: 116; alegria: 121; humano: 127; amor: 132, 143; Atreu: 133; Inês: 135; enlevado: 139; Alcmena: 141; hũa: 142; hum: 142. Outrosim não costuma elidir o «e» final de «que» nem dos pronomes procliticos «me, te, lhe, se» (excepto, é bem de ver, em «m'o, t'o, lh'o) nem da particula «se». Bastará registar, e só com respeito ao pronome «se», os lugares do Canto IV, em que não ha esta elisão. O pronome «se» fica intacto antes de: aproveitar: 2; ajuntavão: 9; apercebia: 9; ennobrece; 11; aparelha: 12; aconselha: 12; esconde: 25; encerra: 30; assinala: 30; espanta: 32; alevanta: 32: arremessa: 35; iguala: 37; embarcárão: 61; atreveo: 64; adormece: 68; alcanção: 78; estende: 78; offerece: 81, 82; apercebessem: 83; aparta: 93; atiça: 95; enfraqueça: 101; acabe: 102.

Quando ha elisão, nos mais dos casos, vê-se claramente que é por falta de espaço.

encenço: X 101; tambem no *Trat. das enfermidades* de Mestre Giraldo, e no *Livro d'alveitaria*, do mesmo autor, publicado por Gabriel Pereira na *Rev. Lusitana*, XII, pag. 43.

enveja. Em palavras de origem popular o *in-* (ou *im-*) inicial latino tornou-se «ẽ». Quando se entrou a reformar a pronuncia segundo o typo latino, a regressão do «ẽ» inicial atonó a «in» (ou «im») deu-se avulsamente, resultando d'ahi as incoherencias que neste ponto, como em outros, apresenta o nosso lexico. Nos *Lusiadas* encontram-se as fórmas, que actualmente só se ouvem na pronuncia popular: emperador: VII 57, IX 79; encenço: X 101; enveja: I 4, 39; X 156; envejoso: II 50. Ao lado de «ensinar», occorre «insinar» (que tambem se lê, por ex., em Castanh., I 14, duas vezes). A fórma «entciro» estava cahindo em desuso no tempo de Camões, que diz sempre «inteiro»: I 9, VI 98, VIII 23, X 45.

esforço: I 75, III 79, IV 13, VII 71, etc. E' o termo empregado, por via de regra, no português antigo para significar a ideia que passou

depois a exprimir-se, á franceza, com a palavra, «coragem», a qual entre os classicos servia, quasi exclusivamente, de designar a furia no acometter, etc., quer fallando-se de pessoas, quer de irracionaes.

estar. Das fórmas primitivas do presente do conjunctivo «estê, estês» etc., correntes ainda no sec. XVI (v. g. a 3.ª pessoa «estê» em Pedro Nunes no *Trat. da sphera*, em Orta no *Col.* XVI, mudada para «esteja» na ed. do Conde de Ficalho), occorrem nos *Lusiadas:* «estê»: VIII 54, «esteis»: VIII 48. Das fórmas devidas a falsa analogia com «seja, sejas» etc., vem «esteja» em III 4.

fugir; «fuge» (imperativo): II 61 (tambem, v. g., em H. Pinto, I 440 *v* da 1.ª ed.).

Ganges. Nos nomes proprios geographicos correspondentes aos parisyllabos da 3.ª declinação latina, Camões emprega, consoante a necessidade metrica, as fórmas com «s» final, ou as sem «s»: 1) Ganges: IV 74; VI 92; VII 1; X 120, 121; Gange: VII 17, 20; X 33, 105, 118 (tambem na *Asia* de Barros, I 4, 7); 2) Tigre: IV 64; Tigris: X 102; 3) Bibli: IX 34; 4) Hydaspe: I 55, VII 52.

gèrar. Este verbo, juntamente com as palavras d'elle derivadas, tinha ainda no tempo de Camões o «e» aberto, como contracção que é de dois *ee* («gerar» de *generare*). A pronuncia «gèração» ainda hoje é popular.

gesto: I 5, 9, 16, 22, 36, 49, 69, 72, 77 (duas vezes); II 8, 21, 34, 58, 101; III 52, 102, 105, 122, 127, 143; V 53, 55; VI 21; VII 23, 47, 57; VIII 13; IX 43, 81, 85; X 68, 88.

golfão: V 12. Tem o accento na primeira syllaba; não é augmentativo de «golfo», senão fórma em que a terminação «o» passou para «ão».

grandiloco. Nas palavras que a nossa litteratura antiga tomou do latim, o *qu* latino medial era representado phoneticamente por «c» (=«k»), v. g.: secaz (Barros, *Asia*, III 1, 3), propícas (Sabellico, *Enneadas*, I 5, 55), cadrupedes (Orta, *Col.* XXI), «adècada» (H. Pinto, II 227 *v* da 1.ª ed.), syno de acaris (i. é, signo de Aquario) (*Livro de Marinharia*, pag. 15). A graphia «qu» era meramente graphia erudita, como «iniquo» nos *Lusiadas*, II 64. Só posteriormente foi que a pronuncia, e conseguintemente a graphia foi reformada segundo o typo latino. Nos *Lusiadas* vem, além de «licor» — palavra em que a pronuncia mais antiga vingou — 1) grandiloco: I 4, V 89; 2) inico, rimando com «rico»: VIII 74; IX 43; X 25, 41, 109; com «bico»: IX 59; fóra da rima, pelo menos em I 94, 101; III 33; 3) longinco: II 54; VII 30. Em alguns casos a pronuncia com «c» ascende já ao latim, por ex., em Marcial vem *grandilocus*, em Plauto (no *Pseud.*) *multilocus*, em Val. Maximo (III 7, 8) (*inicus*).

grão (tambem escripto «gram») é fórma commum aos dois generos; com nomes femininos vem em: III 3, 41, 55; VII 25; VIII 75, 76.

immigo [=«ĩmigo» escripto «inmigo» em H. Pinto, I 275 da

1.ª ed.]: III 35; IV 29, 31; VIII 12 em *A*; X 14, 28, 38, 55, 66. Nos lugares onde vem «imigo», deve suppor-se que ou Camões se esqueceu de pôr sobre o «m» o traço indicativo de consoante dobrada ou o compositor não reparou nelle. E' tambem o que sem duvida aconteceu com: 1) flama: VI 13, IX 31, 49; inflamar: III 45, 46; VI 63; IX 83 (flamma: VIII 72); 2) imortal: VIII 12, IX 42 (immortal: III 1; V 42 VI 95; VIII 59; IX 31, 92, 95; immortalidade: IX 90); 3) immenso: IV 59 (immenso: V 9, 80; IX 86, 90; X 13); 4) imobil: IX 53, 86; 5) inocencia: III 128, VIII 55 (innocencia: IV 98); inocente: III 39; 6) sumo: II 20; V 19, 44 (summo: III 43; IV 51; VIII 57 (tambem: immoto: II 28; X 15: immundo: V 79; innumero: III 66). Segundo me parece, deu-se o mesmo com: acomodado: II 23; comendadores: VIII 33; comercio: VII 62; VIII 92; IX 4, 13; comover: II 33, 42; X 79; comum: VII 84; comunicar: V 76; encomendar: II 2; V 74; VI 42; gemas: VII 57; sumerso: VII 8.

Interposição *a*) entre dois (ou mais) membros coordenados do discurso, de um elemento que pertence em commum a ambos os membros: I 7, 57, 90; II 54, 56, 61, 67, 88; III 7, 16, 55, 60, 125, 132; IV 72, 89, 103; V 4, 30, 38, 55, 62, 99; VI 18, 32, 67, 81, 84; VII 29, 60, 79; VIII 10, 34, 45, 98, 99; IX 10, 26, 43, 49, 53, 61, 63, 69, 73, 74, 85; X 14, 23, 27, 60, 75, 87, 94, 127, 128, 130, etc.; *b*) de palavras accentuadas entre as fórmas atonas dos pronomes e o verbo para que estas pertencem; II 14; IV 96; V 32; IX 6, 49; era prática tambem da prosa, v. por ex., o texto de Castanheda transcripto no com. a II 14.

ir; «vas» (indicativo): II 4; IV 90; VIII 61; X 79; é fórma litteraria no sec. XVI, v., por ex., Ant. de Sousa, *Manual de Epicteto*, cap. 39; e ainda é fórma popular em alguns pontos do país (v. *Rev. Lusitana*, XI, pag. 285).

Jesu: III 117; X 108, 115; é fórma corrente nos escriptores antigos, v., por ex., Dam. de Goes, *D. Man.* I 79, 102; F. M. Pinto, cap. X.

longô=longinquo: V 41; VII 24; é significado que falta no *Dicc.* de Moraes. Em III 63 as ed. de 1572 trazem «de longo»; não é impossivel que o Poeta assim dissesse, pois que «Passar bem de longuo d'ella» vem no *Canc.* de Rèsende, II 335, 22.

martyre: III 74; tambem, por ex., em H. Pinto, II 255 da 1.ª ed.; Di. Affonso, *Hist. de S. Thomás*, pag. 76.

meio; «meios mortos»: III 50, 113; «meia escondida»: X 131.

menos; fazer menos: X 17 (locução que Moraes não regista).

milhor: I 77; II 46; IX 83, etc.; é fórma devida a influencia da palatal «lh», e corrente na litteratura antiga.

mim resulta de «mi» por influencia do «m» inicial (como em «mãe» ao lado de «pae»); nos *Lusiadas* é a fórma predominante.

minina, minino; é a fórma que vem nos *Lusiadas:* II 36; III 125; IV 3, 92; IX 30, 35, etc.

missilhão: VI 17; está para «mexilhão» como «roussinol» (que ainda se usa em algumas partes do país) para «rouxinol», «pessego» para «pexego» (Orta, *Col.* XVII), «Messias» para «Mexias» (H. Pinto, II pag. 635 da 1.ª ed., duas vezes), «pintasilgo» para «pintaxilgo» (Galhegos. *T. da Memoria*, IV 12).

Moloso: III 47, em vez de «Molosso», por causa da rima; inversamente disse Ariosto *Nestorre*, por *Nestore*, para rimar com *sciorre* (*Orl. Fur.* VII 44).

morrer. A fórma antiga, ainda usada em todo o sec. XVI, da 1.ª pess. do presente indicativo e de todo o presente conjunctivo, era «moiro» moira, moiras» etc., ou «mouro, moura, mouras» etc. Nos *Lusiadas* vem «moura» (II 41), «mouro» (III 129). De prosadores contemporaneos do Poeta citarei: «mouro» H. Pinto, II 335 *v* da 1.ª ed; «moura» (3.ª pess.): id. II 325 *v*.

mortindade: III 115; tambem por ex., em Castanheda, II 88, 102.

Oceano. A graphia incorrecta «Oceeano» (I 19; II 54, 61, III 6, etc.) era vulgar antigamente, até em escriptos latinos.

orfindade: III 125.

ou-. Não é raro no português antigo «ou-» por «o-» em syllaba inicial atona, v. g. «oupinião» (*Esmeraldo*), «ouriente» (id.), «Ouvidio» (H. Pinto, II 329 *v* da 1.ª ed.; Vieira, *Serm.*, parte II n.º 36, duas vezes). Nos *Lusiadas* ha: «oucioso»: IV 58 (por correcção), VI 96; VIII 87; «ouliveira»: VI 13.

passar=exceder: VI 25; cf.: hũa pedra uerde que passaua todalas uerduras de todalas cousas do mundo (*Corte imperial*, pag. 6); v. tambem o *Livro d'Esopo* (do Dr. Leite de Vasconcellos), pag. 87.

Patronymicos. Emquanto se conservou em todo o país a distincção entre o «s» e o «z», os patronymicos foram constantemente escriptos com «z» final, do que é ainda vestigio o «z» que se conserva em abreviaturas, v. g. «Glz.» (=Gonçálvez). Que «Vasconcêllos» não é patronymico, prova-o não só o ser constantemente escripto com «s» final (nos *Lusiadas* em IV 24), senão tambem a circumstancia, decisiva para o caso, de ser este appellido precedido da preposição «de», o que, pela natureza das cousas, não póde acontecer com os patronymicos. Os que vem nos *Lusiadas* são: Alvarez: IV 14; Fernandez: VIII 34; Henriquez: IV 16; Martinz: V 77; Rodriguez: IV 24; VIII 33.

pentem: VI 17. Esta fórma (da qual procede «pente» por desnasalação) era corrente ainda no sec. XVII (v. o *Dicc. port.-ingl.* de Ant. Vieira) e ainda o é em algumas partes do país, v., por ex., *Rev. Lusitana* VII, pag. 308.

pera. A fórma «para» nos *Lusiadas* só occorre com pronomes pessoaes e o artigo indefinido: «par'elles»: I 12; «par'elle»: IV 71; «para elle»: IX 17; «para si»: I 12; «para hũa»: IV 79.

perguntar (e não «preguntar»): I 50, 62; II 6, 108; III 9; VII 29, 45, 67, 75; VIII 16, 43; X 115. «pregunta» (subst.) só em V 49, o que é certamente devido a erro do compositor.

petrina: II 36; é o que, com nome greco-latino, se chama césto (de Venus).

piadade, piadoso, piedade, piedoso. A pronuncia de «piedade» é ou «pièdade» ou «piadade» (e analogamente em todos os mais substantivos em «-iedade»); a de «piedoso» é, pelo menos nos tempos modernos, exclusivamente «piadoso». Nos *Lusiadas* vem as duas graphias: «piedoso»: II 41 (em *A*), etc., e «piadoso»: II 33, 45; III 84; IV 89, 92; IX 4, etc.

pôr. Este verbo ainda em parte do sec. XIX fazia «põe» na 3.ª pessoa do singular e do plural do presente indicativo (assim como «tem» do verbo «ter»). A par com a graphia «põe» havia a graphia equivalente «poem», como «acçoens» etc., a par de «acções», onde o «n» (e quando letra final «m») indicativo da nasalação do ditongo convencionalmente se colloca depois do «c» (porque aliás se leria «acço-nes»). Esta graphia que ascende aos tempos mais antigos da nossa litteratura (v. *Portug. Monumenta Historica, passim*), occorre ainda em obras de Camillo Castello Branco. Nos *Lusiadas*, «poem» é singular em: I 88, 105; II 37; III 2 (imperativo), 40, 76, 128 (imperativo); IV 76 em *B* («propoem») 77 em *B*; VII 77; IX 32; é plural em I 86; II 12, 22 (5): X 58; em II 22 (1) tanto pode ser plural como singular; «põe» (com til na segunda vogal, como era vulgar antigamente) é singular em: IV 76 em *A* («propõe»), 77 em *A*; X 47.

por, seguido de infinitivo, onde o português moderno emprega «para»: I 37, 59, 65, 77, 86, 100; II 10, 27, 28, 35, 43, 66, 68, 87, 113, etc.

porque=para que: I 4, 18, 54, 63, 86; II 7, 56, 58, 83, 87, 106, etc.

produzir. Na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos que representam o latim *lucere* e seus compostos, e dos verbos que representam compostos do latim *ducere* a fórma sem apocope («-uze») era ainda usual no sec. XVI: «produze»: D. João de Castro *Roteiro*, pag. 18 e 63: «introduze»: Dam. de Goes, *Catão maior*, pag. 90 (da 2.ª ed.); Orta, *Col.* I. Nos *Lusiadas*: «produze»: II 4, IV 55, IX 58; «reluze» II 95, IX 61. (Gomes de Amorim diz ignaramente, em nota a IX 58, que ha nesta fórma «cunha poetica»).

quasi. A graphia com «i» final é a tradicional: I 10, 77; III 98, 110; IV 20, 26, 92; V 57, 69; VI 6, 75; VII 19; VIII 34, 97; IX 88.

que, não precedido da preposição «de» depois de palavras que tendo por complemento um nome ou pronome pedem aquella preposição: II 14, VIII 61. E' sintaxe perfeitamente classica: «Admiras-te, Jacob, que eu.. me deixe vencer de ti» (Vieira, *Sermões*, VII pag. 4).

quem — quem = um — outro: I 92; IV 5. Neste caso os pronomes empregam-se asyndeticamente (já por esta razão não póde admittir-se a emenda de D. Car. M. de Vasconcellos, em IV 5, de «E quem» em lugar de «A quem»). Com o mesmo sentido, e de igual modo asyndeticamente, tambem se diz: «qual — qual»: IV 90-91; VI 64, VII 35.

querer; «quer» é a fórma litteraria de todos os tempos: nos *Lusiadas*, IV 45; VI 3; VII 60; VIII 89, 90, 92, 93; IX 22, 26, 29, 48; X 56, 69, 84, 114.

r precedido de *b c f g p*, usava-se ainda nos seculos XVI e XVII em dicções em que a litteratura o substituiu por «l», em conformidade com o typo latino. Nos *Lusiadas* Camões diz «pubrico»: IV 52, VI 60, IX 27; «pubricar»: VII 34, VIII 37, X 109; «sembrante»: II 38, VI 61; «frauta»: I 5; «Frandes»: VI 56, 68: X 49; «pranta»: X 70, 136; «prantar»: I 49, «pruma»: II 98; «simprez»: IV 98; em alguns lugares tambem occorre «Ingraterra» (em *B*) e «Ingrês» a par de «Inglês».

relâmpado: V 96; VI 78, 84; era fórma litteraria ainda no tempo de Camões; v. D. João de Castro, *Roteiro*, pag. 265; Barros, *Asia*, III 9, 1; Caminha, *eleg.* 19; H. Pinto, I 19 *v*; II 640 *v* (da 1.ª ed.).

reposta: I 50; V 33; VII 63, 65; IX 16; X 148; «resposta»: V 54; a primeira fórma é a que respeita a etymologia (*reposita*, plural neutro do participio *repositus*) e a predominante na litteratura antiga.

riguroso: III 125, 137; X 149. Tambem — com «u» — em Goes, *D. Man.* III 140, Soares Toscano, cap. 48, 49, 66.

Rima. As rimas imperfeitas, como «vezes» e «Portugueses» (IV 38), são mui pouco frequentes nos *Lusiadas*; «maior, menor, melhor, pior, doma, toma» eram no tempo de Camões, pronunciados com «o» fechado, de maneira que a rima de «maior» com «amor» (III 31), a de «menores» com «corruptores» (VIII 40), a de «melhores» com «senhores» (II 46), e a de «doma» e «toma» com «Roma» (VI 7, 30; VIII 11) eram rimas perfeitas.

s. *a*) A distincção entre o *s* e o *z* e entre o *s* e o *ç* conservava-a, na maioria dos casos, em todo o país a geração a que pertencia Camões; mas os nomes proprios orientaes e africanos apparecem já nos *Lusiadas* escriptos com *S* inicial (com excepção de «Cingapura» em X 125, e «Çuaquem» em X 97 em *A*), em tanto que nas obras mais antigas são escriptos com *Ç*, v. g.: «Çabaio» (Castanh., I 26, cinco vezes), «Çahara» (Barros, *Asia* I 1, 2), «Çamatra» (Castanh., II 39, 111; Goes, *D. Man.*, IV 83), «Çacotorá» (Castanh., I 1; II 39, 40; Barros, I 4, 3), «Çofalá» (*Canc.* de Rèsende, II 506, 18; Castanh., I 1, II 29), Çanagá (escripto «Canagua», no *Esmeraldo*), «Çamorim» (Castanh., I 14, 35), «Çuez» (Castanh., VIII 191) «Çuaquem» (Castanh., I 1; Barros, II 8, 1; carta de Aff. de Alb. de 1513 em *Alguns documentos*.., pag. 329), «Çunda» (Castanh., III 62; Orta, *Col.* 19). A mudança do som do «z» para «s»

parece ter começado nos casos em que o «z» era seguido de outra consoante no interior de dicções, v. g. em «almizquerc» (Castanh., I 13), «bazcolejar» (H. Pinto, I pag. 93, 245, 355 da 1.ª ed.), «ezcarlata» (Castanh., I 6; mas já «escarlata» nos *Lusiadas*, II 77, se não ha erro typographico), «ezquerdo» (*Lus.*, V 4, VII 39), «jazmim» (Vasconc., *Memor. das proc.*, I 17; Orta, *Col.* XXV; *Lus.*, X 1), «Mazcarenhas» (Castanh., VI 71; *Lus.*, X 56, 69), «Mazcate» (Castanh., II 56; Orta, *Col.* XXIV, mudado para «Mascate» na ed. do Conde de Ficalho; *Lus.*, X 41), mazmorra (*Canc.* de Rès., III 122), mezquinho (*Canc.* de Rès., II 17, III 477; *Lus.*, III 118, IV 90, IX 80), mezquita (Castanh., II 55, III 56, VIII 96), (noz) nozcada (carta de D. Manoel, de 1499, em *Alguns documentos..*, pag. 96; carta de Aff. de Alb. de 1512, ibd. 261). D'entre as palavras graves que terminavam em «z» v. g. «alférez» (*Lus.*, IV 27), vem «simprez» com «s» final nos *Lusiadas* em IV 98, certamente por erro typographico. *b*) A graphia antiga—do tempo em que não estava em uso o hyphen—do «s» dobrado na enclitica «se» occorre nos *Lusiadas* em: chegasse: VI 58 em *A*, enxergasse: X 78, vesse: V 32, asse: (=ha-se): I 75. Depois de proclitica terminada em vogal, o som surdo do «s» indicado pela duplicação do «s» vem em: assí (=a si): VIII 15 (duas vezes), Desse (=De se): IX 73. O «s» dobrado, para o mesmo fim, no interior de palavras compostas, está em: altissono: II 90; horrisono: II 100.

saluço: II 43; cf. «saluçar» em H. Pinto I 441 *v* da 1.ª ed., «saluço» no *Dicc.* de Cardoso.

-sc- Nos verbos portuguezes representantes de verbos latinos em *-scere* (ou que passaram popularmente a seguir o typo dos verbos em *-scere*), e nas mais partes da oração que a elles se prendem etymologicamente, a graphia -sc- (v. g. «cresce») não representa no tempo de Camões a pronuncia real (v. na minha edição das *Obras de Christovão Falcão*, o numero VI do «Excurso segundo»), —e ainda no nosso tempo Simões Dias rimou «nasce» com «face» no *Mundo interior*, pag. 79 da ed. de 1896—. Quando ha rima, Camões escreve: crecc: II 77; IV 81; VI 70; VIII 23; dece: VI 64, VIII 47; decem: VI 17, X 132; nace: VI 10; pace: VI 10. Em dicções em que ainda hoje se conserva a pronuncia antiga, occorrem as graphias inexactas: esclarescido: IV 79; Paresce: IV 66 em *A*.

seguir; «sigue» (X 76) é imperativo antiquado.

Sintra é a graphia do tempo em que o som do «s» era differente do do «ç» em todo o país. Segundo o Dr. Leite de Vasconcellos, a mudança do «S» para «Ç» foi talvez devida a suppor-se connexão etymologica entre o nome d'aquella serra e «Cynthia», epitheto greco-romano da deosa da Lua. Effectivamente na *Lisboa edificada* (V 91) vem «De Cynthia tomou Cintra celebrada | O nome», e Garcez Ferreira, na nota 56 do

Commentario ao III Canto dos *Lusiadas*, chega a dizer que, por ser o nome derivado de «Cintia», errão os que escrevem *Sintra*».

Taprobana, em latim é *Taprobăna*. Os poetas latinos, para satisfazerem a necessidade metrica, tomavam a liberdade de èmpregar, em palavras peregrinas, as vogaes breves como longas, e vice-versa. Por ex., Ovidio nas *Metamorphoses* diz *Sidŏniae comites* (IV 543) e *Sidōnius hospes* (III 129). Semelhantemente Camões, em nomes proprios (não vulgares) greco-latinos, e ainda em alguns propriamente latinos, que em latim são accentuados na ante-penultima, accentua ás vezes a penultima. Na maioria porêm d'estes casos segue a analogia de palavras já correntes no vocabulario nacional, assim diz «Centimâno» como «Occano» (em latim *Oceănus*), «Policêna» como «Helena» (*Helĕna*). Demais, applicou á lingoa nacional a liberdade que tem a poesia latina de empregar como longa a penultima breve, quando seguida de muda e liquida, e accentuou «Cleopátra», em lugar de «Cleópatra». O mesmo tinham feito os nossos poetas do Renascimento — para não fallar dos poetas do *Cancioneiro* de Rèsende —, e os poetas castelhanos e italianos: Sá de Miranda rima «Anibal» com «fatal» (*Carta* a J. R. de Sá), João de Mena *Hyperboreos* com *Hebreos* (copla 40 da ed. de 1552), *Eolo* com *solo* (ç. 64), *Canace* com *nace* (c. 102), *Cerbero* com *marinero* (c. 248), *Danao* com *Amphiarao*, (*La coronacion*, c. 8), *Cicladas* com *desenfrenadas* (ibd. c. 21), *Boreas* com *seas* (ibd. c. 49); Garcilaso *Climene* com *tiene* (ecl. 3.ª); Petrarca *Antioco* com *loco* (*Tr. d'Amore*, II); L. Tansillo *Leucopetra* com *cetra* (*Stanze* a B. Martirano, III); Pompeo Pace *Hasdruballe* com *Spalle* (*Stanze* colligidas por Lud. Dolce, pag. 481); Ariosto diz: *Dal bianco Scita all' Etiope adusto* (*Orl. Fur.* XXXVIII 12). Ainda modernamente o traductor italiano de Theocrito, Pagnini, accentuou *Ecùba* no idyllio 15, e A. J. Viale no *Bosquejo metrico* (II 9) disse «Peripáto».

Nos *Lusiadas* Camões pronuncia com accento na penultima: archetypo (X 79), Cappadoces, Centimano, Cinyras, Cleopatra, Clymene, Demodoco, Eolo, epitheto (X 124), Ethiopes (V 62), Gedrosia (tambem no *Orl. fur.*, I 45, vem, na rima, *Circassía*), Glaphyra, Heliogabalo, Idolatra (VII 73, VIII 85, X 147), Leucothoe, Naiades, Polycena, Semele, Semiramis, Taprobana, Zopyro; e com o accento na ultima: Annibal. Tambem disse «Próteo» (I 19) e «Proteo» (VI 20, 36; X 7), e «Proteio» (VII 85); e «Théseo» (II 112) e «Theseu» (III 137). Em X 8, «Iopas» deve considerar-se accentuado normalmente: «Iópas», constituindo «Io-» duas syllabas metricas, exactamente como em «Ethiopes» em V 62).

Tempos (e modos). No emprego dos tempos (e modos) dos verbos os *Lusiadas* apresentam incongruencias que não se estranhavam então, mas que hoje em dia não se permittem; assim, por necessidade da metrificação, Camões *a*) coordena o presente historico com tempos preteritos, v. g. em I 90, 7; II 12, 4-8; *b*) põe o presente historico em orações

subordinadas a preteritos, v. g. em I 60, 4; II 16, 7; *c*) emprega em orações subordinadas os tempos que haviam de estar se na subordinante houvesse preterito, estando nella todavia o presente historico e vice-versa, v. g. em I 85, 7-8; II 12, 2; 70, 5; 75, 7-8, e I 60, 63, 98, 7-8; IX 8, 1-2; ás vezes junta no mesmo periodo as duas construcções, v. g. em I 98, 7-8; *d*) emprega em orações subordinadas do discurso directo os tempos proprios do discurso indirecto pertencente ao preterito, v. g. em I 64, 4; 66, 4; *e*) emprega em orações principaes do discurso directo as fórmas proprias do discurso indirecto, v. g. em I 45, 8; II 63, 7. Demais occorrem est'outras irregularidades: *a*) indicativo em vez do conjunctivo, e vice-versa, em II 111, 3; III 105, 8; IV 12, 5; VIII 80, 6, e III 43, 8; *b*) o mais-que-perfeito em vez do pret. perfeito, v. g. em VIII 88, 2; *c*) em orações temporaes, o presente indicativo em vez do futuro conjunctivo: VIII 32, 6, e o chamado presente condicional em vez do futuro conjunctivo: X 12, 5. V. ainda **Assimilação de modos (e tempos)**.

terreste, por «terrestre» por dissimilação: VII 6; cf. «proa» de *prora*.

todo: Tem-se dicto, inexactamente, que ao singular «todo», quando designa a classe inteira e equivale portanto ao plural «todos», os escriptores classicos não juntam o artigo definido. Nos *Lusiadas* vem o artigo, por ex., em III 51, 105, 129; V 79, 83, 99, 100.

Transposição *a*) do sujeito ou de uma determinação de oração subordinada para antes da palavra (conjuncção, pronome relativo, adverbio relativo ou interrogativo) que assignala a subordinação da oração: II 29, 31; III 102; IV 13, 50; V 91; VI 19, 45; VII 75; VIII 19, 23, 28, 33, 36; IX 15; X 88, 134; *b*) de adjectivo ou de determinação de oração demonstrativa para a relativa: I 26, 7; III 7; V 60; VII 26, 46; X 37, 81; *c*) de uma determinação de oração subordinada para antes do verbo da subordinante: I 33, 8; VII 71, 5-6.

tremolar: VII 54; X 50; é a fórma classica; na *Lisboa edificada* «tremola» rima com «cola» em VII 111, e «tremolão» com «desenrolão» em VIII 54.

Trocadilhos. Os trocadilhos, ou equivocos, muito do gosto da nossa litteratura antiga, são de duas especies. Uma consiste em repetir a mesma palavra (ou palavras homophonas) ou palavras cognatas, em sentidos differentes (como em Cicero, *pro Milone*, § 44: *Cum ille non dubitaret aperire quid cogitaret, vos potestis dubitare quid fecerit?*); a outra em juxtapor antitheticamente vocabulos, de origem differente, pertencentes a ordens diversas de ideias (v. g. «tornando frio de espanto o ardor immenso do Oriente»). Nos *Lusiadas* pertencem á primeira especie os trocadilhos de: II 11, 7-8; 45, 8; 53, 7-8; III 91, 6; 113, 5; IV 40, 7-8; 99, 2 e 5-6; VI 91, 55, 4; VII 6, 1-4; VIII 21, 7; 58, 6; 78, 1;

IX 81, 8; X 71, 5-6; 78, 5-6; e I 1, 5-6; IV 12, 5-6; pertencem á segunda os de: II 14, 9, 1-2; VI 34; 8; IX 14, 6-7; X 13, 6-7; 62, 8.

Tutuão: IV 34; é fórma que se vê tambem na *Chron. de D. João de Meneses* cap. 22 e 154, em Franc. de Andrade, *Chron. de D. João III*, cap. 41. (Tambem na carta, em castelhano, de 1510, de D. Fernando de Castella a D. Manoel de Portugal, vem *Tutuan* mais de dez vezes; v. *Alguns documentos..*, pag. 227).

ver. A pronuncia antiga da 3.ª pessoa do plural do presente indicativo é «vem» (em Rodr. Lobo, *Primavera, Flor. 4.ª*, rima com «ninguem»); assim como «crem» de «crer» e «lem» de «ler». Nos *Lusiadas:* vem (I 17; III 51; V 17; VI 9, 10; VII 47; VIII 45 [antevêm] IX 34); crem (II 16; VIII 9).

veo = vello: III 72, IV 83: é vocabulo que Moraes não regista.

z, no interior das palavras, seguido de consoante, v. «**s**»: final de patronymicos, v. «**Patronymicos**».

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

Rua da Boavista, 307

PORTO

Edições no prélo:

Sonetos de Camões

Revistos pela

Ex.ma Snr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Adagios Populares

Edição luxuosa.

Trovas d'Amor

Coligidas por

João do Minho.

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

Rua da Boavista, 307

PORTO

Edições no prelo:

Sonetos de Camões

revista pela

Ex.ma Snr.a D. Carolina Michaelis
de Vasconcellos.

Adagios Popolares

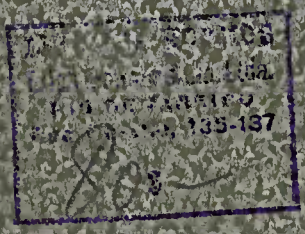
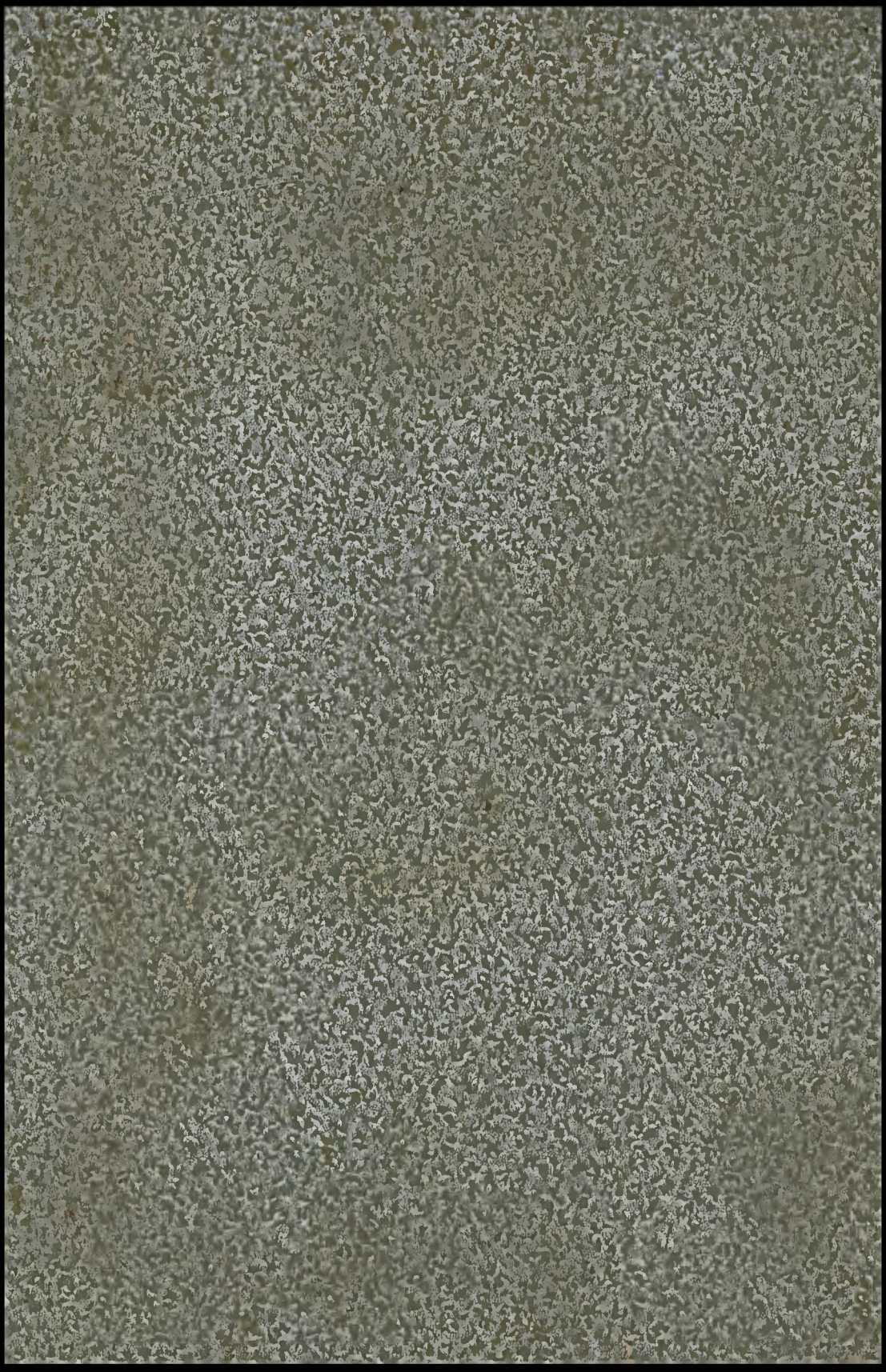
Edição luxuosa.

Trovas d'Amor

illustrada por

João do Minho.

80,000


135-137